UNICAMP

# PATRÍCIA TAVARES DE FREITAS

## *PROJETO COSTURA*

*PERCURSOS SOCIAIS DE TRABALHADORES MIGRANTES, ENTRE A BOLÍVIA E A INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO DAS CIDADES DE DESTINO*

ERRATA: Onde se lê "Patrícia", leia-se "Patricia"

Profa. Dra. Eliane Moura da Silva
Coordenadora da Comissão de Pós-Graduação
IFCH/UNICAMP
Matrícula: 237752

**CAMPINAS**
**2014**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

**PATRÍCIA TAVARES DE FREITAS**

# *PROJETO COSTURA*

*PERCURSOS SOCIAIS DE TRABALHADORES MIGRANTES, ENTRE A BOLÍVIA E A INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO DAS CIDADES DE DESTINO*

**Orientadora: Profª Drª ROSANA BAENINGER**

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

**ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE/DISSERTAÇÃO, DEFENDIDA PELA ALUNA PATRÍCIA TAVARES DE FREITAS E ORIENTADA PELA PROFª DR.ª ROSANA BAENINGER**

ERRATA: Onde se lê "Patrícia", leia-se "Patricia"

Profa. Dra. Eliane Moura da Silva
Coordenadora da Comissão de Pós-Graduação
IFCH/UNICAMP
Matrícula: 237752

**CAMPINAS**
**2014**

RR 1585 - Ex.1

# Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecilia Maria Jorge Nicolau - CRB 8/338

F884p

Freitas, Patricia Tavares, 1979-
Projeto costura : percursos sociais de trabalhadores migrantes, entre a Bolívia e a indústria de confecção das cidades de destino / Patrícia Tavares de Freitas. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Rosana Baeninger.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Migração . 2. Imigrantes bolivianos - Brasil. 3. Imigrantes bolivianos - Argentina. 4. Trabalhadores da indústria do vestuário . I. Baeninger, Rosana. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Sewing project : social pathways of migrant workers, between Bolivia and clothing industries of the host cities
**Palavras-chave em inglês:**
Migration
Bolivian immigrants - Brazil
Bolivian immigrants - Argentina
Clothing workers
**Área de concentração:** Sociologia
**Titulação:** Doutora em Sociologia
**Banca examinadora:**
Rosana Baeninger [Orientador]
Pedro Peixoto
Jacob Lima
Ângela Maria Carneiro Araújo
Sidney Antonio da Silva
**Data de defesa:** 31-03-2014
**Programa de Pós-Graduação:** Sociologia

Unidade BCCL
F884p
Ex. 105264
Tombo BC/ 16-175-14
X
Proc. 1100
Preço 08/10/14
DATA 932179

ERRATA: Onde se lê "Patrícia", leia-se "Patricia"

Profa. Dra. Eliane Moura da Silva
Coordenadora da Comissão de Pós-Graduação
IFCH/UNICAMP
Matrícula: 237752

# Folha de Aprovação

UNICAMP

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, em sessão pública realizada em 31 de março de 2014, considerou a candidata PATRÍCIA TAVARES DE FREITAS aprovada.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora.

Profa. Dra. Rosana Aparecida Baeninger

Prof. Dr. Pedro Peixoto Ferreira

Profa. Dra. Ângela Maria Carneiro Araújo

Prof. Dr. Sidney Antonio da Silva

Prof. Dr. Jacob Carlos Lima

Profa. Dra. Eliane Moura da Silva
Coordenadora da Comissão de Pós-Graduação
IFCH/UNICAMP
Matrícula: 237752

2014233382



ERRATA: Onde se lê "Patrícia", leia-se "Patricia"

# Resumo

Nesta tese, abordamos a inserção boliviana na indústria de confecção de São Paulo e de Buenos Aires a partir da hipótese da "economia étnica". Argumentamos que os processos que explicam essa inserção, suas relações de trabalho e as próprias oficinas de costura nas quais trabalham os migrantes bolivianos e bolivianas não são os mesmos nos quais se inserem as costureiras brasileiras e argentinas. A pesquisa baseou-se em narrativas de vida desses migrantes sobre os seus percursos sócio espaciais e laborais anteriores e sua experiência social na indústria de confecção das cidades de destino. As entrevistas foram realizadas nos municípios de São Paulo, no Brasil, e Cochabamba, Escoma, La Paz e El Alto, na Bolívia, com bolivianos e bolivianas que, em algum momento de suas vidas, trabalharam na indústria de confecção das cidades de São Paulo e/ou Buenos Aires. A partir das narrativas, ao invés da imagem, comumente associada a essa inserção laboral, de migrantes empobrecidos que saem de suas regiões de origem sem perspectivas e, na cidade de destino, inserem-se no mercado de trabalho das oficinas de costura, encontramos trabalhadores que saem da Bolívia com um trabalho garantido na cidade de destino, que pode ser São Paulo ou Buenos Aires. Nesse sentido, invés de projetos migratórios que culminam com a inserção na indústria de confecção, encontramos "projetos costura" cuja migração, em geral, financiada (como um adiantamento) em parte ou completamente por seus futuros contratadores, é parte de um acordo de inserção laboral estabelecido na Bolívia.

**Palavras Chave:** migração boliviana, indústria de confecção, projeto, narrativas de vida.

# Abstract

In this thesis, we address the Bolivian insertion in São Paulo and Buenos Aires clothing industry from the hypothesis of ethnic economy. We argue that the social process that explain this insertion, and both the work relations and the work place in which Bolivian immigrants work are not the same of the Brazilian and Argentinean sewers. The empirical research is based on life narratives of Bolivian immigrants about, on one hand, their socio-spatial pathways and previous working life, and, on another hand, their social experience in the clothing industry of their host cities. The interviews were held in the cities of São Paulo, in Brazil, and Cochabamba, La Paz, El Alto and Escoma (rural municipality of the Andean highlands) with Bolivians that, at some point in their lives, worked on São Paulo or Buenos Aires clothing industry. Instead of the image commonly associated with this labor insertion, of impoverished migrants who leave their home regions and, at the host societies, fit into de labor market of sewing workshops, we have found immigrants that leave their homes at Bolivia with a guaranteed work at São Paulo or Buenos Aires. In this sense, rather migration projects culminating in the clothing industry, we have found "sewing projects", with migration as part of a work agreement held in Bolívia.



**Keywords:** Bolivian immigration, Project, clothing industry, life narratives.

# Sumário

**Introdução** ..... 01

**Capítulo 1 - Migração, trabalho e experiência urbana - Um paradigma analítico alternativo para o estudo da inserção boliviana na indústria de confecção das cidades de destino** .....05

**1. 1** - Em meio à nova informalidade e precarização do trabalho nas recomposições do capitalismo contemporâneo .....12

**1. 2** - Do gueto ao território circulatório - o debate contemporâneo sobre a inserção socioeconômica e sócio espacial dos novos fluxos migratórios .....33

**1.3** - A migração boliviana na indústria de confecção como mundo social a partir de narrativas de vida - como narrativas de percursos, de contextos e de práticas ..... 63

**Capítulo 2 - Projetos, Percursos Sociais e Espaços de Vida - A pesquisa sobre a experiência social dos trabalhadores bolivianos e bolivianas na cidade de São Paulo**.....83

**2.1** - Centro Pastoral e de Medição dos Migrantes.....89

**2.2** - Os "Espaços da Bolivianidade" .....92

**2.2.1** - A Praça Kantuta.....96

**2.2.2** - A Rua Coimbra .....111

**2.3** - A região do Brás e a Feira da Madrugada .....125

**2.4** - O projeto costura no mundo social das oficinas de costura bolivianas entre origens e destinos .....135

**Capítulo 3 - O Projeto Costura nas narrativas desde as localidades de origem da migração boliviana** .....141

**3.1** - Uma narrativa sobre a realização das narrativas.....149

**3.1.1** - O trabalho de campo em Cochabamba .....173

**3.1.2** - O trabalho de campo na zona do altiplano andino - Província Eliodoro Camacho....185

**3.1.3** - O trabalho de campo em La Paz e El Alto .....191

**3.2 -** A experiência social a partir das narrativas - os sentidos e os desdobramentos do Projeto Costura.....205

**3.2.1** - Núcleos familiares de migrantes rurais - migração como projeto familiar de manutenção dos locais de origem.....207
**3.2.2** - Jovens migrantes sem experiência na costura – entra a aventura e a iniciação em um novo ofício.....237
**3.2.3** - Costureiros e costureiras urbanos - oportunidades profissionais de mobilidade, aprimoramento e circulação.....270
**3.3** - Desdobramentos.....299

**Capítulo 4 - Algumas hipóteses sobre as origens e dinâmicas do mundo social das oficinas de costura bolivianas**.....303
**4.1** - De estudantes, profissionais liberais, empregadas, babás e operários a costureiros - A diferença dos tempos nas migrações internacionais bolivianas..... 306
**4.2** - O empresariado coreano na indústria de confecção latino americana.....323
**4.3** - Os momentos iniciais de formação do mundo social das oficinas de costura bolivianas.....343
**4.4** - O saber circular e o saber costurar por entre oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino.....364

Considerações Finais.....381

Referências Bibliográficas.....387

Anexo 1 .....403
Anexo 2 .....411

# Dedicatória

Dedico esta tese para todos os bolivianos e bolivianas que compartilharam comigo suas narrativas.

# Agradecimentos

Durante o percurso da pesquisa e de escrita desta tese foram muitas as trocas acadêmicas e afetivas, os pequenos auxílios, os cafés e as conversas com pessoas que, de maneiras diversas, contribuíram para a sua realização.

Inicialmente, agradeço aos funcionários da pós graduação do Instituto de Filosofia Ciências e Letras (IFCH) e do Núcleo de Estudos da População (NEPO), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que me deram todo o apoio institucional necessário para a condução da pesquisa. E à Fundação de Ampara à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) que financiou toda a realização desta pesquisa e sua etnografia multisituada em São Paulo, em Buenos Aires, na Argentina, em Poitiers, na França e em alguns municípios da Bolívia.

Os pesquisadores do projeto temático da FAPESP, *Observatório das Migrações do Estado de São Paulo*, no âmbito do qual essa pesquisa foi conduzida, foram imprescindíveis, pelos debates e trocas, no curso de atividades realizadas conjuntamente. Destacando-se, nesse sentido, a pesquisadora Silvana Queirós com quem viajei para Córdoba em um intercâmbio do NEPO, Juliana Arantes e, principalmente, Gabriela Camargo, que viajaram na mesma época, e com quem continuei debatendo, conjuntamente com a pesquisadora Roberta Peres e Iara Rolnick, a questão da migração boliviana, tema central de nossas pesquisas. Durante esse percurso, as conversas com as pesquisadoras Lidiane Maciel e Gisele Almeida também contribuíram bastante para o seu andamento. E durante toda a pesquisa, o apoio institucional e pessoal da secretária do projeto Maria Ivonete Zorzetto Teixeira foi incomensurável e sem o qual certamente não seria possível manter a celeridade e a alta qualidade dos documentos trocados entre a pesquisadora, a Fapesp e a secretaria de pós graduação do IFCH.

Para a condução teórica e metodológica bem sucedida dessa pesquisa, o apoio e a orientação da professora dra Rosana Baeninger, foram centrais, participando ativamente das decisões referentes aos rumos teóricos e metodológicos da pesquisa e me

possibilitando, ao mesmo tempo, ter mais clareza e liberdade nas escolhas que a pesquisa foi me conduzindo, a cada novo lugar visitado.

Durante a pesquisa no exterior, devo agradecer, especialmente, em Córdoba,na Argentina, no Centro de Estudios Avanzados (CEA-CONICET), a acolhida dos professores Eduardo Bologna e Eduardo Domenech e do pesquisador Pablo Sebastián Goméz que me apresentaram os principais debates em torno da questão da migração boliviana para a Argentina e as pesquisas francesas sobre o tema.

Em Poitiers, na França, agradeço o convite do professor Emmanuel Ma Mung para a realização de pesquisa bibliográfica no acervo do Laboratório Migrinter, na Universidade de Poitiers, na França. E durante a minha estada nesse laboratório, o convite da professora Naik Miret para debater a minha pesquisa junto aos seus alunos de pós graduação, durante sua aula, e a acolhida das pesquisadoras Marine Bertrand e Collete Le Petit, com quem debati as pesquisas do Laboratório e que me apresentaram o debate francês sobre as narrativas de vida e a perspectiva antropológica, em especial, os trabalhos de Didier Demazière, Daniel Bertaux, Daniel Cefai, Isaac Joseph, entre outros, que acabaram se tornando centrais na elaboração final da tese.

Na Bolívia, além da acolhida institucional e pessoal da professora María Esther Pozo Vallejos e dos pesquisadores do projeto "Migración Transnacional: inserción laboral y ciudadanía", do Centro de Estudios Superiores da Universidad Mayor de San Símon (CESU-UMSS), em Cochabamba, agradeço imensamente a acolhida de Leonardo De La Torre Ávila, em Cochabamba, Alfonso Hinosoja, em La Paz, e Lorena Izaguirre, em Lima, sem os quais seria impossível a realização da pesquisa empírica na Bolívia, contribuindo ainda enormemente para o debate teórico realizado na tese. Ainda, devo agradecer ao Remmi Willeim, cinegrafista suiço, que me possibilitou registrar em vídeo alguns dos migrantes bolivianos e bolivianas entrevistados e, especialmente, devo agradecer a esses migrantes que, graças ao seu trabalho narrativo, possibilitaram a elaboração desta tese.

Em relação aos pressupostos para a realização desta pesquisa devo agradecer, especialmente, aos professores Sylvia G Garcia, Álvaro Comin e Vera Telles, do departamento de sociologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, da Universidade

de São Paulo (FFLCH-USP), ao professor Enio Candotti, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e à professora Maria Hermínia Tavares de Almeida, do departamento de Ciência Política, da FFLCH- USP, que, embora não tenham acompanhado os desdobramentos do meu percurso de pesquisadora na pós graduação, foram centrais para o meu encantamento em relação à pesquisa científica, me fornecendo, durante a graduação, as ferramentas para o seu aprofundamento teórico, metodológico e empírico, nos grupos de pesquisa e no trabalho no Arquivo Memória da SBPC, sob coordenação da pesquisadora Walkiria Fussili Chassot.

Agradeço ainda aos companheiros Eujácio da Silveira, Márcio Rosa, Jade Percassi e Dora, Júlia Anacleto, Melina Rangel, Ana Elisa, José Andery, Eduardo Lucindo e Yan Caramel com quem tantas vezes falei sobre revolução, com quem tantas vezes quis fazer a revolução, pela paciência com as minhas abstrações e labirintos e pela práxis cotidiana que me ensinou de um jeito que eu nunca poderia aprender com os livros: que a história é feita pelos homens;

Agradeço também aos queridíssimos Carlos Pissardo, Ilan Lapida, Maria Carlotto, Itaque Barbosa, Fabio Candotti, Manoela Hoffmann e Diego Maia com quem, parafraseando Eclea Bosi, compartilho destinos, há mais de uma década, desde que decidimos pelo ofício sociológico, por todas as conversas, músicas, cervejas e desassossegos que, nesses diálogos e disputas, construíram a identidade da socióloga escritora desta tese.

E, de maneira especial, ao meu pai Jorge Gomes de Freitas Junior e à Sandra Graciano mãe sem a qual não existiria a mulher que virou escritora, não por todas as determinantes biológicas, mas pelo exemplo, pelo amor, pelo carinho, pela paciência, pelo apoio em todos os segundos em que essa tese foi tecida e por toda a vida, por todas as incontáveis horas de conversas e risadas e pela nossa segunda família, José Graciano e Willian Benatti, pai e irmão de coração e de alma, cujo apoio foram decisivos para a realização deste trabalho.

# Lista de Figuras

**Figura 1** - Locais da cidade de São Paulo em que foi realizado o trabalho de campo (2011 - 2012) e entrevistados .....88
**Figura 2** - Espaços de vida e residências base de Richard, costureiro e comerciante em São Paulo, proveniente da zona rural de La Paz.....100
**Figura 3** - Linha da vida de Richard, costureiro e comerciante em São Paulo, proveniente da zona rural de La Paz..... .....101
**Figura 4** - Espaços de vida e residências base de Alex, costureiro e comerciante entre São Paulo e La Paz, proveniente da cidade de La Paz ..... 104
**Figura 5** - Linha da vida de Alex, costureiro e comerciante entre São Paulo e La Paz, proveniente da cidade de La Paz ..... 105
**Figura 6** - Espaços de vida e residências base de Samuel, oficinista em São Paulo, proveniente da cidade de La Paz.....109
**Figura 7** - Linha da vida de Samuel, oficinista em São Paulo, proveniente da cidade de La Paz .....110
**Figura 8** - Espaços de vida e residências base de Rosemary, cabeleireira em São Paulo, proveniente da zona rural de Oruro.....116
**Figura 9** - Linha da vida de Rosemary, cabeleireira em São Paulo, proveniente da zona rural de Oruro.....117
**Figura 10** - Espaços de vida e residências base de Andrea, cozinheira em São Paulo, proveniente da cidade de La Paz .....122
**Figura 11** - Linha da vida de Andrea, cozinheira em São Paulo, proveniente da cidade de La Paz .....123
**Figura 12** - Espaços de vida e residências base de Elizabeth, oficinista em São Paulo, proveniente da cidade de La Paz .....129
**Figura 13** - Linha da vida de Elizabeth, oficinista em São Paulo, proveniente da cidade de La Paz .....130
**Figura 14** - Espaços de vida e residências base de Celina, oficinista em São Paulo, proveniente de um município mineiro de Oruro.....133

**Figura 15** - Linha da vida de Celina, oficinista em São Paulo, proveniente de um município mineiro de Oruro.....134
**Figura 16** - Municípios da Bolívia em que foi realizado o trabalho de campo (Agosto 2012 - Março 2013) .....148
**Figura 17** - Locais do Departamento de Cochabamba, em que foi realizado o trabalho de campo (Agosto - Dezembro de 2012) e entrevistados .....177
**Figura 18** - Locais da cidade de Cochabamba, em que foi realizado o trabalho de campo (Agosto - Dezembro de 2012) e entrevistados .....182
**Figura 19** - Mapa da região centro-sul da cidade de Cochabamba, em que foi realizado o trabalho de campo (Agosto - Dezembro de 2012).....183
**Figura 20** - Mapa da zona sul da cidade de Cochabamba, em que foi realizado o trabalho de campo (Agosto - Dezembro de 2012).....184
**Figura 21** - Locais do município rural de Escoma, na província Eliodoro Camacho, em que foi realizado o trabalho de campo (Dezembro de 2012) e entrevistados .....189
**Figura 22** - Locais das cidades de La Paz e El Alto, em que foi realizado o trabalho de campo (Janeiro - Março de 2013) e entrevistados.....194
**Figura 23** - Locais das cidades de La Paz, em que foi realizado o trabalho de campo (Janeiro - Março de 2013) e entrevistados.....195
**Figura 24** - Locais das cidades de El Alto, em que foi realizado o trabalho de campo (Janeiro - Março de 2013) e entrevistados .....196
**Figura 25** - Espaços de vida e residências base de Eliseu, do núcleo familiar do Mercado 16 de Julio, de El Alto.....217
**Figura 26** - Linha da vida de Eliseu, do núcleo familiar do Mercado 16 de Julio, de El Alto .....218
**Figura 27** - Espaços de vida e residências base de Rodrigo e Sônia, do núcleo familiar do bairro de Uspa Uspa, de Cochabamba.....234
**Figura 28** - Linhas da vida de Sônia e Rodrigo, do núcleo familiar do bairro de Uspa Uspa, de Cochabamba.....235
**Figura 29** - Espaços de vida e residências base de Orlando, migrante da zona sul de Cochabamba, que se tornou costureiro.....248

**Figura 30** - Linha da vida de Orlando, migrante da zona sul de Cochabamba, que se tornou costureiro.....249
**Figura 31** - Espaços de vida e residências base de Geovane, migrante do município rural de Escoma, que se tornou oficinista..... 252
**Figura 32** - Linha da vida de Geovane, migrante do município rural de Escoma, que se tornou oficinista..... 253
**Figura 33** - Espaços de vida e residências base de Timóteo, estudante da zona sul de Cochabamba, sem experiência na costura.....262
**Figura 34** - Linha da vida de Timóteo, estudante da zona sul de Cochabamba, sem experiência na costura.....263
**Figura 35** - Espaços de vida e residências base de Alejandro, músico do município rural de Escoma, sem experiência na costura.....266
**Figura 36** - Linha da vida de Alejandro, músico do município rural de Escoma, sem experiência na costura.....267
**Figura 37** - Espaços de vida e residências base de Tulio, costureiro do bairro de Villa Tunari, de El Alto.....283
**Figura 38** - Linha da vida de Tulio, costureiro do bairro de Villa Tunari, de El Alto.....284
**Figura 39** - Espaços de vida e residências base dos irmãos Pablo e Jonathan, costureiros do bairro de Villa Sebastian Pagador, de Cochabamba.....294
**Figura 40** - Linhas da vida dos irmãos Pablo e Jonathan, costureiros do bairro de Villa Sebastian Pagador, de Cochabamba.....295
**Figura 41** - Espaços de vida e residências base de Pablo e Bolívar, migrantes bolivianos dos anos 1970.....319
**Figura 42** - Linhas da vida de Pablo e Bolívar, migrantes bolivianos dos anos 1970 .....320
**Figura 43** - Espaços de vida e residências base de Jefferson e Jair, migrantes bolivianos dos anos 1980.....359
**Figura 44** - Linhas da vida de Jefferson e Jair, migrantes bolivianos dos anos 1980.....360

# Introdução

A pesquisa realizada nesta tese faz parte de projeto temático maior, denominado *Observatório das Migrações em São Paulo - Fases e Faces do Fenômeno Migratório no Estado de São Paulo* e contou com bolsa de doutorado da Fapesp (2009-18504-0), no período de 01/08/2010 e 31/03/2014.

Esta tese de doutorado constitui uma das possibilidades abertas pela investigação que originou a dissertação de mestrado, defendida em abril de 2009, sobre as determinantes histórico-estruturais dos fluxos migratórios de migrantes bolivianos e coreanos, tendo em vista suas territorialidades e confluências na cidade de São Paulo, em torno do que denominei de: "circuito de subcontratação transnacional" (de bolivianos para o trabalho na indústria de confecção)[1].

Ao longo da pesquisa de mestrado, primeiro momento de contato pessoal com as teorias clássicas sobre os fluxos migratórios internacionais, tratava-se de delinear os elementos contextuais estruturantes da possibilidade de emergência desse circuito de subcontratação. Ou seja: i) as determinantes histórico-estruturais presentes nas histórias de desenvolvimento dos países de origem nos momentos de intensificação dos fluxos emigratórios para a cidade de São Paulo, que delimitam as classes sociais que passam a se pôr em movimento, ii) as espacialidades dos fluxos migratórios, a partir da história de algumas de suas rotas e percursos pelos países da América Latina e, iii) as especificidades dos contextos de recepção (a capital paulistana e a sua indústria de confecção).

No início do doutorado, o impulso inicial para a continuação da pesquisa sobre a mesma temática, respondia à necessidade de abordar de maneira mais completa outra dimensão do fenômeno em foco: a experiência social subjacente à imigração boliviana ligada ao trabalho na indústria de confecção da cidade de São Paulo. Nesse sentido, no último capítulo da dissertação de mestrado, ensaiei uma primeira aproximação, a partir da

[1] Cf. FREITAS, Patrícia T. *Imigração e Experiência Social:* o circuito de subcontratação transnacional de força-de-trabalho boliviana para o abastecimento de oficinas de costura na cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado. Campinas: Departamento de Sociologia - IFCH/Unicamp, 2009.

aplicação de um questionário sobre os percursos de inserção laboral e mobilidades urbanas dos bolivianos no interior da indústria de confecção[2].

Durante os primeiros anos do programa de doutorado, o projeto de pesquisa inicial foi aperfeiçoado no projeto enviado para a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo FAPESP, intitulado, *"Migração, trabalho e família: os trabalhadores bolivianos do setor de confecção na cidade de São Paulo"*[3]. Essa reformulação se deve às atividades realizadas ao longo desse primeiro ano, destacando-se, além das leituras e trabalho de campo exploratório na cidade de São Paulo, o contato com o debate sobre a migração boliviana na Argentina, por meio de um estágio, de um mês, no Centro de Estudios Avanzados (CEA/CONICET), em Córdoba, no âmbito de uma parceria entre o CEA/CONICET e o NEPO/Unicamp (Núcleo de Estudos Populacionais), a partir do qual tive acesso à literatura contemporânea francesa sobre as migrações internacionais – principalmente, aos trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores do Laboratório Migrinter, em Poitiers, na França – em torno dos conceitos de "território circulatório", proposto por Alain Tarrius e de "mundo migratório", proposto por Emmanuel Ma Mung.

Posteriormente, na França, em 2012, em estágio de pesquisa no Laboratório *Migrinter*, a partir de um contato inicial com o professor Emmanuel Ma Mung[4], em busca das bases epistemológicas e empíricas das pesquisas desenvolvidas por esses pesquisadores, cheguei aos estudos clássicos da Escola de Chicago de sociologia urbana e à metodologia das narrativas de vida. A partir do diálogo com esses estudos e com os estudos dos pesquisadores do *Observatório das Migrações em São Paulo – Fases e Faces do*

[2] Os questionários realizados nessa primeira aproximação foram trabalhados em um artigo, "Trajetórias migratórias e inserção laboral de jovens migrantes bolivianos em oficinas de costura, nas cidades de São Paulo e Buenos Aires", que escrevi com uma doutoranda da Universidade de Buenos Aires, Mariana Beheran. Conheci Beheran, em Bariloche, durante o *Coloquio Internacional – Juventud, etnicidad, ruralidad y movimientos translocales em Latino América*, em outubro de 2010, no qual apresentei a ponência "Inmigración y Trabajo - determinantes históricos de la formación de un circuito de subcontratación de inmigrantes bolivianos para el trabajo en talleres de costura clandestinos en la ciudad de San Pablo".

[3] Iniciei o doutorado em 2009, mas só comecei a receber bolsa FAPESP em agosto de 2010.

[4] Fui à Paris em novembro de 2010 para apresentar um pôster no *Colloque Jeunes Chercheurs en Démographie*, na Universidade de Nanterre, e aproveitei a viagem para entrar em contato com o professor Emmanuel Ma Mung, do Laboratório Migrinter, para conhecer o Centro de Documentação do Laboratório e conversar sobre a possibilidade de retornar para uma temporada mais longa que possibilitasse a realização de um levantamento bibliográfico no acervo do Laboratório.

*Fenômeno Migratório no Estado de São Paulo*, no âmbito do qual se insere esta tese, o desenho final da pesquisa foi elaborado e essa pesquisa somente foi possível graças ao apoio financeiro e científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) durante a realização da pesquisa no Brasil, na Bolívia e na França.

Paralelamente à pesquisa teórica, esta tese baseou-se em pesquisa empírica realizada na cidade de São Paulo em 2011 e 2012, e nas cidades de Cochabamba, La Paz, El Alto e no município rural de Escoma, na Bolívia, entre os meses de agosto de 2012 e março de 2013, a partir do projeto Bepe/Fapesp "Imigração boliviana para São Paulo e relações de parentesco – um olhar desde as origens"[5]. Para a apresentação da pesquisa teórica e empírica e dos seus principais resultados, essa tese foi organizada da seguinte maneira: no primeiro capítulo, apresentamos o debate teórico geral, a partir do qual as questões de pesquisa foram constituídas e as principais hipóteses e metodologia utilizadas na pesquisa empírica. No segundo capítulo, apresentamos o trabalho de campo inicial realizado na cidade de São Paulo e os seus principais resultados que deram ensejo à elaboração da hipótese do "projeto costura". No terceiro capítulo, que corresponde à pesquisa desenvolvida no âmbito do projeto Bepe/Fapesp, apresentamos uma narrativa sobre a realização do trabalho de campo na Bolívia e uma primeira organização das entrevistas de narrativas de vida (percursos sócio espaciais e laborais anteriores) e de inserção dos migrantes bolivianos e bolivianas na indústria de confecção[6]. E, no quarto capítulo, apresentamos algumas hipóteses sobre as origens da inserção boliviana na indústria de confecção paulistana e suas formas de inserção, circulação e trabalho nessa atividade.

[5] Na Bolívia, essa pesquisa, financiada pela Fapesp por meio do programa BEPE, foi acolhida pelo Centro de Estudios Superiores da Universidad Mayor de San Símon (CESU-UMSS), em Cochabamba, no âmbito do projeto "Migración Transnacional: inserción laboral y ciudadanía", sob coordenação da professora doutora Maria Esther Pozo.

[6] Este capítulo 3, referente a um projeto de pesquisa (Bepe/Fapesp) desenvolvido no interior da pesquisa de doutorado, ficou especialmente longo pois além de apresentar as entrevistas realizadas, consideramos importante contextualizá-las em relação à história recente da Bolívia e às circunstâncias do trabalho de campo a partir das quais foram realizadas.

# Capítulo 1

## Migração, trabalho e experiência urbana -

## Um paradigma analítico alternativo para o estudo da inserção boliviana na indústria de confecção das cidades de destino

> "Nós gostaríamos de levar a sério as narrativas que fazem as populações móveis sobre seus percursos e que misturam ao aqui, onde se encontram hoje, e ao lá, de onde vieram e retornam sem cessar, um entre-dois inesgotável entre essas duas extremidades da trajetória, que dizem projeto lá onde nós vemos exílio, circulação lá onde nós exigimos fixação, enraizamento. Nossa curiosidade não reside em saber se esse outro, que permanece ou que passa, é mais ou menos estrangeiro, mais ou menos objeto para nós, mas sabendo que ele é Outro, ver, enfim, revelar, o que ele produz, a partir de sua diferença entre seus lugares e os nossos" (TARRIUS, 2005: 43,tradução e grifos próprios).

A inserção de imigrantes bolivianos e bolivianas na indústria de confecção da cidade de São Paulo tem sido objeto do debate público desde meados dos anos 1980 – envolvendo, progressivamente, meios de comunicação, órgãos governamentais municipais e organizações não governamentais nacionais e internacionais – devido às condições precárias de instalação e aos intensos regimes de trabalho das oficinas de costura nas quais moram e trabalham[7].

Em relação às condições de instalação, denuncia-se o fato de a maioria das oficinas de costura não respeitar os padrões de higiene e de segurança mínimos definidos pelas legislações locais, estabelecendo-se em lugares pouco iluminados e pouco ventilados, onde, além de costurar, os imigrantes devem dormir e realizar suas refeições. Entre os diversos riscos a que esses costureiros e seus filhos estão sujeitos nestas circunstâncias, destaca-se o de incêndio devido a instalações elétricas clandestinas para diminuir o custo de manutenção das diversas máquinas de costura em funcionamento. E, em relação aos regimes de trabalho, denunciam-se as jornadas diárias de 15 horas ou mais, para o recebimento de remunerações inferiores às praticadas no mercado e, muitas vezes, pagas em espécie e não em dinheiro, ademais de situações de confinamento para o trabalho forçado e a presença de crianças e jovens submetidos a essas circunstâncias precárias e de intensa exploração laboral.

O trabalho de imigrantes, em sua maioria sem documentação legal, em pequenas oficinas clandestinas (de costura ou para realização de outras atividades), sob intensos regimes de trabalho, nos grandes centros urbanos com a formação de amplas redes de subcontratação, não é uma novidade paulistana ou latino-americana. Constituindo-se em fenômeno crescentemente abordado pela literatura internacional, a partir de investigações em contextos urbanos como os de Nova Iorque, Los Angeles, Londres e Paris (PORTES & SASSEN-KOOB, 1987; MOROKAVASICK, 1990; PALPACUER, 2002, ROSS, 2002, BONACICH, 2002, BONACICH & APPELBAUM, 2005).

[7] Conforme foi possível verificar a partir de pesquisa realizada no Centro de Estudos Migratórios (CEM), em seu acervo de notícias de jornal sobre os fluxos migratórios para o Brasil entre 1989 e 2007, e no acervo do jornal Estadão. Pesquisa realizada para a dissertação de mestrado (FREITAS, 2009) e ver também RANGEL, 2013.

Contemporaneamente, o advento de *novos processos de precarização do trabalho* – agora não mais restritos à periferia ou, ainda, aos países subdesenvolvidos, mas generalizados por entre os países e, atingindo, virtualmente, de maneira direta ou indireta, praticamente todas as atividades sob a égide da economia de mercado, em que pesem suas especificidades – e dos denominados *novos fluxos migratórios* – que, diante de contextos recessivos nas sociedades de destino, não possuem mais possibilidades de serem completamente assimilados em suas estruturas socioeconômicas, constituindo, cada vez mais, estruturas socioeconômicas relativamente autônomas, nas sociedades de destino e entre origens e destinos – vêm produzindo uma série de transformações nos grandes centros urbanos mundiais.

O contexto geral, desde meados dos anos 1970, marcado pela denominada "crise do petróleo"[8], assenta-se em uma recessão generalizada que colocou em questão o otimismo no desenvolvimento industrial estandardizado e na ação estatal, legados pelos "trinta anos gloriosos", vividos pelos países centrais/desenvolvidos, depois da Segunda Guerra Mundial[9]. De acordo com Sassen-Koob (1998:44), os principais acontecimentos ligados a esse momento de inflexão seriam: o fim da denominada "Pax Americana"[10], com a reemergência vigorosa das economias da Europa ocidental, em recuperação no pós-guerra, e do Japão – principalmente, com o fim do acordo do Bretton Woods –, a transferência do eixo geográfico das transações internacionais do sentido norte-sul para o sentido leste-oeste e o peso crescente dos mercados financeiros nas economias nacionais. A esses acontecimentos acrescentaríamos, ainda, conforme destaca Lima (2002), o

[8] Aumento do preço do petróleo (1973 e 1979), controlado pela OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), em um contexto de crise política entre os países árabes e os Estados Unidos.

[9] De acordo com Pochmann, que considera esse período marcado pela presença estatal redistribuidora da riqueza social produzida uma exceção na história do capitalismo, cuja regra seria a formação de um contingente de força-de-trabalho excedente: "Por ser uma exceção, mais do que uma regra, verificou-se que durante quase três décadas posteriores ao final da Segunda Guerra Mundial, a presença de baixas taxas de desemprego nas economias avançadas foi objeto da construção política daquelas sociedades. (...) A partir disso, o capitalismo nas economias avançadas evoluiu para a estruturação do mercado de trabalho, contemplando a cada dez ocupados 8 a 9 assalariados. Este fato tornou possível constatar a consolidação de sociedades salariais relativamente homogêneas" (POCHMANN, 2001:19).

[10] Período de relativa paz mundial, depois da Segunda Guerra Mundial, marcado pela hegemonia política e econômica dos Estados Unidos.

estabelecimento de um novo padrão de acumulação, denominado "acumulação flexível", o advento de novas ideologias liberais e da terceira revolução industrial, a "revolução informacional", a adoção de processos de reestruturação produtiva, principalmente, por meio da terceirização/quarterização das partes menos importantes do processo produtivo, com concomitante fragmentação espacial das cadeias produtivas para além das divisões políticas tradicionais, e centralização de atividades de comando e coordenação nas denominadas cidades globais.

Essas transformações constituem o ambiente no qual se inserem as oficinas de costura clandestinas e os migrantes latino-americanos na cidade de São Paulo, a partir do qual se estabelecem as determinantes gerais dessa experiência social, indicando suas virtualidades possíveis e limites dificilmente transponíveis. No debate acadêmico brasileiro, a migração boliviana para a cidade de São Paulo, a partir da década de 1990, passa a ser considerada um fenômeno representativo das novas tendências migratórias, do e para o Brasil, animando as discussões em torno do que a literatura internacional denominou "novos fluxos migratórios" (ASSIS & SASSAKI, 2001: 616)[11].

E no caso das pesquisas sociológicas sobre as ligações entre esses fluxos migratórios de bolivianos e sua inserção no trabalho mal remunerado e em condições precárias em oficinas de costura informais na cidade de São Paulo, parte-se, em geral, de um diálogo com a literatura internacional sobre a emergência da "nova" informalidade no contexto contemporâneo, tendo em vista as "novas" necessidades da acumulação capitalista, que se conjugam aos contextos econômicos recessivos das décadas de 1970 e

[11] Note-se que apesar de o Brasil ter sido um importante receptor de fluxos migratórios internacionais ao longo do século XIX e meados do século XX, essa tendência começa a ser revertida a partir da década de 1930. E, nos anos de 1980, era comum considerar a população brasileira como uma "população fechada", em que não se percebia nem a entrada e nem a saída significativa de pessoas. As outras tendências identificadas e analisadas nesses estudos sobre os "novos fluxos migratórios" internacionais no contexto brasileiro, a partir da divulgação dos dados do censo de 1990, seriam: a emigração de estratos médios urbanos, para os grandes centros urbanos, dos Estados Unidos, Europa e Japão; as migrações fronteiriças na região norte do país, vinculadas à questão indígena, ao garimpo e ao tráfico de drogas; as migrações fronteiriças entre os países do cone sul, vinculadas às questões da terra e produção agrícola e, em menor número, a imigração de refugiados políticos africanos. Ver ainda: SALES & SALLES, 2002 e PATARRA &BAENINGER,1996.

1980 (AZEVEDO, 2005; BUECHLER, 2003; FREIRE, 2008; FREITAS, 2009, NÓBREGA, 2009)[12].

Nessa perspectiva analítica, os imigrantes seriam as principais vítimas dos efeitos perversos da globalização – que, enquanto, por um lado, acirra desigualdades regionais a nível mundial, impulsionando movimentos migratórios de massa nos países que perderam o jogo do desenvolvimento. Por outro lado, impõe a alguns setores econômicos como, por exemplo, a indústria de confecção, padrões de competitividade que passam a se sustentar à custa de processos de super exploração da força de trabalho em amplos circuitos de subcontratação. Apesar da reconhecida efetividade de tal perspectiva analítica para a compreensão das origens dos movimentos populacionais contemporâneos e da inserção em determinados setores econômicos nas sociedades de destino, elas não nos permitem perscrutar os arranjos socioculturais, econômicos e espaciais estabelecidos pela agência dos próprios migrantes a partir do momento em que se colocam em movimento, diante dos constrangimentos estruturais que lhes são impostos.

Esse tipo de questionamento nos remete a outro debate contemporâneo, que se constitui em diálogo crítico com os estudos sociológicos inaugurados pela denominada Escola de Chicago de sociologia urbana, focalizando, por um lado, a formação de redes sociais, circuitos ou ainda espaços/campos sociais que vinculam economicamente, politicamente e socialmente origens e destino dos novos fluxos migratórios internacionais, com consequências simultâneas e recíprocas nesses dois ou mais polos do movimento migratório (BAILEY, 2001, GLICK – SCHILLER et all, 1992, 1995, GLICK – SCHILLER, 2007, GUARNIZO & SMITH, 1998, LEVITT & GLICK-SCHILLER, 2007, PORTES, 1999) e; por outro, o estabelecimento de formas de inserção socioeconômica relativamente autônomas e que se sobrepõem e/ou justapõem às estruturas e arranjos dados no contexto das sociedades de destino, com a formação de espécies de mercados de trabalho paralelos (como os "enclaves") ou, ainda, de "economias étnicas", no debate norte americano (BAILEY & WALDINGER, 1991, BONACICH, 1973, 1993, JIOBU, 1988;

[12] A exceção a essas tendências do debate contemporâneo é o primeiro grande estudo sobre a migração boliviana ligada a indústria de confecção na cidade de São Paulo, de um antropólogo, Sidney Silva (1997).

KLOSTERMAN & RATH, 1999, LIGHT, 1972, 1988, PORTES, 1995, PORTES & JENSEN, 1987, WALDINGER, 1984), ou de "territórios circulatórios" ou "mundo migratórios", no debate francês (MA MUNG, 1992, 1996, 1998, 1999 e 2009, TARRIUS, 1989, 1993, 2000, 2005 e 2009, CORTES & FARET, 2009, POTOT, 2003; SIMON, 2006).

Em linhas gerais, essas análises fundamentam uma abordagem *multidimensional* e *multisituada* dos processos migratórios. Processos que põem em movimento – muitas vezes, sem necessariamente transformar – junto com aqueles que se movem, as estruturas, posições sociais, relações e identidades (de gênero, de classe e de etnicidade[13]) pré-definidos no interior das comunidades e/ou famílias de origem. E cujos reflexos e consequências se situam simultaneamente e reciprocamente nas sociedades de destino e de origem. Nos espaços urbanos de destino, conforme indica o debate sobre a formação de "economias étnicas" ou "territórios circulatórios", a inserção socioeconômica de novos migrantes leva à constituição de novas territorialidades cujas dinâmicas de entrada, saída e circulação se sobrepõem e/ou justapõe àquelas dos autóctones e/ ou de outros grupos étnicos – especialmente quando esses novos fluxos migratórios passam a constituir circuitos econômicos próprios. Nas origens, conforme indica o debate sobre o "transnacionalismo", esse movimento reconfigura arranjos familiares, dinâmicas socioeconômicas, posições sociais e identidades daqueles que não se movem, a partir das "remessas sociais" e materiais dos migrantes em torno de suas relações de amizade e de parentesco.

Esta pesquisa de doutorado partiu desse enquadramento multidimensional e multisituado do fato migratório para abordar os fluxos migratórios de bolivianos e bolivianas que se inserem na indústria de confecção na cidade de São Paulo. Tendo em vista fazer confluir, na análise, por um lado, as dinâmicas ligadas à dinamização de atividades econômicas específicas a partir das sociedades de destino. E, por outro lado, aquelas ligadas à atividade migratória a partir das sociedades de origem. Com o intuito de

[13] A teoria feminista tem considerado, a partir dos estudos sobre "interseccionalidade" que esse trinômio (gênero, classe e identidade étnica) deve ser abordado conjuntamente, em suas interações recíprocas. Ver: Levitt e Glick-Schiller (2007: 168) e Bastia (2011).

vislumbrar, no destino, na forma de organização e territorialização do circuito econômico, os arranjos e dinâmicas estabelecidos pelos migrantes bolivianos e bolivianas a partir de seus lugares de origem e as novidades constituídas a partir de sua inserção em uma atividade econômica específica no contexto urbano paulistano. E, nas origens, os vestígios e as consequências da inserção boliviana na indústria de confecção na cidade de São Paulo.

Neste capítulo, apresentaremos as questões teóricas e metodológicas subjacentes à realização desta pesquisa. Na primeira seção, faremos uma breve exposição do debate contemporâneo sobre a emergência da nova precarização do trabalho no bojo dos processos de reestruturação produtiva e os reflexos desses processos na indústria de confecção, tendo em vista indicar as linhas gerais do diagnóstico a respeito das formas de inserção dos novos migrantes internacionais às margens do mundo do trabalho nos grandes centros urbanos de destino; na segunda seção, acompanharemos o debate sobre as territorialidades e formas de inserção sócio econômica dos migrantes internacionais, desde as proposições da Escola de Chicago sobre o "gueto" até as proposições contemporâneas sobre os "territórios circulatórios", tendo em vista delinear as questões de pesquisa suscitadas por esse debate sobre a experiência social dos migrantes bolivianos e bolivianas na indústria de confecção paulistana e, na última seção, indicaremos a hipótese e metodologia de pesquisa cujos resultados serão apresentados ao longo dos próximos capítulos desta tese.

## 1.1) EM MEIO À NOVA INFORMALIDADE E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NAS RECOMPOSIÇÕES DO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

> Um passeio por quase todas as grandes modernas cidades da Europa ocidental ou dos Estados Unidos, atualmente, deixa a impressão de que cada uma delas contém muitas cidades: a cidade corporativa dos altos prédios de escritórios, a antiga, decadente cidade industrial e a cidade dos imigrantes. Um espaço do poder, um espaço do trabalho e um espaço do Terceiro Mundo. Elas seriam realmente três cidades separadas, cada uma pertencendo a uma fase histórica/geográfica diferente? Ou elas pressupõem uma a outra – a existência de uma enquanto condição para a existência da outra? Caso sejam, qual a natureza da dinâmica que as conecta? (SASSEN-KOOB,1993:1, tradução própria).

Atualmente, a "cidade dos imigrantes" está presente, de maneira mais ou menos visível, em, praticamente todos os grandes centros urbanos do capitalismo mundial, associando-se, nos países centrais, do denominado "primeiro mundo", ao advento da "nova informalidade" que, nos anos gloriosos do pós segunda guerra, parecia ter sido completamente dizimada e, nos países periféricos, que nunca deixaram de ter um nível relativamente elevado de informalidade, ao recrudescimento da globalização e ao advento de novos tipos de precarização do trabalho.

Nessas novas configurações, ao contrário das décadas anteriores, em que as diferenças no padrão de desenvolvimento entre as economias "centrais/desenvolvidas" e as "periféricas/subdesenvolvidas" pareciam bastante evidentes, as estruturas se confundem, colocando em xeque análises em torno da oposição, convivência ou justaposição entre o "tradicional/arcaico" e o "moderno": contemporaneamente somos todos modernos e heterogêneos. E essa heterogeneidade se manifesta, tanto nas economias centrais quanto nas periféricas, constituindo a "nova questão social".

> O desemprego não é uma bolha que se formou nas relações de trabalho e que poderia ser reabsorvido. Começa a tornar-se claro que a precarização do emprego e o desemprego se inseriram na dinâmica atual da modernização. São as consequências necessárias dos novos modos de estruturação do emprego, a sombra lançada pelas reestruturações industriais e pela luta em favor da competitividade – que efetivamente fazem sombra para muita gente (CASTEL, 1998: 516 -17)[14].

Nesse sentido, no trecho acima, Castel define os principais fatores que caracterizam a novidade da denominada "questão social" contemporânea: o aumento do desemprego e, em especial, o desemprego de longa duração, e a precarização das condições de trabalho. De acordo com Castel, tratar-se-ia de uma situação que, assim como o pauperismo do século XIX, nos primórdios da produção industrial européia, está inscrita no cerne das mudanças na dinâmica produtiva, não se tratando mais de fenômeno marginal a ser superado pelo progresso.

Nesse contexto, nos países centrais, estabelece-se o debate sobre a emergência da "nova informalidade" a partir, principalmente, das formulações de Portes e Sassen-Koob (1987), em um ensaio considerado clássico nesse sentido: "*Making it underground – comparative material on the informal sector in western market economies*", publicado em 1987[15]. Para os autores, a informalidade deve ser definida em termos relacionais e não substantivos, referindo-se às formas de realização das atividades econômicas e não às atividades em si ou segmentos populacionais diretamente vinculados a essas atividades: a informalidade, nesse sentido, seria desencadeada no interior de processos produtivos que envolvem, em alguma medida, o desrespeito às regulações estatais como forma de

[14] Trecho do livro "As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário", no qual Castel, com o intuito de proporcionar parâmetros para a compreensão da "nova questão social", procura delinear o processo histórico de uma "condição salarial" na França - cujas raízes remetem ao início da industrialização e que tem seu apogeu entre 1945 – 1975.

[15] Note-se que a informalidade é diferente da ilegalidade, relacionada venda de produtos ou substâncias proibidas, amplamente reconhecida enquanto parte da dinâmica das economias "avançadas" (SASSEN-KOOB, 19991).

diminuição dos custos de produção, em momentos de acirramento da competitividade, em circunstâncias não necessariamente precárias[16].

> (...) o informal são todas aquelas relações de trabalho caracterizadas pela ausência de: (1) uma separação clara entre capital e trabalho; (2) uma relação contratual entre os dois; (3) uma força de trabalho a qual são pagos salários e cujas condições e trabalho e pagamento são legalmente reguladas. (...) Definido dessa forma, o setor informal é estruturalmente heterogêneo e compreende aquelas atividades de subsistência direta, produção e comércio em pequena escala e subcontratação para empreendimentos semi-clandestinos e para o trabalho a domicílio" (PORTES & SASSEN-KOOB, 1987:31, tradução própria).

De acordo com Sassen-Koob e Portes (1993), o desaquecimento das economias centrais e periféricas, devido aos contextos econômicos recessivos a partir de meados dos anos 1970, teria levado a adoção, em ambos os casos, de estratégias de exportação para a obtenção de divisas e aceleração da produção interna. E seria, justamente, o entrecruzamento dessas estratégias, dinamizadas pelo contexto recessivo do período, responsável pelas origens da "nova" informalidade urbana, nos dois contextos – no "Terceiro Mundo" e nas economias "avançadas".

> "Então, o processo de informalização é reforçado no Terceiro Mundo pelos esforços dos produtores e países para interromper a estagnação econômica a partir de uma estratégia orientada para a exportação; mas, os últimos, promovem, como resultado, a reprodução de arranjos de trabalhos similares no mundo desenvolvido como as indústrias afetadas lutam para sobreviver. Simultaneamente, as várias circunstâncias da crise econômica e os vários esforços para lidar com ela, criou uma abundante reserva de força-de-trabalho que, posteriormente, encoraja e facilita a informalização" (PORTES & SASSEN-KOOB, 1987:55, tradução própria).

Nesse contexto recessivo, ao invés de sua posição marginal, como "estratégia de sobrevivência" de migrantes recém-chegados ou desobediência pontual às burocracias

[16] De acordo com Sassen - Koob (1991), durante toda a década de 1980 são crescentes as evidências empíricas sobre a expansão dos setores informais nas grandes cidades dos Estados Unidos. Não somente devido aos fluxos migratórios para os grandes centros urbanos, mas também por causa do aumento do desemprego no mercado doméstico – de acordo com os autores, em países como a Inglaterra, Holanda, Espanha e outros países ocidentais europeus – o desemprego aberto atingiu níveis entre 15% e 20%.

estatais[17], a "nova informalidade", entendida como "estratégia de diminuição de custos" de produção ou comercialização, passa para o centro da economia dos grandes centros urbanos, em estreita vinculação com o setor formal, por meio de, cada vez mais amplos, *circuitos de subcontratação* – que ligariam atividades produtivas e/ou comerciais marginais (baseadas em trabalho intensivo sem nenhuma regulação formal) a atividades produtivas e/ou comerciais amplamente formalizadas, baseadas em altos investimentos e novas tecnologias[18].

E o advento dos "novos fluxos migratórios" foi um fator importante para o sucesso dos processos de precarização das relações de trabalho subjacente às reestruturações produtivas dos anos 1980 e 1990, nos países centrais, incentivando a formação de um excedente imigrante no mercado de trabalho – caracterizado por ser uma força de trabalho mais barata e dócil devido, entre outros aspectos, à sua condição de ilegalidade – no lugar da força de trabalho local que já conquistara, nos pós guerras, direitos sociais e trabalhistas de difícil harmonização com as novas exigências do capitalismo contemporâneo[19].

---

[17] A perspectiva liberal clássica sobre o desenvolvimento das economias capitalistas denominadas "avançadas" considerava que as tendências predominantes nessas sociedades seriam de estandardização da produção e de generalização da organização formal do trabalho, concomitante ao avanço tecnológico. Nesse contexto, a informalidade remanescente, seria resultado marginal da excessiva regulamentação estatal e, em relação às atividades associadas ao trabalho precário de imigrantes, a explicação liberal, as considera uma reposição de estratégias de sobrevivência que esses imigrantes trazem de seus países de origem, mas sempre como tendência marginal que, ao longo do processo de assimilação desses imigrantes, acabaria se diluindo em suas próximas gerações.

[18] "A causa fundamental para a manutenção e crescimento do setor informal nas economias periféricas é a justaposição de uma legislação do trabalho extensiva, frequentemente copiada dos países avançados e uma abundante reserva de força de trabalho. Nesse contexto, as firmas possuem todos os incentivos para tentar burlar as restrições legais no seu uso da força de trabalho. Quando a competição recrudesce, por exemplo, empresas tentam exportar, ou as barreiras tarifárias são abolidas (...) o incentivo para informalizar é reforçado. Em todos os exemplos, o mecanismo primário a partir do qual a ligação formal-informal ocorre é a subcontratação" (PORTES & SASSEN-KOOB, 1987:38, tradução própria).

[19] "O fluxo migratório foi central para o processo de informalização das indústrias baseadas em trabalho intensivo afetadas pela competição estrangeira, mas logo se estendeu para outras que não eram afetadas. Nas áreas urbanas em que os imigrantes estão concentrados, outros setores intensamente organizados, como a construção civil e as altamente competitivas indústrias de serviços, como restaurantes, logo começaram a fazer uso dessa nova fonte de força de trabalho barata e dócil" (PORTES & SASSEN-KOOB, 1987:54, tradução própria).

Nesse contexto, a indústria de confecção tem sido considerada um caso singular e paradigmático dos processos de reestruturação produtiva em curso na fase neoliberal do capitalismo, tanto por suas especificidades intrínsecas que a vinculam, desde o final do século XIX, a estruturas produtivas mais flexíveis como resposta a uma demanda extremamente flutuante e à força de trabalho de migrantes internos e imigrantes internacionais (GREEN,1998, SABEL & ZEITLIN, 1985); quanto pela extensão dos seus processos de reestruturação produtiva contemporâneos, que culminaram com a formação de verdadeiras "cadeias produtivas globais" (GEREFFI & KORZENIEWICKS, 1994, GEREFFI, G. 1998, GORINI, 2000, LUPATINI, 2004).

> "A indústria de confecção ilustra perfeitamente as tendências contraditórias da produção (…). Essa indústria foi objeto de imagens contraditórias. Ela foi considerada como um caso de escola do capitalismo, mas não sob seu ângulo mais virtuoso: 'uma colmeia de abelhas enlouquecidas, essa é a livre iniciativa, a mais livre que podemos encontrar fora dos livros de economia'. E, o pior, esse capitalismo selvagem pode levar a anarquia: 'um caos industrial deplorável', 'ineficiência excessiva'. E para outros autores, essa desordem é apenas aparente, sendo, na realidade, a manifestação visível da flexibilidade do aparelho produtivo. Michael Piore e Charles Sabel relativizaram o caos e insistiram, ao contrário, sobre sua capacidade de autocontrole. De acordo com eles, a indústria de confecção constitui "uma comunidade multiétnica harmoniosa que, por meio de pequenos empresários e trabalhadores subcontratados, é um modelo de flexibilidade" (GREEN, 1998:34-35, tradução própria).

Em linhas gerais, a indústria da confecção é uma indústria urbana caracterizada pela flexibilidade e pela heterogeneidade de suas formas de organização da produção, sendo refratária, desde seus primórdios, no século XIX, aos métodos clássicos da produção em massa (SABEL & ZEITLIN, 1985). Nessa indústria, a divisão do trabalho pôde desenvolver-se, por meio do processo denominado "putting out", sem que fosse necessária a concentração da força de trabalho e dos meios de produção e antes mesmo das inovações tecnológicas desencadeadas a partir do advento da máquina de costura – na segunda metade

do século XIX – sendo que a novidade desse período devia-se muito mais ao recrudescimento desses processos do que à sua invenção[20].

Essa divisão do trabalho bastante flexível e heterogênea – que pode incluir desde um total fracionamento da costura de uma peça, no caso das mais simples, até a costura e a montagem total de cada peça[21] –, associada à utilização de máquinas que podem ser acomodadas em pequenos espaços, reflete-se na organização espacial dessa indústria cuja cadeia produtiva pode fragmentar-se por diversos espaços não contíguos que vão desde a fábrica propriamente, passando pelas pequenas oficinas de costura chegando até os domicílios das costureiras e costureiros.

> "É possível confeccionar roupas em praticamente qualquer lugar. A divisão do trabalho, a separação das diferentes etapas da produção, baixas necessidades tecnológicas e a utilização de um espaço relativamente reduzido para a montagem de uma oficina de costura permitiram, justamente, uma suficiente dispersão do trabalho. A indústria de confecção propagou-se, um pouco, por todos os lugares, crescendo nos interstícios dos espaços urbanos e provando, em contraste com outras formas de industrialização, que a divisão do trabalho não implica, necessariamente, a concentração da força de trabalho. Costurou-se em toda parte: nos apartamentos e nas oficinas de costura do centro da cidade, nos arranha-céus e nas casas das periferias. As máquinas de costura foram instaladas nas salas, nos quartos de dormir, nas salas de jantar e nas garagens (…). Dessa forma, podemos falar de uma linha de montagem espalhada, em que a casa, a oficina de costura e a fábrica constituem suas partes" (GREEN, 1998:200, tradução própria).

O desenvolvimento e a consolidação da flexibilidade na indústria da confecção, facilitadas pelas especificidades desse tipo de atividade, também constitui uma resposta a uma demanda extremamente flutuante que, de acordo com os relatórios da OIT, citados por

[20] A divisão do trabalho que se constituiu paralelamente ao desenvolvimento da indústria de confecção não era uma coisa nova no início do século XIX. Na França do Antigo Regime, o alfaiate já era auxiliado por colegas e aprendizes para entregar suas encomendas nos prazos convenientes. Na verdade, a divisão do trabalho em tarefas específicas é independente da mecanização e da concentração dos meios de produção. A novidade do século XIX é que as grandes oficinas militares e, depois, as civis, irão desenvolvê-la [a divisão do trabalho] a uma escala até então desconhecida"(GREEN, 1998:49, tradução própria).

[21] Essa heterogeneidade que já existia no século XIX- de acordo com Green (1998:49), no final do século XIX, por exemplo, as mangas, as golas e os bolsos já poderiam ser confeccionados a parte, antes da montagem final da roupa – implica qualificações diversas que vão desde o saber o operar uma máquina para a costura de partes de uma roupa, no caso de extremo fracionamento, até o saber costurar e montar uma peça inteira.

Green (1998:193), deve-se a uma sensibilidade elástica às mudanças econômicas estruturais, às variações cíclicas da conjuntura econômica, às mudanças sazonais e às variações segundo a especialidade. E a consequência imediata dessas flutuações na produção é a flutuação no trabalho, que produz um desemprego sazonal endêmico e, conjuntamente com as facilidades na divisão do trabalho da costura, incentiva o recurso às práticas de subcontratação.

A subcontratação permite o ajustamento da oferta a uma demanda volátil e transfere parte dos riscos, custos e responsabilidades aos subcontratados, além de possibilitar que pessoas com pouco capital estabeleçam negócios nesse ramo produtivo. Nessas circunstâncias adquirem destaque, a partir de meados do século XIX, a subcontratação massiva de populações vulneráveis, como os imigrantes (homens e mulheres) e mulheres autóctones, para o trabalho à domicílio e nos "*sweatshops*"[22], em cidades como Paris e Nova Iorque, conforme destaca Nancy Green (1998), em sua história comparada da indústria da confecção nessas duas cidades.

> "É verdade que essa profissão [costura] acolheu um grande número de "judeus errantes" e trabalhadores qualificados. Contudo, a eles se juntaram batalhões de mulheres e homens vindos dos quatro cantos do mundo em ondas sucessivas (…). Os italianos, os afro-americanos, os porto-riquenhos, os dominicanos, os chineses e os coreanos em Nova Iorque; os armênios, os judeus turcos, os italianos, os judeus da África do norte, os iugoslavos, os turcos, os chineses do sudeste da Ásia e os paquistaneses em Paris também encontram, há um século, seu ganha pão no interior da indústria de confecção (….). Esta indústria é famosa pelo caráter multiétnico de uma mão de obra que representou sozinha uma boa parte da história da imigração nessas duas cidades" (GREEN, 1998: 20, tradução própria) .

Ao longo das décadas de 1970 e 1980, em pleno contexto recessivo geral e de emergência de novas economias em desenvolvimento, especialmente, no continente asiático, a indústria têxtil e de confecções iniciou um processo de transformação de suas estruturas internas. A literatura contemporânea indica, pelo menos, duas tendências,

[22] Termo utilizado durante o final do século XIX e início do século XX para se fazer referência a essas pequenas oficinas de costura com condições precárias de instalação e de trabalho (GREEN, 1998).

aparentemente opostas: enquanto, por um lado, percebe-se uma aproximação dos parâmetros das "indústrias modernas" – em sentido oposto, portanto, dos parâmetros "tradicionais"[23] que, até então, caracterizaram essa indústria – na medida em que: i) passa-se a investir no desenvolvimento de novas tecnologias de produção, organização e comercialização e, ii) a questão da diferenciação do produto, com a incorporação de conceitos como estilo e *design* – até então, pouco relevante na produção geral do vestuário – adquire centralidade como estratégia de competitividade e agregação de valor (MYTELKA, 1991; GARCIA, O. L, 1994; GORINI, 2000; LUPATINI, 2004; CRUZ – MOREIRA, 2003, KONTIC, 2001).

Por outro lado, aponta-se uma intensificação dos processos de exploração da força de trabalho, de maneira precária e informal, a partir da subcontratação de pequenas oficinas para a atividade de costura das roupas – repondo, dessa forma, em relação à atividade de costura propriamente, formas de organização e tecnologias presentes, em alguma medida, desde os primórdios dessa indústria. E, ainda, quando o trabalho nessas pequenas oficinas é realizado nos centros urbanos, destaca-se a presença marcante, nessas atividades, de imigrantes, principalmente, mulheres, na maioria das vezes, indocumentados e em condições precárias de trabalho e moradia nas cidades. (BONACICH, 2002, BONACICH & APPELBAUM, 2005, PALPACUER, 2002, ROSS, 2002).

Nesse contexto, o segmento de "roupas da moda" destaca-se pela sua importância quantitativa crescente no comércio internacional e nos mercados locais, principalmente, depois da Segunda Guerra, na esteira do desenvolvimento da indústria cultural de massa, quando passa a abarcar, diferencialmente, vários grupos/classes sociais,

[23] De maneira geral, de acordo com Garcia (1994), as indústrias tradicionais caracterizam-se por: i) taxas de crescimento relativamente baixas ou estagnação; ii) reduzidas taxas de inovação em termos de tipo de insumo e tecnologias utilizados, refletindo pouca inovação em produtos; iii) uma concorrência baseada em preço (cujas vantagens competitivas advém da redução do custo unitário e de mudanças na capacidade produtiva); iv) uma estrutura baseada em matérias primas naturais ou pouco elaboradas (o algodão, principalmente, até o início dos anos 1950); v) força de trabalho de nível médio e baixo utilizada intensivamente e bastante heterogênea devido à descontinuidade das operações e, vi) com necessidade de suporte de políticas governamentais para sua consolidação, especialmente, nos países em desenvolvimento.

deixando de se restringir ao *petitcomiteé* da alta costura e do *pret à porter*[24]. E, também, por agregar, de maneira mais visível, essas tendências, aparentemente contraditórias: de constituição de habilidades e formas de organização da produção/comercialização inovadoras concomitantemente à utilização de procedimentos tradicionais ou mesmo arcaicos de utilização intensiva do trabalho, como a subcontratação, em condições precárias, de força de trabalho barata[25].

Os desenhos produtivos da indústria têxtil do vestuário também se ampliam sobremaneira nesse período, passando a constituir cadeias produtivas denominadas "globais" (GEREFFI & KORZENIEWICKS, 1994, GEREFFI, G. 1998, GORINI, 2000, LUPATINI, 2004). Esses novos desenhos produtivos, mais espalhados geograficamente, advém de processos de re-localização industrial, geralmente, ligados a acordos internacionais de isenção tarifária ou com benefícios específicos, em geral beneficiários do processo de liberalização comercial. E, conforme indica Gorini (2000), se estruturariam em torno de, pelo menos, três grandes movimentos da indústria têxtil do vestuário no mundo: i) na Ásia, durante a década de 1970, um deslocamento da produção do Japão para os Tigres Asiáticos e, ao longo dos anos de 1980, outra re-localização dos Tigres Asiáticos para o Sudeste Asiático e a China; ii) na Europa, ao longo da década de 1990, depois da queda do Muro de Berlim, a partir de transações denominadas *Outward Processing Transactions* - OPT[26], que possibilitaram um deslocamento da produção da região da União Européia para

[24] Enquanto, por um lado, o segmento têxtil (para a produção de fios, tecidos e, mais recentemente, fibras sintéticas) é bastante antigo, adquirindo escala e estrutura industrial com expressiva participação no comércio internacional já desde o século XIX, nos países considerados desenvolvidos. Por outro lado, o segmento do vestuário se consolida mais tardiamente, depois da Primeira Guerra Mundial (até então se tratava de uma atividade predominantemente artesanal) e passa a se constituir em item relevante do comércio internacional depois da Segunda Guerra Mundial. Cf. GARCIA ,1994 e KONTIC (2000).

[25] Conforme destaca Kontic, salientando a novidade da inovação no interior desta indústria "tradicional", em relação ao segmento de roupas da moda: "Portanto, embora permaneça um sistema produtivo intensivo em mão de obra tanto no processo de manufatura (confecção de roupas e acessórios), quanto no de distribuição (...) está em curso uma importante mudança interna, que aponta para a emergência de uma indústria intensiva em conhecimento, pois design e desenvolvimento de produto são por excelência atividades que envolvem o conhecimento, inteligência e recursos humanos qualificados" (KONTIC, 2007:7).

[26] Essas transações OPT no interior da indústria do vestuário entre países da União Europeia e outros países centro e leste europeus significam, basicamente, exportações de peças cortadas ou semi prontas dos primeiros para os últimos, caracterizados pela existência de abundância de força de trabalho bem mais barata, e a re-

os países do Leste Europeu e; iii) no continente americano, a princípio, principalmente, com o *Caribbean Basin Economic Recovery Act* – CBERA e, depois, também, com o *North American Free Trade Agreement* – NAFTA, que impulsionaram, a partir da mesma lógica de isenção de tarifas, a transferência de atividades produtivas baseadas em trabalho intensivo dos Estados Unidos para países do Caribe e para o México.

De maneira geral, nessas cadeias produtivas globais da indústria têxtil do vestuário, indica-se uma divisão internacional do trabalho em que as principais empresas *drivers*/coordenadoras da cadeia, localizadas nos centros urbanos dos países centrais, seriam responsáveis pelas atividades mais diretamente ligadas aos desenvolvimentos de "novas tecnologias de concepção, processos, vendas e produto, tornando-se cada vez mais capital-intensivas" (GORINI, 2000: 20); e, as pequenas empresas, localizadas nos países periféricos, realizariam a confecção das roupas e outros artigos têxteis, concentrando a parte menos lucrativa da cadeia e às custas da manutenção de uma força de trabalho sob regimes de intensa exploração. Em outras palavras, estaríamos diante de um processo de descentralização coordenada da produção têxtil do vestuário em oposição à tradicional fragmentação do setor, e que procuraria reunir "os avanços tecnológicos alcançados na

exportação das peças prontas para os países da União Europeia sem o pagamento de tarifas ou a partir de outros benefícios.

indústria têxtil à mão de obra barata de alguns países periféricos, que passaram a atuar crescentemente na confecção – segmento que, apesar de todos os avanços tecnológicos, ainda permanece intensivo em mão de obra" (GORINI, 2000: 20)[27].

No *debate latino-americano*, diferentemente do debate nas economias centrais, essa questão da coexistência de lógicas de organização e desenvolvimento consideradas opostas ou heterogêneas entre si possui uma longa tradição, principalmente, a partir das formulações da Comissão Econômica para a América Latina Caribe (CEPAL)[28]. E foram consideradas, por muito tempo, como uma especificidade do padrão de desenvolvimento das então denominadas "economias subdesenvolvidas"[29].

Na análise cepalina, as economias nacionais estariam integradas em um mesmo espaço internacional (um espaço socioeconômico mais amplo, hierarquicamente constituído) e as formas de desenvolvimento econômico industrial dos países "subdesenvolvidos", nesse sistema internacional, sofreriam modelagens e restrições impostas pelas necessidades de desenvolvimento das economias "desenvolvidas". Esses países "subdesenvolvidos" estabeleceram, desde o seu momento inicial, de entrada no espaço internacional, uma posição subordinada, como colônias exportadoras de matérias-primas e importadoras de produtos manufaturados, permanecendo subordinados mesmo com suas independências políticas e desenvolvimento industrial, constituindo-se, contemporaneamente, em importadores de máquinas, equipamentos e tecnologias.

E, de acordo com as primeiras formulações cepalinas, uma das principais consequências dessa inserção diferenciada, seria, justamente, a constituição das estruturas

[27] De acordo com Lupatini (2004) e Cruz – Moreira (2003), um exemplo comum de divisão do trabalho no interior dessas cadeias globais seria a "Manufatura Triangular", praticada pelos grandes compradores de produtos têxteis e do vestuário, como os Estados Unidos, Japão e países da União Européia: esse comprador realiza pedidos para um fornecedor (em um dos Tigres Asiáticos, ou nos países da Europa oriental ou no México, por exemplo) e, esse fornecedor, repassa a produção para firmas em países ainda mais baratos em termos de força de trabalho (ex. Vietnã, Indonésia, China e países da América Central) e, a partir daí, as roupas e produtos têxteis são novamente transportadas para os grandes compradores nos países desenvolvidos.

[28] Criada em 1948 pelo Conselho Econômico das Nações Unidas (ONU), acabou por se constituir em importante reduto do pensamento desenvolvimentista latino americano. Destacando-se entre seus membros Celso Furtado e Raul Prebish.

[29] Note-se que o "subdesenvolvimento" seria, na perspectiva de Furtado (1975), um processo econômico autônomo e não uma etapa pela qual já teriam passado as economias, agora, consideradas "desenvolvidas".

socioeconômicas duais ou heterogêneas [30] : as estruturas modernas associadas às reminiscências da forma de organização das atividades consideradas "tradicionais", geralmente representada pelas atividades de subsistência. Para os cepalinos, as estruturas duais aportariam impedimentos estruturais para o desenvolvimento econômico das economias consideradas "subdesenvolvidas" e que deveriam ser superados: para que o "moderno" avançasse, o "atrasado" deveria ser eliminado[31]. Tratava-se, portanto, de buscar atingir os mesmos padrões de desenvolvimento das economias centrais, mas o caminho não poderia ser a simples tentativa de imitação de suas trajetórias. Para esses intelectuais, era preciso buscar outras veredas, tendo em vista as especificidades latino-americanas.

Durante as décadas de 1960 e 1970, o debate latino-americano sobre essa questão sofreu importantes inflexões, com a formulação de uma crítica marxista a essa perspectiva, tendo em vista as ditaduras políticas do período e os novos desafios da consolidação do processo de industrialização e constituição de um mercado consumidor interno – que se constituiu em alguns países da América Latina e Central, entre as décadas de 1950 e 1960, destacando-se, de acordo com Cano (2002), principalmente, o Brasil, o México e a Argentina[32].

Nessa crítica marxista, destaca-se a centralidade que adquire a emergência, nas metrópoles latino-americanas, de um contingente crescente de pessoas sem trabalho – que passou a ser denominado, pela maioria dos autores, de "massa marginal" – e que, ao contrário do clássico "exército industrial de reserva", tematizado por Marx no século XIX, não tem mais possibilidades de inserção no âmbito mais desenvolvido da esfera produtiva, restando a disputa por postos de trabalho nos setores menos produtivos, geralmente, nos

[30] "Essa concepção sustenta que a economia mundial está composta por dois polos: o centro e a periferia, cujas estruturas produtivas diferem de um modo substancial. A estrutura produtiva da periferia é chamada de heterogênea, para que assim seja indicado que nelas coexistem atividades onde a produtividade do trabalho é elevada, como no setor exportador, com outras de produtividade reduzida, como na agricultura de subsistência" (RODRIGUES, 1981:233).

[31] "A expansão da influência econômica europeia traduziu-se, quase sempre, na formação de economias dualistas em que um núcleo capitalista passava a coexistir, pacificamente, com uma estrutura pré capitalista. Na verdade, sempre que o núcleo capitalista existiu como uma cunha controlada de fora, pouco se modificaram as estruturas" (FURTADO, 1975:191).

[32] Em torno deste debate floresceram as principais análises contemporâneas sobre a realidade latino-americana de viés marxista. Cf. QUIJANO, S/D; NUM, 1969, CARDOSO E FALETTO, 1970.

setores informais da economia[33]. No Brasil, mais especificamente, a partir da década de 1970, principalmente – em meio a um processo intenso de desenvolvimento industrial e urbano – a pobreza nos grandes centros urbanos tendeu a se elevar, "destacando-se a conformação de extensos bolsões de miséria nas metrópoles" (BALTAR, DEDECCA & HENRIQUE, 1996)[34].

A pobreza urbana é, de acordo com os autores, diferente da pobreza rural que, até então, predominava. Nesse caso, trata-se de uma pobreza vinculada a não realização, pelo mercado de trabalho, das condições pressupostas no ambiente urbano industrial. Dessa forma, entre outras coisas, a crescente concentração de renda – vinculada a forma de desenvolvimento industrial do regime autoritário[35] – configurou, nesses centros urbanos industriais, como a cidade de São Paulo, que recebiam amplos contingentes populacionais provenientes do êxodo rural do período, um quadro no qual conviviam: por um lado, um sistema de assalariamento e formalização das relações contratuais (principalmente no emprego público e nas grandes empresas privadas) em relativa ampliação. E, por outro lado, formas precárias de inserção no mercado de trabalho, verificando-se um aumento ponderável dos "trabalhadores por conta própria" e dos "assalariados sem carteira de trabalho", em ocupações cada vez mais sem continuidade e regularidade[36].

[33] É interessante notar, que as cidades africanas passavam por processos semelhantes e paralelamente a este debate latino-americano, durante a década de 1970, a questão da "informalidade" passava a ser problematizada no interior dos estudos sobre o mercado de trabalho de economias urbanas de cidades africanas. De acordo com Sassen-Koob e Portes (1987), inclusive, o conceito de informalidade foi cunhado oficialmente pela primeira vez para a descrição do mercado de trabalho em Gana, em 1973, em um estudo do International Labor Office (ILO). Depois, foi usado em pesquisas desta mesma organização sobre outras cidades africanas e adotado pelos estudos do Banco Mundial sobre urbanização e pobreza.

[34] Apesar da diversidade de configurações que o desenvolvimento econômico produziu nas diferentes regiões do país, o nosso interesse é destacar a situações dos grandes centros urbanos industriais.

[35] Apesar de verificar-se um aumento nos gastos sociais e unificação do sistema previdenciário, o desenvolvimento industrial do período autoritário reiterava uma crescente incapacidade em dirimir os males causados por um processo de industrialização impulsionado pelo capital internacional e cuja lógica de desenvolvimento, baseada na importação de tecnologia, excluía, antes mesmo de chegar a inserir, uma grande parte da população, num contexto urbano ainda bastante incipiente, de acordo com Baltar, Deddeca e Henrique (19996).

[36] "Não se estabeleceram assim as condições necessárias para deflagrar interações favoráveis à elevação do poder de compra dos salários no âmbito da dinâmica do mercado de trabalho propriamente dito. Isto também não ocorreu através das instituições que regulam o mercado de trabalho" (BALTAR, DEDECCA & HENRIQUE, 1996: 11).

Tendo em vista esses desdobramentos do desenvolvimento industrial no Brasil, Oliveira (2003) propõe, no polo oposto das formulações cepalinas clássicas, que tais setores considerados "arcaicos" – o que, nesse momento, significava mais do que as simples atividades de subsistência, os setores informais da economia urbana descritos acima – ao invés de impedirem o desenvolvimento dos setores "modernos", seriam seus impulsionadores. O autor, portanto, reestrutura a questão posta pelo pensamento cepalino da relação externa/analítica entre o moderno e o arcaico, interpretando-a como uma relação dialética interna, na qual "a introdução das relações novas no arcaico libera força de trabalho", enquanto que a manutenção de relações arcaicas "*preserva* o potencial de acumulação liberado *exclusivamente* para fins de expansão do próprio *novo*"(OLIVEIRA, 2003: 60)[37].

Portanto, essa forma de organização da economia urbana, que se anunciava na década de 1970, com um amplo setor de serviços informal, seria "parte do modo de acumulação urbano adequado à expansão do sistema capitalista no Brasil" (OLIVEIRA, 2003:54 – 55), cujo setor de serviços de apoio ao desenvolvimento industrial não poderia assumir um papel concorrencial em relação à indústria nascente, que já carecia de uma acumulação prévia. E esse setor, teria seu crescimento calcado na abundância de força de trabalho e numa ausência de capitalização[38].

A década de 1980, caracterizada pelo fim do recebimento dos auxílios, principalmente, norte-americanos, marcaria o início de um processo crescente de estagnação econômica e aceleração inflacionária, a despeito de pequenos momentos de recuperação econômica (como ocorre entre 1984-86). Nesse momento, de acordo com Baltar, Dedecca e Henrique (1996), inicia-se a gestação de outro padrão de geração de emprego e renda – tendo em vista, especialmente, a metrópole paulistana – cada vez menos

[37] "A 'especificidade particular' de um tal modelo consistiria em reproduzir e criar uma larga 'periferia' onde predominam padrões não-capitalísticos de relações de produção, como forma e meio de sustentação e alimentação do crescimento dos setores estratégicos nitidamente capitalistas, que são a longo prazo a garantia das estruturas de dominação e reprodução do sistema" (OLIVEIRA, 2003: 69).

[38] "... a aparência de 'inchação' esconde um mecanismo fundamental de acumulação: os serviços realizados à base de pura força de trabalho, que é remunerada a níveis baixíssimos, transferem, permanentemente, para as atividades econômicas de corte capitalista, uma fração de seu valor, 'mais-valia' em síntese" (OLIVEIRA, 2003: 57).

dependente do núcleo produtivo industrial, com o aumento do dinamismo ocupacional no setor terciário e de serviços[39], conjugado a um aumento de tipos de emprego sem contrato de trabalho garantido pelos direitos trabalhistas e sociais (devido a uma diminuição dos empregos formais nas empresas privadas e ao aumento dos pequenos negócios). No caso brasileiro, a década de 1990 demarca algumas especificidades na forma de manifestação do desemprego e do setor informal, que levou a consideração da existência de fenômenos novos impulsionados pelas novas configurações do capitalismo mundial em suas regiões centrais. A novidade deveu-se, em grande parte, de acordo com Baltar, Dedecca e Henrique (1996), às mudanças no cenário internacional, cujas linhas gerais foram apresentadas acima, que possibilitaram o acesso ao seu mercado financeiro, devido, principalmente, à diminuição nas taxas de juros em ambiente de grande liquidez. Portanto se, na década anterior, tratava-se de manter, a todo custo, o saldo da balança comercial favorável, com o intuito de pagar os juros da dívida – o que levava a uma política econômica bastante protecionista, para a deflagração do desenvolvimento industrial nacional direcionado para o mercado interno; nos anos 1990, as barreiras à importação foram retiradas em nome, principalmente, da modernização do setor produtivo, como parte de uma estratégia para elevar a competitividade internacional, para a redução da inflação e valorização da moeda nacional (BALTAR, DEDECCA & HENRIQUE, 1996: 17).

Em relação ao desemprego, de acordo com Baltar, Dedecca e Henrique (1996), enquanto no momento anterior, caracterizava-se por ser de "curta duração", ligado a um mercado de trabalho bastante flexível, devendo-se, em grande parte, às "flutuações econômicas" e ao "descompasso entre crescimento demográfico e geração de novas oportunidades de emprego". Contemporaneamente, a partir da década de 1990, o desemprego seria o resultado da necessidade de racionalização da produção industrial, impulsionada pela competição internacional, enquanto consequência das estratégias de desverticalização e focalização da produção industrial. Nesse novo contexto, o desemprego

[39] "De fato, a sustentação do nível de ocupação nos anos 80 dependeu muito da capacidade de absorção das atividades terciárias. Observou-se um aumento da participação do comércio e dos serviços – notadamente reparação e conservação, alojamento e alimentação, atividades sociais e também serviços de apoio à atividade econômica" (Baltar, Dedecca e Henrique, 1996: 14).

caracterizar-se-ia por ser de "longa duração", pois ele seria fruto de uma diminuição de postos de trabalho, necessária, nessas circunstâncias, para a continuação do desenvolvimento industrial e que não deve ser reposta em momentos posteriores. Situação que se soma à baixa capacidade de geração de emprego no setor terciário, em crescimento relativo, e a momentos de verdadeira estagnação econômica. Durante as décadas de 1980 e 1990, a taxa de desemprego aberto passou de 3,4% da PEA, em 1979, para 14,9%, em 1998 (POCHMANN, 2001:22).

Em relação às formas assumidas pela precarização das condições de trabalho no Brasil, especialmente, pelo *setor informal*[40] nota-se que, apesar de ser recorrente na história do desenvolvimento industrial brasileiro, mantendo-se mesmo nos momentos de ampliação do assalariamento e da formalização das relações de trabalho (na década de 1970, especialmente), nesse novo contexto, a informalidade urbana tenderia a se generalizar e a recrudescer, transformando-se em regra, inclusive, no interior dos setores mais avançados da economia, a partir da terceirização, ou mesmo de subcontratações diretas[41].

> Segundo o Programa Regional de Emprego para a América Latina e Caribe (PREALC) da OIT, o setor informal é composto por pequenas atividades urbanas, geradoras de renda, que se desenvolvem fora do âmbito normativo oficial, em mercados desregulamentados e competitivos, em que é difícil distinguir a diferença entre capital e trabalho. Estas atividades se utilizam de pouco capital, técnicas rudimentares e força de trabalho pouco qualificada, que proporciona emprego de reduzida produtividade e baixa renda. O setor também se caracteriza pela falta de acesso aos financiamentos e créditos normalmente disponíveis ao setor formal e pela baixa capacidade de acumulação de capital e riqueza (JAKOBSEN, 2001:13 – 14).

De acordo com Jakobsen e Pochmann (2001), o tipo de aumento vislumbrado no setor informal, ao longo das décadas de 1980 e 1990, indicaria um processo crescente de

[40] O setor informal definido, de acordo com o PREALC, um programa latino-americano da Organização Internacional do Trabalho (OIT), a partir do tipo de unidade produtiva na qual os trabalhadores se inserem, conforme citação abaixo.

[41] "Esta precarização decorre de uma não formalização dos novos vínculos empregatícios e de seus baixos níveis de renda. Portanto, a nova dinâmica econômica, ao trocar empregos industriais e de serviços formalizados por empregos não formalizados permitirá a consolidação de uma nova forma de exclusão social no país que tornará ainda mais grave a situação de pobreza no país" (BALTAR, DEDECCA & HENRIQUE, 1996:26).

substituição do trabalho formal pelo informal, com a população economicamente ativa aumentando em ritmo muito mais rápido do que os contratos formais de trabalho[42]. O que se percebe também nas taxas de assalariamento[43], citadas por Pochmann (2001), e que apresentam um decréscimo de 17,8%, entre 1989 e 1998. Ao longo da década de 1990, tendo em vista a Pesquisa Mensal do Emprego, PME do IBGE, Jakobsen (2001:15 – 16) aponta um crescimento do setor informal na faixa dos 22%, nas seis principais regiões metropolitanas do país (Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife e Salvador), levando a uma situação na qual, praticamente, metade dos ocupados dessas regiões estaria inserida no setor informal – ou como "empregado sem carteira assinada" ou "trabalhador por conta própria".

Além dessa generalização do setor informal, não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina[44], os dados recolhidos pelo "Mapa do Trabalho Informal"[45] na cidade de São Paulo indicam uma tendência de precarização crescente das condições socioeconômicas dos trabalhadores desse setor, em que não se vislumbrariam mais situações, como nos áureos momentos do desenvolvimento industrial brasileiro, em que "alguns proprietários de atividades informais recebiam uma renda superior, em média, à dos trabalhadores do setor formal" (JAKOBSEN, 2001:15).

> O trabalho informal no município de São Paulo está presente em todos os setores da atividade econômica. (...). O rendimento médio do trabalho informal é baixo. Ainda que ostente uma grande diferenciação interna, a maioria dos trabalhadores possui um rendimento mensal médio igual ou inferior a três salários mínimos

[42] "Segundo o PREALC (Programa Regional de Emprego para a América Latina e Caribe), o percentual de trabalhadores informais no Brasil em 1980 era de 24% da População Economicamente Ativa (PEA), contra 28,8% em 1990. Segundo a RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) de 1981, o número absoluto de trabalhadores formais atingiu o montante de 22,2 milhões de trabalhadores, equivalentes a 49% da PEA daquele ano, aproximando-se do número absoluto de 1998 (22,3 milhões projeção sobre a RAIS de 1996), porém, nesse caso, equivalente a apenas 29% da PEA" (JAKOBSEN, 2001:15).

[43] Relação entre o total de assalariados e o contingente de ocupados.

[44] De acordo com Jakobsen (2001), em pesquisa divulgada pela OIT, entre 1986 e 1996, a cada 100 novas ocupações criadas na América Latina, 80 eram informais.

[45] Nesse "Mapa do Trabalho Informal, assumiu-se a definição de informalidade da OIT, a partir do PREALC, citada acima, em que a atividade informal é definida a partir da unidade produtiva considerando-se "informal", portanto, não apenas os "assalariados sem carteira de trabalho assinada", mas também os assalariados (com ou sem carteira) em empresas com até 5 empregados, empregadores em empresas de até 5 empregados, donos de negócio familiar, autônomos, empregados domésticos e trabalhadores familiares.

> (base 1998), em jornadas semanais médias de 43 horas. O setor informal é caracterizado, ainda, pelo baixo tempo de permanência no trabalho por parte dos trabalhadores, indicando que a incerteza é uma das marcas mais fortes do setor (MARTINS, R. & DOMBROWSKI, 2001:24).

Embora considere o setor informal um reflexo das atividades econômicas de uma parcela excedente da força de trabalho, Pochmann (2001) admite a emergência de uma informalidade muito próxima àquela definida por Sassen-Koob e Portes, como produto dos processos de reestruturação produtiva e terceirização da produção, e que passaria, da mesma forma, para o centro do sistema produtivo, diferentemente de boa parte das atividades definidas como informais ou pertencentes ao setor "não organizado" do mercado de trabalho:

> A terceirização e subcontratação de mão-de-obra, a organização em redes de produção, a externalização de partes do processo produtivo contribuem para a simplificação de tarefas e ocupações que anteriormente encontravam-se presentes no interior da grande empresa. Com isso ganharam dimensão as ocupações ligadas diretamente a esse tipo de empresa, alterando um pouco as características do segmento não organizacional. Dessa forma, chega-se a uma quinta consideração: no interior do excedente de mão-de-obra podem ser encontradas, mais recentemente, as ocupações vinculadas diretamente ao processo capitalista de produção, especialmente, à grande empresa. Com isso o segmento não-organizado poderia estar produzindo e reproduzindo não apenas formas ocupacionais do capitalismo primitivo, mas também vagas acionadas pelas grandes empresas (POCHMANN, 2001:20).

De todo modo, para Pochmann, estaríamos apenas diante de uma variação de um fenômeno que faria parte da dinâmica intrínseca do sistema capitalista de produção: a de conformação de uma "população relativamente excedente" de força de trabalho, a "massa marginal", detectada nos anos 1960 e 1970. Esse tipo específico da "população relativamente excedente"[46], a "população estagnada", de acordo com Singer (2001), faria

[46] "Por que relativamente excedente? Porque ela excede momentaneamente as necessidades do capital, ou seja, a procura por mão-de-obra das empresas. Mas ela de modo algum é excedente, no sentido de redundante, de desnecessária à economia como um todo, inclusive ao modo de produção capitalista. Este, para poder pagar salários compatíveis com a valorização do capital, precisa poder dispor de uma massa de trabalhadores que esteja sendo demitida por algumas empresas e admitida por outras" (SINGER, 2001:11). Essa população relativamente excedente seria composta por 3 partes, de acordo com Marx, no Capital: excedente líquida (que

parte do exército ativo sendo influenciada pela dinâmica da reprodução do capital, mas com pouco influência sobre ela – pois não estaria na disputa por postos de trabalho como a "população líquida", que seria o clássico "exército industrial de reserva"[47].

> Seu padrão de vida cai abaixo do nível normal da classe trabalhadora e é exatamente isso que a torna uma ampla base para ramos específicos de exploração do capital. Caracterizam-na o máximo de tempo de trabalho e o mínimo de salário (...). A grande maioria dos informais exerce atividades precárias, quase todas sujeitas a repressão policial, o que torna os ganhos extremamente instáveis e incertos (SINGER, 2001, 11).

Para a indústria de confecção brasileira, a abertura comercial dos anos 1990, em um ambiente de aguda crise econômica, além de provocar, inicialmente, a diminuição da atividade, incentivou um processo de reestruturação produtiva, lento e heterogêneo, que, na etapa da costura, propriamente, passou a basear-se na terceirização por meio da subcontratação de oficinas de costura e do uso do trabalho a domicílio em desenhos produtivos variados (ARAÚJO &AMORIN. 2001:277-78). Da perspectiva do trabalho, realizado, no Brasil, primordialmente, pela força de trabalho feminina, esses processos se refletiram na precarização de suas condições de trabalho concomitante a processos de informalização da força de trabalho que anteriormente fazia parte do mercado de trabalho formal ou mesmo a processos estabelecimento de novas formas "formais" de organização do trabalho que passaram a promover, igualmente, sua precarização, como, por exemplo, o estabelecimento de cooperativas de produção (LIMA,2002).

Nesse contexto, as condições de trabalho e de instalação dos imigrantes bolivianos e bolivianas na indústria de confecção paulistana passaram a constituir um exemplo paradigmático dos processos de precarização do trabalho em curso nessa indústria

---

pode ser mobilizada a qualquer momento), latente (formada pelos moradores do campo prestes a serem expulsos) e a estagnada (exército ativo, ocupado em atividades irregulares).

[47] "Enquanto o segmento de trabalhadores na condição de desemprego aberto faz diretamente parte da concorrência no mercado de trabalho, disputando vagas e, com isso, impondo resistências maiores à elevação salarial e à melhoria das condições de trabalho, o segmento não organizado do mercado de trabalho termina por não interferir direta e sistematicamente no acirramento da competição entre os trabalhadores pelo acesso a vagas. Suas estratégias de sobrevivência ainda que rudimentares evitam que recorrentemente este segmento tenha que depender exclusivamente da venda de sua força de trabalho" (POCHMANN, 2001:20).

no contexto da abertura econômica dos anos 1990 (AZEVEDO, 2005 FREIRE, 2008, RIZEK, GEORGES & SILVA, 2010). Seja como representantes da nova informalidade globalizada no bojo do advento das redes de comércio varejista multinacionais; seja como representantes do recrudescimento da velha informalidade em tempos de reestruturação produtiva da indústria de confecção nacional.

De maneira geral, considera-se que esses trabalhadores e trabalhadoras imigrantes localizar-se-iam nas pontas finais de cadeias produtivas estabelecidas por meio de processos de terceirização/quarteirização da produção, juntando-se, em condições muito mais precarizadas, às costureiras brasileiras[48]. O recrudescimento da precarização desses imigrantes relativamente às costureiras brasileiras, que os lançaria aos trabalhos recusados por essas últimas ou, ainda, aos "ateliês de fim de linha", dever-se-ia ao acúmulo de vulnerabilidades a que estão sujeitos por serem imigrantes, em grande medida, ilegais e sem o domínio da língua portuguesa. Vulnerabilidades que os transformariam em trabalhadores frágeis e submissos que, diante de circunstâncias ainda mais precárias em seu país de origem, aceitam ou são obrigados a aceitar condições de trabalho análogas à escravidão, inserindo-se, atualmente, em circuitos de subcontratação de dimensões transnacionais, por meio dos quais se daria o tráfico de pessoas, desde a Bolívia, a partir de agenciadores clandestinos ou no âmbito das relações familiares.

Conquanto seja inegável a reestruturação produtiva da indústria da confecção no contexto contemporâneo e a existência de situações de confinamento e submissão de imigrantes bolivianos a situações análogas à escravidão, argumentaremos que os processos envolvidos na formação e reprodução desses circuitos de subcontratação são muito mais complexos e ambivalentes. Enquanto, da perspectiva subjetiva desses bolivianos e bolivianas, parece pouco provável que seja possível manter um fluxo continuo de imigrantes em direção, de maneira unívoca, à exploração e aos maus tratos nas sociedades de destino, ao longo de mais de 30 anos, em um contexto marcado pela existência redes de

[48] Sendo uma parte dessas costureiras, as antigas operárias das fábricas reestruturadas que, agora, voltam ao trabalho domiciliar ou em pequenas cooperativas para receber não mais salários formais, mas pagamentos pontuais por encomendas.

informação e de sociabilidade densas e diversificadas entre origens e destinos; da perspectiva dos processos de reestruturação produtiva, consideramos que a própria heterogeneidade e flexibilidade inerente a essa indústria urbana desde os seus primórdios, no século XIX, impõe a necessidade de considerar, de maneira mais específica, em quais estruturas produtivas e de quais maneiras se inserem esses migrantes, no âmbito dos processos mais amplos de reestruturação produtiva.

Nesse sentido, argumentaremos, ao longo da tese, que, embora os imigrantes bolivianos e bolivianas estejam submetidos, atualmente, na indústria de confecção da cidade de São Paulo, a condições de trabalho aparentemente similares ou mais precárias do que aquelas vivenciadas pelas costureiras brasileiras após a reestruturação produtiva empreendida ao longo dos anos 1990, os processos que explicam essa inserção boliviana, a forma de se inserirem e de circularem por entre as oficinas de costura dessa indústria e as próprias oficinas de costura nas quais trabalham não se assemelham às circunstâncias nas quais se inserem as costureiras brasileiras na mesma cidade no período pós reestruturação produtiva. Partiremos da hipótese de que essas bolivianas e bolivianos conformaram, ao longo dos últimos 30 anos, um mercado de trabalho paralelo, com territorialidades e formas de funcionamento próprias. E para perscrutá-lo propomos a mobilização dos aportes teóricos e conceituais estabelecidos pela sociologia urbana sobre as territorialidades e estruturas econômicas das populações migrantes nas cidades de destino.

## 1.2) DO GUETO AO TERRITÓRIO CIRCULATÓRIO – O DEBATE CONTEMPORÂNEO SOBRE A INSERÇÃO SOCIOECONÔMICA E SÓCIO ESPACIAL DOS NOVOS FLUXOS MIGRATÓRIOS

> Nossas grandes cidades se transformam, sob análise, em um mosaico de populações segregadas – diferenciando-se por raça, cultura, ou simplesmente por culto – cada uma buscando preservar suas formas culturais peculiares e manter suas concepções individuais e únicas da vida. Cada um desses grupos segregados busca inevitavelmente, a fim de manter a integridade da vida de seu próprio grupo, impor a seus membros alguma forma de isolamento moral. Na medida em que a segregação se torna um meio para esse fim, cada povo e cada grupo cultural está apto a criar e manter seu próprio gueto. Nesse sentido, o gueto se transforma no símbolo material desta forma de isolamento moral que os "assimilacionistas", como são chamados, buscam romper (PARK, R in WIRTH, 1964:vii, tradução própria).

> Encontramos, preferencialmente, indivíduos capazes de serem daqui e de lá ao mesmo tempo, diferentemente das descrições de Park, capazes de entrar momentaneamente ou duravelmente em universos de normas que lhe são estrangeiras sem, por isso, deixar as suas próprias. Nós nos aproximamos de uma sociologia ou antropologia das viagens, das entradas e saídas, dos cruzamentos, que assinalam a aparição de outras sociabilidades, diferentes daquelas sugeridas pelas problemáticas das lentas e longas inserções (TARRIUS, 2005:30, tradução própria).

O debate sociológico sobre a inserção de grupos de imigrantes nas grandes cidades, tendo em vista suas dimensões socioculturais e espaciais, inicia, formalmente, entre fins do século XIX e meados do século XX, no contexto norte-americano, no bojo dos estudos urbanos inaugurados pela Escola de Chicago (COULON,1995:8). Naquele momento de intenso crescimento da economia norte-americana e recebimento de importantes fluxos migratórios internacionais[49], Chicago representava, conforme destaca Hannerz (1980:20), um dos seus mais pujantes e desenvolvidos centros urbanos, além de ser a principal via de passagem para a conquista do oeste norte-americano e destino de muitos dos fluxos migratórios provenientes da Europa.

A cidade começava a ser abordada, por esses pesquisadores, a partir de uma perspectiva, relativamente, inovadora. Conforme argumentam Joseph e Grafmeyer (2009: 8-9), ao invés das análises tradicionais do espaço urbano – que, no final do século XIX, ocupavam toda a literatura americana, expressas nas "histórias das cidades" – que abordavam a cidade como artefato político, cuja gênese, causalidade histórica exterior, deveria ser buscada; os pesquisadores da Escola de Chicago propunham uma perspectiva mais "naturalista" e interessada tanto nos aspectos estáticos, nas regularidades e nas dinâmicas constituídas no interior do meio urbano, quanto nos tipos de comportamento humano emergentes nesse contexto.

Para os pesquisadores de Chicago, a cidade constituía uma espécie de "laboratório social", ideal para a observação dos fenômenos de mudança social em curso, no início do século XX, nos Estados Unidos, provocados pela consolidação da economia de mercado e pelo recrudescimento da divisão do trabalho, pois a cidade intensificava e recrudescia as novas tendências, que encontravam, no meio urbano, seu local privilegiado de desenvolvimento[50], conforme sugere um ensaio clássico de Robert Ezra Park, publicado em 1929, "The city as a social laboratory", em um livro organizado por Smith e White,

[49] De acordo com Morawaska (1990: 187), entre 1820 e 1940, aproximadamente quarto milhões de pessoas entraram nos Estados Unidos. E nas quatro décadas desde o início da Segunda Guerra Mundial, chegaram cerca de 15 milhões.

[50] A ideia da "cidade como laboratório", formulada, primeiramente, no clássico texto de Robert Park, XXX, era corrente no meio acadêmico no início dos estudos urbanos da Escola de Chicago.

chamado "An experiment in social science research"[51]. O meio urbano – caracterizado em oposição ao campo, a partir de seus atributos de tamanho, densidade e heterogeneidade[52] – é percebido como um fator interferente na capacidade cognitiva e psíquica dos indivíduos e em suas dinâmicas de sociabilidade, em relações de causa e consequência recíprocas com o desenvolvimento e consolidação da economia de mercado.

Em termos cognitivos e psíquicos, o indivíduo citadino tenderia a uma racionalização generalizada das relações interpessoais refletida "na precisão nas relações com os elementos da vida, segurança na determinação das igualdades e desigualdades, clareza absoluta nos acordos e convenções" (SIMMEL, 2009:65, tradução própria).

> "O espírito moderno tornou-se cada vez mais calculador. A exatidão calculada da vida prática que a economia monetária aportou a ele está em conformidade com o ideal da ciência: transformar o mundo em um problema de aritmética, fixando cada parte em fórmulas matemáticas (…) *Precisão na consideração dos elementos da vida, certeza na determinação das equivalências e desigualdades, clareza absoluta nos acordos e convenções* são resultado da natureza aritmética do dinheiro, precisão que se manifesta exteriormente na propagação dos relógios de bolso. Entretanto, as condições da grande cidade são ao mesmo tempo causa e consequência desse traço característico. (…) a agregação de um grande número de homens com interesses diferenciados faz com que suas relações e colaborações constituam um organismo bastante complexo que, sem a pontualidade a mais exata nos engajamento e nos seus efeitos, tudo se colapsaria em um caos inextricável (SIMMEL, 2009:65, grifos e tradução próprios).

No movimento de racionalização inerente à experiência urbana moderna, Simmel considera, a partir de sua experiência urbana em Berlim, em um ensaio clássico, de

[51] A edição utilizada desse texto e de outros da Escola de Chicago é uma tradução para o francês, "La ville comme laboratoire social », que se encontra em uma coletânea organizada por dois pesquisadores, Isaac Joseph e Yves Grafemeyer. Esses pesquisadores foram um dos grandes incentivadores da inserção dessa perspectiva "micro – social" do fenômeno urbano, a partir dos anos de 1980, no ambiente intelectual francês, dominado, até então, pelas análises histórico-estruturais, influenciando um grupo heterogêneo de sociólogos/antropólogos/geógrafos franceses, que passaram a utilizar essas traduções. A escolha pela utilização dessa coletânea deve-se ao fato de ter chegado a esses autores, durante estágio de pesquisa, no laboratório Migrinter, em Poitiers, na França, constituindo-se, inicialmente, como uma forma de compreender melhor os autores franceses.

[52] De acordo com um ensaio clássico de Louis Wirth escrito em 1938, "Urbanism as a wayoflife", consultado na coletânea de Yves Grafmeyer e Isaac Joseph (2009) – "A partir de uma perspectiva sociológica, a cidade pode ser definida como um estabelecimento relativamente importante, denso e permanente de indivíduos socialmente heterogêneos" (WIRTH, 2009:262, tradução própria).

1903, "A metrópole e a vida mental", que a cidade seria o local de desenvolvimento e, consequente, tensão entre dois tipos de individualismo – emergentes, a princípio, nos séculos XVIII e XIX, no âmbito do iluminismo e do romantismo, respectivamente – que opõem a ideia de liberdade do homem em sua *universalidade* à ideia de conformação de *particularidades* insubstituíveis [53] . Essa ambivalência, constitutiva da cidade contemporânea, desdobra-se em oposições correlacionadas, tais como a que se estabelece entre a interdependência, por meio da contribuição específica de cada um, nos processos de divisão do trabalho e a racionalidade formal, do "valor de troca" que, diferentemente do "valor de uso", passa a diferenciar as coisas/indivíduos de acordo com critérios exteriores e abstratos ou, ainda, "universais".

Em suas relações com a cidade – caracterizada por intensificar a emergência de estímulos nervosos, muitas vezes divergentes, dadas a sua densidade e fragmentação resultante do recrudescimento da divisão do trabalho – o típico citadino desenvolveria uma atitude "blasé" e uma postura mental de "reserva". Enquanto, por um lado, a "atitude blasé" refere-se ao estabelecimento de uma relação mediada com o meio urbano, de adaptação, em que boa parte dos impulsos externos deixam de ser conscientemente percebidos; por outro, a atitude mental da "reserva" repõe, no âmbito da consciência psíquica, a distância necessária para que seja possível circular e realizar atividades com muitas pessoas cotidianamente.

E as relações de sociabilidade no meio urbano caracterizar-se-iam pela superficialidade inerente aos contatos secundários, diferentemente das relações de parentesco e de vinculação total dos meios tradicionais, em geral, rurais. O meio social interdependente e segmentado do mundo urbano, impele os indivíduos a entrar em contato com um número muito maior de pessoas para que consigam reproduzir a vida social, esses

[53] "O século XVIII encontrou o indivíduo aprisionado por laços de ordem política e agrária, corporativa e religiosa, que foram violentos com ele e perderam todo o sentido. (…) Foi nessa situação que nasceu o apelo à liberdade e à igualdade. (…) Além desse ideal do liberalismo, graças à Goethe e aos românticos, por um lado, à divisão do trabalho econômico, por outro lado, outro ideal se forma no século XIX: libertados de seus vínculos históricos, os indivíduos também querem, agora, se diferenciar uns dos outros. (…) é por meio do conflito e dos entrelaçamentos cambiantes desses dois modos de determinação do papel do sujeito na coletividade que se desenvolve a história interna e externa dos nossos tempos" (SIMMEL, 2009:76, tradução própria).

contatos são, em sua maioria, efêmeros e referentes a apenas uma das inúmeras dimensões da vida pessoal dos indivíduos.

> Os cidadãos se encontram em papéis fortemente segmentados. Eles dependem certamente de mais pessoas do que os que vivem na zona rural para satisfazer suas necessidades vitais e são, portanto, associados a mais grupos organizados, mas são menos dependentes de pessoas particulares e sua dependência em relação aos outros é limitada a um aspecto muito compartimentado do sistema de atividades dos outros. É isto essencialmente o que significa dizer que a cidade é caracterizada por contatos secundários ao invés de primários. Os contatos na cidade podem efetivamente ser face-a-face, mas eles são, não obstante, superficiais, efêmeros e segmentados. A *reserva*, a *indiferença* e a *atitude blasé*[54] que os cidadãos manifestam podem, portanto, ser consideradas como dispositivos de imunização contra as reivindicações pessoais e as expectativas da parte dos outros (WIRTH, 2009:267, tradução própria, grifos próprios).

A cidade emergia, portanto, como o lugar da tensão entre a proximidade física e a distância moral, que levaria à generalização dos contatos secundários, configurando uma experiência superficial, anônima e efêmera concomitante a uma espécie de racionalização das relações sociais como um todo.

Na avaliação de Simmel e dos pesquisadores da Escola de Chicago, o cidadão urbano e as relações sociais que ele estabelece com os outros cidadãos e com o meio urbano refletem uma forma de organização social considerada como mais desenvolvida que a organização social tradicional, baseada na formação de grupos "relativamente pequenos, solidamente fechados contra os vizinhos e os estrangeiros" (SIMMEL, 2009:68). O avanço diz respeito à liberdade possível: enquanto, no caso das sociedades tradicionais, a coesão baseia-se sobre o domínio de, praticamente, todos os âmbitos da vida, deixando pouco espaço para o exercício da liberdade individual[55]; no caso das sociedades urbanas

[54] Note-se, de todo modo, que essa "reserva" não seria uma reação, apenas, de indiferença, mas também refletiria "uma leve aversão, um estranhamento mútuo, uma repulsão compartilhada" (SIMMEL, 2009:68) – sendo, justamente, essa "reserva" expressa na "indiferença", no momento de latência da repulsão mútua, que impediria o conflito aberto entre diferentes".

[55] Conforme descreve Simmel, a sociedade tradicional "não pode conceder ao indivíduo nem liberdade e nem particularidade interiormente, nem desenvolvimento, externamente (…) Quanto menor é o círculo que forma nosso meio, mais as relações sem fronteiras com os outros são limitadas" (SIMMEL, 2009:69 - 70).

emergentes, a divisão social do trabalho faz com que a liberdade e a particularidade dos indivíduos seja incentivada.

> "Na medida em que o grupo cresce – numericamente, espacialmente, em significação e em conteúdo de vida – ; na medida em que, desse fato, sua unidade interna imediata se distende, a força da demarcação original em relação aos outros é embotada pelas relações de troca e pelas conexões, ao mesmo tempo, o indivíduo ganha em liberdade de movimento (…) ele ganha também uma individualidade e uma particularidade que a divisão do trabalho no grupo ampliado torna possíveis e necessárias" (SIMMEL, 2009:69, tradução própria).

A liberdade universal de afirmação das particularidades individuais e/ou coletivas que, nesse contexto analítico, é identificada com o avanço irreversível da civilização – circunstâncias que não produzem, necessariamente, maior bem estar psíquico[56] – reflete-se na constituição, de acordo com Simmel, de modos de vida próprios, que podem coabitar o mesmo meio urbano, mesmo sendo diferentes ou, ainda, opostos, justamente, devido ao desenvolvimento dessas capacidades específicas de interação.

E seriam justamente as segmentações urbanas refletidas nesses modos de vida próprios o foco dos estudos da Escola de Chicago, conforme propõe Robert Park, em um ensaio fundador de um programa de pesquisa sobre a cidade de Chicago, chamado The city: suggestions for t*he investigation of human behavior in the urban environment*"[57], em que o autor propõe, justamente, o estudo dessas segmentações, tanto em suas especificidades, quanto em suas conexões com as outras áreas, comunidades e/ou instituições da cidade.

Entre as configurações dinamizadoras desses processos de segmentação, Park destaca, além da *divisão do trabalho* – considerada, por Simmel, uma das principais características diferenciadoras do meio urbano contemporâneo–; uma tendência do meio urbano para formar as denominadas *"áreas naturais"*. Dessa forma, enquanto, da

[56] "(…) se ocorre que não nos sintamos em parte alguma tão sós e abandonados como nos sentimos no meio da multidão na grande cidade, trata-se apenas do reverso dessa liberdade: de fato, aqui como em outros lugares, não é necessário que a liberdade do homem se traduza em sua vida afetiva pelo bem estar" (SIMMEL, 2009:71, tradução própria).

[57] Esse ensaio foi publicado, originalmente, em 1925, em um livro elaborado por Park, Burguess e Mckenzie, chamado "The City". A versão consultada foi a tradução para o francês, "Propositions de Recher chesurle comportement humain en milieu urbain".

perspectiva da divisão do trabalho, considera-se a formação de "*mundos profissionais*" que, ao invés de basearem-se em laços de confiança e de parentesco, desenvolveram uma racionalização específica relativa a papéis, procedimentos e deveres; da perspectiva da tendência natural de segmentação do meio urbano, considera-se a formação de "*áreas naturais*", que aglutinam pessoas em torno de uma mesma atividade e/ou interesse.

> "É inevitável que os indivíduos em busca das mesmas emoções, que seja de um curso de cabeleireiro ou de uma apresentação de ópera, encontrem-se, de tempos em tempos, nos mesmos lugares. De forma que na organização espontânea da vida urbana, a população tende, por ela mesma, à segregação, não apenas em função dos seus interesses, mas também em função dos seus gostos e dos seus temperamentos. A repartição da população resultante [dessa segregação espontânea] corre o risco de ser, completamente, diferente daquela produzida pelos interesses econômicos e profissionais" (PARK, R, 2009:127, tradução própria).

O conceito de "áreas naturais" integra uma perspectiva analítica denominada "ecologia humana", proposta pelos pesquisadores da primeira geração da Escola de Chicago, tais como Park e Roderick Mackenzie, para investigar o meio urbano. De acordo com Park, a "ecologia humana" se inspira em um estudo de Eugenius Warming, sobre a ecologia do mundo vegetal, intitulado *Plant Comunities*, que analisou os processos de desenvolvimento de grupos permanentes de plantas, as chamadas "comunidades de plantas" – "Elas começam a existir, gradualmente, passam por certas mudanças características e, finalmente, se acabam e são sucedidas por outras comunidades de um tipo muito diferente" (Park, 1926:1, tradução própria).

A ecologia humana, diferentemente da ecologia vegetal, trata da formação de comunidades humanas por meio de relações interpessoais. Essas comunidades humanas, constituídas no interior dos limites das denominadas "áreas naturais", apresentam padrões de distribuição "típicos" da população, possuindo uma morfologia que pode ser descrita por meio da consideração das "posições" assumidas por seus integrantes, uns em relação aos outros.

> "Uma das consequências do crescimento de uma comunidade é a seleção social e a segregação da população, e a criação, por um lado, de grupos sociais naturais e, por outro, de áreas sociais naturais. (…) Seleção social e segregação, que cria grupos naturais, determinam, ao mesmo tempo, as áreas naturais da cidade. (…) As áreas naturais são os habitats de grupos naturais. Cada área urbana típica é suscetível de conter uma seleção característica da população da comunidade como um todo. Nas grandes cidades, as diferenças em termos de costumes, padrões de vida e perspectivas de vida, em diferentes áreas da cidade, é sempre surpreendente" (Park, 1926:5-6, tradução própria).

Essa correlação estabelecida entre as comunidades vegetais e as comunidades humanas não impediu os autores de colocar no centro das reflexões, sobre as comunidades humanas urbanas, a "mobilidade", que seria, justamente, a principal característica diferenciadora em relação às plantas. Os indivíduos que fazem parte das comunidades humanas tem capacidade de mover-se, a partir de um cálculo anterior, tanto no interior de uma mesma comunidade, como por entre uma ou várias comunidades, estabelecendo trajetórias próprias.

> "O organismo social – e essa é uma das coisas mais fundamentais e desconcertantes sobre isso –é constituído por unidades capazes de locomoção. O fato de que cada indivíduo é capaz de se mover no espaço garante uma experiência privada e peculiar, a si mesmo, e essa experiência, que os indivíduos adquirem ao longo de suas aventuras no espaço, dá a ele, na medida em que é única, um ponto de vista para a ação independente e individual. É a possessão e a consciência de uma experiência única e sua disposição para pensar e agir nesses termos, que constitui o indivíduo, finalmente, como pessoa" (Park, 1926:9, tradução própria). (Park, 1926:9) .

E, em geral, uma parte dessas mobilidades pode representar ou refletir processos mais amplos de mudança social que são vividos pelos indivíduos em termos de "organização/desorganização" da vida, constituindo-se, portanto, em medida e forma de abordagem desses processos – "A mobilidade mede a mudança social e a desorganização social, porque a mudança social quase sempre envolve alguma mudança incidental de

posição no espaço e toda mudança social, mesmo aquelas que descrevemos como progresso, envolve algum tipo de desorganização social" (Park, 1926:7, tradução própria)[58].

Para essa primeira geração de pesquisadores influenciados por Park, o estudo dessas áreas naturais e/ou de segmentos de atividades profissionais deveria buscar compreender o seu funcionamento, suas origens e suas relações com os outros espaços da cidade. Essa forma de abordagem foi influenciada, de acordo com Tripier (1998), pelo pragmatismo, tal como desenvolvido pelo autodenominado "Clube de Metafísica de Harvard", que começou a se reunir no começo dos anos de 1870, composto por Chancey Wright, James e Pierce[59]. Esses autores propunham, em linhas gerais, trazer para o primeiro plano da análise, a *prática social efetiva* e não, como era comum no período, os valores morais e institucionais desejados[60].

A partir dessa perspectiva, foram estudados os bairros ricos e as regiões periféricas, a experiência social das prostitutas, dos usuários de drogas, dos sem-teto etc. Em boa parte desses estudos, encontra-se a ideia de tratar-se da investigação de um "mundo social" específico ou da comparação entre "mundos sociais". A metáfora descritiva dos "mundos sociais" refere-se à ideia de que, em cada um desses "mundos sociais", encontram-se formas de sociabilidade, de discurso e instituições específicos, que condicionam e são condicionados por atitudes/comportamentos dos indivíduos e que devem

[58] Note-se, conforme destaca Park que as mobilidades espaciais que são interessantes para a análise sociológica são apenas as que de fato podem ser interpretadas em termos sociais – "A mobilidade é importante como conceito sociológico somente na medida em que assegura novo contato social e a distância física é significativa para as relações sociais somente quando é possível interpretá-la em termos de distância social" (Park, 1926:8, tradução própria).

[59] Pierce formalizou os debates por meio de um livro chamado "O Pragmatismo". O pragmatismo, bem como o behaviorismo, emergem, nos Estados Unidos, no início do século XX, enquanto um desdobramento do evolucionismo (Spencer) ou darwinismo, que passou a ser integrado às ciências sociais nascente norte-americana, no ultimo quartel do século XIX, após a Guerra de Secessão, tomando lugar do mecanicismo tradicional (EUFRÁSIO, 1999:20-1). Eufrásio, também, destaca a importância, no período, do movimento filosófico do "novo realismo".

[60] Nesse sentido, destaca-se, conforme exemplifica Tripier, a publicação de um livro de Oliver Wendell Holmes, chamado "A lei comum", em 1881, que, a partir de uma demarcação da diferença entre um mundo de princípios morais e institucionais e o mundo efetivo no qual se desenvolvem as atividades humanas, propõe considerar as leis a partir da perspectiva de sua aplicação. Dessa forma, Holmes vai destacar as dimensões, por um lado, cognitivas (pois os julgamentos dependem da maneira como se realizam as interpretações das leis) e, por outro, profissionais (pois os julgamentos e, mais especificamente, a maneira como a aplicação das normas irá evoluir depende da maneira como se compõem e se recrutam esses profissionais, os juízes).

ser investigados de maneira pragmática, buscando compreender o seu funcionamento efetivo.

Nesse contexto analítico, o gueto – entendido como uma área natural dos centros urbanos que concentra comunidades de imigrantes específicas – apresenta-se como contra tendência às segmentações do mundo urbano que possibilitam uma experiência social mais diversificada e cosmopolita, promovendo justamente o seu oposto, ou seja, a efetiva segregação sócio espacial de parte da população e o recrudescimento dos contatos primários, como expressão dos antagonismos raciais e interesses de classe. Como, por exemplo, no caso das comunidades de imigrantes, os guetos, ou ainda, nas áreas de segregação, os bairros industriais e os enclaves residenciais.

> "No meio urbano, a vizinhança tende a perder uma grande parte da significação que ela tinha nas formações sociais mais simples e mais primitivas. A maior acessibilidade aos meios de transporte e de comunicação permite aos indivíduos repartir sua atenção e sua vida, ao mesmo tempo, em uma multiplicidade de mundos diferentes, tendendo a destruir a permanência e a intimidade da vizinhança. Contudo, o isolamento das colônias de imigrantes e das colônias raciais nos guetos e nas áreas de segregação tende a preservar a intimidade e a solidariedade dos grupos locais e dos grupos de vizinhança. Lá onde os indivíduos da mesma raça e da mesma profissão vivem juntos no interior dos grupos segregados o sentimento de pertencimento à vizinhança tende a se fundir com os antagonismos raciais e interesses de classe. As distâncias espaciais e afetivas se reforçam mutuamente e os efeitos da repartição local da população se combinam com os efeitos de classe e de raça na evolução da organização social. Toda a grande cidade tem suas colônias raciais (...). Toda grande cidade tem seus bairros industriais (...), seus enclaves residenciais (...) cada um deles com o tamanho e o aspecto de uma aldeia ou pequena cidade ou mesmo de uma grande cidade, inteiramente distintos, já que sua população é resultado de um processo de seleção"(PARK, 2009:92-93, tradução própria)[61].

Nessa perspectiva, o gueto seria, portanto, uma área de segregação, ou isolamento, de comunidades de imigrantes específicas no interior da cidade – uma contra-tendência em relação à tendência geral de racionalização das relações sociais e distanciamento moral. Nos estudos urbanos dos pesquisadores da Escola de Chicago, o

[61] Trecho da coletânea organizada por Grafmeyer e Joseph, do ensaio de Robert Ezra Park, "The city: suggestions for the investigation of human behavior in the urban environment" publicado no livro "The City", de Park, Burguess e Mackenzie, em 1925.

"imigrante" repunha as tensões identificadas no "estrangeiro" de Simmel, entre a proximidade e a distância, a partir de uma representação ambivalente que, ao mesmo tempo, destacava tanto o cosmopolitismo intrínseco à condição daquele que "não é nem daqui e nem de lá", por meio do conceito de "homem marginal", quanto o apego aos laços de sociabilidade primária típicos das comunidades tradicionais de onde haviam emigrado, por meio do conceito de "gueto".

Essa ambivalência do sentido da presença do imigrante no meio urbano americano – portador do cosmopolitismo e da sociedade tradicional – resolvia-se, na perspectiva de Park, na gênese processual da inserção desses representantes das sociedades tradicionais em meio urbano, por meio do "paradigma da assimilação".

No âmbito do paradigma da assimilação, Park propõe – partindo de seus estudos de "ecologia humana"[62], influenciado pela teoria da *evolução das espécies*, de Darwin[63] – uma classificação das interações sociais entre grupos diferenciados, étnica e/ou culturalmente, compartilhando os mesmos espaços/territórios, que partiria da *competição,* devido à escassez de bens materiais e de território, evoluindo para o *conflito*, e, depois, para a *acomodação recíproca,* até alcançarem, nos casos bem sucedidos, a *assimilação*[64] – estágio último, em que as diferenças desaparecem, emergindo uma cultura nova a partir da interação, o que, no caso norte-americano, expressava-se pelo conceito de *meltingpot* cultural[65] – que se constituía simbioses que evolui de um "aglomerado de comunidades diferentes".

[62] Os estudos de ecologia humana introduzem conceitos biológicos, ligados à ecologia das plantas, no estudo sociológico, tais como "dominância", "simbiose", "sucessão" e "competição" (HANNERZ, 1980:27).
[63] A *teoria da evolução* de Darwin, desenvolvida em seu livro, "A origem das espécies", publicado em 1859, baseia-se na ideia da "seleção natural" em que, partindo da escassez de recursos naturais, que permite a manutenção de um equilíbrio ecológico, cada espécie vai produzir mutações que vão garantir à uma dessas variações uma probabilidade maior de sobrevivência – tratando-se de um movimento lento e casual.
[64] A assimilação era entendida como "(...) um processo de interpenetração e fusão no qual as pessoas e os grupos adquirem as memórias, sentimentos e atitudes das outras pessoas e grupos e através da partilha de sua experiência e história são incorporadas com eles em uma vida cultural comum" (Park, R & Burgess, W apud Alba, R & Nee, V., 1997: 828, tradução própria).
[65] "(...) crença [no meltingpot] que, como no exemplo da pesquisa sobre os camponeses poloneses incita a descobrir seus dinamismos: buscar compreender como uma ordem social pode nascer de um mosaico de povos que, tendo abandonado suas relações com os países de origem e algumas de suas tradições, adquire pouco a pouco uma nova cultura que sua chega não deixa de modificar"(Tripier, 1998:24, tradução própria)

> "Dessa forma, os habitantes mais fortes do ambiente urbano deveriam ocupar os locais mais vantajosos e os outros deveriam se ajustar a suas demandas. Ao longo do tempo, o primeiro deve se expandir de forma que os outros devem se realocar. O princípio da simbiosis, de acordo com o qual os diferentes podem se beneficiar mutuamente com a sua coexistência em um ambiente, foi um fator modificador no esquema geral" (HANNERZ, 1980:27, tradução própria).

Seguindo a teoria da evolução das espécies de Darwin, o processo de adaptação provocado pelo conflito – que, no caso dos agrupamentos humanos, não são apenas hereditárias, mas constituídas no próprio processo interativo – é casual pois não existe um fim a priori a ser perseguido pelas espécies, sendo possível ocorrer a geração de mutações muito antes de serem necessárias[66]. Devido a esses processos, a *temporalidade* adquire centralidade na obra de Darwin: o tempo de uma espécie é pontuado por suas mutações, que constituem um reservatório de possibilidades de adaptação.

No caso das sociedades humanas, o processo de adaptação subjetivo, necessário para sobreviver em outro meio social, pelo qual passa o imigrante ao longo das etapas que levam à assimilação às novas estruturas socioeconômicas e socioculturais da sociedade de destino, seria interessante, justamente, por permitir vislumbrar, por meio das trajetórias individuais, o processamento da "mudança social": do tradicional ao civilizado cosmopolita. E enquanto o "gueto" representaria o momento inicial de sua inserção urbana, em que carregaria e manteria os vínculos primários constituídos em suas sociedades de origem, a figura do "homem marginal" representaria o outro extremo, igualmente transitório, em que o imigrante havendo abandonado os laços com sua sociedade de origem, ainda não estava completamente integrado na sociedade de destino – não sendo, portanto, "*nem daqui e nem de lá*".

No período em que esses autores escreviam – entre o final do século XIX e início do século XX– a perspectiva da existência de processos de "assimilação", na sociedade americana não era uma quimera. A imigração de massa, para o continente americano, caracterizava-se por ser, inclusive, incentivada pelas elites econômicas dos

[66] "Para Darwin, a evolução não tem um fim, uma espécie hoje adaptada ao seu ambiente pode amanhã perecer devido à transformação desse ambiente, se uma transformação prévia não a houver dotado das qualidades garantidoras de sua sobrevivência no novo contexto" (Tripier, 1998:16, tradução própria).

países de destino, devido à necessidade de força de trabalho para as atividades agrícolas e industriais desses países que, principalmente, a partir do último quartil do século XIX, estavam em pleno processo de desenvolvimento – destacando-se, a economia norte-americana que, desde o início do século XX, era reconhecida como a maior economia industrial do mundo. Nesse contexto, existia, de fato, demanda no mercado de trabalho local, migrantes dispostos a se assimilarem na América e expectativas de trajetórias mais ou menos bem sucedidas de mobilidade social para a população em geral.

Contemporaneamente, em meio às transformações consideradas na primeira seção, as circunstâncias que, até então, de maneira geral, foram relativamente favoráveis, começam a se transformar, com intensidades variadas, no sentido oposto. Os fluxos migratórios internacionais que se intensificam nesses momentos de crise, já não encontram mais sociedades de destino receptoras, especialmente, em relação à força de trabalho pouco qualificada – destacando-se, no debate norte-americano e europeu, o advento dos "novos fluxos migratórios"[67], que além de conformarem especificidades em termos de inserção socioeconômica e cultural em relação aos imigrantes europeus dos séculos XIX e início do XX, apresentam uma origem diferenciada (latino-americanos, africanos e asiáticos) (ARANGO, 2000, ASSIS & SASAKI, 2001; ALBA & NEE, 1997; GREEN, 1999, GLICK-SCHILLER et alli, 1992, MORAWSKA, 1990)[68].

[67] Note-se que não existe um consenso entre o que de fato é novo nos "novos fluxos migratórios". A utilização do termo, deve-se apenas a uma forma de demarcar o debate contemporâneo em linhas gerais e as questões relevantes nesse debate.

[68] "No último quartel do século XX, grosso modo, a migração internacional foi submetida a profundas mudanças. Inter alia, os fluxos se tornaram mais globais e heterogêneos em composição. Asia, Africa e América Latina substituíram a Europa como a maior região de origem. Tanto o volume relativo quanto a natureza da demanda por trabalho nas sociedades de destino modificaram-se. Políticas restritivas de admissão proliferaram. Novas formas de migração baseadas em auxílios legais tornaram-se primordiais. Os fluxos de indocumentados e os tráficos clandestinos adquirem uma importância crescente. A integração social nas sociedades de destino se tornou menos linear. E, finalmente, espaços e comunidades transacionais emergiram" (ARANGO, 2000: 287, tradução própria) .

> "Os autores constatam, com efeito, que, comparado a um modelo nacional hegemônico, os imigrantes de hoje não podem – ou não querem – se inserir completamente nas sociedades de acolhimento e consumar a ruptura com as sociedades de origem (...) A instalação dos imigrantes se realiza portanto menos satisfatoriamente, ela é menos possível e menos desejável. Isso favorece a manutenção dos laços com a sociedade de origem onde o êxito social e a vinculação política constituem um reconhecimento social que faz falta nos países de instalação" (POTOT, 2003:21, tradução própria) .

As análises contemporâneas sobre os novos arranjos sócio espaciais e econômicos constituídos pelos fluxos migratórios internacionais que não percorrem o esperado percurso da integração às dinâmicas socioculturais e econômicas das sociedades de destino, conforme previsto pelo, até então, dominante, "paradigma da assimilação", começaram a tematizar, de maneiras diversas, a simultaneidade da presença objetiva e/ou subjetiva desses imigrantes nas sociedades de origem e de destino, com o intuito de abarcar, a principio, as formas como essas sociedades se vinculam e se influenciam mutuamente, por meio desses fluxos migratórios.

Nesse sentido, destaca-se, inicialmente, o debate sobre o "transnacionalismo", emergente na década de 1990, no âmbito dos estudos antropológicos sobre as migrações internacionais entre as regiões do Caribe e do México e os Estados Unidos (GLICK-SCHILLER etall, 1992). Áreas caracterizadas por apresentarem uma longa e contínua história de migração para os Estados Unidos e uma cultura de migração[69].

Em suas primeiras definições, em publicação da New York Academy of Sciences – que reuniu, em um seminário no início dos anos de 1990, antropólogos que começavam a utilizar os termos "transnacional" e "transmigrante" para se referirem às especificidades das dinâmicas encontradas ao longo do trabalho de campo – os fenômenos transnacionais se referiam a vínculos, entre origens e destinos, em torno da dimensão familiar, econômica, social, religiosa e política. E tinha-se, como referência, conforme explicita Glick-Schiller e Levitt (2007), os estudos desenvolvidos pela Escola de

[69] E, portanto, "it was easier for scholars working in those two settings to break out of the dominant paradigm that assumed that persons could belong to only a single country and that US migrants had to choose between their home country and the new land"(Glick-Schiller, 2007: 119-120).

Manchester[70]. Essas primeiras análises tinham em vista a emergência de processos sociais que cruzam as fronteiras geográficas, culturais e políticas dos países de origem e de destino, a partir do envolvimento simultâneo dos migrantes, ou ainda, "transmigrantes", nessas duas sociedades.

> "Nós chamamos essa experiência imigrante de 'transnacionalismo' para enfatizar a emergência de processos sociais nos quais os migrantes estabelecem campos sociais que cruzam as fronteiras geográficas, culturais e políticas. Imigrantes são considerados transmigrantes quando estabelecem relações múltiplas – familiar, econômica, social, organizacional, religiosa e política – que abrangem fronteiras. (…) Transmigrantes agem, tomam decisões e possuem preocupações no interior de um campo de relações sociais que une o seu país de origem e seu país ou países de destino" (GLICK-SCHILLER etall, 1992: ix, tradução própria).

Esse debate sobre o transnacionalismo enquanto novo paradigma analítico para o estudo das migrações internacionais se constitui em um momento marcado pela emergência, desde a década anterior, das análises sobre o pós modernismo e a globalização econômica e cultural. Análises que passam a enfatizar, nas ciências humanas, a emergência e/ ou intensificação de vários fluxos de pessoas, ideias, objetos e capital por entre fronteiras nacionais. Destacando-se, nesse sentido, conforme propõe Smith (2001) as seguintes publicações: i) "A condição pós-moderna – uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural" de David Harvey, em 1979, ii) os ensaios de John Friedmann, do começo da década de 1980. Em especial, o primeiro, de 1982, "World cityformation: an agenda for researchandaction" escrito em parceria com Goetz Wolff e, o de 1986, "The world city hypothesis" e, iii) os trabalhos de Saskia Sassen, em especial, "The Global City", de 1991.

Dessa forma, conforme argumenta Glick-Schiller (2007), misturaram-se dois fenômenos que, apesar de estarem estreitamente ligados, apresentam realidade e história

[70] Uma escola inglesa de estudos urbanos do início do século XX, sob coordenação de Max Gluckmann, que fazia pesquisas sobre os novos centros urbanos africanos constituídos após a colonização inglesa. Nesses estudos, a percepção da manutenção de redes de sociabilidade e arranjos entre as zonas rurais de origem dos trabalhadores e os centros urbanos – facilitadas pelas próprias circunstâncias de organização dessas urbanidades, conforme argumenta Hannerz 1980 – levou ao desenvolvimento das primeiras análises sobre redes sociais (no âmbito dos estudos urbanos) e dos processos de difusão cultural entre origens rurais e destino urbano.

próprias. Por um lado, uma mudança paradigmática nos estudos das migrações internacionais – do paradigma da assimilação para o do transnacionalismo; e, por outro, os denominados novos processos de globalização, entendidos enquanto consequência do novo estágio do capitalismo, marcado pela reestruturação da produção, da distribuição e do consumo e que engendraram (de acordo, por exemplo, com Harvey) significativas mudanças culturais. E que, além de estimularem as migrações internacionais, facilitariam a manutenção de laços com os países de origem. Em trecho bastante irônico, tendo em vista sua argumentação ao longo do ensaio, Glick-Schiller indica as consequências desse debate inaugurado nos anos de 1980:

> Nós ouvimos sobre disjunção, deslocação, deslocamento, desengajamento, desconexão, desterritorializacão e desmantelamento das velhas estabilidades. O passado era estático, o presente era fluído. O passado continha culturas homogêneas, [enquanto] nós vivíamos em um mundo de hibridismo e complexidade. Antes, a antropologia estudava sociedades pequenas e isoladas, agora, o mundo era o nosso campo (Glick-Schiller, 2007:121, tradução própria).

Entretanto, a partir da década de 1990, emerge, no âmbito dos estudos culturais e urbanos, o debate sobre o transnacionalismo não mais apenas para indicar um paradigma analítico das migrações internacionais, mas para se referir aos processos culturais e urbanos mais gerais[71] e que, diferentemente das análises sobre a "globalização" e os "processos globais", busca relocalizar e territorializar essa fluidez.

> Como a "globalização", outros processos sociais que estão dispersos através do espaço e são encontrados em muitos lugares ao mesmo tempo, como as redes sociais transnacionais de migrantes ou coalizões políticas neoliberais, são também relações socialmente construídas de poder e sentido, temporalmente e

[71] Note-se que o debate sobre o transnacionalismo, no âmbito dos estudos urbanos, se diferencia também do localismo dos estudos pós coloniais. Nesse sentido, ao invés das dicotomias entre o local e o global presente nos dois debates (da globalização e dos pós coloniais), o debate sobre o transnacionalismo vislumbra situar o global no local. Ou seja, parte-se do pressuposto de que o local é transpassado por uma série de fluxos/processos globais e, no caso das análises urbanas, tal como propõe Smith (2001) tratar-se-ia de visualizar as articulações que esses fluxos/processos compõem em localidades específicas e em diálogo com as especificidades das localidades nas quais tais processos se situam.

> espacialmente particulares. Para compreender relações sociais como essa com alguma precisão é necessário considerarmos sua formação, desenvolvimento e impacto na medida em que se localizam em lugares particulares (…). Neste livro, eu proponho uma distinção conceitual clara entre "globalização" e "transnacionalismo". (…) Enquanto o discurso da globalização focaliza processos sociais que são 'amplamente [deslocados] de territórios nacionais específicos' (…), a pesquisa sobre processos transnacionais descreve relações sociais transnacionais como 'ancoradas em' enquanto também transcendem um ou mais estados nação. (…) Em contraste, o discurso transnacional insiste na continuidade do significado das fronteiras, das políticas estatais, das identidades nacionais mesmo que sejam frequentemente transgredidas pelos circuitos de comunicação transnacional e práticas sociais (SMITH, 2001: 3, tradução própria).

A partir desse momento, percebemos uma interessante convergência entre as perspectivas dos estudos migratórios e dos estudos urbanos acerca do sentido do "transnacionalismo". Enquanto, da perspectiva dos estudos urbanos, os processos de territorialização de fenômenos que se constituem e se localizam por entre outros espaços sociais/nacionais/culturais, extrapolando as escalas nacionais e locais, passam a ser abordados a partir da consideração das especificidades concretas dos territórios por entre os quais se constituem; da perspectiva dos estudos migratórios, os processos de incorporação/assimilação das comunidades de imigrantes passaram a ser considerados em confluência – e, não em oposição, como proposto pelo paradigma da assimilação – com a manutenção e reprodução de redes/campos sociais entre sociedades de origem e de destino.

> As vidas de um número cada vez maior de indivíduos não podem mais ser compreendidas focalizando apenas o que se passa no interior das fronteiras nacionais. Nossas lentes analíticas devem ser, necessariamente, expandidas e aprofundadas porque os migrantes se encontram, frequentemente, imersos em campos sociais transnacionais multi-dimensionais e multi-situados, abrangendo tanto aqueles que se moveram quanto aqueles que permaneceram [nos locais de origem]. Como resultado, as premissas básicas sobre instituições sociais como a família, a cidadania e os estados nacionais devem ser revisitadas. A partir do momento em que repensamos as fronteiras da vida social, se torna claro que a incorporação dos indivíduos no interior dos Estados nacionais e a manutenção de conexões transnacionais não são processos sociais contraditórios (LEVITT & GLICK-SCHILLER, 2007:157, tradução própria).

Paralelamente às questões referentes à manutenção de redes sociais e materiais entre origens e destinos e dos vínculos identitários dos imigrantes com suas localidades de origem, desenvolve-se, já desde os anos 1970, um debate sobre a presença de pequenos empresários imigrantes – muitas vezes, bem sucedidos, peças chave na revitalização de alguns setores econômicos nos contextos urbanos de destino[72] – espalhados pelo espaço urbano e a persistência de concentrações, muito parecidas com os guetos de outrora, de pequenos empreendimentos de imigrantes de origens específicas, voltados, para o abastecimento das próprias comunidades de origem ou para o mercado mais amplo que, de maneira geral, passaram a ser denominados de "economias étnicas" (BAILEY & WALDINGER, 1991, BONACICH, 1973, 1993, HEISLER, 2000, JIOBU, 1988; KLOSTERMAN & RATH, 1999, LIGHT, 1972, 1988, PORTES, 1995, PORTES & JENSEN, 1987, SANDERS & NEE, 1987, WALDINGER, 1994).

Nos primeiros momentos de abordagem dessa questão, ao longo da década de 1970, de acordo com Heisler (2000) e Portes (1995), o debate norte-americano se concentrou em torno dos conceitos de "ethnic entrepreneur"[73] , de Light (1972, 1988) e o de "middle man minority"[74], desenvolvido por Bonacich (1973). Enquanto a definição do "ethnic entrepreneur", segundo Light (1972), sublinha as vantagens advindas das "solidariedades étnicas" desenvolvidas nas sociedades de origem em relação com as "estruturas de oportunidade" das sociedades de destino, conformando arranjos extremamente positivos para o desenvolvimento local das sociedades de destino, a definição de Bonacich (1973 e 1993) dos "middlemanminority" [75] sublinha a sua

[72] Destacando-se, nesse sentido, por exemplo, o papel que Waldinger (1984) atribui aos empreendimentos hispano-americanos na indústria de confecção de Nova Iorque para a revitalização dessa atividade econômica.
[73] "empreendedor étnico", tradução livre.
[74] "minoria intermediária", tradução livre.
[75] "Relações entre grupos de diferentes raças ou pertencimentos étnicos tem assumido formas variadas. Um papel que um grupo étnico pode assumir é o de "minorias intermediárias". Embora sua forma não tenha sido precisamente definida, nem nomeada (...) existe um consenso geral que um número de grupos étnicos ao redor do mundo tem ocupado uma posição similar na estrutura social. (...) Uma das principais peculiaridades desses grupos é o seu papel econômico. Diferentemente da maioria das minorias étnicas eles ocupam uma posição intermediária e não inferior. Eles tendem a se concentrar em certas ocupações, notavelmente as comerciais, mas também em outras linhas intermediárias como agentes, cobradores de aluguel, contratadores e corretores. Eles possuem um papel intermediário entre produtores e consumidores, patrões e empregados, os donos e os arrendatários, as elites e as massas" (BONACICH, 1973:583, tradução própria).

funcionalidade nas sociedades capitalistas, como agentes intermediários na subcontratação paternalista de uma força de trabalho que, devido às suas vinculações com as sociedades de origem onde pretendem se fixar, e suas relações de lealdade com os seus patrões compatriotas nas sociedades de destino, se submetem a intensas jornadas de trabalho e a situações de extrema exploração[76].

> "A parcimônia é produto da vontade de sofrer privações de curto prazo para acelerar o objetivo de longo prazo de retornar ao país de origem. Ela é vista nas excessivas jornadas de trabalho, na ênfase em poupar (geralmente mandando parte dessas economias para o país de origem) e no pouco tempo e pequenas quantias gastas com o consumo. Trabalhadores temporários estão ali para fazer dinheiro, não para gastar, essa 'orientação para o futuro' permiti-lhes acumular capital. Essa orientação contrasta com a orientação dos migrantes permanentes e autóctones que, em geral, preferem viver vidas mais confortáveis, na medida em que não pretendem viver em outro lugar. Essa inserção temporária também leva os indivíduos a buscarem ocupações que não os vincule por longos períodos" (BONACIH, 1973:586, tradução própria).

Esse debate contribuiu para reposicionar, nos Estados Unidos, a partir de meados do século XX, as análises sobre a formação dos "guetos": deslocando o foco dos "espaços/sociabilidades" urbanos para os mercados de trabalho. No âmbito das questões clássicas da sociologia a respeito da presença do "outro" e dos processos de assimilação cultural e socioeconômica desse "outro" às sociedades de destino, essa perspectiva coloca em questão os impactos, para o mercado de trabalho local, de sua "não assimilação" socioeconômica e cultural por meio da formação de estruturas socioeconômicas relativamente autônomas nas sociedades de destino e baseadas em critérios tradicionais, de pertencimento "étnico".

E embora, em parte das análises sobre as "economias étnicas", a questão étnica

[76] "O típico negócio das minorias intermediárias é uma loja familiar baseando-se fortemente no use de trabalho familiar não pago. E se a contratação é necessária, os membros da família estendida ou de suas regiões de origem são preferidos e são tratados como parentes, às vezes, vivendo junto com a família atrás da loja. Os trabalhadores trabalham excessivamente por longas horas e são leais aos seus empregadores. Em troca, eles são suscetíveis a se transformar em sócios ou receberem ajuda ou treinamento para montarem os seus próprios negócios. As firmas dos intermediários são baseadas em trabalho intensivo, mas com a possibilidade de cortarem os custos drasticamente por meio de um paternalismo baseado na etnicidade e na poupança" (Bonacich, 1973: 586, tradução própria).

seja considerada pelo viés culturalista, relacionando essas economias étnicas a características objetivas, específicas dos grupos migrantes, destacam-se as interpretações que vão localizar essa etnicidade como uma reação às condições hostis que determinados grupos de imigrantes encontram nas sociedades de destino e, principalmente, como uma maneira de estabelecimento de fronteiras e cooperação nas atividades econômicas.

> "A etnicidade é um poderoso determinante da cooperação e da solidariedade, porque é vista como biológica em suas origens, é refletida na estratificação social, molda numerosos elementos da vida social, é geralmente institucionalizada (em práticas religiosas, na linguagem, na nacionalidade, na localização residencial, nos mitos e nas políticas governamentais) e frequentemente constitui a base da identidade pessoal (...) a etnicidade é em si mesma uma ideologia da solidariedade" (LIGHT & GOLD, 2000: 108, tradução própria).

Entre as estruturas emergentes a partir da formação de "economias étnicas", o "enclave étnico" seria o exemplo mais bem acabado, caracterizado por apresentar uma concentração sócio espacial de empreendimentos étnicos e empregadores e empregados do mesmo grupo étnico (LIGHT & GOLD, 2000; LIGHT et ali, 1994; PORTES & JENSEN, 1987, SANDERS & NEE, 1987).

> O enclave étnico é entendido como um segmento da economia mais ampla, uma estrutura econômica parcialmente autônoma que constitui um mercado de trabalho distinto. A economia de enclave, bem como seu mercado de trabalho, é estruturado de um jeito similar à economia mais ampla, mas funciona no sentido de dar suporte aos empreendimentos étnico e ajudá-los a competir de maneira mais bem sucedida no sistema econômico mais amplo" (ZHOU, 1992:4, tradução própria).

O debate sobre os "enclaves étnicos" estabeleceu-se em diálogo com as teorias norte-americanas emergentes no final da década de 1970, a partir dos trabalhos pioneiros de Averitt (1968) e Galbraith (1971), sobre a formação de uma economia dual, que dividiria o

mercado de trabalho urbano entre um setor primário e um secundário[77]. E de maneira geral, as análises sobre as economias de enclave criticam a localização desses segmentos "étnicos" ou mesmo "multiétnicos" no mercado de trabalho secundário (BAILEY &WALDINGER, 1991; JIOBU, 1988; WALDINGER, 1994, PORTES & JENSEN, 1987; PORTES, 1989 e 1992; SANDERS & NEE, 1987). Nessa perspectiva, esses "enclaves étnicos" seriam estruturas específicas, que apesar de se consolidarem economicamente em torno de indústrias consideradas mais precárias, próprias do setor secundário, como é o caso da indústria de confecção, podem apresentar dinâmicas típicas do setor primário, conforme indicam Portes e Wilson (1980) em hipótese de trabalho para investigação do enclave étnico cubano em Miami:

> "Os trabalhadores imigrantes não estão restritos ao mercado de trabalho secundário. Em particular, os imigrantes inseridos em um enclave, podem ser empiricamente diferenciados dos trabalhadores inseridos nos mercados de trabalho primário e secundário. Os trabalhadores dos enclaves irão compartilhar com os do primeiro setor um retorno econômico significativo pelos investimentos realizados anteriormente em capital humano. Este tipo de retorno está ausente entre aqueles inseridos no mercado de trabalho secundário aberto (WILSON & PORTES, 1980:302, tradução própria).

De maneira geral, nas análises sobre as especificidades dos enclaves étnicos ou, ainda, sobre o "efeito enclave" – que possibilita a existência das vantagens do setor primário, em atividades típicas do setor secundário, diferenciando os migrantes no interior de um enclave em relação aos trabalhadores do setor secundário no mercado aberto – seria, principalmente, resultado do estabelecimento de "solidariedades étnicas" e de uma integração (horizontal e/ou vertical) ou, nos termos de Jibou (1988), uma "hegemonia étnica", capaz de conferir autonomia competitiva às atividades econômicas das comunidades de imigrantes. O "enclave" pode envolver um conjunto heterogêneo de atividades econômicas concentradas espacialmente, formando espécies de "distritos

[77] A despeito das especificidades e dinâmicas de cada um dos setores, grosso modo, o setor primário diria respeito ao mercado de trabalho qualificado e bem remunerado e o secundário ao mercado de trabalho relacionado às atividades de baixa qualificação, baixa remuneração e ligadas a condições precárias de trabalho, em geral, associadas às atividades realizadas por mulheres e imigrantes.

étnicos"[78] ou uma concentração "étnica" ou ainda "multiétnica" em um setor específico, como ocorre, por exemplo, no caso da indústria de confecção dos grandes centros urbanos (GREEN, 1998).

Em diálogo com essas análises, mas partindo do que Ma Mung (2009) denominou de "ponto de vista da autonomia"[79], que focaliza os projetos e criações das comunidades migrantes, no debate francês contemporâneo – interdisciplinar, envolvendo geógrafos, sociólogos e antropólogos – esses arranjos sócio espaciais em torno das atividades econômicas das comunidades de imigrantes nas sociedades de destino e entre origens e destinos passaram a ser abordado, principalmente, a partir dos conceitos de "dispositivo econômico", "circulação migratória", "mundo migratório", "campo migratório" e "território circulatório"(AUTANT – DORIER, 2009, CORTES & FARET, 2009, MA MUNG, 1992, 1996, 1998, 1999 e 2009, MOROKAVASIC– MULLER, 1990, 1999, POTOT, 2003, SIMON, 2006, TARRIUS, 1989, 1993, 2002, 2005, 2009).

Inicialmente, conforme destaca Morokavasic-Muller (1999), esse debate visava aos seguintes fenômenos empíricos: as migrações comerciais a partir da região do Maghreb na África, as diásporas asiáticas e seus "enclaves comerciais" e as migrações pendulares (comerciais e para o trabalho em empresas locais) entre a Europa oriental e ocidental (visíveis depois da queda do muro de Berlim). Nessas análises, de maneira geral, ao invés das clássicas questões sobre as determinantes da ação, busca-se focalizar a própria ação dos

[78] Nesse sentido, Portes (1995) considera que esses enclaves étnicos apresentariam as seguintes características comuns: i) sua emergência transforma o visual da área urbana em que se estabeleceu, dando-lhe um "foreign look"; ii) são diversificados em termos de atividade empreendida e; iii) podem constituir-se em unidades institucionalmente completas.

[79] Autonomia entendida em seu duplo sentido de "diferenciação/ distinção", do "savoir faire" (saber fazer), ou seja, da elaboração do projeto diante dos constrangimentos vivenciados pelas populações que se põem em movimento e de "afirmação/iniciativa" do "pouvoir faire" (poder fazer) – ou seja, enquanto capacidade transformadora a partir do projeto, constituidora dos "mundos migratórios" formados pelos migrantes nas sociedades de destino e entre origens e destinos – "As leis da natureza são dadas, as da sociedade são as que ela se dá. Uma das consequências que essa afirmação deve ter sobre a nossa maneira de apreender as coisas é a seguinte: saber que, qualquer que seja o peso dos constrangimentos e condições (naturais e sociais), existe certo grau de iniciativa nas ações dos sujeitos. É necessário, então, destacar mais as iniciativas do que os constrangimentos. O que não significa ignorá-los, porque se existe iniciativa é porque existem também os constrangimentos – senão nos perguntaríamos como e por que a iniciativa se manifestaria" (Ma Mung, 2009:30, tradução própria)

coletivos migrantes e as territorialidades e redes sociais constituídas a partir dessa agência em torno de sua inserção econômica nas sociedades de destino.

> "Eu gostaria, neste artigo, de evocar a hipótese de existência de outro fenômeno, em que as mobilidades coletivas e a aparição de novas relações sociais precedem a iniciativa econômica e referem-se mais a uma nova forma de ser coletivamente no mundo do que a uma forma de exprimir à margem um processo econômico universal" (TARRIUS, 2005:22, tradução própria).

Nesse debate, destacam-se as contribuições de Alain Tarrius, que propõe uma abordagem em termos de "territórios circulatórios", no âmbito do que denominou de "antropologia do movimento". Essas proposições foram elaboradas, conforme explicita Mehdia (2008) em um artigo sobre sua trajetória intelectual, a partir de seu envolvimento, ao longo da década de 1980, na *ATP sócio economiedes transportes*, em pesquisas sobre o uso dos transportes e os processos de deslocamento de populações específicas nas zonas rurais e urbanas e tendo em vista os processos de autoprodução social.

Nesse sentido, uma das dimensões chave de seu arcabouço conceitual desenvolvida a partir dessa experiência, tal como expõe em um ensaio de 1989, *"Perspectives phéno ménologi ques dansl'étude de lamobilité"*, é a preocupação com a inovação social, em relação aos fatos de mobilidade, percebida nos micro-fatos sociais da vida cotidiana. Inovação entendida em oposição às estruturas, caminhos e formas de utilização impostas pelos órgãos de planejamento estatais e empresas de transporte. Ou seja, as formas como as pessoas utilizam de maneira transformadora estruturas dadas e, a partir de então, lhes dão outros sentidos, impensáveis a partir da lógica do planejamento técnico. É nesse contexto que adquire centralidade, nas pesquisas desenvolvidas por Tarrius, as mobilidades que ultrapassam fronteiras protagonizadas pelas minorias étnicas e grupos profissionais, pela sua capacidade de subverter as lógicas do planejamento urbano e antecipar seus desafios[80].

[80] "Ao observar as práticas, redes e itinerários de pequenos grupos sociais étnicos ou profissionais, estendendo-se por entre espacialidades e temporalidades muito mais vastas, pudemos notar que esses grupos, considerados como desviantes na perspectiva dos padrões voluntariosos do planejador, estabelecem, de fato, estratégias que estruturam fortemente o espaço. O conhecimento e a experiência dos itinerários migratórios

> "(...) de fato, a análise das variações comportamentais, socialmente significativas, requer, evidentemente, a apreensão das ligações, entre os elementos mais singulares, menos generalizáveis, que contribuem para a aparição das diferenças. Designar, descrever, analisar os micro fatos sociais, recusar a invisibilização das singularidades e lhes situar nas continuidades/descontinuidades históricas torna-se um imperativo não somente metodológico – potência heurística das singularidades – mas também ideológico – recusa do totalitarismo tecnicista" (TARRIUS, 1989:49-52, tradução própria).

Nesse sentido, o conceito de "território circulatório", de maneira ampla, faz referência a uma territorialidade, necessariamente mais fluída, invisível, constituída por *coletivos/grupos* – não necessariamente de migrantes/imigrantes – que se reconhecem enquanto tais na medida em que *compartilham as mesmas situações de mobilidade* e que se sobrepõem e se opõem às territorialidades constituídas pelo planejamento técnico e estatal.

E os fatos de mobilidade– noção central na definição dos territórios – seriam, nessa perspectiva de Tarrius, comparáveis ao fato social total proposto por Mauss[81], no "Ensaio sobre o dom", envolvendo não apenas um deslocamento espacial, mas a totalidade da existência social dos que se movem, no âmbito de temporalidades específicas, por entre negociações de identidades e de fronteiras. E apesar de apresentarem subtipos (mobilidades migratórias, residenciais e quotidianas), elas devem ser entendidas de maneira integrada no interior da experiência dos indivíduos/grupos que protagonizam esses movimentos.

---

lhes dão a capacidade de ignorar as múltiplas fronteiras do urbanismo local, do projeto de gestão: eles deslizam, atravessam e subvertem o cálculo prometeico de instauração de sociabilidades urbanas dependentes do construído, do desenvolvimento dos serviços. Os fenômenos e comportamentos micro sociais mais excêntricos do ponto de vista da planificação local possuem, assim, um valor heurístico e antecipador das transformações em curso no corpo social" (TARRIUS, 1989:58, tradução própria).

[81] "Os fatos que estudamos são todos, permita-se-nos a expressão, fatos sociais totais (...) todos esses fenômenos são ao mesmo tempo jurídicos, econômicos, religiosos e mesmo estéticos, morfológicos etc. (…) são, portanto, mais do que temas, mais do que elementos de instituições, mais do que instituições complexas, mais até do que sistemas de instituições divididas, por exemplo, em religião, direito, economia etc. São 'todos', sistemas sociais inteiros cujo funcionamento tentamos descrever" (Mauss, 1974:179-80).

> "Cada movimento da população no espaço é também movimento no interior das escalas de estratificação social. Mover-se é consumir simbolicamente e factualmente o tempo, o espaço, é perceber os espaços do outro, é manifestar sintomaticamente seus lugares: aqueles percebidos, aqueles desejados, aqueles ocupados. É nesse sentido que não existe ruptura entre o movimento e a inércia, mas continuidade entre as *grandes migrações*, que atravessam vastos espaços referentes às formas e culturas diferenciadas, as *mobilidades residenciais* que especificam [precisam] o encontro dos seus e dos outros em novos territórios e as *mobilidades cotidianas* que singularizam no tempo, os ritmos sociais e os espaços de vizinhança de inércia efêmera ou durável" (TARRIUS, 1989:57, tradução própria).

Partindo de uma definição de "território" enquanto "condição e expressão [espacial] do vínculo social" que se estabelece a partir de uma memória compartilhada e de negociações entre a população concernida e os que a rodeiam (TARRIUS, 2005:34, tradução própria)[82] – o "território circulatório" seria composto, na perspectiva do autor, pelas mobilidades (residenciais, cotidianas e/ou migratórias) de *grupos* que se identificam enquanto tais a partir do compartilhamento de uma *memória coletiva* que, neste caso, não se refere a uma origem residencial ou étnica comum, mas aos *momentos de negociação* que permitem instituir uma forma alternativa de circulação e de apropriação dos espaços.

Esses "momentos de negociação", ou ainda, mais precisamente, "espaços tempos" de negociações [83], sedimentados na memória coletiva, organizariam os lugares/espaços (suportes dos deslocamentos) e exprimiriam a "forma das transações" que descrevem "o papel e o interesse do vínculo, a princípio metafórico, entre os *acordos de palavra*, as *modalidades de entrada e saída* das redes de economia subterrânea, a *aparição de novas relações sociais* e as bases originais de novas *afirmações identitárias* que lhes

[82] "No mínimo, diremos que o território é uma construção concomitante à emergência e, depois, à visibilidade social de um grupo, de uma comunidade ou de outros tipos de coletivo em que os membros podem utilizar um "nós" identificador. Ele é condição e expressão do vínculo social. Ele se constitui como momento de uma negociação, entre a população concernida e os que a rodeiam, que instaura continuidades nas trocas generalizadas. O território é memória. É marcação espacial da consciência histórica de estar junto" (TARRIUS, 2005:34, tradução própria)

[83] "(…) cada um, no interior desses novos espaços-tempos da circulação, desenvolve a capacidade, nos lugares e momentos precisos, nas « situações chave », em suma, de encontrar o outro, o diferente, como idêntico, de negociar, bricolar, contornar as expressões, estas sim, múltiplas, das diferenças" (TARRIUS, 2005:30, tradução própria).

sustentam" (TARRIUS, 2005:28, tradução e grifos próprios)[84].

Nessas proposições de Tarrius, portanto, as espacialidades encontrar-se-iam completamente subordinadas aos "fluxos", "tempos", "ritmos" e "sequências" ligados aos "momentos de negociação". Afastando-se das abordagens espaciais em que o tempo, reduzido à duração, aparece enquanto um atributo do espaço – restando, apenas, a realização de um compêndio descritivo das formas de deslocamento espaciais.

> O tempo é a ferramenta privilegiada de leitura dos ordenamentos espaciais, da consistência das trocas humanas organizadas em torno da profunda relação identidade-alteridade, ele dá sentido às manifestações espacializadas das identidades sociais, ele é o lugar da interação (TARRIUS, 1989:61, tradução própria).

De maneira geral, a partir dessas definições, Tarrius propõe considerar as territorialidades constituídas pelas populações migrantes (cotidianas, residenciais e migratórias) a partir da articulação de três níveis de relações espaço-temporais (TARRIUS,1989: 62):

- Primeiro nível – os *"ritmos sociais"* das mobilidades cotidianas, designando, ao mesmo tempo, os *trajetos e ritmos cotidianos* (das atividades repetitivas; dos eventos de sociabilidade) e os lugares onde eles se exercem. É nesse nível que podemos visualizar o *território circulatório* (delimitação precisa de um espaço adquirido e identificado ao longo de uma história local), considerado uma espécie de "zona de influencia" que se sobrepõe (no mesmo momento e nos mesmos lugares) aos "pólos de atração" caracterizados por serem aglomerações territoriais disjuntas e dispersas.
- Segundo nível – das *mudanças residenciais*. Considerado pelo autor como um momento significativo[85] no interior das histórias familiares e que implica no re-

[84] "(…) ela [a memória coletiva fundadora do território circulatório] é antes de tudo memória dos acordos de palavra, das trocas de honra, que tornam as circulações mais fluídas, que permitem escapar das regulações estatais formais, contornar as regras de construção de fronteiras entre territórios e entre universos de normas, aquelas que estabelecem as condições de passagem de uma sedentariedade a outra" (TARRIUS, 2005:35, tradução própria).

posicionamento de diversas relações de vizinhança. Circunstâncias que não podem ser captadas pelas análises enumerativas. E é nessas mudanças que podem se constituir os *"territórios de referência"*[86] para um grupo (de mesma origem étnica ou profissional que não necessariamente residia em um mesmo lugar anteriormente). Temporalidade das *trajetórias individuais*, presentes nas histórias de vida - "que permitem compreender os tempos das aquisições dos saberes, das competências, das mudanças" (TARRIUS, 2009: 51).

- Terceiro nível – das mobilidades, ou ainda, migrações inter-regionais e internacionais ligadas às *trajetórias intergeracionais* (ligada à história migratória mais ampla das famílias e as ligações com os locais de origem). E que constitui o "espaço-tempo" do estabelecimento das identidades de grupos ao longo dos caminhos da mobilização da força de trabalho.

Note-se que, apesar da importância dada à delimitação espacial e urbana em suas análises, Tarrius não parte da cidade enquanto um microcosmos fechado em si mesmo – como supunham os "chicago boys" – pois, em sua perspectiva, o espaço urbano seria transpassado por redes e fluxos que o ultrapassam e obedecem a outras dinâmicas que lhe são estranhas. Entretanto, diferentemente, da perspectiva desterritorializada das análises dos "processos globais", aproxima-se das proposições de Smith, consideradas acima, acerca do conceito de "transnacionalismo", no âmbito dos estudos urbanos e migratórios, destacando, justamente, a dimensão situada desses territórios.

De todo modo, embora os dispositivos econômicos[87] mobilizados no interior desses "territórios circulatórios" constituam fenômenos semelhantes àqueles em vista nas

---

[85] "A mudança de residência não deve ser confundida com o ato de transporte, de um imóvel a outro, de um corpo rodeado por móveis. Quanto de desvios, de estratégias amorosas, para descobrir e explorar esse novo lugar, quanto de sofrimento, algumas vezes, por deixar os vínculos anteriormente estabelecidos – nunca pensamos nisso" (TARRIUS, 1989:62, tradução própria).

[86] "Ele dá sentido às vizinhancas, ele antecipa, muitas vezes, as morfologias sociais, ele exprime a interação" (TARRIUS, 1989:63, tradução própria).

[87] A utilização do termo "dispositivo econômico" e não "economia étnica" ou ainda "enclave étnico" visa destacar a dimensão dinâmica dos arranjos estabelecidos pelos grupos migrantes em torno de suas atividades econômicas, sua dimensão evolutiva, não definitiva e circunstancial – "(…) o sistema de relações criado entre os atores econômicos não tem um caráter permanente, mas corresponde a uma situação dada em um lugar e

análises sobre as "economias étnicas" ou ainda os "enclaves étnicos", ao invés de reprodução das identidades "étnicas" como base das dinâmicas de funcionamento dessas atividades, de maneira semelhante às análises sobre os guetos, as atividades econômicas das comunidades migrantes vislumbradas pelo autor – principalmente, a partir de suas pesquisas empíricas sobre os comerciantes africanos em circulação entre o Maghreb e sul da Europa, propostas no livro "La mondialisation par lebas – les nouveaux nomades de la économie souterraine" (TARRIUS, 2000)[88] – basear-se-iam em identidades muito mais fluídas.

Para Tarrius, a especificidade das territorialidades formadas pelos novos fluxos migratórios em torno de suas atividades econômicas não seria o fato de conformarem estruturas sociais consolidadas, não tendentes à assimilação, vinculando origens e destino – como propõe o debate sobre o "transnacionalismo" e, em outros termos, o debate sobre o gueto –, mas o de conformarem, no bojo da globalização, "novos cosmopolitismos"[89] presentes na formação de identidades constituídas por meio do compartilhamento de uma *"ética social intermediária"* ou ainda um *"saber circular"* que regula/organiza a circulação, entradas e saídas de pessoas e objetos, cujas regras e hierarquias específicas se sedimentam ao longo do tempo nas negociações cotidianas em torno da circulação dessas populações e para a realização de suas atividades econômicas.

Ao invés dos guetos baseados em densos vínculos de sociabilidade primária e uma escolha identitária "étnica"/"nacional" totalizadora, emergiriam os "novos cosmopolitismos" por meio dos "espaços tempo de negociação" com os vários "outros" para a realização de atividades econômicas, constituindo identidades precárias e

momento dados. Não existe, dessa forma, nenhum caráter essencialista ou substancialista ligado às formas de organização econômica de um grupo dado" (MA MUNG, 2009:230, tradução própria).
Ver também Tarrius & Peraldi, 1995.

[88] Livro sobre um dispositivo econômico constituído pelos migrantes africanos da região do Maghreb, em torno das denominadas "economias subterrâneas" (de carros, produtos têxteis e equipamentos elétricos e eletrônicos) e que conforma um território circulatório cujo centro (sempre provisório) iniciou em Belsunce (bairro da cidade de Marseille, na França). E em torno do qual circulam pessoas e mercadorias por entre muitas fronteiras – na região do Magrehb na África (de onde vêm as pessoas) e na Europa – principalmente, Itália e Espanha – (de onde vêm as mercadorias).

[89] Tendo em vista uma definição de cosmopolitismo no sentido proposto pela Escola de Chicago em sua definição das especificidades da sociabilidade urbana.

cambiantes, "fracionadas em múltiplos atributos"[90] – que não implicam o abandono das origens e das identidades ali forjadas, mas uma suspensão temporária para a manutenção de dinâmicas e processos informais e/ou ilegais, pelos mesmos meios instituidores das dinâmicas formais/legais dos grandes centros urbanos: os vínculos secundários que permitem a circulação por entre dinâmicas socioculturais e sócio espaciais diversas.

> Primeiro aspecto do fenômeno: a aparição de novos tipos de territórios que cortam, doravante, os Estados Nação de maneira transversal. É o que nós chamamos, precisamente, de 'redes'. Em sua espessura vivida e concreta, essas redes se manifestam, primeiramente, pelo seu caráter civilizador: os acordos de palavra trocados entre as pessoas promovem uma diminuição das diferenças étnicas e culturais, abrindo, assim, perspectivas de desenvolvimento inéditas. Os novos cosmopolitismos emergem: as hierarquias identitárias locais não fazem mais nenhum sentido, de fato, para essas famílias que estabelecem fortes vínculos sociais. Mais precisamente, as precedências identitárias se medem, doravante, em termos de um 'saber circular'. Saber atravessar universos regidos por regras e normas contrastantes, esse é o critério. O lugar de origem permanece único, mas o antigo percurso da alteridade à integração – com o longo tempo em que o indivíduo não era nem daqui nem de lá – se torna obsoleto: se desenvolvem, preferencialmente, capacidades mestiças, frequentemente momentâneas, que possibilitam numerosas entradas e saídas" (TARRIUS, 2002: 17-18, tradução própria).

Dessa forma, ao invés da metáfora da cidade segregada em espaços/territórios minuciosamente delimitados no interior dos quais comunidades de imigrantes específicas desenvolvem contatos primários em torno de suas culturas de origem, da análise sociológica/antropológica de Tarrius emerge uma cidade multifacetada em que os territórioscirculatórios, ligados a atividades econômicas específicas, se sobrepõem às espacialidades urbanas dos autóctones e dos planejadores locais inserindo (situando), nessas localidades, dinâmicas e arranjos constituídos em outros contextos sociais e culturais (para além das fronteiras nacionais).

[90]"(...) nessas reconfigurações de posição e que exprimem as competências para atravessar universos de normas diferenciados: nessas novas proximidades, passageiras e parciais em sua gênese que permitem aos indivíduos ultrapassar, por exemplo, as atribuições étnicas, forjar sólidas alianças em torno de uma única troca de palavras, provenientes de múltiplas diversidades de crenças, de convicções, de costumes, a identidade se fraciona em múltiplos atributos" (TARRIUS, 2005:29, tradução e grifos próprios).

A partir do debate teórico delineado acima, esta pesquisa de doutorado acerca da experiência social dos migrantes bolivianos na indústria de confecção da cidade de São Paulo, como costureiros e donos de oficinas de costura, partiu das seguintes questões: quais as especificidades dessa migração vinculada à indústria de confecção em termos de dinâmicas migratórias e projetos migratórios dos bolivianos e bolivianas que se inserem nessa atividade na cidade de São Paulo? E, em relação à cidade de São Paulo, quais as novas dinâmicas étnicas ou interétnicas e territorialidades engendradas pelos migrantes bolivianos em suas negociações entre si e com outros imigrantes latino americanos e brasileiros por entre oficinas de costura na indústria de confecção paulistana pós reestruturação produtiva dos anos 1990? Estaríamos diante da formação de "economias étnicas" ou mesmo "enclaves" baseados na etnicidade e/ou nos vínculos primários de familiaridade/vizinhança constituídos desde os locais de origem, ou, ainda, de "territórios circulatórios", multiétnicos que, parafraseando Granovetter (1983), basear-se-iam na força dos vínculos fracos?

## 1.3) A MIGRAÇÃO BOLIVIANA NA INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO COMO MUNDO SOCIAL - A PARTIR DE NARRATIVAS DE VIDA (COMO NARRATIVAS DE PERCURSOS, DE CONTEXTOS E DE PRÁTICAS)

Embora o "gueto" e o "paradigma da assimilação" não sejam mais representativos das formas contemporâneas de inserção sócio espacial e socioeconômica das comunidades de imigrantes, as novas abordagens do debate francês – em torno, principalmente, dos "mundos migratórios" propostos por MaMung e dos "territórios circulatórios", propostos por Tarrius – são legatárias das perspectivas epistemológicas dos primeiros pesquisadores da Escola de Chicago, Willian H. Thomas e Robert Park[91], desdobrada, pelas gerações posteriores, principalmente, no interacionismo simbólico e na etnometodologia.

A vida social, para esses pesquisadores, é um espaço fluído em que adquirem centralidade os canais de comunicação para o estabelecimento da vida social. E enquanto o social como um espaço fluído é uma perspectiva que partiu das influências da sociologia de Simmel[92] e da psicologia social de Georg H Mead[93], conforme destaca Tripier (1998); a

[91] De acordo com Hannerz (1980), Willian Isaac Thomas foi um dos principais intelectuais envolvidos com o departamento de Sociologia e Antropologia, da Universidade de Chicago, em seus primeiros 20 anos, responsável por contribuir com as tentativas de diminuição da distância entre suas duas grandes tendências: uma mais teórica, especulativa, filosófica e, outra, conceitualmente mais frágil, mais direcionada para a coleta de dados empíricos sobre o crescimento urbano da sociedade industrial. E Thomas e Park se conheceram em 1911, em uma conferência sobre a questão racial. Park entrou no departamento de Chicago já aos 50 anos, a convite de Thomas, depois de já ter sido um importante jornalista investigativo profissional e ter realizado estudos de sociologia, a princípio, nos Estados Unidos, mas boa parte da graduação e da pós graduação na Alemanha, onde realizou estudos sobre comportamento social e teve aulas com Simmel.

[92] "Os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si e pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros. A sociedade é também algo funcional, algo que os indivíduos fazem e sofrem ao mesmo tempo e que, de acordo com esse caráter fundamental, não se deveria falar de sociedade, mas de sociação. Sociedade é, assim, somente o nome para um círculo de indivíduos que estão, de uma maneira determinada, ligados uns aos outros por efeito das relações mútuas e que por isso podem ser caracterizados como unidade (...) A sociedade não é, sobretudo, uma substância, algo que seja concreto para si mesmo. Ela é um acontecer que tem uma função pela qual cada um recebe de outrem ou comunica a outrem um destino e uma forma"(SIMMEL, 2006:17-18, itálicos meus).

[93] A partir, principalmente, do clássico "Mind, Self and Society", que vislumbrava a sociedade como sendo constituída por "átomos de socialidade" (pequenos segmentos sociais representados pelas relações entre dois ou mais indivíduos).

centralidade dos processos comunicativos advém das proposições de Dewey que, conforme indica o próprio Park (1926), considerava que a comunicação, mais do que um processo de tradução do que se quer expressar, envolve um processo de transformação dos indivíduos que se comunicam[94].

A metáfora do social como um espaço fluido, reinventado, continuamente, por meio das interações comunicativas e, portanto, transformadoras, traz para o centro da análise da realidade social os indivíduos que, ao invés de simples manifestações efêmeras de particularidades pouco determinantes do social, passam a ser os seus principais protagonistas, ou ainda, constituídos por e constituidores do social.

> "Dado que a vida social concreta só é concreta se considerarmos, paralelamente, a vida individual que está na base dos eventos sociais, dado que o elemento pessoal é um fator constitutivo de todo fato social, as ciências sociais não podem permanecer na superfície do devir social, lá onde certas escolas desejam vê-la se confinar e deve, ao contrário, abarcar as experiências e atitudes humanas reais que constituem plena e inteiramente a realidade social, viva e ativa, subjacente à organização formal das instituições sociais, ou por trás dos fenômenos de massa tratados estatisticamente, que não são nada além de sintomas de um processo causal desconhecido, podendo servir, apenas, de base provisória às hipóteses sociológicas" (THOMAS & ZANANIECKI, 1998:47-8, tradução própria).

Nos processos interativos/comunicativos, entram em relação, de acordo com Thomas (1998)[95], por um lado, o passado atualizado nas situações presentes, por meio de suas "lendas, seus mitos, sua história reconstruída, suas normas e suas prescrições" (TRIPIER, 1998:25) e; por outro, a criatividade individual e as percepções/definições recíprocas da situação compartilhada. Essa dimensão processual/histórica adquire proeminência na análise da vida social empreendida pela primeira geração de pesquisadores da Escola de Chicago, tanto em relação aos processos mais gerais engendrados por meio dessas inúmeras micro interações e que, de acordo com essa perspectiva, não se manteriam

[94] "A sociedade, como Jonh Dewey destacou, existe na e pela comunicação e a comunicação envolve não uma tradução de energias (…), mas a comunicação uma transformação nos indivíduos que, então, se comunicam" (PARK, 1926:8, tradução própria).
[95] Em um estudo clássico sobre os imigrantes rurais poloneses na cidade de Chicago, chamado "The Polish peasant in Europe and America".

exatamente os mesmos ao longo do tempo, tendendo a se modificar de acordo com os sentidos inscritos e reproduzidos nas interações particulares; quanto em relação à historicidade da experiência subjetiva daqueles envolvidos nessas interações e que passam por processos de formação de uma "personalidade social", por meio do trânsito por um ou mais "mundos sociais", ao longo de seu ciclo de vida.

Os "mundos sociais", a partir dessa perspectiva epistemológica, eram utilizados como metáforas descritivas, por esses primeiros pesquisadores da Escola de Chicago, para se referirem às várias segmentações do mundo urbano – como, por exemplo, o gueto – constituídas no bojo do recrudescimento da divisão social do trabalho e do adensamento populacional, conforme vimos na seção anterior. Essa metáfora dos "mundos sociais" servia, portanto, como forma de delimitar um conjunto de pessoas, de atividades, de formas de comunicação e instituições a serem investigados, tendo em vista o seu funcionamento efetivo, pelos "Chicago boys".

Contemporaneamente, essa metáfora – estabelecida a partir das primeiras etnografias e narrativas de vida realizadas pelos pesquisadores da Escola de Chicago junto às populações marginais da cidade de Chicago – foi retomada de maneira mais sistemática por Anselm Strauss (1992) e Daniel Bertaux (2013) em diálogo com Tomastu Shibutani (1955), considerado, por Strauss (1992:269), pioneiro no esforço de utilização conceitual dos "mundos sociais".

A partir de um debate sobre os denominados "grupos de referência", cuja perspectiva é utilizada como uma estrutura de referência no cálculo das ações dos indivíduos, Shibutani propõe considerá-los, na sociedade urbana moderna, em que a experiência social é, necessariamente, segmentada, "mundos sociais" específicos[96]. Para Shibutani, os "mundos sociais" exerceriam uma função muito próxima à exercida pela "cultura", tal como definida por Redfield – como perspectiva compartilhada, "manifesta em

[96] De acordo com Shibutani (1955:563), além da definição utilizada por ele, esse conceito de "grupo de referência" tem sido empregado ainda em mais duas acepções: i) grupos que são utilizados como pontos de comparação para que o "ator" defina sua própria posição em determinadas circunstancias, pois dependendo de com quem o ator se compare sua percepção de si mesmo vai alterar-se e; ii) grupos legitimados positivamente pelos atores, em relação aos quais o ator aspira ganhar ou manter ou fortalecer a aceitação.

ato e em artefato" (REDFIELD *apud* SHIBUTANI, 1955: 564), em processos contínuos de reprodução e de transformação –; ou, ainda, no âmbito da psicologia social e tendo em vista, principalmente, os processos comunicativos, àquela exercida pelo "outro generalizado"[97], conforme propõe Gerog H. Mead – "Os *grupos de referência*, emergem, então, ao longo da internalização das normas, eles constituem a estrutura de expectativas imputada a uma audiência para quem o sujeito organiza sua conduta" (SHIBUTANI,1955: 565, grifos e tradução próprios).

A decisão de utilizar o conceito de "mundo social" e não, simplesmente, o de "cultura", busca demarcar, de acordo com Shibutani (1955:566), uma importante diferença: enquanto o conceito de "cultura", estabelecido para estudar as sociedades tradicionais, identifica-se com espaços geográficos determinados; o conceito de "mundos sociais", proposto para estudar as sociedades modernas urbanas, identificar-se-ia, de acordo com o autor, exclusivamente, com "canais de comunicação" que não coincidem com espaços geográficos contíguos e permanentes. No espaço urbano contemporâneo, o desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação de massa, ademais dos processos de divisão do trabalho, conforme destacamos acima, possibilitam aos indivíduos: i) usar parâmetros de grupos nos quais não são reconhecidos como membros ou nos quais nunca participaram ou, ainda, de grupos que nem sequer existem e; ii) assumir a perspectiva de mais de um grupo, concomitantemente, combinando as perspectivas de maneira singular.

> "As áreas culturais coincidiam com os canais de comunicação; desde que as redes de comunicação não são mais coincidentes com as fronteiras territoriais, as áreas culturais se sobrepõem e perderam suas bases territoriais. Então, na porta ao lado, vizinhos podem ser completamente estranhos, mesmo no senso comum há um reconhecimento intuitivo da diversidade de perspectivas e falamos, significativamente, de pessoas vivendo em diferentes mundos sociais – o mundo acadêmico, o mundo das crianças, o mundo da moda" (tradução própria).

[97] "taking the role of the generalized other"

Para Shibutani (1955:566), os "mundos sociais" são quase que, exclusivamente, constituídos por processos comunicativos que, entre outras coisas, possibilitam a interiorização das perspectivas compartilhadas, confundindo-se com os "canais de comunicação" que vão se constituindo na vida social[98]. De maneira geral, o autor sugere a existência de 4 características próprias a esses "mundos sociais", por meio das quais são constituídas suas especificidades: i) conformam um universo de respostas recíprocas regularizadas; ii) possuem uma estrutura que fornece aos indivíduos os elementos necessários para prever as ações dos outros e, dessa forma, permitir uma interação segura e eficiente; iii) conformam, portanto, áreas culturais, cujas fronteiras não são delimitadas nem por um território, nem por um pertencimento formal e, iv) os limites dos "mundos sociais" são medidos pelo alcance/eficiência da comunicação[99].

Embora os processos comunicativos sejam centrais nas dinâmicas de emergência e funcionamento dos "mundos sociais", Strauss e Bertaux chamam atenção para a dimensão material constitutiva dos "mundos sociais". Nesse sentido, enquanto, para Strauss (1992) trata-se de conciliar o universo do discurso e o da ação social, por meio da qual se constituem saberes, tecnologias e instituições concretos; para Daniel Bertaux (2013), o sociólogo ou, ainda, o "etnosociólogo"[100], deve focalizar a "ação social", considerando o discurso apenas na medida em que permite a compreensão mais precisa dos sentidos, meandros e consequências dessa ação.

[98] Na perspectiva de Shibutani (1955), a sociedade é constituída por meio de processos comunicativos que conformam canais de comunicação, de maneira similar às proposições de Park, consideradas acima, também a partir das reflexões de Dewey – "As sociedades de massa modernas são, de fato, constituídas por uma confusa variedade de mundos sociais. Cada um é uma perspectiva organizada, construídas pelas pessoas em suas interações com os outros; dessa forma, cada canal de comunicação faz emergir um mundo separado" (SHIBUTANI,1955: 566, tradução própria).

[99] "Cada um desses mundos é uma unidade de ordem, um universo de respostas recíprocas regularizadas. Cada um é uma área na qual existem algumas estruturas que permitem uma antecipação razoável do comportamento dos outros, logo, é uma área em que é possível agir com um senso de segurança e confiança. Cada mundo social, então, é uma área cultural, são fronteiras que não são determinadas nem pelo território, nem pelo pertencimento formal a um grupo, mas pelos limites da comunicação efetiva" (SHIBUTANI,1955: 566, tradução própria).

[100] A análise"etnosociológica" proposta por Bertaux (2013), abordaria questões sociológicas com a utilização de uma metodologia antropológica.

> "Apesar de a ideia de mundos sociais poder se remeter, essencialmente, à universos de discursos, nós devemos estar atentos a não nos confinar à simples observação das formas de comunicação, de simbolização, dos universos de discurso, mas nós devemos também examinar os fatos palpáveis como as atividades, os pertencimentos, os locais, as tecnologias e as organizações específicas de mundos sociais particulares" (STRAUSS, 1992:272, tradução própria).

Para Strauss, os elementos que conformam as estruturas materiais mínimas de um mundo social, seriam: i) pelo menos, uma *atividade primária* que, de diversas formas, vinculará um conjunto de atividades secundárias; ii) *locais* em que se desenvolvem essas atividades; iii) *tecnologias* utilizadas para o seu exercício e; iii) *organizações* que façam parte da vida cotidiana dos que compõe um mundo social[101].

A despeito da importância da materialidade dos "mundos sociais", Strauss assim como Shibutani, destaca sua fluidez e diversidade; podendo diferenciar-se tanto em relação à sua composição, tamanho, estabilidade e distribuição territorial, quanto em relação à exclusividade e lealdade exigida dos seus membros – considerando que os indivíduos, em geral, participam, concomitantemente, de mais de um "mundo social", nos espaços urbanos contemporâneos – que, na maioria das vezes, não são contraditórios entre si. Para Strauss, ademais dessas variações, é preciso considerar, ainda, dois movimentos comuns aos mundos sociais que, devido à sua natureza processual, se *entrecruzam* e se *segmentam*[102]. Entrecruzamento e segmentação refletem a fluidez característica dos "mundos sociais", concebidos por meio da perspectiva interacionista da sociedade que, justamente, focaliza processos em constante devir.

[101] "Elementos constitutivos de todos os "mundos sociais": compreende, pelo menos, uma **atividade primária** (ligada a conjuntos de atividades secundárias), **locais** em que se desenvolvem essas atividades, **tecnologias** (herdadas ou novas) para a realização dessas atividades e, com a sua consolidação, encontramos também **organismos/organizações**. Esses traços dos mundos sociais podem ser traduzidos analiticamente em processos" (STRAUSSS, 1992:272, tradução e grifos próprios).

[102] Em geral, de acordo com Strauss (1992:275), os entrecruzamentos não ocorrem entre "mundos sociais" globais, mas entre segmentos de mundos sociais.

> "É um universo em que a fragmentação, a dissolução e o desaparecimento são as imagens no espelho do aparecimento, da emergência e da fusão. É um universo onde nada é estritamente determinado. Esses fenômenos deveriam ser parcialmente determináveis por meio de uma análise naturalista e compreendem o fato de que as pessoas participam da construção das estruturas que formatam suas vidas" (STRAUSS, 1992:275, tradução própria).

A perspectiva de Bertaux (2013), conforme pudemos observar, complementa e especifica as proposições de Strauss (1992), tendo em vista, exclusivamente, enquanto objeto privilegiado da "análise etnosociológica", as *realidades práticas e materiais* constitutivas dos "mundos sociais" e das "situações sociais"[103].

> "Essa perspectiva [da etnosociologia] é decididamente orientada para as realidades práticas e materiais, políticas e sociais, ao invés das realidades discursivas e simbólicas. O seu objetivo principal não é compreender, a partir de seu interior, os esquemas de representação, o sistema de valores e crenças (…). É [o objetivo] estudar um pedaço, um segmento particular da realidade social histórica, uma peça do gigantesco mosaico social" (BERTAUX, 2013:12, tradução própria).

Esses objetos de estudo da etnosociologia seriam resultado do processo irreversível de divisão do trabalho que conformaria, por um lado, subculturas referentes às atividades profissionais ou a outras atividades principais em comum, os "mundos sociais" e; por outro, "situações sociais" compartilhadas por pessoas que participam de "mundos sociais" diversos e não, necessariamente, coincidentes em nenhum ponto (BERTAUX, 2013:12)[104].

Dessa forma, a especificidade dos "mundos sociais", para Bertaux, reside no fato de os indivíduos, nos momentos em que são constituídos/constituidores dessas estruturas, compartilharem atividades profissionais ou outros tipos de *atividades*, a partir das quais passam a se organizar uma série de *práticas* e de *saberes específicos.*

[103] E, nesse contexto, os "mundos sociais" e "situações sociais" comporiam seus objetos de análise exclusivos.
[104] As "situações sociais", de acordo com Bertaux, tratam-se, em geral, de situações consideradas difíceis (desempregados, jovens delinquentes em casa de reclusão, doentes mentais, prisioneiros, migrantes ilegais etc).

> "Cada *mundo social* centrado em torno de uma *atividade específica* desenvolve seus próprios *modos de funcionamento*, sua *divisão do trabalho*, suas *formas de relação social de produção*, seus *mercados internos* e sua *hierarquia interna*, suas *normas*, sua *linguagem específica*, seus *conhecimentos* e *habilidades* necessárias para exercer, em seu interior, uma atividade, seus valores e conflitos de valores, suas crenças, suas apostas e os jogos em torno de suas apostas" (BERTAUX, 2013:12, tradução e grifos próprios).

Em relação às análises emergentes de uma perspectiva analítico conceitual "em termos de mundos sociais", tendo em vista as *realidades práticas e materiais* que compõem os mundos sociais em foco, Strauss (1992) e Bertaux (2013) elencam questões referentes tanto à perspectiva dos sujeitos que constituem e são constituídos pelos "mundos sociais", quanto à perspectiva da evolução dos próprios "mundos sociais".

Da perspectiva dos sujeitos, dos processos de "socialização" subjacentes à formação dos "mundos sociais", ademais de questões de autenticidade em relação às definições de pertencimento ou não, destacam-se a questão das *formas de entrada, de saída e de circulação* no interior desses mundos sociais e dos *percursos sócio espaciais e laborais* anteriores dos que decidem, em algum momento de suas vidas, entrar nesse mundo social.

Em relação aos *percursos sócio espaciais e laborais* anteriores, os autores destacam sua importância devido, por um lado, ao seu aporte em termos de compreensão das passagens entre mundos sociais diversos e da ocorrência ou não de "mudança de perspectiva", por meio de mudanças de "grupos de referência", na forma como as pessoas compreendem a realidade e decidem suas formas de ação e; por outro, ao seu aporte em termos de identificação do que Bertaux denominou "trajetórias sociais" típicas dos indivíduos pertencentes ao mesmo "mundo social" ou à mesma "situação social", o que, além de permitir uma melhor compreensão dos sentidos para os sujeitos e dos saberes inscritos nas atividades principais dos "mundos sociais"[105]; permite tematizar, mesmo que,

[105] "Uma perspectiva em termos de mundo social nos lembra que os participantes podem aportar a ele uma percepção e um julgamento, ademais de um amplo conhecimento e mesmo uma investigação sobre os eventos de seu mundo social" (STRAUSS, 1992: 279, tradução própria).

sempre, de maneira provisória, a heterogeneidade de perfis componentes desses "mundos sociais".

> "A maioria das teorias sobre a socialização admitem uma entrada *de novo*, mas é provável que a entrada na maioria dos mundos e micro mundos sociais se fazem por meio de um processo de colocar em órbita, ou seja, de se deslocar de um mundo a outro, permanecer nos dois, ou deixar o primeiro, ao qual se juntam pertencimentos múltiplos"(STRAUSS, 1992:276, tradução própria).

E em relação às *formas de entrada, de saída e de circulação,* para Strauss, essas formas não dizem respeito apenas a mecanismos organizacionais, de recrutamento, mas a todas as configurações informais e casuais que permitem que um indivíduo entre em contato e desenvolva as habilidades necessárias para fazer parte de um "mundo social".

> "A socialização não é, somente, associada aos graus e aos tipos de autenticidade, mas também *à maneira pela qual as pessoas entram e saem dos mundos e micro mundos sociais*. Ao invés de simplesmente observar os mecanismos organizacionais, tais como o recrutamento, nós deveríamos também observar como as pessoas são contatadas, tomam contato, convivem, são introduzidas, são atraídas, são vinculadas pelos mundos sociais. Qual papel jogam o 'acaso', as redes de conhecimento e de amigos nesse processo de vincular, explicar , informar, conectar e conduzir os novos membros? Qual é o papel dos treinadores formais e informais?» (STRAUSS, 1992:276, grifos e tradução próprios).

Além das formas de circulação dos indivíduos, os próprios "mundos sociais" possuem um história de emergência, de consolidação, de transformação e de desaparecimento, que, de acordo com Strauss, assim como as organizações/instituições sociais, conformam-se por meio da interação dos sujeitos que os compõem – que debatem, discutem, exercem constrangimentos e manipulações, definem alterações etc, nem sempre de maneira pública – apresentando algumas tendências gerais capazes de serem identificadas retrospectivamente.

> "Os estudos sobre os mundos sociais chamam a nossa atenção a respeito da história de um mundo social, ou seja, quais são suas origens, onde ele se encontra atualmente, por quais mudanças ele passou e em direção a quais ele parece se dirigir". Ele está em vias de evoluir, se desintegrar, se cindir, de iniciar colaborações e alianças"(STRAUSS, 1992:280, tradução própria).

Considerando o objetivo de perscrutar a experiência social de migrantes bolivianos e bolivianas a partir do debate delineado na seção anterior, tendo em vista seus projetos e construções sócio espaciais em torno de sua atividade laboral na indústria de confecção paulistana, partimos da hipótese de que, ao longo dos últimos 30 anos, os migrantes bolivianos, costureiros e oficinistas da cidade de São Paulo, constituíram um mundo social próprio, tanto em termos dos processos comunicativos, quanto em termos materiais, das atividades/instituições e territorialidades, o "mundo social das oficinas de costura bolivianas"[106]. E para a realização da pesquisa empírica, focalizamos as duas dimensões descritas acima: i) a dos *percursos sociais* anteriores, que incluem os dois últimos níveis espaço temporais (migratórios/residenciais) propostos por Tarrius, indicados acima e os percursos laborais anteriores dos bolivianos e bolivianas que, em algum momento de suas vidas, se inseriram nessa atividade nas cidades de destino, e as circunstâncias relativas à sua decisão inicial de inserção nesse mundo social e, ii) de suas *formas de inserção, circulação e saída* desse mundo social, que inclui o primeiro nível espaço temporal proposto por Tarrius, das mobilidades cotidianas.

A pesquisa empírica sobre essas duas dimensões do que a partir de agora denominaremos de "mundo social das oficinas de costura bolivianas" baseou-se, principalmente, na realização de entrevistas de "narrativas de vida" com os bolivianos e bolivianas que, em algum momento de suas vidas, se inseriram nesse mundo social.

As narrativas de vida, como "testemunho retrospectivo sobre a experiência vivida e sobre a micro-história", seriam, de acordo com Bertaux (2013:22), a forma ideal de descrição da ação social em sua temporalidade intrínseca, a partir das quais podemos acompanhar o desenvolvimento de uma ação situada, o desdobrar de seu enredo.

A história da utilização das "narrativas biográficas" e "histórias de vida" na análise sociológica também inicia com os primeiros trabalhos da Escola de Chicago, nos Estados Unidos, desenvolvendo-se no período entre guerras (1919-1939), a partir do clássico de W. I Thomas e Florian Znaniecki, o *The polishpeasant in Europeand America*. Entretanto, diferentemente do conceito de "assimilação", essa metodologia de pesquisa

[106] Nesta tese, abordaremos apenas a dimensão material do mundo social das oficinas de costura bolivianas.

passou, praticamente, três décadas no ocaso, do pós segunda guerra até os anos 1970, período em que vicejaram, na sociologia norte americana, o funcionalismo parsoniano e, na francesa, o estruturalismo em suas diversas modalidades.

A partir dos anos 1970, conforme expõe Bertaux (1980:198), essa metodologia foi retomada por meio de perspectivas teóricas variadas (marxismo sartriano, neomaterialismo, hermenêutica, sociologia weberiana etc), a partir de uma ampla gama de objetos de pesquisa (camponeses, imigrantes, trabalhadores sazonais, operários, empregados, artesãos, jovens delinquentes, elites etc) e no âmbito de desenhos de pesquisa igualmente variados, podendo abarcar apenas um indivíduo ou centenas. Esse tipo de dado empírico mostrou-se uma importante fonte de informações não apenas para questões referidas à psicologia social ou, ainda, "sócio simbólicas", mas também para a compreensão de processos "histórico estruturais", possibilitando, ainda, abarcar aspectos referentes a esses dois "níveis" no estudo de uma realidade social específica[107].

Para os autores do "The Polishpeasant", as narrativas de vida constituíam o meio de acesso privilegiado para acessar uma ampla contextualização das situações vivenciadas e do processo de constituição da personalidade social dos indivíduos que as vivenciaram, provendo o sociólogo do material necessário para identificar, diante da infinidade de antecedentes de um evento, aqueles significativos para o desenvolvimento de determinada situação social.

> A superioridade das narrativas de vida sobre todos os outros tipos de material empírico utilizados pela análise sociológica aparece com uma evidência particular quando passamos das evidências simples à determinação dos fatos, porque não há maneira mais certa e eficaz de se situar com precisão em meio aos inúmeros antecedentes de um evento do que aquela que consiste em analisar o passado dos indivíduos por intermédio dos quais o evento foi produzido" (THOMAS & ZANANIECKI, 1998:47, tradução própria).

[107] "Sobretudo, esses dois 'níveis' do sócio estrutural e do sócio simbólico são duas faces de uma mesma realidade, o social, e é por isso que todo o estudo aprofundado de um conjunto de relações sociais é levado a considerá-los simultaneamente" (BERTAUX, 1980:204, tradução própria).

Considerado o primeiro trabalho sociológico sobre a migração europeia para os Estados Unidos, entre o final do século XIX e início do século XX, tendo em vista a análise da mudança social, ou modernização, engendrada pela desorganização do mundo tradicional com o advento da economia de mercado, o livro de W. I Thomas e Florian Znaniecki, *The polishpeasant in Europeand America*[108], baseou-se na utilização de correspondências e narrativas autobiográficas de imigrantes que se direcionaram para Chicago, concentrando-se, principalmente, na história de um desses migrantes e na consideração das determinantes socioculturais dos locais de origem para a compreensão da inserção dos imigrantes nas cidades de destino.

O livro é o resultado de um trabalho extremamente original de pesquisa sociológica, realizada durante a Primeira Guerra Mundial, sobre a imigração polonesa[109]. A pesquisa foi idealizada por Willian Isaac Thomas, depois de se tornar diretor do *Helen Culver Found for Raceand Psychology* e receber uma dotação de cinquenta mil dólares para fazer uma pesquisa sobre a imigração europeia para a América, que considerasse a influência dos locais de origem, em termos socioculturais, nas formas de inserção dos imigrantes, na cidade de Chicago – conforme explicitou o próprio Thomas, ele deveria "estudar um grupo imigrante na Europa e na América para determinar, tanto quanto possível, qual relação seus costumes domésticos e normas têm com sua adaptação ou inadaptação na América" (THOMAS apud Zaretsky, 1984:9).

[108] O livro foi, inicialmente, publicado em 5 volumes, entre 1918 e 1920, escrito por W. I. Thomas em parceria com um filósofo social polonês, Florian Znaniecki, seu assistente e tradutor. Utilizamos, prioritariamente, uma edição traduzida para o francês e organizada por Pierre Tripier, mas também a introdução de uma edição americana editada por Zaretesky.

[109] Para a realização da pesquisa, conforme descreve Tripier (1998), os autores puseram anúncios, em um jornal polonês, de compra de cartas pessoais de migrantes poloneses com seus familiares na Polônia, pagando 5 dólares o pacote. O personagem principal do livro, o polonês Wladek Wiszniewiski, era um padeiro que, depois de ter perdido um emprego melhor remunerado como padeiro, ao longo da guerra, possuía um emprego, em tempo parcial, em um matadouro e havia acabado de se casar. O aceite do anúncio respondia, portanto, a necessidades práticas de subsistência, ainda mais, considerando-se o ambiente recessivo geral ocasionado com o fim da guerra. Depois de comprados alguns pacotes, os pesquisadores propuseram que ele passasse a escrever, também remuneradamente, páginas autobiográficas. E se os pesquisadores considerassem tais páginas interessantes, o polonês poderia ganhar um bom salário com esse trabalho de escritura. E Wladek já possuía, de fato, algumas características que facilitavam esse trabalho – filho de um pequeno comerciante tirânico, foi um excelente aluno, sendo auxiliado, inclusive, pelo padre de sua paróquia –"Embora ele não considerasse a atividade tão gratificante, ele se lança na escrita por falta de encontrar um trabalho melhor" (Tripier, 1998:5, tradução própria).

Nesse livro, os autores desenvolvem pela primeira vez o conceito, considerado central nas análises de Bertaux (2000:75), de "definição da situação", como forma de abarcar o contexto das ações sociais em foco. Conforme argumenta Bertaux, as ações dependem de uma percepção e avaliação das situações em função dos seus projetos e crenças e da mobilização de recursos físicos, morais, intelectuais relacionais e materiais dos sujeitos. Ou ainda, as ações dependem de uma "definição da situação", conforme propõe W. I Thomas, ou seja, de uma elaboração intelectual dos indivíduos, antes da decisão de seu curso de ação, por meio da mobilização de experiências passadas, considerações a respeito dos constrangimentos morais envolvidos em suas escolhas e a percepção do contexto imediato que o impele a agir[110].

No livro "The polishpeasant", o conceito de "definição da situação" foi mobilizado pela primeira vez, ao longo das notas dos autores a respeito do relato autobiográfico de Wladeck, que constitui sua parte central, nos "momentos críticos" em que o protagonista, conforme explicita Bertaux, deve escolher um curso de ação entre diversas possibilidades. E esses momentos seriam reveladores das tendências da vida social, pois permitiriam entrever a maneira como este social esta sendo interpretado e vivenciado pelos indivíduos que, em última instância, o compõem.

> "Eles se detém, em particular, nos momentos críticos e mostram como, em um momento que é uma encruzilhada de possibilidades de vias diversas, é a maneira como Wladeckdefini a situação (e a aceitação ou a recusa dessa definição para o mundo que o circunda) que permite compreender como ele vai agir e traçar sua rota. Ao fazerem isso, eles fazem aparecer numerosas relações escondidas na leitura" (BERTAUX *apud* TRIPIER, 1998:6, tradução própria).

Em um texto de Thomas sobre "Definir a situação", publicado, originalmente, em inglês, em 1923, em seu livro "The unajusted girl", é delimitada a perspectivaontológica

[110] Esse conceito alcançou especial posteridade na obra de Thomas, constituindo ainda importante referencial analítico das proposições contemporâneas a respeito da utilização das narrativas de vida, conforme salientamos a respeito das formulações de Bertaux. É interessante notar que um dos motivos, irônicos, dessa posteridade é a utilização do conceito por Merton, que partia de um pressuposto epistemológico funcionalista-estruturalista oposto ao individualismo metodológico de Thomas – "Em uma série de trabalhos, os quais os universitários são, aproximadamente, os únicos a se referir, o deão dos sociólogos americanos, W. I. Thomas formulou um teorema essencial para as ciências sociais" (Merton *apud* Tripier, 1998:11, tradução própria).

subjacente ao conceito: Thomas parte da consideração de que o "livre arbítrio" é uma das principais características diferenciadoras dos animais superiores e, em especial, do homem. E, nesse sentido, a "definição da situação" é o momento de realização desse "livre arbítrio", anterior à ação propriamente. Entretanto, conforme observa Tripier (1998:12), conquanto seja livre em sua "definição da situação", sua definição e ação dependem do consentimento, mesmo que tácito, dos outros, com quem os indivíduos interagem e que, nesse momento, se mesclam à suas experiências passadas, influentes na definição atual.

Ainda assim, Thomas destaca – em um livro escrito em parceria com Dorothy Swaine Thomas, *The child in America*, publicado em 1928 – que mesmo nos casos em que a definição da situação não corresponde à realidade objetiva ou, mesmo, aceita, dos fatos, ela continua a ser uma dimensão fundamental para a compreensão da realidade social em foco, pois o fato de uma situação ser considerada verdadeira por um indivíduo ou por um grupo, a torna verdadeira em suas consequências. Dessa forma, para os autores, interessa, em última instância, a realidade social tal como percebida pelos indivíduos e que os leva a agir e não a realidade "objetiva".

> "Deve existir e existem dúvidas a respeito da objetividade e veracidade das narrativas, mas mesmo a mais extrema narrativa subjetiva possui um valor para o estudo do comportamento. (…) O seu comportamento imediato está, intimamente, vinculado `'a sua *definição da situação*, que pode ser em termos de uma apreciação subjetiva – 'como se fosse'. Muitas vezes é a ampla discrepância entre a situação tal qual aparece para os outros e a situação tal qual aparece para o indivíduo que faz emergir as dificuldades abertas de comportamento. Para considerar um exemplo extremo, o diretor da prisão Dannemora, recentemente, recusou acatar a ordem da Corte para mandar um internado para fora dos muros da prisão por um motivo específico. Ele se desculpou baseando-se no fato de o homem ser muito perigoso. Ele havia matado várias pessoas que possuíam o desafortunado hábito de falar consigo mesmas na rua. Por meio do movimento de seus lábios, ele imaginava que eles o chamavam de palavrões e ele se comportava como se isso fosse verdade. *Se os homens definem situações como realidade, elas serão reais em suas consequências*" (THOMAS, W. I *apud* SHAW, 1966:3, tradução própria).

Nessas perspectivas, o conceito de "definição da situação" assemelha-se à ideia de "projeto", pressupondo uma reflexividade passível de ser retomada discursivamente, que indica o ambiente e as percepções relevantes no momento da decisão a respeito de um curso de ação. No interacionismo simbólico e, de maneira mais radicalizada, na etnometodologia a dimensão discursiva é apenas parte de "situações" que devem ser vivenciadas e descritas pelos pesquisadores. Nessas circunstâncias, a principal discursividade em foco é aquela estabelecida no momento da interação observada pelo pesquisador e que envolve uma série de outros detalhes não discursivos.

De acordo com Joseph (1982:229), ao invés da "definição da situação", esses pesquisadores passam a se interessar pelos "comportamentos significativos em situação" que, conforme explicita, pressupõem, para a sua análise, a descrição das técnicas e linguagem por meio das quais indivíduos ou grupos sociais definem ou negociam suas identidades nas situações da vida cotidiana.

Nessa perspectiva, adquire primazia a pesquisa etnográfica, que implica a participação direta do pesquisador nas atividades nas quais se desenvolvem os "comportamentos significativos em situação"[111]. Essa experiência social compartilhada franquearia ao pesquisador maior compreensão da linguagem e das explicações *a posteriori* dos sujeitos sobre suas ações localizadas espacial e temporalmente. De todo modo, tratar-se-ia cada vez mais, principalmente na etnometodologia, da análise de situações descontínuas, cujos significados que importam seriam os compartilhados no momento da interação. No lugar da "narrativa" associada ao romance e ao desdobramento de um enredo ao longo de uma duração, teríamos a "dramatização presente" associada ao teatro e à representação do "instante prático".

[111] De acordo com Cefai, "Por etnografia entendemos um tipo de pesquisa que se baseia na observação prolongada, contínua ou fracionada, de um ambiente, de situações ou de atividades apoiadas em saberes particulares, que compreendem o seu acesso (ser aceito, ganhar confiança, encontrar seu lugar) (…), a tomada de notas as mais densas e precisas possíveis e/ou registrar em áudio ou vídeo sequências de atividades em situação" (CEFAI, 2010:7, tradução própria).

> "Assim o primado da situação é forçosamente o primado do presente, fazendo da sociologia interacionista senão uma sociologia do efêmero, como podem dizer seus críticos, uma sociologia da emergência, do instante prático. Toda atividade de acomodação (fitting together) está em relação de descontinuidade relativa com aquelas que a precedem no índice cognitivo. É preciso então facultar ao ator uma capacidade de esquecimento que é o inverso de sua presença prática (nos referimos a Bergson, evidentemente)" (JOSEPH, 1982:231, tradução própria).

Nessas circunstâncias, conforme argumenta Joseph (1982) não existiria o problema da "identidade autêntica" que, no caso das narrativas biográficas, poderiam produzir o que Bourdieu denominou de "ilusão biográfica"[112]. O que importa é a eficácia ou não dos sentidos compartilhados no momento da interação e não uma identidade substantiva imutável que se busca encontrar por meio das narrativas autobiográficas.

Nessa perspectiva, propõe-se uma forma de compreensão da ação individual que se distancia das "teorias da escolha racional" – a partir das quais são formuladas as hipóteses mais comumente aceitas a respeito da racionalidade dos indivíduos – porque além de ser indutiva e não dedutiva, pressupõe outro tipo de agente e, mesmo, de ação: uma ação que envolve o corpo, o espaço os sons, e uma racionalidade diluída em um "saber prático" expresso em uma linguagem específica emergente a partir da interação.

> "Ao situar a determinação das condições e dos componentes do trabalho em seu processo mesmo de realização, *in situ*, esse aporte fornece uma imagem do ator e da ação radicalmente diferente daquela proposta pelas teorias da escolha racional. O controle da ação não se encontra mais em um espírito desencarnado, cujo corpo constitui apenas um órgão de execução. Além disso, toma uma forma diferente daquela imaginada por essas teorias, existe um outro lugar: não mais a preparação mental da ação, mas a sua efetivação concreta em contexto. E seriam, precisamente, as modalidades desse controle em contexto que as pesquisas que reivindicam o paradigma da "ação em situação" tentam colocar em evidência (QUÉRÉ, 1996:57, tradução própria).

Dessa forma, nessa perspectiva, praticamente inexiste a possibilidade narração da ação e da delimitação de um "plano" ou "projeto" anterior, principalmente, no caso das

[112] "A forma dramática é aquela mais apta para abarcar de maneira qualitativa a memória de um ator. Ela remove a questão de sua identidade autêntica por se preocupar apenas com a imagem que ela queria passar, que ela conseguiu passar de uma situação precisa e em relação a qual permanece distante" (JOSEPH, 1982:232, tradução própria).

atividades de reprodução da vida cotidiana. A ação deve ser flagrada no instante mesmo em que ocorre e os significados que importam são aqueles mobilizados no momento da interação, que deve ser descrita em detalhes pelo sociólogo.

De todo modo, apesar do radicalismo de boa parte dos etnometodólogos, argumentamos a partir das proposições de Bertaux (2013), que, além das "definições da situação" de momentos considerados chave dos percursos dos indivíduos, as narrativas de práticas, *a posteriori* – desde que devidamente orientadas pelo entrevistador no sentido do "como" e em quantidade suficiente para que se possam identificar as idiossincrasias e as exceções – podem permitir, ao menos, uma primeira aproximação das realidades sociais que se pretende desvendar.

> "Le chercheur se présent sur le terrain conscient de son ignorance et, comme le ferait toute ethnologue, il s'adresse aux personnes qui y exercent leurs activités et y vivent pour savoir '*comment ça marche*'. Ces personnes – agents, acteurs, membres du monde social o vivant la situation sociale étudiée – prendront donc le statu d'*informateurs* ; c'est un statut très différent de celui qui est conféré aux interviewés par une enquête portant sur leurs opinions, attitudes, valeurs croyances et représentations, qu'elle mette en ouvre des entretiens centrés ou des questionnaires standardisés. Ici l'accent est mis nom pas sur l'intériorité (la psychologie) des sujets, mais sur ce social qui leur est extérieur: les *contextes social* dont ils ont acquis par l'expérience une *connaissance pratique.* Dans cette perspective, le récit de vie peu constituer un instrument remarquable d'extraction des savoirs pratiques, à conditions de l'orienter vers la description d'expériences vécues personnellement et des contextes au sein desquels elles se sont inscrites. Cela revient à orientes les récits ver la forme de **'récit des pratiques**'» (Bertaux, 2013:20-21, grifos meus).

As narrativas de vida nos permitem, ainda, conforme destaca Casassus (1998), abordar a heterogeneidade dos percursos laborais precários.

> "(...) trata-se, aparentemente, de indivíduos errantes, sem carreira possível, cujas vidas profissionais parecem não ter uma progressão, sua situação não melhora com a idade e nem com a experiência. (…) Trata-se dos empregos menos qualificados que não impõem barreiras aos que querem entrar" (CASASSUS, 1998:131, tradução própria).

Neste artigo, Casassus (1998) parte de uma interrogação sobre a construção dos destinos sociais precários –"Como se constroem os destinos sociais daqueles que se encontram em situação econômica precária?". E para abarcar a estreita relação entre "inserção laboral" e "condição social", propõe a utilização do método biográfico nas análises sobre mercado de trabalho – principalmente, no caso das atividades de "baixas qualificações" ou, ainda, precárias.

A autora argumenta que as análises tradicionais sobre mercados de trabalho e mobilidade social, em geral, não consideram a existência de qualquer heterogeneidade e/ou mobilidade social nesses segmentos precários do mercado de trabalho, como é o caso do trabalho de costureiros imigrantes, na indústria de confecção dos grandes centros urbanos. Ao considerarem, apenas, os mecanismos formais em uma atividade específica, não encontram nenhuma variação que permita identificar, nessas atividades, estágios diferenciados – pois são atividades que, a princípio, não exigem um diploma e não proveem, formalmente, nenhum meio interno de promoção.

Em resumo, a escolha da utilização de "narrativas de vida" como principal forma de acesso à experiência social dos migrantes bolivianos, trabalhadores e trabalhadoras da indústria de confecção da capital paulistana – tendo em vista a narrativa de suas mobilidades (cotidianas, residenciais e migratórias) e de sua experiência laboral – objetiva abarcar, por essa via, aspectos referentes a dois níveis dessa realidade social. Enquanto, por um lado, trata-se de perscrutar o perfil desses migrantes ou, ainda, localizá-los no âmbito das estruturas sociais bolivianas e identificar, mais precisamente, os percursos *sócio espaciais e laborais* anteriores, seus "espaços de vida" originais e as respectivas "definições da situação" do momento em que decidem migrar e se inserir na indústria de confecção; por outro, trata-se de perscrutar sua experiência laboral nessa atividade, tendo em vista suas *formas de entrada, de saída e de circulação* por entre as oficinas de costura e suas articulações.

Esses dois objetivos nos remetem a dimensões e temporalidades distintas da experiência social dos migrantes em foco e, consequentemente, a questões epistemológicas específicas: i) em relação ao primeiro questionamento, a respeito do perfil sócio biográfico

dos entrevistados, tendo em vista os momentos que produzem bifurcações importantes nas trajetórias (os deslocamentos espaciais /residenciais /migratórios e as escolhas laborais), nos quais se incluem a decisão de se inserirem na indústria de confecção, trata-se de mobilizar o conceito de "definição da situação" e; ii) em relação ao segundo questionamento, que desloca o olhar para o funcionamento de um mundo social específico por meio das formas de inserção e circulação dos migrantes bolivianos e bolivianas entrevistados, trata-se de mobilizar a "ação em situação" tal como proposta por Bertaux, inspirado nos trabalhos de orientação etnometodológica, por meio das "narrativas de práticas"[113].

No próximo capítulo, apresentaremos o trabalho de campo exploratório na cidade de São Paulo; sua hipótese esteve assentada na perspectiva de se considerar o mundo social como forma de aproximação da experiência laboral e sócio espacial dos costureiros e donos de oficinas de costura na cidade de São Paulo.

[113] Certamente, esse segundo tipo de ação é considerado muito mais refratário que o primeiro tipo ao acesso por meio das narrativas de vida. Entretanto não foi possível empreender um trabalho etnográfico nas próprias oficinas de costura.

# Capítulo 2

## Projetos, Percursos Sociais e Espaços de Vida-

## A pesquisa sobre a experiência social dos trabalhadores bolivianos e bolivianas na cidade de São Paulo

> Vivires moverse, pueses enel movimiento, enel cambio y las transformaciones donde los sociólogos evidenciamos lavitalidad de las sociedades. Y cuando hablamos de movimiento no sólo nos referimos a los desplazamientos de orden geográfico o físico que nos conducen de un lugar a otro, de lacomunidad de nacimiento a una localidad distinta y distante, de una ciudade nel país de origen a outra enel país extranjero; hablar de movimiento implica también hablar ena quellos cambios que conducen de una situación social, económica, cultural y política a otra, donde roles, estatus y prácticas específicas se trastocan. Sin embargo, estos cambiosson vividos no sóloen tanto rupturas o quiebras traumáticos, sino sobre todo como procesos de negociación y/o adaptación a las condiciones y contextos tanto enlos núcleos de origen, como enlos escenarios de circulación y enlos lugares de destino (HINOJOSA apud DE LA TORRE, 2006: 12)

Neste capítulo, apresentaremos a primeira etapa da empírica que orientou a elaboração desta tese realizada na cidade de São Paulo, no Brasil junto aos bolivianos e às bolivianas que, em algum momento de suas vidas, se inseriram na indústria de confecção das cidades de destino. Conforme debatemos no primeiro capítulo, partimos da hipótese de que esses migrantes formam um mundo social específico em torno dessa inserção laboral nas cidades de destino que denominamos de "mundo social das oficinas de costura bolivianas". E, para perscrutá-lo, propusemos a metodologia das narrativas de vida, que privilegia a perspectiva subjetiva, colocando em primeiro plano os projetos, as práticas de mobilidade e as territorialidades constituídas pelos migrantes desde os locais de origem e entre origens e destinos, narrados em suas "definições da situação".

Partimos de uma definição de projeto não como uma intenção estática, mas como um processo em constante atualização, na medida em que se efetiva, em que as percepções e intenções elaboradas antes da ação são repostas diferentemente, na medida em que a ação projetada inicia, tal como propõem Ma Mung (2009) e Boyer (2005). Dessa forma, e tendo em vista o projeto migratório, tratar-se-ia de um processo que incluiria não apenas as intenções iniciais, elaboradas a partir dos constrangimentos e/ou oportunidades presentes nas localidades de origem, mas também suas atualizações nas sociedades de destino e mesmo o retorno, entendido como uma atualização provisoriamente final do projeto migratório.

> Enquanto projeção do futuro, o projeto se caracteriza por uma dimensão temporal fundamental; ele se inscreve em um *continuum* temporal que participa de sua redefinição constante. O presente como uma atualização do futuro e o futuro não sendo mais que o futuro próximo, o projeto é incessantemente redefinido ao longo desse *continnum,* em função do contexto e das estratégias sociais e/ou individuais. Partir dessa perspectiva para a análise do projeto migratório significa dizer que ele se constitui no momento da partida, mas também durante toda a história migratória, tanto no momento da estadia no estrangeiro, como no momento do retorno. A perspectiva do projeto migratório conduz a um distanciamento de uma análise em termos de determinantes, para privilegiar uma análise mais dinâmica que se funda em um *continnum* temporal (BOYER, 2005: 57, tradução própria).

Nesse contexto analítico, portanto, a dimensão espacial do projeto migratório incluiria tanto as práticas de mobilidade constitutivas dos percursos sociais anteriores dos migrantes em foco, quanto as que se constituem a partir do momento em que se colocam em movimento entre origens e destinos internacionais. E para abarcar essas mobilidades espaciais de maneira integrada no interior da experiência dos indivíduos/grupos que protagonizam esses movimentos, tal como propõe Tarrius (1989, 2000) em sua antropologia do movimento abordada no primeiro capítulo, sem as distinções que lhe são exteriores entre "migrações internas", "internacionais" e "deslocamentos cotidianos", propomos a mobilização de três conceitos emergentes no debate demográfico: "espaço de vida" (COURGEAU, 1975), "reversibilidade da migração" e "residência base" (DOMENACH & PICOUET, 1990).

Esses conceitos foram elaborados tendo em vista abarcar a multiplicidade de práticas de mobilidade espacial emergentes no contexto contemporâneo e que colocam em xeque as análises clássicas que consideram as migrações como rupturas que implicam mudanças definitivas de residência e de contextos sócio espaciais e identitários de referência para a realização do percurso de assimilação nas sociedades de destino, conforme propunham os pesquisadores da Escola de Chicago, considerados no primeiro capítulo.

Nesse sentido, enquanto o conceito de "espaço de vida", entendido como o conjunto dos espaços por onde os indivíduos circulam para a realização de suas atividades cotidianas, proposto inicialmente por Corgeau (1975), nos permite operacionalizar as proposições de Tarrius a respeito das inter-relações entre os diversos fenômenos de mobilidade espacial (migrações e deslocamentos cotidianos) e os outros eventos da vida familiar, econômica e política dos indivíduos; o conceito de "residência base" nos permite abordar o fenômeno migratório a partir da consideração de sua probabilidade de reversibilidade em oposição ao suposto da irreversibilidade como regra. Dessa forma, a "residência base" seria "o lugar ou o conjunto de lugares a partir do qual (ou dos quais) os deslocamentos tem uma probabilidade de retorno mais elevada, qualquer que seja a duração da estadia em outro lugar" (Domenach e Picouet, 1987, tradução própria). E, na medida em que a probabilidade de retorno diminui, a "residência base" se desloca.

A partir desse arcabouço conceitual, a pesquisa empírica visava identificar, por meio de entrevistas de "narrativas de vida" com os bolivianos e as bolivianas que, em algum momento de suas vidas, tenham se inserido nesse mundo social, por um lado, quais os perfis desses trabalhadores e quais os sentido atribuído a essa decisão, a partir da consideração de seus *percursos sócio espaciais e laborais anteriores* inscritos em seus *"espaços de vida"* e *"residências base"* no país de origem e de seu *projeto inicial* de migração e inserção no "mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino" e, por outro, quais as formas de reprodução desse mundo social e quais os sentidos atribuídos a essa inserção, a partir da consideração das formas de *entrada, de circulação e de saída* dos migrantes bolivianos nesse mundo social e de suas relações com a sua *residência base* anterior a essa inserção, tendo as vista as reformulações do projeto inicial no momento da entrevista.

O trabalho de campo na cidade de São Paulo – realizado em duas etapas, em 2011 e 2012 - visava a uma primeira aproximação da experiência social dos bolivianos e das bolivianas que se inserem na indústria de confecção da cidade, a partir das dimensões elencadas acima, tendo em vista verificar a hipótese de formação de um mundo social das oficinas de costura específico das oficinas de costura bolivianas e elaborar hipóteses de trabalho a respeito de seu funcionamento e dos sentidos dessa inserção inscritos nos projetos migratórios dos bolivianos e das bolivianas que se inserem nessa atividade laboral na cidade de destino.

Embora tenhamos iniciado o trabalho de campo a partir das instituições que lidam diretamente com a questão da migração boliviana e de sua inserção na indústria de confecção local, optamos em concentrá-lo nos locais de sociabilidade dessa população boliviana na cidade, especificamente na Praça Kantuta e na Rua Coimbra, e nos locais comumente associados às comunidades migrantes e à produção e comercialização de roupas na cidade (os bairros do Bom Retiro e do Brás e a Feira da Madrugada). Essa decisão devia-se ao objetivo principal do trabalho de campo, de entrar em contato com os trabalhadores comuns e com suas respectivas narrativas sobre os seus percursos de vida, projeto migratório e experiência no interior do mundo social em foco e também à percepção

de que as instituições ligadas à gestão dessa realidade social conformavam um "campo social", no sentido bourdiesiano, bastante complexo - envolvendo órgãos de secretarias municipais, associações nacionais e internacionais de Direitos Humanos e associações de migrantes - exigindo, para ser desvendado, esforços de pesquisa específicos, que nos desviariam dos objetivos principais.

Foram realizadas, ao final, as seguintes atividades de pesquisa: a) nos "espaços da bolivianidade" e pelas ruas do Brás, do Bom Retiro e na Feira da Madrugada, observação participante e aplicação de um questionário, elaborado no âmbito do Observatório das Migrações[114], com 8 bolivianos e 9 bolivianas e; b) na Pastoral do Migrante, participação em algumas atividades e entrevistas com uma advogada e uma assistente social diretamente envolvidas com os bolivianos e bolivianas inseridos na indústria de confecção. E a partir dos contatos estabelecidos ao longo dessas atividades: duas entrevistas de narrativas de vida com bolivianos que migraram para São Paulo durante os anos 1970 e se inseriram em outras atividades[115] e uma entrevista de narrativa de vida com um boliviano que migrou para São Paulo no início dos anos 1980 e, embora tenha passado quase 20 anos inserido no "mundo social das oficinas de costura bolivianas", havia saído dessa atividade e, no momento da entrevista, possuía um restaurante de comida típica boliviana, na Rua Coimbra.

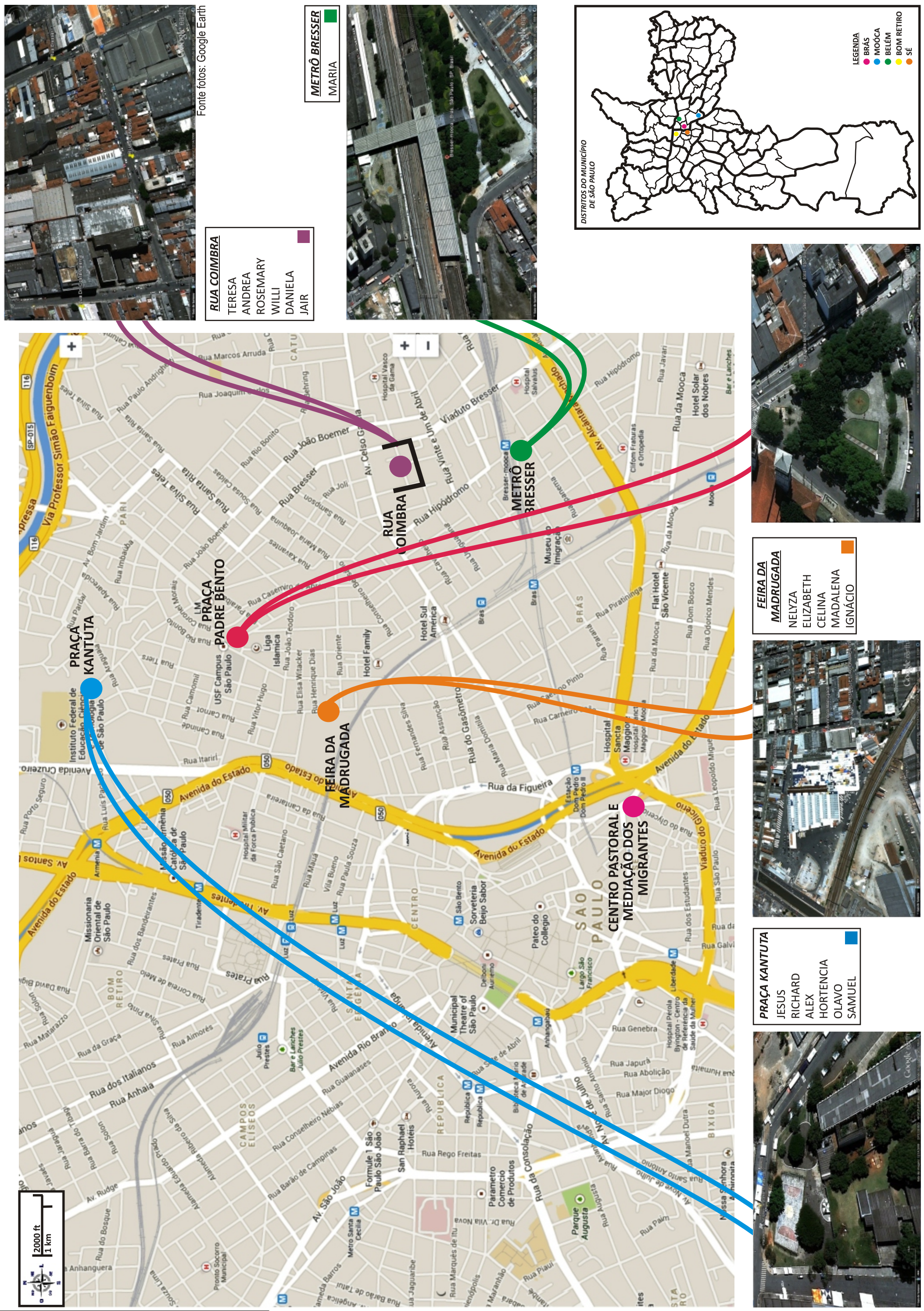
Nas próximas seções, apresentaremos esse trabalho de campo a partir de uma descrição das territorialidades bolivianas frequentadas e de alguns dos percursos e projetos dos bolivianos e das bolivianas com quem conversei nesses espaços: 2.1) a Pastoral do Migrante; 2.2) os "espaços da bolivianidade" (a Praça Kantuta e a Rua Coimbra), 2.3) a Feira da Madrugada e, 2.4) na última seção, formularemos algumas conclusões orientadoras da pesquisa realizada nos locais de origem dos migrantes bolivianos que trabalham na costura nas cidades de destino.

---

[114] Projeto temático da Fapesp no interior do qual se insere essa pesquisa de doutorado. Ver o questionário em Anexo 1.

[115] O interesse em realizar essas entrevistas, com migrantes que se inseriram em outras atividades, devia-se à possibilidade de perscrutar as especificidades da migração boliviana vinculada ao mundo social das oficinas de costura a partir da comparação com outras formas de inserção dos migrantes bolivianos na capital paulistana.

## Figura 1 - Locais da cidade de São Paulo[116] em que foi realizado o trabalho de campo (2011 - 2012) e entrevistados




[116]Ver em Anexo 2, tabela com as principais informações de todos os bolivianos e bolivianas entrevistados.

## 2.1) CENTRO PASTORAL E DE MEDIAÇÃO DOS MIGRANTES

Na cidade de São Paulo, a centralidade das instituições da missão scalabriana na articulação de iniciativas de assistência, pesquisa e gestão das populações migrantes destaca-se nos estudos sobre a migração boliviana, constituindo local de passagem quase obrigatório para os pesquisadores do tema, sendo, justamente, a partir do contato cotidiano com essas populações que, na década de 1990, Sidney Silva, antropólogo e, na época, padre dessa missão, na cidade, produziu a primeira pesquisa de relevância nacional sobre a vinculação desses migrantes ao trabalho nas oficinas de costura, intitulado *Costurando sonhos – trajetória de um grupo de migrantes bolivianos em São Paulo* (SILVA, 1997).

O conglomerado dessa missão católica vinculado ao atendimento dos migrantes, na cidade de São Paulo, é formado pela Igreja Nossa Senhora da Paz[117], a Casa do Migrante, a Paróquia Pessoal dos Italianos, a Paróquia Pessoal da Comunidade Latino-Americana e o Centro de Estudos Migratórios[118]. Esse conglomerado situa-se na baixada do Glicério (entre os bairros da Liberdade, Brás e Móoca), às margens do rio Tamanduateí.

A baixada do Glicério – caracterizada pela precariedade das construções e deterioração das vias públicas (que, além de serem, em geral, estreitas, concentram bastante lixo nas calçadas e possuem pouca iluminação) – é uma região da cidade em que conviveram e convivem, junto com a população local de baixa renda, comunidades de migrantes nos seus momentos de inserção inicial e precária na cidade, em cortiços,

[117]A Igreja foi fundada em São Paulo em 1940 e, assim como as construções adjacentes posteriores, faz parte do empreendimento de uma Missão Scalabriana - constituída, a princípio, no fim do século XIX, na Itália, com o intuito de fornecer auxílio aos migrantes da comunidade italiana que se dirigiram para os países da América no período. Ao longo do tempo sua atuação na cidade de São Paulo foi se direcionando para as comunidades que habitam suas imediações. Destacando-se, na década de 1960, o auxílio aos migrantes coreanos (que passaram a se concentrar na conde de Sarzedas) e os hispano-americanos refugiados das ditaduras em seus países (ver histórico no site da igreja: http://www.missaodapaz.com.br/pnossasenhoradapaz/historia.html). Contemporaneamente, a comunidade hispano-americana conjuntamente com os refugiados do continente africano tem composto o principal público alvo dessa igreja.

[118] Responsável pela publicação da Revista Travessia desde 1988, uma histórica publicação brasileira sobre o tema das migrações internacionais. É interessante notar que em relação ao tema das migrações internacionais, a Missão Scalabriana é responsável também, a partir de seus centros de documentação, pela publicação das revistas: Estudios Migratorios Latino Americanos (em Buenos Aires) e pela International Migration Review (em Nova Iorque).

pequenos becos e vilas. Nesse sentido, destacam-se, atualmente, a Rua dos Estudantes (em que se percebe a concentração de cortiços e espécies de pensões em construções bastante deterioradas), a Rua Conde de Sarzedas[119], que liga a Sé/Liberdade à Baixada do Glicério, concentrando, além dos cortiços e pensões, um comércio especializado em produtos evangélicos e a Rua do Glicério, em que se encontram grandes espaços vazios (provavelmente, antigas fábricas desativadas e construções demolidas) e os prédios da missão scalabriana.

As atividades da missão scalabriana em relação à comunidade hispano-americana, na cidade de São Paulo, subdividem-se em dois tipos:

i) *Assistenciais* - com o oferecimento de assistência jurídica e psicológica. Destacando-se, no caso da comunidade boliviana diretamente associada ao "mundo social das oficinas de costura bolivianas", a assistência jurídica oferecida por uma advogada, também boliviana, chamada Ruth Camacho[120]. E as questões mais comuns enfrentadas por ela dizem respeito à legalização da permanência desses migrantes (situação bastante amenizada com a última Anistia)[121], brigas entre os próprios bolivianos por questões trabalhistas e roubos, casos de exploração do trabalho e violências contra a mulher e situações em que os bolivianos são enganados – principalmente, quando da compra/locação de imóveis na cidade.

i) *Celebrativas/comemorativas* - que inclui, além de uma missa mensal em espanhol (realizada no último domingo de cada mês), a comemoração de algumas datas importantes para essas comunidades. As comemorações e outras questões

[119] Conforme veremos no capítulo 4, os migrantes coreanos – personagem centrais na formação do mundo social das oficinas de costura bolivianas – que vieram na década de 1960 para a cidade de São Paulo concentraram-se primeiramente em uma vila nessa rua, chamada Vila Coreana e que também era caracterizada por essa precariedade e considerada, pelos jornais da época, uma espécie de reduto do crime, tráfico e prostituição na cidade.

[120] Ruth Camacho é uma advogada boliviana especializada em questões migratórias e trabalho que, além de atender gratuitamente na Pastoral do Imigrante, possui um escritório na zona norte e atua na Associação de Residentes Bolivianos.

[121] Uma importante consequência da anistia, além da diminuição da busca por assistência jurídica, foi o estabelecimento, na rua Coimbra (uma "miniatura da Bolívia em São Paulo"), de um posto de atendimento do Consulado da Bolívia no Brasil, com representantes do Ministério do Trabalho, Polícia Federal e a Receita Federal para auxiliar os bolivianos nos trâmites de sua legalização. E que, atualmente, também presta outros serviços à comunidade boliviana.

específicas de cada comunidade são geridas por comissões de acordo com a nacionalidade dos migrantes (atualmente, estão em funcionamento comissões de chilenos, paraguaios, peruanos e bolivianos). No caso dos bolivianos, foi possível acompanhar a Festa da Nossa Senhora Virgem de Copacabana:[122]

> "A primeira impressão ao chegar à festa: tratava-se de uma festa muito organizada e "rica" – homens e mulheres trajados a caráter com boas roupas, fotógrafos contratados, famílias inteiras presentes, equipamentos de som, muitos carros do ano estacionados e chegando para o evento com as respectivas famílias bolivianas. A festa desenrolou-se por cerca de duas horas e tratava-se de um momento de afirmação das cores e cultura indígena boliviana" (anotação de trabalho de campo, após a festa).

Esses dois espaços atendem a estratos diferenciados da população boliviana na cidade: enquanto os frequentadores dos serviços de assistência jurídica e/ou psicológica caracterizam-se por serem, nitidamente, empobrecidos, os frequentadores das festividades bolivianas ostentavam sua riqueza em seus trajes, carros e comportamento. E embora, à primeira vista, tenhamos atribuído essa distinção às diferentes inserções socioeconômicas na cidade: sendo a população empobrecida parte do mundo social das oficinas de costura bolivianas e a população enriquecida composta por profissionais liberais inseridos no mercado de trabalho local. Ao longo do tempo, constatamos que se tratava, em grande medida, de uma distinção interna ao próprio mundo social das oficinas de costura bolivianas na cidade, composto pelos bem sucedidos oficinistas e os trabalhadores empobrecidos[123]. Deixando entrever clivagens no interior das classes populares indígenas que, ao final, foram reiteradas ao longo do trabalho de campo na Bolívia.

[122] Sobre a festa ver: SILVA, 2012.
[123] Essas festividades também agregam migrantes bolivianos e bolivianas inseridos em outras atividades na cidade.

## 2.2) OS "ESPAÇOS DA BOLIVIANIDADE"

> A noção de visibilidade territorial: o migrante estabelece certa relação com o espaço geográfico por meio do uso e da apropriação de lugares, que revelam seus modos de territorialização. A visibilidade resulta de um processo dinâmico gradual, com um ritmo mais ou menos rápido, por meio do qual o migrante 'territorializa o espaço' e 'se territorializa' em um espaço novo para ele. A territorialização se define como o duplo processo de inscrição do grupo em um espaço e de constituição de lugares (no sentido material, econômico, mas também social e cultural). A visibilidade se baseia na vontade e na intencionalidade do ator de se fazer visível, de 'aparecer'(BABY COLLIN et all, 2011: 14, tradução própria).

Dada a impossibilidade de ter acesso direto, em um primeiro momento, às oficinas de costura, decidimos concentrar o trabalho de campo nos principais locais de sociabilidade desses costureiros e costureiras em seus momentos de folga e que, ao longo dos últimos 30 anos, em que se consolidada o "mundo social das oficinas de costura bolivianas"[124], vêm se diferenciando dos locais de sociabilidade das populações autóctones, estabelecendo, na capital paulistana, "territorialidades bolivianas" ou, ainda, "espaços da bolivianidade", conforme nomeia Grinsom para se referir a emergência de um fenômeno parecido em Buenos Aires (GRINSOM, 2006, SASSONE & CORTES, 2011) e que, atualmente, vêm sendo detectado nos estudos contemporâneos sobre as migrações internacionais bolivianas para os centros urbanos dos Estados Unidos (DE LA TORRE, 2006) e da Espanha (HINOJOSA, 2009 & BABY COLIN et all 2011)[125].

[124] Note-se, conforme veremos no capítulo 4, que a migração boliviana para a cidade de São Paulo é muito mais antiga do que a migração diretamente vinculada com a formação desse "mundo social". Entretanto, os migrantes que vieram antes e se inseriram no mercado de trabalho local não estabeleceram, na cidade, esses "espaços da bolivianidade". Na capital paulistana, conforme pudemos constatar, a história de formação desses espaços se confunde com a história de formação do "mundo social das oficinas de costura bolivianas".

[125] Note-se que a migração contemporânea boliviana para algumas cidades dos Estados Unidos e da Espanha não se vincula à atividade na indústria de confecção, mas à trabalhos gerados no âmbito do mercado de trabalho local e, para Buenos Aires, apesar da importância de sua inserção no "mundo social das oficinas de costura bolivianas", dada a antiguidade de sua migração, existe uma maior diversidade de destinações socioeconômicas. Consideramos, conforme veremos no próximo capítulo, que se trata de territorialidades constituídas pelos denominados "migrantes rurais/indígenas", que podem se inserir em uma gama variada de atividades, em geral, precarizadas nas sociedades de destino, incluindo-se o mundo social das oficinas de costura bolivianas em São Paulo e em Buenos Aires.

Embora os migrantes bolivianos e bolivianas tenham estabelecido, ao longo dos últimos anos, uma forma de inserção sócio espacial bastante dispersa, estando presentes, conforme demonstra Xavier (2010:94), a partir dos dados do Censo de 2000, em 82 dos 96 distritos da cidade e em 23 dos 39 municípios que compõem a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), com a formação de pequenas centralidades bolivianas, próximas aos seus núcleos residenciais[126], optamos por realizar o trabalho de campo nas regiões centrais, onde ainda estão concentradas parte importante das oficinas de costura bolivianas e onde encontramos os dois principais e mais desenvolvidos "espaços da bolivianidade" da capital paulistana: a Praça Kantuta, no Canindé e a rua Coimbra, no Bresser.

A história de formação desses "espaços da bolivianidade" nos remete aos primórdios desse "mundo social das oficinas de costura bolivianas", durante os anos 1980, em que esses migrantes frequentavam a Praça Padre Bento, no bairro do Pari – tradicionalmente acolhedor de migrantes de diversas nacionalidades que se dirigiram para a cidade desde fins do século XIX[127].

Nessa Praça, a partir dos anos 1990, começou a adquirir visibilidade, na imprensa local, os indícios da formação, aos domingos à noite, de uma espécie de mercado de trabalho paralelo, de subcontratação, entre donos de oficinas e lojistas da comunidade coreana e os trabalhadores bolivianos, conforme podemos vislumbrar na notícia abaixo. (SILVA, 2005; ALVES, 2012).

> Todos os domingos, a Praça Padre Bento, em frente à imponente Igreja Santo Antônio do Pari, em São Paulo, se transforma no cenário de uma insólita atividade, uma evocação moderna dos mercados de escravos que funcionaram na cidade dos barões do café até o século passado. Dezenas de migrantes sul-americanos oferecem-se como força-de-trabalho para os coreanos que mantém oficinas de costura na cidade (O Globo, domingo, 13 de dezembro de 1992).

[126] No caso dos costureiros e costureiras bolivianas, sua residência é a oficina de costura.

[127] "Localizado na convergência dos dois rios historicamente mais importantes de São Paulo, o Tietê e o Tamanduateí, o Pari é o ponto de convergência entre a zona leste, a zona norte e o centro. Foi também, ao longo do século XX, foco de convergência dos vários povos que imigraram para São Paulo. Primeiro, os alemães – fundadores do Clube dos Alemães, mais tarde a Associação Portuguesa de Desportos - depois os italianos e portugueses, seguidos pelos sírios e libaneses. Há cerca de 40 anos chegaram os nordestinos, e há 20 os coreanos. De cinco anos para cá vieram os bolivianos" (COSTA, 2001, s/pág.).

E nos anos 2000, além do mercado de trabalho paralelo, também começam a chamar atenção suas formas de sociabilidade, o estabelecimento de bares e de uma feira boliviana ao redor da Praça.

> "Onze horas da manhã de domingo e eles já começam a montar suas barracas ao redor da Praça Padre Bento, no centro do Bairro do Pari, região central de São Paulo. (...) Os bolivianos, com ou sem documento legal, estão chegando para o seu sagrado encontro dominical. São seis, sete, oito mil pessoas que passam por lá até o fim da festa, lá pelas 21horas, segundo cálculos do sargento Félix da Polícia Militar, 'Aqui é La Paz', ele diz (...). Os bolivianos adoram cerveja, não por acaso, a praça foi rodeada de bares para a imensa comunidade boliviana que vive em São Paulo e lá se apinha não só para matar a saudade de sua terra com seus conterrâneos, como para procurar emprego, trocar informações sobre documentos, arranjar um lugar para morar, receber orientação dos migrantes veteranos, ganhar algum dinheiro na barraca (...). A feira ainda não regularizada pela prefeitura funciona ao redor da Praça. (...) Os coreanos são espertos. Saem da toca aos domingos para colocar anúncios na Praça Padre Bento em busca de costureiros e costureiras bolivianos que estão à procura de trabalho" ("SP vira embaixada da Bolívia", por Célia Chaim. Caderno Cotidiano da Folha de São Paulo de 15 de julho de 2001).

Subjacente ao tom multiculturalista da abordagem jornalística da reportagem, os problemas: a bebida, o apinhamento, a ilegalidade e a subcontratação. Estas tensões resultariam em um abaixo-assinado, realizado pelo Conselho Comunitário de Segurança, que recebeu a adesão de 2500 pessoas, determinando a retirada dos comerciantes bolivianos da praça, no final de 2001. Em 2002, uma associação destes comerciantes bolivianos, liderada por Juan[128], consegue a liberação, pela prefeitura, de outra praça, no bairro vizinho, do Canindé, que passou a se denominar "Praça Kantuta"[129], para o encontro dominical da comunidade boliviana na cidade de São Paulo.

Em uma verbalização de Juan, uma descrição das tensões envolvidas na expulsão da comunidade boliviana da Praça Padre Bento:

[128] Um importante personagem da história boliviana ligado ao "mundo social das oficinas de costura bolivianas" na capital paulistana. Além de ser um dos responsáveis pela fixação da comunidade boliviana na Praça Kantuta aos domingos, atualmente, é um dos líderes do movimento de legalização da feira boliviana realizada na rua Coimbra aos sábados.

[129] Nome de uma flor que cresce no altiplano andino e que possui as cores da bandeira da Bolívia: verde, amarelo e vermelho.

“Na Praça Padre Bento. Um dia, ele [o vereador Adilson Amadeu] chegou pra mim e falou: 'Juan, você não pode ficar mais aqui, você tem que tirar tuas vendedoras daqui'. Eu falei: 'tudo bem, eu vou ter que buscar outro lugar onde vou poder levar'. E ele: 'Não, você tira este domingo. Não quero mais'. Entonces, ele era uma pessoa civil, era um deputado, um vereador, ele tinha poder e arranjamos uma briga campal, na Igreja mesmo. (...) porque eu não era uma persona documentada. (...). Tinha uma reunião de conselho, até hoje eu assisto às reuniões de conselho, tinha uns 3 bolivianos, mais ou menos, e a turma dos brasileiros, instituiciones, era a ARPA, uma instituição também do Brás, Pari, Canindé e eu encarei ele né. E ele me deu um tapa na cara, o Adilson. E aí eu parti pra cima também, eu não consegui dar nada nele porque tinha um (...) lá, nos separou, mas a briga entre bolivianos e brasileiros foi tremenda”.

## 2.2.1) A PRAÇA KANTUTA




Fonte fotos: Próprias, tiradas durante trabalho de campo

A feira que ocorre todos os domingos na Praça Kantuta se transformou numa espécie de cartão de visitas da comunidade boliviana na cidade de São Paulo, na qual são realizados torneios de futebol e comemorações de datas festivas na Bolívia. E embora seja possível nos depararmos com turistas e moradores curiosos, trata-se de um espaço frequentado quase que exclusivamente por migrantes bolivianos (em sua maioria, costureiros e costureiras) e, em menor medida, por migrantes paraguaios e peruanos.

Em suas barracas oficiais, em volta da Praça, é possível encontrar comidas, artesanatos e produtos típicos da Bolívia que possibilitam a esses migrantes a manutenção de seus hábitos alimentares e socioculturais. Ao redor da Praça também são oferecidos serviços que conectam esses migrantes aos seus locais de origem na Bolívia, destacando-se: a venda de cartões telefônicos internacionais e os denominados "telefones truchos" (aparelhos celulares clonados em torno dos quais as pessoas fazem fila para telefonar para seus familiares que não migraram) e, mais recentemente, o estabelecimento de uma tenda da mais nova companhia área boliviana, a Aero Sur, para a venda de passagens aéreas.

Ademais da função de fomento da sociabilidade boliviana no espaço urbano paulistano, nossas visitas a campo revelaram outra funcionalidade da feira de domingo da Praça Kantuta, diretamente vinculada ao "mundo social das oficinas de costura bolivianas": a de ser uma espécie de mercado de trabalho, a céu aberto, para a contratação de força de trabalho boliviana e/ou latino americana, de maneira geral (além dos bolivianos notamos a presença, principalmente, de peruanos e paraguaios) para o trabalho em oficinas de costura (de outros bolivianos e/ou peruanos e paraguaios, mas também de brasileiros), localizadas na cidade de São Paulo e em outras cidades do país[130].

[130] Nesse sentido, destaca-se uma negociação que pudemos acompanhar, de longe, entre um brasileiros e alguns bolivianos: o brasileiro tinha oficinas em Goiânia e estava querendo encontrar bolivianos dispostos a se mudarem para lá, junto com suas famílias. Para tanto, ele tentava convencer os bolivianos dizendo que a cidade é menos violenta e menor que São Paulo; que o custo de vida é menor; que as pessoas lá são mais gentis e educadas; que sai todos os dias um ônibus São Paulo-Goiânia (viagem durando 10h) e que ele se encarregava do custo da mudança. O contratante também dizia que eles poderiam ganhar até 2.500 reais – carga horária das 8h-18h, mas com possibilidade de horas-extras (um boliviano inclusive indagou-o quantas horas tinha que trabalhar para que ganhasse essa quantia). A condição do brasileiro era a de que o trabalhador soubesse costurar tudo, desde calça à blazer. Família eram bem-vindas. Ao fim não soubemos se ele conseguiu convencer aqueles bolivianos que conversavam com ele, pois tivemos que sair de perto quando sentimos que perceberam que ouvíamos a conversa.

A cena: em uma rua adjacente à Praça, por volta das 18hs, 19hs, estabelece-se uma aglomeração que ocupa, praticamente, uma rua inteira e forma uma espécie de "corredor polonês": os costureiros circulando no meio e os contratantes (donos das oficinas de costura), parados, nas extremidades, com peças de roupas nas mãos – as peças que eles precisavam que fossem costuradas – com o intuito de avaliar se os costureiros dispostos a trabalhar saberiam executar o serviço. A impressão que tínhamos é a de que quem sabe costurar ou se dispõe a aprender não encontraria dificuldades em arrumar trabalho naquelas circunstâncias. Poucas vezes se enxerga este fenômeno: empregadores disputando com veemência por possíveis operários de suas máquinas.

Conforme pudemos constatar ao longo do trabalho de campo, uma parte dos comerciantes bolivianos que trabalham na feira, aos domingos, possuem ligações diretas com o "mundo social das oficinas de costura": alguns são ex-oficinistas e outros, em geral, casais, combinam as duas atividades: o homem responsável pela oficina de costura e a mulher pelo comércio na Praça. E outros, ainda, como Richard, vendedor de Cds piratas na feira, são apenas costureiros, combinando, em seus dias de folga, o comércio ambulante.

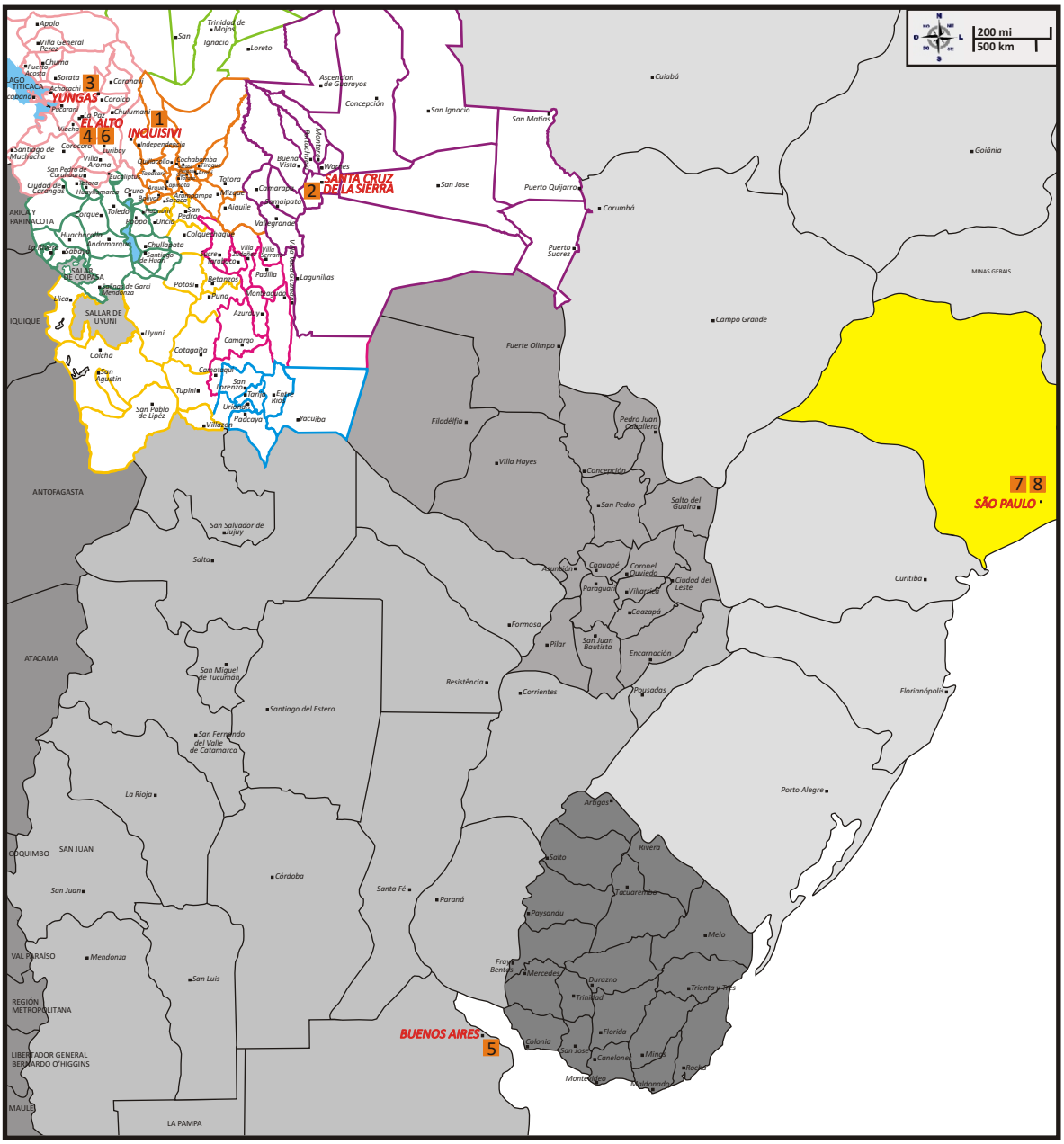
Richard tinha apenas 23 anos no momento da entrevista, em 2012, e sua narrativa nos chamou atenção pela intensa mobilidade sócio espacial e por seu percurso laboral anterior, na Bolívia, e também pelo fato de ter se inserido na atividade da costura em oficinas de costura bolivianas não apenas em São Paulo, mas também em Buenos Aires: em relação aos seus percursos sócio espaciais e laborais anteriores, encontramos uma sucessão de "residências base", a partir das quais foi desenvolvendo atividades laborais específicas, iniciando no comércio ambulante, passando pela atividade mineira e pela construção civil antes de se tornar costureiro, sem a consolidação de nenhuma delas como referência: as várias migrações internas e internacionais eram percebidas por ele como deslocamentos definitivos refletindo circunstâncias pessoais de rupturas. E, em relação às suas formas de inserção no mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino, Richard pôde mobilizar a partir de El Alto, mas não a partir da mesma "residência base", redes de sociabilidade para se inserir nesse mundo social tanto em São Paulo quanto em Buenos Aires.

A primeira migração de Richard, que nasceu na zona rural de La Paz em 1989, foi aos 3 anos, para morar com a sua avó materna na cidade de Santa Cruz, depois que seu pai abandonara sua mãe para tentar a vida em uma zona mineira nos Yungas e sua mãe encontrara um novo marido. Praticamente sem frequentar a escola, ele passou a infância ajudando sua avó no comércio ambulante de comida e, aos 14 anos, depois da morte de sua avó, decidiu procurar seu pai, migrando para os Yungas. Embora tenha encontrado o pai e trabalhado com ele na zona mineira durante quase um ano, os desentendimentos e um acidente nas minas o levaram a migrar novamente para El Alto, onde sua mãe vivia com sua nova família.

Em El Alto, Richard começou a trabalhar como ajudante de pedreiro e alugou um quarto para morar sozinho, pois não gostava da nova família de sua mãe, até que um conhecido lhe chamou para trabalhar como costureiro em Buenos Aires e, aos 17 anos, em 2006, Richard realiza sua primeira migração internacional para trabalhar em uma oficina de costura boliviana que costurava para lojistas coreanos. Após 3 anos e uma circulação por três oficinas de costura bolivianas em Buenos Aires, decide retornar à Bolívia em 2009, pois não estava satisfeito com as condições de trabalho e remuneração encontradas na Argentina e, ao chegar a El Alto, recebe outro convite, dessa vez de um primo distante, que possuía uma pequena oficina de costura em São Paulo e produzia bolsas para a comercialização própria em um box na Feira da Madrugada. Após o primeiro ano e muitos desentendimentos, Richard mudou-se para outras oficinas de costura e começou a venda de Cds na Praça Kantuta. Atualmente, pretende juntar dinheiro para montar a própria oficina e se fixar em São Paulo como oficinista.

Para Richard, sem vínculos com os seus familiares mais próximos (pai, mãe e irmãos), nem vínculos com uma de suas residências base anteriores na Bolívia – locais nos quais, embora tenha se estabelecido devido às suas relações familiares não se fixou tempo suficiente para estabelecer laços a serem preservados – não faz sentido pensar em retorno como projeto, embora o retorno não estivesse completamente descartado, mas não para uma "residência base" anteriormente estabelecida, mas para uma nova residência base. Como ele mesmo se auto definiu, se sentia um homem só, e permanecer ou retornar ou, ainda, reemigrar, tratavam-se de decisões referenciadas apenas às circunstâncias do momento.

**Figura 2 - Espaços de vida e residências base de Richard, costureiro e comerciante em São Paulo, proveniente da zona rural de La Paz**




**LEGENDA (TERRITÓRIOS)**

BRASIL — ARGENTINA
PARAGUAI — CHILE

BOLÍVIA

PANDO — LA PAZ
BENI — COCHABAMBA
ORURO — POTOSI
CHUQUISACA — SANTA CRUZ
TARIJA

**LEGENDA (ESPAÇOS DE VIDA)**

ESPAÇO DE VIDA ATUAL

**PERCURSO RICHARD**

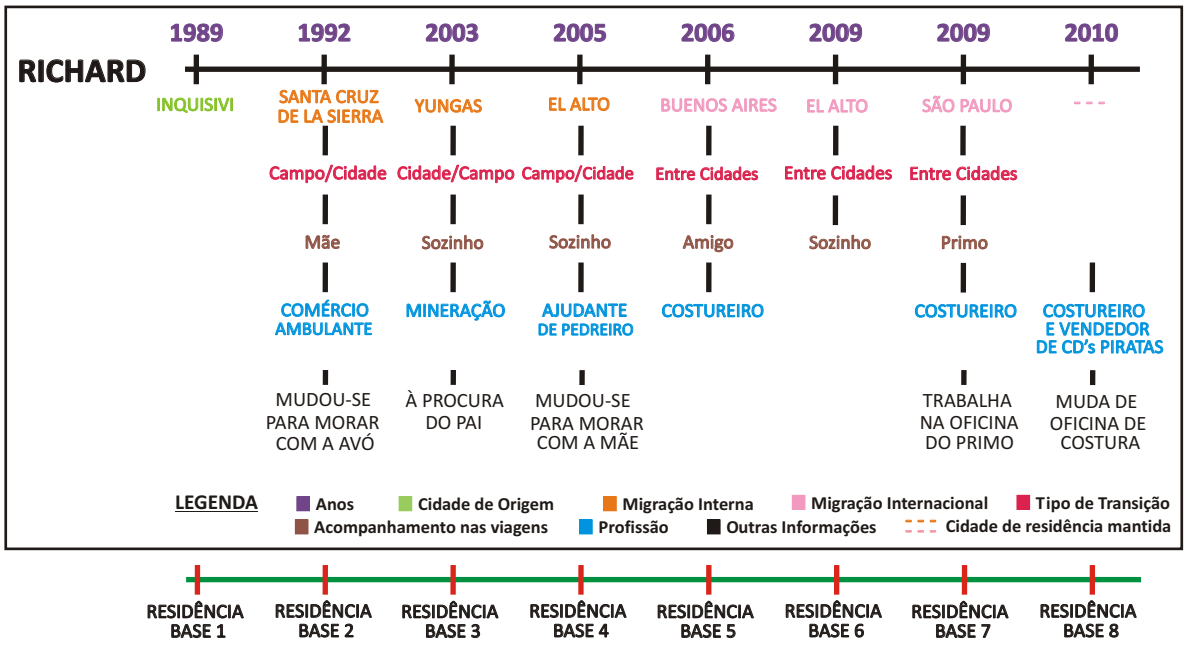
1 — 2 INQUISIVI - SANTA CRUZ DE LA SIERRA
2 — 3 SANTA CRUZ DE LA SIERRA - YUNGAS (Chimia Mineradora)
3 — 4 YUNGAS (Chimia Mineradora) - EL ALTO
4 — 5 EL ALTO - BUENOS AIRES
5 — 6 BUENOS AIRES - EL ALTO
6 — 7 EL ALTO - SÃO PAULO
7 — 8 SÃO PAULO - SÃO PAULO

**LEGENDA (SÍMBOLOS)**

PERCURSO **RICHARD** — **RESIDÊNCIA BASE**

1 1ª Residência Base
2 2ª Residência Base
3 3ª Residência Base
4 4ª Residência Base
5 5ª Residência Base
6 6ª Residência Base
7 7ª Residência Base
8 8ª Residência Base

**Figura 3 - Linha da vida de Richard, costureiro e comerciante em São Paulo, proveniente da zona rural de La Paz**



Na Praça Kantuta, encontramos outro boliviano vendedor de Cds piratas que também trabalhava como costureiro durante a semana: Alex, um jovem de 24 anos que havia chegado a São Paulo em dezembro de 2010. Alex é filho de pais que migraram para São Paulo, durante a segunda metade dos anos 1990, para trabalhar na costura com outros parentes, a princípio, por uma curta temporada, deixando os dois filhos menores aos cuidados dos avós maternos. Após mais de 15 anos, os pais de Alex acabaram se estabelecendo na cidade [131], enquanto ele ia sendo educado pelos avós com o dinheiro da costura enviado pelos pais, sem passar por migrações internas ou internacionais até finalizar a universidade de engenharia, na cidade de La Paz, na Bolívia, se estabelecendo, portanto, ao longo de toda a infância e juventude em uma única residência base.

Alex migrou para a capital paulistana para conhecer a cidade e viver com os pais – com os quais convivia apenas durante as festividades de final de ano, no período da baixa temporada, quando retornavam para a Bolívia – , deixando para trás um estágio em sua área de formação universitária. Em São Paulo, conheceu sua segunda "residência base", estabelecida pelos seus pais, que haviam se fixado depois da compra da casa própria na zona leste e começou a trabalhar como costureiro em sua oficina de costura, apesar de nunca ter aprendido a costurar antes da migração. Entretanto, não gostou do trabalho na costura e se sente extremamente discriminado na cidade. Certamente, o fato de ter finalizado os estudos universitários e de ter vivido na Bolívia de maneira confortável, como parte das classes médias urbanas, contribui bastante para essa percepção da discriminação. Afinal, em São Paulo, como costureiro, embora tivesse casa própria e seus pais fossem donos da oficina de costura em que trabalhava, passava, necessariamente, para a base da pirâmide social. De todo modo, foi em São Paulo que ele conheceu sua futura noiva, uma boliviana de Sorata, uma província do departamento de La Paz, que também trabalha na oficina de costura de seus pais.

[131] Em São Paulo, após alguns anos trabalhando como costureiros, os pais de Alex montaram uma oficina de costura própria e, no final dos anos 2000, compraram uma casa na zona leste da cidade.

Durante o período em que está no Brasil, menos de dois anos, já voltou para a Bolívia uma vez, em 2011, por 2 meses, no final do ano, e, no momento da entrevista, planejava mais um retorno, dessa vez levando Cds e equipamentos eletrônicos para vender na Bolívia, para onde costuma enviar, em média, uns 200 reais por mês para ajudar os avós [132]. Além dos avós, Alex possui, na Bolívia, amigos e familiares com quem se comunica com frequência via internet. Atualmente, apesar de ter vindo com planos de se estabelecer no Brasil, Alex pretende retornar a Bolívia definitivamente, "depois do mundial", ou seja, depois dos jogos da Copa do Mundo em 2014[133], embora pondere que gostaria de continuar perto de seus pais e de seus dois irmãos mais novos que nasceram no Brasil e não pretendem viver na Bolívia. Para Alex, atualmente, La Paz e São Paulo constituem seu espaço de vida, os dois pontos de sua residência base ou ainda as suas duas residências base.

[132] Note-se, conforme veremos adiante, que em 2012, quando eu fui para a Bolívia fazer trabalho de campo, o salário mínimo médio era de 100 dólares.

[133] O projeto de voltar à Bolívia "depois do mundial" foi relatado, algumas vezes, pelos migrantes entrevistados que, no momento da entrevista, encontravam-se insatisfeitos com sua vida na capital paulistana. A disseminação dessa marcação temporal, baseada em um evento esportivo, como marco de um projeto migratório, chama atenção para as inúmeras dimensões presentes nas decisões dos indivíduos e que fogem aos cálculos estritos de custo benefício e, mesmo, muitas vezes, não se baseiam em cálculos ou projetos longamente elaborados, conforme veremos ao longo desta tese.

**Figura 4 - Espaços de vida e residências base de Alex, costureiro e comerciante entre São Paulo e La Paz, proveniente da cidade de La Paz**

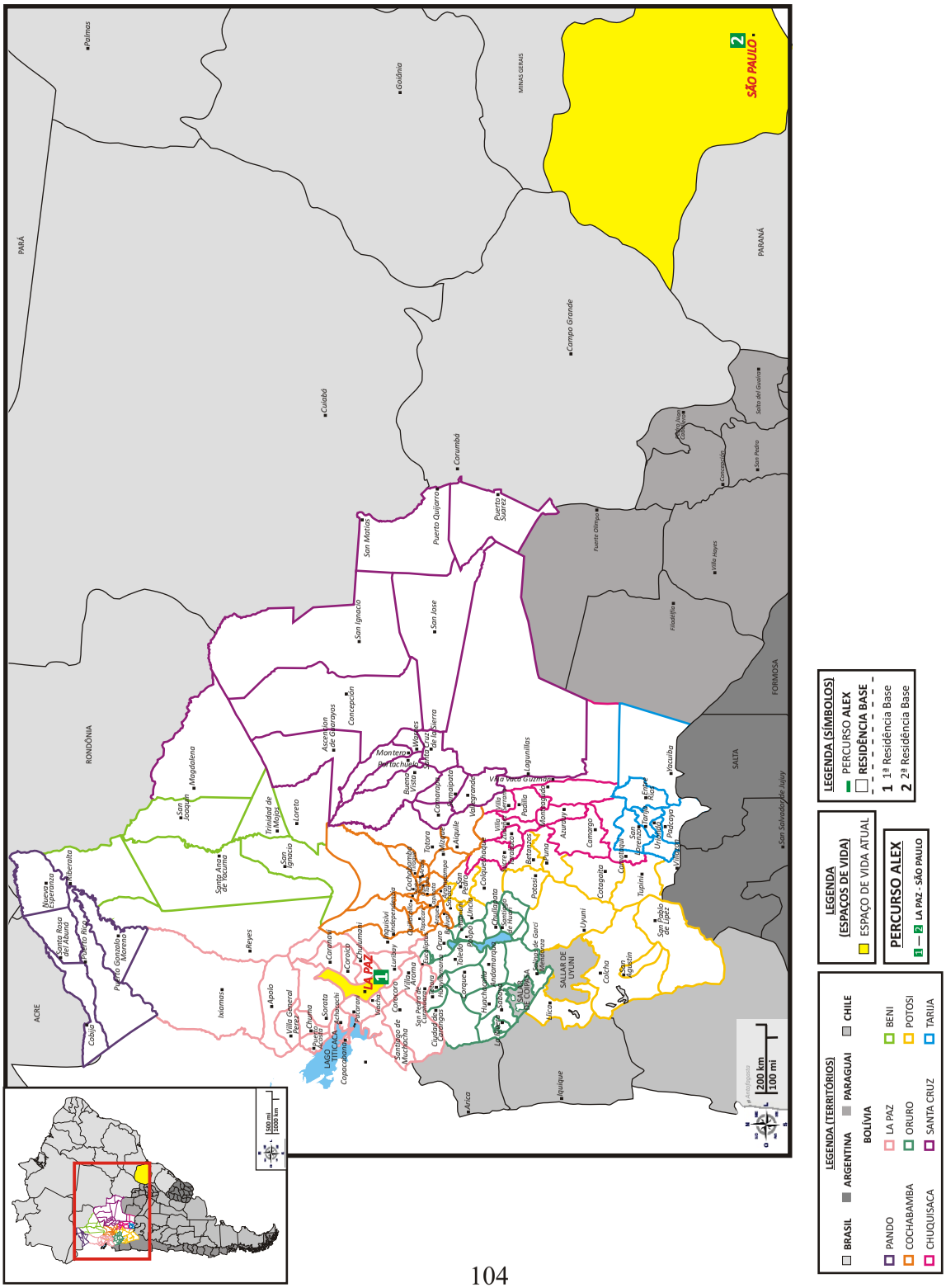
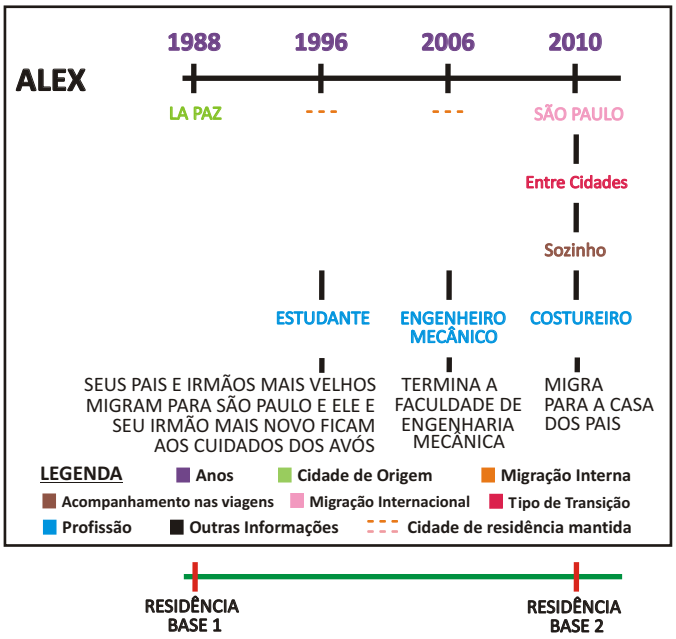


**Figura 5 - Linha da vida de Alex, costureiro e comerciante entre São Paulo e La Paz, proveniente da cidade de La Paz**



Ao compararmos os percursos desses dois jovens bolivianos, vendedores de Cds piratas aos finais de semana e costureiros durante a semana, destaca-se que, embora realizem atividades semelhantes, sejam praticamente da mesma idade e tenham migrado para São Paulo na mesma época, Richard e Alex possuem percursos sócio espaciais e projetos migratórios bastante distintos: enquanto Richard nasceu em um núcleo familiar desestruturado, passando, desde muito jovem, por residências base sucessivas sem se fixar em nenhuma, circunstâncias que, ao final, impossibilitaram a realização dos estudos e a consolidação de redes de sociabilidade de referência, na Bolívia, transformando-o em um "homem só", Alex nasceu e cresceu em uma única residência base, em La Paz, enquanto seus pais consolidavam uma segunda residência base, em São Paulo, circunstâncias que permitiram que ele finalizasse seus estudos universitários e estabelecesse, nesses dois pontos, redes de sociabilidade de referência. A partir desses percursos sócio espaciais anteriores, enquanto Richard vislumbra, em sua inserção no mundo social das oficinas de costura bolivianas, na cidade de São Paulo, a possibilidade futura, ainda remota no presente, de consolidar novas redes de referência bolivianas e realizar um percurso de mobilidade social ascendente a partir do estabelecimento de uma oficina de costura própria, sendo sua atividade comercial em seus dias de folga uma forma de agilizar o seu estabelecimento como oficinista; Alex, que já possui estudos universitários graças à inserção anterior de seus pais nesse mesmo mundo social e ao seu projeto inicial de manutenção dos locais de origem, vislumbra a sua inserção nesse mundo social como um acontecimento provisório que, longe de significar uma mobilidade social ascendente, o faz sentir-se discriminado, sendo, nesse sentido, sua atividade comercial em São Paulo e entre São Paulo e La Paz, conforme planejava no momento da entrevista, o início de uma nova forma de inserção socioeconômica, a partir da articulação de suas duas residências base, estabelecendo, dessa forma, um espaço de vida ampliado e não contiguo.

Na Praça Kantuta, também encontramos Samuel, um jovem de 27 anos, proveniente da cidade de La Paz que, diferentemente dos outros bolivianos entrevistados até o momento, realizara uma migração internacional anterior fora do mundo social das oficinas de costura bolivianas: aos 20 anos, em 2005, para Havana, em Cuba, para estudar

medicina. Entretanto, essa migração internacional não significou uma mudança de residência base, que permanecia sendo a casa de seus pais em La Paz, para onde retornava todos os anos e onde conheceu sua futura esposa, que acabou engravidando antes que conseguisse terminar a faculdade, o levando a abandonar o curso no terceiro ano, em 2008.

Em busca de uma fonte de renda para sustentar a nova família e estabelecer uma nova residência base, a princípio, Samuel e a namorada migraram para Buenos Aires, onde sua irmã mantinha uma oficina de costura, deixando o filho aos cuidados dos pais de sua esposa, mas depois de muitos desentendimentos, pois Samuel considerava que a irmã os estava explorando, voltaram para La Paz, quatro meses depois, sem conseguirem juntar dinheiro para se estabelecerem de maneira independente. Em La Paz, após alguns dias de seu retorno, encontraram um anúncio para trabalhar em uma grande oficina de costura de brasileiros, em São Paulo, em Guarapiranga, que fornecia roupas para grandes lojas de departamento. Essa oportunidade de trabalho, relatada por Samuel, indica a existência de circuitos de subcontratação encabeçados por donos de oficinas de costura brasileiros que se estendem até o altiplano andino. Samuel e a esposa decidiram, então, migrar, em 2008, junto com outros trabalhadores, para essa oficina de costura, deixando o filho, novamente, aos cuidados dos avós maternos e com o objetivo inicial de retornarem definitivamente para a Bolívia, após dois anos, com dinheiro para comprarem uma casa própria.

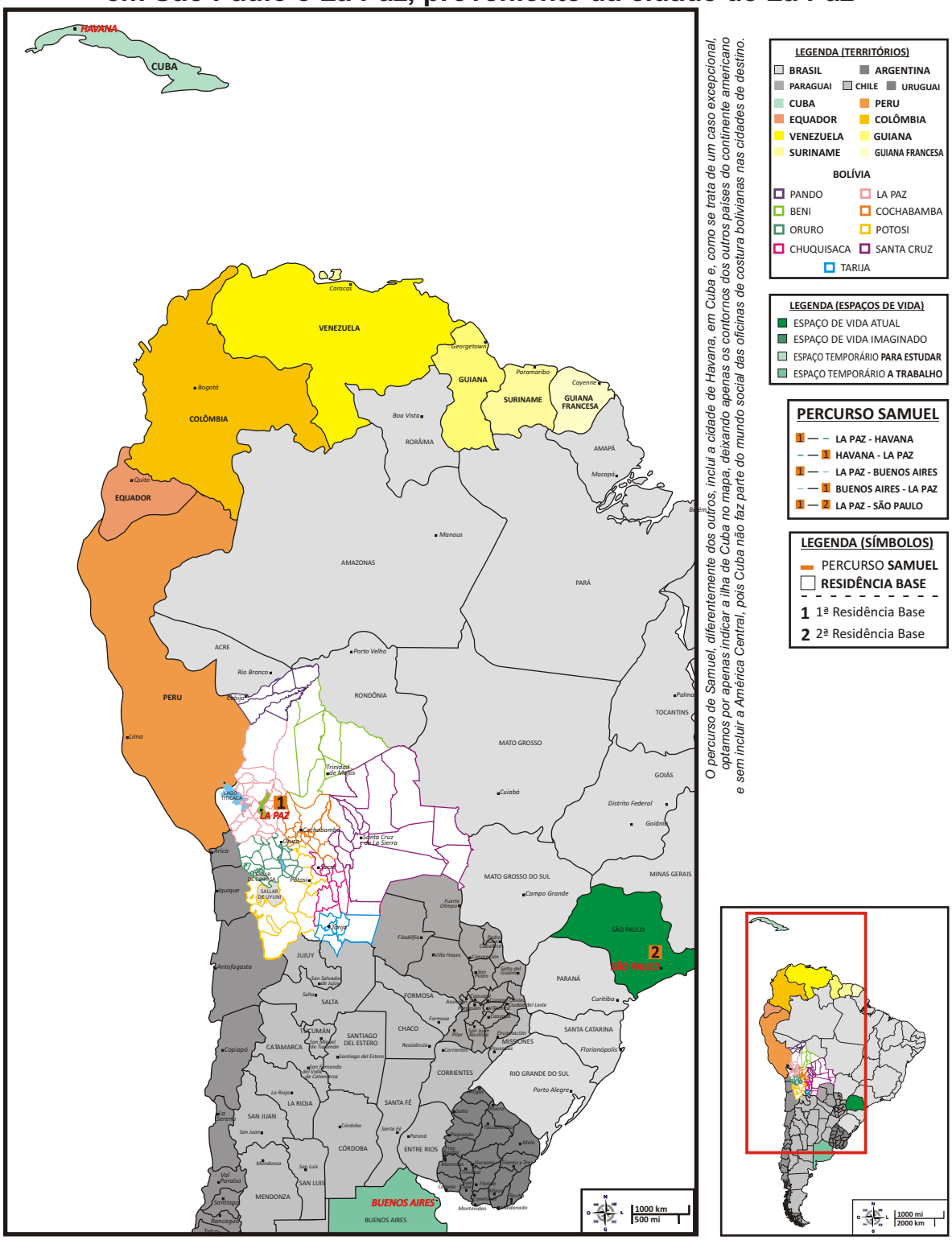
O casal permaneceu nessa oficina de costura durante 4 meses quando, em seus passeios na Praça Kantuta, aos domingos, encontraram familiares que possuíam uma oficina de costura própria, no bairro do Belém, e os convidaram para trabalhar com eles. Embora a oficina fosse bem menor e, diferentemente da anterior, especializada no fornecimento para lojistas coreanos, puderam, nessa oficina, aprender a trabalhar com todas as máquinas e, nesse período, acabaram reformulando o seu projeto inicial: ao invés de retornarem à Bolívia, decidiram juntar dinheiro para montar a própria oficina de costurana cidade. Com esse novo projeto, trouxeram o filho a São Paulo e, após2 anos e 6 meses, montaram sua própria oficina de costura que, atualmente, possui 6 máquinas e fornece malharia para lojas coreanas.

Conquanto o casal tenha voltado para La Paz, em 2010, antes de montar sua própria oficina, para a realização da festa de casamento, e continue, de diversas maneiras, vinculado à Bolívia – onde vivem a maioria de seus familiares – o plano inicial de permanecer apenas um ou dois anos, para juntar dinheiro e se estabelecer em La Paz, foi reformulado desde o momento que decidiram trazer o filho para São Paulo. Atualmente, principalmente após o nascimento de seu segundo filho, que é brasileiro, planejam comprar a casa própria e permanecer no Brasil, sem perder os laços com a Bolívia. Nessas circunstâncias, a cidade de La Paz deixou de ser o local de estabelecimento de sua residência base e mesmo de seu espaço de vida cotidiano, mas permanece como espaço de referência importante, em que se encontram seus núcleos familiares, a partir do qual definem sua identidade e para onde podem decidir retornar futuramente.

Essas circunstâncias diferem daquelas vivenciadas por Richard para o qual a Bolívia deixou de ser um espaço de referência, embora, em São Paulo, continue convivendo com bolivianos, e por Alex para o qual a Bolívia continua a fazer parte de seu espaço de vida cotidiano, graças não somente ao fato de localizar-se aí um dos pontos de sua residência base, para onde pretende retornar definitivamente nos próximos anos, mas principalmente por projetar estabelecer entre suas duas residências base, São Paulo e La Paz, atividades econômicas centrais em sua vida cotidiana.

Para abarcar a relação da família de Samuel com a cidade de La Paz, diferenciando-a de seu espaço de vida cotidiano, propomos denomina-la de "espaço de vida imaginado", onde não estabeleceram uma residência base, mas que permanece um espaço de referência central em sua vida cotidiana na cidade.

## Figura 6 - Espaços de vida e residências base de Samuel, oficinista em São Paulo e La Paz, proveniente da cidade de La Paz




O percurso de Samuel, diferentemente dos outros, inclui a cidade de Havana, em Cuba e, como se trata de um caso excepcional, optamos por apenas indicar a ilha de Cuba no mapa, deixando apenas os contornos dos outros países do continente americano e sem incluir a América Central, pois Cuba não faz parte do mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino.

**LEGENDA (TERRITÓRIOS)**

- BRASIL
- ARGENTINA
- PARAGUAI
- CHILE
- URUGUAI
- CUBA
- PERU
- EQUADOR
- COLÔMBIA
- VENEZUELA
- GUIANA
- SURINAME
- GUIANA FRANCESA

**BOLÍVIA**

- PANDO
- LA PAZ
- BENI
- COCHABAMBA
- ORURO
- POTOSI
- CHUQUISACA
- SANTA CRUZ
- TARIJA

**LEGENDA (ESPAÇOS DE VIDA)**

- ESPAÇO DE VIDA ATUAL
- ESPAÇO DE VIDA IMAGINADO
- ESPAÇO TEMPORÁRIO **PARA ESTUDAR**
- ESPAÇO TEMPORÁRIO **A TRABALHO**

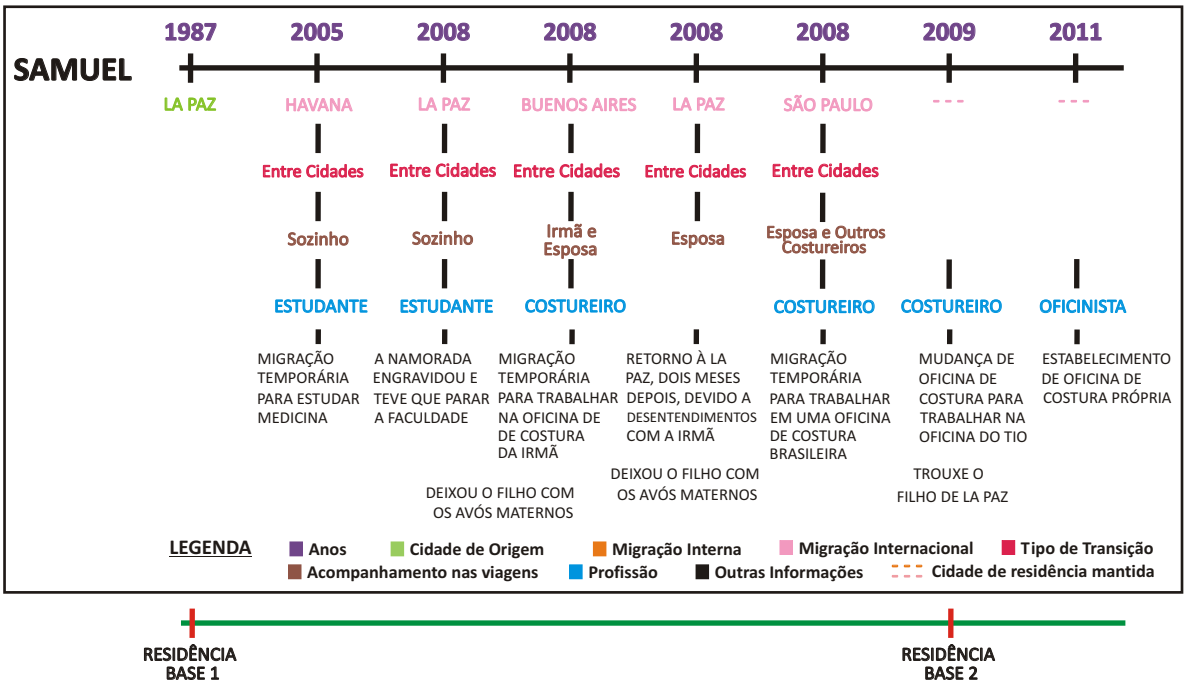
**PERCURSO SAMUEL**

- 1 — LA PAZ - HAVANA
- 1 — HAVANA - LA PAZ
- 1 — LA PAZ - BUENOS AIRES
- 1 — BUENOS AIRES - LA PAZ
- 1 — 2 LA PAZ - SÃO PAULO

**LEGENDA (SÍMBOLOS)**

- PERCURSO **SAMUEL**
- **RESIDÊNCIA BASE**
- 1 1ª Residência Base
- 2 2ª Residência Base

## Figura 7 - Linha da vida de Samuel, oficinista em São Paulo e La Paz, proveniente da cidade de La Paz



## 2.2.2 ) A RUA COIMBRA




Fonte fotos: Próprias, tiradas durante trabalho de campo

Outro espaço urbano da cidade de São Paulo que se transformou em local de sociabilidade da comunidade boliviana, aos finais de semana, é a Rua Coimbra, na região do Bresser[134], próxima à estação de metrô de mesmo nome. Essa região da cidade, junto com as regiões adjacentes do Brás e da Moóca, caracterizava-se por concentrar, desde fins do século XIX, um amplo conjunto de plantas industriais – principalmente, da área têxtil – da capital paulistana[135]. Atualmente, embora se mantenha um importante comércio de tecidos e artigos de cama, mesa e banho que vai desembocar, mais a frente, nas ruas 25 de março e adjacentes (nas quais se desenvolve um intenso comércio popular que inclui também o comércio de roupas no atacado e varejo), a região é marcada por amplos espaços vazios (ex-plantas industriais) e pela concentração de pequenas oficinas de costura clandestinas em antigas construções.

Ao longo dos anos 1980 e 1990, a Rua Coimbra caracterizava-se por concentrar oficinas de costura bolivianas e coreanas, conforme nos relataram os comerciantes bolivianos da rua. A transformação desse espaço em um centro de comércio e de sociabilidade da comunidade boliviana, aos finais de semana, ocorreu durante o período de intensificação das tensões na Praça Padre Bento, nos anos 2000, paralelamente ao processo de liberação, pelo poder público municipal, da Praça Kantuta.

Entretanto, diferentemente da Praça Kantuta, tratou-se de um processo espontâneo que começou com a transformação das antigas oficinas de costura em estabelecimentos comerciais e de serviços. Nesse sentido, enquanto a feira, na Praça, é um evento que acontece apenas aos domingos, na Rua Coimbra, os estabelecimentos permanecem abertos durante toda a semana. Embora recebam, aos finais de semana, um número expressivamente maior de migrantes bolivianos – uma média de 4 a 5 mil bolivianos por dia – e um comércio ambulante inexistente durante a semana.

---

[134] Região da cidade que, junto com o Brás e a Moóca, era caracterizada pela presença da comunidade italiana e onde se estabeleceram as primeiras aglomerações industriais no começo do século XX.

[135] Nesse sentido destacam-se: as pioneiras fábricas de massas Carolina Gallo e Romanelli, a Companhia Antártica Paulista; as indústrias têxteis Cotonifício Crespi, Tecidos Labor, a Alpargatas, a Santa Celina, a Tecelagem Três Irmãos Andraus, a fábrica de meias Mousseline, a Varam Tecelagem e Fiação, a Companhia de Louças Esmaltadas, Papeis Madi, Frigorífico Anglo, Máquinas Piratininga, Alumínio Fulgor, Calçados Clarck etc. (ver site: http://www.moocaonline.com.br/mooca.htm)

De maneira similar à feira da Praça Kantuta, a rede de comércio e de serviços estabelecida nessa rua possibilita a esses migrantes tanto o estabelecimento de relações socioculturais, linguísticas[136], alimentares e materiais com seus locais de origem na Bolívia; quanto o acesso a informações e oportunidades de trabalho vinculadas ao "mundo social das oficinas de costura bolivianas".

Destacando-se, da *perspectiva das relações socioculturais e alimentares*: a) restaurantes com comidas típicas bolivianas, b) os pequenos armazéns que vendem produtos trazidos diretamente da Bolívia, a cada 10, 15 dias (como, por exemplo, batatas e milho desidratados), c) os salões de cabeleireiro[137], d) os bares com pista de dança para divertimento noturno e, e) o comércio ambulante de CDs e DVDs de produção latino-americana, bijuterias, além de comidas bolivianas; da *perspectiva das relações materiais*: a) um centro de ligações telefônicas de uma empresa boliviana e a venda ambulante de cartões telefônicos para ligações internacionais, b) escritórios nos quais se realiza o envio de remessas de maneira informal[138], c) a saída semanal de ônibus clandestinos diretamente para as principais capitais bolivianas (Santa Cruz, Cochabamba e La Paz);e, da *perspectiva do mundo social das oficinas de costura bolivianas*: a) o estabelecimento de uma empresa, a Fiolandia, que dá assistência jurídica e logística para os costureiros e costureiras bolivianos legalizarem as oficinas de costura existentes ou montarem oficinas novas, b) nos estabelecimentos comerciais e, principalmente, nos salões de cabeleireiro, anúncios de oferta de trabalho em oficinas de costura localizadas em vários lugares da cidade (na zona

[136] Nesses locais as pessoas falam somente espanhol, aimará e quichua.

[137] Chama atenção a quantidade de estabelecimentos de cabeleireiros na rua Coimbra, com a formação de uma espécie de associação informal dos cabeleireiros da rua Coimbra com o intuito de uniformizar o preço dos cortes de cabelo. Esses salões funcionam até tarde da noite aos sábados e aos domingos e estão sempre lotados.

[138] A partir de informações da advogada Ruth Camacho que agora está em um grupo de trabalho da OIT e outros organismos multilaterais para investigar essa questão. De acordo com a advogada, o envio de remessas é bastante importante no caso da comunidade boliviana instalada na cidade de São Paulo e já existem pelo menos duas grandes empresas informais que fazem esses trâmites a partir dessas centralidades bolivianas – "(...) são remessas que saem daqui, nada disso é computadorizado, nada disso está sendo observado, porque muitas famílias lá dependem disso, você vê muitos pais aqui trabalhando, você vê casais que vêm pra cá e trabalham, você vê mulheres que vêm aqui, trabalham e mandam dinheiro para os filhos, tanto dos profissionais ao mais baixo você vê isso (...) nada é fiscalizado, nada, você ouvindo aqui (na rádio) você vai ver eles fazendo propagandas de empresas, que não estão oficializadas, que mandam o dinheiro" (Ruth Camacho, entrevista, 2009).

norte, zona leste, zona sul, além de Guarulhos, Osasco etc) e, c) por muito tempo, percebia-se a presença de uma Kombi velha estacionada no meio da rua, que transmitia uma rádio pirata boliviana, com inúmeros anúncios pendurados em sua lataria com oferta de trabalho – muitos em espanhol e em aimará.

Essa rede fixa de comércio e de serviços bolivianos, instalada na Rua Coimbra, ampliou a possibilidade de transições nos percursos laborais dos costureiros, bolivianos e bolivianas, que decidem se fixar na cidade. Transições que ao invés de inserirem esses migrantes nas estruturas socioeconômicas e sócio culturais da sociedade de destino, os inserem diferencialmente no mesmo mundo social das oficinas de costura bolivianas.

Circunstâncias vivenciadas, por exemplo, por Rosemary, de 27 anos, que conheci em frente a um salão de cabeleireiro, na Rua Coimbra, nascida na zona rural do departamento de Oruro. No percurso de vida de Rosemary, o ofício de costureira ou, mais especificamente, de bordadeira, foi um ofício aprendido na Bolívia, quando de sua migração da zona rural para a cidade de Cochabamba, aos 19 anos, em 2004. A saída de Rosemary de sua residência base inicial na zona rural do departamento de Oruro foi definitiva, após inúmeros desentendimentos com o seu padrasto.

E foi na cidade de Cochabamba, onde estabeleceu sua segunda residência base, que, em 2008, aos 23 anos, soube, por meio de conhecidos que também trabalhavam na costura, de uma boa oportunidade de trabalho em São Paulo e decidiu migrar com duas amigas, com o dinheiro emprestado pelo dono da oficina de costura, que também era boliviano, para trabalhar em sua oficina, na Penha. Rosemary pretendia trabalhar em São Paulo por dois anos, juntar dinheiro e retornar para Cochabamba para dar entrada em uma casa própria. Embora Cochabamba não fosse seu local de origem, tratava-se de uma cidade de referência e de destino para parte importante de seu núcleo familiar e de suas redes de sociabilidade consolidadas em Oruro.

Ao longo dos dois primeiros anos em que esteve trabalhando em sua primeira oficina de costura na capital paulistana, fez cursos de manicure e de cabeleireira em seu tempo livre, no instituto Embeleze, localizado próximo ao seu trabalho e, assim que surgiu a oportunidade, começou a trabalhar nesse salão em que eu a conheci, indo morar com

outras cabeleireiras bolivianas em uma casa alugada no Brás. Rosemary se sente extremamente realizada nessa nova profissão e não planeja mais voltar para Cochabamba – local que deixou de fazer parte, inclusive, de seu espaço de vida imaginado. A única pessoa com que ainda mantém contato na Bolívia, esporadicamente, é o seu irmão, que pretende convencer a vir para o Brasil.

**Figura 8 - Espaços de vida e residências base de Rosemary, cabeleireira em São Paulo, proveniente da zona rural de Oruro**

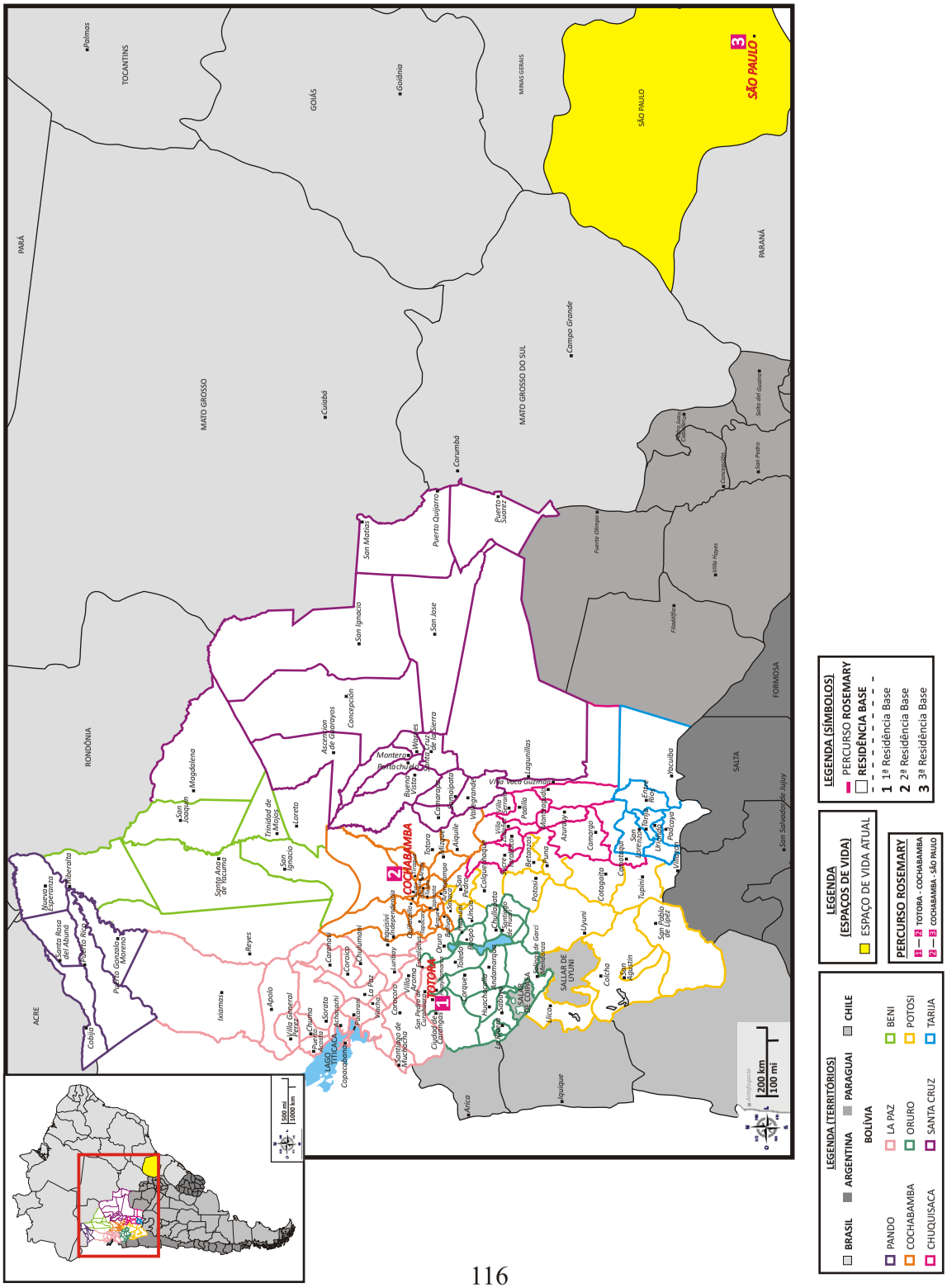
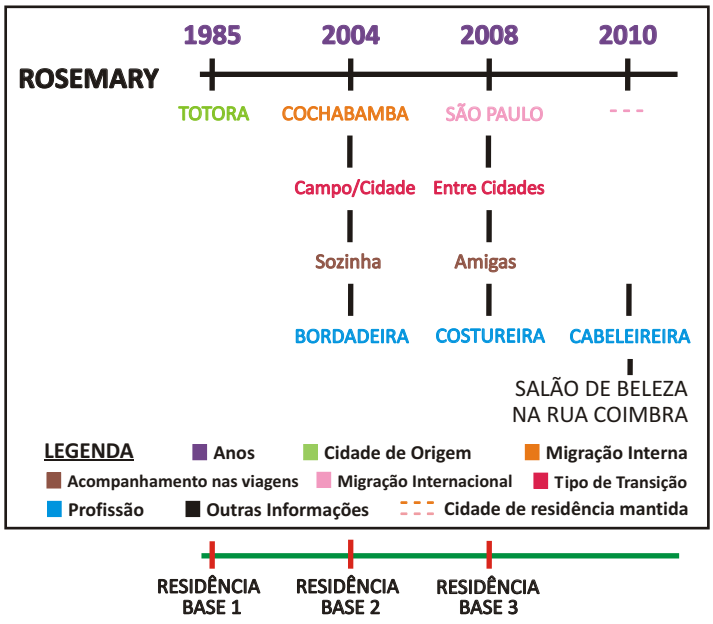


**Figura 9 - Linha da vida de Rosemary, oficinista em São Paulo e La Paz, proveniente da cidade de La Paz**



Essas transições nem sempre ocorrem de maneira tão harmoniosa como no percurso de Rosemary, refletindo, em alguns casos, histórias traumáticas de inserção no mundo social das oficinas de costura bolivianas na cidade, como podemos vislumbrar no percurso de Andrea, uma boliviana que conheci na Rua Coimbra, vendendo refresco e salgados em frente a um restaurante de comida boliviana e que, diferentemente de Rosemary, planejava inicialmente refazer sua vida no Brasil junto com o seu marido e seus 5 filhos[139].

Andrea tem 31 anos, nasceu na cidade de La Paz e possui um irmão. Após separar-se sua mãe casou-se com um homem com quem Andrea tinha muitos desentendimentos, o que a levou a sair, definitivamente, de sua residência base, aos 18 anos, após finalizar o ensino médio, em 1999, e migrar sozinha para Santa Cruz, em busca de melhores oportunidades de trabalho.

Em Santa Cruz, Andrea foi trabalhar em uma padaria na qual conheceu seu futuro marido e estabeleceu uma nova residência base. Os dois trabalharam nessa padaria durante 12 anos. Nesse período, a mãe de Andrea morreu de câncer e o seu irmão que, agora, possui 26 anos, mudou-se, durante algum tempo, para Santa Cruz para morar com o casal. Depois de alguns anos, o irmão retornou a La Paz e, de lá, soube de oportunidades para trabalhar em uma oficina de costura, em São Paulo, e veio para o Brasil, em 2005, aos 19 anos. Em São Paulo, o irmão de Andrea passou de costureiro a dono de sua própria oficina, realizando uma produção voltada para sua própria comercialização na Feira da madrugada.

Em 2010, o marido de Andrea migrou para São Paulo para trabalhar na oficina de costura de seu cunhado, mantendo a residência base do casal,em Santa Cruz, na qual permaneceram a mulher e os seus 5 filhos. Devido ao baixo salário pago por seu cunhado, foi em busca de outras oportunidades e conseguiu um trabalho em uma padaria, para ganhar

[139]A princípio, quando conheci Andrea, eu imaginava que ela e as outras, que vendiam coisas variadas, trabalhavam informalmente por conta própria. Entretanto, conforme Andrea me explicou, ao longo de nossa conversa, todas eram empregadas do dono do restaurante e trabalhavam "cama a dentro", ou seja, dormiam no próprio restaurante.

quase o dobro[140]. Após um ano, em 2011, Andrea decidiu sair junto com os seus 5 filhos, definitivamente, de Santa Cruz, para estabelecer uma nova residência base, em São Paulo, a convite de seu irmão, para trabalhar em sua oficina de costura, bastante animada com as notícias de seu marido sobre a vida no Brasil. Ela cozinhava, dobrava as roupas e ia, junto com o irmão, vendê-las na feira da madrugada[141].

Embora não estivesse muito feliz com a forma como o irmão a tratava, estava decidida a ficar alguns anos nesse trabalho até que ela e seu marido conseguissem se estabilizar, entretanto, após alguns meses, aconteceu um episódio que levou Andrea a ser expulsa da oficina do irmão: um dos bolivianos empregados do irmãos fugiu da oficina pois sofria maus tratos, e seu irmão desconfiou que Andrea tinha ajudado o boliviano a fugir e brigou com ela. No meio da briga, ele colocou Andrea e os seus 5 filhos na rua. Andrea nunca mais perdoou o irmão e considera que essa decepção foi uma das piores coisas que lhe aconteceu no Brasil. Ela disse que, após se tornar oficinista, o irmão mudou completamente, se transformou em um homem frio, ganancioso e explorador de seus compatriotas[142]. De acordo com ela, entre os bolivianos que foram bem sucedidos, é comum essa percepção de que os costureiros e costureiras que ainda não conseguiram montar a sua própria oficina são inferiores. Essa percepção de Andrea, da existência de uma clivagem central entre compatriotas no interior do mesmo mundo social e que, muitas vezes, como em seu caso, pode levar à ruptura de relações familiares, mesmo em núcleos tão pequenos como o de Andrea que, com a morte da mãe e o sumiço do pai, resumia-se ao seu irmão e à família que havia construído com seu marido, reitera a diferenciação percebida no âmbito das atividades da Pastoral do Migrante, tal como descritas acima.

No dia da discussão com seu irmão, Andrea saiu andando e acabou indo parar na Rua Coimbra, próxima à padaria em que seu marido trabalhava "cama adentro" e foi

[140] Na oficina de costura de seu cunhado, ganhava um salário mínimo e na padaria passou a ganhar R$1200,00.
[141] De acordo com Andrea, o irmão possui dois box nessa feira que faturam por dia, em média, 5 mil reais.
[142] Enquanto ouvia Andrea descrever o seu irmão, imaginava um homem bem mais velho. Entretanto, conforme ela me explicou trata-se de um jovem de apenas 26 anos.

acolhida pelos donos do restaurante no qual ela trabalha atualmente também "cama adentro". Entretanto, não poderia ficar na casa com os cinco filhos e como dois deles deveriam voltar à escola, o que seria impossível naquelas circunstâncias, ainda mais considerando o agravante de todos estarem indocumentados[143], o casal decidiu levar os dois filhos mais velhos para a casa de uma irmã de seu marido em Sucre, para que pudessem seguir os estudos e, enquanto a filha do meio passou a morar no trabalho do pai, os dois mais novos ficaram com Andrea, no restaurante.

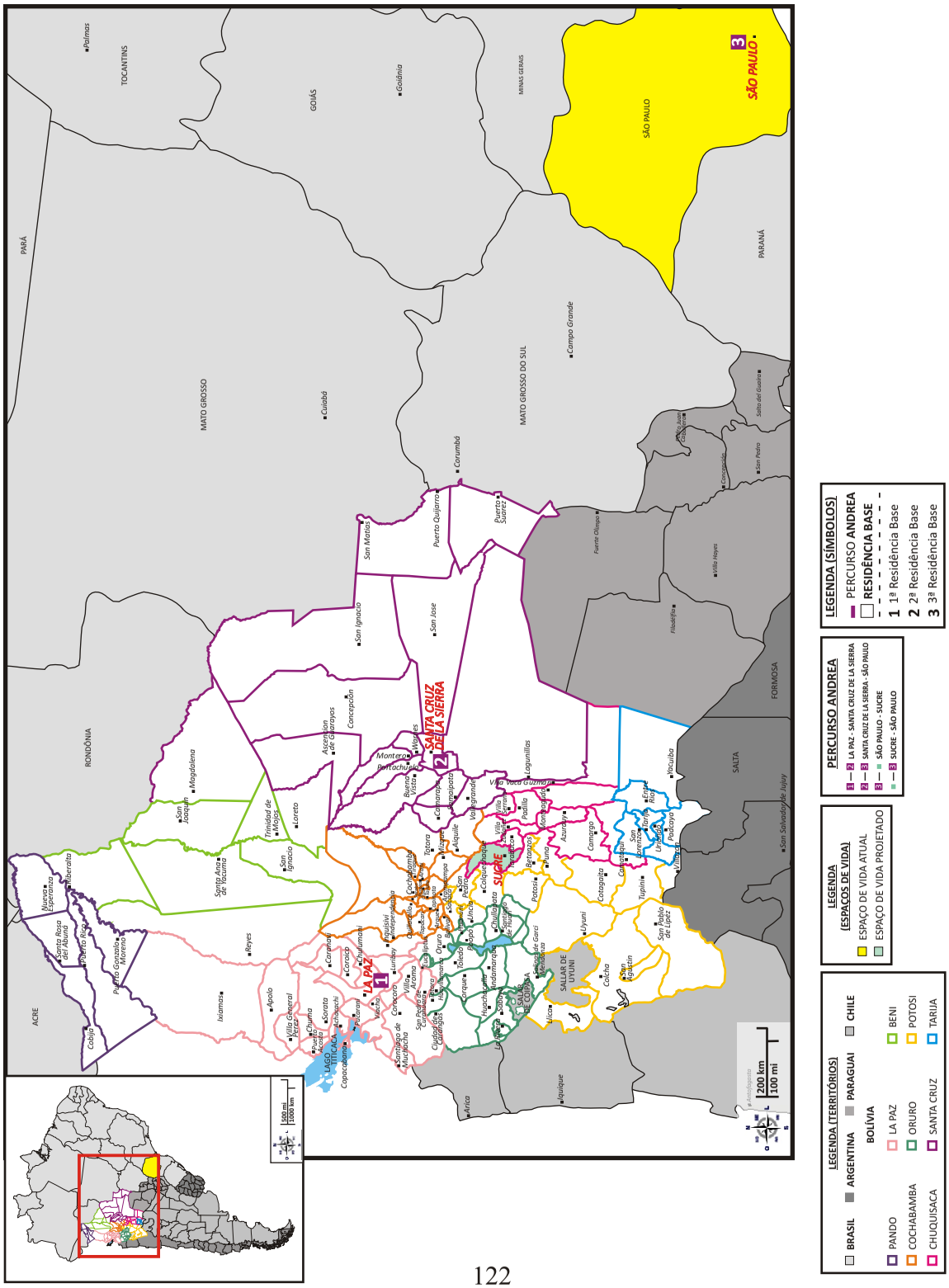
Andrea disse que chegou ao Brasil com mais esperanças do que tem agora, pensava que iria reconstruir sua vida na capital paulistana, mas, atualmente, mudou de ideia e pensa em ficar apenas "até o mundial" e, depois, migrar junto com seu marido para Sucre. De acordo com Andrea, sua vida está muito difícil: nunca mais pôde dormir junto com o marido, não tem dias de folga, tem de trabalhar de dia e de noite, não pode conversar direito com os filhos e nem com o marido e tem hora para entrar, nos dias de semana, quando a venda de comidas acaba mais cedo. Enquanto que, na Bolívia, quando trabalhava na padaria, tinha dias livres para ficar com o marido e com as crianças e um ritmo de trabalho muito mais tranquilo.

É interessante notar que a exploração não se encontra apenas nas oficinas de costura, as cozinheiras que trabalham "cama adentro" também podem ser bastante exploradas, como é o caso de Andrea. E essa exploração mistura-se a uma série de outras circunstâncias que enredam esses trabalhadores. No caso de Andrea, a situação de vulnerabilidade em que se encontrava no momento em que foi acolhida (com 5 filhos, sem dinheiro, sem documentos e sem casa, após ter sido expulsa por seu próprio irmão que a havia trazido para trabalhar), somava-se ao fato de ser evangélica e ter sido acolhida por irmãos também evangélicos. Dessa forma, vulnerabilidade, gratidão, fé em Deus e exploração laboral se enredavam de um jeito bastante complexo e embora Andrea

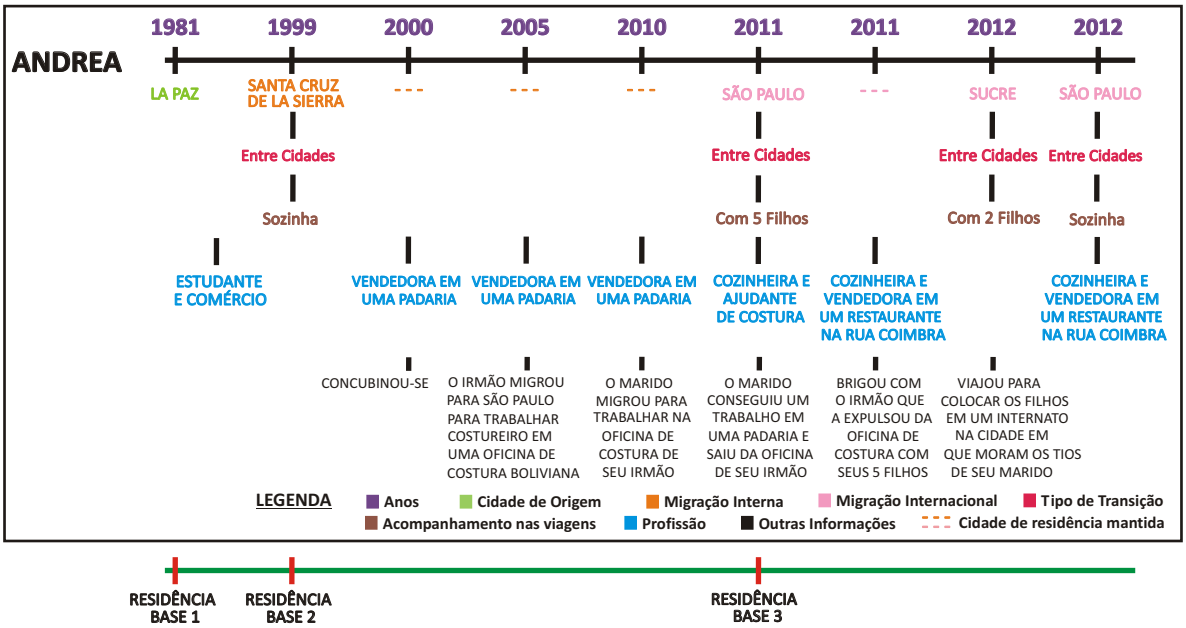
[143] De acordo com Andrea, para tirar a permissão de residência, custa, em média, 450 reais, a partir da "Fiolandia", uma empresa que além de auxiliar os oficinistas, faz atramitação burocrática para a legalização dos costureiros. Embora seja mais barato fazer a tramitação pessoalmente, nem ela, nem o marido podem sair do trabalho para fazer isso – de acordo com ela,"eles [a Fiolandia] são as nossas pernas".

conseguisse expressar, em suas reclamações, a violência a que estava submetida, tampouco conseguia perceber, com a clareza suficiente para se desvencilhar, que essa violência era perpetrada pelos seus irmãos de fé, donos do restaurante, que a acolheram: para ela, suas normas eram necessárias, o trabalho era assim porque no Brasil é assim e, ademais, não poderia se expor muito dado o fato de estar indocumentada.

**Figura 10 - Espaços de vida e residências base de Andrea, cozinheira em São Paulo, proveniente da cidade de La Paz**



## Figura 11 - Linha da vida de Andrea, cozinheira em São Paulo, proveniente da cidade de La Paz



Ao compararmos os percursos de duas mulheres que, embora tenham migrado para trabalhar no mundo social das oficinas de costura, acabaram se inserindo em outras atividades, nos deparamos com percursos anteriores marcados por migrações internas, projetos reformulados e laços com grupos de referência rompidos. No caso de Rosemary, o encontro de uma vocação na cidade de destino e a decisão de não retornar à Bolívia, representaram uma importante reformulação de seu projeto inicial que, de todo modo, era individual, embora refletisse uma vontade inicial de não rompimento com sua residência base na cidade de Cochabamba, enquanto no caso de Andrea, diferentemente, a ressignificação da Bolívia como o lugar ideal para se morar, para onde pretende retornar "depois do mundial", embora em outra cidade, representa uma reformulação do projeto inicial de rompimento total com as redes de sociabilidade construídas ao longo de mais de uma década na cidade de Santa Cruz, para o início de uma vida nova na capital paulistana.

## 2.3) A REGIÃO DO BRÁS E A FEIRA DA MADRUGADA




Fonte fotos: Próprias, tiradas durante trabalho de campo - www.quatroestacoes.blog.br - www.noticias.r7.com (Julia Chequer)

Em conversas com os donos da empresa Fiolândia, localizada na rua Coimbra, soubemos de outro importante espaço na cidade ligado ao "mundo social das oficinas de costura bolivianas": a Feira da Madrugada que, nos últimos anos, tem possibilitado aos oficinistas bolivianos comercializarem uma parte ou mesmo toda a produção de suas oficinas de costura. Possibilidade que os torna independentes dos outros circuitos produtivos nos quais vêm se inserindo nos últimos 30 anos[144]. De acordo com um dos entrevistados, a existência dessa feira "foi um milagre para o povo boliviano, porque hoje, nós cortamos, nós vendemos, nós negociamos".

Essa Feira originou-se do movimento dos camelôs da Rua 25 de março, no início dos anos 2000, "que buscavam um espaço para vender seus produtos durante a madrugada, evitando os conflitos entre os ambulantes e os lojistas" (SILVA, 2011:4). E, a princípio, desde 2005, funcionava em dois espaços, no Pátio do Pari e nas ruas adjacentes do Brás[145]. Trata-se de um espaço de comercialização de roupas populares – e, mais recentemente, de outros produtos como óculos, relógios, bonés e produtos eletrônicos – que é central na dinâmica do comércio popular no Brasil, constituindo-se em uma espécie de centro de distribuição dessas mercadorias, por meio de comerciantes que se deslocam de todas as partes do país, periodicamente, para fazer compras na Feira e nas lojas do Brás, conforme destaca Silva (2011) em um estudo sobre os usos do território na cidade de São Paulo[146]. De acordo com a autora, essa Feira faz parte do "circuito espacial de produção de confecções" (SILVA, 2011:3) que se estabeleceu nos bairros do Brás e do Bom Retiro, a partir dos anos 1950, com os migrantes judeu, sírios e libaneses e, mais recentemente, coreanos, chineses e bolivianos. Constituindo-se em um espaço de comércio multicultural com importante concentração de migrantes asiáticos, mas também latino americanos e afro descendentes.

[144] Conforme veremos nos capítulos 3 e 4.
[145] Os vendedores das ruas adjacentes foram sendo retirados nos últimos anos, restando apenas o Patio do Pari que, recentemente, em 2013, passou por uma grande reforma.
[146] De acordo com a autora, passam pela feira, todas as madrugadas, cerca de 35 mil pessoas por dia, por entre cerca de 6300 bancas cadastradas no Patio do Pari e duas mil na rua e existiriam cerca de 400 vagas de estacionamento para ônibus fretados, quase sempre lotadas, de acordo com pesquisa de Silva, em 2011.

As bolivianas e os bolivianos com quem conversei, durante o trabalho de campo, em 2012, nos boxes de venda, no interior do Pátio do Pari[147], possuíam um perfil diferente daquele encontrado nos "espaços da bolivianidade": em sua maioria, mulheres, mais velhas, oficinistas ou ex-oficinistas[148], que migraram para se inserir no mundo social das oficinas de costura boliviana na capital paulistana há mais de 10 anos. Esse é o caso de Elizabeth e de Celina, de La Paz e de Oruro, respectivamente, que migraram para a cidade na segunda metade dos anos 1990.

Elizabeth é uma mulher de 35 anos, nascida em 1977, que, diferentemente das outras bolivianas que eu tinha entrevistado até aquele momento, ainda não tinha filhos e era proveniente de um núcleo familiar relativamente pequeno, composto pela mãe e dois irmãos, um jovem de 27 anos que permanecia em El Alto e uma irmã mais velha, de 45 anos, que havia migrado para São Paulo para trabalhar na costura no auge da crise econômica boliviana dos anos 1980. Época em que ela e sua mãe, que moravam na casa em que sua mãe trabalhava como empregada doméstica, em La Paz, migraram para El Alto transferindo sua residência base. A mudança representou o início do segundo casamento de sua mãe e de desentendimentos com o seu padrasto, que culminaram em sua migração, que considerava ser definitiva, para São Paulo, aos 19 anos, em 1995, após ter finalizado o segundo grau, a convite de sua irmã que, naquela época, já possuía uma oficina de costura no bairro Edu Chaves.

Durante os primeiros anos em São Paulo, Elizabeth que, até aquele momento, tinha exercido apenas o trabalho de comerciante junto com sua mãe em El Alto, trabalhou como cozinheira na oficina de costura de sua irmã até aprender a costurar. Embora fosse grata a sua irmã pelo trabalho, Elizabeth, na medida em que conhecia as condições de trabalho de outros costureiros, em suas horas de folga, na cidade, se sentia explorada pela irmã devido ao baixo salário e, após 6 anos, em 2001, decide deixar a oficina da irmã e

[147] Embora, em 2009, em trabalho de campo exploratório na cidade, tenhamos encontrado o comércio ambulante nas ruas adjacentes, no final de 2012, ele já não existia mais e, portanto, concentramos o trabalho de campo no Pátio do Pari.

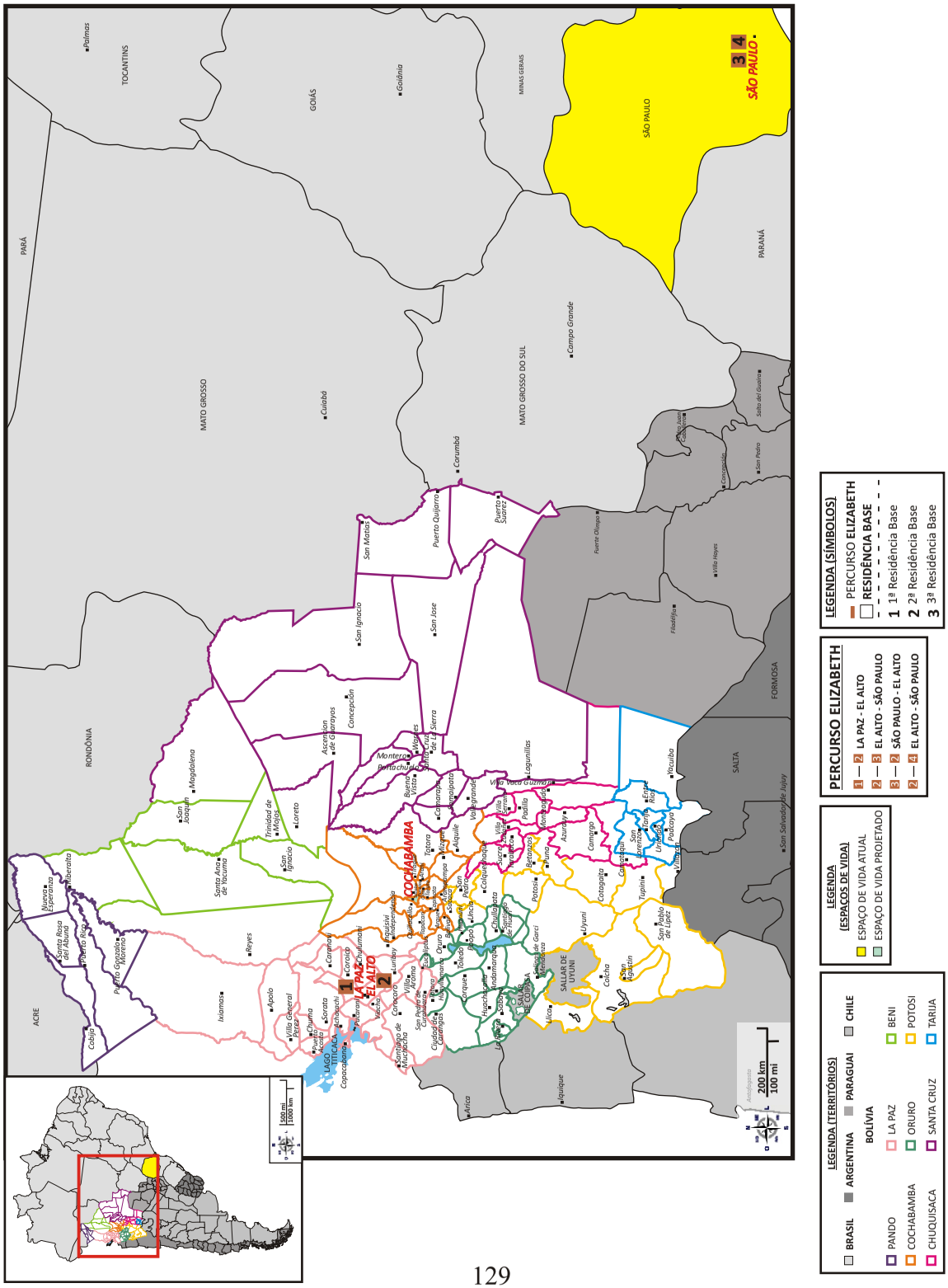
[148] Percebemos que alguns bolivianos que conseguem um box para comercializar nessa feira, fecham as suas oficinas para trabalhar com compra e venda no atacado.

voltar para El Alto, retornando à sua antiga residência base, na casa de sua mãe. Entretanto, um mês depois, recebe outra proposta de trabalho, em El Alto, e decide voltar para São Paulo com os bolivianos donos de sua nova oficina de costura. Embora recebesse um salário melhor, Elizabeth não gostava do ambiente da oficina, com muitos costureiros bêbados e muitas brigas. E, após 3 meses, acaba retornando para a sua terceira residência base, a oficina de costura de sua irmã, na qual permaneceu por mais 8 anos até conhecer seu futuro esposo, um oficinista de Cochabamba.

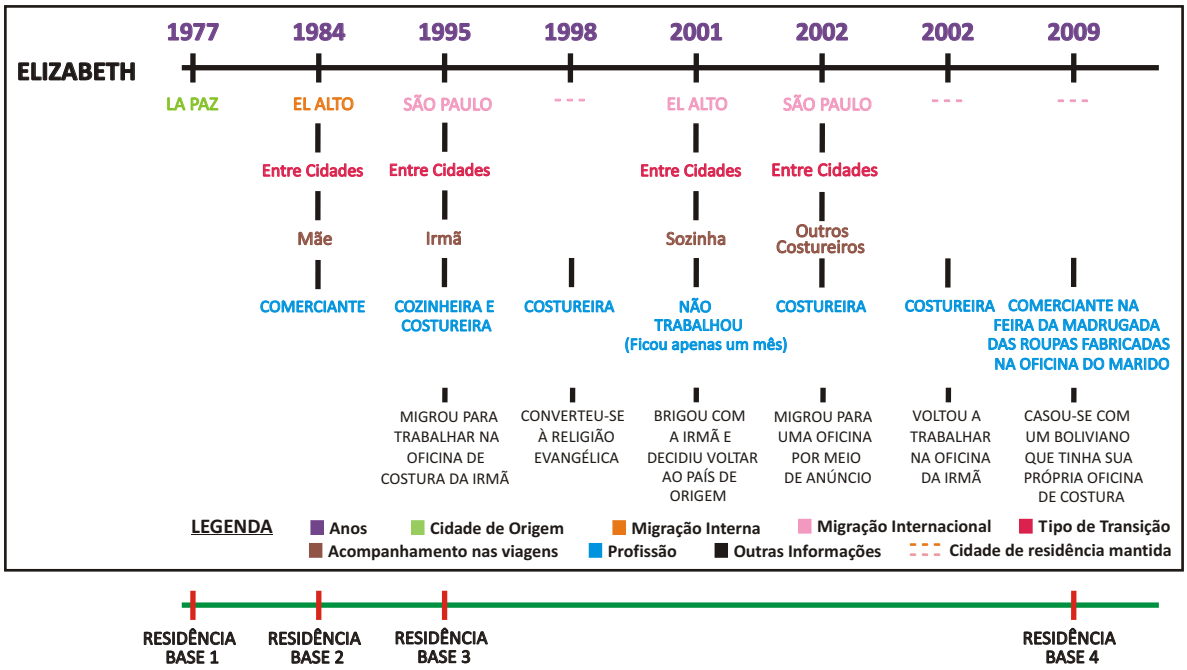
O casamento representou o início de uma nova etapa em sua trajetória laboral, em sua inserção na cidade e em suas relações com a Bolívia, deixando de ser costureira para se dedicar ao comércio das roupas costuradas na oficina de costura de seu marido. Na Bolívia, conforme veremos no próximo capítulo, o comércio é uma atividade feminina e a costura masculina, sendo comum, inclusive, após a migração do casal para a inserção no mundo social das oficinas de costura bolivianas, o marido ensinar à esposa o novo ofício. No momento da entrevista, Elizabeth estava grávida de 4 meses de seu primeiro filho e, embora estivesse feliz com a nova atividade, mais condizente com suas habilidades desenvolvidas desde a infância, o casal planejava retornar a Bolívia depois do "mundial" pois ela queria educar seus filhos com valores bolivianos. O plano do casal era utilizar o dinheiro da venda da casa própria, que seu marido conquistou na cidade de São Paulo, para comprar uma casa e montar uma oficina de costura para trabalhar com costura em Cochabamba. Esse projeto havia surgido em conversas de seu marido com os seus amigos que já haviam retornado e montado sua oficina de costura própria.

Esse projeto de transferir a oficina de costura para as regiões de origem na Bolívia ainda não havia aparecido nas entrevistas realizadas e, de acordo com Elizabeth, o projeto devia-se ao fato de seu marido sempre ter sido costureiro em Cochabamba. Esse percurso chamava atenção para outra dimensão da experiência dos migrantes bolivianos no mundo social das oficinas de costura: provavelmente, uma parte dessa força de trabalho já trabalhava na indústria de confecção boliviana antes da migração.

**Figura 12 - Espaços de vida e residências base de Elizabeth, oficinista em São Paulo, proveniente da cidade de La Paz**



## Figura 13 - Linha da vida de Elizabeth, oficinista em São Paulo, proveniente da cidade de La Paz



Essa relação entre a indústria de confecção dos dois países por meio de uma força de trabalho circulante reapareceu, de maneira diferente, no percurso de Celina, de 36 anos, nascida em uma zona mineira de Oruro, casada com um boliviano que conheceu em São Paulo, coincidentemente, da mesma zona mineira que ela. Embora o pai de Celina tenha dedicado parte de sua vida ao trabalho nas minas, ele era um sastre[149]e sua mãe uma bordadeira, ambos de La Paz. Com a crise das minas, toda a família de Celina abandonou sua residência base em Oruro e migrou para El Alto, onde seu pai retomou a sastreria com o auxílio dos irmãos e Celina aprendeu o ofício de bordadeira com sua mãe. Nos anos 1990, ao finalizar o segundo grau, Celina e sua irmã, que também sabia costurar e cortar tecidos, decidem buscar melhores oportunidades em Santa Cruz.

A migração para São Paulo um ano depois que haviam chegado a Santa Cruz, em 1996, realizada com a irmã, foi arranjada desde a Bolívia, para a inserção em uma grande oficina de costura de compatriotas, no bairro do Bom Retiro, que produzia malharia para os lojistas coreanos. Ao longo dos últimos 16 anos, a irmã de Celina se especializou na atividade de piloteira e ela, após alguns anos de casada, conseguiu, junto com o marido, montar uma oficina de costura, no bairro do Bom Retiro, que conta, atualmente, com 6 máquinas, 6 funcionários e produz malharia (modinha) para lojas coreanas sendo que, nos últimos 7 anos, também produz para comercialização própria na feira da madrugada.

Apesar de possuírem casa própria no Brasil, Celina e o marido pretendem voltar à Bolívia, para morar em La Paz, onde vivem seus familiares, depois do "mundial", pois Celina gostaria que sua filha fosse educada em um colégio boliviano e crescesse mais perto de seus familiares. Nessa decisão de retorno também pesam considerações sobre o ritmo de trabalho das oficinas e um desejo de ter uma vida mais tranquila por meio da abertura de um pequeno comércio em La Paz.

Nos percursos de Elizabeth e Celina, encontramos o mesmo padrão: o desejo de retornar a Bolívia depois de mais de uma década de inserção no mundo social das oficinas

[149] Uma espécie de alfaiate que faz roupas por encomenda que, conforme veremos no próximo capítulo, ainda é uma profissão muito comum e requisitada na Bolívia.

de costura, tendo casado, conquistado oficina de costura e casa própria na capital paulistana. Dessa forma, mesmo quando logram realizar o percurso material de assimilação às sociedades de destino, os costureiros e costureiras bolivianas ainda permanecem vinculados à Bolívia, como um espaço de vida imaginado e/ou como espaço de vida projetado.

**Figura 14 - Espaços de vida e residências base de Celina, oficinista em São Paulo, proveniente de um município mineiro de Oruro**

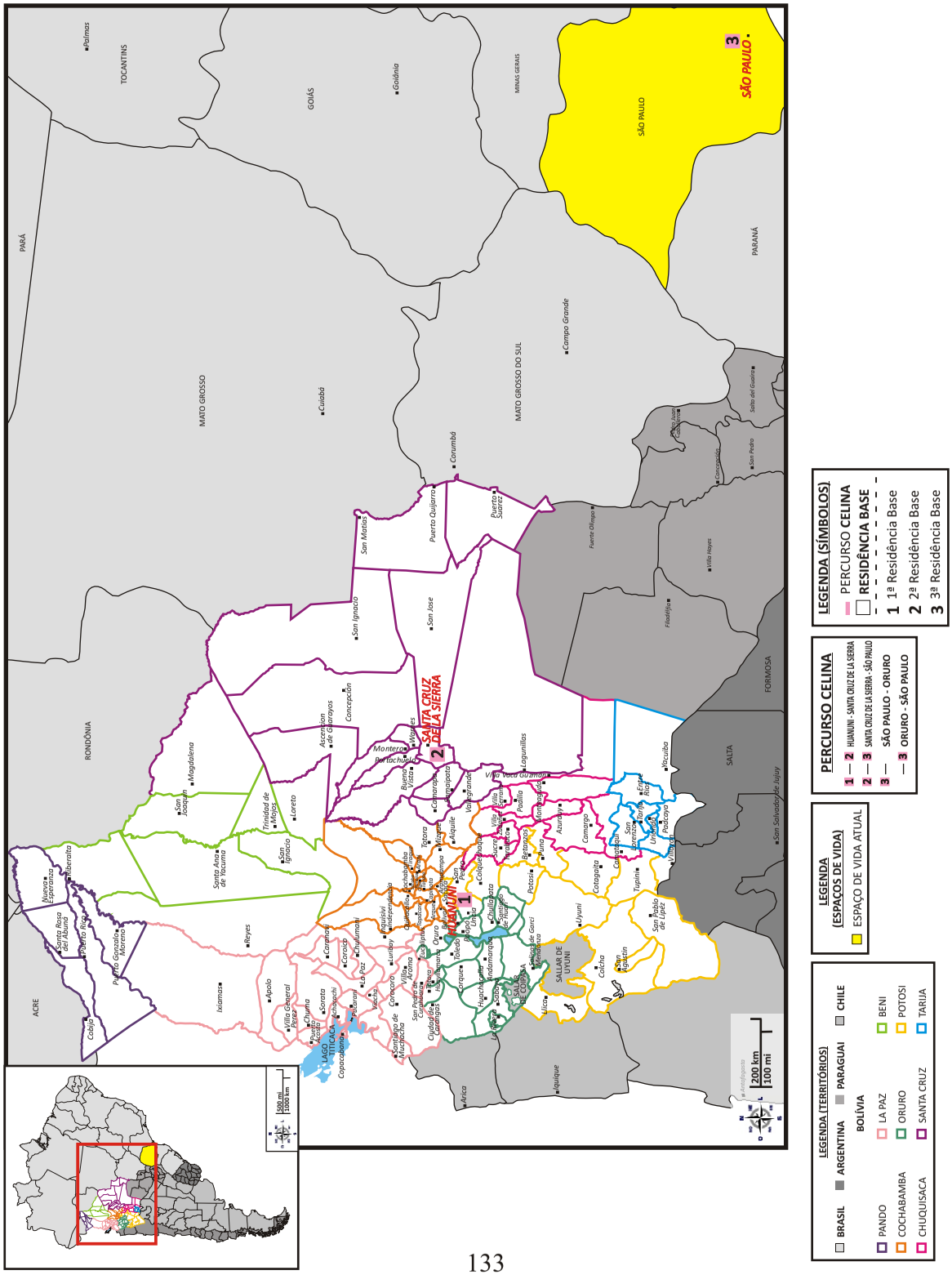
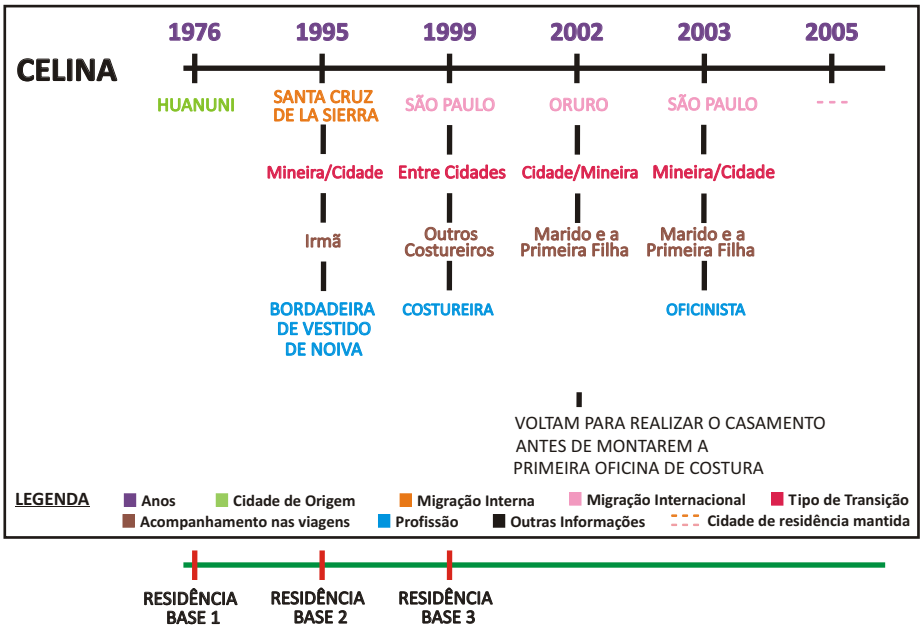


**Figura 15 - Linha da vida de Celina, oficinista em São Paulo, proveniente de um município mineiro de Oruro**



## 2.4) O PROJETO COSTURA NO MUNDO SOCIAL DAS OFICINAS DE COSTURA BOLIVIANAS ENTRE ORIGENS E DESTINOS

A partir desse trabalho de campo em São Paulo, pudemos constatar que os migrantes bolivianos e bolivianas que circulam nos principais espaços de sociabilidade da população boliviana na cidade, nos seus "espaços da bolivianidade" – a Praça Kantuta e a Rua Coimbra – são, em sua maioria, costureiros e donos de oficinas de costura. Os donos e trabalhadores dos restaurantes, dos salões de cabeleireiros, armazén setcou possuem oficinas de costura ou já foram costureiros ou oficinistas anteriormente[150]. E, inclusive, a própria história de estabelecimento desses espaços, conforme vimos acima, se confunde com a história de inserção dessa população nessa indústria na cidade[151].E nesses "espaços da bolivianidade", além de manterem seus hábitos alimentares e linguísticos, é possível fazer ligações telefônicas para a Bolívia a preços mais acessíveis, enviar dinheiro sem burocracia, comprar passagens aéreas ou entrar em contato com ônibus clandestinos (que vão até La Paz, passando por Santa Cruz e Cochabamba), trocar informações a respeito do mercado de trabalho das oficinas de costura, encontrar anúncios, conhecidos e pessoas ofertando oportunidades de trabalho em outras oficinas de costura e os oficinistas, costureiros comuns ou outros trabalhadores bolivianos e bolivianas podem, ainda, encontrar, na Rua Coimbra, a Fiolândia, uma empresa boliviana que os auxilia na regularização das oficinas de costura e dos migrantes, além de vender insumos e fornecer assistência técnica às oficinas de costura.

Em relação às 47 oficinas de costura pelas quais circularam os 17 migrantes entrevistados na cidade de São Paulo, constatamos que 44 dessas oficinas eram de donos

[150] Ao longo do trabalho de campo, além das entrevistas formais, fizemos observação participante e conversamos informalmente com todos os comerciantes bolivianos na Rua Coimbra e na Praça Kantuta.
[151] Conforme veremos em detalhes no capítulo 4, os migrantes bolivianos que chegaram à cidade em momentos anteriores e se inseriram no mercado de trabalho local não constituíram territorialidades bolivianas na cidade.

igualmente bolivianos e as outras 3 de donos brasileiros[152]. E das 44 oficinas de costura de donos bolivianos, 31 oficinas costuravam exclusivamente para lojistas coreanos, 8 oficinas direcionavam sua produção para comercialização própria na Feira da Madrugada e apenas 5 oficinas de costura trabalhavam para outros circuitos produtivos (pirataria e lojistas brasileiros). E quanto às suas formas de inserção inicial nessas oficinas de costura na cidade, constatamos que todos os entrevistados se inseriram desde os locais de origem de sua migração internacional.

Dessa forma, ao invés das circunstâncias comumente associadas a essa inserção laboral, de migrantes empobrecidos que saem de suas regiões de origem sem perspectivas e, na cidade de destino, encontram o mercado de trabalho das oficinas de costura, encontramos trabalhadores que saem da Bolívia com um trabalho garantido na cidade de destino, cujos gastos com a viagem são financiados – como um adiantamento – em parte ou completamente por seus futuros contratadores. Em todas essas entrevistas, portanto, a inserção na cidade de São Paulo não fazia parte de um projeto migratório, mas sim de um projeto de inserção laboral, "o projeto costura". E, em alguns casos, esse "projeto costura" pôde se direcionar também, em circunstâncias muito parecidas, para Buenos Aires, nos levando a considerar que, talvez, esse mundo social não se restrinja à capital paulistana.

E em relação a esse "projeto costura", a partir das entrevistas em São Paulo, pudemos perceber que o ímpeto inicial de praticamente todos os bolivianos e bolivianas entrevistados, com exceção de Richard e Andrea[153], era temporário, visando ao acúmulo de boas quantias de dinheiro para a realização de projetos acalentados em suas regiões de origem. Entretanto, conforme vimos, a partir do momento em que se colocam em movimento, outras circunstâncias ora inesperadas ora conjunturais, não consideradas nos planos inicialmente formulados, levam a reformulações dos projetos iniciais.

E nos casos em que o percurso material de inserção se concretizou de maneira favorável, como, por exemplo, nos percursos de Celina e de Elizabeth, ao longo de mais de

[152] Nas entrevistas, aplicávamos uma mesma bateria de questões para cada oficina de costura pelas quais os entrevistados passaram em São Paulo e em Buenos Aires.
[153] De todo modo, note-se que, no caso de Andrea, seu marido migrara antes com um projeto temporário.

uma década de inserção na capital paulistana, destaca-se não exatamente a concretização do retorno, que pode efetivamente não ocorrer – afinal, de 2012 "até o mundial", parâmetro temporal das entrevistadas citadas, muitas coisas poderão acontecer – mas o fato de o "retorno" ser um plano, um projeto concreto e factível, graças à manutenção de redes de sociabilidade, reiteradas nos "territórios da bolivianidade" na cidade de São Paulo e em seus retornos, mesmo sem terem restabelecido uma residência base na Bolívia.

E, ainda, mesmo nos percursos em que o "retorno" não é uma possibilidade no momento da entrevista, em seus projetos de "fazer a vida" em São Paulo, a cidade em que esses costureiros e costureiras vivem é uma cidade paralela, diferente da cidade da população autóctone ou mesmo daquela dos migrantes que chegaram a São Paulo entre o final do século XIX e o começo do século XX. É uma cidade que fala, predominantemente, espanhol, quíchua ou aimará (as línguas oficiais dos "espaços da bolivianidade", das oficinas de costura e das estações de rádio latinas), na qual os casamentos e namoros são, em sua maioria, entre pessoas de mesma nacionalidade, que possui restaurantes e armazéns que vendem as iguarias do altiplano, na qual é possível encontrar, aos finais de semana, parentes distantes e saber as notícias das festas bolivianas que se realizam pela cidade e nos locais de origem, por meio dos fotógrafos que comercializam suas fotos, nos "espaços da bolivianidade", em que se bebe cerveja, mas também chicha. Dessa forma, para esses costureiros e costureiras, "fazer a vida" em São Paulo ou, ainda, cortar os laços com os familiares, namorados e amigos, deixados na Bolívia, não é uma forma de se inserirem em outro universo linguístico, cultural e moral, mas apenas de se reinserirem, no mesmo universo, mas em outro local.

Todas essas circunstâncias reiteram a hipótese da migração boliviana vinculada ao trabalho na indústria de confecção como mundo social cuja atividade primária, da costura, é realizada, predominantemente, em oficinas de costura bolivianas que, embora respondam às necessidades estruturais da indústria de confecção da cidade, estabelecem estruturas que ultrapassam o mercado de trabalho local, constituindo-se desde as

localidades de origem da migração boliviana, envolvendo arranjos familiares, relações de sociabilidade e identidades entre origens e destinos.

Da perspectiva do mundo social das oficinas de costura bolivianas, São Paulo deixava de ser, portanto, o local de chegada e de permanência necessários desses migrantes, tornando-se um local possível que, apesar de se transformar no lar relativamente permanente de parte dos que logravam estabelecer de maneira bem sucedida uma oficina de costura própria ou se engajar em outras atividades profissionais na cidade, vinculava esses migrantes a redes de informação, de trabalho e de circulação que extrapolavam os limites do contexto urbano paulistano, podendo envolver, além de Buenos Aires, uma miríade de locais de origem na Bolívia, possibilitando aos que quisessem ou necessitassem, idas e vindas diversas.

De maneira geral, portanto, ao longo do trabalho de campo na cidade de São Paulo, pudemos perceber que as localidades de origem, na Bolívia, dos costureiros e costureiras que fazem parte do mundo social das oficinas de costura bolivianas, permanecem centrais em suas formas de inserção e circulação na cidade, não apenas simbolicamente e em seus projetos, mas também materialmente tendo em vista a intensidade da circulação de pessoas, de dinheiro e de mercadorias entre origens e destino necessários para a manutenção dos "espaços da bolivianidade" e do mundo social das oficinas de costura boliviana,que contrata parte de sua força de trabalho diretamente em seus locais de origem, na Bolívia.

Dessa forma, o trabalho de campo nos locais de origem dessa migração na Bolívia, que havia sido inicialmente planejado tendo em vista os debates sobre a emergência de formas de inserção transnacionais dos migrantes contemporâneos nas sociedades de destino, adquiria outro sentido, não apenas pelos motivos elencados no debate sobre o transnacionalismo que indica, como tendência na inserção dos novos fluxos migratórios, a manutenção de estruturas sociais entre origens e destinos, em torno, principalmente, das relações familiares, mas principalmente por se concentrarem, nos locais de origem, uma das pontas do mercado de trabalho do mundo social das oficinas de costura bolivianas na capital paulistana, transformando a migração em um apêndice do projeto

costura. Projeto que não prevê inicialmente a inserção definitiva nas cidades de destino, mas uma inserção temporária, circular, entre origens e destinos.

Dessa forma, além de perscrutar as redes sociais e familiares entre origens e destinos, no trabalho de campo na Bolívia, passamos a ter como objetivo o encontro com os próprios migrantes, aqueles que, diferentemente dos entrevistados em São Paulo, efetivaram o projeto temporário inicial, em seus retornos, permanentes ou definitivos. Dessa forma, com o trabalho de campo nos locais de origem visávamos acessar essas outras narrativas, as narrativas dos migrantes circulantes, temporários, que – conforme passamos a especular devido à importância dos locais de origem nas dinâmicas de recrutamento de força de trabalho e nos projetos iniciais dos que migram para trabalhar na costura – pareciam ser os protagonistas principais do mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino.

No próximo capítulo, apresentaremos o trabalho de campo em algumas localidades de origem dessa migração boliviana para a inserção no mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino e as narrativas dos migrantes que, em algum momento de suas vidas, se inseriram nesse mundo social, mas que, no momento da entrevista, se encontravam na Bolívia, em retornos temporários ou definitivos.

# Capítulo 3

# O *Projeto Costura* nas narrativas desde as localidades de origem da migração boliviana

> Quanto das práticas até agora mencionadas seguem se atualizando nas estratégias familiares e comunitárias das migrações bolivianas atuais? Provavelmente, a filiação entre essas lógicas não corresponda a mais do que uma intenção romântica dos próprios atores (...). De todo modo, algumas coincidências não deveriam ser descartadas. As novas colônias bolivianas parecem seguir os rastros traçados pelas famílias mitimaes, embora, desta vez, estendendo a dinâmica dupla, de suas idas e vindas, para um novo cenário, a de um arquipélago de zonas ecológicas transnacionais em tempos de globalização. As suas comunidades ou cidades de origem, substituídas em termos de residência por Washington DC, Madri, Buenos Aires e outras cidades, também poderiam cumprir a função que, para aqueles viajantes, exerciam as cabeceiras étnicas próximas ao lago sagrado. Os deslocamentos a partir de um centro permanente continuam. Continua também a necessidade de retorno multifacetário às terras abandonadas (DE LA TORRE, 2006:65, tradução própria).

Neste capítulo, apresentaremos o trabalho de campo realizado em algumas das localidades de origem da migração boliviana direcionada para a indústria de confecção das cidades de destino. O trabalho de campo foi realizado entre os meses de agosto de 2012 e março de 2013, a partir do projeto Bepe/Fapesp "Imigração boliviana para São Paulo e relações de parentesco – um olhar desde as origens"[154]. E tinha como objetivos principais: i) identificar localidades, no interior dos centros urbanos e na zona rural, caracterizadas por concentrarem famílias cujos membros se inseriram na indústria de confecção da cidade de São Paulo e suas "redes de envio"[155] e, ii) realizar entrevistas de narrativas de vida com bolivianos que realizaram o projeto inicial de migrar para São Paulo e retornar à Bolívia e com os familiares daqueles que ainda não regressaram.

De maneira geral, nesse projeto, propúnhamos um diálogo com a literatura sobre as especificidades da diáspora boliviana, impulsionada no contexto das crises socioeconômicas e ambientais dos anos 1980, a partir de pesquisas empíricas realizadas nos locais de origem dessa migração (DE LA TORRE, 2006 e 2007;GUAYGUA, 2008; HINOJOSA, 2008; 2008A; 2009; CORTÉS, 2004). De acordo com essa literatura, as migrações bolivianas contemporâneas não se baseavam em uma ruptura com as sociedades de origem tendo em vista uma assimilação socioeconômica e cultural às sociedades de destino.

Em oposição às perspectivas clássicas sobre as migrações internacionais, a partir de um diálogo direto ou indireto com os debates sobre o "transnacionalismo", esses estudos destacavam as relações entre os projetos migratórios e as estratégias locais de sobrevivência e mobilidade social. A migração internacional boliviana, nessa perspectiva, não visava à ruptura, mas à manutenção dos locais de origem. Ideia sintetizada, inclusive, no título de alguns dos principais livros emergentes nesse contexto como, por exemplo, os

[154] Na Bolívia, essa pesquisa, financiada pela Fapesp por meio do programa BEPE, foi acolhida pelo Centro de Estudios Superiores da Universidad Mayor de San Símon (CESU-UMSS), em Cochabamba, no âmbito do projeto "Migración Transnacional: inserción laboral y ciudadanía", sob coordenação da professora doutora Maria Esther Pozo.

[155] O conceito de "redes de envio" utilizado no projeto inicial fazia parte da definição de "rede sócio-espacial da migração internacional", de Geneviève Cortés, em estudo sobre zonas de emigração na Bolívia e dizia respeito às redes sociais estabelecidas nos espaços das comunidades de origem e nos espaços regionais urbanos de partida.

de De La Torre, "*La chequanchada*" (2007)[156] e "*No llores, prenda, pronto volveré*" (2006) e o de Geneviève Cortés (2004) "*Partir para quedar-se"*.

Essas análises traziam à tona, justamente, uma dimensão central da maioria das narrativas dos migrantes bolivianos e bolivianas entrevistados em São Paulo[157]: a ideia de um projeto migratório que se estabelece, desde o início, como projeto de retorno e não como ruptura com os locais de origem: "por unti empitonomás", era a expressão, ouvida inúmeras vezes durante as entrevistas na capital paulistana, que sintetizava a ideia inicial da migração boliviana para o trabalho na indústria de confecção das cidades de destino, motivando o trabalho de campo nas regiões de origem dessa migração, em busca dos migrantes temporários que levaram adiante o projeto inicial de retorno e dos núcleos familiares à espera, que pareciam ser os principais responsáveis pela manutenção, material e simbólica, dos vínculos com as origens daqueles que, ao longo da realização do projeto inicial, o haviam transformado e se demoravam demasiado em seus destinos temporários.

A perspectiva analítica subjacente a esses estudos contemporâneos sobre a diáspora boliviana como estratégia de manutenção dos locais de origem retoma as indicações da Escola Etnológica Andina[158], que identificou, em suas análises das estratégias de sobrevivência alimentar e reprodução sociocultural dos núcleos familiares e comunitários originários das regiões altiplânicas dos Andes, a existência de movimentos migratórios, muitas vezes, por longos percursos, de parte do núcleo familiar, das terras altas às terras baixas (de costa ou de vale) com o intuito de acessar terras férteis e produtos alimentares inexistentes nas alturas, para a realização de trocas ou estabelecimento de novos assentamentos, promovendo o controle de diferentes pisos/zonas ecológicos[159].

[156] A "chequanchada" é uma palavra quíchua que se refere aos atalhos ou desvios para se chegar a um lugar.
[157] Conforme vimos no Capítulo 2.
[158] Escola criada pelo etnólogo John Murra, na década de 1970 e que desenvolveu a teoria do "controle vertical do máximo de zonas ecológicas" e, junto com o boliviano Pablo Condarco Morales, a teoria da "simbiosisinterzonal", conforme explicita Hinojosa (2009).
[159] No interior do debate latino-americano sobre essas especificidades das populações andinas, note-se, conforme explicita Cortés (2008:110), que existe ainda outra posição, que ao considerar essas mobilidades no interior de um sistema fechado, vai visualizar as migrações internacionais contemporâneas não como uma continuidade, mas como uma ruptura maléfica do ecossistema andino.

As proposições da Escola Etnológica Andina também são retomadas nas análises contemporâneas sobre as grandes aglomerações urbanas consolidadas no mesmo período de início da diáspora boliviana, durante os anos 1980, a partir de intensos processos de migrações internas (ANTEQUERA, 2011; JORGENSEN, 2011). Tendo em vista explicar as especificidades dos centros urbanos bolivianos consolidados durante esse processo, que se destacam pela existência de mais continuidades do que rupturas entre o urbano e o rural, esses autores focalizam as práticas de mobilidade entre essas dois pisos/zonas "socioeconômicos" (as zonas urbanas e rurais) que possibilitaram a formação de redes sociais ancoradas no estabelecimento do duplo domicílio. Circunstâncias que, além de possibilitar o acesso a recursos variados presentes nessas localidades, permitem, conforme destaca Antequera, abaixo, a manutenção das identidades e redes sociais constituídas nos locais de origem.

> (…) na realidade é precisamente a continuidade e não a oposição entre o campo e a cidade, entre o rural e o urbano, um dos elementos constitutivos dos centros urbanos na Bolívia (...) Podemos dizer que, em certo sentido, as cidades da Bolívia se 'andinizaram', não apenas em suas manifestações culturais, mas também em sua estrutura econômica, territorial e social profunda. Podemos dizer também que o andino se urbanizou, dado que na lógica do controle vertical de um máximo de pisos/zonas ecológicos foi introduzido um elemento urbano (...). A partir de então podemos falar de um controle de um máximo de pisos/zonas socioeconômicos e não apenas ecológicos (ANTEQUERA, 2011:24, tradução própria).

Em relação às migrações internacionais, as principais características da forma de organização dos povos andinos, em especial, dos *mitimaes*[160]*,* indicadas nos estudos de John Murra (1987), e que chamam a atenção desses pesquisadores contemporâneos, conforme explicitam De La Torrre (2006: 64-5) e Hinojosa (2009: 16) são: i) a manutenção de laços, relações, identidades e direitos nos núcleos de origem mesmo que demorem muito

[160] Os mitimaes eram grupos em contínuo deslocamento, com a função de conquista e colonização durante o Império Inca – uma versão tardia e institucionalizada dos "migrantes regulares", que protagonizavam o "controle vertical do máximo de pisos ecológicos", descrito acima.

tempo para regressar ou que nunca mais regressem de fato, ii) o caráter multiétnico dos processos, com a consolidação de espaços de interculturalidade e, iii) a especialização laboral dos mitimaes "que respondiam a esquemas políticos e econômicos de nível macro" (HINOJOSA, 2009:16, tradução própria).

A despeito da questão das possíveis continuidades e/ou rupturas das migrações contemporâneas em relação a essas mobilidades estruturantes das sociedades andinas ancestrais, o que essas comparações anacrônicas trazem para o primeiro plano, em torno do que Hinojosa (2009) vai denominar de "cultura da mobilidade", é essa percepção da migração não enquanto uma escolha individual e/ ou familiar de ruptura em relação às sociedades de origem, mas enquanto estratégia familiar e/ou comunitária de desenvolvimento/permanência dos locais de origem (BENENCIA, 2003, DANDLER & MEDEIROS, 1985, DE LA TORRE, 2007 e 2006,HINOJOSA, 2009). Adquirindo destaque, nessas análises, as dinâmicas familiares e os projetos migratórios constituídos desde as sociedades de origem. Conforma destaca Geneviève Cortés, no livro "Partir para quedar-se" sobre os padrões migratórios de duas zonas campesinas bolivianas do Vale Alto da região de Cochabamba, constitui-se, nos locais de origem, todo um sistema de apoio logístico ao empreendimento migratório:

> "Na região de Cochabamba, os camponeses se organizam para migrar, tal como o fazem para produzir, alimentar-se, viver etc. As famílias se ajudam entre elas, cooperam, vão e voltam, ou seja, criam um sistema socioeconômico que constitui a base do processo migratório. Esse sistema de mobilidade familiar criado nos espaços de origem se define pela seletividade da migração (quem migra? Por quê?), pelo ritmo dos deslocamentos (quantas vezes? Por quanto tempo?) e por suas modalidades (como?)" (CORTÉS, 2004:163, tradução própria).

Esse sistema ou, ainda, espaço relacional, é denominado por Cortés (2004:194) de "rede sócio espacial da migração internacional", sendo formado: i) pelas "redes de envio", estabelecidas nos espaços das comunidades de origem e nos espaços regionais urbanos de partida e, ii) pelas "redes de recepção", estabelecidas nas sociedades de destino.

A partir da consideração desses estudos, buscávamos encontrar localidades (que poderiam ser bairros ou mesmo ruas) nos municípios de origem – elencados a partir de sua relevância tendo em vista o trabalho de campo realizado em São Paulo – nas quais encontraríamos redes sociais que vinculariam essas localidades e localidades igualmente específicas nas cidades de destino. E supúnhamos igualmente que essas redes sociais, entre origens e destinos, vinculariam pessoas com percursos sócio espaciais, econômicos e laborais semelhantes. Nesse sentido, embora tenhamos encontrado, em São Paulo, pessoas que se inseriram no mundo social das oficinas de costura bolivianas tanto em São Paulo quanto em Buenos Aires, mantínhamos a hipótese de que, de maneira geral, existiriam redes de sociabilidade específicas entre origens e destinos igualmente específicos, vinculando pessoas com perfis semelhantes. E que, portanto, no trabalho de campo, buscaríamos migrantes e familiares de migrantes cujo destino para o trabalho na costura tivesse sido São Paulo.

As localidades de origem que se destacaram a partir do trabalho de campo na capital paulistana foram: i) em primeiro lugar, o departamento de La Paz – incluindo os seus dois principais centros urbanos, La Paz e de El Alto[161] que, em estudos anteriores, foram identificados com essa inserção na indústria de confecção das cidades de São Paulo (XAVIER, 2010)[162] e Buenos Aires (CAGGIANO, 2010) e suas zonas rurais – que, conforme pudemos constatar, é o principal departamento de origem dessa migração[163]; ii) em segundo lugar, o departamento de Cochabamba – principalmente, a cidade de Cochabamba, mas também as cidades vizinhas de Quiacollo e Tikipaya – receptor importante de migrações internas, principalmente as provenientes do departamento de

[161] Conforme veremos, até 1986, El Alto era um bairro periurbano da cidade de La Paz.

[162] Para Xavier (2010), a origem mais relevante no departamento de La Paz era a cidade de El Alto, indicando o urbano (mesmo com a existência de percursos rurais anteriores) como a origem determinante da migração para São Paulo. Em nossa perspectiva, no entanto, baseada no debate contemporâneo a respeito da especificidade do urbano boliviano e também dos percursos das pessoas entrevistadas, a experiência rural continua a ser relevante.

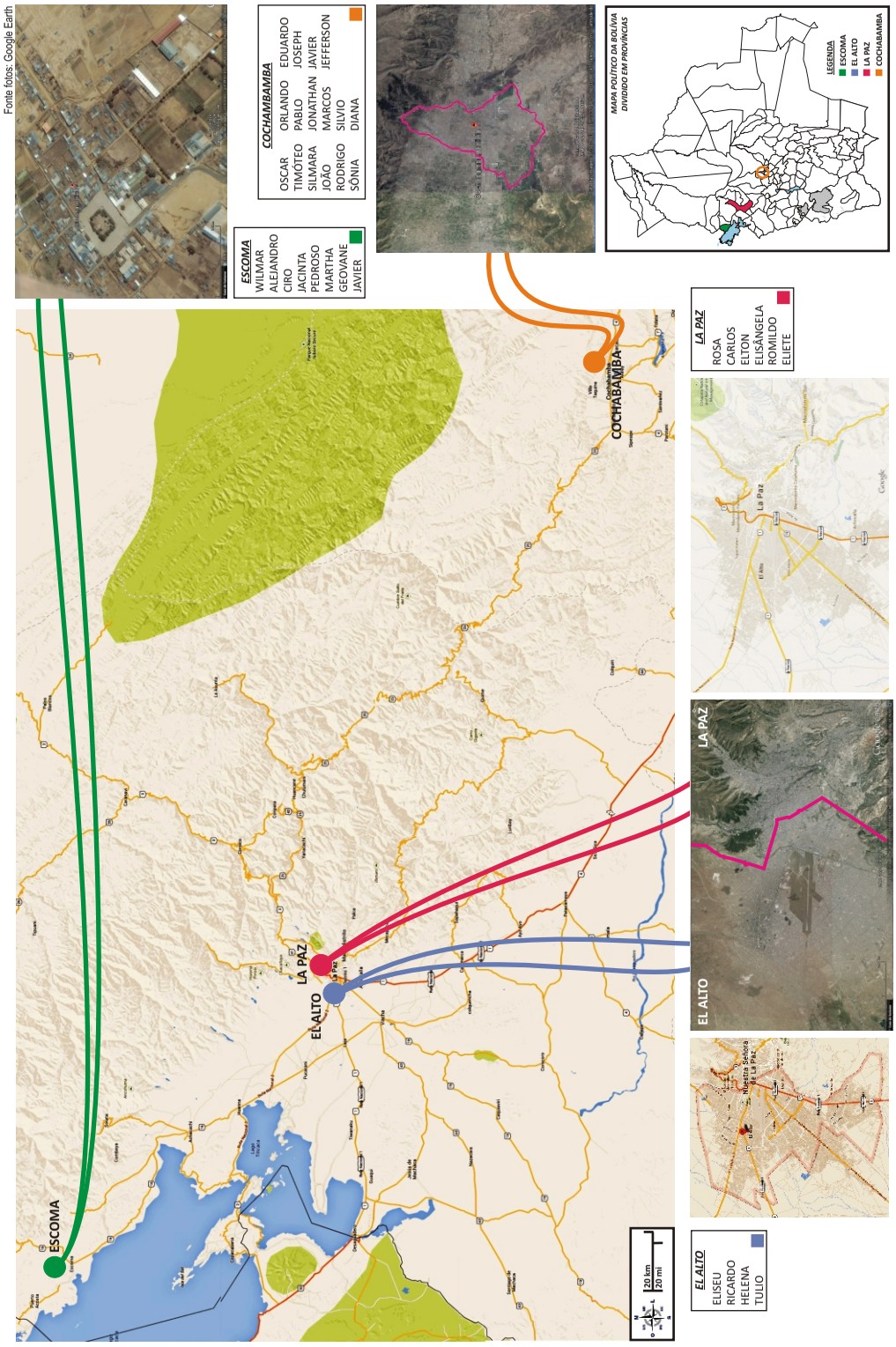
[163] A Bolívia é dividida em departamentos (ao invés de Estados), somando 9 ao total: Pando, Beni, Santa Cruz, Chuquisaca, Tarija, Potosi, Oruro, Cochabamba e La Paz. E cada departamento é dividido em províncias e cada província é dividida em municípios. Uma curiosidade, que será percebida nos mapas a serem apresentados abaixo, que foram divididos em províncias, refere-se à província de Cochabamba situada no departamento de Cochabamba. Essa província, diferentemente das demais, possui apenas um município, o município de Cochabamba.

Oruro, que, embora não seja citado nos estudos sobre a inserção boliviana na indústria de confecção das cidades de destino, tem adquirido importância crescente no debate sobre a emigração boliviana contemporânea e, iii) em terceiro lugar, o departamento de Santa Cruz, principalmente, seu centro urbano que, além de ser o local de passagem da maioria dos migrantes dos outros departamentos em direção a São Paulo, parece concentrar importantes "redes de envio" de migrantes internos e que, infelizmente, por motivos operacionais, não foi incluído nesse trabalho de campo[164].

Para apresentar o trabalho de campo nas três localidades em que foi realizado (Cochabamba, La Paz/El Alto e Escoma, um município rural da província Eliodoro Camacho, no departamento de La Paz), as principais narrativas dos migrantes entrevistados e as conclusões a respeito da experiência laboral dos migrantes bolivianos no mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino, o capítulo será dividido em 3seções: i) na primeira seção, apresentaremos as circunstâncias iniciais de realização do trabalho de campo na Bolívia, uma pequena história das tensões entre as "duas Bolívias" (a branca/crioula e a camponesa/indígena) e dos eventos socioeconômicos e demográficos marcantes de sua história recente, centrais para a compreensão dos desafios enfrentados durante a pesquisa e do contexto socioeconômico e político mais geral subjacente às narrativas dos bolivianos e bolivianas entrevistados e o andamento do trabalho de campo nos três municípios mencionados; iii) na segunda seção, apresentaremos algumas narrativas, organizadas em três subseções: "núcleos familiares de migrantes rurais", "jovens migrantes sem experiência na costura" e "costureiros e costureiras urbanos", com o intuito de abarcar a heterogeneidade de percursos sócio espaciais e laborais anteriores e das "definições da situação" do momento de inserção no mundo social das oficinas de costura dos migrantes entrevistados e suas respectivas experiências laborais na indústria de confecção das cidades de destino e; iii) na última seção, apresentaremos as conclusões gerais do trabalho de campo realizado na Bolívia sobre as especificidades do "projeto costura".

[164] Embora tenhamos entrevistado migrantes em Cochabamba e em La Paz que se inseriram no mundo social das oficinas de costura bolivianas em Santa Cruz, não tivemos tempo para realizar um trabalho de campo nessa cidade.

**Figura 16 - Municípios da Bolívia em que foi realizado o trabalho de campo (Agosto 2012 - Março 2013)**



## 3.1) UMA NARRATIVA SOBRE A REALIZAÇÃO DAS NARRATIVAS

> "Cuánto cuestas, cuánto vales, amor mío, si tú quieres yo te pago, pero nunca, nunca me olvides"
> (Letra de uma "morenada", música tocada nas festas populares indígenas dos migrantes entrevistados na Bolívia, 2012)

> "Un pueblo que oprime a otro pueblo no puede ser libre" dijo el Inca Yupanqui a los españoles. Nosotros, los campesinos quechuas y aymarás lo mismo que los de otras culturas autóctonas del país, decimos lo mismo. Nos sentimos económicamente explotados y cultural y políticamente oprimidos. En Bolivia no ha habido una integración de culturas sino una superposición y dominación habiendo permanecido nosotros, en el estrato más bajo y explotado de esa pirámide. Bolivia ha vivido y está viviendo terribles frustraciones. Una de ellas, quizás la mayor de todas, es la falta de participación real de los campesinos quechuas y aymarás en la vida económica, política y social del país. Pensamos que sin un cambio radical en este aspecto será totalmente imposible crear la unidad nacional y un desarrollo económico dinámico, armónico, propio y adecuado a nuestra realidad y necesidades"
> (Primer Manifiesto de Tihuanaco, Bolívia, 1973)

A estratégia geral de identificação das localidades no interior dos municípios elencados e de abordagem da população a ser entrevistada foi elaborada, inicialmente, ao longo das primeiras semanas, na Bolívia, a partir de reuniões com os pesquisadores do projeto "Migración Transnacional: inserción laboral y ciudadanía", na cidade de Cochabamba.

Nessas reuniões e no convívio inicial com os pesquisadores, compreendi por meio de questões bastante concretas, o sentido da clivagem social fundamental da sociedade boliviana – que levou alguns autores a fazerem alusão à existência de "duas Bolívias" (ALBÓ, 2003; GARCIA LINERA, 2001): a "branca/crioula", da qual faziam parte boa parte dos pesquisadores e intelectuais e com a qual eu seria, necessariamente, identificada e a "indígena/camponesa", que se confunde com as classes populares, da qual

faziam parte os bolivianos e bolivianas que eu deveria entrevistar[165]. E que, aliás, eram as classes sociais em foco nos estudos contemporâneos sobre as migrações internacionais, citados no início deste capítulo, que buscam compreender as novas modalidades migratórias inscritas na "diáspora bolivia" [166].

De maneira geral, considera-se que essas "populações indígenas/camponesas", concentradas, conforme veremos nas periferias dos grandes centros urbanos, possuem um complexo sistema de sociabilidade, baseado em formas específicas de organização do território urbano, de difícil acesso, inclusive, para os próprios pesquisadores bolivianos identificados com a "elite branca". Devido a essas considerações, foi unânime a indicação de que eu deveria realizar o trabalho de campo com o auxílio de um "informante", uma pessoa que fizesse parte dessas classes "populares/indígenas", que mobilizasse suas redes sociais, afiançasse a minha idoneidade e me acompanhasse durante o trabalho de campo pelas periferias dos centros urbanos bolivianos. Ainda mais tendo em vista o meu objetivo de realizar entrevistas em profundidade, de narrativas de vida, o que pressupõe um clima de confiança capaz de possibilitar o engajamento do entrevistado com o trabalho narrativo proposto.

A minha primeira "informante" foi Cecília, uma jovem de 28 anos, proveniente de uma comunidade rural do altiplano andino, que acabara de se formar em direito por uma universidade estatal, a Universidad Mayor de San Simon, que me foi indicada pela pesquisadora Joana. Cecília estava inserida na rede de relações dessa

[165] Apesar dessas categorias "elite branca" e "populações indígenas/camponeses" serem categorias muito genéricas e extremamente estereotipadas, pois, nos dois casos, temos variações significativas, que se refletem em suas formas de relação intra e interclasses, decidimos manter essas denominações, considerando que o objetivo aqui não é fazer uma análise antropológica extensiva e detalhada da estrutura de classes da sociedade boliviana, mas tão somente fornecer ao leitor um quadro amplo a respeito das especificidades, dilemas e desafios que, eu, como socióloga, enfrentei ao longo do trabalho de campo.

[166] "A nivel nacional Bolivia ya es un país en diáspora. El sostenido crecimiento de sus diversos colectivos migrantes y la importancia de sus impactos al interior de sus fronteras obligan a considerar el caso boliviano entre los más significativos para el estudio de la migración internacional latinoamericana. Todos los estudios consultados (…) coinciden en señalar la imposibilidad de un cálculo con seguridad plena. Las cifras que Cancillería maneja hablan de alrededor de 2,5 millones de bolivianos/as fuera de las fronteras nacionales, es decir, 25% de la población total; en la misma línea, un documento de la Defensoría del Pueblo de Bolívia (2006) establece que aproximadamente existen dos millones 600 mil boliviano y bolivianas viviendo en el exterior del país" (HINOJOSA, 2012:1).

pesquisadora de uma maneira muito peculiar que, conforme fui percebendo ao longo do trabalho de campo, eram as formas mais comuns de relação entre a "elite branca" e as classes populares "indígenas/camponesas": por meio de relações de trabalho e de apadrinhamento.

Joana conheceu Cecilia há oito anos. Na época, Cecília era uma "cholita"[167] que viera de uma pequena comunidade rural há poucos meses e morava de favor na casa de uma prima enquanto procurava trabalho. As duas se conheceram na rua: Joana buscava uma empregada depois que a última a roubou e sumiu sem dar explicações. Conforme me explicou Joana e outras pessoas dessa "elite branca": até a alguns anos atrás, era muito comum conhecer as "cholitas" na rua e chamá-las para trabalhar "cama adentro"[168]. E, no processo de ensinar a elas como se comportar, como cozinhar suas comidas, como servir uma mesa etc, estabeleciam-se relações de confiança que, ao final, eram coroadas com o "apadrinhamento" dessas "cholitas"[169]. Quando um membro dessa elite transformava-se em "padrinho" ou "madrinha" de uma chola ou um cholo consolidavam-se relações entre famílias não apenas entre indivíduos (entre uma família da elite e uma família indígena)[170]. E, nessas relações de apadrinhamento, passa a existir um compromisso tácito que, no caso

[167] A "Chola" - que deriva da palavra "chula", com a qual se denominava a mulher das classes populares em Madri, na Espanha – carinhosamente chamada de "cholita", é a mulher boliviana indígena/camponesa contemporânea que se veste de maneira "típica". A sua vestimenta é fruto de uma imposição da coroa espanhola do final do século XVIII, que obrigou a população indígena a abandonar o uso de suas roupas originárias para se vestir de maneira mais semelhante ao colonizador, guardada as devidas distinções. Embora tenha havido modificações e adaptações e, atualmente (depois das eleições de Evo Morales), essa vestimenta seja símbolo da afirmação da identidade indígena boliviana, é curioso notar que ela ainda mantém os elementos típicos da vestimenta da mulher espanhola pobre do final do século XVIII e os principais elementos da vestimenta são: as polleras (saias plissadas, com revestimento para dar volume), uma manta (uma espécie de xale) e um chapéu (importado da Itália), os cabelos sempre longos, com duas tranças na laterais. Essa vestimenta típica pode adquirir incontáveis variações a depender do poder aquisitivo da mulher, do fato de tratar-se de um dia comum ou de um dia de festa e do seu departamento de origem.

[168] Trabalhar e morar na casa dos patrões. A mesma expressão usada para fazer referência ao fato de que o trabalho na costura nas cidades de destino pressupõe hospedagem e alimentação no interior das oficinas de costura.

[169] No caso de Joana, Cecília e suas irmãs que, conforme veremos, também trabalharam na casa de Joana, esse "apadrinhamento" se estabeleceu simbolicamente com uma visita dos pais de Cecília a Joana agradecendo por todo o auxílio dado às suas filhas, selando, com esse gesto, um compromisso de lealdade.

[170] Em conversa posterior, em La Paz, com o dono de um hostel em que me hospedei nos momentos finais do trabalho de campo, que era da elite branca, ele me explicou que, da mesma maneira como seus pais apadrinharam e protegeram as cholas que cuidaram de sua casa, ele apadrinharia os filhos e filhas delas e, assim, sucessivamente.

das empregadas domésticas, significa que, enquanto, por um lado, essa "elite branca" irá proteger, auxiliar e incentivar as "cholas" que trabalham em sua casa, por outro, essas "cholas" deverão estar sempre à disposição para auxiliar seus patrões a qualquer hora do dia ou da noite e quando não puderem estar presentes, deverão deixar, em seu lugar, uma irmã ou alguém de sua total confiança[171].

Entre Joana e Cecília estabeleceu-se, ao longo dos anos, uma relação de cumplicidade, facilitada pelo fato de Joana ser uma antropóloga feminista que, além de se interessar pelas comidas e cultura indígenas/camponesas, incentivava suas "cholitas" a estudarem e a se emanciparem enquanto mulheres. E Cecília, de fato, passou por uma verdadeira transformação: entrou na faculdade de direito, tirou as polleras e cortou os cabelos[172]. E, enquanto fazia faculdade, trouxe suas irmãs para auxiliá-la no trabalho na casa de Joana e a mais nova acabou ficando em seu lugar para que pudesse buscar um estágio.

Apesar do aparente equilíbrio na relação entre essas duas "classes", que perdura, ao longo de séculos, na base do "apadrinhamento" e da subserviência das "populações indígenas/camponesas" – tão inofensivas para os membros da "elite branca", a ponto de não verem problemas em convidar mulheres que acabaram de conhecer na rua, desde que estivessem de polleras, para trabalharem em suas casas – a história contemporânea das tensões e acomodações entre as "duas Bolívias" (as classes

[171] Destaque-se que, em 2012, no momento em que eu estava realizando o meu trabalho de campo, as cholas recebiam um salário mensal médio de 100 dólares para estarem completamente à disposição, além de cozinhar, limpar, passar e lavar as roupas à mão, pois as patroas bolivianas, da alta elite, não viam muito sentido em comprar uma máquina de lavar roupa que consideravam ser muito mais nocivo às suas roupas do que as mãos de suas cholitas.

[172] A expressão "tirar as polleras" é utilizada para indicar o fim da utilização das roupas tradicionais que, conforme vimos, além das polleras, incluem a manta e o chapéu (as mulheres mais empobrecidas não possuem chapéu). De maneira geral, conforme conversas com bolivianos e bolivianas da zona rural, essa decisão é muito séria e não permite retornos. Ou seja, a partir do momento em que a mulher "tira as polleras", ela não pode mais voltar a usá-las e está dizendo para as outras pessoas da comunidade que decidiu assumir os valores ocidentais. É claro que existem casos de mulheres que voltaram a usar as polleras, mas isso é, em geral, muito mal visto. Nesse contexto, o único momento em que é permitido colocar as polleras novamente é durante as festas, para dançar. A questão do cabelo também é bastante sensível, sendo expressão da identidade feminina. Em conversa com Cecília sobre esse assunto, ela me disse que quando o marido está muito bravo com a sua esposa, muito pior do que bater nela, é ele cortar o cabelo da mulher. Uma tia sua, cujo cabelo foi cortado pelo seu marido em um momento de raiva, chegou a ficar quase um ano inteiro sem sair de casa até que o cabelo crescesse novamente.

"brancas/criolas" e as classes "indígenas/camponesas") possui mais de cinquenta anos e, desde os anos 2000, vem passando por um recrudescimento crescente.

Essa história se confunde com a história de desenvolvimento do estado Boliviano que, por meio da Revolução de 1952, ao dar resposta às insatisfações das populações indígenas, a partir de uma associação entre essas últimas, representadas pelos operários mineiros e camponeses, e os intelectuais nacionalistas urbanos, liderados por Victor Paz Estenssoro, do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), promoveu a modernização das estruturas socioeconômicas e políticas do país.

> A Revolução de 1952 é um fato fundamental da história contemporânea da Bolívia, pois mudou o país, a ponto de ser impossível compreender a Bolívia de hoje sem entender o significado da revolução. Por um lado, se modificou totalmente a estrutura econômica. De uma economia semi feudal (agricultura) controlada e dependente de capitais privados de poder incalculável (mineração particularmente), se passou a uma economia basicamente controlada pelo Estado (mais de 70%). Foi criada uma nova burguesia que, sem lograr estruturar-se como classe coerente, tentou industrializar o país. Uma grande parte dessa nova burguesia, entretanto, se dedicou à intermediação financeira e ao comércio importador. Logrou-se certa diversificação da atividade e uma maior articulação da geografia nacional. O processo de desenvolvimento excepcional do oriente boliviano (Santa Cruz, especialmente), é sem dúvida um produto de 1952 (MESA, GISBERT & GISBERT, 2008:513, tradução própria).

De maneira geral, as principais medidas adotadas pelo governo revolucionário de Victor Paz Estenssoro em resposta às demandas populares foram as seguintes: i) reforma agrária, que foi mais significativa por ter estabelecido o fim do sistema praticamente semifeudal, de trabalho – que atrelava os camponeses indígenas à terra em que estavam[173] – do que, propriamente, pela redistribuição da posse da terra, que,

[173] "O processo republicano do país, iniciado em 1825, teve a exclusiva participação de uma elite de descendentes de espanhóis que chamamos *criollos,* que se apropriou do Estado e o usou em benefício próprio, qualquer um sabe disso. Quer dizer, se apropriou do Estado, das minas, das terras e das próprias populações indígenas que até há pouco eram vendidas ou compradas com as fazendas. Até a revolução de 1952, muitos campesinos não recebiam salários e menos ainda se imaginava que eles um dia pudessem ter direito ao voto" (LUIZAGA, Jorge Miranda *apud* CARUSO & CARUSO, 2008: 42).

de fato, não se efetivou imediatamente [174]; ii) a nacionalização das minas e, iii) estabelecimento do voto universal em um sistema que até então só permitia o voto da elite branca.

A Revolução Boliviana de 1952, apesar de ser igualada, muitas vezes, à Revolução Cubana de 1959, principalmente pelo importante apoio popular recebido, ao contrário dessa última, parece ter se dado muito mais em um sentido de estruturação das bases de uma economia de mercado do que, propriamente, no de uma revolução socialista. Entretanto, ainda assim, conforme argumenta Pereira (2004), tratava-se de uma revolução que convergia com os interesses de uma população predominantemente indígena, em torno de 80%, que, até então, vivia sob o jugo de uma elite agrária conservadora que não lhe reconhecia nenhum direito. Nesse sentido, destaca-se, especialmente, a aliança do MNR com a Central Operária Boliviana (COB), fundada em 1952, no bojo do processo revolucionário, que reunia camponeses e operários de ascendência indígena, apoiada pela Corporação Mineira da Bolívia (COMIBOL), conforme destaca Hashizume (2010:87).

> "O projeto de converter a Bolívia em um país capitalista moderno fez com que a diversificação da economia, a liberdade da força produtiva campesina, a abertura da educação e a presença da população na consulta eleitoral, fizessem parte do desenvolvimento social e também de uma intenção de fortalecer uma classe dominante capaz de empreender o 'desenvolvimento' capitalista. (...) As grandes aspirações do povo com relação às minas, à agricultura e à educação, terminaram se mesclando com o interesse de uma nova classe dominante que sonhava industrializar o país, empreender o desenvolvimento, liberar as forças produtivas e incorporar o país na dinâmica capitalista dominante depois da Segunda Guerra mundial" (PEREIRA, 2004:45, tradução própria).

Nesse período, também foram tomadas medidas no sentido de ampliação da fronteira agrícola e de produção dos próprios bens de consumo, em consonância com a lógica das políticas de substituição de importações, também desenvolvidas, no período, por outros países da América Latina. E, para tanto, com o intuito de integrar o mercado interno e potencializar essas dinâmicas produtivas, o oriente boliviano, em especial, o

[174] De acordo com Pereira (2004:45), enquanto em 1950, três anos antes da reforma agrária, 95% dos 33 milhões de hectares cultiváveis estavam nas mãos dos grandes proprietários, em 1984, 85% das terras ainda continuavam nas mãos desses grandes proprietários.

departamento de Santa Cruz (zona pouco povoada e com muita terra para atividades agropecuárias) foi incorporado ao eixo central, antes em torno das regiões ocidentais do altiplano (La Paz) e dos vales (Cochabamba). Nesse sentido, destaca-se a construção da estrada Cochabamba – Santa Cruz, em 1954(PEREIRA, 2004 e SENPAS, 1991).

De maneira geral, de acordo com Nuñez-Villaba (2011:42), até então, desde o século XVI, a localização das concentrações urbanas da Bolívia obedecia às dinâmicas de desenvolvimento das distintas atividades econômicas primárias: iniciando no departamento de Potossi, durante os séculos XVI e XVII, depois, deslocando-se para Pando e Beni, no século XIX, devido à produção da borracha e, durante a primeira metade do século XX, até os anos 1980, para o Oruro, para a extração de estanho[175].

As medidas do governo revolucionário provocaram mudanças importantes na estrutura da economia boliviana, principalmente, em sua distribuição populacional entre os setores de atividade rural e urbano. Nesse sentido, note-se, de acordo com Pereira (2004:35), a partir dos dados dos censos bolivianos, que, enquanto na década de 1950, a população rural representava 73,8% do total da população boliviana – situação não muito diferente do ano de 1900, em que a população rural representava 82,1% do total da população boliviana – em 1976, a população rural passaria a representar 58,3 da população total. Em relação a esses dados é interessante notar que, enquanto, por um lado, conforme aludido acima, a reforma agrária só serviu para liberar os camponeses, sem estabelecer uma efetiva redistribuição de terra, circunstância que certamente levou a esse êxodo rural inicial; por outro, a manutenção da pobreza no campo, mesmo depois da Revolução de 1952, parecem ter sido importante elemento explicativo para a manutenção desse êxodo intenso em direção aos centros urbanos[176].

[175] Embora, conforme veremos, a partir dos anos 1980, as dinâmicas das migrações internas das classes populares atendesse a determinantes muito mais complexos, é interessante notar que as atividades primárias continuam até os dias atuais a possuir centralidade nas dinâmicas econômicas da Bolívia, destacando-se, ainda, a partir dos anos 1980, a região do Chapare, em Cochabamba, para a plantação de folhas de coca vinculadas ao narcotráfico, a partir dos anos 1990, Santa Cruz, para a produção de soja e, a partir dos anos 2000, a região de Tarija, devido à descoberta dos hidrocarbonetos (NUÑES VILLABA, 2011).

[176] "Com o passar dos anos, ao não se efetivar o tão aclamado desenvolvimento capitalista no agro negócio e não repassados os escassos, porém sedutores, benefícios das cidades para a área rural, ao acelerar o êxodo demográfico do campo para as cidades e a acelerada urbanização de algumas capitais, o fenômeno migratório

Além das mudanças, as medidas econômicas incentivaram o desenvolvimento de algumas áreas específicas, direcionando o fluxo dessa população rural "expulsa" do campo que, seguindo as oportunidades econômicas do período, passou a concentrar-se nos departamentos de Santa Cruz, Cochabamba e La Paz – que, de acordo com os dados do censo boliviano de 1976, utilizados por Pereira (2004), passaram a concentrar cerca de 70% da população boliviana. Ainda, a partir desses dados, Pereira (2004) considera possível inferir que as migrações internas, que ocorreram em direção a esses departamentos centrais, partiram, principalmente, dos departamentos de Potosi, seguido por Beni[177]que, conforme vimos, devido à exploração da prata e, depois, a produção da borracha, foram os primeiros núcleos populacionais bolivianos.

O governo revolucionário de 1952 também deu início, de acordo com Guevara (2004), a uma série de políticas de controle de natalidade da população indígena e de tentativas fracassadas de fomento da imigração internacional, que teria levado, no longo prazo, a uma diminuição significativa da população boliviana, que já era considerada muito pequena, tendo em vista as dimensões de seu território[178].

> "A partir de então [início do século XIX], buscando resolver ou remediar os problemas inerentes a essa 'ausência' e má distribuição da população, levaram-se a cabo várias iniciativas para fomentar a imigração de estrangeiros até o território boliviano (...). De maneira paralela e contraditória, desde os anos cinqüenta foi constante a exposição e o desenvolvimento de políticas de planejamento familiar (controle de natalidade) para a população indígena originária. Durante todo esse período de programas e convênios de incentivo à imigração de estrangeiros, junto com políticas de controle de natalidade para a população indígena, a Bolívia vem perdendo população por meio da emigração" (GUEVARA, 2004:175, tradução própria).

---

para o interior do país, foi se transformando em uma alternativa recorrente" (PEREIRA, 2004:47, tradução própria).

[177] Note-se que esses departamentos, de acordo com Pereira (2004), apresentaram as menores taxas anuais líquidas de migração (contagem de entradas e saídas), de -11,3% e -7,4, respectivamente. Enquanto Santa Cruz apresentou a maior taxa migratória anual, de 15,5%, seguida por Tarija, com uma taxa de 5,4%.

[178] A política dos governos bolivianos, desde o século XIX, tem sido a de fomentar a imigração, devido a percepção da baixa densidade demográfica do território – que gerava imagens da Bolívia enquanto um "território desabitado". Guevara (2004) considera que, naquele período, essa percepção era uma ilusão de ótica da elite espanhola, provocada pela forma de organização produtiva diferenciada das populações pré hispânicas e que se refletia em suas dinâmicas migratórias, levando-as a concentrarem-se na região altiplanado país.

Os resultados alcançados pelo governo de Victor Paz Estenssoro, entre 1952 e 1964, em relação aos objetivos de estabelecimento de um sistema de mercado capitalista e de fomento de um processo de industrialização e modernização do país, foram bem menos auspiciosos do que o previsto. Em 1970, de acordo com os dados da UNCTAD (2008), sobre a composição do Produto Interno Bruto (PIB) por ramo de atividade, a Bolívia apresentava a seguinte distribuição: 45,5% da renda concentrada no setor de serviços, 36,4% no setor industrial e ainda 18,2% na agricultura.

O fim do governo do MNR, em 1964, sucedido pelo violento golpe militar do general René Barrientos, uma liderança carismática que fazia seus discursos em quíchua, reforçou a aliança entre os camponeses e o Estado – enfraquecida diante, principalmente, do fracasso da reforma agrária, ao final do governo de Estenssoro – engendrando o denominado "Pacto Militar Camponês", que envolvia principalmente os agricultores ligados à COB. Entretanto, a abertura do setor petrolífero boliviano à Gul Oil, dos Estados Unidos, e disputas internas entre os militares levaram ao enfraquecimento do Pacto, abrindo espaço para a emergência de um movimento social baseado na identidade indígena, que se opõe ao sindicalismo oficial da COB, embora utilizando suas estruturas locais, a partir da província rural de Aroma, no departamento de La Paz, para se disseminar entre os camponeses, o Katarismo (HASHIZUME, 2010:88)[179].

Em 1971, o "golpe dentro do golpe", de Hugo Bánzer, favoreceu a radicalização da ruptura com o Pacto Militar Camponês, graças à imposição de um conjunto de medidas socioeconômicas recessivas e às perseguições e execuções de lideranças camponesas indígenas que se identificavam com o katarismo. Da perspectiva econômica, relativamente ao período inaugurado com a revolução de Estenssoro, a década de 1970 foi um período de desenvolvimento da economia boliviana, motivado, entre outros fatores, pela ajuda norte-americana à ditadura de Banzér. De acordo com os dados da UNCTAD (2008), entre as décadas de 1970-1980, o PIB da Bolívia cresceu a uma taxa média bastante alta para os seus próprios parâmetros, de 4,3% ao ano. Nesse contexto,

[179] De acordo com Rivera (1980), uma das principais especialistas sobre o tema, conforme indica Hashizume (2010:89), na base do surgimento desse movimento, destaca-se o fracasso da reforma agrária, a repressão militar e a emergência de uma nova elite indígena.

percebe-se uma importante diminuição dos fluxos migratórios internacionais a partir da Bolívia – inclusive, daqueles que se dirigiam para o Brasil – sendo apenas mais relevantes aqueles diretamente ligados a questões políticas. Entretanto, sublinhe-se, conforme argumenta Guevara (2004), que alguns destinos tradicionais de perseguidos políticos bolivianos, como o Chile, mas, principalmente, a Argentina, continuaram a receber importantes fluxos migratórios devido à sangrenta perseguição política gerada a partir do golpe de Bánzer[180].

O fim da ditadura de Bánzer, em 1978, inaugura um período de grande turbulência política, em que se sucederam oito governos presidenciais e uma junta militar, durante quatro anos, até o retorno da democracia (MESA, GISBERT & GISBERT, 2008: 557). No período inicial, entre o fim da ditadura de Banzer e o início do governo de Luis Garcia Meza[181], forma-se, em 1979, a Confederação Sindical Única de Trabalhadores Camponeses da Bolívia (CSTUB)[182], a partir dos ideais kataristas e é realizado o primeiro grande bloqueio geral de todas as estradas da Bolívia, organizado pela CSTUB, devido à decretação de um duro pacote econômico pelo governo provisório, principalmente, por causa do aumento da gasolina e do preço dos transportes (REGALSKY, 2007). Conforme destaca Mesa etall (2008:560), a CSTBU teve um papel decisivo de oposição aos regimes militares e na retomada da democracia, além de permitir aos camponeses maior influência no interior da COB. Paralelamente à instabilidade política, o período é caracterizado pelo início de uma aguda crise econômica, marcada pelo aumento dos juros referentes à dívida

[180] De acordo com documento do SIMICA (s/data), no período, entre 1970 e 1980, a imigração boliviana para a Argentina cresceu a uma taxa de 3,4% ao ano

[181] De todos os presidentes do período, destaca-se, na historiografia boliviana, Meza, caracterizado pela extrema violência. No período de 13 meses em que Meza esteve no poder, os órgãos de repressão política foram responsáveis pelo assassinato de mais de mil pessoas – "As marcas do governo de Meza foram a parceria com o narcotráfico, a corrupção generalizada, os atentados aos Direitos Humanos e a crise econômica. O ditador mirava-se no exemplo de Augusto Pinochet e tinha planos para ficar no poder por 20 anos" (BARBOSA, 2008:33).

[182] Central sindical que, posteriormente, conforme veremos, deriva no MAS (Movimento ao Socialismo), do atual presidente Evo Morales.

externa, adquirida com os Estados Unidos a juros flutuantes, ao longo do governo de Banzer[183].

Na Bolívia, a retomada da via democrática no país em 1982[184], com a eleição de Hérnan Siles Suazo, em uma coalizão que buscava retomar os ideais nacional-desenvolvimentistas da revolução de 1952, inaugura, depois de dar os primeiros sinais, nos anos anteriores, com a "crise da dívida", um dos maiores períodos recessivos da história econômica boliviana, que levou o país a atingir uma taxa inflacionária anual de mais de 20 mil por cento, considerada uma das taxas mais altas da história da economia[185]. Essa conjuntura econômica é agravada com os desastres naturais de 1982 e 1983, provocados pelo fenômeno do "El Niño" e que levaram a secas importantes na região do altiplano – com perdas nos setores agrícolas e pecuários que chegaram a 80% da produção – afetando, principalmente, os departamentos de Potosi, Oruro, Cochabamba e Chuquiasca, nos quais se concentrava, na época, de acordo com Pereira (2004), em média, 74% da população boliviana. E, na parte oriental do país, onde ocorreu o desencadeamento de uma série de desastres provocados por chuvas intensas e transbordamento dos rios. Circunstâncias que, conforme destaca Pereira (2004), levaram a importantes processos de migração interna[186].

Nesse período, foram aplicados, pelo governo nacionalista de Siles Suazo, uma série de pacotes econômicos recessivos que, aliados à desdolarização, hiperinflação e crises ambientais, levaram a uma situação insuportável para os trabalhadores urbanos, das minas e camponeses que, organizados em torno da COB, realizaram milhares de greves – sendo

[183] Circunstâncias vividas por boa parte das economias sul e centro americanas, inclusive, pelo Brasil, conhecida "crise da dívida".

[184] "O descalabro administrativo num governo que se misturava com as quadrilhas do tráfico, a crise econômica provocada pelo desvio de recursos públicos, a revolta de um povo cansado da humilhação e da miséria num país tão rico, tudo isso, mais uma vez, obrigou o todo poderoso general a renunciar ao poder" (BARBOSA, 2008:34).

[185] "A partir de 1980, inicia-se uma das crises mais agudas da história boliviana. Para 1985, uma crise fatal envolvia a economia e a sociedade boliviana. Recessão, dívida externa, baixa produtividade, desequilíbrio fiscal, perda do poder aquisitivo dos salários, queda das matérias primas, inflação etc, se davam juntos em um país que parecia que iria desaparecer" (PEREIRA, 2004:52, tradução própria).

[186] "As sequelas econômicas em baixa produção, perda de terras por erosão ou alagadas, perda de colheitas, de reservas, das próprias sementes que foram consumidas pelos campesinos, de infraestrutura rodoviária, baixa suficiência alimentar etc ligadas a incidências na saúde, mortalidade, emprego, rendimentos, deram lugar, portanto, a uma forte migração interna" (PEREIRA, 2004:69, tradução própria).

quatro delas gerais, a última chegando a durar 16 dias – culminando nas "Jornadas de Março", em 1985, em que 12 mil mineiros tomaram a sede do governo, na tentativa de obrigar a renúncia de Siles Suazo que, embora tenha resistido mais tempo do que se esperava, acabou renunciando antes do fim de seu mandato, marcando o final do pacto nacionalista desenvolvimentista (MESA, GISBERT & GISBERT, 2008: 578-80).

Em 1985, Victor Paz Estenssoro, que levou adiante um plano de modernização nacionalista do estado boliviano na década de 1950, conforme vimos acima, é eleito novamente, mas agora, para aplicar um conjunto de medidas neoliberais denominada de "Nova Política Econômica", com a aplicação de um Programa de Ajuste Estrutural (PAE), elaborado pelo FMI, a partir do Decreto Supremo 21060 de 29 de agosto de 1985, com o intuito de frear a hiperinflação e reativar o aparato produtivo, com a implementação de uma "verdadeira" economia de livre mercado. Nesse sentido, foram tomadas as seguintes medidas: liberalização dos preços e salários, dolarização da economia, abertura total ao comércio exterior e, principalmente, depois da queda do preço do estanho no mercado mundial, a "relocalização" dos trabalhadores – principalmente mineiros das minas de estanho [187] – e transferência das atividades econômicas estatais rentáveis a empresas privadas (PEREIRA, 2004; GUEVARA, 2004 e BARBOSA, 2008).

Embora todas essas medidas e desastres naturais tenham significado uma diminuição substancial da qualidade de vida dos cidadãos bolivianos e fluxos migratórios internos importantes, dentre elas, a medida que parece ter tido maior impacto nesse sentido foi a denominada "relocalização". Essa medida foi empregada com forma de incentivar a formação de um mercado de trabalho mais substancial para que os efeitos da livre concorrência pudessem se manifestar, em um país de baixa densidade demográfica. Entretanto, na prática, a "relocalização" significou a demissão imediata de milhares de trabalhadores bolivianos dos centros mineiros e indústrias públicas e privadas. De acordo com Pereira (2004), foram realizadas em torno de 150 mil demissões – o que, multiplicando-se, pelo menos, por 5 (o número médio de pessoas por família na Bolívia, no

[187] Em agosto de 1986, em meio à crise das minas provocada pela queda do preço do estanho e as medidas de relocalização, 23 mil mineiros que foram relocalizados de uma mineradora de Oruro marcharam em direção a La Paz como forma de protesto no que ficou conhecido como a "Marcha pela Vida".

período), chega-se a um total de cerca de 750 mil pessoas que a partir desse momento perderam seus meios de subsistência – sem que fossem estabelecidas condições efetivas para a sua reinserção laboral. Essas famílias passaram a ter duas opções: ou se inseriam na informalidade ou migravam. Tais circunstâncias levaram a uma taxa de migração interna anual, entre 1987 e 1992, de mais de 100 mil bolivianos por ano, em uma população que, naquele período, era de seis milhões e meio de habitantes[188].

De maneira geral, conforme argumentam Morató (2009) e Mazurek (2007), embora, à primeira vista, quando consideradas as informações dos censos, dos anos 1990 e 2000, em termos de estoque populacional, seja recorrente a conclusão de que essas migrações internas tenham reforçado as tendências inauguradas pela revolução de 1952 – de concentração do desenvolvimento econômico e populacional na parte oriental do país, em torno do departamento de Santa Cruz, com migrações internas das terras altas para as terras baixas –; ao considerarmos as informações dos fluxos migratórios, em termos de origem e destino, percebe-se que as migrações internas impulsionadas a partir das crises dos anos 1980, caracterizam-se, muito mais, por serem migrações de pequeno alcance, das zonas rurais e pequenas cidades em direção aos grandes centros urbanos mais próximos, permitindo a manutenção de vínculos culturais e econômicos com as regiões de origem.

De acordo com Morató (MORATÓ, 2009:108), foi nesse período, em 1988, que a Bolívia se converteu em um país predominantemente urbano[189]. E em 2001, dois terços da população urbana nacional e 80% da população economicamente ativa se concentravam nas quatro cidades principais, do eixo central: La Paz, El Alto, Santa Cruz e Cochabamba (LEDO, 2009:120).

Esses grandes centros urbanos, consolidados a partir das migrações internas dos anos 1980, marcados pela fragmentação territorial e socioeconômica, agudizada pela presença de migrantes rurais recentes, caracterizam-se, de acordo com Morató (2009: 110), por serem: i) exógenos, como resultado do desenvolvimento do mercado de consumo e não, como é o caso dos centros urbanos clássicos, do desenvolvimento do sistema produtivo e

[188] "(...) ou seja, mais de 100 mil bolivianos por ano que abandonaram terras, famílias, bens adquiridos, parentes, costumes, cultura e identidade" (PEREIRA, 2004:89, tradução própria).
[189] O urbano entendido como um assentamento de 2000 habitantes ou mais.

industrial; ii) centrífugos, cujo desenvolvimento ocorre do centro em direção à periferia; iii) policêntricos e, iii) metropolitanos, na medida em que as três das quatro principais cidades do "eixo central" (La Paz, Cochabamba e Santa Cruz) conurbam cidades vizinhas.

Paralelamente às migrações internas, nesse período recrudescem as migrações internacionais que levaram ao maior êxodo populacional da história boliviana, colocando em circulação internacional, destacadamente, as populações indígena/campesinas. E embora continuem se dirigindo para a Argentina (principal destino dos emigrantes bolivianos desde o século XIX) e para o Brasil, as migrações internacionais bolivianas passaram a se direcionar também para o Peru e a Venezuela, na América Latina, e para os Estados Unidos, países da União Europeia – principalmente, Itália e Espanha – e também Israel, Japão e Austrália. Atualmente, calcula-se que cerca de 20% da população boliviana viva fora de seu país (CEPAL/CELADE/OIM, 1999; DOMENECH & MAGLIANO, 2007; HINOJOSA,2009; DE LA TORRE, 2006).

Após todas essas crises socioeconômicas e a aplicação de políticas neoliberais, as organizações indígenas camponesas voltam ao centro da cena política na segunda metade dos anos 1990, com a fundação do MAS (Movimento ao Socialismo) e a emergência de Evo Morales como novo líder político representante das classes indígenas camponesas da Bolívia, especialmente, da população aimará que, de acordo com Caggiano (2010:54), corresponde a cerca de 25% da população boliviana.

E, nos anos 2000, o protagonismo das populações indígenas/camponesas foi marcante nos seguintes confrontos: i) a "guerra da água", em 2000, na cidade de Cochabamba, contra um consórcio transnacional de gerenciamento do sistema de água potável e esgoto, desencadeada após o anúncio de um reajuste de 100% nas tarifas, e que acabou expulsando, de fato, a empresa privada, graças ao intenso envolvimento popular; ii) a "guerra do gás", em 2003, contra os projetos de exportação do gás natural (descoberto nos anos 1990, no departamento de Tarija) antes que houvesse uma política de abastecimento do mercado interno (tendo em vista o fato de os domicílios das classes populares ainda dependerem do fogão à lenha) e pela sua nacionalização, desencadeada pela população de El Alto e espalhando-se, posteriormente, por quase todos os departamentos da Bolívia, que,

depois de muitas mortes, logrou a renúncia do então presidente Sanchez de Lozada e, iii) a convocação de uma constituinte, a partir de uma série de movimentações inauguradas com a Marcha dos Povos Indígenas e Originários, em 2002, que instituiu o Estado Plurinacional boliviano, baseado na autodeterminação dos povos e nações indígenas originárias e camponesas. No bojo desses processos, o protagonismo das classes indígenas/campesinas em torno, principalmente, do MAS acabou por possibilitar a formação de um novo pacto entre essas classes e parte importante da "elite branca/criolla", principalmente os seus intelectuais, culminado na eleição de Evo Morales, no primeiro turno, com mais de 50% dos votos, em 2005.

Esses acontecimentos, conjugados à mobilidade socioeconômica ascendente de uma parcela dessas "populações indígenas/camponesas", levaram a um importante empoderamento identitário expresso, por exemplo, no reavivamento das festas populares, principalmente, no departamento de La Paz (BARRAGAN & CARDENAS, 2009) e na retomada, nas cidades de destino da migração internacional indígena/camponesa, do idioma "aimará" e dos nomes indígenas no registro dos filhos, conforme observa Caggiano (2010), em pesquisa sobre a população aimará – vinculada, em grande medida, à indústria de confecção, na cidade de Buenos Aires – que ele estima representar mais de 90% dos migrantes bolivianos inseridos em sua região metropolitana[190].

No momento em que cheguei à Bolívia, em 2012, já não havia mais a mesma unanimidade em relação ao presidente Evo Morales que permitira sua vitória eleitora lhá quase sete anos, nem entre as "populações indígenas/camponesas", nem entre os intelectuais de esquerda. No lugar dessa unanimidade, parecia estar em curso um processo de acirramento das tensões entre as "duas Bolívias". Essa percepção, bastante surpreendente para mim, constituiu-se ao longo das minhas conversas com os intelectuais de esquerda bolivianos e bolivianas com quem tive contato durante o trabalho de campo.

[190] Conforme ilustra Caggianocomum trecho de uma entrevista: "Yo hasta antes de venir aquí no era orgulloso de ser aimara, pero hoy en día soy muy orgulloso de ser aimara, y por eso de vez en cuando estamos hablando nuestro idioma" […] Anteriormente era inclusive delito ser aimara o ser indígena, ya en el paso de la frontera tenías que pasar totalmente refinado, tenías que pasar perfumado" (entrevistado citado por Caggiano, 2010:65).

Nesse sentido, anotei, em meu caderno de campo, duas conversas, entre as várias ouvidas ao longo da pesquisa, bastante expressivas da emergência de um ressentimento e receio em relação à ascensão socioeconômica e ao empoderamento identitário das classes indígenas camponesas, especialmente, aquelas mais próximas ao presidente: i) em conversa sobre as transformações provocadas pelo governo de Evo Morales, recebo uma definição exemplificada do que elas significaram, "para você ter uma ideia de como a Bolívia está de cabeça para baixo, antes, quando olhávamos para dentro dos carros importados, víamos homens bonitos, agora, os donos desses carros tem cara de macaco. No governo de Evo, os brancos e mestiços estão empobrecendo, enquanto os índios enriquecem"; ii) em conversa com uma mulher que, por estar com o seu carro no conserto, teve que utilizar um trufi[191] para se locomover pela cidade, "essas cholas parecem ter raiva de nós, hoje me deu medo o jeito como uma me olhava".

Nas relações entre Cecília e Joana também pairava uma tensão latente, no momento da minha chegada em sua casa[192]. Paola, a irmã de Cecília, havia "fugido" sem dar explicações e Cecília tivera que voltar a trabalhar como empregada para não deixar sua "madrinha" sozinha, cumprindo assim com o acordo tácito do "apadrinhamento". Enquanto, por um lado, Joana estava ressentida pela falta de consideração de Paola e por saber que Cecília tinha notícias dela, mas não dizia nada, por outro, Cecília, que acabara de se formar advogada, não queria mais trabalhar como empregada doméstica, ainda mais, com um salário de 100 dólares por mês – o que, embora seja muito dinheiro para as pessoas vindas da zona rural, era muito pouco para alguém que havia terminado o ensino universitário.

A indicação de Joana para que Cecília fosse minha "informante" devia-se, principalmente, ao fato de sua irmã mais velha ser dona de uma oficina de costura em Buenos Aires e, por possuir ensino superior, ser uma pessoa capaz de transitar com mais

[191] "Trufi" ou "taxi trufi" é o nome que se dá para um tipo de transporte coletivo, de propriedade individual, realizado por carros ou vãs [em geral muito velhos] que fazem determinados percursos, em substituição aos ônibus.

[192] Durante os primeiros meses em que estive em Cochabamba, aluguei um quarto na casa dessa pesquisadora, cujo nome foi propositalmente alterado para proteger sua identidade, bem como todos os nomes utilizados nessa tese.

facilidade entre o meu universo de referências ocidentais e o universo de referências indígenas/camponesas. E conforme me confidenciou Joana, Cecília também ajudava sua irmã arregimentando costureiros para trabalharem em sua oficina de costura na Argentina.

Desde o início de minha relação com Cecília, apesar dos meus esforços em detalhar, da maneira mais horizontal possível, todos os meus objetivos e o sentido geral do meu trabalho, como uma forma de tentar diminuir o abismo sociocultural que existia entre nós e de me opor às relações hierárquicas que eu percebia existir entre a "elite branca" e as "populações indígenas/camponesas", ela repunha a distância e a diferença. Ao mesmo tempo, dócil e distante, preocupada em não explicitar suas relações com esse mundo social que eu buscava desvendar, um pouco irritada com a minha empolgação e vontade de compartilhar, ela colocava em questão os meus pressupostos inconscientes do "bom selvagem", o "bom selvagem revolucionário", para ser mais exata, o "bom selvagem" que havia se mobilizado, lutado e virado o jogo da correlação de forças coloniais.

O que a minha perspectiva do "bom selvagem" não conseguia abarcar é que esse processo de empoderamento étnico pressupunha o estabelecimento dessas barreiras em relação àquele que era visto como pertencendo ao lado oposto. Cecília pressupunha que eu condenava o sistema de trabalho das oficinas de costura e que o meu objetivo era o de denunciar essa exploração entre compatriotas, que, para Joana, sua patroa – que, no momento de minha chegada, acompanhava pela televisão um conjunto de reportagens sobre o tráfico de pessoas para as oficinas de costura de Buenos Aires – tratava-se de um dos principais exemplos da nova escravidão do século XXI.

Eu percebia essas pressuposições de Cecília em sua insistência em afirmar o que ela imaginava que eu queria ouvir, em sua desconfiança quando eu vinha com o discurso da "agência", no fato de ela nunca ter mencionado diretamente que auxiliava sua irmã na contratação de novos costureiros e, em um primeiro momento, na centralidade que assumia, em nossa relação, o "reconhecimento", ou seja, o pagamento em dinheiro por tudo

e para tudo. Cecília iria me auxiliar porque queria ser "reconhecida" e não porque via alguma relevância na minha pesquisa ou porque simpatizava comigo[193].

Dadas todas essas circunstâncias, apesar da sugestão de Joana de que eu deveria "reconhecer" Cecília pontualmente por cada entrevista conseguida, ponderei que seria mais prudente que eu a "contratasse" como assistente de pesquisa, a 100 dólares por semana. Dessa maneira, evitaria a monetização da relação por entrevista e não precisaria me centrar apenas em sua rede de sociabilidade, incluindo, na negociação, acompanhamento do meu trabalho de campo nas zonas periurbanas da cidade de Cochabamba.

Ao longo de nossas conversas iniciais, Cecília me colocou diante de mais um dilema que, traduzido para os meus termos, resume-se da seguinte maneira: qual seria a relação de reciprocidade que eu estabeleceria com os meus entrevistados? Considerando o objetivo de realizar longas entrevistas em profundidade e não apenas algumas perguntas gerais, qual seria o meu "reconhecimento" pelo tempo que elas dedicariam de suas vidas a responder às minhas indagações?

Cecília poderia atestar a minha idoneidade, garantindo que as minhas intenções eram estritamente científicas e que as informações fornecidas não seriam utilizadas de maneira leviana, mas ela não poderia enganar as pessoas quanto ao retorno que elas poderiam esperar ao responder às minhas indagações: ou seja, como eu afinal ajudaria aquelas pessoas que me dariam as entrevistas?

A resposta possível – de que, ao me ajudarem a conhecer melhor sua realidade social, elas estariam contribuindo para o desenvolvimento da ciência sobre esse assunto e, em longo prazo, esse desenvolvimento poderia gerar políticas públicas que não as

[193] De maneira geral, a minha relação com as mulheres indígenas bolivianas se mostrou bastante difícil. Embora eu realmente não me importasse, elas riam do meu cabelo curto, do meu jeito de me expressar, do sotaque brasileiro, mas também do jeito enfático, dos olhos nos olhos, dos sorrisos e da empolgação. Essas mulheres não sorriam muito, falavam olhando para baixo e conforme fui percebendo, carregavam o mundo nas costas – carregavam o filho, carregavam o peso (conforme um homem de um povoado da Isladel Sol me descreveu: elas são as mulas do marido, literalmente, pois são elas que carregam o peso, enquanto os homens andam pelas ruas com as mãos livres), faziam o comércio e pagavam a educação dos filhos e, ainda, era comum ouvir a expressão, "ele me pegou", que com o tempo, eu fui entender que significava "ele me bateu". E muitas vezes, a entrevista só podia ser feita na presença de um homem. É claro que existiam as exceções, mulheres fortes, que definiam os rumos do casal, que falavam muito, se entusiasmavam com a pesquisa e comigo, mas esse definitivamente não era o caso de Cecília.

beneficiaria diretamente, mas, certamente, beneficiaria gerações futuras de migrantes bolivianos e bolivianas no Brasil – era abstrata demais e não fazia nenhum sentido para pessoas que ou viviam situações de extrema vulnerabilidade social ou trabalhavam demasiadamente para sustentar suas famílias e, além do pouco tempo livre, possuíam questões muito mais concretas para se preocupar. E também não poderíamos sugerir intenções de auxílio futuro que, de fato, não se concretizariam.

Do ponto de vista metodológico, eu tinha, basicamente, duas opções, dado o tempo disponível para o trabalho de campo: ou bem eu assumia a pesquisa etnográfica e me centrava na tentativa de estabelecer relações de confiança e amizade com um grupo restrito de pessoas, procurando auxiliá-las, de alguma maneira, na vida cotidiana, para que, a partir desse envolvimento, eu lograsse realizar a entrevista que eu buscava; ou bem eu assumia a impossibilidade de construir essa reciprocidade em tão pouco tempo e a importância de obter uma quantidade razoável de relatos os mais variados possíveis, apresentando a proposta da entrevista como um trabalho, um trabalho narrativo, para o qual também existiria um "reconhecimento". Optei pela segunda possibilidade, entretanto, dada a necessidade de que o engajamento na entrevista fosse minimamente motivado por um interesse genuíno em narrar, combinei com Cecília que, em nossas abordagens, mencionaríamos o "reconhecimento", mas não o valor exato[194].

Essa questão da importância do dinheiro não estava apenas em minha relação com Cecília, mas parecia estar disseminada nas minhas relações com as pessoas de uma maneira geral. O fato de eu ser estrangeira e branca transformava tudo mais caro para mim, a todo o momento, eu tinha que estar atenta porque os preços das coisas, principalmente, nas regiões periféricas, onde eu passava boa parte do tempo, não estavam escritos em nenhum lugar, você tinha que saber e afirmar saber muito bem, no ônibus, que não tem tarifa fixa e dependendo do percurso é um preço, no táxi, na vendinha etc[195]. E em alguns

[194] O valor variava entre 20 e 30 dólares, a depender do tempo da entrevista, valor sempre superior ao que as pessoas esperavam receber, considerando que a maioria ganhava cerca de 100 dólares por mês. Entretanto, esse era o valor considerado justo por Cecília.

[195] Até no hospital, onde fui parar devido a uma intoxicação alimentar, também na periferia de La Paz, onde morei durante um mês, conforme veremos, a médica me cobrou, no próprio consultório, o equivalente a 60

momentos, era explícita a cobrança mais cara, conforme anotei em meu caderno de campo, em uma discussão sobre o preço de uma garrafa de água em Alto Obrajes, periferia da cidade de La Paz, o diálogo: "20 pesos", "pero a todo lado es 10", "entoncesva a otro lado, si quieres, para vos es 20".

Ao longo do trabalho de campo, fui percebendo que a centralidade do dinheiro e da reciprocidade material estrita implicada na ideia do "reconhecimento", em minhas relações com Cecília e com os meus entrevistados, não era apenas uma característica das relações dessas populações com os estrangeiros[196], mas estava presente no cotidiano e de maneira bastante explícita em suas festividades, conforme pude acompanhar em uma festa de casamento "paceña"[197] e nos preparativos de Cecília e suas irmãs para a participação da festa das morenadas do Gran Poder[198].

As festas de casamento são eventos centrais nas dinâmicas sociais e extremamente caras, pois, além de durarem mais de um dia, em geral, três dias (cada dia sendo reservado para um tipo de atividade festiva), envolvem o aluguel de um local, a contratação de músicos, a igreja, as roupas, o álbum de fotografias etc. E por isso, na maioria das vezes, os casais, a princípio, se "concubinam" e, quando conseguem juntar dinheiro, se casam, sendo que, uma boa parte, inclusive, nunca se casa[199]. Nessas festas, em um dos dias, as pessoas convidadas devem levar presentes e bebidas alcoólicas – que, na

---

dólares pela consulta antes de me dar uma injeção para que eu melhorasse. E, depois, eu descobri que eu devia ter pagado menos da metade e não a ela, mas em um local de cobrança na saída.

[196] A especificidade da questão material nas relações com os estrangeiros, parece ser principalmente essa vantagem no preço das coisas, o engano.

[197] "Paceño" é a forma como denominamos o que é originário do departamento de La Paz e que inclui parte do altiplano andino e uma parte da população aimará. Essa especificação é importante porque existe uma multiplicidade de povos e práticas. Embora essa prática específica pareça ser bastante recorrente, com variações, entre as classes populares indígenas em foco neste estudo. Note-se, de todo modo, que o objetivo aqui não é antropológico, mas visamos apenas a uma descrição que permita ao leitor compreender as questões em jogo ao longo do trabalho de campo. Eu acompanhei essa festa na zona rural, no município de Escoma.

[198] "Gran Poder" é o nome de uma região da cidade de La Paz onde ocorre a festa.

[199] Conforme veremos no caso dos nossos entrevistados que migraram, um dos objetivos do retorno (temporário ou definitivo) é a realização do casamento com o dinheiro conseguido com o trabalho na costura. Em alguns casos, os casais retornam à Bolívia para casar, quando estão com dinheiro suficiente para montar sua oficina de costura na cidade de destino, sendo o casamento uma forma de afirmação do sucesso da empreitada migratória perante seus compatriotas.

festa em que eu participei, eram, basicamente, caixas de cerveja. Dessas bebidas levadas, uma parte é devolvida para que a pessoa beba durante a festa[200].

Nesse contexto, o que interessa destacar é a relação com os presentes recebidos: o dono da festa contrata uma pessoa que ficará responsável por anotar minuciosamente o nome e o presente dado por cada um dos participantes e essa lista será devidamente guardada como um documento muito importante. E então, quando essa pessoa, que deu a festa, for convidada para outra festa, ela deverá consultar a lista para saber qual o presente recebido e quantas caixas de cerveja foram dadas pelo dono da festa para a qual fora convidada. E obrigatoriamente, se quiser ir à festa, terá que levar um presente igual ou maior do que aquele recebido.

Consideramos que essas práticas de sociabilidade também refletem importantes clivagens socioeconômicas no interior da comunidade indígena camponesa e processos de distinção interna[201], que também se expressam em outro evento central da vida social das comunidades indígenas camponesas que eu deveria entrevistar: as festas ou entradas, que conforme destaca Barragán fazem parte desse movimento mais amplo de empoderamento identitário pelo qual passam as populações indígenas bolivianas contemporaneamente.

[200] Cada pessoa fica com as suas caixas de cerveja ao lado (no local em que estava acontecendo a festa, em Escoma, e nas casas das pessoas que eu conheci não existia geladeira) e com um copo e, então, "invita" as pessoas com quem está conversando a tomarem a sua cerveja, enchendo o seu copo e dando para elas. E o ritual é "Ch'alla" (jogar), um pouco, no chão para a pachamama, e tomar o resto, devolvendo o copo, imediatamente, para o dono que, então, 'invita" outra pessoa.

[201] Subjacente a essa regra para que uma pessoa possa frequentar a festa de casamento da outra, encontra-se a ideia de que "só pode frequentar a minha festa, quem é capaz de dar um presente de mesmo valor que eu sou capaz de dar". Ou, ainda, "se você não tem o mesmo poder econômico que eu, você não pode frequentar a minha festa".

> "Bolivia parece estar marcada por los movimientos sociales que caracterizan su dinámica política y social. Sin embargo en plena movilización y aguda crisis, cuando todas las actividades llegan a paralizarse, las entradas festivas continúan su curso. En las últimas décadas asistimos además al boom de las fiestas del folklore: su número crece constantemente y las personas que intervienen parecerían estar en expansión de manera exponencial. (...) Casi con seguridad no hay un día en que no se celebre en algún rinconcito del país una entrada y una fiesta. Éstas implican, además, toda una infraestructura de organización y una economía 'popular', que en algunos lugares como La Paz o Oruro, moviliza millones (...) Nosotros añadiríamos que estas expresiones son, al mismo tiempo, procesos económicos, sociales, políticos y de construcción identitaria, importantes representaciones y toma de palabra colectivas por parte de grupos cuyas voces y historias no se escriben y ni se escuchan en la dinámica política electoral abocada a otras lógicas y a otros discursos" (BARRAGÁN, 2009:17-18).

Em relação às festas paceñas, que são espécies de "entradas-desfiles" baseadas nas "fraternidades"[202], que se cotizam internamente para sua realização, podendo mobilizar milhões de dólares, conforme destaca Barragán acima, as dinâmicas de diferenciação pelo poder econômico estão presentes em todos os âmbitos: desde as disputas entre as fraternidades, nas comparações quanto à capacidade de cada fraternidade de conseguir contratar as melhores bandas de músicos, alugar os melhores locais, conseguir os melhores trajes etc até nas disputas entre as frequentadoras dessas festas, que devem ostentar não apenas os modelos de "polleras" mais na "moda", mas também muito ouro nos dentes e nas joias. As mulheres indígenas com dinheiro, que vão às festas cobertas de joias, costumam contratar até três guarda costas para protegerem suas joias. Eu pude acompanhar de perto todo o *frisson* da escolha dos trajes[203], os comentários sobre as "polleras" desclassificadas, as joias etc, pois Cecília e suas irmãs eram de fraternidades e participantes assíduas das "festas"[204]. Nesse ano em que eu estava na Bolívia, inclusive, a irmã de Cecília, que

[202] As "fraternidades", conforme explica Barragán (2009: 75-76), são grupos de pessoas de mesma origem de nascimento ou de mesmo local de vizinhança ou de mesma profissão.

[203] Os trajes podem ultrapassar os mil dólares, o que é uma quantia bastante substancial para pessoas que costumam receber salários de cem dólares por mês. Inclusive, em uma visita a uma casa muito pobre, sem fogão, nem geladeira, nem água encanada, nem sistema de esgoto, ao falar sobre as festas e da beleza dos trajes, foi chocante a garota me levar para o seu quarto, ainda mais humilde, e me mostrar um baú cheio de roupas de "festas" que somavam muito mais de 5 mil dólares, pois a cada ano tinham que fazer novos trajes para acompanhar a moda.

[204] Existe, inclusive, em La Paz, na região central, espécies de shoppings/galerias voltadas para a moda das "polleras", em que se divulgam as tendências da estação e são comercializados trajes para todos os bolsos.

possuía uma oficina de costura na Argentina, havia sido a "passante" de uma das mais importantes "festas" da comunidade boliviana em Buenos Aires[205].

> "El poder económico como elemento diferenciador y jerarquizante es, pues, fundamental: 'en esto del folklore, tal vez por la idiosincrasia de la gente, mucho influye el poder económico, eso es uno de los aspectos muy importantes. À veces hay el dicho *'dime cuánto tienes, te diré cuánto vales*', entonces siempre hay eso, o sea dentro de la charla, siempre hay eso de decir yo estoy haciendo este negócio, yo estoy haciendo esta situation, siempre hay ese momento que tienes que hablar del dinero, en ese momento, uno se dá cuenta de quién es esa persona'" (Barragan, 2009:105, citando entrevistado de uma fraternidade).

Dessa forma, era como se as comunidades indígenas, nesse processo de empoderamento e ascensão socioeconômica, tivessem criado um mundo social paralelo, com valores e costumes próprios, mas, ao mesmo tempo, assentado em distinções socioeconômicas capitalistas[206]. E as clivagens produzidas no interior dessas comunidades indígenas se refletiam, evidentemente, em suas formas de inserção nas sociedades de destino. Constituindo um fator explicativo chave para a compreensão das práticas diretamente relacionadas a organização do trabalho no interior das oficinas de costura, conforme destaca Caggiano em artigo que aborda as relações entre a cultura aimará e a sua inserção na indústria de confecção de Buenos Aires:

> " (…) la complejidad de esta población aymara está dada por la heterogeneidad y desigualdad interna al "grupo". El mencionado desarrollo económico genera una estratificación interna que hace imposible referirse al mundo aymara como un grupo homogéneo (…) Esta desigualdad socioeconómica entre aymaras se da tanto en los lugares de origen como en los de destino y es un factor clave para intentar entender, por ejemplo, algunas de las formas que adquiere el trabajo "adulto" y el "infantil" entre paisanos, así como el papel que juegan algunas prácticas culturales de sociabilidad y cohesión (CAGGIANO, 2010:55)

[205] "Pasante" ou "Preste" é a pessoa que faz uma mediação entre a divindade e a comunidade, num sistema de prestações totais. SILVA, 2012, pg. 170. É a pessoa que fica responsável por arrecadar o dinheiro e organizar toda a festa. É uma posição de prestígio, mas que requer posses e influência pois nem sempre o dinheiro arrecado é suficiente, embora, muitas vezes, o passante pode até obter lucros com a organização da festa.

[206] Nesse sentido, somente para exemplificar, a partir de minha experiência no interior do mundo feminino:ao invés do padrão da "mulher magra" tínhamos a "mulher gorda" com bastante quadril (as pessoas magras eram consideradas mal alimentadas, com poucos recursos), um sinal de distinção além das joias de ouro, era o ouro nos dentes, tinha além da moda das "polleras", a moda dos "chapéus" todos importados da Europa e das "mantas", os xales que compõem a roupas das cholas.

Nesse sentido, o mundo social das oficinas de costura bolivianas, assentado na diferenciação entre os donos das oficinas de costura e os costureiros e costureiras, repunha, no mundo do trabalho, as clivagens de seu mundo social dos locais de origem, entre os passantes e donos das fraternidades e seus frequentadores. Em minhas relações com Cecília, que mesmo sem poder socioeconômico, estava inserida do lado mais forte, concomitantemente, no mundo das fraternidades e festas e no mundo social das oficinas de costura bolivianas – mesmo que indiretamente, por meio de sua irmã, a quem auxiliava enviando costureiros para trabalhar em sua oficina de costura de seus tios que comandavam a fraternidade na qual estava inserida em Escoma – e que costumava dizer, ao se referir aos seus pretendentes, que "uma mulher paceña é uma mulher muito cara", a reciprocidade estrita seria inescapável. Se até o amor pode ter um preço, como expressa uma das músicas de sucesso das morenadas, ouvida inúmeras vezes durante o trabalho de campo, citada no início da seção, o que poderíamos dizer de uma entrevista sobre a própria vida a uma estrangeira?

Nas próximas subseções, apresentaremos uma descrição do andamento do trabalho de campo em cada um dos municípios visitados na Bolívia tendo em vista descrever os locais e explicitar as circunstâncias nas quais as narrativas foram realizadas.

## 3.1.1) O TRABALHO DE CAMPO EM COCHABAMBA




Fonte fotos: Próprias, tiradas durante trabalho de campo

> "Em muitos sentidos Cochabamba é uma síntese da Bolívia. É um espaço intermediário, de articulação e encontro do conjunto nacional e é também um espaço mediano, no qual os contrastes do país se manifestam. Os indicadores representativos de Cochabamba são habitualmente aos valores médios da Bolívia" (LEDO, 2009:120, tradução própria).

A cidade de Cochabamba é a terceira maior cidade da Bolívia, com um pouco mais de 700 mil habitantes, de acordo com o censo dos anos 2000, e localiza-se em um departamento, de Cochabamba, que se caracteriza, desde sua fundação, no século XVI, por concentrar parte importante da produção agrícola do país. Embora esse departamento não seja o principal local de origem da migração boliviana direcionada para o trabalho na indústria de confecção da cidade de São Paulo, o fato de ter sido citado algumas vezes nas entrevistas no Brasil e constituir-se historicamente como um "ícone maior da migração boliviana" (HINOSOJOSA, 2008; ROMÁN, 2010) tanto em relação às migrações internas[207], quanto internacionais, sendo um dos departamentos da Bolívia mais estudados em relação aos processos migratórios, conforme indica Roman (2010), justificam a sua inserção no trabalho de campo.

O trabalho de campo foi realizado, principalmente, na zona sul onde se concentra cerca de 43% da população da cidade em um espaço equivalente a 64% da superfície total do município (ANTEQUERA, 2007:110)[208], caracterizado por concentrar a metade da população da cidade que se auto identifica como pertencente às classes indígenas, com altas taxas de fecundidade (cerca de 3,9 filhos por mulher) e de mortalidade infantil (91 mortes a cada mil nascimentos), cujos domicílios sofrem de pobreza crônica, "os mais pobres dos pobres" conforme descreve Ledo (2009:132) – "O nível sócio

[207] A partir dos dados do censo dos anos 2000, Antequera (2007:113), indica que 37,9% da população residente na cidade é migrante interno, sendo que 14,6% do total é migrante recente, que chegou à cidade entre 1996 e 2001, contabilizando um total aproximado de 78 mil pessoas, o que significa que a cada ano, durante esse período, chegaram a cidade 15 mil pessoas, a maior parte proveniente de outros centros urbanos, sendo que os padrões de migrações mais comuns seria "urbano – urbano" ou, na maioria dos casos, "rural – urbano-urbano".

[208] Note-se que o distrito 9, conforme mapa reproduzido abaixo, abarca quase a metade do território municipal e é o distrito menos povoado, formado por uma extensa zona agrícola. Ao considerar a densidade populacional da zona sul, sem o distrito 9, os autores chegam a uma cifra de 366,35 habitantes por quilometro quadrado (ANTEQUERA, 2007:110).

ocupacional é baixo e dois terços dos domicílios possuem renda inferior ao custo das necessidades de subsistência alimentar" (tradução própria).

Conforme indica Antequera (2007:120), a partir de informações disponibilizadas pelo Instituto Nacional de Estatística da Bolívia, cerca de 40% da população ocupada da zona sul da cidade trabalha por conta própria fazendo comércio (no que se concentram as mulheres) ou realizando atividades em pequenas oficinas, como por exemplo, a costura. De maneira geral, de acordo com Antequera, a zona sul estaria habitada principalmente por comerciantes, pedreiros e operários de pequenas oficinas.

A pesar de não ser o local de inserção imediata de parte dos migrantes recentes, que se concentram, a princípio, nas zonas centrais antes de se estabelecerem na zona sul, destaca-se, em relação às migrações internas, o bairro de Villa Pagador, no distrito 14, onde mais de 50% da população é migrante e no qual concentramos o trabalho de campo, pois se trata de um distrito conhecido como "o distrito da costura", estabelecido a partir de migrantes internos provenientes de Oruro [209]. A descrição de Morató, abaixo, referindo-se às zonas periféricas dos grandes centros urbanos bolivianos de maneira geral, descreve muito bem a situação dos bairros da zona sul visitado: locais, em sua maioria, sem água encanada, sem serviço de esgoto, em alguns pontos, como em UspaUspa, sem energia elétrica e sem asfalto.

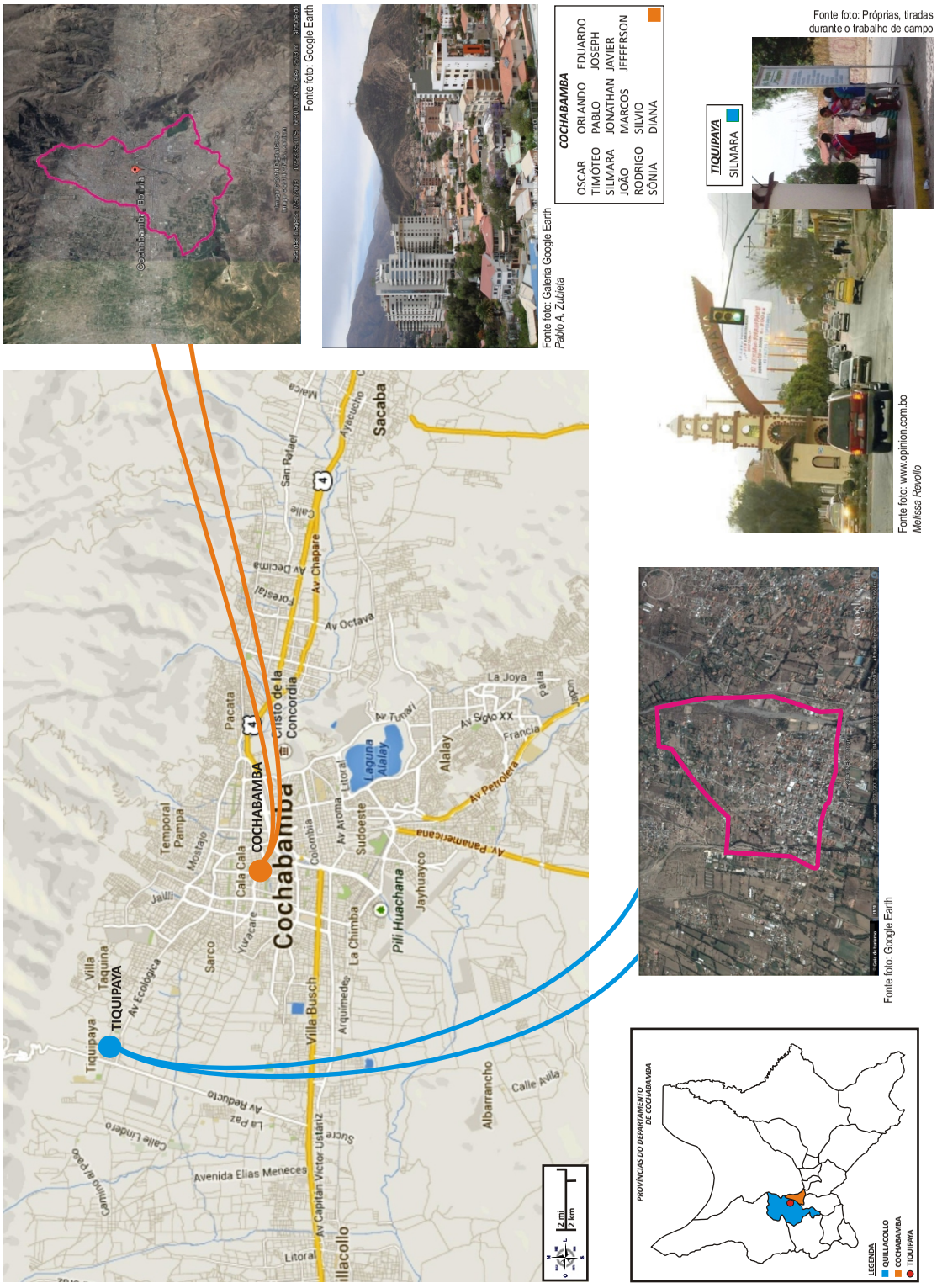
> A expressão geográfica e social da população migrante recente é a segregação. Trata-se de uma população que reside em zonas urbanas em alguns casos quase rurais, sem serviços de água, de esgoto e de energia elétrica, com lotes autoconstruídos com unidades habitacionais muito precárias, pisos de terra e paredes sem reboque (MORATÓ, 2009:104, tradução própria)

Além da zona sul da cidade de Cochabamba, o trabalho de campo também foi realizado na região centro sul da cidade, bastante frequentada pelas classes populares indígenas que buscávamos entrevistar, principalmente, na Cancha, um espaço comercial composto por três mercados populares que além de ser central na vida cotidiana das

[209] E se considerarmos que os filhos de migrantes nascidos na cidade de Cochabamba não são considerados migrantes, essa proporção seria ainda maior se pudéssemos inclui-los.

populações em foco, constituindo-se em lugar de passagem quase obrigatória para quem se direciona para zona sul utilizando as linhas de “trufi”, é um local de comercialização de produtos confeccionados pelas pequenas oficinas de costura bolivianas.

**Figura 17 - Locais do Departamento de Cochabamba, em que foi realizado o trabalho de campo (Agosto - Dezembro de 2012) e entrevistados**



> Nós nos situamos ao nível das representações: os migrantes nos fornecem suas representações de seus espaços de origem, eles as formulam em função do contexto e da situação, no aqui e agora da enunciação do discurso. O discurso produzido é por isso, de alguma forma, tendencioso: o lugar é reconstruído pelo narrador em função da prática, da construção do lugar em que se encontra (...). Os migrantes constroem uma narrativa de suas práticas nesses lugares enormemente dependente de sua situação e de suas interações, ou seja, de seus interlocutores e do que eles têm o hábito ou não de dizer nesse local particular (BOYER, 2010: 447, tradução própria).

Embora, a princípio, eu tivesse planejado entrevistar também pessoas cujos familiares estivessem em São Paulo, ao final, decidi concentrar as entrevistas com quem, em algum momento de sua vida, migrara para trabalhar no mundo social das oficinas de costura nas cidades de destino e seus familiares. Optei pelas entrevistas com os próprios migrantes, principalmente, por dois motivos: pela dificuldade de conseguir que as pessoas cujos familiares estavam em São Paulo se dispusessem a falar, pois tinham receio de prejudicar o migrante que ainda estava no Brasil ou em Buenos Aires e pela riqueza de detalhes e informações proporcionadas pelas entrevistas realizadas com aqueles que, no momento da entrevista, já não se encontravam diretamente envolvidos no mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino[210].

Nos locais de origem desses imigrantes, longe das várias pressões às quais estão sujeitos trabalhando nas cidades de destino (por estarem ilegais, muitas vezes, sendo amedrontados pelos donos das oficinas de costura), e tendo uma boliviana das classes "indígenas/camponesas" [211] para afiançar minha idoneidade, percebi que além da possibilidade de compreender melhor os percursos de vida anteriores à migração e de suas

[210] Note-se que, embora as entrevistas realizadas em São Paulo e na Bolívia tivessem objetivos semelhantes (percursos sócio espaciais e laborais anteriores, como migrou e se inseriu na costura e detalhes do percurso por entre oficinas de costura), enquanto, em São Paulo, as entrevistas não foram gravadas e partiam de um questionário com pessoas abordadas na rua; na Bolívia, foram realizadas entrevistas em profundidade, gravadas, com um roteiro base. E no momento de abordar o percurso por entre oficinas de costura buscávamos preencher um mesmo quadro aplicado em São Paulo – quadro que, nas entrevistas na Bolívia, era respondido com uma riqueza de detalhes muito maior. Essas diferenças vão se refletir na forma de descrição e abordagem dos percursos dos entrevistados na Bolívia, na segunda seção deste capítulo.

[211] Embora pareça estranho para nós brasileiros, miscigenados, o fato é que mesmo entre os bolivianos, é possível identificar pelo seu fenótipo, os que são descendentes de ou associados a o que se passou a denominar de classes "indígenas". Inclusive, ao longo do tempo, eu comecei a conseguir diferenciar, pelo fenótipo, os de origem aimará dos demais.

respectivas "definições da situação" do momento em que decidem migrar, teria um acesso privilegiado às narrativas sobre o trabalho nesse mundo social.

Em Cochabamba, foram realizadas as seguintes atividades de pesquisa de campo:

i) Entrevistas com pessoas vinculadas às redes sociais de Cecília:

a) *Oscar* (ex marido de uma prima de Cecília), advogado, que havia chegado de São Paulo há poucas semanas, proveniente da zona rural do departamento de Cochabamba, cujos pais migraram para a região do Chapare, durante a crise dos anos 1980, para se dedicarem ao cultivo das folhas de coca e que migrou para São Paulo após o fim de seu casamento; e que indicou *Timóteo* (amigo dessa prima), jovem estudante nascido em Cochabamba, de uma família transnacional (cuja mãe vive na Espanha) que foi a São Paulo para aventurar-se e trabalhar pela primeira vez em uma oficina de costura indicada por Oscar;

b) *João* (indicado por uma amiga de Cecília que vive em La Paz[212]), proveniente da zona rural de La Paz e morador do bairro periurbano da zona sul de Cochabamba, UspaUspa. E embora eu dominasse o espanhol, essa entrevista foi extremamente difícil, pois além de falar muito rápido, comendo parte das palavras, João utilizava muitas expressões aimará e outras tipicamente bolivianas que, para mim, que estava no país há apenas duas semanas, eram, praticamente, indecifráveis[213]. Após essa primeira entrevista, combinamos de conhecer sua irmã e seu cunhado, *Sonia* e *Rodrigo*. Para conhecê-los, fomos até a sua casa, localizada no bairro de Uspa Uspa, onde o casal tinha uma pequena oficina mecânica. Após mais dois encontros, combinamos de entrevistar

[212] Note-se que apesar de Cecília morar em Cochabamba, ela é da região rural do departamento de La Paz e possui muitos conhecidos na cidade de La Paz.

[213] Devido a essas dificuldades iniciais, pensando nos problemas que eu teria para transcrever o material e tendo em vista as entrevistas posteriores, passei muitas tardes com Cecília fazendo a transcrição conjuntamente. O que fizemos com praticamente todas as outras entrevistas realizadas em Cochabamba e em Escoma, na zona rural do departamento de La Paz, pois além das dificuldades com as expressões típicas e as em aimará ou quíchua e com as palavras que, embora eu conhecesse, não entendia a maneira como eram pronunciadas, tinha o problema das referências espaciais dos entrevistados que eu também não tinha condições de identificar, pois nem sempre as pessoas falam dos lugares a partir dos nomes oficiais. Esse trabalho conjunto foi essencial para que eu começasse a dominar expressões, códigos e localizações e Cecília era a pessoa ideal para me auxiliar nesse trabalho, pois conhecia muito bem Cochabamba e La Paz, além de fazer parte do mesmo universo de referências das pessoas entrevistadas.

*Eduardo*, cunhado de João, que havia migrado junto com ele para São Paulo em sua primeira viagem. Realizamos a entrevista de Eduardo em sua pequena oficina de costura domiciliar em que trabalhava com sua mulher e João. Sonia também indicou *Orlando*, jovem da periferia de Cochabamba, com quem trabalhou vendendo bilhetes de estacionamento, e que havia chegado a uma semana de São Paulo, de passagem, depois de haver migrado também para Buenos Aires. E Orlando acabou indicando *Ricardo* e H*elena*, um casal de migrantes rurais moradores de El Alto, com quem trabalhou em Buenos Aires, na oficina de costura de sua tia.

c) *Silmara* (conhecida de uma amiga de Cecília), costureira de Tiquipaya (uma cidade da província de Quiacollo) que migrou aos 17 anos e passou os últimos seis anos em São Paulo, onde conheceu seu futuro marido e teve seu primeiro filho e havia chegado recentemente de São Paulo;

d) *Jefferson* (indicado por um homem que Cecília havia auxiliado durante seu estágio na Fiscalia[214]), dono de uma loja de artigos de couro que migrou para São Paulo, durante os anos 1980, e para Buenos Aires, nos anos 1990 e, em seu retorno da Argentina, nos anos 2000, monta uma confecção própria;

ii) Entrevistas com os costureiros de um bairro da zona sul de Cochabamba, chamado Villa Pagador, que se formou a partir de migrantes provenientes das zonas mineiras de Oruro, se transformando no bairro da costura de Cochabamba:

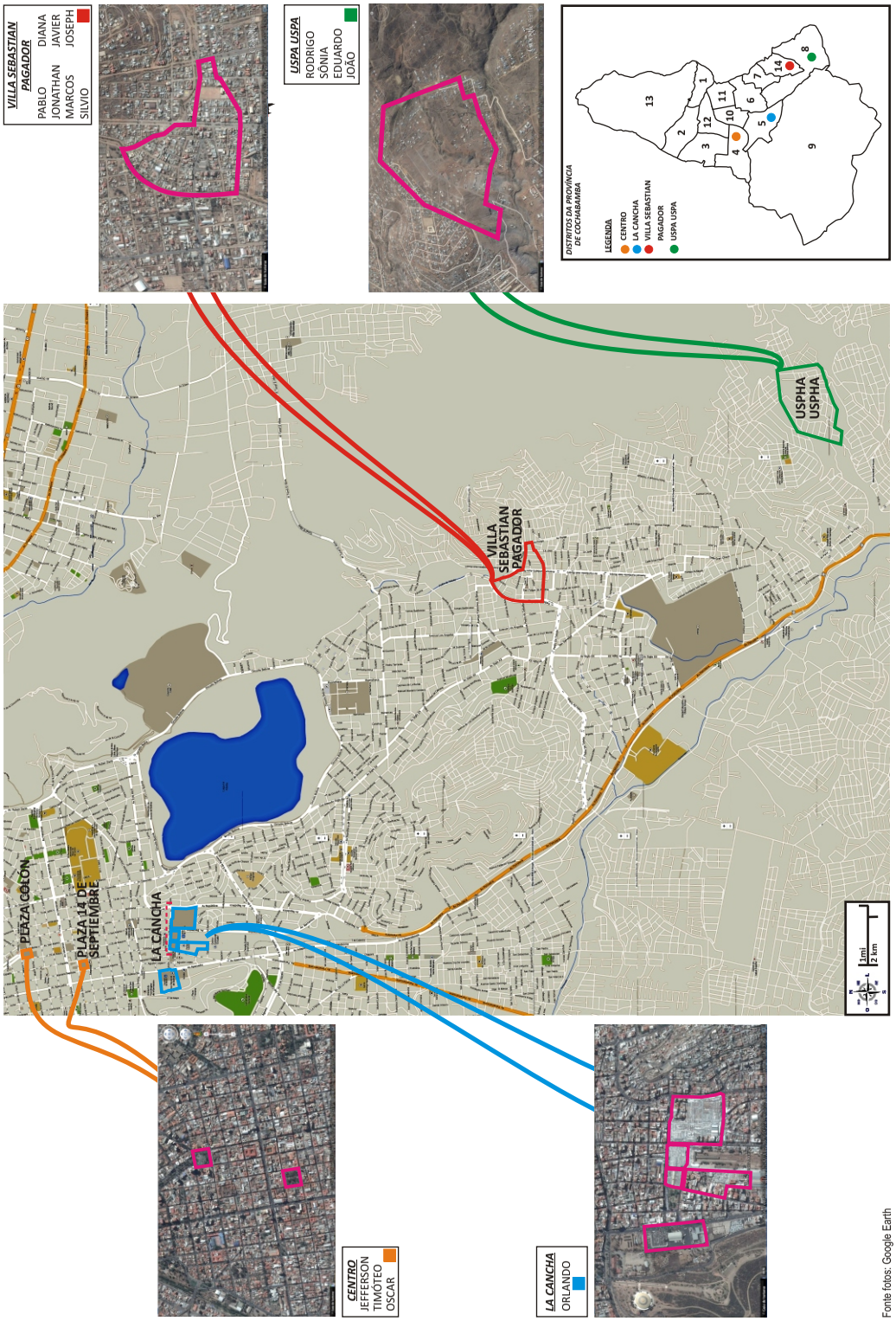
a) Em entrevista com Yudoska, da APIMEC (Centro de Apoyo a la Pequeña Empresa Industrial y de Servicios Cochabamba), responsável pelo gerenciamento das atividades relacionadas à indústria de confecção, com o intuito de saber mais informações sobre as pequenas oficinas de costura de Cochabamba e obter contatos de oficinistas que tenham migrado para São Paulo. Ela nos indicou o presidente da Associação dos Costureiros de Villa Pagador, *Pablo,* que nos indicou seu irmão *Jonathan* e os costureiros *Marcos* e *Silvio,* dessa associação.

[214] A Fiscalia é uma espécie de Defensoria Pública.

b) Fomos ao bairro por vários dias, em busca de outros costureiros que tenham migrado. Tentamos sair perguntando para as pessoas na rua e para as vendedoras de frutas e batatas, mas eu tenho a impressão que a minha presença assustava um pouco as pessoas e as respostas eram sempre esquivas. Algumas pessoas diziam, "existem umas oficinas de costura por aquelas ruas alí", mas não indicavam o lugar exato. E, como as oficinas ficam dentro das casas, não conseguíamos localizá-las. Em algumas ocasiões, conseguíamos identificar pessoas trabalhando em máquinas de costura dentro das casas, mas se recusavam a dar qualquer informação. Somente em uma ocasião, recebemos uma indicação de uma senhora, "para virar à direita na segunda quadra e ir reto até o fim, até chegar em um portão marrom" e, depois de mais de vinte minutos andando, já sem esperanças, encontramos o fim e o portão marrom e de lá saiu uma jovem, chamada *Diana*, que era costureira e havia passado um ano trabalhando em São Paulo. Diana nos indicou *Javier*, seu namorado, que apesar de não ser costureiro, também havia passado um ano em São Paulo trabalhando na costura.
c) Ao longo do trabalho de campo em Villa Sebastian Pagador, percebemos que no "mercado 11 de febrero", localizado na área central do bairro, estavam afixados, em sua faixada, vários anúncios (25 no total) de donos de oficinas de costura procurando costureiros. E, então, decidimos ligar para todas esses oficinistas procurando saber se eles mesmos ou outros costureiros conhecidos já haviam migrado. Dos 25, conseguimos falar com 18 e, desses, 10 nos afirmaram conhecerem costureiros que haviam migrado[215]. Desses 10, que ao menos encetaram um diálogo, conseguimos marcar entrevistas com 4, entretanto, depois de muitas esperas, realizamos entrevista com apenas 1, *Joseph*, que indicou um amigo com quem não conseguimos falar.

[215] Certamente praticamente todos com quem falamos conhecia alguém, mas percebemos que muitos ficavam desconfiados com a pergunta e desconversavam.

**Figura 18 - Locais da cidade de Cochabamba, em que foi realizado o trabalho de campo (Agosto - Dezembro de 2012) e entrevistados**




Fonte fotos: Google Earth

**Figura 19 - Mapa da região Centro-Sul da cidade de Cochabamba, em que realizado o trabalho de campo (Agosto - Dezembro de 2012)**

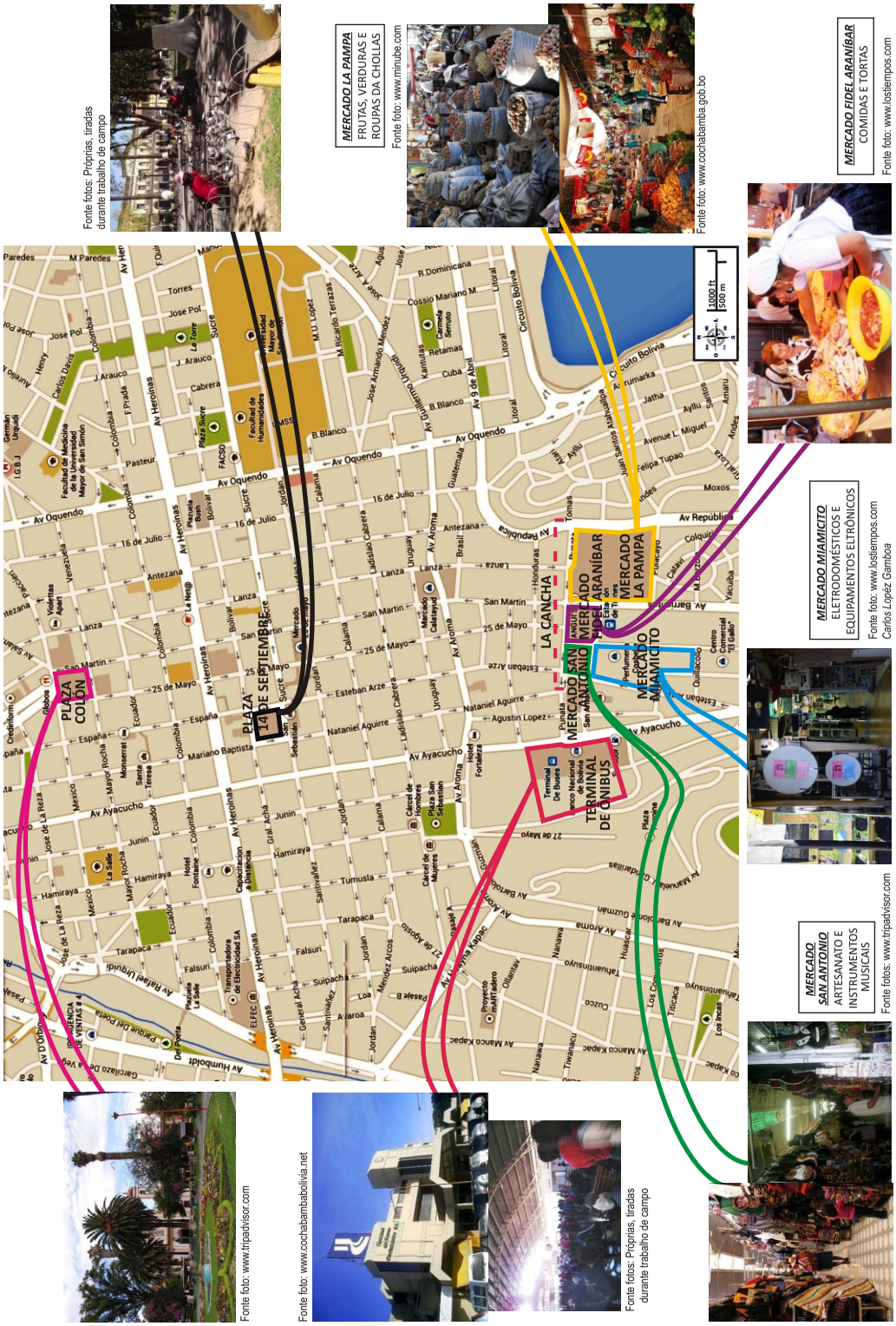
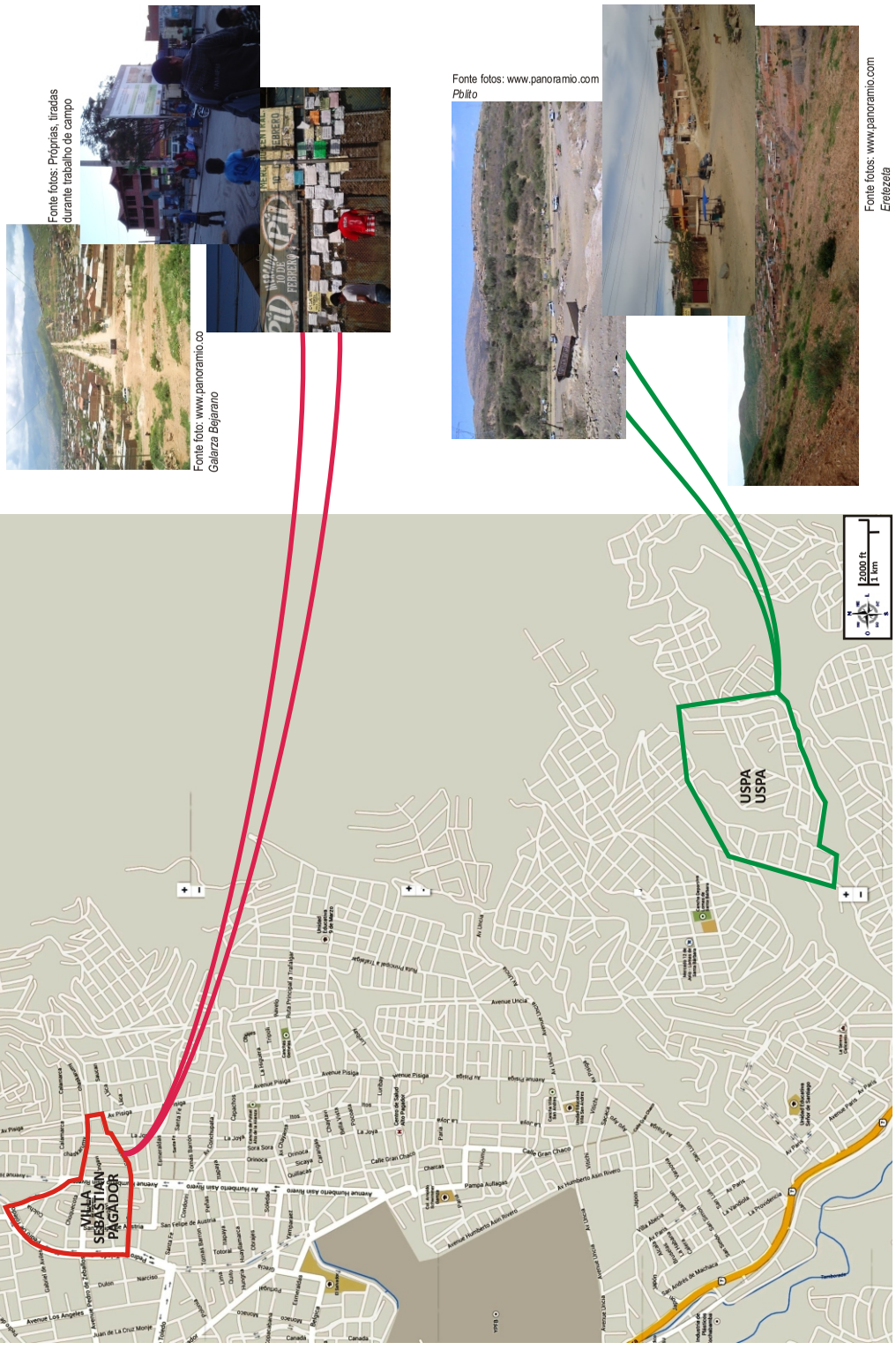
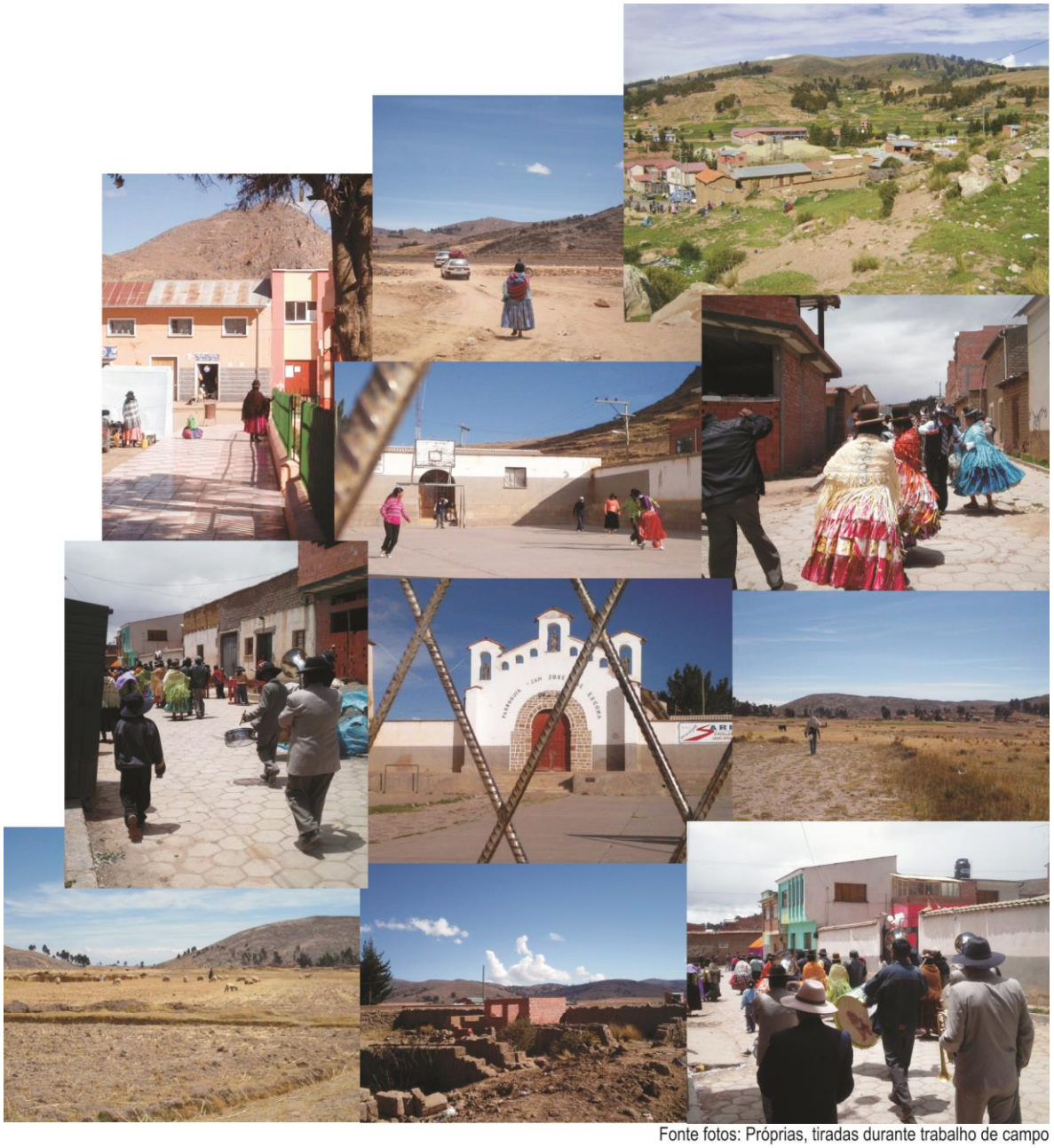


**Figura 20 - Mapa da Zona Sul da cidade de Cochabamba, em que realizado o trabalho de campo (Agosto - Dezembro de 2012)**



## 3.1.2) O TRABALHO DE CAMPO NA ZONA RURAL DO ALTIPLANO ANDINO - PROVÍNCIA ELIODORO CAMACHO



Fonte fotos: Próprias, tiradas durante trabalho de campo

A importância de conhecer um município rural vinculado a esse fluxo migratório direcionado à indústria de confecção das cidades de destino já havia sido aventada durante o trabalho de campo na cidade de São Paulo, não apenas devido aos percursos dos migrantes entrevistados, mas também devido às conversas com a assistente social e a advogada da Pastoral do Imigrante que trabalham diretamente com as costureiras e costureiros bolivianos. De acordo com elas, essa migração proveniente das zonas rurais é crescente no momento atual e gera uma série de problemas específicos: a maioria desses imigrantes vindos do campo não possui o documento de identidade boliviano, praticamente não falam o espanhol, mas apenas o idioma aimará ou quíchua, dependendo da região de proveniência, encontrando-se, em geral, em situação de maior vulnerabilidade e recebendo os piores salários.

Durante o trabalho de campo em Cochabamba, a zona rural passou a ser importante também por mais outras razões: por ser o local de origem dos percursos de Oscar, Eduardo, Sonia, Rodrigo, Alfonso, Silvio e Marcos (7 dos 16 entrevistados), sendo a cidade de Cochabamba (a origem da migração internacional), a primeira ou a segunda cidade de destino de migrações internas anteriores que iniciaram na zona rural e pelas alusões, durante as entrevistas, no momento em que falávamos sobre a experiência nas oficinas de costura das cidades de destino, à origem rural de boa parte dos donos das oficinas de costura  por onde haviam circulado.

A decisão de fazer o trabalho de campo no município de Escoma, na província Eliodoro Camacho[216], com 576 habitantes, de acordo com o censo dos anos 2000, na zona rural do departamento de La Paz, localizada próxima do lago Titicaca e da fronteira com o Peru, deveu-se, principalmente, ao contato com Cecília, cujos familiares vivem nesse município, e que conhecia muitas pessoas que haviam migrado para o Brasil e para a Argentina para trabalhar em oficinas de costura. A sua irmã, inclusive, conforme indicamos acima, possui uma oficina de costura em Buenos Aires.

[216] Essa província de Eliodoro Camacho, fundada no início do século XX,é formada por 5 municípios: Puerto Acosta (a capital da província), Mocomoco, Puerto Carabuco, Umanata e Escoma.

Fiquei nesse município durante uma semana e o trabalho de campo foi especialmente difícil devido às condições inóspitas da região e à aridez das relações humanas. Localizada a mais de 4000 metros de altitude[217], com um clima frio e extremamente seco, a alimentação é à base de chuño e outros tubérculos e os peixes do lago Titicaca, cozinhados em sopas[218]. Na casa em que eu estava hospedada, dos pais de Cecília – que, praticamente, não falavam espanhol, somente aimará[219] – não tínhamos chuveiro elétrico, nem serviço de esgoto, nem geladeira ou mesmo fogão, apenas um forno a lenha e um fogareiro de duas bocas e muito pouca água[220]. Tampouco existia uma rotina alimentar e de atividades marcada pelo tempo do relógio e pelas famosas três refeições do dia,"café da manhã, almoço e janta", a temporalidade parecia ser marcada pelo tempo da terra e pela necessidade: pela manhã, comíamos pão e a sopa do dia anterior acompanhada de chá de folha de coca e, ao longo do dia, em algum momento, a depender das atividades, a mãe de Cecília cozinhava a refeição do dia que, em todos os dias, era uma variação de sopa com peixe e chuño[221].

Nas relações humanas, essa aridez era ainda mais pungente. Ao invés da hospitalidade das regiões rurais brasileiras, especialmente diante de estrangeiros, encontrei apreensão e frieza. As entrevistas tinham que ser feitas na rua ou na praça, pois as pessoas não abriam a porta de suas casas e, com exceção dos jovens entrevistados, os dizeres eram curtos e secos. Apesar de termos encontrado, em Cochabamba, circunstâncias parecidas,

[217] Ou seja, em uma localização ainda mais alta que La Paz e El Alto.
[218] O chuño é uma batata desidratada, através do processo de exposição à geada pela noite e, depois, é exposta ao sol durante o dia. SILVA, 2012, p.33. De todo modo, note-se que Cochabamba é considerada a capital gastronômica da Bolívia, localizada, conforme vimos, na região dos vales, uma localidade extremamente propícia para o cultivo de frutas e outros produtos tropicais e, portanto, até aquele momento, eu não havia sentido muita diferença em relação à comida, ainda mais, morando na casa de uma pessoa da "elite branca". Já no departamento de La Paz, na região do altiplano, as circunstâncias alimentares são muito diferentes. Nesse sentido, a experiência nessa região foi extremamente importante para compreender a cultura alimentar dos entrevistados em Escoma e, depois, em La Paz e El Alto.
[219] Ou seja, nossa comunicação era por gestos e sinais.
[220] E apesar de existir um pequeno comércio, não era possível, por exemplo, comprar manteiga ou leite ou produtos de limpeza, somente uma vez por semana, quando comerciantes itinerantes faziam uma feira no município.
[221] Nessa região, bem como em boa parte do altiplano, a terra não se localiza no mesmo lugar em que as pessoas moram. É preciso ir até o local em que se encontram as terras coletivas (cada família ficando responsável por uma parte) para plantar e para levar os animais pastarem.

especialmente, em Villa Pagador, junto às pessoas que não haviam sido indicadas por ninguém e junto às mulheres (muito menos prolixas que os homens), ao longo da entrevista, as pessoas se animavam e acabavam se engajando no trabalho narrativo, produzindo descrições detalhadas sobre determinados acontecimentos de suas vidas e levando a entrevista por horas, às vezes, divididas em mais de um encontro. Em Escoma, diferentemente, as entrevistas foram mais curtas, durando em torno de uma hora, e acabei decidindo inutilizar algumas, pois eu percebia que, claramente, não havia ocorrido o engajamento narrativo.

Das 8 entrevistas remanescentes, temos 5 conhecidos de Cecília: os jovens *Alejandro* e *Ciro*, que migraram juntos para São Paulo há pouco tempo e *Javier*, que migrou para trabalhar na oficina de costura do irmão; os irmãos *Jacinta* e *Pedroso*, que apesar de terem se encontrado em São Paulo seguiram caminhos de inserção diversos ao longo do início dos anos 1990; os tios *Jorge*, que migrou apenas para São Paulo nos anos 2000 e *Giovane* que migrou para Buenos Aires e São Paulo nos anos 1990 e, além de manter oficina de costura nessa última cidade, está iniciando negócios na Bolívia. E *Marta*, que conhecemos em frente à igreja da cidade, ela era da província de Unamarca e buscava informações sobre a documentação necessária para fazer o casamento em Escoma, tendo retornado há pouco tempo de São Paulo.

**Figura 21 - Locais no município rural de Escoma, na Província Eliodoro Camacho, em que foi realizado o trabalho de campo (Dezembro de 2012) e entrevistados**



De maneira geral, foi possível perceber que Escoma fazia parte dos circuitos de subcontratação para o mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino – principalmente para Buenos Aires – desde os seus primórdios, entre a segunda metade dos anos 1980 e começo dos anos 1990, devido às entrevistas com Geovane (que migrou, no início dos anos 1990, para Buenos Aires trabalhar na oficina de costura de um tio, que também era de Escoma, e havia migrado nos anos 1970) e com Alejandro, cujo pai também migrou nessa mesma época para Buenos Aires. Conforme pudemos perceber, os bolivianos que já possuíam oficina de costura na Argentina, no início dos anos 1990, haviam migrado anteriormente para se inserir em outras atividades laborais, estabelecendo essas oficinas, provavelmente, a partir da segunda metade dos anos 1980.

Essa descoberta contrariava a percepção da advogada e da assistente social com quem conversei na Pastoral do Migrante, em São Paulo, que consideravam que essa migração a partir da zona rural era um fenômeno mais recente, após a consolidação dos circuitos de subcontratação a partir dos principais centros urbanos da Bolívia[222]. De todo modo, elas estavam certas ao afirmarem que essas populações recebiam salários bem menores do que aqueles recebidos pelos migrantes que possuíam alguma experiência urbana antes da inserção nesse mundo social. De maneira geral, enquanto os entrevistados em Cochabamba afirmavam receber entre R$800,00 a R$1000,00 reais por mês, os costureiros entrevistados em Escoma, que migraram recentemente, afirmavam receber entre R$200,00 a R$400,00 reais por mês – o que, em um lugar em que a satisfação das necessidades básicas se efetiva por meio do escambo, é um valor bastante alto, ainda mais se considerarmos que se trata de um valor recebido sem que fosse necessário pagar a viagem, a alimentação e a hospedagem.

[222] Consideramos que o equívoco deste tipo de percepção deve-se à imputação de uma grande diferença e hierarquia entre as zonas rurais e as zonas urbanas, o que definitivamente não se aplica à Bolívia. Os grandes centros urbanos bolivianos consolidaram-se somente durante os anos 1980, a partir de processos que, conforme vimos, no início do capítulo, não significaram o abandono das zona rural, ocorrendo concomitantemente à intensificação das migrações internacionais.

## 3.1.3) O TRABALHO DE CAMPO EM LA PAZ E EL ALTO




Fonte fotos: Próprias, tiradas durante trabalho de campo - www.panoramio.com - Japoloco

A mudança para La Paz ocorreu após o trabalho de campo em Escoma e, diferentemente da maneira como vinha levando a pesquisa até aquele momento, com o auxílio de Cecília, decidi tentar realizar o trabalho de campo sozinha, agora, com muito mais confiança, depois de quase quatro meses de contatos intensos com a população que eu deveria entrevistar.

La Paz é uma cidade que fica numa espécie de bacia no meio do altiplano andino, rodeada por montanhas e El Alto fica na planície na parte de cima. Até 1988, quando se transforma em um município separado, El Alto era um bairro periférico de La Paz, ponto culminante de um processo de adensamento populacional que começou a empurrar as classes populares que chegavam à cidade, das partes baixas da bacia em direção às encostas íngremes que ligam a bacia à planície superior, onde se encontra El Alto (BABY, 1998: 157)[223].

Conquanto sejam atualmente dois municípios separados, na vida cotidiana, parecem fazer parte da mesma cidade, vinculados por suas redes de funcionamento e de serviços, principalmente, para as classes populares, que "baixam até a cidade" e "sobem para casa"[224], conforme argumenta Nuñez Villaba (2001:55). O conglomerado urbano formado por La Paz, El Alto e os centros satélites Laja, Achochalla, Mecapaca, Palca, Pucarani e Viacha representa, de acordo com o censo de 2001, 29% de toda a população urbana do país.

O conglomerado urbano paceño, conforme indica Nuñez Villaba (2011:49), está estrategicamente localizada em relação ao Oceano Pacífico e ao interior do país, constituindo um ponto de convergência entre as regiões agrícolas, dos Vales, onde se localiza Cochabamba, os Yungas e o altiplano, convertendo-se em um centro estratégico do intercambio comercial entre o Peru, o Chile e o resto do país, desde sua fundação durante o período colonial.

[223] "El Alto começou a ser povoado nos anos 1950, no contexto da revolução de 1952, constituindo-se em uma grande aglomeração a partir de fins dos anos 1970 e durante a década de 1980, com uma taxa média de crescimento de 9% ao ano, momento em que chegaram a El Alto em torno de 300 mil pessoas provenientes, principalmente, das zonas rurais e mineiras do altiplano" (MORATÓ, 2009:98, tradução própria).

[224] E essa "subida" pode ser para El Alto ou para outros bairros periféricos como, por exemplo, Alto Obrajes, onde conforme veremos, eu morei durante um mês.

A minha primeira moradia na cidade foi em um bairro da elite, chamado Sopocachi, no centro da bacia à qual nos referimos acima, em um apartamento em que moravam dois estudantes universitários, filhos de conhecidos de Cochabamba. Relativamente à Cochabamba, La Paz é uma cidade muito mais cosmopolita e moderna e se não fosse o trânsito caótico, comandado pelos "minibuses"[225], o comércio indígena de rua e a cordilheira dos andes ao redor, Sopocachi poderia ser facilmente confundido com um bairro paulistano de elite, como Higienópolis, com restaurantes italianos, japoneses, vegetarianos etc, cafés e livrarias.

[225] O "truffi" de Cochabamba é chamado "minibus" em La Paz.

**Figura 22 - Locais das cidades de La Paz e El Alto em que foi realizado o trabalho de campo (Janeiro - Março de 2013)**

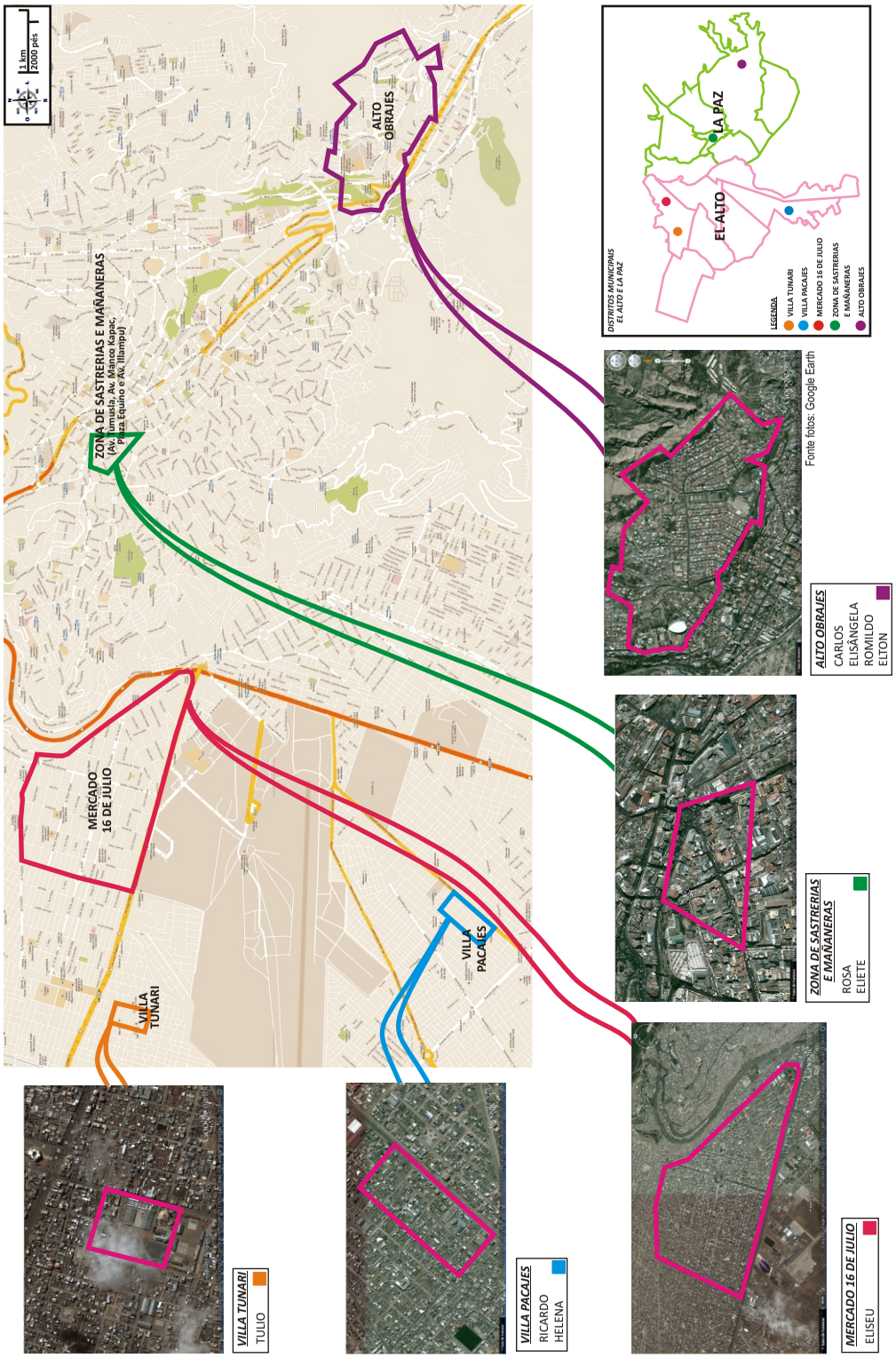


**Figura 23 - Locais da cidade de La Paz em que foi realizado o trabalho de campo (Janeiro - Março de 2013)**

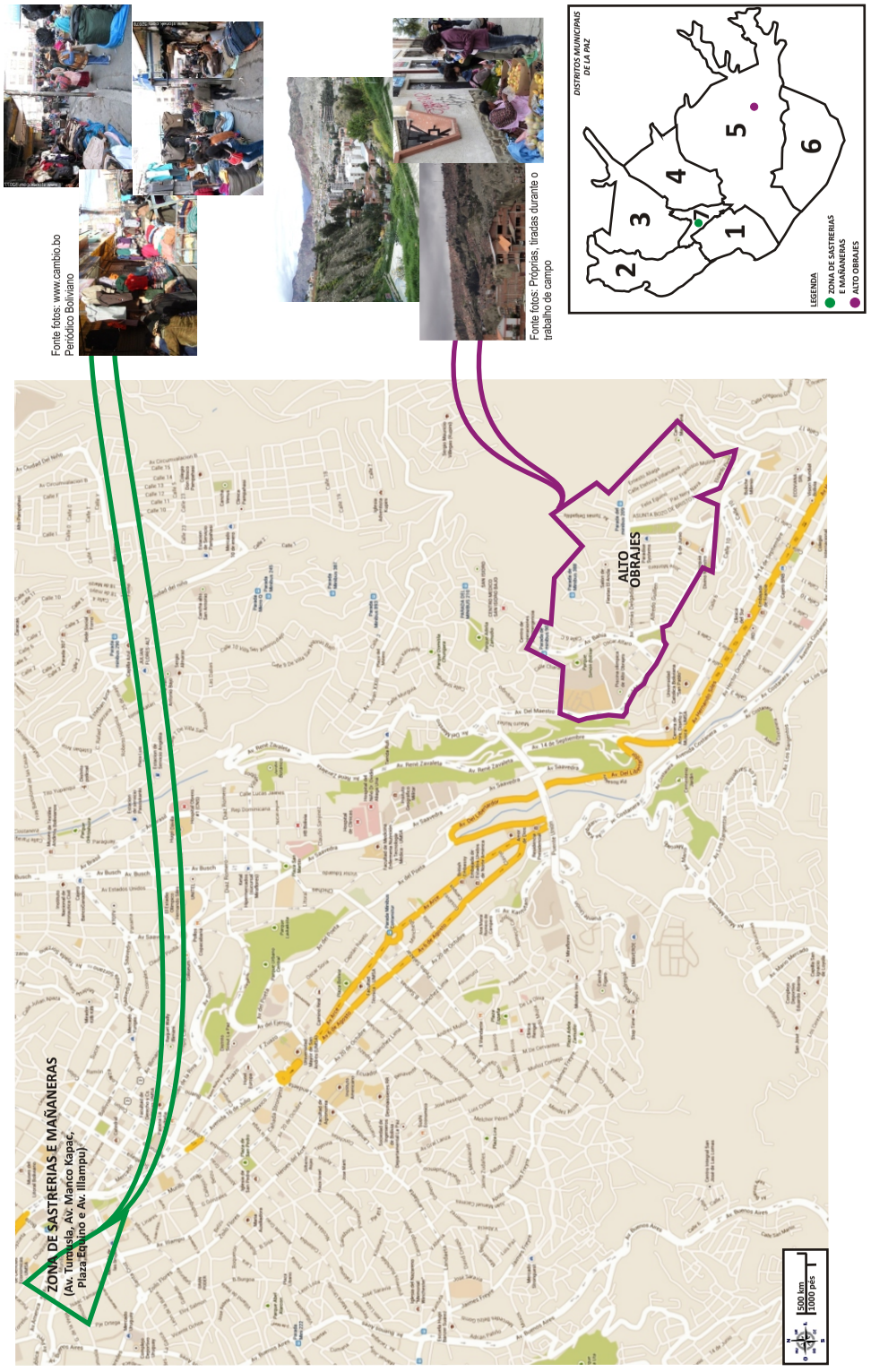
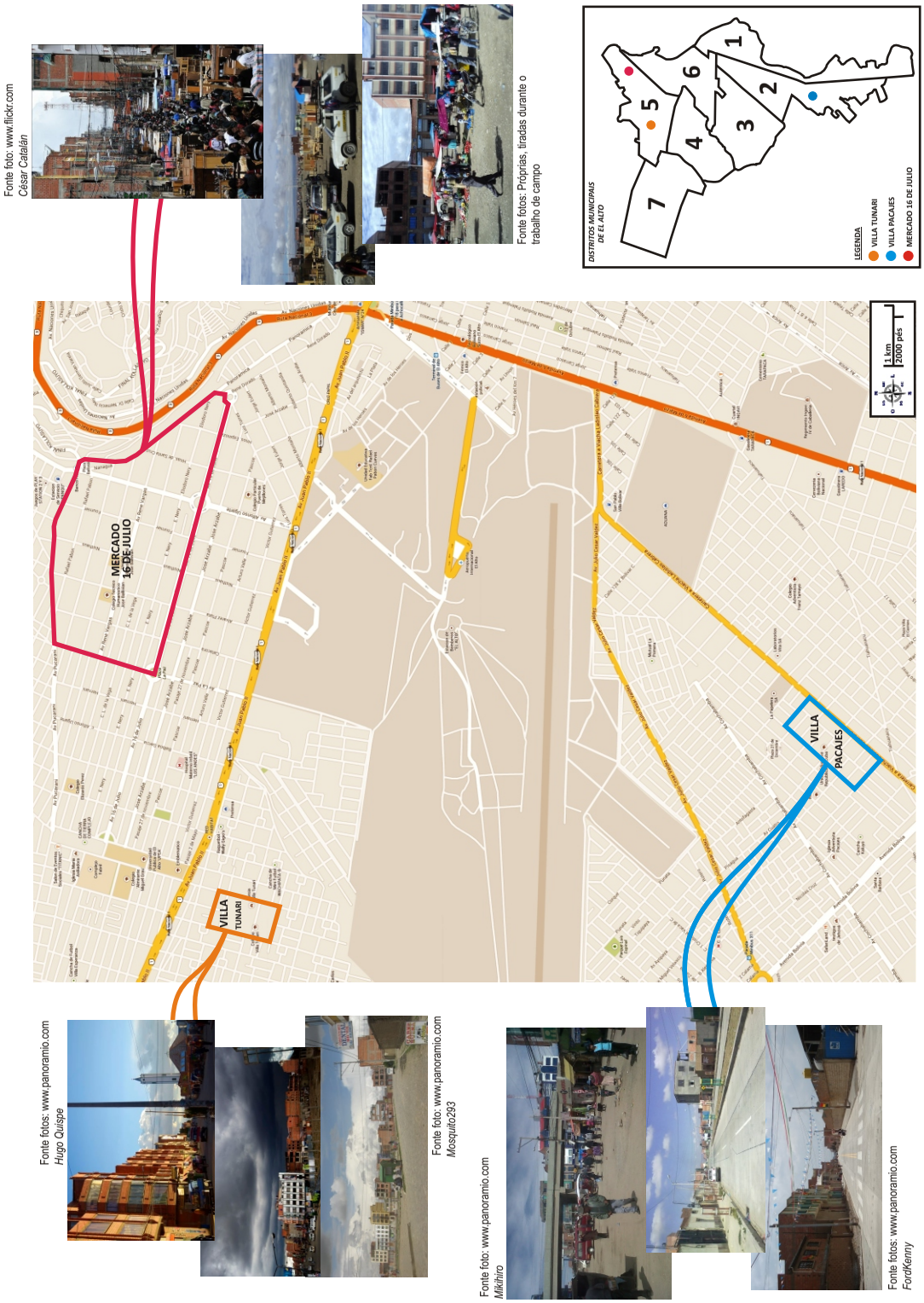


**Figura 24 - Locais da cidade de El Alto em que foi realizado o trabalho de campo (Janeiro - Março de 2013)**



Ao longo dos primeiros meses em La Paz, procurei sistematizar as entrevistas realizadas em Cochabamba para a apresentação em um seminário internacional, organizado pelo Centro de Pós Graduação de Ciências do Desenvolvimento da Universidad Mayor de San Andres (CIDES/UMSA) em parceria com o International Institute of Social History (IISH), chamado "Mundos del Trabajo en transformación: entre lo local y el global". E, após a apresentação e a partir dos comentários dos pesquisadores que a assistiram, elaborei um artigo intitulado: "Entre la reciprocidad y el mercado enel circuito boliviano de los talleres de costura", traduzido para o espanhol, que deverá compor um livro a ser lançado no primeiro semestre de 2014 pelo IISH.

Em La Paz, concentrei, incialmente, o trabalho de campo na região central da cidade, em que se localizam as sastrerias (alfaiatarias)[226] e onde se realizam, a partir das 6 horas da manhã, as "mañaneras"[227], em que confeccionistas bolivianos e bolivianas vão vender suas roupas no atacado.

Na zona das sastrerias, entabulei conversas informais com os sastres mais antigos que se dispunham a falar comigo. E em uma dessas conversas, com um sastre que eu visitei algumas vezes, pois encomendei uma calça, ele me contou que, nos anos 1970, a rua que hoje abriga parte importante das mananeras, a Tumusla, era repleta de comerciantes coreanos. Na perspectiva do senhor Jorge, foram eles que trouxeram a confecção para a Bolívia, que ensinaram os bolivianos a fabricarem jeans e jaquetas *pret a porter*. Entretanto, com a crise dos anos 1980, eles desapareceram.

E, nas mañaneras, depois de frequenta-las por alguns dias e tentar sem êxito fazer algumas entrevistas, consegui adquirir a confiança de *Rosa*, uma confeccionista, nascida na zona urbana de La Paz, que vendia roupas esportivas na rua e que havia migrado para São Paulo para acompanhar seu esposo e, depois, para Buenos Aires, ambas as migrações temporárias com o intuito de pagar o empréstimo da casa própria.

[226]A Bolívia possui uma grande tradição de sastrerias que são como ateliês em que se fazem roupas por encomenda. Ainda a forma predominante de comprar roupas entre as classes populares/indígenas um pouco mais abastadas na Bolívia. E o sastre é uma figura masculina..

[227] Essas "mañaneras" são uma espécie de Feira da Madrugada paulistana que acontece no meio da rua e atrai revendedores de todos os departamentos do país.

Em El Alto, foram entrevistados: *Tulio*, um ex-mineirorelocalizado[228] e dois casais: *Ricardo* e *Helena*, indicados por Orlando e *Eliseu* e *Letícia*, com quem entrei em contato no "mercado de 16 de julio"[229] – considerado um dos maiores mercados de rua do mundo.

Ao longo desses primeiros meses em La Paz, após essas entrevistas iniciais, comecei a ter alguns problemas pessoais com os estudantes com quem eu morava em Sopocachi, principalmente por deixarem o apartamento muito sujo. E, ao final, depois de uma discussão, decidi procurar outro lugar para morar por meio dos anúncios de um jornal local, conforme me indicou uma pesquisadora peruana que eu havia conhecido em um seminário em Cochabamba e que também passara alguns meses em La Paz fazendo trabalho de campo. Logo no primeiro dia de procura, encontrei uma senhora, indígena, "de polleras", como se costuma dizer, que possuía um prédio pequeno de apartamentos mobiliados, em um bairro relativamente próximo a Sopocachi, e combinamos que eu me mudaria no dia seguinte. E então, depois de organizar todas as minhas coisas, que já eram muitas, acumuladas em seis meses[230], chamei um táxi na rua. No caminho, descubro, ao me perguntar de onde eu era, que o taxista, o senhor Carlos, havia migrado para São Paulo para trabalhar na costura e combinamos que eu faria uma entrevista com ele.

---

[228] Por meio de um pesquisador de La Paz, entrei em contato com uma moça que tinha um tio que, de acordo com ela, tinha ido trabalhar na costura em São Paulo e, assim como no caso de outros entrevistados em Cochabamba e Escoma, ele havia migrado para Buenos Aires e não para São Paulo. A sua narrativa foi muito interessante, pois nos permitiu reconstruir, conjuntamente com outras narrativas do período, os momentos iniciais de inserção desses migrantes no mundo social das oficinas de costura, após a crise das minas e da relocalização.

[229] Depois de algumas horas andando e perguntando sobre pessoas que tinham migrado para trabalhar na costura em São Paulo, sem coragem para tirar fotos e sem êxito, quando já anoitecia e eu me preparava para retornar a La Paz, parei em uma banca para tomar um chá de coca e a vendedora sorriu para mim, o que era bastante incomum, e perguntou de onde eu era, eu disse que era do Brasil e, então, conheci o meu segundo entrevistado, Eliseu, o marido da vendedora, que havia migrado para São Paulo em 2010. A situação dessa entrevista foi bem interessante porque após explicar para a mulher a minha pesquisa e perguntar se o marido dela podia responder, ela negociou comigo o valor do "reconhecimento", sem pudores, e o marido a obedeceu. De acordocomela, "Eliseu puede hablar! Pero eres de Brasil, estás haciendo una investigación para su universidad, por supuesto que tienes plata, entonces, nos reconoce y hablamos contigo!". E apesar desse início negociado – em que eu disse 20 dólares e chegamos a 30 dólares – dona Letícia e Eliseu se engajaram na narrativa por algumas horas, após encerrarem as atividades e, ao final, como já era tarde, dona Letícia me acompanhou até o ponto de ônibus para que eu pudesse "bajar" até a cidade.

[230] Além de livros, artesanatos, roupas, muitas coisas de cozinha e um espelho grande, de um metro e sessenta, que tive que mandar fazer pois não conseguia encontrar espelhos para vender nos supermercados.

Ao chegar ao meu novo endereço, com toda a minha mudança no meio da rua, a dona do apartamento, ao ver as minhas coisas e, talvez, por causa do meu espelho, decide que não quer mais me deixar mudar, mesmo com o dinheiro (600 dólares) em mãos – ela disse que não acreditava em mim, que eu tinha muitas coisas e estava mentindo para ela. Nessas circunstâncias, depois de muitas discussões com os estudantes do meu último endereço e com todas as minhas coisas em sacolinhas no meio da rua, tive um ataque de choro e o senhor Carlos, que tentava convencer a senhora, decidiu me ajudar a encontrar outro lugar. E então, ao invés de ir para um hotel, fui com o senhor Carlos até o salão de cabeleireiro de sua cunhada, na periferia de La Paz, no bairro de Alto Obrajes.

Em Alto Obrajes, um bairro periférico, encrustado nas encostas íngremes que ligam a bacia central de La Paz a El Alto, a cabeleireira, dona Luana, tinha uma amiga que, devido a problemas pessoais, precisava entregar às pressas o apartamento em que morava e, embora já tivesse outra casa para morar junto com as duas filhas, a casa de sua mãe, em um bairro vizinho, não sabia o que fazer com toda a sua mobília, que não cabia na casa nova. Nesse momento, a minha aparição, foi a resolução dos problemas da amiga de dona Luana, dona Fabiana. E em menos de uma hora, dona Fabiana, já tinha me feito uma proposta e tinha um plano: ela me sublocaria o apartamento, dizendo para o dono que eu era uma sobrinha distante, filha de um primo com uma brasileira, e como ela não tinha como me receber na casa de sua mãe, decidiu ficar com o apartamento por mais alguns meses. E durante esses meses, ela encontraria uma solução para a sua mobília.

Dona Fabiana era uma advogada, mestiça, descendente de indígenas com espanhóis. Ela me fez pagar adiantados os dois primeiros meses, dinheiro suficiente para manter o apartamento por quatro meses, e se comprometeu a me ajudar a encontrar entrevistados. Nas primeiras semanas, recebi em sua casa, mais de uma vez, para longas entrevistas, o senhor *Carlos*, que havia migrado mais de uma vez para São Paulo e Buenos Aires, a sua esposa, dona *Elisangela*, uma mulher "de polleras", que nunca migrou, o seu irmão, marido de dona Luana, *Elton* que migrou junto com ele e também havia conseguido comprar um táxi e o seu sobrinho *Romildo*, que migrou recentemente para Buenos Aires para trabalhar em uma oficina de costura de familiares e estava de férias, na Bolívia.

Durante o período que estava em Alto Obrajes, combinei com dona Fabiana de irmos a El Alto juntas, pois eu tinha muita dificuldade de me localizar naquela cidade e, depois de ter tido um celular e uma carteira roubados em outras visitas, tinha receio de andar sozinha[231]. E eis que durante nosso primeiro passeio por El Alto dona Fabiana me conta a seguinte história: ela tinha um filho que sempre gostou muito de costurar[232] e, como participava das Festas do Gran Poder, ajudava sempre na costura das roupas de sua fraternidade. No último ano, ele migrou para Lima para fazer universidade e, em sua última conversa com ele, ele lhe contou que estava trabalhando em uma fábrica de confecções, como costureiro, durante o dia, e que estava impressionado com a quantidade de costureiros bolivianos que haviam migrado para trabalhar em Lima. Depois de me contar essa estória e acompanhar a minha empolgação e surpresa, dona Fabiana me disse que estava se programando para visita-lo e que seu eu pagasse sua passagem para viajarmos juntas, poderíamos nos hospedar na casa de seu filho e ele me apresentaria os outros costureiros bolivianos que trabalhavam com o seu filho [233].

E então, uma semana depois, partíamos, eu e dona Fabiana, de "minibus" até a "zona do cemitério", em La Paz, de lá, em outro "minibus" até Desaguadeiro, na fronteira com o Peru e, depois de passar a fronteira, de ônibus de viagem, durante trinta horas, dos Andes ao Pacífico, por entre desfiladeiros[234].

Durante as trinta horas de viagem, dona Fabiana, que estava emocionadíssima com a possibilidade de reencontrar o seu filho, decidiu me confidenciar o verdadeiro motivo da viagem: o seu filho havia se envolvido com os organizadores da festa do Gran Poder, namorava, inclusive, uma "cholita", filha de um indígena muito rico, ligado aos

[231] Devido a esses receios praticamente não fotografei El Alto.
[232] Lembrando que na Bolívia é normal os homens costurarem.
[233] Como na entrevista realizada com Túlio, conforme veremos na próxima seção, ele havia me dito que pensava em migrar para trabalhar na costura no Chile, pois muitos bolivianos estavam indo para lá, achei plausível que estivessem indo também para o Peru.
[234] Naquele momento, eu estava conversando sobre a possibilidade de escrever um artigo em parceria com uma pesquisadora peruana, que eu havia conhecido em um seminário em Cochabamba e, embora ela estivesse iniciando um doutorado na Bélgica, sobre a migração peruana para o Brasil, naqueles dias, ela ainda estava em Lima. Então, a viagem a Lima, com todas essas novidades, permitiria que avançássemos no artigo e eu teria um lugar para ficar, não tão dependente de dona Fabiana.

negócios de produção de coca no Chapare[235]. E ele havia descoberto uma maneira "misteriosa", nos dizeres de dona Fabiana, de multiplicar dinheiro. No começo, ela mesma emprestara mil dólares para ele, que a sua irmã, que vive nos Estados Unidos, havia mandado, e ele lhe devolveu dois mil dólares. Entretanto, da segunda vez, ela lhe deu três mil dólares, e ele nunca mais devolveu. E foi mais ou menos isso que ele fez com o dinheiro de sua fraternidade que se preparava para as comemorações do Gran Poder: sumiu com o dinheiro, mais de 50 mil dólares, e, depois, foi roubado por um colega que o ajudava. Foi jurado de morte pela máfia indígena boliviana e fugira para o Peru com a ajuda da mãe, que decidiu sair da casa em que morava, em Alto Obrajes, para evitar que alguma coisa ruim acontecesse com as suas filhas, afinal, a máfia boliviana era muito perigosa, conforme definiu dona Fabiana.

Em outras palavras: dona Fabiana estava me contando, enquanto descíamos por uma cordilheira infinita, rumo a Lima, que não apenas me enganou, mas me transformou na prima branca de um fugitivo da máfia boliviana, morando no apartamento de onda ela saiu com medo dos mafiosos. Ela argumentava que era uma mãe desesperada e me seria eternamente grata por tê-la ajudado a rever seu filho. Dona Fabiana era muito parecida com uma daquelas personagens espanholas dos filmes de Almodovar, falante, atuante, emocionada, era impossível não simpatizar com aquela senhora, que ao contar a estória, me colocava no centro de um grande drama familiar, reiterando o meu papel de salvadora, redentora, que possibilitaria a uma mãe reencontrar seu filho que, certamente, fora mal

[235]A utilização de folhas de coca (em chá ou diretamente mascando na boca), além dos efeitos medicinais, tendo em vista a altitude elevada, o frio e a aridez dos solos, possui um papel simbólico muito importante para a cultura popular boliviana – lê-se o destino nas folhas de coca e, nos momentos cotidianos de reunião familiar/vecinal as pessoasmascam (pincham) as folhas de coca conjuntamente e é como se estivessem não apenas se encontrando, mas também se encontrando com a sabedoria das folhas de coca. Uma história ouvida no dia do decreto da legalidade do cultivo e uso para esse fim cultural: uma senhora me contou que estava com seus vizinhos, uma noite, durante a semana, mascando coca e tomando chá e caiu uma folha de uma maneira que representava uma mulher grávida. E, alguns dias depois, sua nora lhe contou que estava grávida. De acordo com essa mulher, "as folhas de coca possuem olhos, ouvidos e boca". Note-se que o local tradicionalmente reservado para o cultivo dessas folhas é a região dos Yungas, por apresentar as condições climáticas ideais para a produção de um tipo de folha de coca própria para chás e para mascar. No Chapare, a coca cultivada é de outra qualidade, considerada inferior, sendo destinada quase que completamente para a produção de cocaína.

influenciado pelos índios mafiosos por amor à sua cholita[236]. Àquela altura, eu não estava brava, mas receosa e muito preocupada e não havia nada a fazer, estávamos no meio da estrada rumo a Lima e isso era tudo. De todo modo, dona Fabiana me garantiu que ele era um jovem de bom coração que, inclusive, estava estudando para ser padre, em um seminário, antes de conhecer aquela chola que virou sua cabeça e que era verdade que ele trabalhava na costura com outros bolivianos.

Ao chegarmos à Lima, seu filho nos esperava e fomos a pé até a sua pensão, paga com o dinheiro que adiantei a dona Fabiana da sublocação de seu apartamento em Alto Obrajes. Ao chegarmos, soubemos que ele sublocava o seu quarto de pensão, sem banheiro dentro, para colegas que trabalhavam durante à noite e, deduzi, em poucos minutos, que ele, simplesmente, não trabalhava em lugar nenhum, vivia do dinheiro da sublocação de um quarto sublocado. Dona Fabiana estava absolutamente encantada por reencontrar o filho e acreditou piamente quando ele lhe disse que, naqueles dias em que ela estaria em Lima, ele tinha conseguido uma folga do trabalho.

Ao falarmos sobre as entrevistas, ele me disse, em espanhol, mais ou menos o seguinte: "o que você quer ouvir? Me diga, e eu arrumo um monte de gente pra te falar o que você quer ouvir". Naquele momento, fiquei com muita raiva da situação, do menino e de dona Fabiana e saí em busca de um telefone público para ligar para a pesquisadora peruana que me esperava. Depois de me buscar na pensão e ouvir toda a estória, Lorena, a pesquisadora, concluiu que eu estava correndo perigo naquela casa em Alto Obrajes e mesmo ali em Lima, afinal, não sabíamos se aquela era mesmo a verdadeira estória e quem eram exatamente aquela mulher e seu filho, mesmo eu tendo passando todas aquelas semanas junto com ela e seus vizinhos em Alto Obrajes.

Enfim, Lorena me convenceu de que a única coisa sobre a qual podíamos ter certeza era de que havia alguma coisa muito errada e que eu precisava sair de Lima, pegar as minhas coisas em La Paz, que talvez tivessem sido roubadas em minha ausência, e ir para um hostel. Como as passagens áreas de Lima a La Paz são caríssimas e estava fora de cogitação entrar em um ônibus novamente para fazer o percurso terrestre pela cordilheira

[236] Dona Fabiana sempre fazia questão de reiterar que não era indígena, era mestiça.

dos Andes, encontramos passagens muito baratas até Juliaca, no Peru, depois da cordilheira. E então, alguns dias depois de chegar a Lima retornava a La Paz, depois de explicar a dona Fabiana que eu havia perdido a confiança nela, sem as entrevistas e amedrontada por todas as circunstâncias, planejando sair da Bolívia imediatamente, antes do fim do estágio.

No meio do caminho, o micro-ônibus de Juliaca a Desaguadero quebrou e eu consegui chegar a La Paz, na zona do cemitério, somente 5 horas depois do planejado, mais de onze horas da noite. Ao chegar, não tinha a menor ideia de qual minibus me levaria a Alto Obrajes e, então, pedi informações para uma senhora, de polleras, vendedora ambulante. A mulher olhou bem pra mim e disse que essa não era hora para uma jovem branca estar naquele lugar e me fez pegar o primeiro minibus que passou para sair dali imediatamente. No minibus, tentei pedir informações para o motorista, que parecia estar meio bêbado e bastante mal humorado e, então, uma senhora que estava do meu lado, dona *Eliete*, me explicou como eu deveria fazer e me perguntou de onde eu era. Quando eu lhe disse que era do Brasil, ela sorriu e disse que os brasileiros eram muito bons, que ela gostava muito dos brasileiros e que achava lindo o meu país. Eu lhe perguntei se ela já conhecia o Brasil e ela disse que tinha ido para São Paulo, uma vez, para trabalhar na costura em uma favela e tinha sofrido muito, não por causa dos brasileiros, mas por causa dos próprios bolivianos e que tinha sido, inclusive, uma senhora de uma ONG brasileira que a havia auxiliado. Trocamos telefones e eu voltei para Alto Obrajes, passei a noite em claro no apartamento, com medo, organizando as minhas coisas e, no dia seguinte, liguei para o hostel que Lorena me indicou e me mudei para lá. O hostel era em Sopocachi. Depois daquele encontro inesperado, às 23hs, em um minibus, com dona Eliete, repensei e decidi chegar até o final do estágio, mais 15 dias, e entrevistar dona Eliete[237].Dona *Eliete* é

[237] No hostel, que era de um casal de artistas plásticos, no qual só era possível chegar com indicação, além de mim, estavam hospedados um bailarino argentino e um cinegrafista suíço que trabalhava em uma Agência Suíça para o Desenvolvimento e Cooperação ligada ao Ministério das Relações Exteriores da Suiça. Remmi estava na Bolívia em busca de imagens e entrevistas sobre as mineradoras bolivianas e quando lhe contei sobre a minha pesquisa e sobre a entrevista que havia feito com Tulio, um ex mineiro que havia sido relocalizado, ele me propôs retornarmos e filmarmos a entrevista. Ao final, antes do meu retorno ao Brasil, voltamos na casa de Tulio, dom Carlos, o casal Ricardo e Helena e fizemos várias filmagens com dona Eliete e seu marido, que é um sastre em La Paz. A edição desse material foi realizada no Brasil e o resultado final será apresentado no dia da defesa da tese.

uma modista de 60 anos, amigada com um sastre, que migrou para o Brasil com o filho para trabalhar em uma oficina de costura de parentes da namorada de seu filho. E embora tenha sofrido muito na primeira oficina de costura em que trabalhou, de parentes da namorada de seu filho, na segunda oficina, de bolivianos, conseguida com o apoio da mulher da ONG brasileira, ganhou bastante dinheiro e somente voltou por causa dos filhos e de seu companheiro, mas, no momento da entrevista, estava passando por dificuldades e, na semana que retornei ao Brasil, dona Eliete também retornava por meio de um anúncio de jornal.

Esses encontros inesperados, no ônibus e no táxi, com pessoas que migraram para o Brasil para trabalhar na costura e que também aconteceram em Cochabamba, longe de significarem uma idiossincrasia ou uma predisposição da pesquisadora a encontrar o seu objeto de estudo, indica uma abrangência e difusão do fenômeno estudado.

## 3.2) A EXPERIÊNCIA SOCIAL A PARTIR DAS NARRATIVAS - OS SENTIDOS E OS DESDOBRAMENTOS DO PROJETO COSTURA

> Ao prestar atenção brevemente às narrativas do início de cada um dos ciclos migratórios de alguns informantes do Vale Alto, poderíamos pensar que diante de uma única maneira de caminhar em direção a um destino próprio (...) esses personagens vêm encontrando outros caminhos. Se continuarmos dando voltas em torno da metáfora do caminho, encontramos uma palavra quéchua que descreve esses atalhos alternativos. (...) As "chequanchadas" não levam necessariamente a outro lugar, mas sim ao que se planejou inicialmente como destino. As "chequanchadas" também devolvem ao caminho central depois de certo tempo, mas não sem sacrifícios" (ÁVILA, 2007:2, tradução própria).

A migração para o mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino no âmbito de um arranjo familiar ou individual que a projeta como estratégia de permanência nos locais de origem foi encontrada de maneira recorrente ao longo do trabalho de campo na Bolívia, assumindo sentidos e formas diversas a depender dos percursos anteriores dos migrantes e das circunstâncias de inserção nesse mundo social. Reiterando, nessas narrativas, da perspectiva dos sentidos subjetivos, as análises propostas pelos estudos sobre as migrações internacionais bolivianas realizados nos locais de origem, citados no início deste capítulo, e as conclusões apresentadas no capítulo 2, a partir do trabalho de campo na cidade de São Paulo, sobre o horizonte temporal do *projeto costura*, inicialmente projetado "*por unti empitonomás*" .

O "investimento" nas "regiões de origem", buscado a partir da migração internacional, pode referir-se a um gasto realizado anteriormente e que necessita ser pago, como, por exemplo, a compra de uma casa ou de um carro cujas parcelas precisam ser quitadas; ou, ainda, a um gasto futuro, como a montagem de uma oficina de costura própria, a casa própria ou mesmo a realização da festa de casamento que, dadas as tradições, é bastante custosa, mas necessária para a formalização da união perante amigos e familiares dos casais bolivianos.

Entretanto, além dessas narrativas de inserção marcadas por um projeto inicial que visa à realização de planos que remetem às sociedades de origem, encontramos narrativas de inserção em que o *projeto costura* inicial é muito mais incerto, marcado mais pela vontade de conhecer novos lugares, pela intenção da aventura, do que propriamente por um plano visando ao retorno, podendo resultar, no caso dos percursos de migrantes sem experiência anterior na costura, no aprendizado de um ofício ou apenas em uma experiência aparte que não interfere nos percursos laborais e sócio espaciais futuros.

No trabalho de campo na Bolívia, também encontramos costureiros e costureiras profissionais, cuja inserção nesse mundo social tendia a ser muito mais bem sucedida do que a dos migrantes sem habilidades na costura. E, nesses percursos, destacava-se, ainda, um terceiro sentido possível do *projeto costura* – em geral, associado a um dos dois sentidos considerados acima – o de aprimoramento e mobilidade profissional.

Para abordar essas várias possibilidades encontradas nas narrativas dos bolivianos e bolivianas entrevistados, em termos de sentidos subjetivos projetados na inserção no mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino (as "definições da situação") em suas articulações com os seus percursos sócio espaciais e laborais anteriores e com a sua experiência efetiva nesse mundo social, organizamos as narrativas em três perfis: i) as de núcleos familiares de migrantes rurais sem experiência na costura cujo *projeto costura* inicial visa à manutenção ou investimento nos locais de origem; ii) as de jovens sem experiência na costura cujo *projeto costura* inicial visa à aventura inscrita na possibilidade de conhecer novos lugares a partir de sua realização e, iii) as de costureiros e costureiras urbanos cujo *projeto costura* embora possa visar também à manutenção dos locais de origem ou mesmo à aventura, caracteriza-se pela possibilidade de aprimoramento e de mobilidade profissional.

## 3.2.1) NÚCLEOS FAMILIARES DE MIGRANTES RURAIS - MIGRAÇÃO COMO PROJETO FAMILIAR DE MANUTENÇÃO DOS LOCAIS DE ORIGEM

Dentre as narrativas em que o projeto de manutenção dos locais de origem adquire centralidade, destacaram-se as de bolivianos e bolivianas sem experiência na costura, com percursos sócio espaciais e laborais anteriores marcados pela precariedade, cujos núcleos familiares, compostos, principalmente, por marido e mulher, com ou sem filhos e outros parentes (irmãos, pai, mãe etc), se reorganizam social, espacial e simbolicamente, para a realização da migração internacional, pressuposta na inserção no mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino, com a manutenção de parte dos familiares nos locais de origem.

Para abordar as nuances e especificidades desses percursos de vida e seus desdobramentos no mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino, consideraremos os percursos de dois núcleos familiares caracterizados por serem constituídos por bolivianos e bolivianas provenientes de migrações internas da zona rural do departamento de La Paz: o percurso de Eliseu do núcleo familiar de El Alto, entrevistados nas próximidades do Mercado 16 de Julho e o de Sonia e de Rodrigo, do núcleo familiar de Uspa Uspa, um bairro periurbano na zona sul da cidade de Cochabamba.

> "A raíz de que tengo familia he necesitado un lugar, una casa. Ya pues, hemos comprado una casa, entonces, nos faltaba platita[238]para mi capital, ya no tenía. Por eso es que he decidido ir. Pensando que allá iba a ganar más (…)"[Eliseu][239].

[238]"platita"=dinheiro.

[239]"Devido ao fato de que tenho família, necessitava de um lugar, uma casa. Já, pois, compramos uma casa, então, nos faltava dinheiro, para o meu capital, já não tínhamos. Por isso é que decidi ir. Pensando que lá, eu ía ganhar mais" [Eliseu, tradução livre].

No percurso de Eliseu, de 34 anos, a migração para o trabalho na indústria de confecção foi o meio encontrado por ele para pagar uma dívida realizada para a construção da casa própria, em El Alto, para acomodar seu núcleo familiar, formado por sua esposa Letícia e seus quatro filhos. Embora não fosse costureiro, a migração para o trabalho no mundo social das oficinas de costura bolivianas em São Paulo existia como possibilidade graças às notícias exitosas recebidas de amigos e parentes que haviam migrado, quando de seus retornos anuais, e concretizou-se a partir do convite de uma prima que migrara no final dos anos 1990 e, depois de3 anos, montara sua própria oficina de costura na cidade.

> "Tengo parientes en allá. Hace años que se han ido. Se han ido en 2000 ó 99 se han ido al Brasil. Son primos. Una tía también. Lejanos, ¿no? Pero esa vez no me ha llamado la atención. Ellos han ido, entonces, paso, ¿cuántos años? Casi 10 años. De 10 años me encontré con ellos, acá, cada vez que llegaban. De ahí me han contado, ellos me han hablado. Siempre he tenido amigos también que allá han ido, ¿no? Que han conseguido algo. Vinieron aquí, ¿no? Llegaron aquí con plata, compraron terrenos, buenos lugares. Eso ha sido también, ¿no? 'Qué tal voy allá y consigo algo más'. Esa ha sido la idea, ¿no? Yo he decidido ir" [Eliseu][240].

Eliseu e Letícia se conheceram na cidade de El Alto, no final dos anos 1990, no colégio em que faziam um curso supletivo para finalizar o segundo grau e, assim que receberam o diploma, no início os anos 2000, passaram a viver juntos. Na época, ele trabalhava como sapateiro e ela como vendedora ambulante de comida em um dos maiores mercado ao ar livre da Bolívia, o Mercado 16 de Julho, em El Alto. Os dois são migrantes rurais do altiplano andino e, enquanto Letícia havia migrado com a família na segunda metade da década de 1980 – expulsos do campo no auge da crise socioeconômica e política –, Eliseu, que possuía mais sete irmãos, migrou sozinho, aos 12 anos, em 1991, para tentar a vida na cidade, apenas com o dinheiro da passagem e sem conhecer ninguém que pudesse

[240] (…). tenho parentes lá. Faz anos que se foram. Foram em 2000 ou 99, foram ao Brasil. São primos. Uma tia também. Distantes, não?. Entretanto, essa vez [a primeira vez que seus tios foram para o Brasil] não me chamou atenção. Eles se foram e, então, passaram, quantos anos? Quase 10 anos. Durante esses 10 anos me encontrava com eles, aqui, toda vez que chegavam. E daí, me contavam, falavam comigo que conseguiram algo. Chegaram aqui, não? Chegaram aqui com dinheiro, compraram terrenos, bons lugares. Isso também foi um motivo. "Que tal se vou pra lá e consigo algo mais". Essa era a ideia, não? E eu decidi ir" [Eliseu, tradução livre]

acolhê-lo, mantendo ainda, durante os primeiros anos de inserção na cidade, sua residência base na zona rural.

As expectativas de Eliseu, bem como de outros jovens que saem do campo boliviano, mesmo nos dias atuais, conforme vimos em outras narrativas, devia-se, em parte, à possibilidade de consumo dada a inexistência de relações monetárias no campo e para a continuação dos estudos. Expectativa essa bastante diferente da que o levará a migrar para São Paulo quase vinte anos depois. A migração para São Paulo já não tinha mais esse impulso do consumo, do tentar a sorte na cidade grande.

> "En el campo no teníamos oportunidades de nada, no había estudios. Uno quería experimentar cómo era la ciudad. De eso más que todo me atreví a venir. No faltaba también amigos que han venido. (…) Yo también como era joven quería saber, ¿no? Allá también es cerrado, no había nada. Yo siempre veía mis mayores [sic], a los paisanos que habían, venirse a este lado, ¿no? A la ciudad. Entonces ellos llegaban con algo. Esas épocas era comprarse un radio, buena ropa, o zapatos, así, ¿no? Entonces, eso es mi idea. Mi idea ha sido venir a tener algo" [Eliseu][241].

Na Província de Ingavi, na zona rural em que vivia, Eliseu pôde cursar apenas o nível fundamental, com aulas duas vezes por semana e, tampouco, havia oportunidades laborais, afora o cultivo da batata ao qual seus pais se dedicavam. Ao chegar à cidade, opõe em sua descrição da especificidade desse urbano: espaço livre e espaço fechado, muitas pessoas e poucas pessoas, intensidade e calmaria.

[241] "No campo, não tínhamos nenhuma oportunidade, não havia estudo. As pessoas queriam experimentar como era a cidade. Por causa disso, mais que tudo, me atrevi a vir [da zona rural para El Alto]. Não faltavam também amigos que tinham vindo (...) Eu também, como era jovem, queria saber. Lá [no campo] é fechado, não havia nada. Eu sempre via as pessoas mais velhas, os conhecidos virem a este lado, para a cidade. E eles chegava com algo. Nessas épocas o objetivo era comprar um rádio, boa roupa ou sapatos. Então essa era a minha ideia. Minha ideia era vir para ter algo" [Eliseu, tradução livre].

> "Era otro ambiente. Allá [en referencia a Ingavi] era todo espacio libre. Aquí [en referencia a El Alto] era todo cerrado. Hablaban de la ciudad, que en La Paz habían edificios grandes, arta[242] gente. Allá casi gente no había mucho. Aquí hay harta gente, hartas movilidades. Esa ha sido mi primera impresión. De eso me he quedado" [Eliseu][243].

Em El Alto conseguiu, assim que chegou, um emprego em uma sapataria que produzia sapatos para bebês e, como outros jovens que haviam feito o mesmo percurso solitariamente, morava na oficina que o havia contratado. Durante esses momentos iniciais, Eliseu não pôde estudar.

> "He llegado aquí a un trabajo donde necesitaban trabajadores. Trabajaba en un taller de zapatería. Comencé a trabajar de ayudante. Semanal me pagaban, esa vez me pagaban 10 pesos[244] Ahí mismo me quedaba. En el trabajo nos ha dado un cuarto. Otros jóvenes de otros lugares venían también. Nos quedábamos ahí. Eso ha sido el año 1991. Sólo trabajaba. Tenía posibilidades para trabajar nomas. De poco en poco, así, viendo, estudie. Porque de llegado no se podía. Primero tenía que tener algo, un sustento. Entonces, como no conocía también bien solamente trabajar (…) El trabajo me gustaba. Tampouco era pesado, hacíamos zapatos para niños" [Eliseu][245].

A indústria do sapato costuma possuir o mesmo status de precariedade que a indústria da confecção, de acordo com a OIT (Organização Internacional do Trabalho), e é interessante notar nesse percurso uma forma de inserção laboral muito parecida com a que ocorre na indústria de confecção em São Paulo e Buenos Aires: os migrantes moram no

[242] Essa expressão "arta", "arto"significa "muito", "muita".
[243] "Era outro ambiente. Lá [em referencia a Ingavi] era tudo espaço livre. Aqui [em referencia a El Alto] era tudo fechado. Falavam da cidade, que em La Paz havia edifícios grandes, muita gente. Lá quase gente não havia muito. Aqui tem muita gente, muitos veículos. Essa foi a minha primeira impressão. A partir disso decidi ficar" [Eliseu, tradução livre]
[244] Atualmente, esses 10 pesos semanais equivaleriam a 70 centavos de real por semana.
[245] "Cheguei aqui a um trabalho em que necessitavam trabalhadores. Trabalhava em uma sapataria. Comecei a trabalhar como ajudante. Semanal me pagavam, dessa vez me pagavam 10 pesos. Eu ficava ai mesmo. No trabalho nos deram um quarto. Outros jovens de outros lugares vinham também. E vivíamos aí. Isso foi no ano 1991. Apenas trabalhava. Tinha a possibilidade de trabalhar nada mais. Pouco a pouco assim, vendo, voltei a estudar. Porque ao chegar, não podia. Primeiro, eu tinha que ter algo, um sustento. Então, como não conhecia, estava bom somente trabalhar. (...) Eu gostava do trabalho. Tampouco era pesado, fazíamos sapatos para bebês" [Eliseu, tradução livre]

local em que trabalham, o chamado "cama adentro"[246]. Essa não é a regra na indústria de confecção boliviana atualmente, em que a maioria dos costureiros possui uma casa independente da oficina em que trabalham.

De todo modo, esse sistema de trabalho "cama adentro", conforme veremos em outros percursos, parece ser bastante disseminado na Bolívia constituindo-se como forma de inserção inicial na cidade de mulheres (as cholas que viram empregadas domésticas) e das crianças e adolescentes que saem da zona rural.

Nessa primeira empresa de sapatos para bebês, Eliseu permaneceu por dois anos somente trabalhando sem estudar, aprendendo um ofício. A retomada dos estudos, mesmo que de maneira intermitente, ocorreu inicialmente quando mudou de trabalho, aos 14 anos, já com experiência, incentivado por amigos que também, dadas as condições de exploração desse primeiro trabalho, encontraram oportunidades melhores em outros bairros da cidade de El Alto.

> Digamos, ya conocía el trabajo, ya había aprendido, entonces tenía amigos que venían de ese lado. De ese lado justo había un taller donde se hacía el mismo trabajo. Entonces me han dicho: 'ya has aprendido, mejor vamos a ese lado, ahí vas a tener más oportunidades'. Como era niño, joven, había explotación también. Te pagaban poco. Te hacían trabajar por demás, hasta tarde a veces. Esos amigos que tenía han visto eso y me han dicho: 'vamos al otro lado, vas a tener más oportunidades´. De eso es que yo he mudado. Ahí tenía más o menos 14 años [Eliseu][247].

No percurso de Eliseu, da zona rural para a cidade, sem possuir redes de acolhimento, encontramos circunstâncias muito parecidas àquelas vivenciadas por uma parte dos migrantes que se inserem no mundo social das oficinas de costura bolivianas nas

[246] A expressão "cama a dentro" serve para indicar trabalhos em que se mora no mesmo lugar em que se trabalha. E é a expressão utilizada pelos bolivianos e bolivianas para descrever o trabalho nas oficinas de costura nas cidades de destino.

[247] Digamos, já conhecia o trabalho, já havia aprendido, então, tinha amigos que vinham desse lado. E desse lado, havia justamente uma oficina onde se fazia o mesmo trabalho. Então, me disseram: 'você já aprender, é melhor irmos a esse lado, aí você vai ter melhores oportunidades'. Como era menino, jovem, havia exploração também. Pagavam pouco. Te faziam trabalhar demais, até tarde, às vezes. Esses amigos que eu tinha, viram isso e me disseram: 'vamos a outro lado, você terá mais oportunidades'. A partir disso, que eu mudei. Nessa época, eu tinha mais ou menos 14 anos" [Eliseu, tradução livre].

cidades de destino sem experiência na costura, nem recursos próprios: a inserção "cama adentro" em uma oficina cujo dono financiou a viagem e a sua reprodução cotidiana em condições de trabalho marcadas pela precariedade e exploração, e, após o aprendizado do ofício e das dinâmicas de funcionamento desse mercado de trabalho, por meio de conversas com os outros trabalhadores, a busca de melhores oportunidades de trabalho.

Entretanto, enquanto no caso do mundo social em foco, a circulação por entre as oficinas de costura nas cidades de destino, mesmo quando se encontram remunerações e condições de trabalho mais favoráveis, não permite, inicialmente, a saída do sistema "cama adentro", no percurso de Eliseu, a entrada em um trabalho com melhores condições, já com o domínio do ofício, significou a saída desse sistema, com o aluguel de um quarto para morar de maneira independente. E, conforme se especializava, conseguia trabalhos melhores até se fixar em uma grande empresa de sapatos na cidade de El Alto, em que trabalhava quando conheceu Letícia na escola em que faziam o supletivo para finalizar o segundo grau.

Entre o início dos anos 2000 e o começo de 2010, o casal teve 4 filhos e fez um empréstimo no banco para comprar a casa própria, estabelecendo a segunda residência base de Eliseu que até então vivia em quartos de pensão. Nessa casa, Eliseu montou a sua própria sapataria, enquanto Letícia continuava com a venda ambulante de comida no mercado 16 de Julho. As dificuldades econômicas enfrentadas pelo casal desde 2009, dificultando o pagamento de sua dívida no banco, os levaram a considerar a possibilidade da migração de Eliseu para o trabalho na indústria de confecção após o convite de seus familiares. Letícia também tinha esperanças de que com a viagem do marido conseguiriam pagar as dívidas e melhorar sua situação na Bolívia e, por isso, estava disposta a arcar sozinha com a educação e o cuidado dos quatro filhos.

> "Por eso él, cuando ha viajado, por ejemplo, él se ha ido con una ilusión. Como hemos comprado la casita también teníamos una deuda aquí en el banco para terminar de pagar lo más antes posible; también 4 niños que mantener. Entonces yo también ilusionada andaba porque decían: 'vas a ganar de 400 a 500 dólares mes'. Estaría bueno, pero la realidad no ha sido así" [Letícia, mulher de Eliseu][248].

Entretanto, Letícia também tinha receios devido às histórias que ouvia de amigas que se separaram depois que o marido viajou para trabalhar na confecção, em geral, porque eles acabavam formando outra família na cidade de destino com bolivianas que conheciam nas oficinas de costura. Essa percepção de Letícia nos remete a uma das consequências não previstas dos projetos iniciais, dos que permanecem mais do que o projetado e que, conforme vimos no capítulo anterior, repõem, na cidade de destino, diferentemente, a Bolívia que deixaram para trás.

> "Una experiencia que ha pasado. Porque hay veces, a raíz de eso, cuando se van lejos, yo he visto amigas que se separan, se diluyen hogares. O allá mismo. El varón ya se queda 2; 3 años y ya forma otro hogar. Entre mismos bolivianos se llegan a conocer. Será por la soledad, la tristeza. Se conforman ya familias. Entonces ellos ya se olvidan de acá pues. Entonces vienen al año una vez, o después de 2 años retornan, ven a sus hijos. Yá no eslomismo" [Letícia, mulher de Eliseu][249].

De todo modo, as vantagens futuras pareciam compensar os riscos para a estabilidade familiar, e Letícia incentivou Eliseu a realizar a migração, aos 29 anos. Pelo acordo inicial entre Eliseu e sua prima, ele pagou os gastos da viagem até a fronteira com o Brasil e, a partir de Puerto Juarez, os gastos foram pagos por ela, que descontaria esse

[248] "Por isso ele, quando viajou, por exemplo, foi com uma ilusão. Como havíamos comprado uma casa também, tínhamos uma dívida aqui, no banco, para terminar de pagar o maís rápido possível; também 4 filhos para manter. Então, eu também andava iludida, porque diziam 'vai ganhar 400 a 500 dólares por mês' . Estaria bom, mas a realidade não foi assim" [mulher de Eliseu, tradução livre].

[249] "Uma experiência que já aconteceu. Porque algumas vezes, o motivo disso, quando vão longe, eu vi amigas que se separam, casas de família são dissolvidas. Ou lá mesmo. O homem já fica 2, 3 anos e já forma outra casa [família]. Entre bolivianos mesmos se conhecem. Talvez pela solidão, pela tristeza. Famílias já se conformam. Então, eles se esquecem daqui. Então, voltam uma vez ao ano ou, depois de 2 anos, retornam, veem seus filhos. Já não é o mesmo" [mulher de Eliseu, tradução livre].

adiantamento do salário de Eliseu nos primeiros meses de trabalho em sua oficina de costura, em São Paulo.

Na oficina de costura de sua prima, apesar de Eliseu não possuir habilidade na costura de roupas, os conhecimentos desenvolvidos para a costura dos sapatos ajudaram bastante nos momentos iniciais de inserção no novo trabalho. Em termos de habilidade, a diferença residia apenas no material a ser costurado: couro, para os sapatos, e malhas, para as roupas, pois nos dois casos trabalhava com o mesmo tipo de máquina, a reta. Ainda assim, de acordo com Eliseu, foram necessárias duas semanas para que se sentisse completamente à vontade na confecção de roupas.

A grande diferença residia na temporalidade e no ritmo do trabalho. Em São Paulo, era preciso trabalhar muito mais, com pouco tempo de descanso e de maneira acelerada para produzir todos os dias os mesmos modelos, enquanto na Bolívia, além das duas horas de descanso durante o almoço e do fim do expediente às seis horas da tarde, a quantidade de roupas que deveria costurar por dia era bem menor e a cada dia surgiam modelos novos que o distraiam.

> "La diferencia es que allá [São Paulo] tú tenías que hacer, digamos, amontonar ropa. Aquí [El Alto] no era tanto así. Allá digamos, tenías que hacer por docenas, por paquetes. Aquí no era así. Te dan 2 docenas para todo el día. Acabamos a las 6 de la tarde aquí y acababa tranquilo. Pero allá no. Tenías que trabajar sin moverte, todo el día. Aquí más tiempo tenías. Entraba a las 8 o 8 y media. Salía a las 12 de aquí, 2 de la tarde entraba. Tenía 2 horas de descanso, hasta las 6. Tranquilo acababa. Pero allá no, ¿no? Ese era el cambio, ¿no? Claro que al empezar era normal trabajar así, pero pasando el tiempo ya no hacía así. Eso pensaba allá trabajando hasta tarde: 'a qué vengo a trabajar aquí hasta tan tarde'. Ese era mi pensamiento. Todo lo mismo, lo mismo era al día siguiente. Lo mismo, lo mismo. Aquí no era así. Trabajaba, hacía diferentes modelos. Variaba. Allá pura malla, malla. Aquí cambiábamos de modelo, otro día otro, otro día otro"[Eliseu][250].

[250]"A diferença é que lá [São Paulo], você tinha que fazer, digamos, amontoar roupas. Aqui [El Alto] não era tanto assim. Lá, digamos, tínhamos que fazer por dezenas, por pacotes. Aqui não era assim. Te dão duas dezenas para todo o dia. Acabamos as seis da tarde aqui e acabava tranquilo. Mas lá não. Tinha que trabalhar sem se mover, todo o dia. Aqui mais temos mais tempo. Entreva às 8h, 8h30. Saía as 12hs e às duas da tarde entrava. Tinha duas horas de descanso e ia até as seis. Tranquilo acabava. Mas lá, não. Essa era a mudança, não? Claro, que ao começar é normal trabalhar assim, mas passando um tempo, não fazia assim. Isso eu pensava lá, trabalhando até tarde 'a quê venho trabalhar aqui até tão tarde'. Esse era o meu pensamento. Tudo o mesmo, o mesmo era no dia seguinte. O mesmo, o mesmo. Aqui, não era assim, trabalhava fazendo

Embora trabalhasse muito mais a um ritmo intenso, no final do mês não recebia os 500 dólares prometidos. O seu salário girava em torno de 300 a 400 reais por mês, o que lhe possibilitava enviar, no máximo, 100 dólares por mês a sua esposa – quantia insuficiente para que pudesse cuidar dos 4 filhos. Dessa forma, Letícia teve que voltar a vender comida no Mercado 16 de julho, ademais de cuidar sozinha dos 4 filhos, pois seus pais haviam retornado para o campo nos anos 2000.

> "Entonces yo he tenido que trabajar. He aguantado un mes. Decía: 'va a traer, me va a mandar, giro me hará'. Pero en realidad no era ya así. Peor aún, a veces dentro de mí decía: '¿no será que no me manda? Aunque sea, aquí, aunque poco, pero me daba'. Yo he tenido que batir en aquí, más que todo por los 4 niños. Realmente era un reto para mí como madre de familia, ¿no? Porque también aparte la preocupación de saber cómo estará él, mi esposo allá en Brasil, '¿estará comiendo o no?'[ Letícia, mulher de Eliseu][251].

Oito meses depois de ter migrado para São Paulo, no final de 2010, a situação não havia mudado, Eliseu continuava a receber pouco, trabalhando intensamente e, portanto, embora tenha planejado, inicialmente, permanecer na cidade por dois anos, decidiu, convencido por sua esposa, regressar.

> Hay veces hablábamos por celular, pero no siempre, no es lo mismo, porque a él lo sentía medio triste. (...) 'No sé qué voy a hacer', dije. Me mandaba muy poquito: 100 dólares. Entonces yo le dije: '¿pero eso nomas vas a ganar? Cómo han dicho diferente, ¿no? Y él: '¡no hay! No es así como nos han dicho, e incluso del pasaje debo, me están descontando, tengo que pagar'. Entonces ha llegado en un momento donde yo ya he dicho: 'basta, entonces, sabes, vente, retórnate'. (...)'. Yo: 'No importa, tú vente aquí. Lo importante es que estés aquí, al lado de nosotros, de tus hijos. Entonces vente como tú puedas'" [Letícia mulher de Eliseu][252].

---

diferentes modelos. Variava. Lá era pura malha, malha. Aqui mudávamos de modelo, outro dia, outro, outro dia, outro" [Eliseu, tradução livre].

[251] "Então, eu tive que trabalhar. Aguentei um mês. Dizia: 'vai trazer, vai me mandar, remessa me enviará'. Mas, na realidade, não era já assim. Pior, ainda, as vezes, eu me dizia: 'não, será que não manda?' Mesmo que seja, aqui, mesmo que seja pouco, mas me ajudava. Eu tive que me virar aqui, mais que tudo pelos 4 filhos. Realmente, era um desafio para mim, como mãe de família, não? Porque também, a parte a preocupação de saber como ele estará, meu esposo, no Brasil, 'estará comendo ou não?' [Letícia, mulher de Eliseu, tradução livre].

[252] "Às vezes, falávamos pelo celular, mas não sempre,, não é o mesmo, porque ele, eu o sentia meio triste. (…) 'Não sei o que vou fazer", me disse. Me mandava muito pouquinho: 100 dólares. Então, eu lhe disse,

Apesar de sentir-se explorado e, por meio dos colegas costureiros, ter recebido convites para trabalhar em lugares melhores para receber valores mais altos por peça costurada, ele não se sentia autorizado a sair da oficina de sua prima, pois sair significaria cortar vínculos familiares que Eliseu respeitava.

> "Había posibilidades [de ir a trabajar a otro taller]. Mis amigos me decían: 'Elías vamos a trabajar a otro taller, ahí vas a ganar más'. Pero yo también no podía. Como he ido a su taller de mi prima no podía salirme e irme a otro taller. Iba a quedar mal. Ese era mi pensamiento, pero sentía que me estaban explotando"[Eliseu][253]

Dessa forma, embora tenha vivido circunstâncias semelhantes quando de sua migração do campo para a cidade, em que diante de relações de trabalho na qual se sentia explorado decidiu procurar melhores oportunidades junto com seus amigos, a inserção inicial em uma oficina de costura de familiares limitou de maneira intransponível as possibilidades laborais de Eliseu em São Paulo.

De maneira geral, a experiência de Eliseu, no mundo social das oficinas de costura, em São Paulo, foi extremamente negativa, pois além de não conseguir realizar o projeto inicial de juntar dinheiro para quitar o empréstimo realizado para a compra da casa própria, se decepcionou com seus familiares. E ao retornar à Bolívia, retomou suas atividades como sapateiro não tendo sido úteis nem ao menos o aprendizado da costura de roupas. Nesse percurso, as redes de sociabilidade familiares mobilizadas para a inserção inicial na sociedade de destino serviram para legitimar relações de exploração do trabalho que somente puderam ser encerradas com o retorno à Bolívia.

---

'mas é isso, nada mais, o que você vai ganhar?' 'Como disseram diferente. E ele: 'Não há! Não é assim como nos disseram e, inclusive, devo a passagem e estão me descontando, tenho que pagar'. Então, chegou um momento em que eu já disse: 'basta, então, volte, retorne" (…). Eu: 'Não importa, você venha para cá. O importante é que esteja aqui, ao nosso lado, ao lado dos seus filhos. Então, venha, como possa'"[ mulher de Eliseu, tradução livre].

[253] "Havia possibilidades [de ir trabalhar em outra oficina de costura]. Meus amigos me diziam: 'Eliseu vamos trabalhar em outra oficina, ai você vai ganhar mais'. Mas eu também não podia. Como fui a oficina de minha prima, não podia sair e ir a outra oficina. Ia ficar mal. Esse era o meu pensamento, mas eu sentia que estavam me explorando" [Eliseu, tradução livre].

**Figura 25 - Espaços de vida e residências base de Eliseu, do núcleo familiar do Mercado 16 de Julio de El Alto**

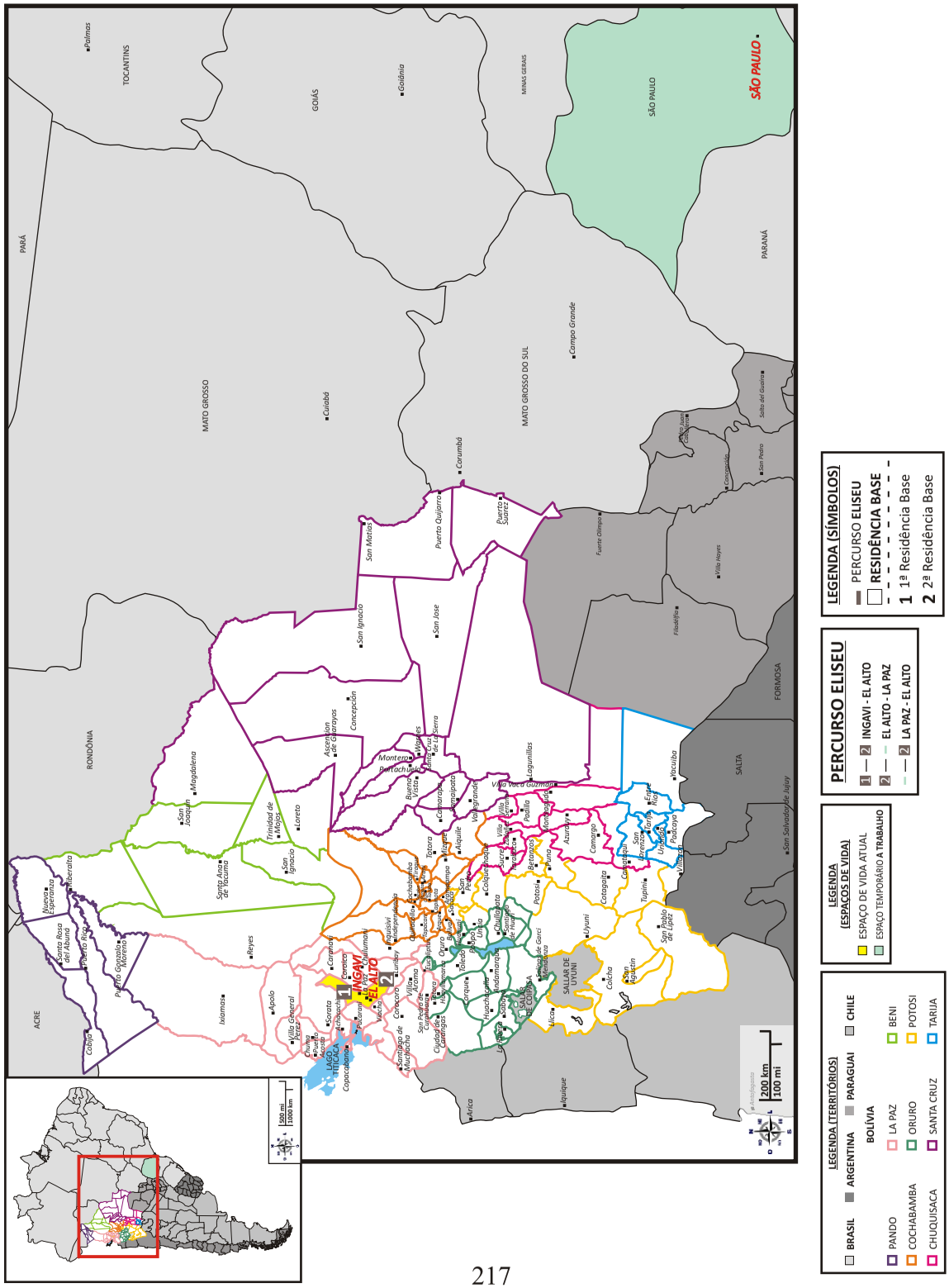
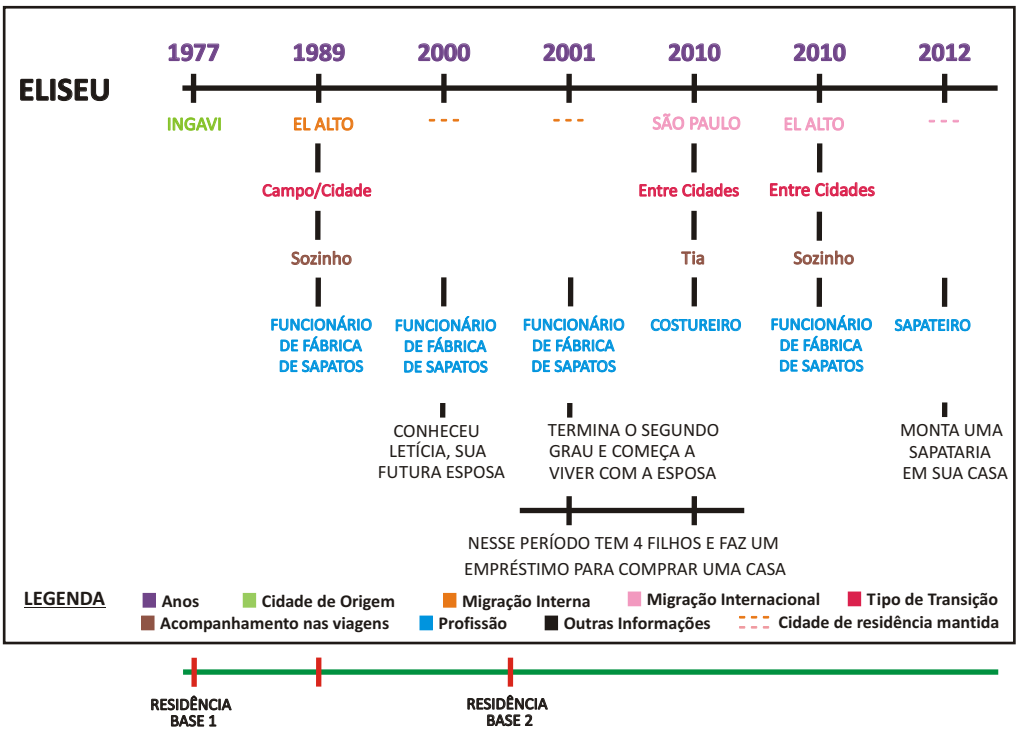


**Figura 26 - Linha da vida de Eliseu, do núcleo familiar do Mercado 16 de Julio de El Alto**



Além das redes de sociabilidade primárias, os anúncios de trabalho em busca de migrantes, independente de sua experiência na costura, também podem ser condutores de relações de exploração, seja nos circuitos de subcontratação desde as sociedades de origem, seja nas sociedades de destino, repondo, muitas vezes, de maneira ainda mais pungente, pois desvinculada das redes de sociabilidade estabelecidas no país de origem, no interior do mundo social das oficinas de costura bolivianas, vulnerabilidades constitutivas dos percursos sócio espaciais e laborais de núcleos familiares de migrantes rurais em busca de alternativas para a manutenção de suas residências base na Bolívia.

Em determinadas circunstâncias, inclusive, as migrações daqueles sem reservas financeiras para fazer a viagem e sem experiência laboral na atividade em que vão se inserir, em situações de extrema precariedade/vulnerabilidade nos locais de origem, podem, mesmo em família, não se constituir como um projeto propriamente, como vimos nos percurso anterior, a despeito de seu fracasso, assumindo, muito mais, um sentido de "forma de sobrevivência".

> "En enero me he vuelto a trabajar con él [su marido], cómo garantía me junté con él. (…) Y nos hemos decidido viajar para se olvidar de los problemas, porque no se podía (ya) era cómo traumar ahí. De ahí nos hemos ido a trabajar allá, era bien triste. En Chile hemos ido, en Chile hemos llegado, lo que tenía plata un poco que había sobrado, eso hemos gastado, triste! De ahí hemos ido a trabajar, mi familia me dijo 'yo voy a cuidar la guagua[254]'.De aquí nos hemos ido a este, un día hasta La Paz, de La Paz a Oruro, de Oruro a La Paz de vuelta, e de ahí hemos ido al Chile, de viaje fue un dia y medio, casi dos dias, ahí nos hemos quedado un día y una noche en Iquiqui, y de ahí nos hemos vuelto a salir, y como no había trabajo, nos hemos vuelto a Oruro, de Oruro a Cochabamba, de Cochabamba a Santa Cruz, mucha viajera. (…)Y no sabíamos en que trabajar allá, no conocíamos gente, de mi familia también me he despedido para ir a trabajar, y ¿con qué cara llegar aquí en Cochabamba? (…) De ahí hemos ido a Santa Cruz, en Santa Cruz buscamos trabajo y no queríamos entrar también con poco sueldo y no teníamos donde vivir y hemos ido hablar con una señora que estaba en un lugar, un taller, donde letreros había de que necesitaba para Brasil y a la señora hemos preguntado y a la tarde hemos ido e a la señora [a dona da oficina en SP] hemos encontrado ya" [ Sonia][255].

[254] "Wawa" significa bebê, criança.

[255] "Em janeiro, voltei a trabalhar com ele [seu marido], como garantia, eu me juntei com ele (…). E decidimos viajar para esquecer os problemas, porque não se podia, já era como traumatizar. Daí fomos trabalhar lá, era bem triste. (…) Para chile fomos, no Chile chegamos, o que tínhamos de dinheiro, o pouco que havia sobrado, isso gastamos, triste! De aí [Cochabamba] fomos trabalhar, minha família me disse 'eu vou cuidar do bêbê". Daqui fomos a este, um dia até La Paz, de La Paz a Oruro, de Oruro a La Paz de volta, e

Os percursos de Sonia, 28 anos e Rodrigo, 30 anos – atualmente, moradores da zona periurbana de Cochabamba, no bairro de Uspa Uspa[256], e donos de uma pequena oficina mecânica construída em frente a casa do irmão de Sonia – é paradigmática nesse sentido. Apesar de possuírem um plano, a principio, tratava-se de um plano tão vago e improvável que, ao final, se transformou em simples meio de sobrevivência.

A decisão de migrar ocorreu logo após o marido ter sofrido um acidente, por estar embriagado, com o automóvel que Sonia havia financiado para ele para que pudesse trabalhar na linha de "trufi" que fazia o percurso Uspa-Uspa-Centro. Além da perda do automóvel, ainda não pago, adquiriram uma grande dívida devido aos estragos que ele provocou nos carros de outras pessoas.

> "Ese terreno me vendí y del banco un préstamo me saqué y compré un auto para que él trabaje en la línea y el me pago mal, bien mal, se comportó mal, se chocó con un auto y esa plata se ha deshecho, del banco lo que me presté, perdí todo y aún mal, después del accidente, él se iba a tomar con chicas, con mujeres y ya me separé unos 4 mises así" [ Sonia][257]

Depois do acidente, o casal se separou e a decisão de migrarem juntos para encontrar uma forma de ganhar dinheiro que os possibilitasse pagar suas dívidas, ocorreu no momento de retomada do casamento. Para fazerem a viagem, deixaram o filho aos cuidados do irmão mais velho de Sonia e planejaram passar um ano fora trabalhando. Entretanto, não tinham contatos e nem redes sociais que pudessem mobilizar, apenas algumas ideias vagas

---

daí fomos ao Chile, de viagem foi um dia e meio, quase dois dias, aí ficamos um dia e uma noite em Iquique e, daí, voltamos a sair e como não haviatrabalho, voltamos a Oruro, de Oruro a Cochabamba, de Cochabamba a Santa Cruz, muita viajeira. E não sabíamos em que trabalhar, não conhecíamos gente e de minha família também me despedi para ir trabalhar, y com que cara chegar aqui em Cochabamba? (…) Daí fomos a Santa Cruz,em Santa Cruz buscamos trabalho e também não queríamos entrar com pouco salário, e não tínhamos onde viver e fomos falar com uma senhora que estava em um lugar, em uma loja, onde havia letreiros que necessitava [trabalhadores] para o Brasil e à senhora perguntamos e à tarde retornamos e encontramos com a senhora [dona da oficina de costura em São Paulo]" [ Sonia, tradução livre].

[256] Esse bairro é fruto de um processo de ocupação e, atualmente, ainda não possui sistema de saneamento básico etc

[257] "Esse terreno vendi e do banco saquei um empréstimo e comprei um automóvel para ele trabalhar na linha e ele me pagou mal, bem mal, se comportou mal, se chocou com um automóvel e esse dinheiro se desfez, do banco, o que eu emprestei, perdi tudo e, ainda, mal, depois do acidente, ele ia beber com outras mulheres e já me separei, uns quatro meses assim"[ Sonia, tradução livre].

sobre lugares em que, supostamente, haveria muitos trabalhos – dessa forma, saíram de Cochabamba e passaram por La Paz, Oruro, Iquique, no Chile, Cochabamba novamente e Santa Cruz, quando, finalmente, encontraram uma oferta de trabalho para uma oficina de costura em São Paulo, em um anuncio fixado na vitrine de uma loja, na rua.

Rodrigo e Sonia, provenientes de zonas rurais do departamento de La Paz e, praticamente, sem estudo[258], começaram a trabalhar ainda crianças e passaram por várias migrações internas até se estabelecerem em Cochabamba. Sonia, de 28 anos, é uma das filhas caçulas de um casal que teve 11 filhos. Nos anos 1980, em que nasceram, a Bolívia passava por um período de grandes crises socioeconômicas e políticas, conforme vimos acima, e os seus pais, como muitos outros camponeses nesse período, após algumas migrações temporárias para a cidade, acabaram abandonando definitivamente a zona rural de La Paz para tentar a vida em El Alto que, nessa época, crescia a uma taxa de mais de 9% ao ano.

> "Yo no me acuerdo que yo he nascido en El Alto, yo he nacido y nos hemos vuelto al campo, no me acuerdo. En el campo estaba y me acuerdo que yo pasteaba chanchito, yo debía tener unos 4 anitos así y mi papa nunca estaba en el campo, siempre en La Paz, no ve, mi mama, nomás, que iba sembrar y cosechar, mi mama era todo. Mis hermanos, así que ya no eran niños, se iban a trabajar, todos, y nos otros, con mi mama estábamos, entre cuatro, y ella cuando la invitaban a comer para nosotros nos traía a comer, para nosotros, y ella sin comer andaba (…) Éramos bien tristes digamos ¿no? (...) Pero después hemos venido a la ciudad [a El alto] (…) Ahí estábamos así tenía mis ocho anitos [cuando se mudaran para El Alto], y eh empezado a trabajar, a vender bolsas, bolsas vendía y así he crecido haciendo comercio" [Sonia][259].

[258] Em termos educacionais, os dois possuem o que, no Brasil, equivale ao ensino primário incompleto.

[259] Eu não me recordo que eu nasci em La Paz, eu nasci e voltamos ao campo, não me recordo. No campo, eu estava e eu me recordo que eu pastoreava os porquinhos, eu devia uns 4 anos aí. O meu pai nunca estava no campo, sempre em La Paz, não vê, minha mãe, não mais, que ia semear, colher, minha mãe era tudo. Meus irmãos, assim que já não eram mais crianças, iam trabalhar, todos, e nós, com minha mãe estávamos, entre quatro, e ela, quando a convidavam para comer, para nós nos trazia, e ela sem comer, andava. (…). Éramos bem tristes, digamos. Mas depois, viemos para a cidade [El Alto] (...). Aí estávamos, assim tinha meus oito anos [quando se mudaram para El Alto], e comecei a trabalhar, a vender bolsas, bolsas vendia e assim cresci fazendo comércio" [ Sonia, tradução livre].

As circunstâncias de insegurança alimentar vividas pela família induziram as crianças a abandonarem os estudos e a iniciarem a vida laboral muito cedo. Ao voltarem para El Alto, com a mãe trabalhando como comerciante de batatas e o pai como pedreiro, Sonia começou a trabalhar na cidade, aos 8 anos, como vendedora de bolsas e o comércio acabou se transformando em uma de suas principais atividades laborais ao longo da vida[260].

Rodrigo, o futuro marido de Sonia, de 30 anos – que também é proveniente da zona rural do altiplano andino, de Inquisivi, no cantão Cabari – embora possua uma origem rural mais estável, pois seu pai, sua mãe e um dos seus sete irmãos permanecem na zona rural, também não estudou. E, aos 12 anos, em 1993, decidiu migrar sozinho para El Alto, onde passou a exercer vários trabalhos temporários de ajudante (de pedreiro, de padeiro e de borracheiro), sem muito êxito o que o levou a retornar para a casa dos pais um ano depois.

> "En el campo lo más codiciado es la ciudad, por eso me vení y pensaba en trabajar bien. No he podido, sufrí arto, no había ayuda (…), salí con 12 años de la casa de mi padre, en 1993. Trabajé de ayudante de albañil me pagaban 10 bs. por día, luego entre a la gomeria, 2 semanas, porque había mucho maltrato, yo era muy pequeño y el dueño quería que yo alce o haga como ellos pero no podía porque era pesado de los camiones grandes. (…) Desde Zencata me venía hasta la Ceja[261] a pie en busca de trabajo, era escaso, ahora ya hay más bien por todo" [Rodrigo][262].

Conforme pudemos perceber ao longo do trabalho de campo, essas migrações internas, do campo para cidade, de jovens entre 12 e 15 anos, são bastante comuns e vem acompanhadas de relações laborais "cama adentro", em que se vive situações de extrema exploração, conforme vimos no percurso de Eliseu. O objetivo dessas migrações é, na maioria das vezes, o consumo, pois na zona rural do altiplano andino, conforme vimos,

[260] É interessante notar que, na Bolívia, o comércio é uma atividade, eminentemente, feminina, principalmente, entre as populações indígenas.
[261] Zencata é um bairro de El alto e a Ceja, é sua zona central.
[262] "No campo, o mais cobiçado é a cidade, por isso vim e pensava em trabalhar bem. Não pude, sofri muito, não havia ajuda (…), saí com 12 anos da casa de meu pai, em 1993. Trabalhei de ajudante de pedreiro, me pagavam 10 bolivianos por dia, logo, entrei na borracharia, duas semanas, porque havia muito maltrato, eu era muito pequeno e o dono queria que eu pegasse coisas ou fizesse como eles, mas eu não podia porque era pesado, dos caminhões grandes. (…) Desde Zencata, vinha até a Ceja a pé em busca de trabalho, era escasso. Agora, já há mais [trabalho] por todos os lugares" [ Rodrigo, tradução livre].

graças à aridez do solo e das condições climáticas, o trabalho agrícola é, na maioria das vezes, um meio de subsistência em um ambiente econômico baseado em relações de troca, em que o dinheiro praticamente não circula, conforme também vimos na narrativa de Eliseu.

Rodrigo saiu do campo com a mesma idade de Eliseu, mas não teve a mesma possibilidade de permanecer na cidade e acabou retornando um ano depois à casa dos pais. Em seu retorno à Inquisivi, em 1994, Rodrigo foi trabalhar em atividades de auxilio geral na Empresa Minera Colquiri – que, além do salário, oferecia alojamento e alimentação. Permaneceu nessa mineradora durante dois anos até entrar no exército, aos 17 anos[263]. E apesar de ter se inscrito no quartel de La Paz, Rodrigo foi enviado a Cochabamba para servir o exército, em 1998.

Em 1998, Sonia também fazia sua primeira viagem migratória a Cochabamba, com sua irmã mais velha, Mônica. Nessa época, Sonia trabalhava em uma loja em El Alto com outra irmã com quem se desentendia muito e, por isso, aceitou o convite de Mônica que já trabalhava como empregada doméstica. Em Cochabamba, Sônia trabalhou em um supermercado e, depois, como empregada doméstica, durante três anos, na casa de uma senhora de Santa Cruz.

Em sua primeira viagem à Cochabamba, Rodrigo permaneceu apenas um ano, o tempo do exército, retornando, em 1999, à casa dos pais e, posteriormente, ao trabalho na Mineria Colquiri. Entretanto, um ano depois de retomar suas atividades em Colquiri, em 2001, Rodrigo decide voltar para Cochabamba para tentar se inserir na área de segurança privada, seguindo o mesmo percurso de outros amigos seus que também haviam saído do exército.

Em Cochabamba, em 2001, Rodrigo conheceu Sônia na primeira casa em que foi trabalhar como segurança particular. Sônia era uma das empregadas domésticas da casa. A saída desse trabalho e o retorno a El Alto, em 2002, aos 18 anos, marca, no percurso de

[263] A entrada no exército é um momento muito importante da vida dos jovens "indígenas/ camponeses". Os homens que não entraram no exército são extremamente mal vistos e após o fim do serviço militar, as famílias fazem uma grande festa para comemorar o retorno do filho.

Sonia, o início de sua vida acompanhada de Rodrigo. Os dois saíram "de ocultito" porque Sonia não tinha coragem de dizer a sua patroa que iria embora[264].

> "Esa señora [a dona da casa em que trabalhava] bien me trataba. Ella me trataba cómo a su hija, y yo desde chiquitita que nadie me trataba bien – ni mi papa, ni mi mama – y ella más mejor que mi mama y mi papa mi trataba. Era bien buena y mi ha puesto al CEMA[265], ahí aprendi a leer. (…) me junté con el [Rodrigo], me he salido, de ocultito me he ido, y esta señora hasta ahora me da pena, me he ido sin decir-le nada, por miedo. (…) nunca ha dejado que yovaya, por eso" [Sonia][266]

A vida conjunta do casal iniciou de maneira bastante tumultuada, pois Sonia ficou grávida assim que chegaram a El Alto e Rodrigo não conseguiu se manter em um trabalho estável, circunstância que o levou a sair de El Alto e tentar a vida sozinho nos Yungas[267]. Durante um ano, Sonia ficou sem noticias de Rodrigo e teve que cuidar de seu filho sozinha, trabalhando na mesma loja em que trabalhou quando era criança, vendendo bolsas.

> "Yo tuve mi hijito y él se ha ido a trabajar en Yungas, creo, se ha perdido, un año, yo no sabía nada del. De ahí mi hijo ya era grandito, igual he sufrido, mi hijo era bien travieso, varonzino, igual trabajava, donde yo trabajaba de chiquita, ahí mismo. (…) [cuando Rodrigo retornó] Y yo ya no quería volver con él, tenía mi hijito y mi hijito no reconocía a él, mi hijito ya un año tenía" [ Sonia][268].

[264] Circunstância que, conforme vimos acima, reflete o paternalismo das relações entre a elite branca/crioula e as classes populares/indígenas.
[265] O nome que se dá a um curso supletivo.
[266] "Essa senhora [dona da casa em que trabalhava] me tratava bem. Ela me tratava como a uma filha e eu que desde pequena ninguém me tratava bem – nem meu pai, nem a minha mãe – e ela muito melhor que a minha mãe me tratava. Era muito boa e me colocou no CEMA, aí aprendi a ler. (...) me juntei com ele [Rodrigo], e saí, escondida me fui, e esta senhora, até agora me dá pena, fui sem dizer-lhe nada, por medo (...) nunca teria deixado que eu fosse, por isso" [Sonia, tradução livre]
[267] Nesse período em que chegaram a El Alto até sua partida ao Yungas, Rodrigo trabalhou de ajudante de pedreiro, em borracharia e como "voceador de minibus" [ou seja, como aquela pessoa que fica gritando o nome dos lugares para onde a van está indo. Em La Paz e El Alto, o "trufi" de Cochabamba se chama "minibus"].
[268] Eu tive meu filhinho e ele [o marido] foi trabalhar nos Yungas, acho, ele se perdeu, por um ano, eu não sabia nada dele. Daí meu filho já era grandinho, igual, sofri, meu filho era bem travesso, menino, igual trabalhava, no mesmo lugar em que trabalhei quando eu era pequena, aí mesmo (…) [quando Rodrigo retornou] eu já não queria voltar com ele, tinha meu filhinho e o meu filhinho não o reconhecia, meu filhinho já tinha um ano" [ Sonia, tradução livre].

Apesar da resistência inicial, Sonia acabou aceitando seu marido de volta e os dois decidiram voltar para Cochabamba, no mesmo ano de seu retorno, em 2004. Em Cochabamba, no primeiro ano, enquanto Sonia trabalhava como boleteira[269] na prefeitura e, depois, como vendedora de "Chicharron de Pollo"[270], na Cancha, com sua irmã, Rodrigo, depois de trabalhar alguns meses como pedreiro, retornou à empresa de segurança privada em que havia trabalhado anteriormente. Ainda nesse primeiro ano em Cochabamba, incentivada por seus colegas da prefeitura, Sonia começou a participar de um processo de assentamento dos terrenos no Km 10 da Avenida Petrolera e, depois de três meses, conseguiu dois terrenos no bairro periurbano de Uspa Uspa.

E meio a um período de prosperidade, em que o casal conseguiu construir uma casa e agrupar, em Cochabamba, a família de Sonia[271], em 2006, Sonia vendeu um dos terrenos conseguidos e com o dinheiro da venda e mais um empréstimo no banco, comprou um automóvel. E em 2010, o marido sofreu aquele acidente que os direcionaria, ao final de inúmeras outras tentativas, para o mundo social das oficinas de costura bolivianas na cidade de São Paulo.

A negociação realizada pelo casal com a dona de uma oficina de costura, uma boliviana que conheceram em Santa Cruz por meio de um anúncio afixado em uma loja, era a de que trabalhariam em sua oficina por um ano e, ao longo desse período, seriam realizados descontos graduais nos salários do casal para o pagamento da viagem. Apesar de possuírem irmãos que trabalham com costura[272], não haviam adquirido habilidades[273], o que não impediu Rodrigo de iniciar como costureiro, depois de receber algumas instruções, e Sônia como cozinheira e ajudante de costura.

---

[269] Uma espécie de vendedora de zona azul.

[270] "Chincharron de Pollo" é uma comida boliviana.

[271] Atualmente, de seus 7 irmãos ainda vivos, 5 estão em Cochabamba, uma permanece em La Paz trabalhando com comércio e outra está em Buenos Aires trabalhando com costura.

[272] Rodrigo possui um irmão com uma oficina em São Paulo e Sonia, possui três irmãos que tem, em sociedade, uma oficina de costura em Uspa-Uspa e uma irmã que trabalha com costura em Buenos Aires.

[273] Conforme recordaSonia, suairmãjáhavia insistido que aprendesse, mas elanão se interessava - "nunca he trabajado con costura, mi hermana tiene taller aquí, y me decía, aprende, ayuda-me y yo nunca quería saber de ayudar, no me gustaba costura" [ Sonia].

Após a negociação, em Santa Cruz, a dona da oficina retornou diretamente a São Paulo e o casal fez a viagem para o Brasil pelo Paraguai, em janeiro de 2011. Para fazer a viagem, sem documentação, de Santa Cruz até São Paulo, o casal demorou por volta de 5 dias e utilizou três ônibus diferentes[274]. A dona da oficina dava as instruções ao casal a respeito dos ônibus que deveriam pegar por telefone e eles deveriam apenas entrar nos ônibus indicados, sem pagar nada, o acerto financeiro seria feito pela própria dona da oficina, depois que chegassem a São Paulo.

Entre o primeiro trajeto (de Santa Cruz à Assunção, no Paraguai) e o segundo (de Assunção até a fronteira com o Brasil) esperaram um dia e meio e, na fronteira com o Brasil, esperaram mais dois dias para seguir viagem.

> Estábamos esperando para pasar porque varias gentes que han entrado por Corumba, por ejemplo, no ve, han vuelto a salir y que no podían por eso ingresar por ahí y había mucha gente boliviana que estaban transladando-se por Paraguay. Y por ejemplo, la empresa que estaba nos levando tenía que nos hacer pasar si o si al Brasil. Entonces espera banel momento más seguro [Rodrigo][275].

Depois de realizada a passagem pela fronteira, o casal entrou em outro ônibus, da fronteira até a cidade de São Paulo. Encontramos, ainda, durante o trabalho de campo, outra narrativa mais detalhada sobre a viagem realizada pelo Paraguai, em 2008, com esse tipo de ônibus fretado por donos de oficinas de costura, de Joseph e seu cunhado, dois jovens costureiros de Cochabamba.

[274] Conforme pudemos compreender a partir das descrições dadas por Rodrigo e Sonia e por outros entrevistados que também viajaram dessa forma, esses ônibus seriam fretados para levar, principalmente, bolivianos, mas também peruanos, paraguaios e equatorianos para o trabalho nas oficinas de costura em São Paulo, e seriam pagos por vários donos de oficinas, constituindo um sistema relativamente autônomo.

[275] "Estávamos esperando para passar porque varias pessoas que haviam entrado por Corumbá, por exemplo, retornaram e não podíam, por isso, ingressar por aí e havia muita gente boliviana que estavam se deslocando pelo Paraguai. E, por exemplo, a empresa que estava nos levando, tinha que nos fazer passar para o Brasil ou sim ou sim. Então, esperavam o momento mais seguro" [Rodrigo, tradução livre]

> El viaje era bien largo (…) la flota que hemos viajado, nos han dicho, los de la empresa, 'en hotel van a dormir', que 'les voy a dar almuerzo y cena'. Todo así nos ha comprometido, pero, al último, nada pues. Nada. Así por así hemos viajado. Para Paraguay hemos viajado, Paraguay hemos llegado y, en el Paraguay, hemos pagado, al entrar, 20 dólares, cada uno, para pasar la frontera. Hemos ido a una casa nomás, una casa así normal, digamos ¿no? (…) Había peruanos, peruanos había, bolivianos, peruanos, toda clase de gente, paraguayos también había para ir a San Pablo pero. En nuestro cuarto, había dos peruanos, bolivianos y un ecuatoriano también, un colombiano también había. Sólo era un cuarto pequeño ahí dormíamos entre artos, por lo menos unos 10 personas así en un cuarto nomás. Al piso, de todo lado, nos hemos dormido ahí. (…) Éramos artos pues, por lo menos 30 personas éramos que querían viajar. Primero éramos 20, pero de cada día, otras personas vienen y poco a poco se ha ido aumentando. Después de eso, claro, nos dijeron 'no van a ir afuera' y todo eso (…) de ahí [Assunção] ya nos hemos ido, estábamos como dos días nomás, de ahí nos fuimos a la frontera Brasil y Paraguay. Caballeros, Pedro Caballero se llama. Ahí estábamos tiempo, ahí como 5 días estábamos. Hemos llegado, pero ya no había un cuarto, había una flota viejo con camas, ahí hemos dormido, en flota viejo sin ventanas. Ahí hemos dormido en colchón ¿no?, frio, el frio era fatal siempre (…). La cosa es que nosotros hemos entrado como chutos, ¿no? (…) pero todos íbamos para confección únicamente, a diferentes lugares, pero. Mi cuñado y yo nomás hemos ido a ese lugar, otros a diferentes lugares. De una vez que llegamos a Barra Funda, llaman a sus dueños, llaman y dicen 'ya llegado tu trabajador'. Entonces, el dueño viene a recoger a unos dos personas se los lleva y otro llega también se lo lleva. Así, uno por uno, despachan de la flota. Pagan lo que se debe, han aumentado todavía, pero no sé cuánto aumentó y recién nos han soltado [¿Pero usted para hacer este viaje cuanto pagaste?] 400 reales cada uno [Joseph][276].

[276] "A viagem era bem cumprida (...) o ônibus que viajamos, nos disseram, os da empresa, 'vão dormir em hotel', 'vou dar almoço e janta'. Tudo assim, se comprometeram, mas, no final, nada. Nada. Assim por assim, viajamos. Para o Paraguai viajamos, no Paraguai chegamos e no Paraguai pagamos, ao entrar, 20 dólares cada um, para passar a fronteira. Fomo a uma casa, não mais, uma casa assim, normal, digamos (...). Havia peruanos, peruanos havia, bolivianos, peruanos, todo tipo de gente, paraguaios também havia, para ir a São Paulo. No nosso quarto, havia dois peruanos, bolivianos e um equatoriano também, um colombiano também havia. Era um quarto pequeno, aí dormíamos entre muitos, pelo menos umas 10 pessoas assim, em um quarto. No chão, por todos os lados, dormimos aí. (…) Éramos muitos, pelo menos, 30 pessoas éramos que queríamos viajar. Primeiro, éramos 20, mas, a cada dia, outras pessoas vinham, e pouco a pouco foi aumentando. Depois disso, claro, nos disseram 'não vão sair para fora' e tudo isso (...). De aí já fomos, estávamos, como dois dias não mais, de aí fomos até a fronteira do Brasil com o Paraguai. Caballeros, Pedro Caballeros se chama. Aí estávamos bastante tempo, como uns 5 dias estávamos. Chegamos, mas aí já não havia quartos, havia um ônibus velho com camas, aí dormimos, no ônibus velho sem janelas. Aí dormimos, em colchão, frio, o frio era fatal sempre (...) . A coisa é que entramos como ilegais (…) mas todos íamos para a confecção unicamente, mas a diferentes lugares [ diferentes oficinas de costura]. Apenas eu e o meu cunhado fomos a esse lugar [a essa oficina de costura], os outros foram a diferentes lugares. Assim que chegamos a Barra Funda, chamam seus donos, chamam e dizem 'o seu trabalhador já chegou'. Então, o dono vem buscar a uma ou duas pessoas e os leva e outro chega também e os leva. Assim, um por um, despacham do ônibus. Pagam o que se deve, aumentaram ainda, mas não sei quanto aumentou, e após nos soltaram. [Mas quanto você pagou para fazer essa viagem?] 400 reais cada um" [Joseph, tradução livre].

A partir dessas descrições, temos a impressão de que estarmos diante de uma fronteira extremamente perigosa e difícil de passar. E, essa explicação de Joseph a respeito do desembarque final, em que cada um ou dois trabalhadores se dirige para uma oficina de costura diferente, nos faz lembrar os senhores de escravos: os donos das oficinas de costura indo buscar suas mercadorias entregues pelo motorista do ônibus que, ainda, antes de entregar, recebia mais um dinheiro pelos gastos extras. Entretanto, depois dessa longa viagem, em que foram mal tratados e se sentiram extremamente amedrontados, as descrições de Joseph e seu cunhado sobre a experiência laboral na cidade de São Paulo, circulando por várias oficinas até encontrar uma cujas condições de trabalho e remuneração considerassem justa, nos ajudam a lembrar de que não se trata de escravos, mas de trabalhadores, a princípio, temporários, com o objetivo de receber pelo trabalho realizado e juntar dinheiro para enviar para a Bolívia. De todo modo, tendo em vista as outras 30 narrativas sobre a viagem migratória, realizada, na maioria das vezes, com ônibus de linha, essas circunstâncias não parecem ser a regra e as fronteiras latino americanas não parecem ser tão perigosas[277].

No percurso de inserção no mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino, após uma longa viagem, o casal Rodrigo e Sônia permaneceu apenas três meses na oficina da mulher que os havia contratado desde Santa Cruz, rompendo, dessa forma, com o acordo inicial de que iriam permanecer por um ano. Essa decisão do casal foi tomada após perceberem, na medida em que foram adquirindo confiança para passear pelos lugares da comunidade boliviana na cidade aos finais de semana – como, por exemplo, a Praça Kantuta e a Rua Coimbra – que o salário era muito baixo e que as condições de trabalho eram ruins[278].

[277] Certamente, os donos das oficinas de costura que querem contratar trabalhadores dóceis e os donos dos ônibus que realizam essas viagens clandestinas prefeririam que as condições fossem ainda mais difíceis e devem contribuir para dificultar bastante o percurso, tendo em vista, entre outras coisas, amedrontar os futuros costureiros para cobrar mais caro pelo serviço. Lembrando que com menos de 400 reais cada um, os dois poderiam ter feito a viagem de avião, em três horas, de Cochabamba a São Paulo.

[278] Sonia trabalhava como cozinheira e ajudante de costura e recebia o equivalente a 600 bolivianos por mês (cerca de 90 dólares) e Rodrigo ganhava o equivalente a 300 bolivianos por mês – o salário do casal era ainda mais reduzido, devido aos descontos pelo financiamento da viagem. Devido a todas essas reduções não conseguiam enviar dinheiro para o seu filho.

> "Y en Kantuta, nos han comentado, "no, que están ganando poco", o sea, que la prenda que hacíamos no era su precio. Como, nosotros, era la primera vez que estábamos entrando, ella [a dona da oficina] nos engañaba algo por ahí" [Rodrigo][279].

Encontramos, conforme indicamos acima, em muitas narrativas, essa percepção, no caso dos que não possuíam experiência anterior no trabalho da costura, ao chegar às cidades de destino, do engano. A percepção de que as condições de trabalho e o pagamento eram inferiores ao que comumente se recebe para a realização do mesmo trabalho nas cidades de destino. Eliseu, conforme vimos, também percebeu esse engano enquanto trabalhava na oficina de costura de seus familiares, mas por questões morais não se sentia apto a romper com seus familiares em busca de melhores condições de trabalho.

Ademais da questão do engano, a partir do percurso de Sonia entramos em contato com o trabalho das cozinheiras e ajudantes das oficinas de costura que, conforme pudemos perceber em outras narrativas de mulheres que se inseriram nesse mundo social sem saber costurar, trata-se de um trabalho ainda mais cansativo e mal remunerado que o de costureiro. A cozinheira tem que preparar todas as refeições e limpar a cozinha, acordando antes dos costureiros e indo dormir depois e, entre as refeições, auxiliar os demais costureiros, recebendo para tanto um salário mensal fixo independente do esforço que faça que, no caso de Sônia ainda era maior do que o do marido que recebia por peça costurada, pois ele ainda não sabia costurar direito.

[279] "E na Kantuta, comentaram conosco, 'não, que vocês estão ganhando pouco', ou seja, que a peça que fazíamos não era o seu preço. Como nós, era a primeira vez que estávamos entrando, ela [a dona da oficina de costura] nos enganava algo por aí" [ Rodrigo, tradução livre].

> "En la mañana, a las 6, me salía a levantar. Y tenía que colocar desayuno para los trabajadores. De ahí, desde las siete, entramos a trabajar: yo tenía que deshilar porque era ayudante de costura. Desde las diez, hacía almuerzo ya y, después, cocinaba hasta las 12hs, almorzaba y, a las 13hs, ya volvía a trabajar de ayudante de costura. Y, después, a las 6 servíatezito y tenía que volver de nuevo de ayudante hasta las 8, cuando tenía que volver a cocinar hasta las diez e, después, que cenaban, yo tenía que lavar el servicio hasta las 12, 12h30 y sólo después descansaba. Era mucho trabajo. Y aún tenía que limpiar el taller y para su hija tenía que lavar ropa. Acá ganaba más vendando "chincharron de pollo", ganaba unos 100, 150 bolivianos por día, aquí, sin sacrificar-me, a las 4 salía vender hasta las 8 de la noche. Ahí era bien triste"[280][Sonia].

A mudança de oficina de costura foi possível graças à indicação de uma boliviana que conheceram na primeira oficina[281]. A amiga indicou a oficina de seu primo, que assumiu a dívida do casal, para que pudessem sair da oficina anterior. Nessa segunda oficina, as condições de trabalho e o salário eram um pouco melhores[282]: Sonia pôde entrar como costureira overloquista (costureira da máquina chamada overloque), pois havia aprendido a costurar na primeira oficina[283]; e Rodrigo, como retista (costureiro da máquina reta) – porém, o local de trabalho e moradia era um galpão alto e muito frio.

Enquanto trabalhavam nessa oficina, o irmão de Sonia, João, oficinista, na Bolívia, que já tinha ido a São Paulo para trabalhar na costura durante o ano de 2008, chegou

[280] "Pela manhã, às 6h, saía a levantar. E tinha que colocar café da manhã para os trabalhadores. Daí, desde às 7h, começamos a trabalhar: eu tinha que desenredar fios porque era ajudante de costura. Desde às 10hs, fazia o almoço e, depois, cozinhava até às 12hs, almoçava e, às 13hs, voltava a trabalhar como ajudante de costura. E, depois, às 18hs servia chá e tinha que voltar, de novo, como ajudante até as 20hs, quando voltava a cozinhar até as 22hs e, depois, jantavam, eu tinha que lavar a louça até as 24hs, 24h30 e somente depois descansava. Era muito trabalho. E, ainda, tinha que limpar a oficina de costura e para a sua filha [filha da dona] tinha que lavar roupa. Aqui, eu ganhava mais vendendo 'chincharron de pollo', ganhava uns 100 a 150 bolivianos por dia, sem sacrificar-me, as 16hs saia vender até as 20hs. Ai era bem triste" [ Sonia, tradução livre].

[281] Conforme considera Rodrigo – "Yo ya era capacitado en la costura y ella también tenía capacitado, ya no era más cocinera, era overlokista, y yo quería ganar un poco mas de las prendas y por eso nos venimos a Belenzinho".

[282] Cada um ganhava, em média, o equivalente a 400 reais.

[283] "(…) porque yo quería aprender a costura, no era tan sacrificio que a la cocina que yo tenía que hacer, que alguién tenía que ser cocinera y que me alcancen, alguien tenía que me alcanzar, por que ser cocinera tengo que servir lo tezito [chá], tengo que cocinar, tengo que lavar los servicios, era muy sacrificio para mi y por eso he aprendido a costurar [cozer]" (Sonia).

para trabalhar junto com eles[284] e convenceu Sonia a se mudar para uma oficina que oferecesse melhores salários. Nesse momento, Sonia se separou de Rodrigo e foi somente com João para outra oficina[285]. Conforme nos relata João que, graças a sua experiência como costureiro na Bolívia e em São Paulo, sabia preços e formas de encontrar trabalho:

> "Yo mismo fue a buscar digamos, o sea, nos hemos retirado ese día mismo que la busqué, ese día mismo (…). Un día domingo, digamos – ya fui, bajé unas etiquetas[286], unos 5 y fuimos a unas 4 casas (…) pero no nos ha convencido, era también poco pagado: camisa, un real, no convenía. Yo ya sabia cuanto era el precio, todo eso (…). Y, entonces, Belenzinho. Por eso ese día mismo me encontré, justo, yo tenia mi pasaje de vuelta en un mes y quería vendérmelo mi pasaje. Y entré a la agencia y justo ahí una señora estaba colocando un anuncio y le charlé, le pregunte si necesitaba trabajador, 'si estoy buscando así', me dijo. Entonces, ese día mismo, nos fuimos con mi hermana nomas y mis equipajes deje ahí en la tienda. Nosotros nomas, éramos, pues: yo, mi hermana y el dueño, eso nomas trabajábamos. Era bien, ni tan bien, poco era, nos ha mentido, digamos, porque nos ha dicho "les voy a pagar 3 reales, 4 reales, así", pero, cuando llegado el momento, nos dice "4 reales es para mi y para ustedes la cuarta parte", ya ha descontado [João][287].

Devido à dificuldade de encontrar melhores opções de trabalho e, principalmente, devido ao fato de Sonia ter deixado um filho em Cochabamba, que estava sendo maltratado, pois ela nunca havia mandado o dinheiro prometido para que seus irmãos pudessem

---

[284] Conforme foi possível compreender ao longo de conversas informais com João, apesar de, a princípio, ter dito que decidiu voltar a São Paulo "porque sentia falta da comida" – resposta que não correspondia a seriedade e gravidade com que lida com os assuntos familiares – ao final, soubemos, que seu principal objetivo era encontrar a sua irmã e convencê-la a voltar para Cochabamba– principalmente, por causa de seu filho que já estava sendo um pouco maltratado pela família do seu irmão que não estava recebendo o dinheiro combinado para cuidar dele.

[285] Esse é um assunto muito delicado e nem Sonia e nem João quiseram comentar o que se havia passado.

[286] Esta se referindo aos anúncios de trabalho que são afixados em vários estabelecimentos comerciais bolivianos.

[287] "Eu mesmo fui buscá-la, ou seja, nos retiramos no dia mesmo em que a busquei, esse dia mesmo (…).Um domingo, digamos, - já fui, baixei umas etiquetas, umas 5 e fomos a umas 4 casas (…) mas não nos convenceu, o pagamento era baixo: camisa a um real, não nos convinha. Eu já sabia qual era o preço, tudo isso. (…) E, então, Belenzinho. Por isso, esse dia mesmo me encontrei, justo, eu tinha minha passagem de volta em um mês e queria vender a minha passagem. E entrei na agência e, justo aí, uma senhora estava colocando um anúncio e lhe falei, lhe perguntei se necessitava de trabalhador, 'sim, estou buscando assim', me disse. Nós, somente, éramos, pois: eu, a minha irmã e o dono, somente nós trabalhávamos. Era bom, nem tão bom, pouco era, nos mentiram, digamos, porque nos disseram 'vou te pagar 3 reais, 4 reais, assim', mas quando chegou o momento, nos disse '4 reais é para mim e para vocês a quarta parte", já descontou" [ João, tradução livre].

arcar com as despesas de seu filho, João convenceu Sonia a retornar para Cochabamba e, uma semana depois, ele também retornou.

> "(…) pero ella le mande ya. Después de que trabajó un mis, ya le mandé, ya le despaché. Yo me quedé, todavía, ahí como nos ha ido mal, le despaché, pues tiene un hijo aquí. Ella, entonces, sufría, le despaché. Ya, le dije, "no, anda-te, nomas, vos", le dije y le despaché. Una semana a más me quedé y, después, me vine también" [João][288].

> "Yo me vine por mi hijo. Quería volver,[ao Brasil] pero ya no ha sido así. Cuando llegué, mi hijo me recibió llorando y me dijo "nunca más te va a ir". También, mis familiares, porque recién de grande estamos juntos[289], pero quisiera regresar [ao Brasil] con mi hijo, todos juntos es muy lindo" [Sonia][290].

O marido de Sonia permaneceu em São Paulo por mais 6 meses e passou por mais outras três oficinas. A última oficina, onde permaneceu por apenas um mês, era de seu irmão que, de acordo com ele, o recebeu muito bem e lhe pagava um excelente salário. De todo modo, Rodrigo retornou a Cochabamba, no começo de 2012, sem ter juntado nada e, apesar de afirmar que somente voltou a Bolívia para buscar sua família e que seu irmão o esperava, não retornou ao Brasil. E, atualmente, a família não possui perspectivas concretas nesse sentido, apesar de manifestarem o desejo de voltar.

[288] "(...) mas ela a mandei já. Depois de ter trabalhado um mês, já a mandei, já a despachei. Eu fiquei, todavia, aí como nos foi mal, a despachei porque ela tinha um filho aqui. Fiquei uma semana a mais e, depois, vim também" [ João, tradução livre].

[289] Está se referindo ao reagrupamento familiar possibilitado pela conquista de terrenos no bairro de Uspa Uspa, na zona sul de Cochabamba.

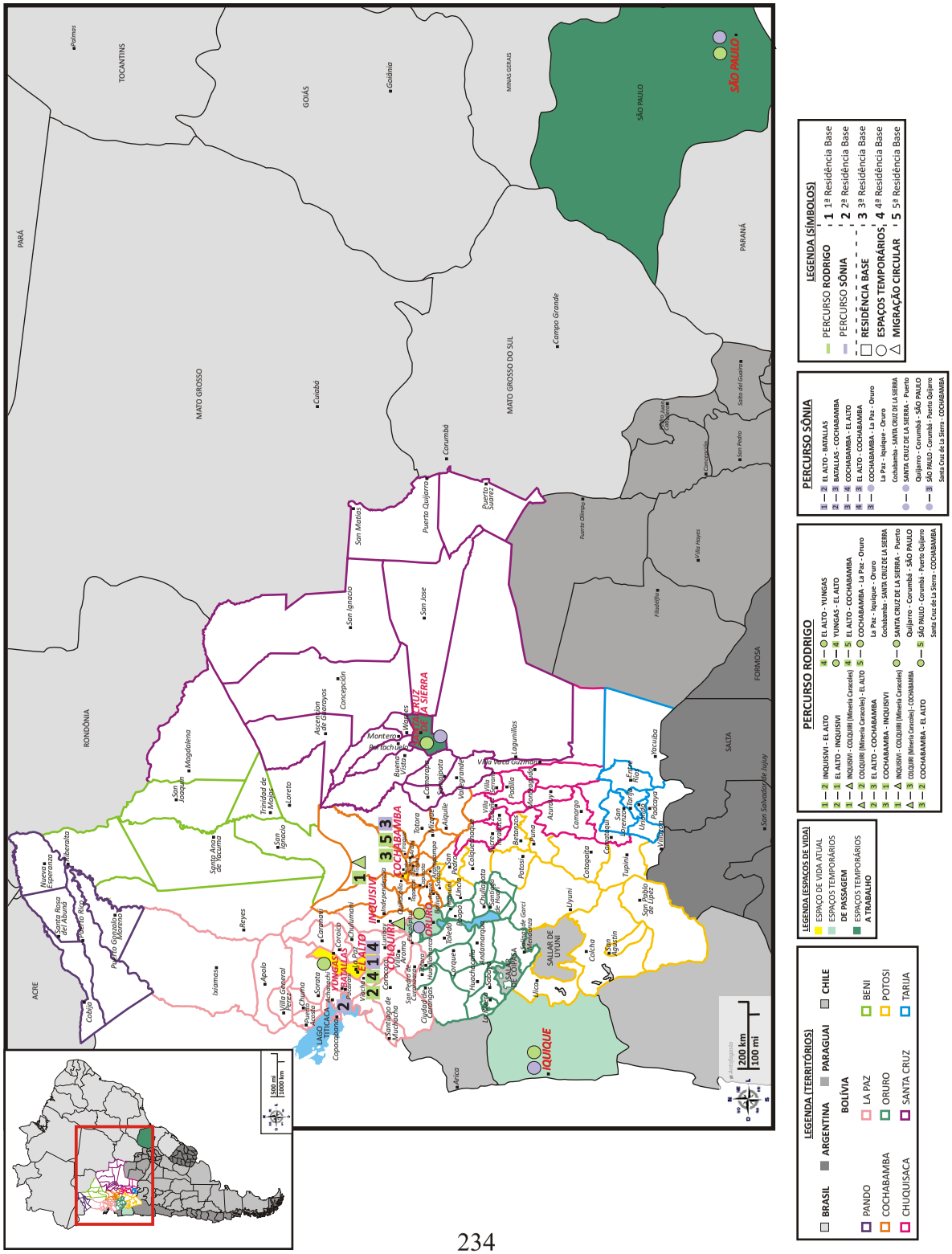
[290] "Eu vim aqui pelo meu filho. Eu queria voltar [ao Brasil], mas já não há sido assim. Quando cheguei, meu filho me recebeu chorando e me disse 'nunca mais você vai ir embora". Também meus familiares, porque depois de adultos estamos juntos, mas quero voltar [ao Brasil] com o meu filho, todos juntos, é muito lindo"[ Sonia, tradução livre].

"Y ahí, me vine aquí. Quería volver [ao Brasil], pero no me ha dado tiempo. He vuelto a trabajar aquí, en la línea, como chófer[291], pero no me gusta eso de estar trabajando para otra persona. Y, por eso, me compré ese [a oficina mecânica]. Pensaba en volver [ao Brasil] porque tenia muchas deudas por lo del accidente, necesitaba como 30 mil bolivianos. Pero, a veces, volverte y ya no es lo mismo. Podemos volver, pero, lo que pasa es que ahorita no, pero estoy contactando con mi hermano menor. [Rodrigo][292].

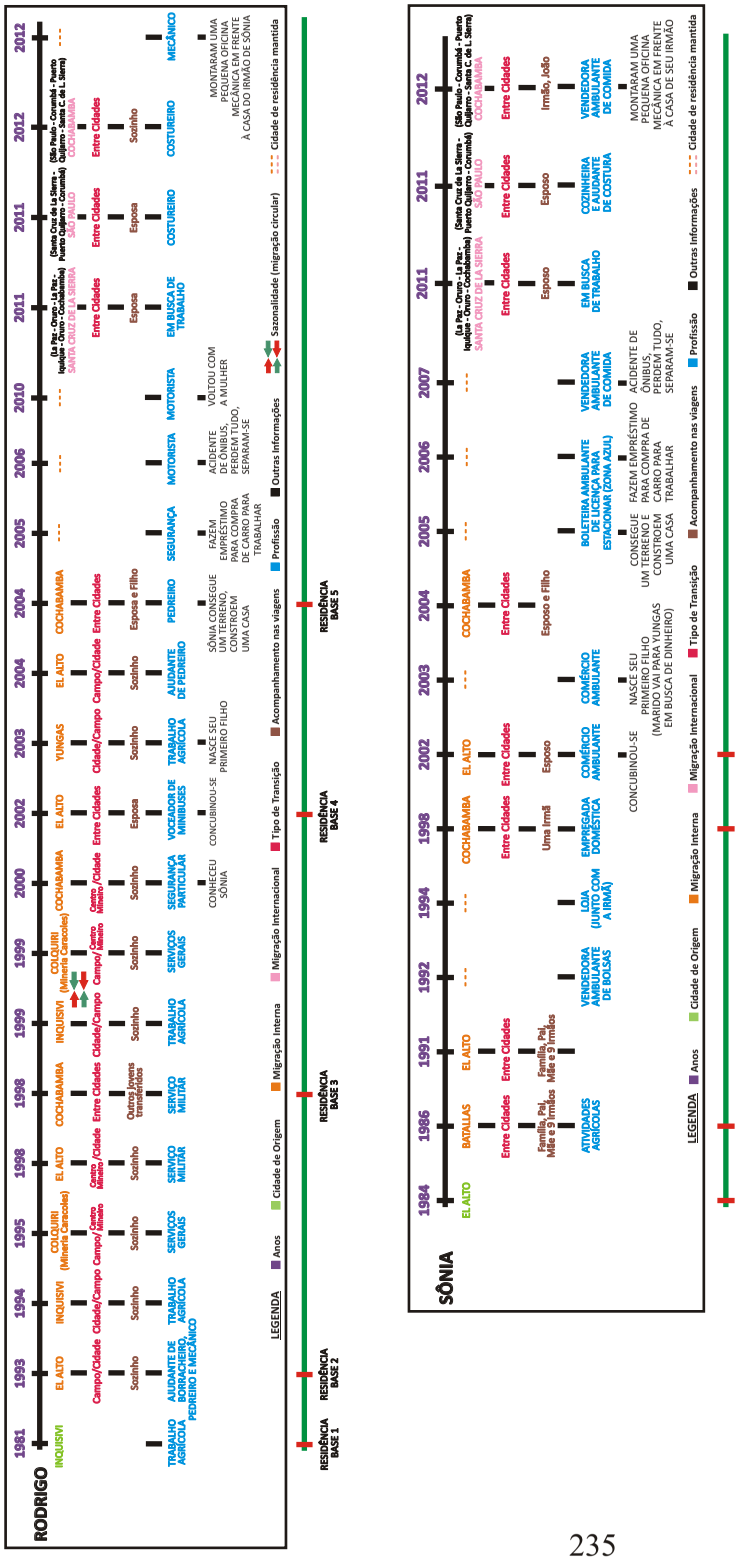
[291] Voltou a trabalhar como motorista de um "taxi-truffi", mas como empregado e não como autônomo.

[292] "E, aí, eu vim aqui. Queria voltar [ao Brasil], mas não tive tempo. Voltei a trabalhar aqui, na linha, como motorista, mas eu não gosto disso de estar trabalhando para outra pessoa. E por isso comprei esse [a oficina mecânica]. Pensava em voltar [ao Brasil] porque tinha muitas dívidas devido ao acidente, necessitava como que 30 mil bolivianos. Mas, às vezes, voltas e já não é mais o mesmo. Podemos voltar, mas o que passa é que agora não, mas estou entrando em contato com o meu irmão maior" [Rodrigo, tradução livre].

**Figura 27 - Espaços de vida e residências base de Rodrigo e Sônia, do núcleo familiar do bairro Uspa Uspa, de Cochabamba**



## Figura 28 - Linhas da vida de Rodrigo e Sônia, do núcleo familiar do bairro Uspa Uspa, de Cochabamba



Nos percursos de Eliseu, por um lado, e de Sonia e de Rodrigo, por outro, encontramos núcleos familiares de migrantes internos, provenientes das zonas rurais, que, em determinado momento de seus percursos de vida, abandonaram suas residências base iniciais, estabelecendo um novo núcleo familiar nas zonas periurbanas dos centros urbanos de destino. Esses migrantes que, na zona rural, tradicionalmente, exercem atividades laborais de auxilio às atividades econômicas familiares desde a infância, repõem no mundo urbano o mesmo padrão, iniciando a vida laboral em atividades precárias, como o comércio ambulante, a fabricação de sapatos e o auxílio em oficinas mecânicas ou borracharias. E, nos casos em que a migração foi realizada individualmente, em trabalhos que fornecem moradia, "cama adentro".

Entretanto, embora possuam percursos familiares bastante semelhantes com o estabelecimento efetivo de uma nova residência base nos centros urbanos de destino na Bolívia e, após a experiência laboral no mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino, não tenham conseguido nada (nem dinheiro suficiente para a realização dos objetivos iniciais, nem o aprendizado de um ofício a ser retomado nas cidades de origem), enquanto, na experiência de Eliseu, embora em circunstâncias precárias, existia um projeto, na experiência de Rodrigo e de Sonia, a vulnerabilidade em que se encontravam era tão pungente no momento da inserção no mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino que, ao invés de falarmos de projeto, nos parece mais plausível falarmos de forma de sobrevivência.

Nesses percursos, as redes familiares assumiram papéis e sentidos diversos: enquanto, no percurso de Eliseu, foram mobilizadas para a inserção na costura em São Paulo e, ao invés de serviram de ponto de apoio, foram utilizadas como forma de legitimação moral de exploração laboral, no percurso de Sonia – cuja família representava "instabilidade" e "desestrutura" e não "acolhimento" – as relações fraternas com João, irmão de idade próxima, com quem compartilhou boa parte das dificuldades durante a infância, possibilitaram que fosse socorrida, quando passava por dificuldades na cidade de São Paulo.

## 3.2.2) JOVENS MIGRANTES SEM EXPERIÊNCIA NA COSTURA – ENTRE A AVENTURA E A INICIAÇÃO EM UM NOVO OFÍCIO

> Quando de duas vivências cujos conteúdos especificáveis não são diferentes em nada e uma é considerada como aventura e a outra não, o que está em jogo para conferir à uma tal significado e negá-lo à outra é essa diferença em suas relações com o todo de nossa vida. Tal é, certamente, a forma da aventura em sentido mais geral: que se desprende do contexto da vida. (...) Em contraste com o encadeamento dos círculos de vida (...) se encontra o que chamamos de uma aventura: uma parte de nossa existência, sem dúvida, que se vincula diretamente, para frente e para trás, com outras, e que ao mesmo tempo, em seu sentido mais profundo, se desenvolve à margem da continuidade própria a esta vida. E, no entanto, é diferente de tudo o que é simplesmente acidental, alheio, do que apenas toca a epiderme da vida. (...) A aventura possui um início e um final em um sentido muito mais nítido do que costumamos considerar em relação a outras formas de nossos conteúdos vitais. Graças à sua desvinculação em relação aos entrelaçamentos e encadeamentos daqueles conteúdos, ao seu centrar-se em um sentido que existe para si. Quando se trata dos acontecimentos do dia e do ano, percebemos que um deles chegou ao seu fim quando ou porque outro inicia, seus limites se determinam mutuamente e, assim, em definitiva, se configura a unidade do contexto da vida. A aventura, diferentemente, em seu sentido específico, é independente do antes e do depois, seus limites se determinam sem referência a esses (SIMMEL, 2002:17-19).

Outro perfil de migrantes entrevistados nos quatro municípios de origem em que realizamos trabalho de campo é o de jovens solteiros sem habilidades na costura. Esses jovens, em geral, não possuem um projeto muito claro no início do percurso migratório, tendo como principal impulso a vontade de conhecer novos lugares e viver novas experiências. Nessas circunstâncias, a inserção no mundo social das oficinas de costura acaba assumindo, pelo menos, dois sentidos bastante diferentes em relação às suas consequências futuras: por um lado, o da aventura, constituindo-se como experiência que, embora faça parte do seu percurso de vida, destaca-se por não se vincular às suas escolhas anteriores e posteriores, como uma experiência com um início e um final bastante claros ou, por outro, o do aprendizado de um novo ofício, que modifica o percurso laboral futuro, transformado a experiência laboral nesse mundo social em experiência central no percurso de vida futuro desses migrantes.

Para abordar essas duas facetas da experiência dos jovens migrantes no mundo social das oficinas de costura, abordaremos os percursos de Orlando, da cidade de Cochabamba, e Geovane, do município rural de Escoma, para os quais essa inserção significou o aprendizado de um novo ofício e os de Timóteo, da cidade de Cochabamba, e Alejandro, do município rural de Escoma, para os quais essa experiência pode ser classificada como aventura, no sentido definido por Simmel, na citação acima.

> "Mi sueño era llegar hasta ahí [Buenos Aires/Argentina]. Desde chico ya pensé ir a conocer Argentina, siempre dije 'me voy', siempre con mis primos discutía, me decían 'nunca vas a ir a conocer Argentina', y yo 'voy a conocer', era un desafío (…) Tenia mis primos allá, pero me escapé yo, porque aquella vez pensé que me iba a desperdiciar eso [a chance de viajar] (…) más antes mis primos igual me llamaron, mi prima me dijo que me vaya, todo eso. Y, bueno, me escapé porque mi padre tampoco quería darme una autorización. Yo de ahí me saque mis documentos de aquí de Bolivia, me enviaran la plata y con eso me fue" [Orlando][293].

Orlando é um jovem solteiro que, no momento da entrevista, tinha 24 anos e trabalhava em uma oficina de costura de uma paceña, da zona rural, localizada em Guarulhos, no Brasil, estando apenas de passagem por Cochabamba, em férias, para, entre outras coisas, participar das festividades da Virgem de Urukupiña, em Quiacollo, uma cidade vizinha de Cochabamba, e dar início, com o dinheiro guardado ao longo do ano, à reforma de uma edícula em um terreno em que moram seus tios, na zona sul de Cochabamba, onde pretende morar e montar uma pequena oficina de costura familiar depois de mais alguns anos de trabalho no Brasil.

A sua inserção inicial no mundo social das oficinas de costura bolivianas ocorreu em 2006, em Buenos Aires, a convite de sua prima, aos 17 anos. Nessa época, ele morava sozinho, em sua terceira residência base, em um quarto alugado na zona sul de

[293] "O meu sonho era chegar até aí [Buenos Aires]. Desde pequeno pensava em ir conhecer a Argentina, sempre disse 'me vou', sempre discutia com os meus primos, me diziam 'você nunca vai conhecer a Argentina', e eu 'vou conhecer', era um desafio (...). Tinha os meus primos lá, mas eu fugi, porque aquela vez eu pensei que ia desperdiçar isso [a chance de viajar] (...) antes os meus primos tinham me chamado, minha prima me disse para eu ir e tudo isso. E, bom, fugi porque meu pai tampouco queria me dar uma autorização. E eu daí tirei os meus documentos daqui da Bolívia, me enviaram o dinheiro e, com isso, me fui" [Orlando, tradução livre].

Cochabamba, próximo à casa de seus tios, depois da morte de sua avó. Mudara-se de sua primeira residência base com seus pais para a casa de sua avó materna, que se transformou em sua segunda residência base, após o desaparecimento de sua mãe quando tinha 3 anos de idade, enquanto o pai formava uma nova família em Santa Cruz[294].

A vida laboral de Orlando iniciou precocemente para auxiliar sua avó, aos 8 anos, como vendedor ambulante de refrescos e, depois, como vendedor de sorvetes e, ainda, como ajudante de padeiro, até conseguir, em 2003, aos 15 anos, o trabalho de "boleteiro"[295]. Embora considere questões financeiras no aceite do convite de sua prima, a vontade de conhecer Buenos Aires foi, certamente, determinante, e ao viajar não tinha planos de voltar, tratava-se, a princípio, de uma migração definitiva, constituindo na oficina de costura de sua prima, sua quarta residência base. Orlando que, até então, não possuía nem documento de identidade, viajou escondido, sem a autorização do pai.

A prima enviou todo o dinheiro necessário para que pudesse migrar e, após fazer o documento de identidade[296], viajou de ônibus comum. A oficina de costura de sua prima, em Buenos Aires, possuía, em torno de 20 máquinas e, além de bolivianos, trabalhavam peruanos e paraguaios, com a produção direcionada para uma grande marca de roupas argentina.

A princípio, Orlando iniciou como ajudante de costura e encarregado de serviços gerais, recebendo um salário fixo de 400 pesos argentinos e, após aprender a manejar as máquinas, o seu salário nominal passou a 1000 pesos argentinos. Embora se sentisse explorado por não receber o dinheiro conforme combinado e ter que realizar uma série de outras atividades paralelas como membro da família – tais como cuidar dos filhos de sua prima e ajudar na organização/limpeza da oficina de costura – Orlando permaneceu na oficina de sua prima por cerca de 4 anos, tendo saído para buscar outro trabalho em

[294] Como o seu pai é motorista de ônibus de viagem, mesmo morando em Cochabamba, passava alguns dias em Santa Cruz, o destino final do ônibus que dirige e, em uma dessas passagens, conheceu sua futura esposa e estabeleceu nova residência.
[295] Uma espécie de vendedor de zona azul para a prefeitura.
[296] Ao longo do trabalho de campo, era comum encontrarmos pessoas que antes de migrarem ainda não haviam tirado o documento de identidade boliviano e que, muitas vezes, tiravam o documento para poder viajar ou depois de instalados nas cidades de destino por meio do consulado boliviano.

apenas uma ocasião: depois de uma briga com sua prima que não lhe pagava em um momento em que precisava do dinheiro para enviar para seus tios que estavam passando dificuldades na Bolívia.

A inserção nessa segunda oficina de costura ocorreu por meio de um anúncio ouvido na rádio (em uma estação boliviana). A oficina de costura localizava-se em uma "Villa Miseria"[297], era bem menor que a de sua prima (com apenas 5 máquinas e 6 trabalhadores bolivianos) e produzia para a comercialização própria do dono da oficina, em um "box" na feira "La Salada"[298]. Embora fosse mais bem pago e trabalhasse menos, Orlando não gostou das condições de moradia e da localização da oficina de costura: tinha que dividir um quarto pequeno com outros costureiros que bebiam muito e o fato de localizar-se em uma Villa Miséria tornava o entorno muito perigoso. Ademais desses motivos objetivos, Orlando que, na época, tinha 18 anos, sentia-se muito solitário na oficina de costura de uma pessoa estranha. E, ao final, antes de completar um mês na segunda oficina, decidiu voltar a trabalhar na oficina de costura de sua prima na qual, apesar de ganhar menos e trabalhar mais, dormia em um quarto grande compartilhado apenas com o seu primo e sentia-se acolhido, em família.

[297] "Villa Miseria" é o nome usado na Argentina para denominar o que no Brasil chamamos de "favela".
[298] A feira "La Salada" é muito semelhante à "Feira da Madrugada" que se realiza em São Paulo, na região central.

> "Había discusiones con mi prima y no me ha gustado a mí, entonces, agarré mis cosas y me fui a otra oficina. En sí, en Buenos Aires, hay arto boliviano, es cierto que hay lugares, así, para escoger trabajo. Bueno yo empecé a buscar y escuché en la radio, escuche y llamé y el dueño me llevo de la casa donde yo vivía hasta, como unos 10 cuadras, a su taller (…) pero era peligroso en la Villa Miseria y yo no me acostumbré, era sus cuartos muy pequeños y no me acostumbré, era compartido en cuarto de varones y cuarto de mujeres y, en mi cuarto, había mucha borrachera y a mí no me gusta yo, por eso me fui. Yo tenía mi cuarto ande mi hermana[299] solo con su hijo y nadie de los dos tomaba, pero en este taller tomaban, por eso volví ahí (…) bueno, la llamé 'voy a volver'. Y ella también se preocupó por mí, '¿Dónde vas a ir?', '¿Dónde estás?', me empezaba a llamar (...) y de eso también no sabía a quién ir a visitar, estaba solo, me sentía más solo sin tener a nadie, me sentía muy diferente" [Orlando][300].

Esse trecho da entrevista realizada com Orlando é bastante interessante para ilustrar dois aspectos da experiência social dos migrantes bolivianos no mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino: i) a existência de ampla oferta de trabalho entre os próprios bolivianos nas cidades de destino, sendo relativamente fácil mudar de oficina de costura, sem que seja necessário nem sequer sair da oficina em que se trabalha: nos próprios programas de rádio da comunidade boliviana – que em geral, se ouve enquanto se trabalha nas oficinas de costura de donos bolivianos – são veiculadas informações sobre oportunidades de trabalho e, em muitos casos, como no de Orlando, em que o migrante ainda não sabe circular direito na cidade, os contratadores vão buscar o novo trabalhador na oficina de costura em que estão trabalhando; ii) em relação à inserção por meio de redes de sociabilidade familiares, ademais do compromisso moral, como vimos

[299] Chisthian sempre se refere a sua prima como "mi hermana" (minha irmã). E, conforme pudemos perceber ao longo do trabalho de campo, trata-se de uma forma de tratamento generalizada para fazer referência a pessoas da família ou pessoas próximas. E o "ande" significa "na casa de".

[300] "Havia discussões com a minha prima e eu não gostava e então, agarrei as minhas coisas e fui a outra oficina. Em si, em Buenos Aires, tem muito boliviano, é certo que existem lugares, assim, para escolher trabalho. Bom, eu comecei a buscar e escutei na rádio, escutei e telefonei e o dono me levou da casa onde eu vivia até, como umas 10 quadras, até a sua oficina de costura (...) mas era perigoso na Villa Miséria [favela] e eu não me acostumei, os seus quartos eram muito pequenos e não me acostumei, era dividido em quarto de homens e quarto de mulheres e, no meu quarto, tinha muita bebedeira e eu não gosto e, por isso, fui embora. Eu tinha o meu quarto na casa de minha irmã [como se referia à prima] que dividia somente com o seu filho e nenhum dos dois bebia, mas nessa oficina de costura bebiam, por isso voltei (...) bom, a chamei 'vou voltar'. E ela também se preocupou por mim 'para onde você vai ir?', 'onde você está', começava a me telefonar (...) e disso também não sabia a quem visitar, estava sozinho, me sentia mais solitário, sem ter ninguém, me sentia muito diferente" [Orlando, tradução livre]

no caso de Eliseu, podem estar envolvidos sentimentos genuínos de pertencimento que acabam sendo determinantes nas escolhas laborais em um país estranho.

Durante os 4 anos em que trabalho una oficina de costura de sua prima, embora, a princípio, não planejasse retornar, Orlando acabou estabelecendo uma inserção circular entre Buenos Aires e Cochabamba, permanecendo um pouco mais de 6 meses em Buenos Aires, no período de alta temporada, e 4 meses em Cochabamba, na baixa temporada. Essa circulação, devia-se, por um lado, ao fato de não ter se adaptado completamente à Buenos Aires, sentindo necessidade de ficar mais próximo de seus tios que, emocionalmente passaram a fazer o papel de sua avó e, por outro, a questões laborais, pois nessa circulação, ele realizava outra atividade central para a reprodução do mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino: o recrutamento de pessoas para trabalhar na oficina de costura de sua prima em Buenos Aires.

> "Yo he debido venir después de medio año, iba y venía, llevaba gente de acá para trabajar allá. Llevaba de ahí me venía aquí iba y venía, me quedaba acá 4 meses y volvía a Argentina, en Argentina me quedaba un poco más de medio año y volvía también" [Orlando][301].

Depois desse período, Orlando decide inserir-se no mundo social das oficinas de costura bolivianas em São Paulo, por um motivo bastante peculiar: encontrar a sua mãe que, depois de mais de 10 anos, telefonara convidando-o para trabalhar na oficina de costura em que ela trabalhava na cidade. Essa segunda inserção ocorreu por meio de um conhecido de seus familiares na Bolívia, que possuía oficina de costura no Brasil, depois de haver tentado, sem sucesso, entrar no Brasil sozinho a partir da Argentina[302].

[301] "Eu devo ter vindo depois de meio ano, ia e vinha, levava gente daqui para trabalhar lá. Levava e daí vinha aqui, ia e vinha, ficava quatro meses e voltava para a Argentina, na Argentina ficava um pouco mais de meio ano e voltava também" [Orlando, tradução livre]

[302] Orlando tentou migrar da Argentina para o Brasil, mas foi parado na fronteira, mesmo estando com o dinheiro necessário para passar a fronteira não o permitiram entrar. Essa experiência foi vivida de maneira muito dramática, permaneceu mais de uma semana na fronteira e esperava que sua mãe fosse buscá-lo, o que acabou não acontecendo. Depois da tentativa, voltou à Argentina e de lá, depois de mais seis meses, à Cochabamba.

> "(…) De esa forma, me vine aquí [Cochabamba], me he quedado tres meses y había un señor, me dijo 'quieres venirte acá a Brasil vente', me dijo, 'vente hasta la frontera y, de ahí yo compro el pasaje'. El señor era de mi tío su amigo, su mejor amigo. Osea han vivido juntos desde pequeño, y ahora está en Brasil. (…) El me pagó las pasajes para el lado brasileño, el me pagó. Hasta la frontera con mi dinero. Fui por Corumbá, me embarqué en la flota, estaba de miedo igual, tal vez me rechazan, pero más bien ha sido todo tranquilo, no he tenido nada tampoco me hicieron bajar del bus nada, normal hasta que he llegado a Sao Paulo y el amigo de mi tío vino a recogerme a la terminal igual" [Orlando][303].

Nessa descrição do acordo realizado para a inserção, desde a origem, no mundo social das oficinas de costura bolivianas em São Paulo, por meio de um amigo de seu tio, chama atenção um padrão recorrente quando a negociação ocorre via telefone com o dono da oficina de costura instalado na cidade de destino: certamente para assegurar que o dinheiro enviado será efetivamente utilizado para a realização do percurso migratório, o envio dos recursos necessários para a finalização da viagem, via agências de "giro", ocorre somente após a chegada do migrante na fronteira.

A oficina em que foi trabalhar localizava-se no Jardim Brasil, na zona norte da cidade, e o dono, amigo de seu tio, era de Oruro e estava no Brasil desde a segunda metade dos anos 1990. A oficina, com cerca de 12 máquinas, fazia roupas para uma confecção brasileira localizada em Goiás e, além de bolivianos, trabalhavam também paraguaios e o salário mensal recebido era de 400 reais.

Embora o dono da oficina de costura fosse amigo de seu tio, logo nos primeiros meses, Orlando se sentiu explorado – devido ao ritmo de trabalho intenso e ao fato de não receber o pagamento pelas horas extras que era obrigado a realizar. No entanto, diferentemente de sua reação quanto à sua prima na Argentina – que também não o pagava

[303] Dessa forma, vim aqui fiquei três meses e tinha um senhor, me disse 'se quer vir aqui ao Brasil, venha', me disse, 'venha até a fronteira e a partir daí, eu compro a passagem'. O senhor era amigo do meu tio, seu melhor amigo. Ou seja, viveram juntos desde pequenos e agora está no Brasil. (...) Ele me pagou as passagens para o lado brasileiro, ele me pagou. Até a fronteira com o meu dinheiro. Fui por Corumbá, embarquei no ônibus, estava com medo, igual, talvez me rechaçassem, mas foi tudo tranquilo, não aconteceu nada, tampouco me fizeram sair do ônibus, nada, até que cheguei a São Paulo e o amigo do meu tio foi me buscar no terminal" [Orlando, tradução livre].

corretamente e que o fazia realizar uma série de tarefas extras – Orlando reclamou e não sendo atendido, simplesmente, saiu da oficina após pagar o que devia da passagem.

> "Ya por empezar, por conocer, para mi estaba bien, estaba bien para mí, pero ya me ha querido explotar y no me gusto, porque en si él quería que trabaje a las 4 de la mañana, me decía 'tienes que trabajar desde las 4 de la mañana' y eso no me gustó. (…) bueno, el día que llegó mi mes, yo quería cobrar las prendas que he trabajado, 'mis horas extras, me tienes que pagar', y me dijo 'no, no, no te voy a pagar porque estábamos atrasados'. Y le dije '*no es la primera vez que vengo a trabajar en la costura, ni la primera vez que voy a otro país a trabajar. Yo sé trabajar, fui a Argentina, sé cómo es el trabajo*'. De ahí dije 'yo no puedo estar así, si me pagas bien, me voy a quedar, si no, no! Me tiene que pagar mis horas extras que estoy trabajando me tiene que pagar'. Bueno 'por su capricho que no te voy a pagar'. Bueno, espere el fin de semana que llegue y, dije 'me voy'" [Orlando][304].

Nesse primeiro mês em que estava no Brasil, Orlando entrou em contato com a sua mãe e, no final de semana que saiu da oficina de costura desse amigo de seu tio, foi ao encontro dela e do irmão mais velho que havia saído da casa de seu pai junto com ela, quando ele tinha 3 anos de idade. Os dois moravam em uma favela também localizada na zona norte da cidade, no bairro de Vila Maria. E enquanto sua mãe trabalhava em uma oficina de uma amiga de La Paz, que possuía 6 máquinas e costurava para coreanos, o seu irmão possuía duas máquinas de costura e, no momento de sua chegada, costurava carteiras para outros bolivianos que possuíam um box na Feira da Madrugada. Após tentar trabalhar com o irmão, que estava sem encomendas, Orlando passou 4 meses trabalhando na mesma oficina de costura que sua mãe, com um salário mensal de 500 reais.

Apesar de ter projetado, inicialmente, viver com a mãe e com o irmão e montar uma oficina de costura conjuntamente, Orlando não gostou de conhecê-los, nem do

[304] "Para começar, para conhecer para mim estava bom, estava bom para mim, mas já quis me explorar e eu não gostei, porque ele em si queria que eu trabalhasse às quatro da manhã, me dizia 'você tem que trabalhar desde as quatro da manhã' e isso eu não gostei. (...) bom, o dia que chegou o meu mês, eu queria cobrar as prendas que eu tinha trabalhado, 'minhas horas extras você tem que me pagar', e me disse 'não, não vou te pagar porque estávamos atrasados'. E eu lhe disse 'não é a primeira vez que venho trabalhar na costura, nem a primeira vez que vou a outro país trabalhar. Eu sei trabalhar, fui a Argentina, eu sei como é o trabalho'. Daí, eu disse 'eu não posso estar assim, se você me paga, tudo bem, vou ficar, senão, não! Você tem que me pagar as horas extras que estou trabalhando, você tem que me pagar'. Bom, 'pelo seu capricho não vou te pagar'. Bom, esperei que o final de semana chegasse e disse 'me vou'" [Orlando, tradução livre].

ambiente da favela em que viviam e, por isso, após esses primeiros meses, decidiu buscar outro trabalho que o possibilitasse sair de Vila Maria, ir para outro "estado" [305].

> "Ya cuando ya me fue a otro trabajo (…) no en Vila Maria nada no me ha gustado de ese bario ya quería salirme, era favela de ese bario, me quería salir, no quería vivir más ahí (…)de esa forma me salí y me fui a otro estado[306] ya, fui a buscar a Coimbra el trabajo y había anuncios que 'se necesita costureros o ayudante o aprendiz' ya entonces '¿Que tal será voy?'. Entonces lo llamé, (…) me dijo 'así es el servicio así, así', me empezó a hablar y bueno mi jefa vino,es boliviana, por eso me habló 'en Coimbra', todos los bolivianos hablan de la Coimbra, la Coimbra(…) de esa forma he conseguido ese trabajo, me llevó hasta ese lugar de Coimbra a otro estado ya a Guarulhos" [Orlando][307].

E foi a partir de um anúncio na Rua Coimbra que Orlando conseguiu encontrar o trabalho em que se encontrava no momento da entrevista. Uma oficina de costura de uma boliviana de La Paz, que possuía cerca de 20 máquinas de costura e que, diferentemente de todas as oficinas de costura descritas pelos migrantes, era uma oficina de fabricantes, ou seja, o desenho, o corte e a montagem das roupas era feita pela oficina que também fazia a costura. E as roupas concebidas nessa oficina eram vendidas para bolivianos que possuíam boxes na Feira da Madrugada.

Orlando recebe, atualmente, R$1000,00 por mês trabalhando como costureiro e encarregado – das 8 horas da manhã às 10 horas da noite – e, graças ao apoio da dona da oficina de costura, conseguiu tirar o documento de permissão de trabalho. Ele avalia, depois de ter passado anos trabalhando na oficina de costura de sua prima e alguns meses com a sua mãe, que o trabalho com pessoas de fora da família é muito melhor, pois é possível

[305] "Si, ella vino a saludarme, me llevó a su casa y un poco no me agradó nada, porque era muy diferente, no no esperaba así. Ya he ido a conocer pero para mí era muy diferente, mi pensamiento de mi era trabajar junto con ella, abrir una oficina ahí mismo, vivir junto con ellos así, pero ha sido todo muy diferente (…) no me sentía así una persona que se alegre con su mama, ha sido muy duro. No me alegraba nada a mi, nada, nada. Es como estamos conversando ahora así es. Para mi es como una persona desconocida"[Orlando]

[306] Na perspectiva de Orlando, Guarulhos era outro Estado.

[307] "Já quando fui a outro trabalho (…) não em Vila Maria, não gostei desse bairro, queria sair, era uma favela esse bairro, queria sair, não queria viver mais aí (...) dessa forma, saí e fui a outro estado, fui buscar na Coimbra o trabalho e havia anúncios que 'se necessita costureiros ou ajudante ou aprendiz', já então, 'Como será que vou me sair?'. Então chamei (...) me disse 'assim é o serviço, assim, assim', começou a falar e bom, minha chefa veio, é boliviana, por isso me falou 'na Coimbra', todos os bolivianos falam da Coimbra, a Coimbra (...) dessa forma, consegui esse trabalho, me levou até esse lugar, da Coimbra a outro Estado já, Guarulhos" [Orlando, tradução livre].

estabelecer relações mais equilibradas, em que se pode dizer o que se pensa e negociar sem com isso ofender o outro.

> "Es mucho mejor trabajar con gente ajena que familiar porque hay familias que te quieren humillar o que te tratan mal y, a veces por eso, todo tienes que aguantarte, todo, no sabes cómo reaccionar y vos mismo te estas oprimiendo. Ahí, si es otro, dices todo si, mientras con familiar, tienes que callarte, porque si vas a querer un apoyo de esa persona y te va a decir 'si tu me has hecho así no es cierto'. No por eso es preferible trabajar con gente ajena"[Orlando][308].

De todo modo, embora prefira não trabalhar com familiares, nos últimos 8 meses, em que trabalhou nessa oficina de costura, Orlando estabeleceu uma relação com a dona da oficina e com seus quatro filhos que ele mesmo classifica como uma relação de afeto familiar.

> "(…) mucho más mejor, cuando vine de allá dije "me equivoqué al llegar ande mi mama, debería llegar ande ella [a dona da oficina de costura em Guarulhos]", "ella es mi mama", dije, ella también me dice, "hijo" y, sus hijos, me dicen "mi hermano", me tiene mucho más confianza su familia.Y si ahora ella tiene que venir acá a Bolivia, entonces, tengo que quedarme con la casa [tomando conta da oficina de costura]" [Orlando][309]

No percurso de vida de Orlando nos deparamos com uma importante consequência do fato de esse mundo social possuir mais de trinta anos: nas inserções desses migrantes nesse mundo social, famílias se desfazem e novos vínculos se constituem e, às vezes, como foi o caso de Orlando, mas também de Silvio, de Villa Pagador, e, conforme vimos acima, do irmão de Sônia, de Uspa Uspa – todos entrevistados em Cochabamba – a

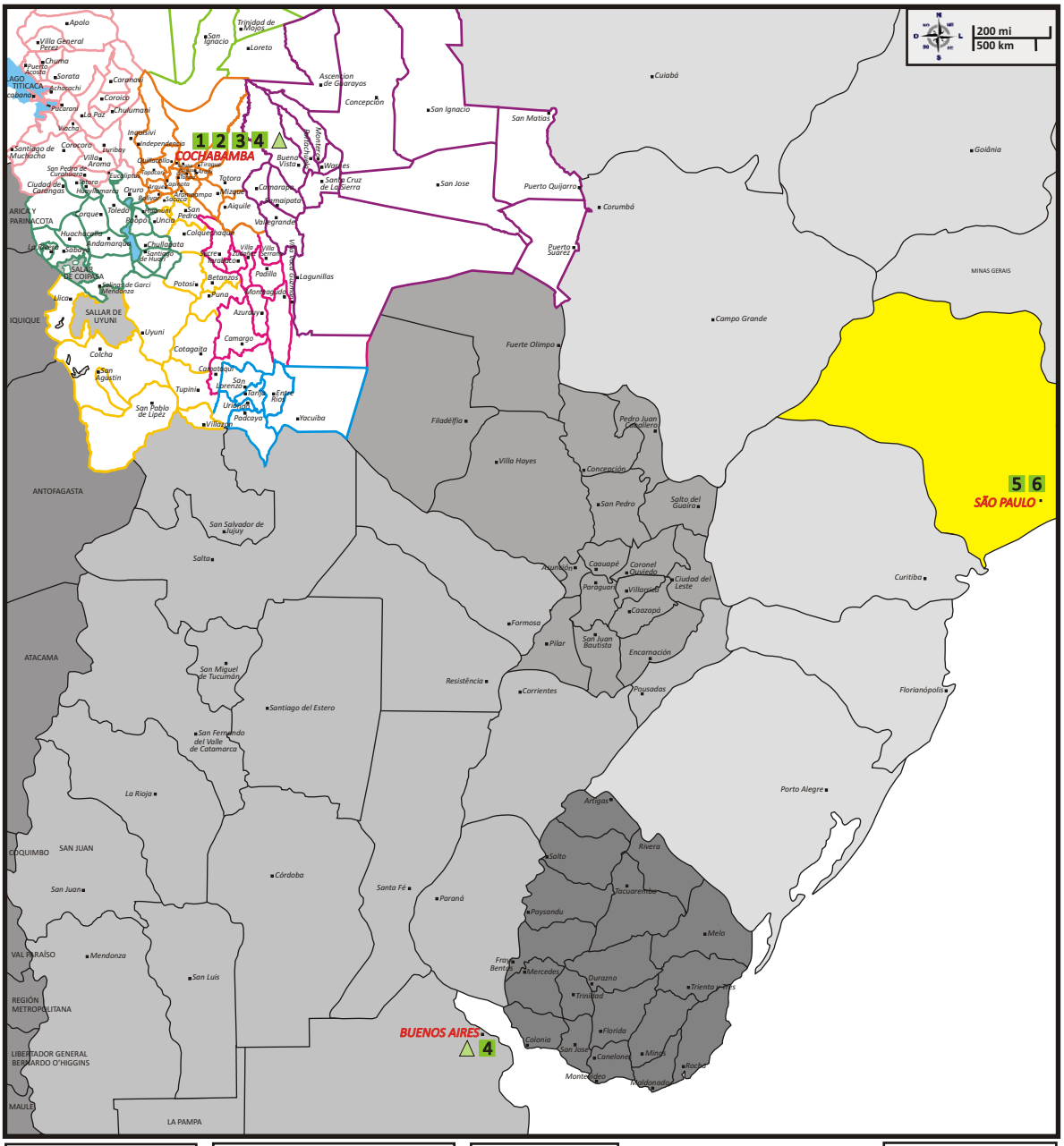
[308] "É muito melhor trabalhar com gente de fora da família porque existem famílias que querem te humilhar, ou que te tratam mal e, às vezes, por isso, você tem que aguentar tudo, não sabe como reagir, e você mesmo esta se oprimindo. Aí, se é outro, você diz tudo, enquanto com familiar, tem que se calar, porque se vai querer um apoio dessa pessoa e vai te dizer 'se você me fez isso assim, não é certo'. Não, por isso é preferível trabalhar com gente de fora" [Orlando, tradução livre].

[309] "(…) muito melhor, quando vim de lá disse 'me equivoquei ao chegar a casa de minha mãe, deveria chegar na cassa dela [a dona da oficina de costura em Guarulhos]', 'ela é a minha mãe', disse, ela também me diz 'filho' e seus filhos me dizem 'meu irmão', sua família me tem muito mais confiança. E se agora, ela tem que vir aqui, então, eu tenho que ficar com a casa [tomando conta da oficina de costura]" [Orlando, tradução livre].

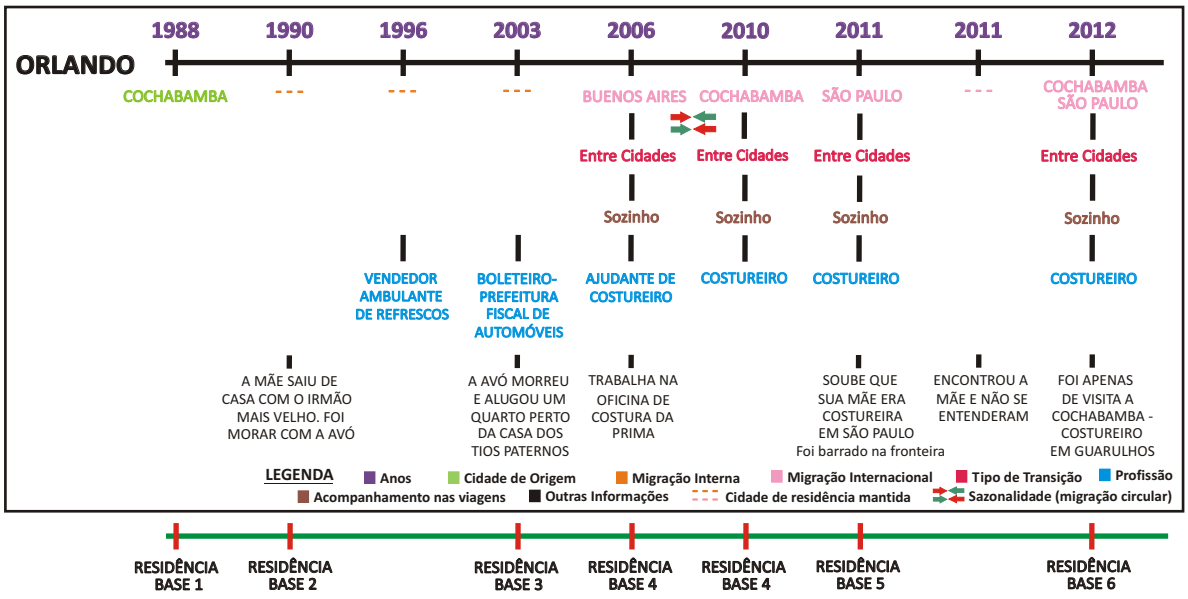
inserção nesse mundo social pode ocorrer por motivações estritamente pessoais, como a de procurar um membro da família. Orlando migrou para São Paulo em busca de sua mãe, Silvio migrou para Buenos Aires em busca de seu irmão, João migrou para São Paulo em busca de sua irmã. Nem sempre essas buscas tem como resultado o encontro e o entendimento com aquele que partiu, como foi o caso de João, algumas vezes, na busca daqueles que partiram, o que busca encontra a si mesmo diferentemente: Silvio que, embora tivesse familiares dedicados a costura, sempre havia preferido trabalhar como pedreiro, acaba descobrindo as vantagens da costura nessa busca, pois era a única atividade laboral na qual conseguia se inserir em Buenos Aires e, embora tenha conseguido encontrar o irmão que, ao final, não quis voltar com ele, o que ficou dessa experiência foi o dinheiro conseguido para montar uma oficina de costura em Villa Pagador, enquanto Orlando, embora não tenha se entendido com sua mãe biológica, em sua busca, encontrou um trabalho que considera digno e uma segunda família.

Em relação aos sentidos da inserção inicial de Orlando no mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino que, em seu caso, ocorreu em Buenos Aires, a partir de um convite de sua prima, embora significasse, a princípio, a possibilidade de conhecer Buenos Aires como a realização de um sonho e a de se estabelecer em uma atividade que permitisse a ele se sustentar, ao final, acabou se transformando em um meio para aprender um ofício que o transformou em costureiro, influenciando os seus planos laborais futuros que, agora, incluem a montagem da oficina de costura própria.

## Figura 29 - Espaços de vida e residências base de Orlando, migrante da zona sul de Cochabamba, que se tornou costureiro



## Figura 30 - Linha da vida de Orlando, migrante da zona sul de Cochabamba, que se tornou costureiro



No percurso de Geovane, de 39 anos, proveniente do município rural de Escoma – que é atualmente dono de uma oficina de costura em São Paulo e de uma empresa que faz abertura de estradas na Bolívia – a inserção inicial no mundo social das oficinas de costura bolivianas, em Buenos Aires, mais de dez anos antes da inserção de Orlando, em 1993[310], aos 18 anos, transformou, em sua juventude, uma experiência, que aparecia como aventura, no início do aprendizado de um ofício que modificaria, completamente, os seus projetos iniciais de vida.

Geovane, nascido em 1973, é proveniente de uma família de sastres, o seu pai era o único sastre de Escoma, durante a sua infância, e embora ele tivesse aprendido com seu pai a costurar em máquinas manuais, ao completar 18 anos, planejava seguir os estudos universitários, na carreira de engenharia. Entretanto, como os pais já estavam pagando a faculdade do irmão, decidiu aceitar o convite de um tio, que já estava na Argentina há mais de 20 anos, com o intuito de juntar dinheiro para depois poder cursar a faculdade. Até os 18 anos, Geovane nunca havia trabalhado em Escoma, pois apesar de morar em um município rural, o seu pai ganhava, como sastre, dinheiro suficiente para manter a família sem que necessitassem se dedicar à vida rural.

Em 1993, Geovane fez a viagem para Buenos Aires de avião como o dinheiro emprestado pelo pai e, ao chegar, aprendeu a utilizar as máquinas industriais permanecendo três anos com o tio, recebendo um salário de 300 dólares por mês.

Em 1996, no momento de seu retorno à Escoma, já havia desistido de fazer faculdade e, depois de alguns meses junto com os pais, decide viajar com recursos próprios (conseguidos no trabalho na oficina de costura do tio) tentar a vida na costura em São Paulo, com um contato de uma oficina dado a ele por um amigo de Escoma.

Ao chegar a São Paulo, em 1997, inicia o trabalho nessa oficina de costura no Belenzinho, cujo dono era do município rural de Aroma. A oficina, em que trabalhavam exclusivamente migrantes bolivianos (pacenos, cochabambinos e cruzenos[311]), possuía 13

[310] Na história do mundo social das oficinas de costura nas cidades de destino, o início dos anos 1990 é conhecido como o momento do auge da costura na Argentina, graças à paridade do peso com o dólar, conforme veremos adiante, no percurso de Tulio e no próximo capítulo.
[311] Dos departamentos de La Paz, de Cochabamba e de Santa Cruz.

máquinas e produzia para confecções coreanas. Após três anos nesse trabalho, ganhando em média 900 dólares por mês, consegue montar a oficina de costura própria – a princípio, com 4 máquinas e, atualmente, com 15 máquinas – no mesmo bairro, trabalhando para os mesmos coreanos que contratavam os serviços da oficina em que trabalhava anteriormente. Entre os anos 2000 e 2012, Geovane se casou com uma boliviana que conhecera em São Paulo, cujo pai também possuía uma oficina de costura, comprou uma casa na zona leste e, com o dinheiro economizado, abriu, em parceria com amigos, uma empresa construtora de estradas que atualmente é uma das principais contratadoras de força de trabalho do município de Escoma.

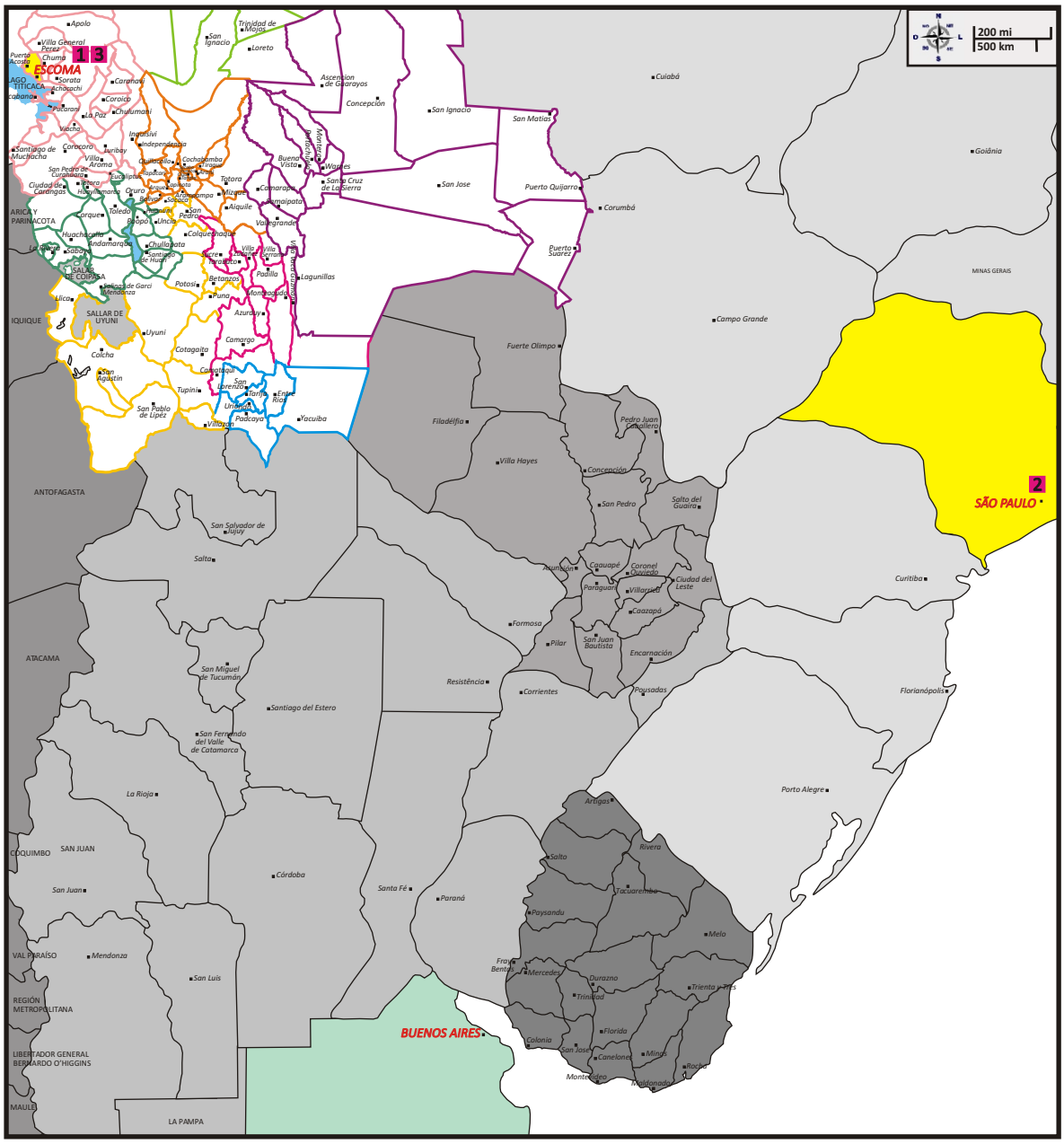
Geovane é atualmente um clássico migrante transnacional com negócios consolidados na Bolívia e no Brasil projetando passar os meses de baixa temporada da costura na Bolívia e de alta temporada em São Paulo, sendo que, nos momentos em que os negócios na Bolívia exigirem, pode deixar sua oficina de costura sob administração de seus cunhados que moram no Brasil[312].

Ao longo da narrativa, que Geovane fez questão de realizar em português, idioma que acabou aprendendo a falar e a escrever graças a um curso de idiomas para estrangeiros, as tentativas de dissociar a sua imagem dos outros bolivianos e bolivianas empobrecidos que migram para o trabalho na costura estava presente, a todo o momento, em verbalizações como a que se segue:

> Eu não nunca gostei de ir a Coimbra. Tem muitos bolivianos e tenho vergonha deles, porque a gente se van, saem da Bolívia e ficam igual, não mudam nada (...) eles levam a tradição daqui para lá...é bom, mas a gente tem que aprender a respeitar, a respeitar os vizinhos, porque sentia que não havia respeito em algumas pessoas" [Geovane].

[312] Talvez esse percurso de sucesso que permitiu, além da compra da casa própria em São Paulo, a compra de tratores e maquinário para abertura de estradas e as boas relações com funcionários do governo não se deva apenas ao trabalho na costura. Ao perguntar sobre o trabalho de seus irmãos, ele me disse que faziam comércio com produtos de folha de coca. Eu, a princípio, imaginei que se tratava de produtos ecológicos, entretanto, ao perguntar para Cecília, ela me disse que se tratava de comércio de pasta de coca.

## Figura 31 - Espaços de vida e residências base de Geovane, migrante do município rural de Escoma, que se tornou oficinista




**LEGENDA (TERRITÓRIOS)**

- BRASIL
- ARGENTINA
- PARAGUAI
- CHILE

BOLÍVIA

- PANDO
- LA PAZ
- BENI
- COCHABAMBA
- ORURO
- POTOSI
- CHUQUISACA
- SANTA CRUZ
- TARIJA

**LEGENDA (ESPAÇOS DE VIDA)**

- ESPAÇO DE VIDA ATUAL
- ESPAÇO TEMPORÁRIO **A TRABALHO**

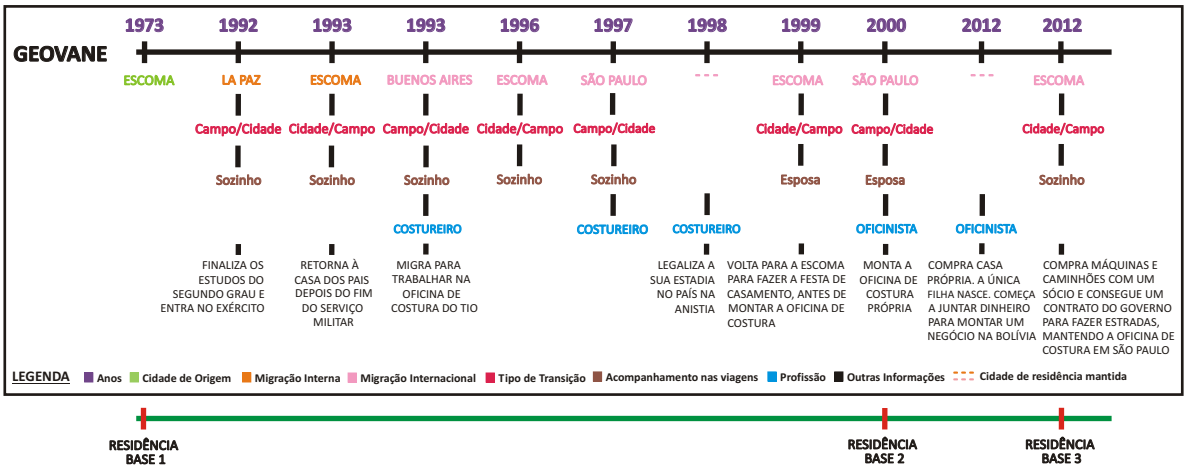
**PERCURSO GEOVANE**

- ESCOMA - LA PAZ
- LA PAZ - ESCOMA
- ESCOMA - BUENOS AIRES
- BUENOS AIRES - ESCOMA
- ESCOMA - SÃO PAULO
- SÃO PAULO - ESCOMA
- ESCOMA - SÃO PAULO

**LEGENDA (SÍMBOLOS)**

- PERCURSO **ORLANDO**
- **RESIDÊNCIA BASE**
- **1** 1ª Residência Base
- **2** 2ª Residência Base
- **3** 3ª Residência Base

## Figura 32 - Linha da vida de Geovane, migrante do município rural de Escoma, que se tornou oficinista



O percurso de Geovane, apresentado acima, embora seja da zona rural, poderia ser o percurso de um boliviano da zona urbana de uma família das classes médias populares, sendo, em alguns aspectos, muito semelhante ao de Timóteo: sem percursos sócio espaciais anteriores representando rupturas, finalização do segundo grau sem precisar trabalhar e inserção inicial no mundo social das oficinas de costura bolivianas de avião, com o auxílio financeiro dos pais. Entretanto, diferentemente de Geovane, para Timóteo, essa inserção, realizada quase vinte anos depois de Geovane, representou uma aventura.

> "Estaba postulando aquí a la policía, a la academia, después de la escuela y tenía todo pagado. Y, bueno, por mi culpa, no he ido a uno de los exámenes, he llegado tarde y me hicieron volver de ahí, de la academia. Y ahí fue que decidí pasar ese medio año en otro país. Estábamos para ingresar y como vi que las pruebas eran fáciles y lo que paso es por mi culpa, entonces, fue cuando decidí. Decidí irme allá [a São Paulo] y como uno de mis amigos estaba allá y me dijo que hay trabajo y con uno de mis amigos fuimos, al aventurarse, así, nos fuimos para allá. Con un amigo, con un compañero de curso fui allá" [Timóteo][313].

A intensa migração internacional boliviana, desde o início da década de 1980, levou a processos de reconfiguração das relações familiares, por meio de arranjos entre os que permanecem e os que viajam, que possibilitaram, atualmente, a formação de uma população jovem que, ou viveu parte de suas vidas em outros países, ou foi educada por apenas um dos pais, enquanto o outro trabalhava em outro país para contribuir com o sustento dos outros membros da família, nos locais de origem.

Em geral, esses jovens, filhos do que denominaremos de "famílias transnacionais"[314], apresentam um nível educacional elevado e condições de vida muito melhores do que a maior parte dos jovens provenientes de famílias rurais e/ou urbanas que são os pioneiros no caminho da migração internacional. E é nesse contexto que se insere o

[313] "Estava prestando o concurso para a polícia, para a academia, depois da escola e tinha pago tudo. E, bom, por minha culpa, não fui a um dos exames, cheguei tarde e me fizeram voltar daí, da academia. E aí foi que eu decidi passar esse meio ano em outro país. Estávamos para ingressar e como vi que as provas eram fáceis e o que passou era por minha culpa, então, foi quando eu decidi. Decidi ir me para lá [São Paulo] e como um dos meus amigos estava lá e me disse que havia trabalho e com um dos meus amigos fomos, aventurar-nos, assim, fomos para lá. Com um amigo, com um companheiro de curso fui para lá" [Timóteo, tradução livre].

[314] "Familias transnacionais" são definidas como famílias em que os membros do núcleo familiar encontram-se divididos entre um local de origem e outros de destino.

percurso de Timóteo, um jovem de Cochabamba, cuja mãe migrou para a Espanha, para trabalhar como empregada doméstica e cuidadora de idosos, há mais de 6 anos[315].

Timóteo, de 20 anos, nasceu na cidade de Cochabamba, em 1992, em uma pequena família nuclear das classes populares indígenas camponesas, com apenas mais um irmão que, atualmente, possui 14 anos. Logo em seu primeiro ano de vida, em 1993, a família decidiu mudar-se para Santa Cruz, onde residiam os irmãos de seu pai e estavam localizadas suas terras. Entretanto, permaneceram por apenas 2 anos e, em 1995, voltaram para Cochabamba.

Há seis anos, a mãe de Timóteo migrou para a Espanha, Valência, ao ter sido "chamada" por seus irmãos que já trabalhavam lá desde os anos 1990, em um momento em que desejava voltar a trabalhar – depois de ter passado todo o período de casada dedicando-se, exclusivamente, ao cuidado da casa e dos filhos.

> "(...) y mis tíos, o sea, de mi mamá sus hermanos, todos estaban en España, toda su familia y, entonces, le llamaron de allá y se fue allá y le fue bien allá y se quedó" [Timóteo][316].

Essa "cadeia migratória" para a Espanha, estabelecida entre os 7 irmãos de sua mãe, começou com o seu irmão mais velho, que migrou sozinho, há mais de dez anos, inserindo-se como pedreiro, em Valência. A partir de então, todos os outros irmãos, com exceção de uma, que permanece em Cochabamba, migraram e fixaram-se na Espanha – a maioria em Valência, mas, alguns, realizam migrações temporais internas entre Valência, Madri e Barcelona. Depois que sua mãe migrou para a Espanha, seu pai tinha o projeto de migrar para os Estados Unidos, pois, por outro lado, parte da família paterna de Timóteo já estava lá. Caso conseguisse migrar para os Estados Unidos, deixaria os dois filhos aos cuidados dos familiares de sua mulher, mas o visto demorou a sair e, quando saiu, estava

[315] Note-se, conforme vimos acima, que Cochabamba é o principal departamento da Bolívia a enviar migrantes para a Europa e para os Estados Unidos, sendo, portanto, o percurso da família de Timóteo paradigmático nesse sentido.

[316] " (...) e os meus tios, ou seja, irmãos da minha mãe, todos estavam na Espanha, toda a sua família e, então, a chamaram de lá [da Espanha] e [sua mãe] se foi para lá e foi bem lá e ficou [morando lá]"[Timóteo, tradução livre].

empregado, graças ao auxílio de um padrinho, na prefeitura de Villa Tunari, em Cochabamba e decidiu permanecer na Bolívia.

Ao longo dos últimos seis anos em que sua mãe está na Espanha, os dois irmãos têm vivido junto com o pai, que acabou por assumir as tarefas domésticas e educativas do núcleo familiar.

> "Siempre, cuando tenía tiempo, el [padre] siempre cocinaba, hasta ahora el cocina cuando tiene tiempo, cuando no va a trabajar y pero cuando no, hay que ir a comprar. La limpieza de la casa? Nosotros, con mi papá. Ahora, impecable es, pero fue duro para mi padre todo esto, él se aguantaba, no decía nada" [Timóteo][317].

De todo modo, de acordo com Timóteo, a mãe é bastante presente nas principais decisões domésticas, não apenas financeiras, mas também sobre a educação e o futuro de seus filhos. E o objetivo da família com a viagem de sua mãe, além da reforma da casa e do auxílio mensal para a manutenção dos filhos, é poderem comprar um negócio na Bolívia para que sua mãe retorne definitivamente[318].

> "Hablan por internet, hablan por celular y todo eso. Y si mi papá quiere hacer algo, siempre le consulta a mi mamá. Y si mi mamá quiere hacer algo, siempre consulta a mi papa. Se quieren hacer algo, como invertir en mi casa o, como, por ejemplo, de mi caso, que ahora no estoy estudiando, o que van hacer.[recuerdas un tema en que no estuvieron de acuerdo?] Si, para prestar dinero no estaban de acuerdo. Mis papás les prestaban a mis tíos y no estaban de acuerdo. En todo caso, mi papá no quería prestarles a mis tíos porque ya tuvo una experiencia más antes que no le han devuelto. Y mi mamá quería prestarle, cómo eran sus hermanos y, así, vieran a mis tíos a pegar a mi papá" [Timóteo][319].

---

[317] "(…) sempre quando tinha tempo, ele [o pai] sempre cozinhava, até agora ele cozinha quando tem tempo, quando não vai trabalhar, mas quando não, temos que ir comprar. A limpeza da casa? Nós [Timóteo e o irmão] com o meu pai. Agora, é impecável, mas foi duro para o meu pai tudo isso, ele se aguentava, não dizia nada" [Timóteo, tradução livre] .

[318] "no sé, estamos pensando mi mamá quiere abrir una oficina de servicios o sino también una almacén bien grande quiere hacer construir eso, haber vamos a ver" [Timóteo].

[319] "Falavam pela internet, falavam pelo celular e tudo isso. E se o meu pai quer fazer alguma coisa, sempre consulta a minha mãe. E se minha mãe quer fazer algo, sempre consulta o meu pai. Se querem fazer algo como investir em minha casa, ou como, por exemplo, no meu caso, agora que estou estudando, o que vão fazer. [você se recorda de algum tema em que os seus pais não estavam de acordo?] Sim, para emprestar dinheiro não estavam de acordo. Meus pais emprestaram aos meus tios e não estavam de acordo. Em todo o caso, meu pai não queria emprestar aos meus tios porque ja teve uma experiência antes que não lhe haviam

A viagem de Timóteo para São Paulo, no primeiro semestre de 2011, aos 19 anos, para a inserção no mundo social das oficinas de costura bolivianas foi o primeiro percurso migratório independente da vida de Timóteo[320] e também representou sua primeira atividade laboral. Ao contrário das circunstâncias mais comumente encontradas, em que a decisão de migrar e trabalhar na indústria de confecção tem um componente claramente econômico, de sobrevivência e/ou mobilidade social, a decisão de Timóteo encontra-se mais no registro da aventura – decidiu viajar porque tinha perdido o prazo de uma inscrição para começar a academia militar depois de sua promoção[321] e, para que o tempo de espera até a próxima inscrição não fosse desperdiçado, decide aventurar-se no mundo social das oficinas de costura bolivianas em São Paulo, junto com um amigo, graças a indicação de outro amigo comum, que já estava trabalhando na cidade.

Para Timóteo, não se tratava de juntar dinheiro, ou de aprender um ofício, tratava-se, simplesmente, de viajar junto com um amigo, conhecer a cidade, trabalhar pela primeira vez e esperar o próximo ano para poder prestar a Academia Militar ou começar um curso universitário. E, apesar de seu amigo ter feito a viagem por terra, a mãe de Timóteo insistiu para que seu filho viajasse de avião, enviando-lhe o dinheiro da passagem.

Timóteo não sabia costurar e, tampouco, havia uma tradição de costura em sua família. Assim, ao chegar a sua primeira oficina, na Vila Matilde, na zona leste da cidade, de um paceño[322], em que um dos seus amigos trabalhava, passou um dia inteiro praticando e, no dia seguinte, já começou a trabalhar em uma máquina. Essa oficina de costura tinha 7 máquinas, mas trabalhavam apenas em 4 costureiros e faziam bermudas para pirataria, colocando etiquetas de marcas famosas. Os dois amigos permaneceram, apenas, uma semana, nessa primeira oficina, porque não gostaram das condições de moradia e, ademais, comentava-se que o dono não costumava pagar com regularidade.

---

devolvido. E minha mãe queria emprestar-lhes, como eram seus irmãos e assim, os meus tios vieram bater no meu pai" [Timóteo, tradução livre].

[320] Na migração dos pais a Santa Cruz ainda era muito novo e embora já conheça alguns lugares na Europa, Estados Unidos e Argentina, suas viagens foram como turista e não como trabalhador.

[321] A "promoção" é o nome que se dá ao momento de término do que, no Brasil, equivale ao colegial ou segundo grau.

[322] Paceño é aquele que nasceu no departamento de La Paz, na Bolívia.

> "(...) pero solo he estado una semana, así que no cobré nada. Me fui para otro lado porque no me ha gustado. Bueno, comentaban que no pagaba, y que hacia esperar. Y eso no me gusto a mí y, además, el lugar, el cuarto y la casa eran sucios y así donde vivía y donde dormía era un sótano y no me gustó nada porque tenía que andar agachado" [Timóteo][323].

A segunda oficina também foi uma indicação do amigo que trabalhava com eles em sua primeira oficina de costura, entretanto, no momento em que se dirigiram para essa segunda oficina de costura, esse amigo não os acompanhou, pois havia terminado de tramitar sua regularização e saiu da oficina anterior para trabalhar em uma oficina de brasileiros regularizada[324].

Essa segunda oficina de costura também se localizava na zona leste, na Avenida Patriarca, era muito maior e mais agradável que a primeira, com 20 máquinas, e fazia roupas para confecções coreanas. Entretanto, no momento em que chegaram, o dono, que era de um município rural do departamento de Cochabamba, estava passando por dificuldades e não tinha muitas encomendas. Dessa forma, Timóteo e seu amigo permaneceram somente mais uma semana e, então, mudaram-se para outra indicação desse amigo de Cochabamba: uma oficina de 18 máquinas em São Mateus, no extremo leste da cidade, cujo dono também era de Capinota, um município rural de Cochabamba. Nessa terceira oficina, que também fazia roupas para coreanos, embora o dormitório, a comida e o tratamento fossem muito bons, o pagamento era muito baixo, cerca de R$ 380,00, por mês, e sua localização era de difícil acesso, muito próxima de uma favela[325]. Devido ao baixo salário e à péssima localização, Timóteo e seu amigo acabaram ficando somente um mês e

[323] "(...) mas somente permaneci uma semana, assim que não cobrei nada. Fui para outro lado porque não gostei. Bom, comentavam que não pagava e que fazia esperar. E isso eu não gosto e, ademais, o lugar, o quarto e a casa eram sujos e, assim, onde vivia e onde dormia era um sótão e eu não gostei nada porque tinha que andar agachado" [Timóteo, tradução livre].

[324] Atualmente, graças ao Mercosul, os naturais dos países membros ou associados podem conseguir, sem muita burocracia, a permissão para viver e trabalhar em outro desses países, por 2 anos, renováveis. Circunstâncias que, num futuro próximo, certamente transformarão esse mercado de trabalho, possibilitando a alguns costureiros bolivianos a saída do mundo social das oficinas de costura bolivianas para a inserção em outros tipos de oficinas de costura. De todo modo, note-se, conforme veremos no capítulo 4, que esse tipo de percurso é ainda bastante raro.

[325] "El taller era alejado y cerca de la favela más o menos y decían que era peligroso. No pasó nada pero era muy alejado. Pero la comida y la atención era bien y mejor que todos era" [Timóteo]

meio até encontrarem um trabalho melhor. E o encontraram em um anúncio na Rua Coimbra[326].

Essa quarta oficina localizava-se na Penha, na zona leste, e era de um boliviano da cidade de Sacaba, no departamento de Cochabamba, e possuía apenas 5 máquinas que confeccionavam roupas para os lojistas coreanos. Depois de 15 dias em que estavam nessa oficina de costura, a dona da oficina adoeceu e morreu e o seu irmão, que tinha uma oficina de costura próxima, os contratou. A oficina do irmão era bem maior, com 12 máquinas e 10 trabalhadores e também confeccionavam para coreanos.

Timóteo permaneceu nessa oficina por apenas 2 meses, pois um amigo que havia migrado antes o chamou para trabalhar na oficina em que trabalhava, no Parque Ecológico, na zona leste da cidade. O dono era de uma província rural de La Paz e sua esposa de Cochabamba. Essa oficina possuía 15 máquinas e trabalhavam 3 casais e 5 homens solteiros. Além da confecção de roupas concebidas, cortadas e montadas pelo dono que as revendia em um box, na Feira da Madrugada, a oficina também confeccionava para um lojista brasileiro. Nessa oficina de costura, Timóteo e seu amigo permaneceram por mais 3 meses, até retornarem para a Bolívia, para as festas do final de ano de 2011. Nessa quinta oficina, apesar de se sentirem bem tratados e com um pagamento adequado, percebiam que os outros trabalhadores, que eram parentes do dono, eram muito submissos e estavam sendo tratados como "escravos"[327].

[326] "(...) fuimos a ver los anuncios a Coimbra, es que justo cuando llegamos, la dueña vino y nos dijo que podemos ir a ver y, como no estaba mal, nos quedamos ahí nomás" [Timóteo].
[327] "ellos han llegado de aquí y de esa oficina no han vuelto a salir están tres años trabajando con él o cuatro años y creo que no han salido a trabajar a otras oficinas" [Timóteo].

> "No, la atención, la comida, eso nomas, era bueno, pero a sus otros costureros que tenía y, bueno, cuando llegamos ya tenía costureros y a esos costureros les trataba mal y creo que esos costureros les tenía miedo. Hacían lo que decía y, más, claro, no sé, cómo trabajo esclavo, algo así. Nosotros, pero, bueno, tratamos de cambiarlos pero ellos no, seguían, nomas, lo mismo, seguían supuestamente por que ganan bien - y la mayoría eran sus sobrinos y eran de provincias de La Paz, eran sus conocidos (…). Y el [dueño] no les pagaba en años, meses, les debía, y los otros no decían nada, no reclamaban. Y, pero, hemos llegado nosotros y le hemos cambiado, y es que a mí me gustaba que me pague ese mes y no me gustaba que me diga "tienes que hacer esto" y "tienes que trabajar desde esa hora", no nunca (…). Él se enojó con nosotros, pero igual nunca nos humillaba" [Timóteo][328].

Durante os oito meses de sua primeira estadia na cidade, Timóteo passou por 5 oficinas de costura em busca de melhores condições de trabalho e, em sua avaliação, os costureiros da zona rural que haviam migrado para trabalhar com seus familiares eram muito submissos deixando-se explorar, por não conhecerem as condições de trabalho de outras oficinas de costura, por não terem circulado. E ele e seu amigo mesmo trabalhando na mesmo oficina de costura daquele que explorava seus compatriotas, como se impunham, não eram explorados.

Após essa primeira estadia, no final do ano de 2011, retornou a Cochabamba para passar as festas com o irmão e com o pai. Retornou a São Paulo, em março de 2012, com um objetivo um pouco diferente: dessa vez, tratava-se de auxiliar um tio, irmão de sua mãe, que estava retornando da Espanha à Bolívia, junto com sua esposa, devido à crise financeira que assolava a Europa, e gostaria de investir uma parte do dinheiro poupado na Espanha em uma oficina de costura em São Paulo – devido, entre outras coisas, à tradição familiar de sua mulher em relação à costura. Durante o tempo em que estava procurando

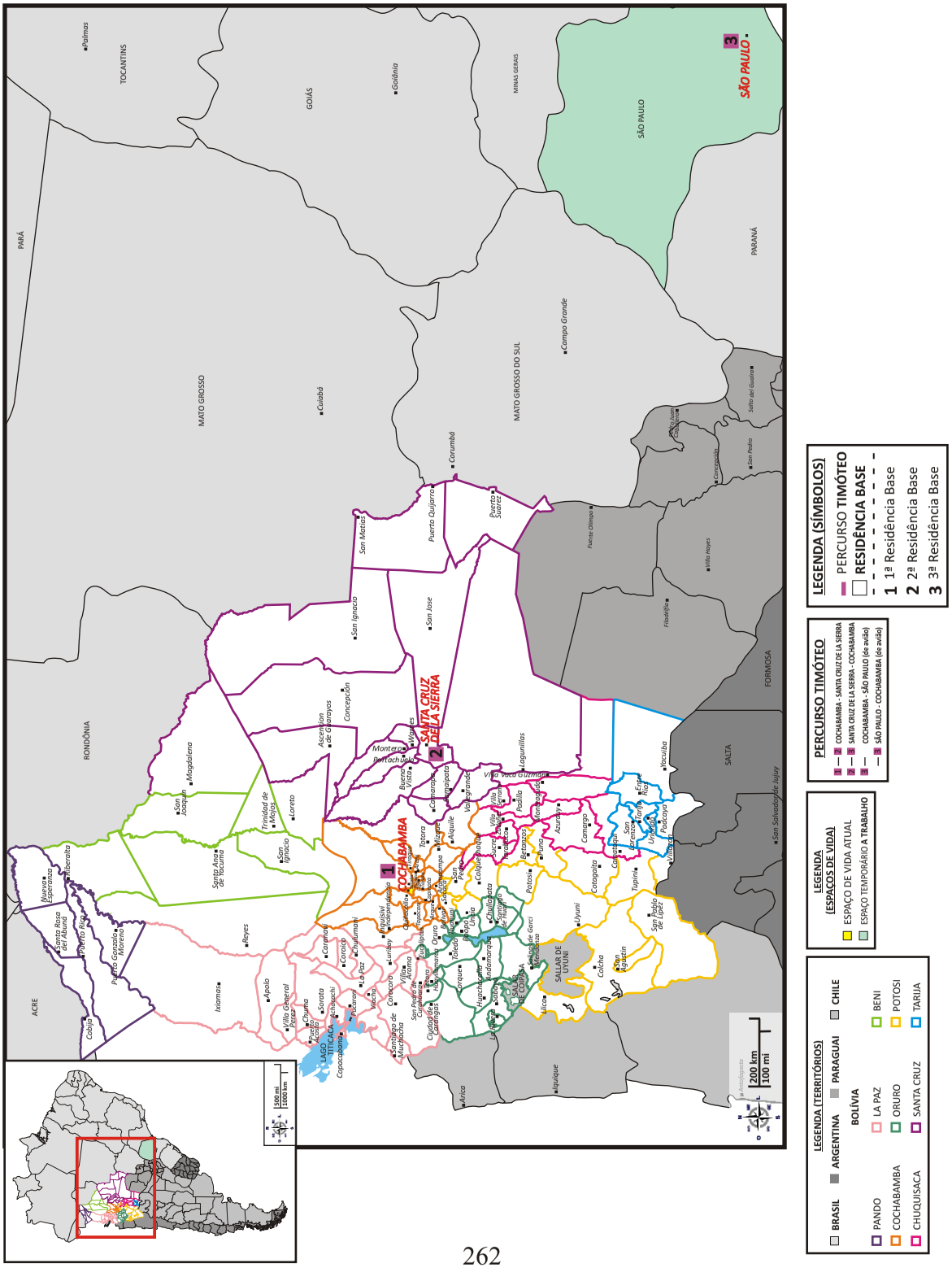
[328] "Não, o atendimento, a comida, isso, não mais, era bom, mas aos outros costureiros que tinha e, bom, quando chegamos já tinha costureiros e a esses costureiros, lhes tratava mal e, creio, que esses costureiros tinham medo dele. Faziam o que ele lhes dizia e, mais, claro, não sei, era como trabalho escravo, algo assim. Nós, entretanto, tratamos de mudar, mas eles não, seguiam, não mais, o mesmo, seguiam, supostamente porque ganhavam bem – e a maioria eram seus sobrinhos e eram de La Paz, eram seus conhecidos (…). E ele [o dono] não lhes pagava há anos, meses lhes devia, e eles não diziam nada, não reclamavam. Mas nós chegamos e mudamos, porque eu gosto que me paguem esse mês e eu não gostava que me dissessem "você tem que fazer isso" e "você tem que trabalhar desde essa hora", não nunca (…). Ele ficou bravo conosco, mas nunca nos humilhava" [Timóteo, tradução livre].

uma oficina de costura para o tio, voltou a trabalhar na última oficina em que havia trabalhado antes de sair do Brasil.

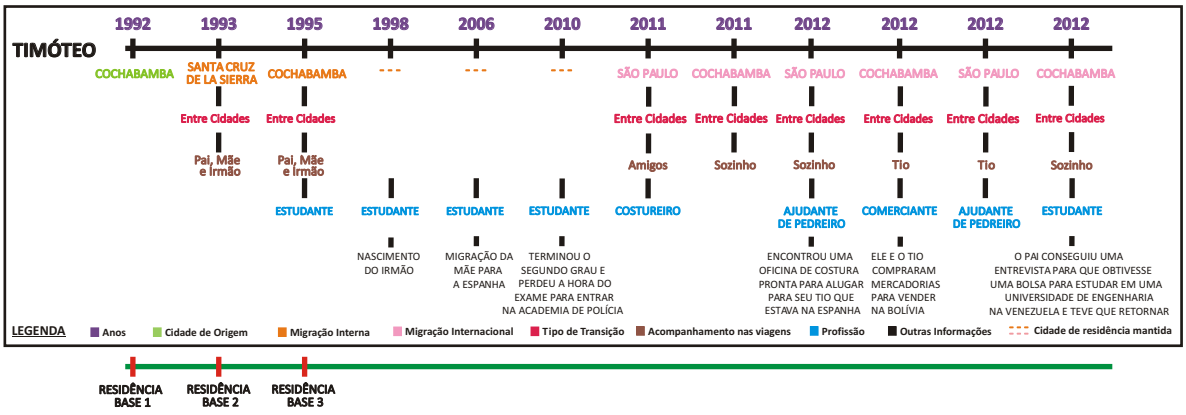
Depois de encontrar a oficina para a família do tio, enquanto a mulher e os seus irmãos e primos trabalhavam na oficina, Timóteo e o tio começaram a trabalhar como pedreiros. Além da construção, Timóteo, com o aval e dinheiro de sua mãe, e o tio decidiram investir em contrabando com mercadorias compradas em São Paulo. E fizeram sua primeira viagem, para Cochabamba, em julho de 2012[329]. Em agosto de 2012, retornaram para São Paulo com planos de fazer outras compras e continuar com o negócio, entretanto, menos de um mês depois, seu pai lhe chamou para que retornasse imediatamente a Cochabamba, pois tinha conseguido uma entrevista para o filho concorrer a uma bolsa para a carreira de engenharia petrolífera, na Venezuela[330].

[329] Timóteo investiu 2500 reais de sua mãe e obteve de lucro (descontado o valor investido)1000 reais.
[330] No momento da entrevista, Timóteo tinha acabado de chegar do Brasil e aguardava a entrevista e seus planos eram, basicamente, dedicar-se aos estudo e, caso não conseguisse a bolsa, continuaria em Cochabamba cursando uma universidade, publica ou privada, na carreira de engenharia petrolífera.

**Figura 33 - Espaços de vida e residências base de Timóteo, estudante da zona sul de Cochabamba, sem experiência na costura**



## Figura 34 - Linha da vida de Timóteo, estudante da zona sul de Cochabamba, sem experiência na costura



Embora o percurso de Timóteo apresente uma singularidade nada desprezível: o fato de fazer parte de uma família transnacional, encontramos esse sentido da aventura em percursos de jovens provenientes de outras estruturas familiares como, por exemplo, no de Alejandro, de 22 anos, nascido em um pequeno povoado rural, Ticuaya, vinculado ao município de Escoma, no início dos anos 1990.

No final dos anos 1990, quando tinha 8 anos, o pai migrou para trabalhar na costura, em Buenos Aires, a convite de amigos que possuíam familiares com oficina de costura na Argentina. Nessa época, Alejandro ajudava sua mãe nas atividades agrícolas e estudava nesse povoado. O pai retornou no início dos anos 2000, após a desvalorização do peso argentino que, conforme veremos, levou muitos bolivianos a saírem da Argentina e, em 2005, com o dinheiro trazido pelo pai e mais um empréstimo, a família de Alejandro conseguiu comprar uma casa em Escoma – migração necessária para que os filhos pudessem realizar os estudos de segundo grau.

Nesse período, enquanto sua mãe realizava o trabalho agrícola, nas terras comunais em Ticuaya, o pai trabalhava na rádio de Escoma e como músico, passando para o filho o ofício da música[331]. Nesse período, durante os estudos do segundo grau, Alejandro viajava quase todos os finais de semana com sua banda, indo tocar até no Peru[332]. Entre 2008, Alejandro entrou para o exército e foi enviado para Cobija onde passou um ano. Ao retornar do exército, foi a uma festa em Escoma e passou a noite com uma menina, sendo obrigado, no dia seguinte, pela família da moça, a se concubinar com ela. E então, três semanas depois, a oportunidade de ir para São Paulo com o irmão dessa menina foi a chance de se livrar da obrigação de morar junto com ela.

Alejandro, seu cunhado e a esposa dele migraram no início de 2010 para trabalhar na oficina de costura de um conhecido de Escoma que financiou a viagem dos três, acordando que eles permaneceriam nessa oficina por, pelo menos, um ano. Ao

[331] Na Bolívia, esse é um ofício extremamente valorizado pelas classes populares "indígenas camponesas", pois os músicos são solicitados em inúmeros eventos.
[332] O ex-cunhado de Alejandro com quem migrou para São Paulo também era músico e, nessa época, migrou com sua banda para São Paulo, contratado junto com outros músicos bolivianos pela passante boliviana, para tocar em uma festa de morenada. Além dos músicos, para as festas bolivianas em São Paulo e em Buenos Aires, são trazidas as roupas e os adornos diretamente da Bolívia.

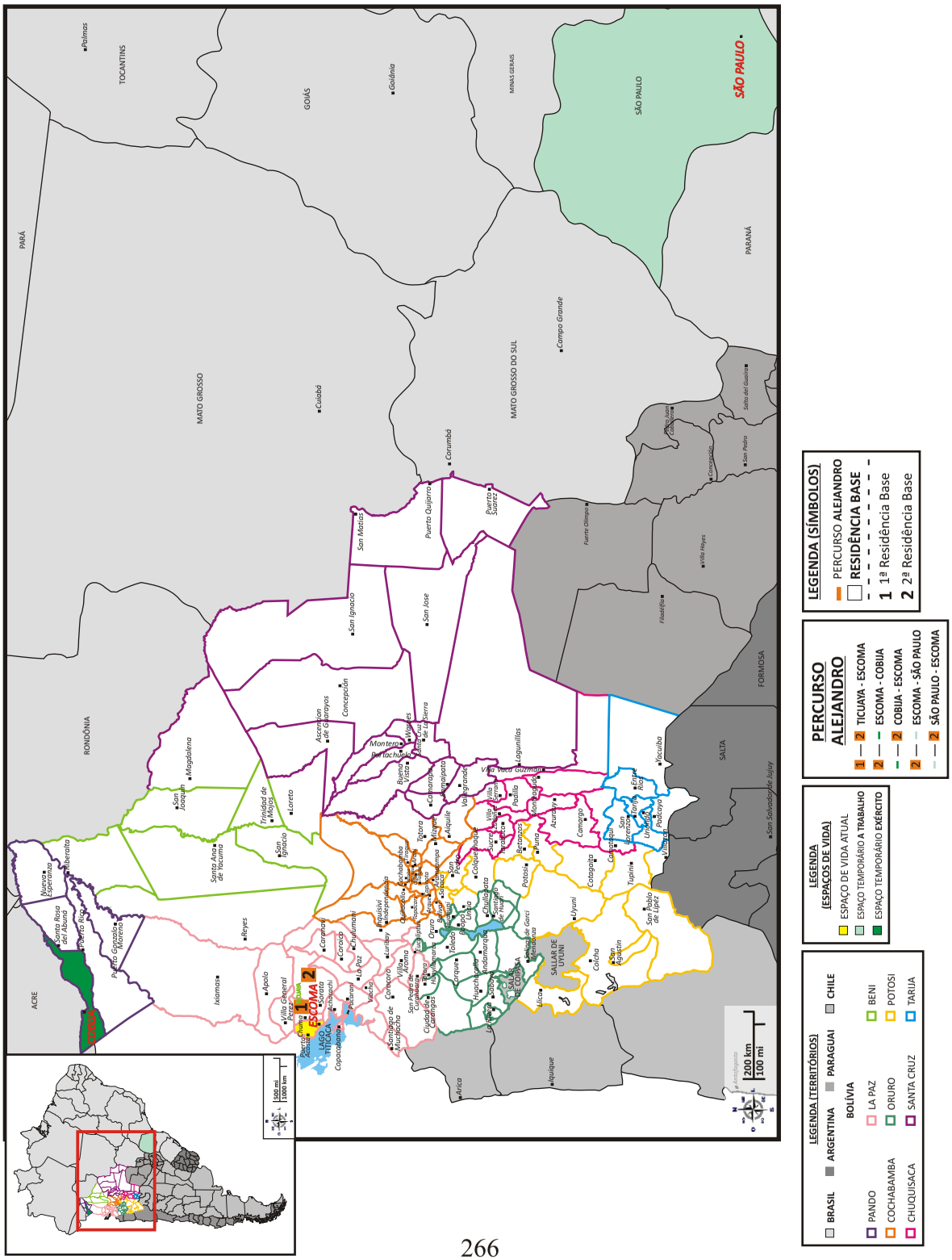
chegarem, no Bom Retiro, passaram meio dia aprendendo e, logo em seguida, começaram a trabalhar. A oficina com 8 máquinas e sete trabalhadores costurava roupas para confecções coreanas e pagava a Alejandro R$200,00 por mês e, depois de dois meses, R$300,00 por mês. Para Alejandro, que vinha da zona rural, se tratava de muito dinheiro, mesmo com os descontos da passagem que acabavam contabilizando em torno de R$100,00 reais por mês. E a mudança de oficina de costura depois de 4 meses devia-se às brigas com os outros familiares do dono que trabalhavam na mesma oficina de costura.

Os três conheceram o dono da segunda oficina de costura na qual trabalharam na Praça Kantuta, naquele "mercado de trabalho a céu aberto", descrito no capítulo anterior. A oficina de costura era um pouco maior, com dez máquinas, localizada na zona leste, e o dono era de Coroico, da zona rural do departamento de La Paz. Nessa oficina, passaram a ganhar R$400,00, e além de costurar, Alejandro, que tinha levado seu trompete, também começou a trabalhar como músico.

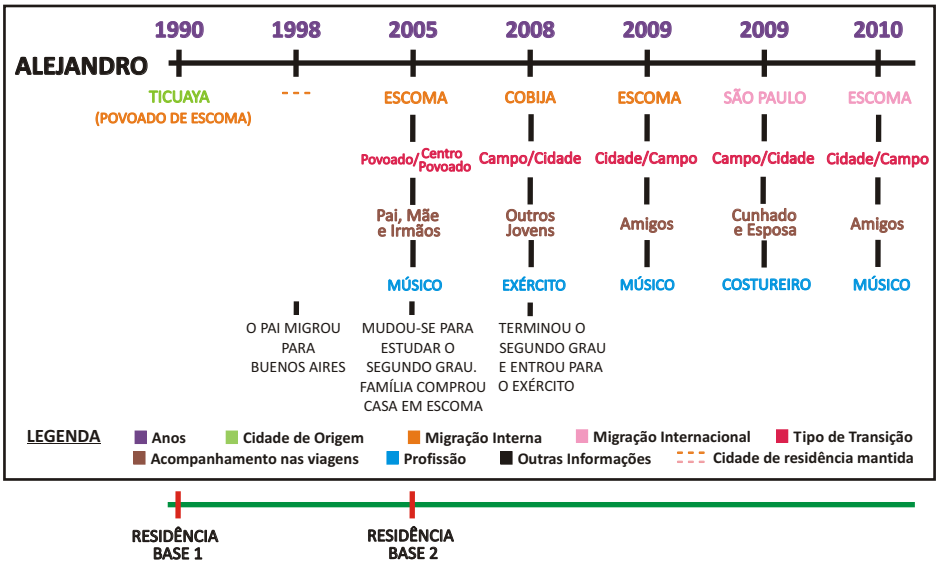
Embora tenha gostado muito da experiência, quando os pais da menina com a qual deveria supostamente se casar, decidiram desistir da ideia, ele preferiu retornar a Escoma para voltar a tocar em sua banda e seguir os estudos. Atualmente, está fazendo um curso técnico de informática, mas pretende iniciar a faculdade de música em Achacachi, um município rural próximo à Escoma.

Nesses últimos percursos, de Timóteo e de Alejandro, a inserção no mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino foi vivida como uma aventura passageira. Nessas circunstâncias, os possíveis lucros ou prejuízos econômicos não foram contabilizados, fazendo parte da aventura de migrar e trabalhar.

**Figura 35 - Espaços de vida e residências base de Alejandro, músico do município rural de Escoma, sem experiência na costura**



## Figura 36 - Linha da vida de Alejandro, músico do município rural de Escoma, sem experiência na costura



A partir dessas narrativas, de bolivianos que se inseriram inicialmente no mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino entre os 17 e os 20anos de idade, ainda solteiros, sem habilidades profissionais na costura e sem uma perspectiva inicial de retorno, a partir de percursos sócio espaciais e laborais anteriores bastante diversos, buscávamos abarcar a heterogeneidade de circunstâncias a partir das quais a inserção nesse mundo social pode ocorrer e os outros sentidos e projetos que podem animá-la para além das circunstâncias classicamente consideradas nas análises contemporâneas sobre a migração boliviana citadas no início do capítulo, e analisadas no perfil anterior, de bolivianos que migram no âmbito de um projeto familiar de manutenção ou investimento nos locais de origem.

Ao invés do objetivo da manutenção e do investimento nos locais de origem, destacamos, nessas narrativas, a vontade de conhecer novos lugares, a busca pelos familiares que migraram anteriormente, a vontade de se esquivar de situações constrangedoras nos locais de origem e mesmo o objetivo de juntar dinheiro para seguir outra profissão. E, ao invés de percursos sócio espaciais e laborais marcados pela precariedade, nos deparamos com narrativas de migrantes que, em alguns casos, não haviam precisado trabalhar antes dessa inserção no mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino, podendo se dedicar exclusivamente aos estudos (Timóteo e Geovane) e, com exceção de Orlando, com estruturas familiares consolidadas.

Também procuramos indicar a partir dos percursos de Alejandro e de Geovane que, a despeito da precariedade inerente a essas regiões na Bolívia, em relação aos percursos sociais dos entrevistados, encontramos circunstâncias muito menos precárias do que as vivenciadas por aqueles que tiveram que abandonar a zona rural e se inserir nos bairros periurbanos dos centros urbanos de destino. Bairros que, aliás, são tão ou mais precários do que o município rural visitado. Atualmente, no município de Escoma é possível cursar, além do segundo grau completo, cursos técnicos e o magistério. Entretanto, o fato de não manejarem dinheiro da mesma maneira como se maneja na cidade, os

transforma em vítimas da exploração por parte dos oficinistas bolivianos que também são provenientes das zonas rurais[333].

E a inserção desses jovens nesse mundo social pode resultar em uma aventura ou no aprendizado de um ofício que poderá reorientar completamente sua vida profissional futura.

[333] Conforme veremos na última seção do capítulo 4.

## 3.2.3) COSTUREIROS E COSTUREIRAS URBANOS - OPORTUNIDADES PROFISSIONAIS DE MOBILIDADE, APRIMORAMENTO E CIRCULAÇÃO

A atividade de confecção de roupas na Bolívia, em meio urbano, possui uma tradição vinculada à produção de roupas por encomenda, realizada pelos alfaiates, chamados de "sastres". Diferentemente do que ocorre no Brasil – em que, pelo menos, desde os anos 1950, estabelece-se, nos grandes centros urbanos, uma indústria de confecção que transforma as roupas produzidas pelos alfaiates em artigos de luxo – na Bolívia, a indústria de confecção é ainda bastante incipiente, embora seja, junto com a produção de tecidos, a terceira maior atividade econômica no país, depois da agricultura e da atividade mineira (FRAZIER & BRUSS, 2004: 439). Entre as classes populares é comum, ainda nos dias de hoje, a confecção da própria roupa e a encomenda aos sastres de roupas de festa.

A efervescência da sastreria pode ser vislumbrada, atualmente, em uma caminhada rápida pelas ruas entre a Garita de Lima e a Plaza Eguino, em La Paz, que abrigam centenas de pequenas alfaiatarias trabalhando a todo vapor. E conforme nos disseram os sastres, com quem conversamos ao longo do trabalho de campo, embora o início das confecções nos remeta aos anos 1960, 1970, momento em que a rua Tumusla era abarrotada de pequenas confecções coreanas, com a crise dos anos 1980, e a saída dos coreanos, o estabelecimento das "mañaneras" que representam os confeccionistas paceños é da década de 1990. Nessa década, a Bolívia – junto com a Colômbia e, depois, o Equador e o Peru – assina um importante acordo internacional com os Estados Unidos, no contexto da guerra contra as drogas do governo Bush, o ATPA (Andean Trade Preference Act), que visava estimular, entre os países produtores de drogas, outras atividades econômicas, estando, entre elas, a produção de têxteis e confeccionados[334]. Na Bolívia, esse programa visava às plantações de folha de coca, especialmente, às plantações da região do Chapare que iniciaram nos anos 1980, na época da crise das minas.

[334] A partir desse primeiro acordo foram eliminadas as barreiras tarifárias de uma lista de 6500 produtos para sua inserção no mercado norte americano.

Em Cochabamba, o estabelecimento da indústria de confecção nos remete à Villa Pagador e aos migrantes provenientes de Oruro, parte deles sastres ou de família de sastres, conforme pudemos observar ao longo do trabalho de campo. Esse deslocamento da sastreria (alfaiataria, roupas sob medida) para a confecção (roupas a partir de moldes, "prontas para vestir") ocorre, em geral, muito mais no interior de um percurso familiar do que em um mesmo percurso de vida. Em outras palavras, é muito mais difícil encontrar sastres que se tornaram confeccionistas do que sastres cujos filhos se tornaram confeccionistas[335]. E um dos motivos desse padrão é, além do preconceito dos sastres bolivianos em relação às atividades de confecção, principalmente, o fato de a sastreria ser ainda uma atividade econômica requisitada pelas as classes populares indígenas[336].

No início dos anos 2000, após a expiração do ATPA, a indústria de confecção boliviana recebeu mais um importante incentivo do governo norte americano, graças à assinatura do ATPDE (Andean Trade Promotion and Drug Erradication Act), um acordo que reafirma o programa de erradicação das drogas dos Estados Unidos. A partir desse acordo, as confecções bolivianas poderiam ser importadas sem imposto por fabricantes regionais norte americanos, desde que fossem tingidas ou finalizadas nos Estados Unidos (FRAZIER & BRUSS, 2004: 439). Antes do acordo estimava-se que a indústria de confecção boliviana empregava formal e informalmente cerca de 60 mil pessoas e, com o acordo, estimava-se um aumento de 40 mil empregos nessa indústria, conforme indicam Frazier e Bruss (2004:439).

Após quase seis anos de funcionamento desse último acordo, momento de investimento e crescimento da indústria de confecção boliviana, o acordo com os Estados Unidos é suspendido graças às dificuldades do governo norte-americano em dialogar com o presidente Evo Morales a respeito da erradicação das plantações de coca[337].

---

[335] Como é o caso de Silvio e Marcos, entrevistados em Villa Pagador, em Cochabamba e o de Celina, entrevistada em São Paulo.

[336] Essa predominância da artesania no lugar da indústria se reflete em muitas coisas da vida cotidiana. A necessidade de ter que encomendar um espelho em uma vidraçaria devido à impossibilidade de encontra-lo no supermercado em La Paz, me parece um exemplo desse mesmo tipo de circunstâncias.

[337] Evo Morales, como sabemos, é um dos principais representantes políticos dos cocaleros da região do Chapare. A história de sua família se confunde com essa história de estabelecimento das plantações de coca

Independente das questões políticas e ideológicas envolvidas nesse debate sobre a erradicação das drogas, o fato é que essa suspensão – que significa a suspensão de benefícios que vinham sendo angariados desde os anos 1990 e com maior ênfase nos anos 2000 – promoveu uma quebra importante na indústria de confecção boliviana que certamente deve ter se refletido no aumento da migração de costureiros bolivianos para o mundo social das oficinas de costura bolivianas das cidades de São Paulo e Buenos Aires[338].De todo modo, adquiriu destaque, ao longo do trabalho de campo, o encontro com costureiros bolivianos que, em algum momento de suas vidas, resolveram migrar para trabalhar em outras cidades.

E embora a costura seja considerada uma atividade que, a princípio, exige pouca especialização, pudemos encontrar, entre costureiros, percursos muito mais bem sucedidos de inserção nesse mundo social nas cidades de destino, indicando que o conhecimento anterior pode ser importante, seja no momento da atividade mesma da costura, seja no momento de circular por entre oficinas de costura. E os costureiros que migram para exercer sua atividade profissional aportam a essa inserção um terceiro sentido, concomitante à busca por aventura ou pela manutenção dos locais de origem, a de mobilidade, aprimoramento e circulação profissional – tratando-se, muitas vezes, de uma busca por melhores condições de trabalho para a realização de um ofício em relação ao qual esses migrantes possuem habilidades.

E como se trata do aprendizado de um ofício que é central no mundo social em foco nesta tese, diferentemente dos outros perfis, que foram apresentados tendo em vista, principalmente, as nuances do projeto e da experiência social nessa atividade, propomos apresentá-los tendo em vista as nuances nos percursos de inserção nessa atividade laboral na Bolívia. Para abordar essas nuances, apresentaremos os percursos de Tulio, ex mineiro do Centro Mineiro de Caracoles, no departamento de La Paz, que entrou na costura após ser

---

nessa região, após a crise econômica dos anos 1980, que culmina com a emergência econômica e política das classes populares indígenas e com a eleição de Evo na segunda metade dos anos 2000.

[338] Infelizmente, no período em que estive na Bolívia, não encontrei praticamente nenhum estudo relevante sobre a indústria de confecção boliviana. A única referência que temos, além do artigo citado acima é um estudo de Samamud, Alvarado e Castillo (2003), sobre os confeccionistas de El Alto e a ulilização do microcrédito.

relocalizado, nos anos 1980, indo morar em El Alto e que migrou para Buenos Aires no início dos anos 1990 e dos irmãos Pablo e Jonathan, de Oruro, que aprenderam o ofício com a irmã que se inseriu nessa atividade após a migração interna de Oruro para Cochabamba e que migraram para São Paulo na segunda metade dos anos 1990.

> [Y cómo fue que fuiste?] Entonces fui a buscar trabajo a la ciudad. Bajé[339], me compré diario, leí: 'se necesita costurero', para aquí al lado de '16 de Julio'[340]. Entonces, me queda más cerca. Fui a preguntar y le dije: '¿Necesitan costurero?'. 'Sí', me dijo. '¿Sabes coser?'. 'Sí'. 'No es para aquí', me dijo. '¿Para dónde es?'. 'Para Buenos Aires, Argentina', me dijo. '¿Quieres ir?'. 'Sí'. '¿Sabes costurar?'. 'Sí sé', le dije. '¿Enserio, sabes?'. 'Sí sé', ledije. [Tulio][341].

Tulio, que me foi indicado como uma pessoa que havia migrado para costurar em São Paulo, migrou, de fato, para Buenos Aires para trabalhar na costura em 1993, no momento da "febre da costura" no país, depois do estabelecimento da paridade entre o peso e o dólar, quando, no Brasil, ocorria o processo oposto: desvalorização da moeda nacional e crise nessa indústria[342]. Alguns dias depois dessa conversa com seu futuro empregador, menos de uma semana, Tulio partia para Buenos Aires para uma temporada de um ano que acabou se transformando em nove anos. Aliás, embora soubesse das boas oportunidades de trabalho em São Paulo e em Buenos Aires e pensasse em migrar para trabalhar em um desses dois lugares, pois tinha amigos costureiros que já haviam migrado e em seus retornos contavam as novidades, quando foi à busca de um trabalho anunciado no jornal, imaginava que se tratava de um trabalho de costureiro para uma oficina ou fábrica de El Alto, onde morava desde que foi "relocalizado",durante a crise dos anos 1980.

---

[339] "Baixei", referindo-se a "baixar de El Alto a La Paz".
[340] Do Mercado 16 de Julho.
[341] "[E como você foi?] Então, fui buscar trabalho na cidade. Baixei, comprei o jornal, li 'se necessita costureiros' para aqui do lado de '16 de Julho'. Então, fica mais perto para mim. Fui perguntar e lhe disse: 'Estão precisando de costureiro?' 'Sim', me disse. 'Sabe costurar?'. 'Sim'. 'Não é para aquí', me disse. 'Para onde é?'. 'Para Buenos Aires, Argentina', me disse. 'Quer ir?'. 'Si'. 'Sabe costurar?'. 'Sim sei'. 'Você sabe mesmo?'. 'Sim, sei', lhe disse" [Tulio, tradução livre].
[342]Conforme veremos no capítulo 4.

> Yo cuando trabajaba aquí en la Ollada [bairro de El Alto], trabajaba en costura, me encontré con amigos y me decían: '¿por qué no te vas a Buenos Aires, Argentina, o a Brasil?', me decían. '¿Qué de bueno es allá? ¿Se gana bien?'. Uno se emociona. 'Puedes ganar allá en Argentina 800 pesos'. Porque 800 pesos significa como 800 dólares. Esos 800 dólares aquí en Bolivia, ¿cuánto sale? Esa vez creo que estaba a 7, estaba. Entonces es una buena suma. Viendo eso, entonces, de esa manera me animé. 'Algún día iré a Brasil o a Argentina' [Tulio][343].

Tulio nasceu, em 1960, no Centro Minero Caracoles, localizado no departamento de La Paz. A família de Tulio oriunda da província Inquisivi, zona rural do Departamento de La Paz, no altiplano andino, possuía uma longa tradição na mineração vinculada aos centros mineiros dessa região[344]. E os seus pais mudaram-se definitivamente para o Centro Mineiro de Caracoles em meados dos anos 1950 – no bojo da revolução de 1952.

A decisão de migrar para La Paz/El Alto ao invés de voltar ao campo, deve-se, conforme percebemos na explicação de Tulio abaixo, a uma hierarquização implícita desses três tipos de localidades entre as quais se divide a população boliviana: as zonas rurais, consideradas as mais precárias, nas quais se vive a base do escambo, com pouquíssima circulação de dinheiro e, em meados dos anos 1980, sem energia elétrica e sem possibilidades de estudar para além do nível fundamental; as zonas mineiras, mais desenvolvidas, com escolas e comércio e as zonas urbanas, nas quais se concentram as instituições e as estruturas socioeconômicas mais modernas da Bolívia.

[343] "Eu, quando trabalhava aqui em Ollada [bairro de El Alto], trabalhava com costura, me encontrei com amigos e me diziam: 'Por que você não vai a Buenos Aires, Argentina ou ao Brasil?', me diziam. 'O que há de bom lá? Se ganha bem?'. Um se emociona. 'Você pode ganhar lá na Argentina 800 pesos'. Porque 800 pesos significa como 800 dólares. Esses 800 dólares aqui na Bolívia, quanto vale?. Essa vez creio que estava a 7, estava. Então é uma boa soma. Vendo isso, então, dessa maneira, me animei. 'Algum dia irei ao Brasil ou a Argentina" [Tulio, tradução livre].

[344] Note-se que Rodrigo, marido de Sonia também nasceu em Inquisivi e trabalhou em Caracoles.

> "Entonces, nosotros decidimos, cuando ha venido la relocalización, decidimos nos relocalizar. Mi papa decía 'nos vamos ir a mi pueblo', pero 'en tu pueblo qué vamos hacer? Es una loma que no hay nada'. Nosotros estamos acostumbrados aquí en el centro minero donde por lo menos hay luz, tele hay. Entonces fuímos a La Paz"[Tulio][345].

Os trabalhadores, mineiros e operários, que aceitaram se relocalizar, recebiam uma remuneração extra, proporcional ao tempo de serviço, o que possibilitou ao pai de Tulio, que havia trabalhado por quase de 30 anos na mineradora, obter dinheiro suficiente para comprar uma pequena casa em El Alto, mas para jovens como Tulio, que haviam trabalhado apenas alguns anos, o benefício de pouco mais de 600 dólares não possibilitava que fizessem nenhum tipo de investimento para iniciar uma vida nova. Deveriam reiniciar do zero sua vida laboral.

No período de sua migração para La Paz/El Alto, a Bolívia passava por uma grande crise socioeconômica, conforme vimos acima. Na descrição de Tulio, abaixo, podemos vislumbrar como essa crise era vivida pela população em geral: faltava comida, os alimentos básicos aumentavam de preço a cada instante e o salário, que precisava ser adiantado para que as famílias pudessem subsistir, acabava antes de acabar o mês.

> "En eso gobierno de Victor Paz Estenssoro, la vida era muy dura, no se ganaba. Por ejemplo, en La Paz mismo, por el pan, tienes que ir desde las 3 de la mañana hacer-te fila para agarrar unos 10 paezitos. Y en la mina, lo mismo era, para agarrar 10 panes tenía que salir a la panadería a las 5 de la mañana, o 2 de la mañana hacer-te fila. Era por lo menos por dos cuadras, larga fila por 10 panezitos y, a veces, no agarraba nada. Y las otras cosas, azúcar, fideos te costaba carísimo, ya no llegaba ya. Agarrabas 10 panes, en una familia que disponga de siete personas, no alcanzas, 10 panes no alcanza para siete personas pues el desayuno se toma por la mañana, pero y en la tarde ya no había. Entonces, de esa manera la vida era muy dura ella, tampoco se ganaba bien, te daban adelanto, adelanto, adelanto, al fin del mis te salía sin sueldo. De esa manera la gente decía, a lo mejor vámonos a otra vida" [Tulio][346].

---

[345] "Então, nós decidimos, quando chegou a relocalização, decidimos nos relocalizar. Meu pai dizia 'vamos ia ao meu povoado', mas 'no seu povoado o que vamos fazer? Não tem nada'. Nós estamos acostumados aqui no centro mineiro, onde pelo menoshá iluminação, televisão há. Então, fomos a La Paz" [Tulio, tradução livre].

[346] "Nesse governo de Victor Paz Estenssoro, a vida era muito dura não se ganhava. Por exemplo, em La Paz mesmo, pelo pão você tem que fazer fila desde às 3 horas da manhã para conseguir uns 10 pãezinhos. No centro mineiro, era o mesmo, para conseguir 10 pães tinha que ir para a padaria às 5 horas da manhã ou 2 da manhã fazer fila. Era uma fila de pelo menos duas quadras, era grande a fila por dez pães e às vezes não

Diante dessas circunstâncias, restava aos camponeses, mineiros, operários e trabalhadores urbanos bolivianos, de acordo com Tulio, migrar em busca de uma vida melhor na própria Bolívia ou em outros países. Essa alternativa expressa-se no adensamento impressionante das migrações internas e internacionais, conforme vimos acima[347]. O próprio Tulio, após migrar para La Paz e trabalhar durante alguns meses na construção civil, migrou para outros locais na Bolívia: a princípio, para as províncias de Caranavi e Santo Beni, em La Paz, para tentar trabalhar em outras mineradoras e, depois, migrou para o departamento de Beni, na selva boliviana, para trabalhar em madeireiras nas províncias de San Borja e Reyes.

Em 1988, dois anos depois de sair de El Alto, Tulio decide se fixar na cidade e faz um empréstimo no banco para comprar uma casa. Em El Alto, trabalhava na construção civil e, em uma época de chuvas, em que haviam paralisado a obra em que trabalhava, saiu procurar outro trabalho e acabou se inserindo na atividade da costura, sem, a princípio, saber o que significava a palavra "costura". Sabia "coser", pois no centro mineiro em que morava com a família possuíam uma máquina de costura Singer e ele e seus irmãos preferiam "coser" as calças que utilizavam para passear a comprar prontas, pois achavam que as confeccionadas eram de má qualidade, mas a palavra "costura" e a "costura" como ofício passaram a fazer parte de sua vida somente no momento em que migra para El Alto.

---

conseguia comprar. E as outras coisas, açúcar, macarrão, custava caríssimo, [o dinheiro] já não chegava. Comprava 10 pães em uma família de 7 pessoas, não alcança, 10 pães não alcança para 7 pessoas, porque o café da manhã se toma pela manhã, mas para a tarde já não havia. Então, dessa maneira, a vida era muito dura, ella, tampouco se ganhava bem, te davam adianto, adianto, adianto e, ao fim do mês, saía sem salário. Dessa maneira, as pessoas diziam, na melhor das hipóteses, vamos a outra vida" [Tulio, tradução livre].

[347] Levando a uma taxa de migração interna anual, entre 1987 e 1992, de mais de 100 mil bolivianos por ano, em uma população que, naquele período, era de seis milhões e meio de habitantes (PEREIRA, 2004).

> [*¿Yasabia costurar?*] Yo no sabía o que era la palabra 'costura', '¿que es costurar?' no sabía. Entonces bajé a la ciudad, buscar trabajo y en la ventanilla de una empresa decía, 'necesito costurero', no sabía que es costurero. Toqué en la ventanilla, me veo la secretaria, 'pasa', me dijo, '¿usted sabe costurar?', 'si, pero ¿qué es costurar?', le dije. ¿'Sabes coser una prenda pantalón?', 'Si!' le dije. '¿Dónde has trabajado?', me dije. Me mentí por entrar en esa empresa y dije 'trabajé en este, en Oruro, una fábrica', me dije '¿cuál el nombre de la fábrica?', 'yo no recuerdo, ha sido de tres años atrás', le dije. 'Entonces, aquí se trabaja con máquinas industriales y ¿usted con que maquinas cosía?', me dije, 'con máquinas pedal' le he dicho. (…). Y cómo el dueño era bueno, me dio una maquina nuevita, una tela así pedazo para practicar, empezar a practicar. Entonces, empecé a trabajar así, me dio practiqué y poco a poco he aprendido a costurar" (Tulio)[348].

Após aprender a "costura", a princípio, trabalhando em "cadeia", ou seja, costurando apenas pequenos detalhes de cada peça, Tulio passou algum tempo revezando os dois ofícios: no verão, trabalhava como pedreiro e, na época de chuvas, como costureiro, até que decide se especializar na costura por ser um trabalho mais limpo e que exige menos esforço físico.

> Mi segundo trabajo era de construcciones, en la obra. Ahí, como ayudante ingresé también ahí. También, cuando en época de lluvia, me metí a la costura. En época, así en verano, me iba la construcción. Pero después he preferido hacer costura nomás. Te sientes limpio. No te ensucias la ropa, así en construcciones se cansa, se ensucia la mano, el cemento, se *aja*[349] la mano. Entonces de esa manera, o que cuando te encuentras con un amigo o amiga, da la mano, todo lleno, áspera es la mano (Tulio)[350].

[348] "[Já sabia costurar?] Eu não sabia o que era a palavra 'costura'. O que é costurar? Não sabia. Então, baixei para a cidade buscar trabalho e na janela de uma empresa dizia 'necessito costureiro'. Eu não sabia o que era costureiro. Bati na janela e veio a secretária, 'passa', me disse, 'você sabe costurar?'. 'Sim, mas o que é costurar?'. 'Sabe costurar uma calça?' 'Sim', lhe disse. "Onde você trabalhou?'Menti para poder entrar nessa empresa e disse 'trabalhei em Oruro, em uma fábrica'. 'Qual o nome da fábrica?' 'Eu não me recordo, foi há três anos atrás', lhe disse. 'Então, aqui se trabalha com máquinas industriais, e você com que máquinas cosia?,me disse, 'com máquina de pedal, lhe disse. (...) E como o dono era bom, me deu uma máquina novinha, pedaços de pano para praticar, começar a praticar. Então, comecei a trabalhar assim, me deu, pratiquei e, pouco a pouco, aprendi a costurar"[Tulio, tradução livre].

[349] Palavra quíchua que significa 'arrugar', 'maltratar'.

[350] "O meu segundo trabalho era em construções, na obra. Aí ingressei como ajudante também aí. Também, em época de chuvas, entrei na costura. Em época assim, no verão, ia para a construção. Mas depois preferi trabalhar somente com costura. Você se sente limpo. Não suja a roupa, assim em construção se cansa, suja a mão, o cimento, maltrata a mão. Então dessa maneira, quando se encontra com um amigo ou amiga, dá a mão, áspera é a mão" [Tulio, tradução livre].

E em 1993, em busca de trabalho, encontra um anúncio no jornal que acaba o levando para Buenos Aires. Após uma primeira tentativa de entrar no país por terra, com o dinheiro emprestado pelo empregador, ele lhe propõe que entre de avião e lhe empresta mais 200 dólares e Tulio paga os 170 dólares restantes. Embora o dono da oficina de costura, um paceño da cidade, tivesse dito a ele que ganharia, em média, 800 dólares, ao final de alguns meses, ganhando por peça, não chegava aos 500 dólares. E por isso, mesmo tendo se comprometido a ficar por um ano, após 5 meses, acaba mudando de oficina de costura. O encontro da segunda oficina de costura, na qual permaneceria boa parte do tempo em que esteve em Buenos Aires, foi através de conhecidos com quem se encontrava na Avenida Colon, aos finais de semana, que parece ser um "espaço da bolivianidade" semelhante à Rua Coimbra, em São Paulo.

> [¿Cómo cambiaste?] Por mi propia cuenta, así como por amigos también. Me comentaron de que en otro taller pagan bien. '¿Porque no te vas ahí?', me dijeran. O si no, vamos a una Avenida Colon, donde buscamos trabajo, todo boliviano busca en esa avenida. Entonces también fui allí, a ese lugar. Entonces de esa manera encontré ese trabajo" [Tulio][351].

Embora tenhamos encontrado esse tipo de narrativa do encontro de novas oportunidades por meio de conhecidos, na rua, aos finais de semana, em boa parte das entrevistas, nas narrativas dos costureiros, quando não encontram as oportunidades esperadas, essas mudanças podem ser ainda mais frequentes. Nessa entrevista, Tulio emitiu opiniões gerais sobre o mundo da costura em Buenos Aires, mas não teve paciência para descrever todas as oficinas de costura pelas quais havia passado e detalhar as suas formas de inserção e relações de trabalho. De todo modo, pudemos perceber que Tulio circulou bastante não apenas em oficinas de costura de donos bolivianos, mas também de donos coreanos que ele afirmar preferir, pois de acordo com ele, são estritos, não enganam em relação às condições de pagamento, diferentemente dos bolivianos com quem trabalhara.

[351] [Como você mudou de oficina de costura?] Por minha própria conta, assim como por amigos também. Me comentaram que em outra oficina de costura pagavam bem. 'Por que você não vai aí?,me disseram. Ou senão, vamos a uma Avenida Colon, onde buscamos trabalho, todo boliviano busca [trabalho] nessa avenida. Então também fui lá, nessa avenida. Então, dessa maneira, encontrei esse trabalho" [Tulio, tradução livre].

Tulio permanece em Buenos Aires até 2002, nesse período conheceu, em uma das oficinas de costura em que trabalhou, a futura mãe de seu único filho, uma boliviana de Cochabamba que já possuía três filhos, tiveram um filho e se separaram. Além do fim do casamento, um dos importantes motivos do retorno de Tulio foi o fim da paridade entre o peso argentino e o dólar. Com o fim da paridade e a desvalorização do peso argentino que começou a se aproximar do valor do dinheiro boliviano, ele deixou de ver vantagens na estadia no exterior, pois não considerava Buenos Aires um lugar bom para viver, pelo menos para os bolivianos[352].

> La vida allá es lindo, te ganas mucho más plata, pero vivir no es tan bueno. Porque mayormente siempre tropiezas con *chorros*, lo que se dice ladrones. Si el *chorro* no te agarra, la policía te agarra. Y también la gente de allá a los bolivianos nos odian. (…). La vida aquí en Bolivia es tranquila, nadie te molesta, mientras que en Argentina te molestan. Si la policía no te molesta, los *chorros* te molestan. Si el *chorro* no te molesta, la policía te agarra. Cuando tenía pasaporte, me agarró la policía: '¿dónde trabajas?'. Y el dueño siempre nos recomendaba de que cuando la policía nos agarra, nunca les de la dirección. Porque también ellos en negro trabajan, no trabajan en blanco. No tienen autorización del taller. De esa manera se dice: 'no, sólo he venido a ver a mi familia, donde un hermano'. Eso nomás se les indica. Pero los policías no entienden. Te llevan a la comisaria, te encierra 8 horas. A mí me encerraron como 3 ó 4 veces" [Tulio][353].

Curiosamente, essas narrativas sobre o preconceito percebido nas relações com as populações autóctones e sobre a violência da polícia e dos ladrões é muito mais marcante nas descrições sobre o trabalho na Argentina do que no Brasil. De maneira geral, os

[352] [A diferença entre trabalhar na costura na Bolívia e na argentina] Esmuy diferente. Por ejemplo, aquí lo que ganas no puedes ahorrar, pero allá si, puedes ahorrar. Aqui, por ejemplo, al mes, cuanto ganás, vas a ganár unos 300, 400. Eses 400, eses 400 no te alcanzas, tienes familia, no te alcanzas. Allá, por ejemplo, el dólar estaba en la Argentina uno por uno, entonces, ganabas 400, y eses 400 pesos era lo mismo que 400 dólares (…) Pero ahora el dólar en Argentina ya ha variado, es casi lo mismo, por eso más que todo me vine" [Tulio]

[353] "A vida lá é lindo, você ganha mais dinheiro, mas viver não é tão bom. Porque sobretudo você sempre tropeça com chorros, o que se diz ladrões. Se o ladrão não te agarra, a polícia te agarra. E também a gente de lá odeia os bolivianos (...) A vida aqui na Bolívia é tranquila, ninguém te perturba, enquanto que na Argentina te perturbam. Se a polícia não te perturba, os ladrões te perturbam. Se o ladrão não te perturba, a polícia te agarra. Quando eu tinha passaporte, a polícia me agarrou; 'onde você trabalha?'. E o dono [da oficina de costura] sempre nos recomendava a não dar o endereço quando a polícia nos pegasse. Porque eles também trabalham informalmente [en negro], não trabalham formais [en branco]. Não possuem a autorização da oficina de costura. Dessa maneira, se diz 'não, vim somente ver a minha família, estou na casa de um irmão'. Isso apenas se indica. Mas a polícia não entende. Te levam para a delegacia, te prendem 8 horas. A mim já me prenderam como três ou quatro vezes" [Tulio, tradução livre].

migrantes parecem se sentir muito mais bem recebidos em São Paulo[354]. Em avaliação abaixo, do taxista Carlos, que trabalhou em São Paulo e em Buenos Aires sobre as diferenças entre o trabalho na costura nessas duas cidades, essas diferenças, ouvidas em outras narrativas, são explicitadas.

> San Pablo, Buenos Aires… San Pablo es muy amigos los hombres, las señoras, son más amigos, dicen 'oh, amigo', dicen, no hay nada de decir 'boliviano'. En Argentina, los argentinos son 'los gauchos', deben ser provincianos, yo que sé, igual nomás es la cara, la raza blanca ¿no? 'Oh bolitas', nos decían ¿no?, o a la gente que estaba tomando, 'hola, bolitas, bolitas'. Los chicos, digamos, de 15 años, decían 'bolitas', con eso, digamos, nosotros nos sentíamos mal, que nos están discriminando ellos, porque son chicos que son más altos, entonces nos sentíamos como más pobres, campesinos digamos allá. Pero cuando yo ingresé a Brasil no, todo era 'amigos', era todo positivo, bien positivo. Entonces 'oh amigo, boliviano', 'amigo Bolivia', te decía los hombres ¿no? (…) ya un poquito nos enseñó el señor [ o dono da oficina de costura] , ya sabía hablar portugués un poquito (…) nos explicó ya, entonces, cuando te saludes dicen "bom día"," bomdía","bontardi", o "bomnochi", ya nos explicó, digamos. Entonces ya, en ese ya estamos pensando, era muy diferente siempre, nosotros siempre de ahí metemos un 'bomdia', 'bomdia' [Carlos][355].

Além da questão da famigerada mestiçagem brasileira, que não formou no Brasil a homogênea "raça branca" portenha (de Buenos Aires), consideramos que o fato de a migração boliviana para a capital ser relativamente mais recente, certamente, é um facilitador das potencialidades de acolhimento desses migrantes. Entretanto, conforme pudemos perceber ao longo do trabalho de campo em São Paulo, essas relações estão

[354] Circunstâncias que facilitaram enormemente o trabalho de campo realizado em La Paz sem a presença de Cecília, principalmente, no contato com dona Eliete (que foi auxiliada por brasileiros em São Paulo) e com o senhor Carlos, o taxista de Alto Obrajes. Se eu fosse argentina e não brasileira, certamente, o senhor Carlos não teria me levado na casa de sua cunhada.

[355] São Paulo, Buenos Aires …São Paulo é muito amigos, os homens, as senhoras, são mais amigos, dizem 'oh amigo', dizem, não há nada de dizer 'boliviano'. Na Argentina, os argentinos são os gauchos, devem ser provincianos, eu que sei, igual é a cara, a raça branca. 'Oh bolitas', nos diziam ou para as pessoas que estavam bebendo 'oi bolitas, bolitas'. Os meninos, digamos, de 15 anos, diziam 'bolitas', com isso, digamos, nós nos sentíamos mal, porque estão nos discriminando eles, porque meninos que são mais altos, então, nos sentíamos como mais pobres, camponeses, digamos, lá. Mas quando eu cheguei ao Brasil, não, tudo era 'amigos', era tudo positivo, bem positivo. Então, era 'oh amigo boliviano', 'amigo Bolívia', te diziam os homens (...) um pouco nos ensinou o senhor [o dono da oficina de costura] , já sabia falar português um pouquinho (...) nos explicou então, quando te cumprimentam 'bom dia', 'bom dia', bom tardi', bom noti', já nos explicou digamos. Então, nisso estávamos pensando, era muito diferente sempre, nós sempre daí metíamos um 'bom dia', 'bom dia' [Carlos, tradução livre]

passando por um momento de tensionamento crescente, na Rua Coimbra ouvimos estórias sobre os furtos de ladrões brasileiros e de brigas que, muitas vezes, terminam em morte, entre bolivianos e brasileiros.

No percurso de Tulio, após 9 anos em Buenos Aires, mesmo enfrentando todas as dificuldades consideradas acima, conseguiu quitar o empréstimo realizado no banco para a compra da casa própria e aperfeiçoou o seu conhecimento na costura, após trabalhar em inúmeras oficinas, a um ritmo muito mais intenso e tendo que lidar com tipos de peças e de tecidos diferentes. O aperfeiçoamento do ofício na Argentina, o levou a investir em máquinas para montar uma oficina de costura em El Alto em sua casa.

> Así yendo a Argentina aprendí a cocer pantalones, camisas, toda clase de prenda. Entonces, una vez que llegué aquí me compré máquinas, me abrí mi taller. Y tengo mi taller. Mi hijo también vive a mi lado, ya está grande. A mi hijo no le falta nada" [Tulio][356].

Embora esteja estabilizado na Bolívia, ganhando como oficinista o equivalente a 200 dólares por mês, que perfazem praticamente dois salários mínimos, sendo um salário muito maior do que o recebido pela maioria de seus amigos que, no trabalho como pedreiros e costureiros em outras oficinas de costura, ganham em média apenas um salário, Tulio ainda pensa em migrar mais uma vez para trabalhar na costura, mas agora, ao invés de Buenos Aires, mira o Chile. De acordo com os seus amigos que já migraram, é possível ganhar até 600 dólares por mês, ou seja, até três vezes mais.

> A veces, una idea que tengo es de ir a Chile. Esa iniciativa tengo, pero también digo:'¿mi hijo con quién se va a quedar? Ahorita en Chile, con costura, mensualmente están pagando 600 dólares. Entonces, si trabajas por prenda, te ganas más[357]" [ Tulio][358].

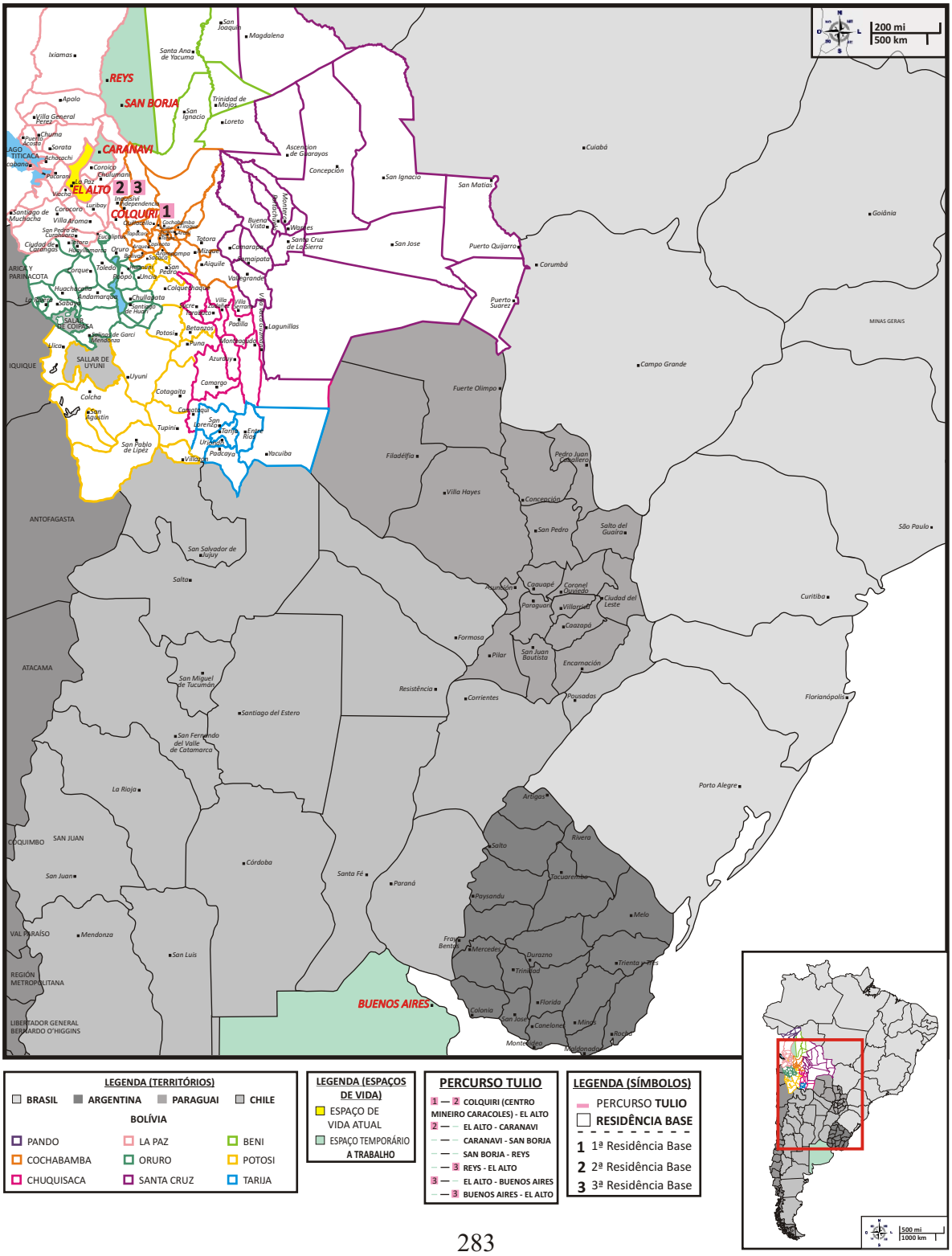
[356] "Assim, indo para a Argentina, aprendi a costurar calças, camisas, todo tipo de roupas. Então, uma vez que cheguei aqui, comprei máquinas, abri uma oficina de costura. E tenho a minha oficina. O meu filho também vive junto comigo, já está grande. Para o meu filho não falta nada" [Tulio, tradução livre].

[357] Essa referência ao "si trabajas por prenda te ganas más" é uma referência àqueles que sabem costurar, como se estivesse dizendo "se sabes costurar, ganha mais". Pois para trabalhar por prenda, ou seja, para costurar uma peça inteira, é preciso dominar o ofício, os iniciantes trabalham "em cadeia", conforme veremos no próximo capítulo.

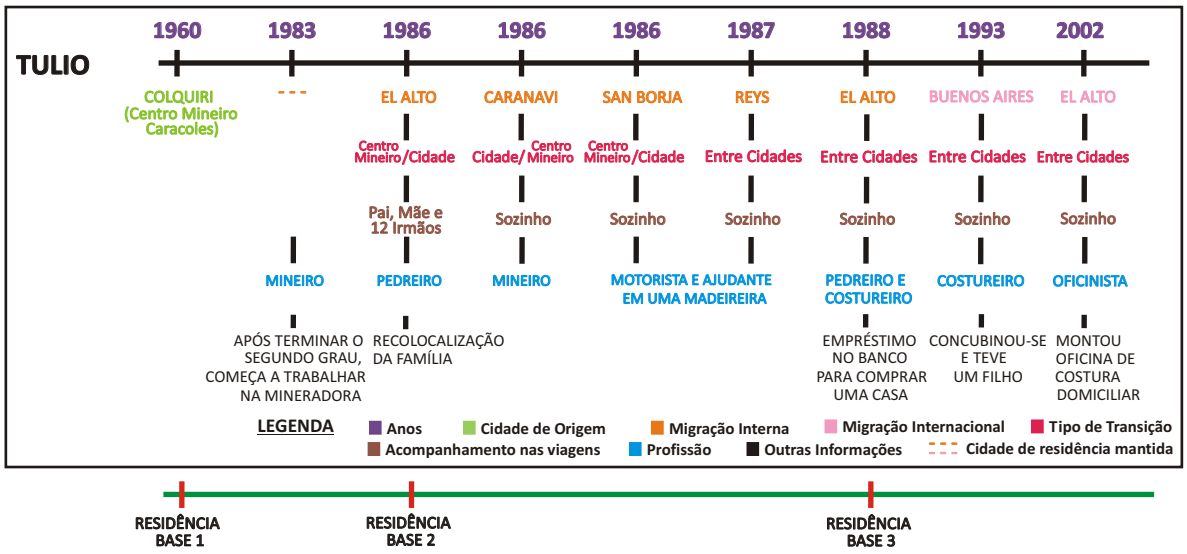
Dessa forma, conforme pudemos perceber a partir da narrativa de Tulio e de outros bolivianos com quem conversamos informalmente ao longo do trabalho de campo na Bolívia, como cidades de destino do mundo social das oficinas de costura bolivianas, além de São Paulo e Buenos Aires, começam a surgir boas oportunidades no Chile e esses costureiros que já aprenderam o ofício e dominam as formas de negociação e de circulação por entre as oficinas de costura, entre origens e destino, começam a migrar para Santiago também.

[358]Às vezes, uma ideia que eu tenho é ir para o Chile. Essa iniciativa tenho, mas também digo 'mas com quem irá ficar o meu filho?'. Agora, no Chile, com costura, mensalmente, estão pagando 600 dólares. Então, se você trabalha com prenda, pode ganhar mais" [Tulio, tradução livre].

## Figura 37 - Espaços de vida e residências base de Tulio, costureiro do bairro de Vila Tunari, de El Alto



## Figura 38 - Linha de vida de Tulio, costureiro do bairro de Vila Tunari, de El Alto



Durante a crise dos anos 1980, além dos mineiros relocalizados de La Paz, e dos migrantes internos das zonas rurais deste departamento que começaram a migrar para os centros urbanos, também foram relocalizados e migraram independentemente muitos bolivianos e bolivianas de Oruro – afetados, direta ou indiretamente, pela crise das minas – que, em grande medida, acabaram optando pela migração para Cochabamba, constituindo um bairro próprio, na zona sul da cidade, o bairro de Villa Sebastian Pagador, chamado de "a pequena Oruro de Cochabamba".

> "Llegar a Oruro no exige más de una hora de viaje. Por más que la razón y la experiencia nos recuerden que los 228 kilómetros que separan a esas dos ciudades se recorren en cuatro horas, lo cierto es que un puñado de orureños – hoy miles – asentados al suroeste del Cercado[359] han conseguido, durante los últimos treinta años, abrir un atajo hacia su tierra natal, achicando la distancia y el tiempo entre ambas regiones de manera increíble" (Opinión *apud* Roncken, 2009:103).

E, no momento dessa migração interna, esses migrantes se especializaram na costura, estabelecendo, em Villa Pagador, inúmeras oficinas de costura. A presença dessa atividade econômica no bairro é percebida inicialmente, para um visitante de fora, entre outras coisas, por exemplo, nos anúncios de emprego afixados em seu mercado popular – praticamente todos referentes ao trabalho na costura, ou à venda/conserto de máquinas de costura.

Embora os costureiros e costureiras entrevistadas nesse bairro fossem, em grande medida, provenientes de Oruro, os percursos sócio espacias, laborais e familiares anteriores mostraram-se bastante diversificados. E os mais bem sucedidos no mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino caracterizaram-se por serem provenientes de centros urbanos, com estudos completos de segundo grau e cuja principal (e, na maioria dos casos, única) atividade laboral, ao longo da vida, é a costura. Esse é o caso dos percursos dos irmãos Pablo e Jonathan.

[359] A cidade de Cochabamba, que é o único município da província de Cochabamba no interior do departamento de Cochabamba é chamada de Cercado.

> "El 96 había un aviso en la radio que había un aviso que se buscaba costureros para el Brasil, sin pensar dos veces, "me voy", he dicho y porque mi sueño era conocer Brasil" [Pablo][360].

Atualmente, Pablo tem 35 anos e, seu irmão, que também foi trabalhar em São Paulo, Jonathan, tem 33 anos, os dois possuem oficinas de costura em Villa Pagador, na qual realizam costuras por encomenda e estão começando a montar uma marca própria de roupas. E, a partir de 2007, montaram, com outros donos de oficinas do bairro, que também, em algum momento de suas vidas, migraram para São Paulo ou Buenos Aires para trabalhar na costura, a Associação dos Costureiros de Villa Pagador.

Os irmãos são os filhos mais velhos de um casal, que teve quatro filhos, da classe média urbana de Oruro, donos de uma pastelaria. A família migrou para Cochabamba, em 1985, auxiliada pelos irmãos de seu pai que já haviam migrado, em um contexto de grave crise socioeconômica na região e de privatização e fechamento das minas – cujo afluxo de renda mantinha em funcionamento o comércio urbano da região. Em Cochabamba, no bairro de Villa Pagador, para onde amigos e parentes de seus pais já haviam migrado, a família estabeleceu residência e abriu outra pastelaria.

Os dois irmãos iniciaram sua percurso laboral, durante a década de 1990, de maneira bastante parecida, como assistentes de costura de sua irmã mais velha[361], nas oficinas em que trabalhava em Villa Pagador, a partir dos 16 anos: primeiro, Pablo, em 1993 e, dois anos depois, Jonathan – sem causar interferência na continuidade dos estudos até a obtenção da "promoção" (título que atesta a realização de segundo grau completo). Na família, o ofício foi passado, primeiramente, de sua mãe, que costurava camisas em Oruro, à sua irmã mais velha, que, então, o ensinou a seus irmãos[362].

[360] "Em 96 havia um aviso na radio que havia um aviso que se buscava costureiros para o Brasil, sem pensar duas vezes, 'me vou', eu disse e porque o meu sonho era conhecer o Brasil" [Pablo, tradução livre].
[361] Essa irmã migrou com seu marido para a Espanha há seis anos.
[362] Esse foi o único caso, dos que aprenderam o ofício na âmbito familiar, em que o ofício foi passado a partir da mãe: no caso de Diana, Silvio e Marcos, também entrevistados em Villa Pagador, o ofício passou de pai para filho ou filha.

> "[con quien aprendió a coser?] mi hermana, porque mi hermana más antes se ha metido a la costura, como en el barrio [Villa Pagador] siempre costuraban jeans y todo, mi hermana ha empezado a trabajar ya en costura y yo era su ayudante y yo iba costurar. Ella es la mayor. Aprendí, primero, en la recta, porque la recta es lo primordial y si aprendes a manejar bien la recta sabes manejar todas las maquinas" [Pablo][363].

> "Mi hermana ya costuraba, mi hermana mayor ya costuraba entonces me llevaba para ayudar entonces ahí he aprendido y después de ahí nomás ya." [Jonathan][364].

Em 1996, depois de haver iniciado a compra de máquinas para montar sua própria oficina em Villa Pagador, e impedido, por questões financeiras, de iniciar o curso universitário de veterinária, Pablo decidiu tentar a vida em São Paulo, aos 19 anos, a partir de um anuncio na rádio, com o intuito de agilizar o processo da compra das máquinas e iniciar a universidade quando voltasse, depois de um ano, mas acabou ficando por nove anos, retornando para a Bolívia para se estabelecer somente em 2005.

> "Después, cuando he salido del colegio (…) yo ya estaba entrando a la universidad, iba a estudiar veterinaria y pero no había plata para estudiar y tenía que trabajar y ayudar un poco en mi casa así me fue [para São Paulo] y, no, pues, me he quedado nueve años" [Pablo][365].

Viajaram, a partir do mesmo anúncio, junto com Pablo, mais 10 bolivianos de Villa Pagador e mais alguns paceños[366], que se dirigiram todos para a mesma oficina, cujo dono era um boliviano de Potosi. O acordo era de que o dono da oficina financiaria metade do valor da viagem e os costureiros a outra metade.

[363] "[com quem aprendeu a costurar?] minha irmã, porque minha irmã, antes, se meteu na costura, como no bairro [Villa Pagador] sempre costuravam jeans e tudo, minha irmã começou a trabalhar lá em costura e eu era ajudante e eu ia costurar. Ela [a irmã] é a maior" [Pablo, tradução livre].

[364] "Minha irmã já costurava, minha irmã maior já costurava, então, me levava para ajudar, então, aí eu aprendi e, depois, daí, não mais já" [Jonathan, tradução livre].

[365] "Depois, quando eu saí do colégio (...) eu já estava entrando na universidade, ia estudar veterinária, mas não havia dinheiro para estudar, tinha que trabalhar e ajudar um pouco na minha casa,assim fui [para São Paulo] e, n]ao, pois, fiquei nove anos" [Pablo, tradução livre].

[366] Paceños são as pessoas nascidas em algum lugar do departamento de La Paz.

> "(…) la mitad hemos pagado del pasaje y la otra mitad han pagado ellos, El viaje fue lindo, era diferente, por tierra, en bus, y por Santa Cruz, Quijarro y de ahí pase a Corumbá y el viaje había sido largo desde aquí tres dias, si fuimos, varios unos 10 con otros paceños de La Paz nos encontramos aquí en la terminal, solito fui porque nadie quería. Todos fuimos al mismo taller" [Pablo][367].

A oficina em que foram trabalhar localizava-se na zona norte, na Avenida Cruzeiro do Sul, e era grande, com mais de 20 máquinas de costura, tendo como clientes os lojistas coreanos[368]. Por ter bastante habilidade na costura, Pablo assumiu, desde o início, além das funções de costureiro, as de encarregado da oficina, responsável pela coordenação do trabalho.

> "Pagaba por prenda aparte me daban un monto más - es que como sabia manejar entonces y habían la mayoría que estaban aprendiendo y entonces el dueño me teníamás confianza y entonces como encargado era y entonces me pagaba un poco más - trabajaba desde las 7 hasta las 12 de la noche" [Pablo][369].

Embora trabalhasse das 7 horas da manhã até a meia noite quase sem folga, de segunda à sábado, se sentia bastante satisfeito com o pagamento mensal, em torno de 800 dólares, e como recompensa pelos serviços prestados, foi auxiliado por seus patrões, dois anos e meio depois, no estabelecimento de uma oficina de costura própria em sociedade com um primo que havia chegado de Oruro e um costureiro que conhecia desde Cochabamba, mantendo como clientes os mesmos coreanos que contratavam a oficina de costura na qual trabalhava.

---

[367] "(...) pagamos a metade da passagem e eles pagaram a outra metade. A viagem foi linda, era diferentes, por terra, em ônibus, por Santa Cruz, Quijarro, e daí passei a Corumbá e a viagem foi cumprida, desde aqui, 3 dias, vários, uns 10 outros pacenos de La Paz, nos encontramos aqui no terminal, eu fui sozinho porque ninguém queria me acompanhar. Todos fomos para a mesma oficina" [Pablo, traduçãolivre].

[368] "Si era grande el taller, tenía en allá unas 20 máquinas. Hacíamos para los coreanos, hacíamos de todo pero para mujer. Y hemos hecho de todo grave, moletones, blusas, sombreros todo para mujer"[Pablo]

[369] "Pagava por peça e à parte me dava um montante a mais – é que como eu sabia manejar [as máquinas] então, e havia a maioria que estavam aprendendo, então, o dono me tinha mais confiança, então como encarregado eu era, então, me pagava um pouco mais – trabalhava desde às 7 horas da manhã até à meia noite" [Pablo, tradução livre].

> "Yo me he ido con una persona buena y he trabajado bien y bien me pagaba. Y, luego, he tenido mi oficina en allá [São Paulo] y también me ha ayudado para prestarme para las maquinas porque, al principio, no tenía. Ellos [os donos da primera oficina] me dieron un lugar para tres meses nomas y me ayudaron. Y yo no podía creer, pues ellos se prestaron dineros de los bancos. Y, entonces, ellos me han ayudado y bien es un buen amigo, es como un pariente" [Pablo][370].

Durante o tempo em que permaneceu no Brasil, quase uma década, nunca deixou de cultivar os laços com suas origens na Bolívia[371], voltando, pelo menos, uma vez por ano para visitar a família e, paralelamente, para arregimentar novos trabalhadores para a oficina de costura de seu primeiro patrão, pois, mesmo tendo saído de sua oficina, os dois mantiveram excelentes relações de solidariedade e Pablo considerava ser uma boa oportunidade de trabalho para seus amigos que permaneciam na Bolívia.

E foi, justamente, em um desses retornos à Cochabamba, que Pablo convenceu o seu irmão Jonathan, que havia voltado do exército em 1998, a migrar para São Paulo, junto com mais 6 amigos para trabalhar na oficina de costura do patrão potosino. O acordo, semelhante ao feito com Pablo, em 1996, era de que os jovens deveriam financiar sua própria passagem até a fronteira e, a partir daí, o dono da oficina pagaria o resto da viagem até São Paulo.

[370] "Eu fui [para São Paulo] com uma boa pessoa e trabalhei bem e me pagava bem. E, logo, tive a minha oficina de costura lá [em São Paulo] e também me ajudou ao emprestar-me para as máquinas porque, a princípio, eu não tinha. Eles [os donos da primeira oficina] me deram um lugar [para montar a oficina] por 3 meses, não mais e me ajudaram. Eu não podia acreditar, pois eles emprestaram dinheiro do banco. E, então, eles me ajudaram e bem é um bom amigo, é como um membro da família" [Pablo, tradução livre].

[371] Note-se, inclusive, que Pablo tampouco casou no Brasil, apenas casou-se depois de alguns anos em que estava de volta a Villa Pagador, em Cochabamba.

> "De repente el [Pablo] ha llegado, entonces, yo era joven con curiosidad, entonces, me he animado a ir, como nos hemos ido con amigos de aquí del barrio, ya vámonos, toditos nos hemos ido (…)O sea, primero, que, cuando aquí ya nos hemos encontrado con nuestros amigos, poco a poco ellos "vamos al Brasil así, en allá bien se trabaja". Así y, poco a poco (…) como había tiempo, todavía, cerca de un mes casi, nos había dicho, entonces, ya, pues, uno se animaba cuando nos encontrábamos y jugábamos fútbol, todo, hablábamos de Brasil. Así y mucha gente se estaba yendo de aquí estaban migrando a Brasil el [19] 99. A la Argentina estaban yendo bastante gente, a la Argentina e al Brasil. Y de ahí también todos nos hemos animado y como conocía mi hermano, entonces, más confianza ya teníamos para ir a cualquier lugar en Brasil. (…)de aquí todos hemos ido con 100 pesos, 100 bolivianos. Entonces, teníamos que tener nuestra muchilita nomas y alla, en la frontera, nos han recogido" [Jonathan][372].

Na avaliação de Jonathan, a experiência laboral e migratória foi bastante positiva, pois, além de conseguir economizar um bom dinheiro[373], passou os 8 meses [de março a novembro de 1999], em que esteve em São Paulo, convivendo somente com seus amigos no ambiente de trabalho e, aos finais de semana, passeando na cidade e viajando para outras cidades[374]. Entretanto, ao regressar para Cochabamba, para as festas de final de ano de 1999, decide não retornar mais para São Paulo – dentre os motivos elencados, destaca o fato de ter começado a namorar e a liberdade e a tranquilidade vivenciada em seu local de origem, argumentando, ainda, que a diferença não reside em quanto se ganha, pois, de acordo com ele, é possível ganhar o equivalente na Bolívia, mas nas facilidades para economizar em São Paulo, devido às condições de trabalho oferecidas.

> " (…) o sea cómo la paga era casi lo mismo, solamente, allá se ahorraba, si aquí trabajas como en allá, se puede ganar igual"[Jonathan][375].

---

[372] "De repente ele [Pablo] chegou, então, eu era jovem, com curiosidade, então, me animei a ir, como fomos com amigos daqui do bairro, já fomos todos fomos (…). Ou seja, primeiro, que, quando, aqui, nos encontrávamos com nossos amigos, pouco a pouco, eles 'vamos ao Brasil assim, lá se trabalha bem'. (…) Assim e muita gente daqui estava indo, estavam migrando para o Brasil em 1999. Para a Argentina estavam indo bastante gente, para a Argentina e para o Brasil. E daí também todos nos animamos e como conhecia meu irmão, então, mais confiança tínhamos para ir a qualquer lugar, no Brasil. (…) daqui todos fomos com 100 pesos, 100 bolivianos. Então, tínhamos que ter uma mochilinha nada mais e lá, na fronteira, foram nos encontrar"[Jonathan, tradução livre].

[373] Jonnhy ganhava em torno de 3 mil bolivianos por mês o equivalente a mais ou menos 500 dólares.

[374] "Cómo todos trabajamos en uno y también era, la cocinera también lo que nosotros pedíamos le hacían cocinar, no, como estábamos entre artos y también éramos puro amigos" [Jonathan]

[375] "(...) ou seja, como o pagamento era quase o mesmo, somente que lá se poupava; se aquí trabalhas como lá, podes ganhar o mesmo" [Jonathan, tradução livre].

> "Cómo yo era joven, más extrañaba salir no, a divertirme así, porque allá ya era diferente, solo fin de semana y, además, siempre es un poco más peligroso" [Jonathan][376].

Em Cochabamba, Jonathan passa o ano de 2000 trabalhando em uma grande confecção e, com o dinheiro que havia trazido de São Paulo mais o obtido nessa firma, monta, em 2001, sua primeira oficina de costura, que passou a prestar serviços para a confecção em que trabalhava.

Em São Paulo, embora a oficina de costura de Pablo e seus sócios tenha sido bem sucedida durante os primeiros dois anos, entre2001 e 2002, sofreram algumas perdas e seus dois sócios decidiram migrar para Buenos Aires, desfazendo, portanto, a sociedade[377].

Nessa ocasião, venderam as máquinas e Pablo foi o único que continuou com a oficina, mas com menor produção, restando apenas 7 máquinas de um total anterior de 20.Esse foi um período, de acordo com ele, bastante turbulento para as oficinas bolivianas, em São Paulo, pois as apreensões da Polícia Federal foram multiplicadas, no começo da década de 2000, o que levou vários donos de oficina a estabelecerem uma estratégia nômade de sobrevivência com mudanças frequentes, a cada 6, 7 meses, de localização da oficina[378].

> "(…) con mi oficina, varias veces, me he cambiado de lugar, llegué a Guarulhos, porque había una temporada, las batidas de la Federal estaban batiendo y porque todo el personal era indocumentado. Y, entonces, teníamos que cambiar constantemente de lugar (..) me he ido a Tucuruvi, me he ido a Edu Chaves, me he ido a Vila Maria"[Pablo][379].

[376] "Como eu era jovem, sentia mais falta de sair para me divertir, porque lá era diferente, somente aos finais de semana e, ademais, sempre é um pouco mais perigoso" [Jonathan, tradução livre].
[377] "Él [su primo] se fue a Argentina, se ha conocido allá con su mujer y se ha ido, porque su hermano tenía allá un taller, en la Argentina y les han dicho "acá está bien vénganse aquí", porque en Bolivia estaba mal para nosotros (…) [Pablo]
[378] Note-se que no sistema "cama a dentro" em que os trabalhadores trabalham, dormem e comem no mesmo lugar – a oficina de costura – mudá-la de lugar significa mudar toda essa infraestrutura.
[379] "(...) com minha oficina de costura, várias vezes, mudei de lugar, porque havia uma temporada, as batidas da Federal [polícia federal] estavam batendo e porque todo o pessoal era indocumentado. E, então, tínhamos que mudar constantemente de lugar" [Pablo, tradução livre].

Nessas mudanças de lugar Pablo chegou, inclusive, a alugar uma casa em parceria com outro oficinista boliviano e, cada um instalava a sua oficina em um dos quartos da casa. Entre seus clientes, além dos lojistas coreanos, trabalhava para outros revendedores que faziam pirataria.

Pablo somente retornou para a Bolívia, para morar, em 2005, devido, de acordo com ele, ao cansaço pelo trabalho intenso e à vontade de se estabelecer de volta em seu país, próximo de sua família. Depois de seu retorno, Pablo construiu sua casa no terreno que havia comprado enquanto trabalhava em São Paulo, montou uma oficina para trabalhar com jeans, que era sua especialização antes de sair da Bolívia, se casou e, agora, possui dois filhos. Apesar de ter se consolidado em Cochabamba, Pablo não descarta a possibilidade de retornar ao Brasil para juntar algum dinheiro, caso a situação da indústria de confecção na Bolívia não melhore[380]. De todo modo, Pablo e Jonathan se definem como pequenos empresários de sucesso em busca de novas possibilidades para implementarem seus negócios.

> "Mi esposa me ayuda a doblar y así y siempre porque ella, en la mañana nomas, está trabajando y, en la tarde, me ayuda. Para mi, yo vendo en La Cancha, y hago también para otros talleres, así por prenda también me pagan, tipo como allá en Brasil. Y hago también, tengo mi propia confección, tengo maquinaria completa, si, puro jeans hago y entrego por mayor y también vendo al realeo, en realeo se gana un poquito más". [Pablo][381].

Além do trabalho, desde a chegada de Pablo à Cochabamba, os irmãos começaram a fomentar, conjuntamente com os outros donos de oficinas de costura de Villa Pagador, conversas sobre a possibilidade de atuação conjunta na indústria de confecção, para tornarem-se mais competitivos e defenderem de maneira mais efetiva seus interesses

[380] E, por isso, em 2009, retornou ao Brasil somente para renovar sua documentação que, agora, possui validade até 2019.
[381] "Minha esposa me ajuda a dobrar e assim sempre porque ela, de manhã apenas, está trabalhando e, à tarde, me ajuda. Para mim, eu vendo na Cancha e faço também para outras oficinas, assim por peça também me pagam, como no Brasil. E faço também, tenho a minha própria confecção, tenha maquinaria completa, si, somente jeans faço e entrego no atacado e também vendo no varejo, no varejo se ganha um pouco mais" [Pablo, tradução livre].

frente aos órgãos governamentais reguladores dessa atividade econômica. Dessas conversas, resultou o estabelecimento da Associação de Costureiros de Villa Pagador[382].

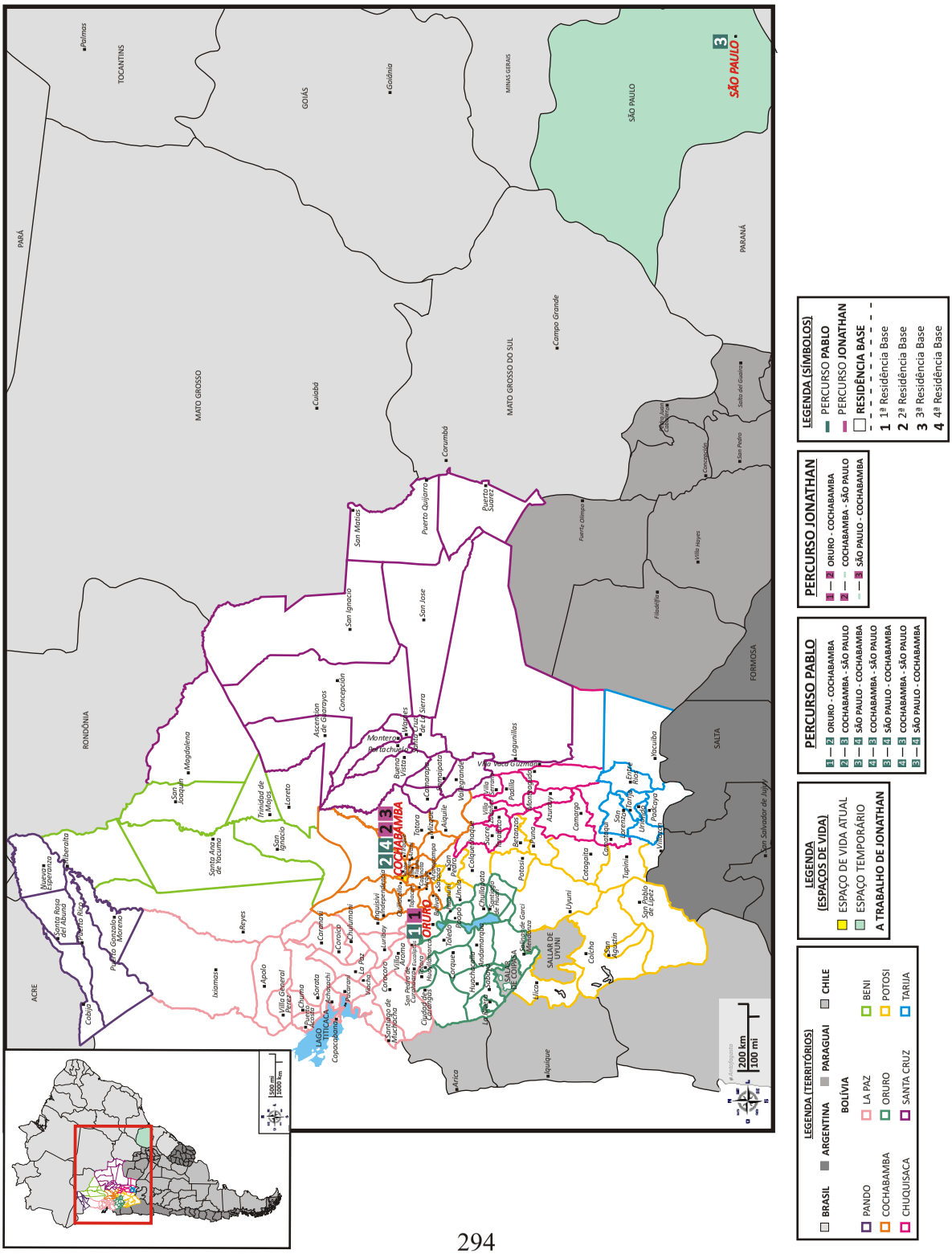
> "En la cámara de comercio nos hemos empezado a reunir y mi hermano era del MAS del partido del Evo y entonces de ahí hemos partido con don Jorge Quiroga en la cámara de comercio de AIMB y nos contactamos ahí y nos han dicho que hagamos un asociación de confeccionistas y hemos reunido aquí a varios costureros y talleristas y hemos ido hacer reuniones allá. (…) y nos hemos afiliado a la Federación de Pequeños Empresarios, hace 3 o 4 años atrás y de ahí ya estamos en la Cámara de Comercio como núcleo y no individualmente" [Pablo][383].

A partir do momento em que decidem montar uma associação, as histórias desses dois irmãos começam a se cruzar com as histórias de outros costureiros que, além de possuírem, atualmente, uma oficina de costura, em Villa Pagador e terem um percurso laboral, predominantemente, voltada para o trabalho de costura, realizaram, a partir da década de 1990, migrações laborais para São Paulo e/ou Buenos Aires.

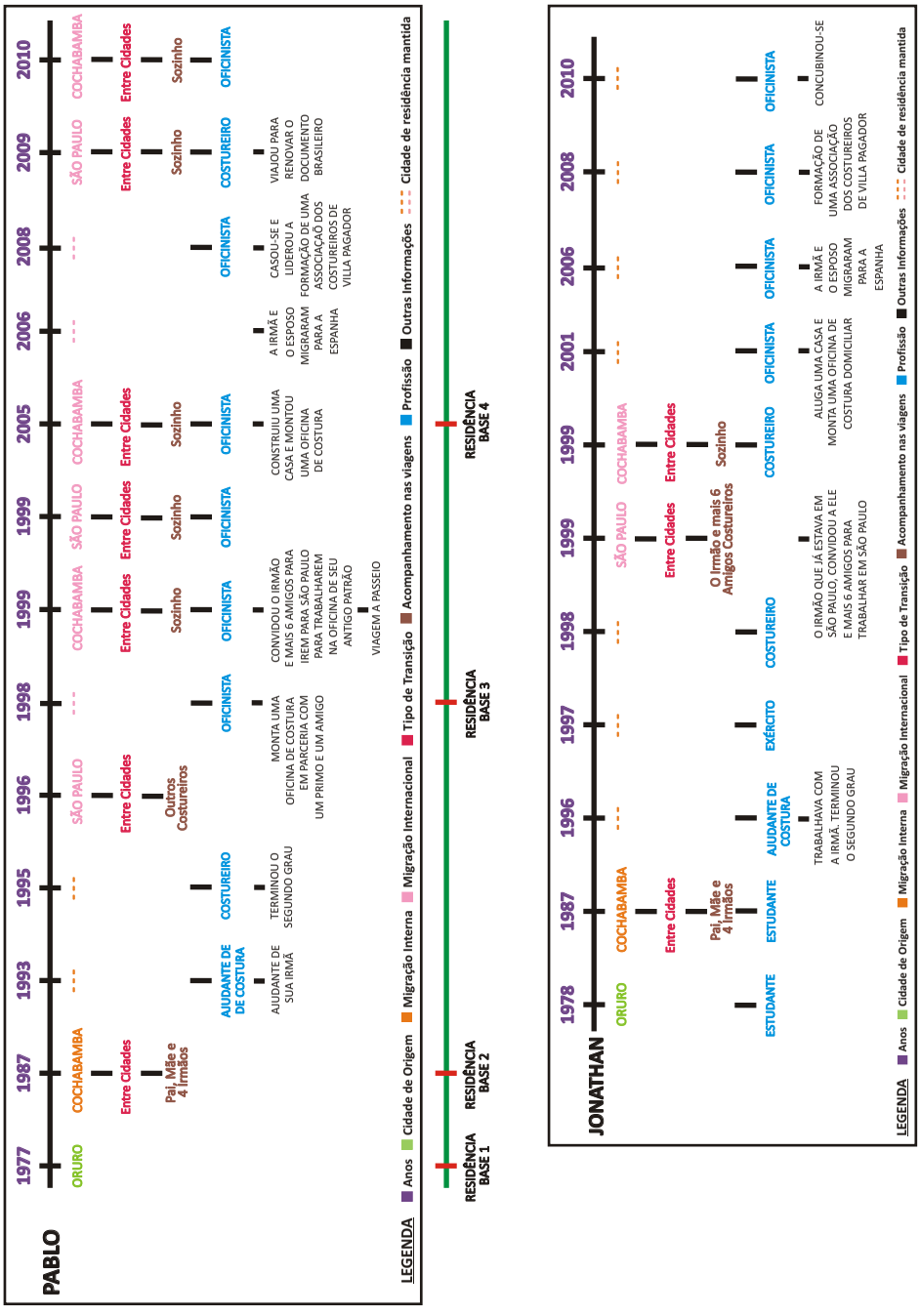
[382] Pablo exerce, atualmente, a presidência da Associação e, o seu irmão, Jonathan, é o representante dessa Associação na Federação de Pequenos Empresários.

[383] "Na câmara de comércio começamos a nos reunir e o meu irmão era do MAS, do partido do Evo e, então, daí fomos com donQuiroga na câmara de comércio da AIMB e nos contatamos aí e nos disseram que fizéssemos uma associação de confeccionistas. E reunimos aqui vários costureiros e oficinistas [donos de oficina de costura] e fomos fazer reuniões lá (…)" [Pablo, tradução livre].

**Figura 39 - Espaços de vida e residências base dos irmãos Pablo e Jonathan, costureiros do bairro de Villa Sebastian Pagador, de Cochabamba**



## Figura 40 - Linhas da vida dos irmãos Pablo e Jonathan, costureiros do bairro de Villa Sebastian Pagador, de Cochabamba



Essa experiência laboral nas cidades de destino acaba interferindo diretamente em suas formas de inserção na Bolívia, não apenas materialmente, considerando que todos os costureiros entrevistados, em Cochabamba e em La Paz, montaram ou aprimoraram suas oficinas de costura a partir do dinheiro conseguido com sua inserção no mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino, mas também e, principalmente, em seu aprimoramento e em suas formas de organização de seus negócios. Nesse sentido, destacam-se os planos futuros de Pablo e de seu irmão:

> "Más bien quiero sacar mi propia marca y crecer un poco, abrir mi tienda y así proyectarme. Y así, con mi hermano, estamos pensando abrir tiendas tipo como en Brasil. Si con mi hermano, como mi hermano tiene su propia oficina y yo también y, por ejemplo, el hace más de niño y yo de adulto, los jeans, entonces abrir una tienda o varias tiendas una cadena como en Brasil. Yallá [em São Paulo] he tenido bonitas experiencias con mis amigos y todo y he tenido ya ideas y con el mismo nombre la misma prenda. (…) eso también estábamos pensando en mi Asociación, toditos hacer una sola marca.(…) Y solo que económicamente no estamos bien solventados" [Pablo][384].

A experiência de Pablo, no Brasil, que lhes deu a ideia de criar uma marca própria, refere-se diretamente, conforme veremos no próximo capítulo, às inovações coreanas na indústria de confecção paulistana, os principais clientes de Pablo durante todo seu percurso laboral no Brasil: que, em torno de uma marca própria, projetam as roupas, vendidas como roupas da moda. Ao invés de trabalharem por encomendas ou fazendo roupas próprias separadamente, a experiência na costura em São Paulo, os levou a considerar a importância do investimento em estratégias comerciais: unir esforços em torno de uma marca própria, investir em design, da marca e das roupas, pode possibilitar a esses costureiros uma inserção muito mais independente na indústria de confecção boliviana.

[384] "Eu quero fazer a minha própria marca e crescer um pouco mais, abrir minha loja e assim projetar-me. E assim, com o meu irmão, estamos pensando em abrir lojas tipo como no Brasil. Sim, com o meu irmão, como o meu irmão tem sua própria oficina de costura e eu também e, por exemplo, ele faz mais roupas de bebês e eu de adulto, os jeans, então, abrir uma loja, ou várias lojas, uma cadeia como no Brasil. E lá [em São Paulo] tive bonitas experiências com meus amigos e tudo e tive já ideias e com o mesmo nome a mesma peça (...) isso também estávamos pensando em minha Associação, todos fazerem uma só marca (...). O único problema é que economicamente não estamos muito bem resolvidos" [Pablo, tradução livre].

Além da influência em relação às estratégias de marketing, a experiência laboral nas sociedades de destino também pode influenciar na forma de organização do trabalho, conforme projeta Silvio, que passou mais de uma década trabalhando em Buenos Aires, em relação à oficina de costura que pretende montar no bairro de Villa Pagador, em Cochabamba:

> "De este año al otro año voy a comprar mi casa, ya me voy a comprar porque también estoy queriendo hacer el *Sistema de Argentina*, ya a lo que he visto más o menos: lo voya armar todas mis maquinas en una sala grande. Ahí voy hacer y voya dar cuartos también, voya emplear y voy a dar cuartos, parejitas quisiera los que recién están empezando. Les voya dar cuarto y trabajo también a vivir van a venir, más o menos como en Argentina, a eso estoy apuntando, cama adentro y voya dar comida más he visto ya el taller va ser apartado de donde vivan mis hijas nadie va entrar ahí adentro yo no más" [Silvio][385].

As vantagens do sistema "cama adentro" para os patrão reside no fato de ter sob seu controle, a um preço muito menor, os trabalhadores de que necessita e, para os trabalhadores, no fato de poder poupar todo os salário recebido, sem ter que gastar com moradia e alimentação. Esse é, inclusive, um dos motivos que levam os bolivianos e bolivianas a quererem migrar: mesmo ganhando quase a mesma coisa do que ganhariam na Bolívia, ainda assim, o sistema cama a dentro compensaria, pois poderiam poupar praticamente todo o salário recebido. E, além do mais, Silvio, com casa própria, não gastaria o dinheiro do aluguel desses trabalhadores.

Dessa forma, a realização do *projeto costura* por meio da circulação dos costureiros e costureiras bolivianos e bolivianas por entre oficinas de costura, em sua maioria de donos bolivianos, nas cidades de destino, nos remete a consequências que ultrapassam a experiência individual, embora assentadas nela: essa circulação dos trabalhadores pode produzir transformações importantes na forma como as oficinas de

[385] "Até o próximo ano, vou comprar a minha casa, já vou comprar porque também estou querendo fazer o Sistema da Argentina, de acordo com o que eu vi, mais ou menos: vou armar todas as minhas máquinas em uma grande sala. Aí vou fazer e vou dar quartos também, casais quisera, os que recém estão começando. Vou dar-lhes trabalho e quarto, também a viver vão vir, mais ou menos, como na Argentina, esse é o meu objetivo, cama adentro e vou dar comida mais, mas a oficina vai ser apartada de onde vão viver minhas filhas, ninguém vai entrar aí, somente eu" [Silvio, tradução livre].

costura bolivianas na Bolívia serão geridas e organizadas e nas expectativas dos trabalhadores.

Esses percursos bem sucedidas na indústria de confecção de São Paulo, cujas condições laborais e salários apresentam uma melhora significativa se comparados à experiência de outros migrantes, considerados nos percursos descritos anteriormente, indicam a importância da existência de habilidades e da experiência profissional anterior nessa indústria. Esses costureiros são valorizados nesse mercado de trabalho, pois as necessidades da indústria de confecção são bastante diversificadas – incluindo tarefas que envolvem níveis diferenciados de habilidade – e possuir costureiros, mesmo que apenas alguns, com habilidade e prática faz bastante diferença no produto final e na capacidade de atender pontualmente às demandas.

## 3.3) DESDOBRAMENTOS

A partir de nossas hipóteses iniciais, apresentadas no início deste capítulo, a princípio, imaginávamos encontrar localidades específicas nos municípios visitados a partir das quais se constituiriam redes sociais vinculando os migrantes provenientes dessas localidades (com perfis semelhantes em termos de percursos sócio espaciais e laborais anteriores) a destinos igualmente específicos no interior do mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino. Buscávamos encontrar entre origens e destinos espécies de "cadeias migratórias"(BAILY, 1985; McDONALD & McDONALD, 1964; OTERO, 1992; DEVOTO, 1988)[386] ou ainda, tendo em vista um espaço relacional mais amplo, conforme propõe Cortés (2004:194), "redes sócio espaciais da migração internacional" específicas, em cada um dos municípios visitados, que seriam formadas: i) pelas "redes de envio", estabelecidas nos espaços das comunidades de origem e nos espaços regionais urbanos de partida e, ii) pelas "redes de recepção", estabelecidas nas sociedades de destino.

Essa hipótese havia sido formulada devido à constatação, durante o trabalho de campo na cidade de São Paulo, apresentado no capítulo anterior, da importância dos locais de origem nos seguintes aspectos dessa experiência no mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino: i) nas formas de funcionamento desse mundo social, considerando que a inserção inicial dos migrantes ocorre a partir de circuitos de subcontratação estabelecidos nas localidades de origem; ii) nos projetos iniciais de inserção, considerando que, para a maioria dos entrevistados em São Paulo, tratava-se de inserir-se nesse mundo social tendo em vista realizar projetos de manutenção dos locais de origem e, iii) em suas formas de inserção na cidade, a partir do estabelecimento dos "espaços da bolivianidade" nos quais esses migrantes mantém hábitos alimentares, de sociabilidade, linguísticos e uma série de relações materiais com os locais de origem.

[386] "Chain migration can be defined as the movement in which prospective migrants learn of opportunities, are provided with transportation and have initial accommodation and employment arranged by means of primary social relationships with previous migrants (...)" (McDONALD&McDONALD, 1964:82).

Entretanto, as narrativas dos entrevistados indicavam a inexistência de uma relação direta entre locais de origem e de destino específicos no interior do mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino, ademais da inexistência de uma relação direta entre o tipo de experiência social e espacial anterior e os locais de origem em que realizamos o trabalho de campo, pois esses locais eram, muitas vezes, apenas locais de "passagem" - ou, ainda, de confluência de migrações internas – e/ou de "instalação" não, necessariamente, definitiva. Locais que, em geral, não coincidiam com os locais de nascimento próprio e/ou de parte da família nuclear.

Nesse sentido, apesar das especificidades de cada uma das localidades em que foi realizado trabalho de campo (nas cidades de Cochabamba, La Paz e El Alto e no município rural de Escoma), concluímos que, da perspectiva dos locais de origem, as clivagens determinantes do tipo de experiência que os migrantes bolivianos e bolivianas podem experimentar no mundo social das oficinas de costura nas cidades de destino encontrar-se-iam muito mais na forma como os diferentes espaços urbanos/rurais e periurbanos de suas regiões de origem, na Bolívia, são mobilizados ao longo de seus percursos sócio espaciais e laborais, individuais e familiares, anteriores à migração do que propriamente nas dinâmicas sócio espaciais de localidades específicas.

Em relação ao projeto costura, destacou-se certa casualidade em suas descrições de como as oportunidades de trabalho na costura nas cidades de destino apareceram e se efetivaram em seus percursos de vida. Ao invés de projetos longamente acalentados, o "projeto costura" se torna "projeto" a poucos dias de sua realização: seja por meio de familiares ou anúncios ou conhecidos, em todas as 33 narrativas, o tempo entre entrar em contato com a possibilidade de migrar e a realização da migração não ultrapassou uma semana. Sendo que, na maioria dos casos, as oportunidades aparecem e se efetivam em poucos dias, embora, em alguns casos, o imaginário dessa migração já existisse, graças às estórias dos que foram e regressaram, definitivamente ou temporariamente[387].

[387] Em alguns casos, é o próprio migrante que, ao saber das oportunidades, decide buscar um trabalho na costura nas cidades de destino. De todo modo, o lapso temporal entre a busca e a efetivação do projeto nunca ultrapassavam uma semana. Nas entrevistas realizadas em São Paulo, a partir de um questionário semi aberto,

No lugar da mobilização de um complexo sistema de redes sociais capazes de apoiar logisticamente o empreendimento migratório e a inserção na costura, conforme descreve Cortés em seus estudos sobre algumas zonas de emigração na Bolívia[388], as únicas redes sociais mobilizadas por esses migrantes em sua inserção no mundo social das oficinas de costura nas cidades de destino são aquelas diretamente vinculadas aos circuitos de subcontratação e às oficinas de costura sediadas nas cidades de destino.

E essas redes sociais diretamente vinculadas a esses circuitos de subcontratação – mobilizadas alternativamente por meio de familiares, de conhecidos ou de anúncios – podem direcionar para São Paulo e/ou Buenos Aires migrantes com percursos sócio espaciais e laborais anteriores diversificados, incluindo desde ex-mineiros, trabalhadores rurais ou operários que sofreram os processos de relocalização do início da década de 1980 aos jovens rurais e urbanos, com e sem experiência na costura, provenientes de arranjos familiares e níveis educacionais igualmente diversos.

Essas constatações nos remetem novamente às cidades de destino do mundo social das oficinas de costura bolivianas, a partir das quais se constituem os circuitos de subcontratação que se estabelecem nas regiões de origem dessa migração. No próximo capítulo, desenvolveremos algumas hipóteses a respeito das origens desse mundo social na cidade de São Paulo e retomaremos, a partir das entrevistas realizadas na Bolívia e em São Paulo, a questão das especificidades da experiência laboral desses migrantes nesse mundo social.

---

no meio da rua, não pude chegar a esse detalhamento que obtive nas entrevistas realizadas na Bolívia, em que pude explorar o "como" da migração.

[388] Conforme denomina Cortés, no livro "Partir para quedar-se",citado no início deste capítulo, sobre os padrões migratórios de duas zonas campesinas bolivianas do Vale Alto da região de Cochabamba: comunidade Pampa Churigua se direcionando para uma migração sazonal interna para as zonas de produção de coca do Chapare e; as comunidades de Santa Rosa e Arbieto, na região dos vales cochabambinos, para migrações internacionais variadas (destacando-se enquanto destinos privilegiados as principais zonas urbanas de Argentina, Estados Unidos, Espanha e Israel).

# Capítulo 4 -
# Algumas hipóteses sobre as origens e dinâmicas do mundo social das oficinas de costura bolivianas

Neste capítulo, apresentaremos algumas hipóteses gerais a respeito da historicidade e das territorialidades da migração boliviana vinculada ao trabalho na indústria de confecção da cidade de São Paulo e sobre as dinâmicas de funcionamento do que denominamos de "mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino", a partir da pesquisa apresentada nos capítulos anteriores. Consideramos que a análise da historicidade dos processos de inserção da força de trabalho boliviana na indústria de confecção local e de suas territorialidades, longe de ser um detalhe irrelevante diante da precarização mesma de suas relações de trabalho, nos permite delimitar com mais precisão, diante da heterogeneidade constitutiva do mundo da costura, as especificidades dos circuitos de subcontratação nos quais se inserem, dos acordos laborais e de suas relações de trabalho, permitindo assim uma abordagem mais qualitativa dos processos de precarização em curso nessa indústria.

De maneira geral, partimos das hipóteses de que a migração boliviana vinculada ao trabalho na indústria de confecção constituiu um mercado de trabalho específico, a partir da emergência do empresariado coreano nessa indústria na América Latina, no qual a questão "étnica" adquire centralidade. Para desenvolver essa hipótese, o capítulo será dividido em 4 seções: i) na primeira seção, abordaremos as especificidades da migração boliviana vinculada à indústria de confecção paulistana relativamente às migrações bolivianas anteriores para a cidade de São Paulo; ii) na segunda seção, desenvolveremos o argumento de que a inserção boliviana na indústria de confecção não ocorre no âmbito dos processos de reestruturação produtiva da indústria nacional desencadeados nos anos 1990, mas na década anterior, vinculada ao estabelecimento do empresariado coreano como novo protagonista nessa atividade na capital paulistana[389], iii) na terceira seção, apresentaremos alguns percursos dos momentos iniciais de constituição de um mercado de trabalho paralelo dos migrantes bolivianos, no bojo do processo de consolidação do empresariado coreano, um mercado de trabalho que denominamos de "mundo social das oficinas de costura bolivianas", imerso em territorialidades próprias, que extrapolam o contexto urbano

[389] Empresariado que, de fato, antecipa o futuro, realizando a terceirização praticamente total da confecção de roupas e a flexibilização (com controle de estoques) *avant lalettre*, conforme veremos.

paulistano, franqueando a esses bolivianos e bolivianas uma circulação não menos precária, mas específica, iniciada em seus locais de origem na Bolívia, na indústria de confecção da cidade de São Paulo[390] e, iv) na última seção, apresentaremos algumas dinâmicas de funcionamento desse mundo social tendo em vista tematizar os saberes mobilizados pelos migrantes em sua circulação e o de suas identidades nacionais.

[390] Em que pese, conforme veremos, a expansão posterior do mercado de atuação das oficinas de costura bolivianas passando a fazer parte das cadeias produtivas de grandes multinacionais, como a Zara e de empresas brasileiras.

## 4.1) DE ESTUDANTES, PROFISSIONAIS LIBERAIS, EMPREGADAS, BABÁS E OPERÁRIOS A COSTUREIROS -

## A DIFERENÇA DOS TEMPOS NAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS BOLIVIANAS

A imigração boliviana para o Brasil inicia formalmente, de maneira pouco expressiva, em meados da década de 1930, conforme constata Xavier (2010:41) em detalhada investigação dos dados censitários disponíveis no Brasil, adquirindo mais consistência ao longo da década de 1950[391], momento que Sidney Silva considera ser o início da inserção boliviana na cidade de São Paulo[392]. Nessa década, foram assinados uma série de acordos entre os governos brasileiro e boliviano – desde um acordo de cooperação científica na área de física no início da década até as "Atas Roboré", assinadas, em 1958, por Victor Paz Estensoro e Juscelino Kubitschek[393] – indicando o estreitamento das relações entre esses países, o que justifica um aumento das migrações e seu direcionamento para o polo mais dinâmico do país, o estado de São Paulo.

Ademais desse estreitamento nas relações entre os estados nacionais, a década de 1950 representou uma das maiores inflexões, antes dos anos de 1980, da história social e política contemporânea da Bolívia que, entre outras consequências, desencadeou os primeiros fluxos emigratórios relevantes da história do país, conforme vimos no capítulo

[391]A história das mobilidades transfronteiriças é, evidentemente, muito mais antiga. Note-se ainda que o próprio IBGE foi constituído nos anos de 1930. De todo modo, o ano de 1938– momento em que se encontra o primeiro registro de nacionais bolivianos no Brasil de acordo com Xavier (2010) – marca um momento importante de estreitamento das relações entre Brasil e Bolívia, em que são assinados dois tratados sobre vinculação ferroviária e exploração de petróleo entre Getúlio Vargas e Gérman Bush (CERVO & BUENO, 2011:324) e que, certamente, deve ter impactado nos fluxos migratórios.

[392]"O início da imigração boliviana para São Paulo remonta à década de 50, quando, em função de um programa de intercâmbio cultural entre Brasil e Bolívia, alguns estudantes vieram ao país em busca de qualificação acadêmica não disponível na Bolívia, muitos dos quais permaneceram na cidade" (SILVA, 2006: 159)

[393]Essas "Atas Roboré", consolidadas em 31 acordos bilaterais, versavam sobre a exploração de petróleo boliviano, a estrada de ferro Corumbá – Santa Cruz, limites fronteiriços, intercâmbio comercial e econômico e vinculação cultural (CERVO & BUENO, 2011:325).

anterior – justificando, pela perspectiva do país de origem, a importância desse momento para as análises acerca das migrações bolivianas para o Brasil e, especificamente, para a cidade de São Paulo.

> "No que se refere às migrações, o fim da pongueaje* [prestação de serviços não remunerada, devida pelas comunidades indígenas aos proprietários das terras] e a reforma agrária realizada pela revolução liberaram a grande massa laboral da área rural boliviana (mais de 75% do total) e lhe deram maior capacidade de movimento e de translado. (...) Até a Revolução de 1952 não se pode falar de fluxos migratórios importantes da Bolívia até o exterior, apenas de migrações estacionais que respondiam, principalmente, às dinâmicas regionais trans fronteiriças particulares, facilmente situadas na zona oeste (norte do Chile e sul do Peru) e ao sul (norte da Argentina)" (GUEVARA, 2004:175, tradução própria).

Nesse período, no Brasil, a partir do governo de Juscelino Kubitschek, também inicia-se, de acordo com Cano (2000:172), um momento de forte intervenção estatal para o desenvolvimento industrial da economia brasileira, com a pretensão de avançar "50 anos em 5", conforme *slogan* do Plano de Metas que passou a ser implementado. Entretanto, note-se que, diferentemente da Bolívia, o Brasil já possuía, na época, um mercado interno mais consolidado e todo um estruturado aparato estatal, industrial e urbano, constituído durante a era Vargas[394].

Dessa forma, enquanto, no caso boliviano, tratava-se de constituir um mercado interno de consumidores e de trabalho e iniciar a urbanização e o desenvolvimento de manufaturas básicas, no caso brasileiro, tratava-se de um momento posterior do desenvolvimento. De acordo com Cano (2000:172), os principais objetivos de desenvolvimento do governo Kubitschek, no período, seriam: energia, transportes, indústria de base, construção de Brasília, ademais de alimentação e educação. E esses objetivos foram em grande medida atingidos, levando o país a altas taxas de crescimento no período.

[394]"Vargas instituiu o salário mínimo em 1940, corrigindo-o o quanto esteve no poder. (...) O salário médio real da indústria de transformação entre 1939 e 1959 elevou-se em 39%, mas deve-se advertir que sua média estava muito afetada (...). Por outro lado, a produtividade média desses mesmos operários elevou-se 123% no mesmo período. O emprego urbano já participava com pouco mais de 40% no total do pessoal ocupado e isso gerava novas pressões sobre as condições de vida urbana. Os requisitos da industrialização estimularam a expansão do ensino técnico, mas o grau de analfabetismo (das pessoas com 15 anos ou mais) atingia ainda 45% da população" (CANO, 2000:171-2).

Dessa forma, as realizações alcançadas pelo Plano de Metas, de acordo com Cano (2000), foram essenciais para a consolidação da industrialização brasileira, constituindo-se em um importante divisor de águas em sua história econômica interna[395].

Entre meados da década de 1960 e durante toda a década de 1970 e primeira metade dos anos de 1980, o Brasil também passou por uma ditadura militar que, em relação à política econômica, conseguiu conter, em um primeiro momento, o processo inflacionário crescente desde o fim do governo de Juscelino Kubitschek, desenvolver os ramos industriais referentes à fabricação de bens de consumo duráveis e de bens de capital e estabelecer as bases para a recepção de investimentos estrangeiros e empresas multinacionais – circunstâncias que ficaram conhecidas como "milagre econômico", que às custas de uma política salarial recessiva, garantiu pleno emprego e um desenvolvimento econômico anual entre 8% a 13% do PIB, ao longo da década de 1970 (GREMAUD et alli,2013).

Ao longo das primeiras décadas de imigração boliviana para o Brasil, entre os anos 1950 e 1980, os migrantes caracterizavam-se por serem, em sua maioria, estudantes e profissionais liberais, que saíam da Bolívia por motivos políticos, profissionais ou para adquirir alguma formação específica, sendo significativa também a emigração de mulheres para trabalhar em casas de família, como babás e empregadas domésticas (SILVA, 2006; CEPAL/CELADE/OIM, 1999). Nesse período, os imigrantes bolivianos e bolivianas que decidiram migrar para a capital paulistana estabeleceram percursos de inserção variados, inserindo-se em suas estruturas socioeconômicas e socioculturais preexistentes, confundindo-se com a população autóctone. Inserção bastante diferente da inserção boliviana atual, muito mais numerosa, concentrada, em grande medida, no trabalho nas oficinas de costura e caracterizada por estabelecer na cidade territorialidades próprias, em

[395]"Essas realizações, além de mudarem radicalmente a estrutura econômica do país, avançaram a integração do mercado nacional (...). A participação de São Paulo na produção industrial subiu para 55,5% em 1960, ante a grande concentração que aí se deu do investimento do período, mas isso não significou perda absoluta para o restante do país (...) entre 1949 e 1959, ainda que o crescimento industrial de São Paulo (10,8%) sobrepassasse a média nacional (9,3%), a maior parte dos estados brasileiros apresentou forte aumento em seu ritmo de crescimento (CANO, 2000:174).

que são mantidos os vínculos materiais e socioculturais com a Bolívia, conforme vimo no capítulo 2.

Para que possamos dimensionar comparativamente as especificidades das migrações bolivianas contemporâneas, propomos a consideração dos percursos de dois migrantes bolivianos[396]: Pablo e Bolivar que migraram ao longo dos anos 1970, em pleno auge do "milagre econômico", e se inseriram nas estruturas socioeconômicas da cidade de São Paulo, casaram-se com mulheres brasileiras e, atualmente, praticamente, não possuem vínculos com a Bolívia[397].

Pablo, nascido no início da década de 1940, no departamento de Potosi[398], mudou-se para Oruro quando ainda era bebê e, durante a década de 1950, no auge da revolução de Estenssoro, apoiada por sua família, emigrou novamente para Cochabamba. E, em 1964, quando o governo de Estenssoro é retirado do poder por uma junta militar, o pai de Pablo, ligado ao governo revolucionário, tem que migrar às pressas para a Argentina, deixando Pablo, o filho mais velho, a mãe e dois irmãos em Cochabamba. Essas migrações internas da família de Pablo, apesar de motivadas, em grande medida, por questões políticas, refletem uma tendência mais geral, descrita no capítulo anterior, sobre as migrações internas desencadeadas nos anos de 1950: de alguns departamentos mineiros, como Potosi e Oruro, em direção aos eixos centrais do desenvolvimento, concentrados nos departamentos de Cochabamba, La Paz e Santa Cruz.

Em Cochabamba, Pablo iniciou um curso de nível superior de administração de empresas e trabalhou no setor de arrecadação de impostos e na biblioteca da prefeitura do

[396] Embora não fosse o objetivo da pesquisa, ao longo do trabalho de campo tive a oportunidade de conhecer bolivianas e bolivianos que migraram para São Paulo nesse período e as diferenças em suas formas de inserção sociocultural e econômica na cidade comparativamente aos que se encontram nas oficinas de costura, ademais de sua insistência em se diferenciar em relação aos costureiros, me levaram a realizar entrevistas de narrativas de vida com alguns deles com o intuito de ilustrar, por meio da diferença, as especificidades do mundo social das oficinas de costura bolivianas em foco na tese.

[397] Pablo está atualmente com sessenta e poucos anos é aposentado e auxiliar voluntário de uma advogada que fornece apoio jurídico aos imigrantes bolivianos na Pastoral do Imigrante – localizada no centro da cidade de São Paulo. E Bolívar está atualmente com 55 anos, é casado com uma brasileira, possui uma oficina mecânica e um grupo de danças folclóricas bolivianas, iniciado por sua filha.

[398] Departamento considerado por Peixoto (2004), conforme vimos, um dos departamentos, conjuntamente com Beni, em que se verificaram as maiores taxas emigratórias, dentre os departamentos bolivianos, no período mencionado.

município. Em 1970, sua mãe emigrou para São Paulo, junto com a irmã mais nova, para trabalhar como babá em uma casa de família. Pablo emigra, definitivamente, para morar com elas em São Paulo, logo depois de instaurada a ditadura de Bánzer, em 1972, aos trinta e um anos de idade, durante o segundo ano do curso de administração. Para Pablo, os motivos da decisão de emigrar foram questões política: "a política é muito suja tá, então, foi por esse motivo que fui pressionado para viver aqui no Brasil".

Bolivar, nascido no início da década de 1960, em La Paz, apresenta uma trajetória bem mais dissociada das questões políticas, mas cujas tensões refletem outra dimensão bastante sensível da vida social boliviana: as relações entre os brancos e mestiços ricos e a população indígena pobre[399].

> "Meu pai foi pra fronteira de Charazani, ele terminou conhecendo a essa indizinha coitada, entendeu? Uma índia linda, maravilhosa, e terminou *conquistándo-la [sic]* jovem, termino levando-lha [sic] pra cidade grande, pra La Paz, e terminou casando e ele terminou morrendo (…) Se reparar eu tenho traços indígenas, 50%, e tenho 50% de traços de espanhol" [Bolivar].

Filho de pai descendente de espanhóis e de mãe indígena, Bolivar migrou pela primeira vez aos 3 meses de idade, depois da morte de seu pai, junto com a mãe e a irmã mais velha, para a casa dos seus avós, na zona rural do altiplano andino[400]. Aos 3 anos, a mãe e a irmã migraram para Cochabamba, deixando-o aos cuidados dos avós[401]. Ao completar 5 anos, Bolivar migrou da zona rural indígena para a casa dos avós paternos, espanhóis ricos, em La Paz.

> "Falaram: 'queremos Bolivar de volta pra que ele possa voltar para estudar, para que ele tenha uma vida diferente, não uma vida de camponês'. Então, nunca me esqueço desse dia. O dia que eu tinha que vir pra La Paz, alias, recebi aquela roupa estilo inglês: um suspensório, uma calça" [Bolivar].

[399] Conforme vimos no capítulo 3.

[400] "Morei no campo, aprendi a semear, aprendi a conviver com a natureza, aprendi a escutar, aprendi a tirar leite da vaca, aprendi a fazer queijo. Aprendi tudo aquilo que o homem rural faz. Eu era uma criança" (trecho de entrevista concedida por Bolívar).

[401] "Porque minha mãe, ela tinha ido embora pra Cochabamba, porque era muito jovem, ela foi à procura de uma vida nova, uma vida diferente, enfim, e assim por diante. Ela foi embora com minha outra irmã que já tinha 2 anos. Então migraram pra Cochabamba e elas fizeram a vida delas lá" [Bolivar].

As dificuldades de adaptação e o preconceito sofrido no interior da família e no ambiente escolar por ter uma mãe descendente de indígenas camponeses, o levaram a migrar, aos 14 anos de idade, para Cochabamba para morar com a mãe e a sua nova família[402]. Nesse período em que ficaram separados, sua mãe casou novamente, montou um restaurante e teve mais 3 filhos com o seu novo marido. Ao chegar a Cochabamba, Bolívar começou a trabalhar no restaurante de sua mãe e ela o obrigou a iniciar um curso técnico de mecânica. Terminado o curso técnico e o serviço militar, Bolivar decidiu iniciar uma vida independente em outro país, pois achava que na Bolívia não teria futuro profissional. A princípio, planejava migrar para a Argentina, país que, desde sua infância, sonhava conhecer. A decisão de migrar para o Brasil deveu-se a circunstâncias conjunturais da Argentina, no final da década de 1970, que dificultavam a migração boliviana para aquele país.

> "Na realidade eu não vinha pra o Brasil. Eu ia para Argentina. Quando sai do quartel eu ia para Argentina. Só que naquela época, em 79 – 78, os bolivianos estavam, praticamente, sendo deportados em contingente. Porque eles moravam em favelas, eram praticamente... não eram cidadãos, eram puros excluídos, marginais. Não tinham documentação, moravam nas favelas e assim por diante. Então, o governo argentino terminou deportando centenas e centenas de bolivianos. Isso me causou muita tristeza, pensar em morar num país onde provavelmente posso ser deportado. (…) Foi muito rápido. Eu em realidade depois que saí do quartel, faltando aliás 15 dias, eu falei pra minha mãe, eu só tinha minha mãe: 'mãe eu não vou mais morar contigo, eu quero seguir meu caminho, preciso trilhar a minha vida. Eu quero que você continue a sua vida porque eu quero que você seja feliz'. Eu já tinha 3 irmãos que eram apenas de parte de mãe" [Bolivar].

Dessa forma, enquanto Pablo migrou por questões políticas e para se juntar à sua mãe e irmã, Bolívar migrou para se tornar independente da família e estabelecer uma vida própria, contando, durante os primeiros anos, com o apoio financeiro de sua mãe até conseguir o primeiro emprego. Pablo também não se inseriu diretamente no mercado de

[402] "Porque logo de cara até o preconceito já tinha dentro da própria família porque eu era um camponês e eles eram, digamos assim, os menininhos da classe média, entendeu? Então isso era uma grande disputa. Logicamente fui criado no campo e eu era um moleque pequeno, de estatura. Meus primos, da minha família, são todos altos, são todos descendentes legitimamente de europeus"[Bolivar].

trabalho paulistano, iniciando o seu primeiro trabalho apenas um ano depois, em 1973, quando finalizou a preparação da documentação que lhe permitia estabelecer contratos de trabalho. O primeiro trabalho na capital paulistana foi conseguido a partir de contatos de sua mãe com os amigos brasileiros da família com quem trabalhava e já estava em vista desde o momento de sua migração para o Brasil.

> "A minha mãe morava na casa onde trabalhava. Então, era um trabalho de babá que realiza e mora lá e tem um dia de descanso na semana, o salário é muito bom, atualmente, muito bom o salário, são pessoas que tem poder aquisitivo muito alto. (...) Então, ela conseguiu uma casa para nós, alguns irmãos já tinham vindo aqui né, os menores tinham vindo aqui, aí eu vim para cuidar deles, os menores também vieram antes, eu fui o último a vir aqui. Então, a partir disso, começou tudo, recebi bastante ajuda e antigamente o empréstimo para estrangeiro não era tão dificultoso como é hoje.(....) Vim com o trabalho mais ou menos arrumado, não era uma coisa certa, mas era mais ou menos arrumado. A pessoa que alimentou a ideia com a minha mãe que eu vinha, ela trabalhava como gerente de uma empresa, então eu vim trabalhar nessa empresa, me deram toda documentação para poder tramitar, e então, em um ano, saiu a documentação e, em 1973, eu comecei a trabalhar na empresa.(...) A empresa se chamava Dólar do Brasil, não existe mais essa empresa. Era uma empresa americana de fundição de alumínio. Primeiro, comecei a trabalhar na área administrativa, a contabilidade [Pablo].

Apesar de Pablo ter permanecido apenas dois anos no primeiro trabalho, em seu segundo trabalho permanece pelos últimos 25 anos de sua vida considerada útil para o trabalho até se aposentar por problemas cardíacos. O segundo trabalho, conseguido por meio da indicação de um amigo brasileiro, em uma famosa montadora automobilística, a Scania, inseriu Pablo no interior do setor mais dinâmico da economia paulistana no período.

Pablo conseguiu além de uma inserção econômica estável no do mercado de trabalho formal da capital paulistana, a aquisição de empréstimos e a compra da casa própria, duas vezes. Todas essas conquistas não parecem ter representado grandes dificuldades, constituindo-se, em sua perspectiva, no desenrolar natural de uma vida de trabalho e economias.

> Comecei na Scânia na área de contabilidade. Passei cinco anos na área de contabilidade e 20 anos na área de compras, administração de compras. (...) Olha, quando comecei a trabalhar na Scânia, era um dos melhores salários que tinha, com a entrada do Lula [no movimento sindical do período] e o crescimento do sindicalismo, as empresas começaram a recuar e começaram a nivelar os salários das montadoras. Então, eles começaram a abaixar e nivelar os salários em baixo e com um pouco de persistência e com administração familiar mesmo, eu consegui juntar uma quantidade razoável, com a qual comprei, primeiro, eu comprei um apartamento em São Paulo, depois vendi o apartamento e comprei uma casa em São Bernardo a casa onde, atualmente, a minha esposa está morando [Pablo].

Além da facilidade de inserção profissional pessoal, os outros membros da família de Pablo também não tiveram dificuldades para conseguir trabalho e para a aquisição de educação formal de nível superior e todos se casaram com brasileiros, inclusive, Pablo. E embora Pablo não tenha terminado a faculdade de administração de empresas que iniciara na Bolívia, os seus dois filhos lograram finalizar os cursos universitários de engenharia e de direito na Universidade de São Paulo e na Pontifícia Universidade Católica (PUC), respectivamente.

> Meus irmãos eram crianças, eram todos menores que eu, quando vieram aqui, eles vieram todos para a escola, aí depois foi entrando um no Senai e outro continuando o estudo, e os outros foram para faculdades e o caçula entrou na PUC e se formou como teólogo, depois voltou a entrar de novo e se formou como advogado (...). Ninguém casou lá, tudo aqui, com brasileiros, minha irmã casou com um brasileiro, foi morar no Mato Grosso e agora está no Piauí, ela é fazendeira. A outra tem problema de poliomielite e sempre trabalhou em casa de família, terminou os estudos e trabalhou sempre em casa de família. A menor entrou em administração de empresas na área contábil, se casou com brasileiro e hoje está trabalhando de professora de português para espanhóis, claro se você falar com ela, ela não é boliviana e fala corretamente o português. O caçula terminou os estudos aqui, praticamente ele veio do pré, foi estudando, entrou na PUC, um grande esforço, mas ele conseguiu entrar e ele fez teologia, eram dois anos só, depois foi para o direito e hoje ele trabalha como advogado [Pablo].

Bolívar, que havia migrado sozinho, sem nenhum contato no Brasil e sem saber falar português, passou por um processo de adaptação mais longo até iniciar seu primeiro

trabalho depois de 3 anos de residência na cidade de São Paulo[403]. Logo depois de se instalar em um hotel em frente à estação da Luz e de iniciar um curso de desenho em uma escola próxima ao metrô Tiradentes, Bolívar decide consultar o Consulado Boliviano para obter informações sobre outros cursos e oportunidades laborais. Nessa visita, Bolívar descobre os "Convênios Culturais" que possibilitavam a realização de cursos de especialização nas empresas multinacionais, principalmente do setor automobilístico, que vinham se instalando no país.

[403] "Nada, não sabia falar nada. Não me preocupei em estudar em esses poucos dias, mas também nem podia porque estava no quartel. Para você ter uma ideia: sai do quartel e depois de 15 dias eu tava aqui no Brasil. Então, *aterrizé* no Aeroporto de Congonhas, sai do avião e achei muito estranho. Logo um ar quente me envolveu: era verão total. (…) Sai com minha malinha e falei: 'e agora para onde eu vou?'(...) Quando vi o ônibus passando estava escrito 'centro'. Falei: 'vou no centro' (…) olha tudo era estranho, todas as coisas pra mim eram estranhas. Nunca tinha visto um negro na minha frente, entendeu? Muito negro. Puta, falava: 'cara, as pessoas soa muito diferentes uma das outras'. Porque você vai na Bolívia e você vai ver uma unidade muito parecida , então não há essa diferença de raças, de cores e assim por diante, entendeu? Isso já me chocou logo de cara, mas eu fui em frente" [Bolivar]. Apesar de não ser o tema da tese, é interessante notar que esse estranhamento em relação à população negra no Brasil é muito marcante na percepção dos imigrantes bolivianos logo de sua chegada, inclusive, em relação aos que chegam atualmente no país.

> Então, pra você ter uma ideia, todos os países de América Latina através dos consulados e das embaixadas eles fizeram os famosos Convênios Culturais. Existia, por exemplo, um convenio, naquela época, Brasil-Bolívia Convenio Cultural. Então, eu fui praticamente encaixado dentro desse convenio. (…) Era da seguinte forma: todos os convênios culturais eram pagos pelas fábricas, porque as fábricas não eram brasileiras, as fábricas eram multinacionais. Eu cheguei aqui em São Paulo, fiquei uns meses, tudo mais, e de repente eu fui no consulado. Trouxe meu diploma, tudo legalizado, tudo certinho. Aí eu descobri que existiam os famosos convênios. Falou pra mim o cônsul, não me lembro de quem era na época, me falou: 'em que você quer se especializar?'. Eu falei: 'preciso me especializar em mecânica porque eu fiz um curso técnico lá na Bolívia, então, eu preciso me especializar' (…) Eles me falaram: 'através do convenio, se é no teu ramo, porque você não vai nas fábricas e vê que curso quer fazer'. Nossa! Aquilo lá foi em cheio. Primeira coisa que fui foi lá na General Motors. Falei: 'eu quero fazer um curso de especialidade em mecânica'. 'Ótimo, magnífico, estamos precisando técnicos em mecânica e assim por diante, porque queremos que os estrangeiros conheçam nossos produtos'. (…) Então, as indústrias estavam muito preocupadas em mostrar o produto para quem, por exemplo, cuida desse produto, entendeu? Para que ele saiba, por exemplo, como pode concertar aquilo que eles produzem. O intuito era esse das fábricas. E eles darem alimentação, cursos gratuitos, oferecer toda uma condição social pra esse aluno era muito bom porque realmente estavam ganhando esse aluno pra que ele possa ter todas as facilidades de poder concertar aquilo que eles fabricam, entendeu? Então, olha, durante um ano eu fiz cursos na General Motors.(...) A minha mãe me mandava todo mês, ela me mandava 300 dólares. Era muito dinheiro. (…) Então, era um dinheiro que sobrava gratuitamente porque eu não comprava materiais, porque eu não comprava nada [Bolivar].

E foi em um desses cursos que Bolivar conheceu o seu futuro patrão, que possuía uma grande oficina mecânica que preparava carros de corrida para a Formula 5000 que, posteriormente, se transformou na "StockCar"[404]. Bolívar trabalhou nessa mecânica durante 20 anos e, depois, ademais de adquirir casa própria, montou sua própria oficina mecânica. Nesse período, se casou com uma brasileira formada em psicologia e teve dois filhos que agora estão fazendo cursos universitários de física e de engenharia na Universidade de São Paulo.

[404] [somente estrangeiros frequentavam esses cursos?]" Não, eram técnicos brasileiros que vinham de outros estados. Tinha do Rio Grande do Sul, tinha da Bahia, em fim, de diferentes estados do Brasil. E entre eles, de vez em quando, me cruzava com algum chileno, com algum equatoriano ou algum peruano, já me cruzei com alguns bolivianos também, que eles vieram também na mesma condição que eu, e assim por diante. Eu tinha um currículo muito grande pelas oportunidades que eu tinha, entendeu? Eu falei: 'preciso aproveitar as oportunidades'"[Bolivar].

Para os imigrantes bolivianos como Pablo e Bolívar, o Brasil se transformou em verdadeiro lar em que constituíram uma família e consolidaram uma inserção social estável. No caso de Pablo, essa inserção reflete-se, inclusive, ao considerarmos o tipo de contato que ainda mantém com a Bolívia: praticamente nenhum, principalmente, depois da morte do pai que acabou voltando da Argentina para a Bolívia, durante a década de 1980, depois do exílio político a que foi forçado. Afinal, todos os seus irmãos vieram para o Brasil, sua mulher é brasileira, seus amigos também são brasileiros e a opção da naturalização só não foi levada adiante devido ao alto valor implicado na tramitação dos papéis e por não ter precisado de tal certificação para o exercício de sua profissão Bolívar, diferentemente, ainda mantém a mãe, com mal de alzheimer, internada em Cochabamba, enquanto sua irmã mais velha, migrou definitivamente para os Estados Unidos. De todo modo, as relações de Bolivar com a Bolívia resumem-se a viagens rápidas, a cada dois anos, sem a menor intenção de retorno ao país de origem.

> "E eu vim aqui numa segunda fase, porque a comunidade boliviana se divide aqui em 3 fases. Acredito que a comunidade boliviana hoje tem 50 anos mais ou menos, não mais que isso. Os primeiros bolivianos chegaram praticamente em 50 [1950], deportados[405] como exilados políticos [por causa da revolução de 1952?] Exatamente. Então, esses são os primeiros bolivianos que a gente conhece historicamente ou extraoficialmente que vieram pra o Brasil. Não vieram pra São Paulo, foram pra Minas, e foram especificamente para Belo Horizonte e para o Rio de Janeiro. Foram as primeiras comunidades, as primeiras famílias que vieram pra o Brasil, foram essas famílias – que, na realidade, não foi um que veio, vieram famílias inteiras que foram deportadas. Tanto que eu tenho muitos amigos que conheci aqui e eles me contaram toda essa historia, uma história, assim, impressionante, entendeu? Então, eles vieram pra cá com muito poder aquisitivo e como eles vieram já com visto de permanência, com toda a documentação como qualquer exilado político, eles tinham todas as condições possíveis de emprego, todas as garantias. Como cidadãos vieram pra cá. Aí depois de 60 [1960] já vieram jovens que vieram aqui pelas muitas probabilidades e possibilidades e os oferecimentos que nós tínhamos através das grandes multinacionais que estavam sendo colocadas através da industrialização aqui em São Paulo. Se tinha indústria, por exemplo, automotriz, automaticamente tudo em volta tinha que acontecer, entendeu? Então, era um processo tamanho de industrialização. Eu vim em 79 [1979] já dentro desse conglomerado de estudantes, pessoas que vieram para fazer pós-graduação, pessoas que vieram pra medicina. Vieram muitos estudantes pra cá. Muitos bolivianos" [Bolivar].

[405]A "deportação" é um instrumento jurídico que serve para retirar um estrangeiro de território nacional e enviá-lo ao país de origem. Nesse caso, Bolívar utilizou essa expressão para referir-se a outro processo: de saída do país de origem motivada por perseguição política e que pode ser acolhida no país de destino por meio da concessão, pelo país de destino, do "asilo político".

Nessa tentativa de periodização das fases da imigração boliviana para o Brasil, Bolívar se insere no que ele denomina de "segunda fase" desse processo, marcada por ser uma migração de jovens em busca de especialização profissional e inserção laboral em um país em pleno desenvolvimento econômico[406]. A primeira fase, marcada pelas migrações políticas e concessões de asilo diplomático, referir-se-ia a um momento anterior das migrações bolivianas, ao longo dos anos de 1950, dinamizadas pela Revolução de Estenssoro. Apesar da imprecisão e da minimização da importância que as inúmeras ditaduras em curso na Bolívia tiveram no incentivo das migrações internacionais dos bolivianos ao longo da década de 1970[407], podemos, a partir dessa periodização, destacar um elemento decisivo das formas de inserção desses migrantes na cidade de São Paulo, no período, independentemente das especificidades dos contextos de expulsão: o intenso processo de desenvolvimento econômico e industrial pelo qual passava o país e, em especial, o Estado de São Paulo, com reais possibilidades de inserção em seu mercado de trabalho.

Nesse contexto, bolivianos com trajetórias anteriores tão distintas, como Pablo e Bolivar, puderam encontrar no setor automobilístico e nas grandes empresas transnacionais elementos de uma experiência comum com os outros tantos trabalhadores brasileiros – muitas vezes migrantes internos – que passaram a se inserir nessas atividades. Nesse sentido, chama atenção, nas memórias de Pablo e Bolivar, a referência a Lula e ao movimento operário da época.

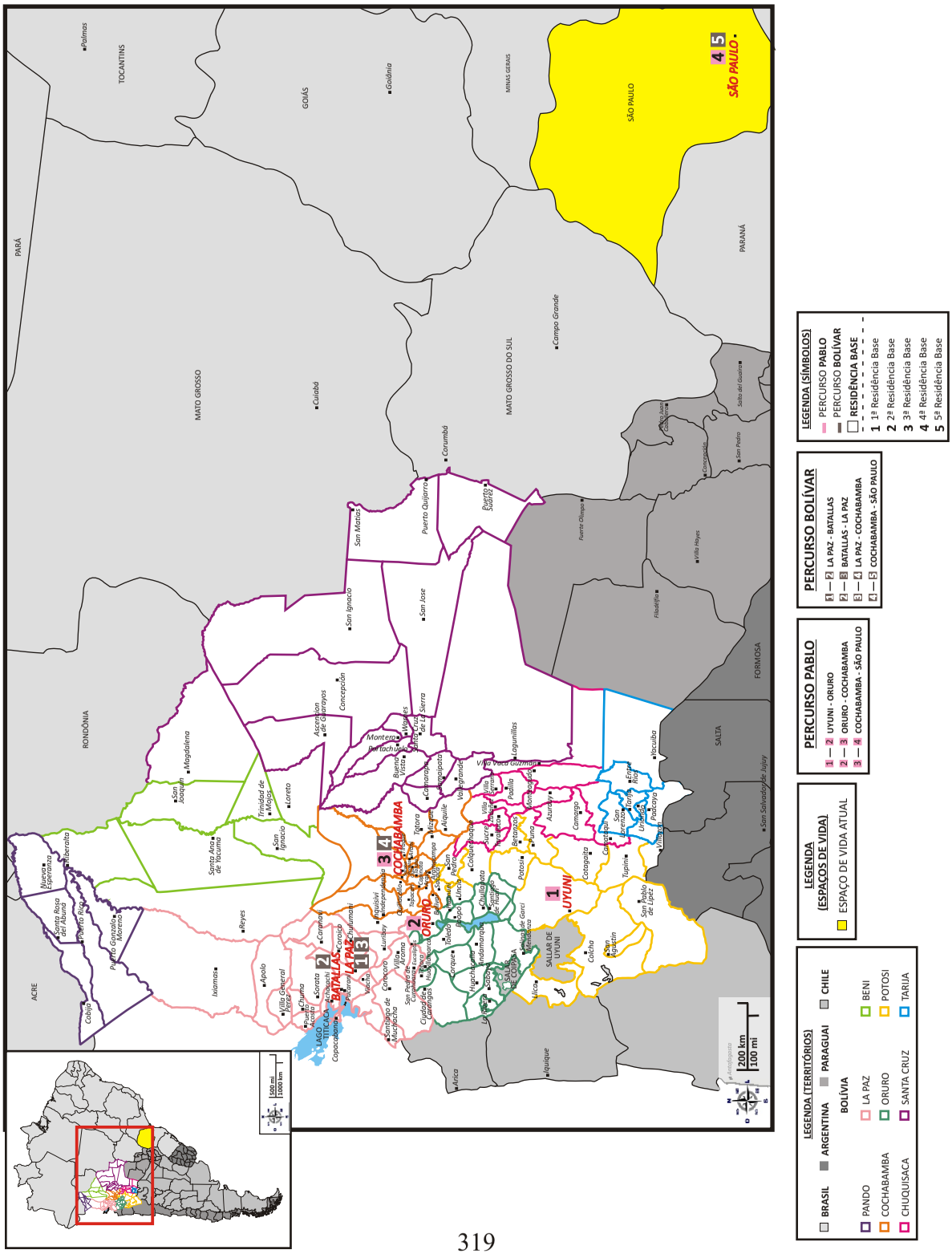
[406] A tentativa de Bolívar baseia-se em um conhecimento empírico não científico, expresso de maneira muito parecida em conversas com outros imigrantes bolivianos dessa geração anterior àquela que passou a se inserir na indústria de confecção. Note-se que ele não explicita o que seria a "terceira fase", o que consideramos dever-se ao fato de ele saber que o foco da minha pesquisa é essa terceira fase. Inclusive, essa tentativa de periodização ocorreu naturalmente, logo no início da entrevista, em resposta a uma pergunta sobre os motivos de sua vinda ao Brasil – explicitando a necessidade de se diferenciar dos imigrantes dessa terceira fase.

[407] Em relação às migrações dinamizadas por motivos políticos, provavelmente, a diferença entre aqueles que emigraram da Bolívia para países latino americanos nos anos de 1950 e inicio dos anos de 1960 e aqueles que emigraram ao longo da década de 1970 reside no fato de que os primeiros, ao migrarem para países democráticos puderam obter com relativa tranquilidade asilo político, enquanto, os segundos, ao migrarem para países que também encontravam-se governados por ditaduras militares não tinham a opção de pedirem asilo político.

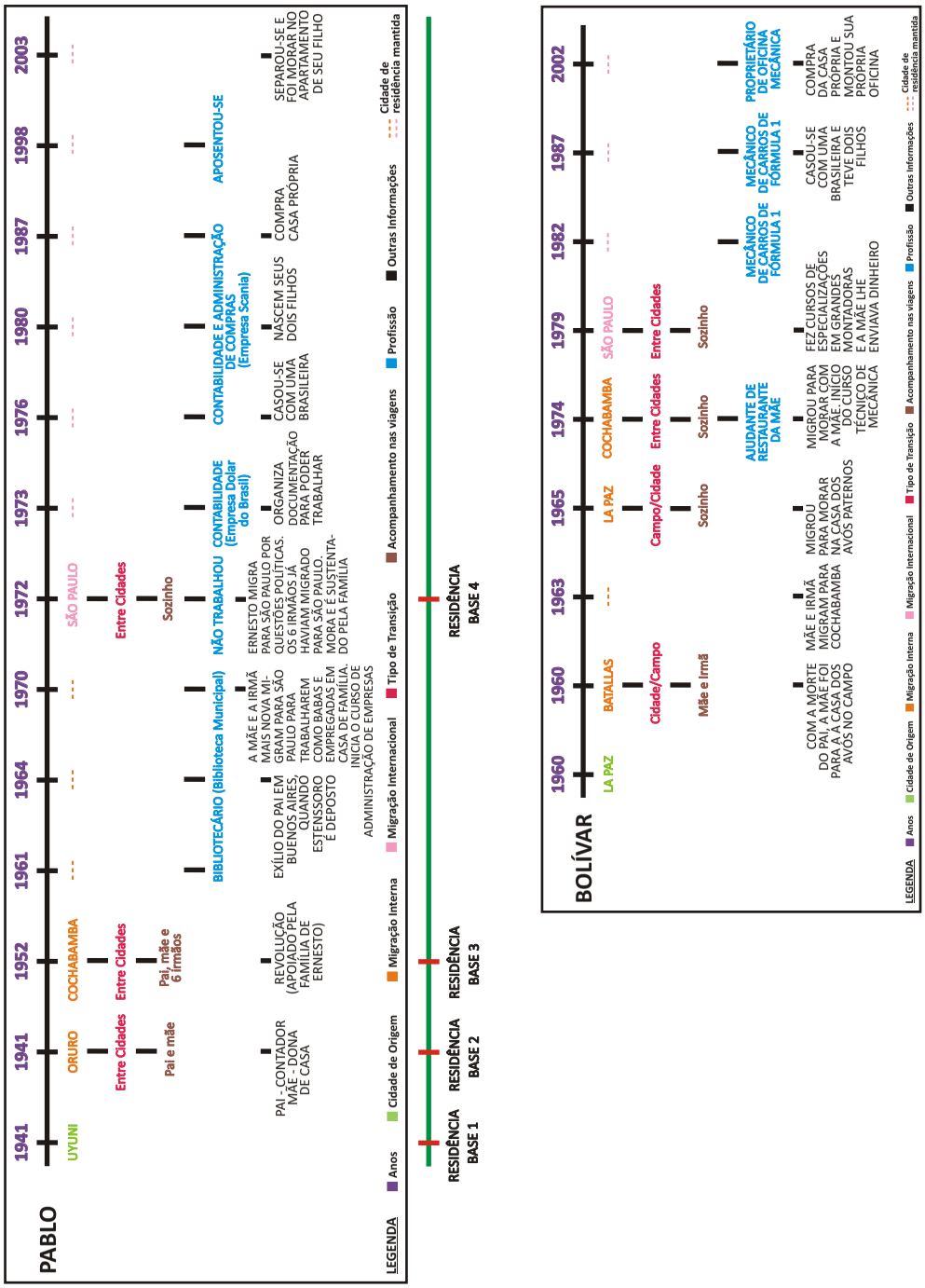
“Eu conheci o Lula, fui convidado pela cúpula dele para integrar o partido, como eu tinha experiência e não gostava disso, então não aceitei. Mas era obrigatório participar das greves. Aliás, vocês sabem qual foi a primeira greve em São Paulo, onde que começou? Não sei se foi em 1977 ou 1976, começou na Scânia. A primeira greve foi feita na Scânia, e a segunda greve já foi com a participação do Lula” [Pablo].

Porque quando fui fazer os cursos na General Motors, na Bosch  Em 79 justamente estava no auge, eu lembro. Você tinha que entrar, por exemplo, nas fábricas. Os tanques de guerra estavam instalados nas portas das fábricas. Todos os militares, policiais, fazendo para não invadir a fábrica, para não destruir. Preservando o patrimônio. Era um absurdo! Os militares cuidando das fábricas. Os grandes movimentos sindicais justamente estavam começando a se formar. O PT, a CUT, o Partido dos Trabalhadores estava se formando exatamente na época que eu cheguei fazendo cursos na Bosch. (…) Só pra você ter uma ideia.(...)  Um dia eu cheguei e o Lula estava já postado dando um de seus famosos discursos. Nossa! Ele era. Era um cara carismático. Olha, só de ver ele te convencia, era impressionante. A gente tinha que atravessar esse cerco feito pelos policiais para poder entrar na fábrica para poder estudar. Ficávamos no período da manhã e no período da tarde [Bolivar].

**Figura 41 - Espaços de vida e residências base de Pablo e Bolívar, migrantes bolivianos dos anos 1970**



## Figura 42 - Linhas da vida de Pablo e Bolívar, migrantes bolivianos dos anos 1970



De maneira geral, conforme foi possível observar ao longo do trabalho de campo, corroborando estudos anteriores, os migrantes bolivianos – caracterizados por serem, principalmente, estudantes e profissionais liberais – que se dirigiram para a cidade de São Paulo, em um momento de auge de seu desenvolvimento industrial, ao longo dos anos de 1960/70, conformaram, em grande medida, trajetórias relativamente estáveis e que reproduziam, em muitos sentidos, as trajetórias dos trabalhadores brasileiros de nível médio inseridos no mercado de trabalho local no mesmo período: uma inserção profissional em poucos e duradouros trabalhos durante a vida e que possibilitaria, com a devida economia familiar, a aquisição da casa própria.

Nesse momento, não é possível identificar a concentração desses imigrantes em uma atividade econômica específica indicando que a inserção profissional ocorre no interior das estruturas laborais anteriormente estabelecidas nas sociedades de destino. Ademais das tendências de assimilação aos padrões socioculturais brasileiros expressas, entre outros aspectos, no casamento com cônjuges brasileiros. Nesse sentido, as trajetórias relatadas de Pablo e Bolivar conformam trajetórias paradigmáticas dos processos de "assimilação", propostos inicialmente nos estudos da Escola de Chicago, sobre as formas de inserção sócio espacial das comunidades de imigrantes nos espaços urbanos de destino, ao longo do século XX[408].

A partir da década de 1980, os contextos de emigração na Bolívia irão sofrer importantes transformações, bem como os contextos de recepção no Brasil, conforme vimos nos capítulos anteriores, implicando em mudanças no perfil dos novos imigrantes bolivianos direcionados para a capital paulistana e em suas possibilidades de inserção laboral e sociocultural na cidade. Esse período marca um aumento quantitativo e uma inflexão qualitativa desse fluxo migratório para a cidade[409].

[408] Conforme descrito no primeiro capítulo.

[409] Em relação aos números, pelos dados do censo, citados em Kadluba, 2007: em 1980, foram registrados 3213 bolivianos, em 1991, 4525 bolivianos e em 2000, 7722 bolivianos. Outra forma de verificar este aumento expressivo, de acordo com Cymbalista e Xavier (2007), seria através dos registros da Polícia Federal que, em 1995, registrava 255 bolivianos e, em 1999, 17897 bolivianos. Note-se que esses números oficiais são interessantes apenas por indicarem um aumento, mas não para exprimir a população exata, pois, naquela época, a maioria dos bolivianos na cidade estava sem documentação legal.

E foi nesse contexto que identificamos, junto com o aumento dos fluxos migratórios para São Paulo, sua inserção na indústria de confecção. Em que pesem a importância dessa crise econômica, principalmente por ter colocado em circulação as populações indígenas/camponesas que, conforme vimos no capítulo anterior, constituem o segmento da população boliviana que passou a se inserir nessa atividade, consideramos que a inserção inicial desses imigrantes na indústria de confecção, em São Paulo e em Buenos Aires, vincula-se diretamente à migração coreana para o continente latino-americano e à sua especialização nessa atividade.

## 4.2) O EMPRESARIADO COREANO NA INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO LATINO AMERICANA

A vinculação coreana à indústria de confecção de importantes centros urbanos do continente americano – tais como São Paulo, Buenos Aires, Santiago, Los Angeles e Nova Iorque – constituiu, ao longo da segunda metade do século XX, uma de suas principais marcas de inserção socioeconômica nesse continente. Acrescentando-se, ainda, uma miríade de pequenos negócios em ramos variados da economia, principalmente nos Estados Unidos, destino principal da emigração sul coreana, que inspiraram a emergência, nesse país, de uma série de estudos otimistas sobre os "empreendimentos étnicos" e as vantagens relativas dos "recursos étnicos" (LIGHT &GOLD, 2000; BONACICH & LIGHT, 1988, BONACIH, LIGHT & WONG, 1977).

A imigração sul coreana para esse continente iniciou efetivamente a partir dos anos de 1960, no âmbito do primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento da Coreia do Sul, que estabeleceu, como uma de suas estratégias de desenvolvimento industrial e urbano, acordos bilaterais de emigração. Nos anos anteriores, as migrações para o continente americano decorrentes da ocupação japonesa, das guerras civis e da perseguição política interna não haviam constituído fluxos migratórios consistentes – destacando-se a migração de mais de 3 mil coreanos(as), entre 1950-64, para os Estados Unidos, em sua maioria, esposas e filhos adotados por soldados americanos que, durante a guerra, foram estabelecidos na Coreia (MIN, 1993:185) e a migração de 57 soldados norte-coreanos, prisioneiros da guerra entre as duas Coreias, que escolheram o Brasil e Argentina para estabelecerem nova residência[410].

[410] "Os primeiros grupos coreanos que chegaram ao cone sul o fizeram em 1956 e 1957. Era um grupo de soldados norte coreanos prisioneiros da guerra das duas Coreias. Naquele momento as forças aliadas davam aos contingentes de soldados que haviam sido pegos pelas tropas da ONU a opção de voltar aos seus países de origem ou emigrar para algum país neutro. Os que optaram sair da Coreia tiveram que esperar dois anos em um campo da ONU, na Índia, até obterem permissão para irem para outros países. Entre estes grupos 57 coreanos escolheram como destino a Argentina e o Brasil. Os integrantes deste grupo foram se inserindo pouco a pouco nestes países" (MERA, 2007:9-10, tradução própria).

A Coreia do Sul, estabelecida formalmente em 1951, depois do fim da Guerra da Coreia, era um país pequeno, com uma área de aproximadamente 98.500Km² – equivalente a do estado brasileiro de Pernambuco (MASSIERO, 2007) – e ainda não havia se industrializado[411]. A maior parte do desenvolvimento industrial anterior à guerra da Coreia concentrara-se na região norte da península coreana, que também concentrava a maior parte dos recursos naturais. Nos anos de 1950, a região sul da península caracterizava-se por ser uma região farta em recursos agrícolas e força de trabalho. De acordo com os dados divulgados em anuário estatístico do governo sul-coreano, em 1953, o setor primário compunha 47,3% do Produto Nacional Bruto (PNB) sul-coreano, sendo 40% preenchido pelo setor de serviços e, apenas, 9% pelo setor manufatureiro. E desses 9% do setor manufatureiro, 78,9% correspondia à indústria leve e, apenas, 21,1% à indústria pesada[412].

O Plano Nacional de Desenvolvimento da Coreia do Sul, estabelecido por um governo militar desenvolvimentista no início dos anos de 1960, partia de um diagnóstico, em relação à questão demográfica, de existência de um contexto de "super população" que causaria importantes entraves ao desenvolvimento socioeconômico do país. De acordo com Mera (2007), os motivos principais dessa "super população" seriam: i) a entrada de um milhão de norte-coreanos em fuga antes do início da guerra da Coreia; ii) o retorno de 2,3 milhões de sul-coreanos depois da Segunda Guerra Mundial e, iii) o aumento da expectativa de vida concomitante aos processos de desenvolvimento econômico e social.

Apesar da presença econômica, cultural e estratégica dos Estados Unidos na Coreia do Sul desde o fim da segunda guerra mundial (BONACICH & LIGHT, 1988), no início da década de 1960, a legislação interna norte-americana não permitia a imigração asiática, restando ao governo sul coreano, como estratégia alternativa, o estabelecimento de

[411] A Coreia havia sido ocupada por japoneses em 1910 e, com o fim da ocupação, devido à derrota japonesa na segunda guerra mundial, os aliados dividiram-na entre zonas de influência norte- americanas e russas com o intuito de organizar conjuntamente a rendição e retirada dos japoneses. Entretanto, em 1950, os coreanos do norte, sob a influência russa, invadiram o sul e, ao final dessa guerra, definiu-se a Coreia do Norte e a Coreia do Sul como dois países distintos (LOWE, 2011: 159-163).

[412] Cf. MASIERO, 2007: 72. Em tabela com dados extraídos do Seoul Office ofStatistics, RepublicofKorea, de agosto de 1995.

convênios com outros países – destacando-se, nesse contexto, os acordos bilaterais de emigração agrícola, inspirados no êxito que o governo japonês teve com esse tipo de política em relação aos seus emigrantes, com alguns países da América Latina[413].

Os acordos bilaterais estabelecidos pela Coreia do Sul abarcaram, a princípio, na América Latina, durante a década de 1960, principalmente, o Brasil, a Argentina, o Paraguai e a Bolívia e, a partir de 1970, estenderam-se ao Peru e ao Chile[414]. Esses acordos iniciais previam uma migração coreana familiar, voltada para o trabalho agrícola, a partir da compra prévia de terras pelos imigrantes coreanos, que recebiam do governo sul-coreano um subsídio de 200 dólares ao embarcarem.

O Brasil foi o primeiro país a receber, em 1963, os grupos de imigrantes coreanos, depois de um ano de funcionamento do primeiro Consulado Sul Coreano, instalado no Rio de Janeiro, em 1962, e da Sociedade Cultural Coreia – Brasil, fundada por um coronel coreano responsável pelo desenvolvimento do projeto de emigração[415].

> "Em 1963 chegaram ao Brasil grupos de famílias de militares descontentes com a política do governo e grupos de fiéis protestantes, pertencentes a classe média urbana coreana e com bom nível educacional. Como havia sido determinado pelo governo, essas famílias se instalaram nas zonas agrícolas. Entre os últimos grupos que chegaram, em 1963, encontram-se umas 70 famílias católicas que se estabeleceram na Colonia Santa Maria, no município de Tibagi" (MERA, 2007:10, tradução própria).

Entre 1962 e 1966, migraram para o Brasil cinco grupos de coreanos residentes na Coreia do Sul. O primeiro grupo, que chegou em fevereiro de 1963, era composto por 17 famílias que totalizavam 103 pessoas e foi, primeiramente, instalado em fazendas no Estado de São Paulo (Mogi das Cruzes e Guarulhos). O segundo grupo, que chegou ao final de

[413]"Pela primeira vez na história da Coreia, um governo aplica uma política de emigração deliberada. No entanto, poucas nações aceitaram até mesmo receber um número limitado de coreanos. Algumas nações latino- americanas aceitaram emigrantes coreanos para se instalarem em terras virgens; a Alemanha importou mineiros e enfermeiras coreanas como trabalhadores migrantes" (MERA, s/data:8, tradução própria).
[414]De acordo com Mera, vieram para o continente latino-americano, entre 1962-1967, 30 mil imigrantes coreanos (MERA, 2007).
[415]Esse Consulado passou a existir graças a uma iniciativa do governo sul coreano que, em 1961, enviou um representante (professor de espanhol da Universidade Hankook de Estudos Estrangeiros) para iniciar os contatos nesse sentido com o governo brasileiro. Ver KIM, XXX.

1963, composto por cerca de 100 imigrantes, familiares do primeiro grupo, foi para as mesmas terras. Já o terceiro grupo, 68 famílias, que chegou em 1964, foi instalado em uma fazenda na divisa entre São Paulo e Espírito Santo. O quarto grupo, que também chegou em 1964, composto por 50 famílias, foi deslocado para uma fazenda em Goiás. E o último grupo oficial, que desembarcou no Brasil em 1966, composto por 53 famílias, foi organizado por uma igreja católica coreana e se instalou em Ponta Grossa, no estado do Paraná[416]. A partir de 1967, o novo regime militar –instaurado, no Brasil em 1964 – encerra o acordo bilateral e começa a proibir a entrada de imigrantes coreanos no país, permitindo, apenas, a entrada oficial de técnicos coreanos de nível superior e com contratos de trabalho já estabelecidos.

De acordo com Mera, os primeiros imigrantes coreanos que se dirigiram para a América Latina no período, apesar de residirem na Coreia do Sul eram, em sua maioria, norte-coreanos – fugidos da Coreia do Norte e sentindo-se hostilizados ou perseguidos na Coreia do Sul – que, provavelmente, já tinham se convertido para o cristianismo antes de emigrarem e pertencentes às classes médias urbanas[417].

Nos anos 1960, também iniciaram os fluxos migratórios coreanos em direção à Argentina, à Bolívia e ao Paraguai. Entretanto, de acordo com Mera (2007) e Buechler (2003), a Bolívia e o Paraguai eram considerados muito menos interessantes economicamente do que o Brasil e a Argentina e uma grande parte dos imigrantes que para lá se dirigiram acabaram reemigrando posteriormente para outros países no continente latino americano. Essas migrações "ilegais" abandonaram completamente o direcionamento rural concentrando-se nos grandes centros urbanos dos países de destino.

[416]Cf. GALETTI, 1996 e MERA, 2007.

[417]Esse é um fator curioso e que infelizmente não poderemos abarcar nesta tese, mas a comunidade coreana em São Paulo é em sua maioria evangélica, o que se percebeu no trabalho de campo e bastante visível na proliferação de igrejas evangélicas coreanas no Bom Retiro - "(...) o fato de que a maioria dos primeiros migrantes eram originários da Coreia do Norte, que, por um lado, eram mais propensos ao cristianismo e, por outro lado, também eram mais propensos a emigrar devido a discriminação que sofriam no sul" (MERA, s/data:8, tradução própria).

> "Desde o inicio experimentaram [os coreanos] um processo de mobilidade múltipla: do Paraguai para a Argentina, da Argentina para o Brasil ou vice versa, da Bolívia para o Brasil. Logo foram para o Canadá ou Estados Unidos. De fato, as pessoas das comunidades atuais na Argentina, Brasil, Paraguai, Peru, Estados Unidos, Canadá, Coreia, Espanha, têm parentes ou amigos em outros pontos, conformando um tipo de rede de circulação com vias e entradas múltiplas. É uma migração que se caracteriza por um alto nível de mobilidade e rotas de reemigração, individuais e familiares" (MERA, 2007:16 – 17, tradução própria)

No espaço regional latino-americano chama atenção a existência, desde o início da migração sul coreana, nos anos de 1960, de estratégias circulatórias desses migrantes que, devido à facilidade de obtenção de licenças migratórias para o Paraguai ou para a Bolívia, migravam para esses países como parte de uma estratégia de inserção no Brasil ou na Argentina visando estebelecerem-se em São Paulo ou Buenos Aires.

> "Segundo Chon Kyong Su (1966) iam para o Paraguai e Bolívia porque era mais fácil conseguir a primeira licença migratória, mas desde o início a ideia era estabelecer-se na Argentina ou Brasil. Dessa maneira, muitos cruzavam por terra até a Argentina e ao Brasil. Segundo os dados de Lee Kyo Bom (1992) dos residentes coreanos na Argentina, entre 66 e 69, um a cada 3 coreanos era migrante da Coreia e o resto eram reemigrados do Paraguai. (...) A corrente de reemigrantes do Paraguai até a Argentina se dá com maior vigor entre 1968 e 1969, e mais tarde na década de 70. De 1970 a 1978 calcula-se que 2000 reemigraram para a Argentina" (MERA, 2007:12, tradução própria).

E em relação ao Brasil especificamente, as proibições e dificuldades de entrada dos primeiros grupos, alguns dos quais foram proibidos de entrar já em 1963, levou ao estabelecimento de rotas consolidadas de imigração ilegal desses coreanos pelo Paraguai e pela Bolívia, conforme destaca Galetti, abaixo.

> Auxiliados por profissionais, que cobravam volumosas quantias para transportar clandestinos para dentro do território brasileiro, os emigrantes [coreanos] tinham várias opções de rotas. De Assunção podiam ultrapassar a Ponte da Amizade e entrar por Foz do Iguaçu. Outro caminho, partindo da capital paraguaia, era seguir até a cidade de Pedro Juan Caballero, cruzar a Avenida Internacional e chegar a Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul. Na Bolívia, pegavam a rota de Puerto Juarez, cidade vizinha a Corumbá, ou ainda a que atravessa o rio Uruguai na altura de Uruguaiana – os mesmos caminhos usados pelo tráfico de drogas (GALETTI, 1996: 137).

Apesar da migração coreana para o Brasil ocorrer tanto pelo Paraguai quanto pela Argentina, Buechler considera que grande parte dessa migração ilegal[418] ocorria a partir da Bolívia, devido, principalmente, à existência de um acordo entre o consulado boliviano e a Empresa Brasileira de Turismo – Embratur que facilitava a concessão de vistos turísticos para coreanos residentes na Bolívia.

> "No Brasil, o Consulado Boliviano assinou um acordo no qual eles poderiam expedir o visto dos coreanos para entrar na Bolívia via Brasil. Os coreanos então entravam primeiramente como turistas. De acordo com as estatísticas da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur), de 1950 e 1960 até o começo e, especialmente, o fim de 1970 ocorreu um grande salto no número de vistos turísticos dados a "turistas" que entravam no Brasil pela Bolívia" (BUECHLER, 2003:10, tradução própria).

De todo modo, os relatos, a que a autora teve acesso, de coreanos que fizeram essa travessia, indicam que não se tratava de um percurso fácil e ademais do fato de serem presos, chama atenção os casos de extorsão – circunstâncias que levaram o próprio governo a proibir formalmente as migrações em direção a esse país, em 1977.

> "Entretanto não era fácil chegar no Brasil. Eles eram muitas vezes presos. Um coreano escreveu, no entanto, que mesmo as prisões não eram tão ruins no Brasil com boas comidas. Os 'ilegais' pagavam preços exorbitantes para os custos de transporte e dinheiro para a fixação dos migrantes no Brasil. Ao saber dessa extorsão, o governo coreano decidiu proibir a imigração para a América do Sul em 4 de maio de 1977, diminuindo o número de migrantes, mas não interrompendo completamente os fluxos" (BUECHLER, 2003:10, tradução própria).

Devido, provavelmente, às suas origens urbanas e às péssimas condições em que se encontravam as propriedades adquiridas nas zonas rurais, apesar dessa imigração coreana ter sido projetada para a inserção nas zonas agrícolas do continente latino-americano, em praticamente todos os casos – Bolívia, Brasil e Argentina, com exceção do Paraguai[419] – esses imigrantes mudaram-se, logo depois, para os grandes centros urbanos

[418] Estes coreanos adquiriram residência legal posteriormente com as anistias de 1980 e 1988.
[419] No Paraguai, a pequena inserção coreana concentrou-se nas zonas rurais.

dos países de destino[420]. Conforme relata Kim (2008), em relação à inserção dos imigrantes coreanos em território brasileiro, além do problema das condições precárias das terras compradas por esses primeiros fluxos de imigrantes sul-coreanos – mal localizadas, sem condições de cultivo e distantes de uma infraestrutura básica, em termos de saúde e educação – em alguns casos, as terras eram impróprias até para a moradia, o que levou esses imigrantes a assumirem muitos gastos extras nesse primeiro momento[421].

No espaço urbano paulistano, a literatura a respeito da inserção inicial dos primeiros imigrantes coreanos na capital paulistana, ao longo dos anos de 1960/70, destaca o fato de esses migrantes terem chegado bastante empobrecidos na cidade – boa parte tinha gasto todas as suas economias na tentativa frustrada de fixação no campo, conforme mencionamos acima – e com pouquíssimo conhecimento da língua portuguesa, o que transformava suas qualificações, porventura adquiridas na Coreia, de pouca utilidade para a inserção no mercado de trabalho local (TRUZZI, 2001; GALETTI, 1996, KIM, 2008, CHOI,1998 e BUECHLER, 2003).

Nessas circunstâncias precárias iniciais, em que à condição de pobreza, somavam-se o não domínio da língua portuguesa e a falta de qualificações mais específicas, a alternativa de inserção econômica encontrada enquanto estratégia de sobrevivência imediata foi a prática do "bendê" (venda ambulante, a domicílio), realizada pelas mulheres coreanas, a princípio, de objetos trazidos da Coreia[422]. A partir de então, tendo em vista as

[420] "No caso dos deslocamentos para a América Latina na década de 1960, o governo da Coreia fomentou as 'migrações em grupo' de famílias para o estabelecimento em áreas rurais. Entretanto, como veremos adiante, esses grupos de assentamento agrícola não prosperaram. A razão é que a maioria dos migrantes nunca havia praticado antes atividades agrícolas, tampouco tiveram experiências rurais (apesar de ter sido um dos requisitos para a migração) e se tratavam de regiões pouco desenvolvidas, com infraestrutura precária e poucos serviços educativos e sanitários. Por essas razões acabaram por se deslocar para as zonas urbanas e grandes cidades como São Paulo, no Brasil, Assunção, no Paraguai e Buenos Aires, na Argentina, para dedicarem-se a atividades comerciais"(MERA, s/data:9, tradução própria).

[421] Cf. CHOI, 1991, GALETTI, 1996 e KIM, 2007. "Outras terras adquiridas por coreanos, na região de Capão Bonito, também em São Paulo, eram impróprias para a moradia e a agricultura: os insetos venenosos dominavam a área que, ainda por cima, era pantanosa. (...) Na época, o governo brasileiro chegou a comunicar o governo coreano que não iria mais permitir a imigração coreana devido ao fracasso do projeto inicial" (KIM, 2008:51).

[422] "(...) essas moças, mesmo sem falar português corretamente, batiam de porta em porta vendendo roupas típicas, perucas importadas da Coreia e até objetos pessoais" (KIM, 2008:56).

possibilidades abertas pelo início do comércio ambulante, esses coreanos iniciam uma atividade de produção de roupas domiciliar para a continuação dessa venda ambulante[423].

> Todos os dias, em São Paulo, por volta das dez horas da manhã, centenas de 'fusquinhas' saíam da Rua Conde de Sarzedas, pegando as mais diferentes direções. Maridos ao volante e esposas, ao lado, com sacolas carregadas de mercadorias. Objetivo: vender de porta em porta (GALETTI, 1996:138).

Em São Paulo, esses imigrantes estabeleceram-se na Rua Conde de Sarzedas, no bairro da Liberdade, reduto de imigrantes japoneses, em um local que passou a chamar-se "Vila Coreana" – caracterizado pelos aluguéis baratos e proximidade das áreas centrais da cidade[424]. Conforme observa Truzzi (2001:8), dadas as dificuldades com a língua e o preconceito em relação às populações asiáticas, a escolha de estabelecerem-se próximos aos imigrantes japoneses – a despeito das rivalidades históricas entre coreanos e japoneses, devido à longa ocupação japonesa da península coreana – facilitava sua adaptação inicial[425].

Conforme é possível entrever na manchete abaixo, citada por Choi, de 1971, a inserção nessa Vila não só era precária do ponto de vista econômico, mas socialmente reprovada pela sociedade brasileira por se vincular também às atividade ilícitas e informais nas zonas centrais da cidade.

> A situação do bairro coreano em São Paulo parecia um verdadeiro inferno, com péssimas condições higiênicas, dominado pela prostituição, pelo crime e pela pobreza (manchete de jornal de 1973, citado por CHOI, 1991:98).

[423]"Foi apenas em 1968 que eles começaram a manufaturar roupas quando as roupas trazidas da Coreia acabaram. Nesse momento, eles perceberam que poderiam contratar seus compatriotas a um preço mais barato e que a língua não seria um grande obstáculo. Outros no mesmo período viraram vendedores, fornecedores de comida e joalheiros. Muitos foram de uma atividade a outra em busca de negócios mais vantajosos" (BUECHLER, 2003:12, tradução própria)

[424]GALETTI, 1996 e TRUZZI, 2001.

[425]"A localização dos coreanos no seio do bairro dos japoneses significava facilidades tanto em termos de comunicação, quanto no que se refere a usufruir dos benefícios de se passar por anônimo, perante a sociedade nativa, misturando-se a uma comunidade mais antiga e já adaptada. Esse último ponto foi muito importante para atenuar possíveis choques culturais" (TRUZZI, 2001:8).

O bairro da Liberdade, de uma maneira geral, era visto de maneira extremamente negativa pela imprensa local que denominava os migrantes asiáticos de "ameaça amarela".

> O bairro da Liberdade, conhecido também como 'bairro amarelo', localizado no centro da cidade, possui muitos mistérios. Em uma mesa onde se joga o Mah Jong – a Batalha dos Dragões – homens de pele amarela e olhos amendoados, na maioria das vezes, discutem negócios que envolvem contrabando, tráfico de heroína e ópio, prostituição e jogo. Pelas ruas da Liberdade transitam por dia mais de 10 mil japoneses, dois mil chineses, 5 mil coreanos e centenas de vietnamitas. (…) O número de coreanos aumentou muito nos últimos anos. Mais de 15 mil moram na Liberdade e no Glicério e trabalham no ramo de venda e fabricação de roupas" (OESP, 1 de maio de 1979).

No final dos anos 1970, depois da primeira década de inserção na cidade, esses migrantes encontravam-se no trabalho de confecção de roupas a domicílio para a denominada "cadeia de carregação" [426] (KONTIC, 2001), uma espécie de circuito subterrâneo de confecção e comercialização de roupas para o mercado popular, e para as confecções de judeus. Essas confecções – conjuntamente com os negócios de sírios, libaneses e italianos – estabelecidas principalmente no bairro do Bom Retiro, consolidaram, ao longo dos anos 1960, uma modalidade alternativa ao modelo verticalizado de produção de roupas – cujo exemplo paradigmático era a planta das Alpargatas, na Moóca – bem mais diferenciada, com estruturas fabris de diversas escalas e com diversos graus de autossuficiência e verticalização da produção.

E, para esse fim, o bairro do Bom Retiro apresentava inúmeras vantagens, conforme observa Truzzi (2001).

> Como bairro operário localizado nas imediações do centro, o Bom Retiro abrigava um número muito expressivo de oficinas de fundo de quintal e outros estabelecimentos a meio termo entre o comércio e a indústria. A localização de empresas com esse perfil no bairro tornava-se conveniente graças à pequena dimensão dos negócios, à proximidade com o mercado consumidor do centro e à disponibilidade de mão-de-obra residente no próprio bairro (TRUZZI, 2001:4).

[426] De acordo com Kontic, a cadeia de carregação teria sido inicialmente estabelecida por migrantes do nordeste brasileiro, constituindo-se, nesse período, na "porta de entrada" de diversos empresários e firmas que evoluíram para outros tipos de produto e configurações, graças à acumulação primária de capital e de aprendizado comercial e industrial gerado nesse espaço (KONTIC, 2001:49).

Esse bairro, conjuntamente com o Brás e o bairro da Luz, foi um dos primeiros bairros operários da cidade e importante receptor dos fluxos migratórios de europeus durante o século XIX e de imigrantes judeus, principalmente, da Polônia e de regiões do antigo império czarista em desagregação, durante as primeiras décadas do século XX. Conforme descreve Truzzi, em análise sobre o Bom Retiro:

> "A urbanização do Bom Retiro teve lugar na década de 1880, quando se intensificou a imigração europeia, principalmente de italianos que ali se fixaram. Desde logo, caracterizou-se o Bom Retiro como bairro proletário e de imigrantes, em virtude da presença de indústrias atraídas pela localização adjacente à ferrovia e pelas condições topográficas amenas, próximas à várzea. De um lado, a possibilidade de trabalho oferecida por essas indústrias e, de outro, a proximidade com o centro logo fizeram do Bom Retiro um bairro de imigrantes, que chegou inclusive a abrigar, por cerca de cinco anos, a primeira hospedaria de imigrantes de São Paulo" (TRUZZI, 2001:3).

Durante a década de 1970, atribuía-se aos imigrantes coreanos características que hoje são atribuídas aos imigrantes bolivianos, em relação ao trabalho intensivo e ao fato de viverem isolados e em condições precárias e instáveis[427].

> O espírito competitivo vigente na colônia reservava aos imigrantes uma primeira fase de sacrifícios intensos, relacionados a longas jornadas, ao engajamento de toda a família – dos mais jovens aos mais idosos –, a uma pauta de despesas mínimas que possibilitasse acumular certo capital. 'Revezávamo-nos sobre duas máquinas de costura, que trabalhavam continuamente, 24 horas por dia', recorda-se um dos entrevistados. (TRUZZI, 2001:9).

> Eles vivem escondidos em suas casas no bairro da Liberdade. Ficam trancados durante meses e somente abrem a porta quando reconhecem a voz de um amigo. Têm muito medo e não falam português. Acordam às 6 horas e trabalham sem cessar até meia noite, confeccionando roupas que vão ser vendidas por amigos em lojas da rua Oriente e Maria Marcolina, no Brás. Seus filhos não vão a escola e nunca brincam na rua. Quando algum adoece, não pode ser encaminhado para os hospitais e tem de ser tratado pelos próprios familiares" (OESP, 27 de outubro de 1978, "Coreanos querem viver na legalidade").

[427] "Nós morávamos como refugiados durante o período da guerra. Ninguém se preocupava com a higiene. As pessoas só se preocupavam com o ganho do dinheiro. Não tinha armário, nem tinha cama. As roupas eram guardadas em malas de pano. Parece que nós estávamos sempre prontos para, a qualquer momento, mudar para outro lugar" (depoimento de uma ex- moradora da Vila Coreana citado por CHOI,1991:98).

Entretanto, a despeito das semelhanças nas condições de trabalho, é preciso ter em vista que esses imigrantes estão inseridos em desenhos produtivos muito diferentes. Enquanto os primeiros costureiros coreanos trabalhavam para as confecções judias, que utilizavam essa força de trabalho domiciliar de maneira subsidiária às suas próprias oficinas, para a confecção de roupas que, apesar de responderem aos apelos da "moda", eram desenhadas sem muitos investimentos em tecido e em design e sem muitas variações; os costureiros bolivianos trabalham para confecções coreanas que, conforme veremos, terceirizam praticamente toda a produção, realizada em pequenos lotes a depender de sua saída nas lojas, e que além de investirem em pesquisa, design e tecidos, produzem modelos novos a cada quinze dias, em um sistema que fomenta, portanto, continuamente, a reprodução incessante das pequenas oficinas de costura.

Depois de um pouco mais de uma década de fluxos migratórios pouco numerosos da Coreia do Sul para os países da América Latina, percebe-se, especialmente, a partir de meados da década de 1970, um aumento desses fluxos – ademais do estabelecimento de um fluxo significativo para os Estados Unidos, principalmente, Los Angeles – e algumas mudanças no perfil e nos percursos dessas migrações, vinculadas a transformações importantes nas sociedades de origem e nas políticas de recepção desses imigrantes nas sociedades de destino.

Durante essa década, iniciada com o Primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento, sob a ditadura do general Chung-Hee Park, a Coreia do Sul atingiu elevado crescimento econômico. De acordo com os dados disponibilizados por Masiero (2007:73)[428] sobre a taxa de crescimento anual do PIB do país, entre 1963-1971, momento de início do primeiro plano quinquenal de desenvolvimento, o país cresceu, em média, 8,8% ao ano; entre 1972-1975, momento de desenvolvimento das indústrias química e pesada, cresceu, em média, 8,9% ao ano e, entre 1976 e 1979, momento de consolidação do parque industrial sul-coreano, 10,6% ao ano. Ademais, de acordo com Masiero, o desenvolvimento alcançado levou a indústria coreana, em pouco tempo, a virar exportadora

[428] Masiero utilizou como fonte as estatísticas disponibilizadas pelo Banco Mundial e FMI.

de “maquinaria elétrica, automóveis, navios, semicondutores etc, em condições de grande competitividade” (MASIERO, 2007:72).

A partir desse novo contexto de saída, o perfil dos imigrantes coreanos e o sentido de suas migrações também se modificaram. Ao invés de imigrantes coreanos empobrecidos que emigraram de navio de um país que acabara de sair de uma guerra de secessão – que o dividiu em dois campos ideológicos rivais, o comunista e o capitalista, reproduzindo localmente as disputas da “guerra fria” entre os Estados Unidos e a ex- União Soviética – e que, conjuntamente com o clima perseguição política, instaurado pela ditadura de Park, passava por mudanças profundas em sua estrutura econômica; a partir da década de 1970, emerge a figura de um imigrante coreano que chega de avião, de um país em pleno desenvolvimento econômico, com capital de inversão para estabelecer-se como pequeno empresário nas cidades de destino, destacando-se, entre outros, na América Latina e nos Estados Unidos, o investimento no setor de confecções, especialmente, em vestuário feminino (GALETTI, 1996; BUECHLER, 2003; MERA, 2007; KIM, 2008; LIGHT & BONACICH, 1988).

> “A segunda onda de imigrantes coreanos [para São Paulo], grande parte ilegal, constitui a maioria das lojas de roupas e seus donos. Alguns desses imigrantes já trouxeram capital e frequentemente estiveram envolvidos com a indústria de confecção na Coreia” (BUECHLER, 2003: 12, tradução própria)

Nesse contexto, a partir, principalmente, da segunda metade da década de 1980 e do início dos anos de 1990, a imigração para a Argentina é intensificada[429]. A partir de 1985, o governo argentino estabelece um sistema específico para a concessão de vistos de residência para esses imigrantes, fazendo com que a comunidade imigrante coreana legal no país chegasse, em 1989, a cerca de trinta mil pessoas[430].

[429] De acordo com as investigações de Mera (2007), mais da metade da população coreana instalada na Argentina nos anos de 1990 chegou entre 1984 e 1989.

[430] “Em abril de 1985 é firmada em Buenos Aires uma Ata de Procedimento para o ingresso de imigrantes coreanos na Argentina. Entre os anos 1984 e 1989 foram outorgadas mais de 11.000 licenças. Apesar de nem todos utilizarem essa opção, é preciso considerar que cada licença contemplava o grupo familiar, pelo qual o número de imigrantes coreanos até 1989 superaria 30 mil pessoas” (MERA, 2007:11, tradução própria).

> "O fluxo migratório que chega entre os anos de 84/89 vem quase que exclusivamente de Seul. Esses grupos chegam de avião e dispõem de capital de inversão. Emigram de uma Coreia moderna e industrializada que está saindo de uma forte recessão econômica, o que lhes confere um perfil diferente dos anteriores" (MERA, 2007:11, tradução própria).

Apesar da utilização da Bolívia como "ponte" de entrada para outros países, principalmente, para o Brasil, a partir da década de 1970 e, principalmente, no início dos 1980, alguns coreanos optaram por se instalar nesse país como empresários da indústria de confecção[431]. Entretanto, a crise econômica desencadeada, principalmente, a partir da segunda metade da década de 1980, na Bolívia, levou a uma emigração em massa desses coreanos e seus negócios, cujos destinos, devem ter sido, provavelmente, Argentina, Brasil, México ou países da América do Norte.

> "Hans e Judith - Maria Buechler afirmam que os empresários estrangeiros mais especializados na Bolívia eram os coreanos, quase completamente engajados nos setores de confecção e têxteis. Apesar dos coreanos costumarem estabelecer confecções na Bolívia, muitos tiveram que fechar seus negócios com a crise econômica dos anos 80. Os coreanos que permaneceram na América do Sul continuaram a migrar ilegalmente da Bolívia, Paraguai e Chile, para o Brasil e Argentina e, um pouco mais tarde, de volta para a Coreia, mas, primeiramente, para o Canadá e para os Estados Unidos" (BUECHLER, 2003:4, tradução própria).

E em 2003, estimava-se, de acordo com as estatísticas não oficiais pesquisadas por Buechler (2003), que viviam na Bolívia por volta de 1000 coreanos e, conforme pudemos observar, a partir de trabalho de campo, devem, provavelmente, apresentar uma concentração razoável no departamento de Santa Cruz, na Bolívia[432].

Os coreanos também se dirigiram para o Chile, a partir do final da década de 1970 e durante os anos de 1980, devido ao estabelecimento de um convênio com a Coreia do Sul que eximia os coreanos da necessidade de vistos para entrar em território chileno.

[431] Conforme vimos também no capítulo 3, a partir das narrativas dos sastres com quem conversei em La Paz, na Bolívia.

[432] "Em 1989 existiam oficialmente 1125 coreanos na Bolívia. De acordo com o Ministério das Relações Exteriores da Coreia, existiam 582 coreanos na Bolívia, entretanto, as estimativas não-oficiais indicam que hoje existem, pelo menos, 1000 coreanos na Bolívia e que existiam mais no começo dos anos 1980" (BUECHLER, 2003: 4, tradução própria).

De qualquer forma, de acordo com Mera (2007:14), nesse período, muitas famílias reingressaram na Coreia do Sul ou reemigraram para outros países e a comunidade coreana só passa a se consolidar neste país a partir da década de 1990. E assim como no Brasil, na Argentina e na Bolívia essa comunidade passa a se dedicar aos negócios na indústria de confecção, concentrando-se em Santiago, capital do Chile.

A partir do segundo fluxo de imigrantes coreanos para a América Latina, percebe-se um padrão em sua instalação comercial na indústria de confecção, em São Paulo, Buenos Aires e Chile: a instalação em bairros até então monopolizados pelos judeus, sírios e libaneses nessa atividade (BIALOGORSKI & BARGMAN, 1996, BEHERAN & FREITAS, 2012, MERA, 2007)[433].

> Segundo o estudo do professor Luis Cortés (2005), a corrente de migrantes coreanos se diferencia das correntes anteriores provenientes da Europa e Oriente Médio porque imprimem um novo dinamismo às correntes migratórias, se estabelecem em bairros que tradicionalmente se associaram a empresários palestinos, libaneses e sírios denominados popularmente como os "turcos do Patronato". (...) A chegada dos coreanos ao Bairro Patronato de Santiago [Chile] coincide com o deslocamento de empresários de origem árabe. (...) A imigração coreana é composta por pequenos empresários que tem se instalado com empresas destinadas a confecção e comércio têxtil principalmente (MERA, 2007:14, tradução própria)[434].

O estabelecimento comercial do empresariado coreano nos bairros centrais do Brás e do Bom Retiro começa a ser notado pela imprensa local nos anos 1980. Destacando-se, nas matérias de jornal, uma inserção que não se deu pela vacância das lojas, conforme geralmente ocorre nas sucessões de bairros étnicos, que permitem a ascensão econômica do grupo sucessor, economicamente marginal nas sociedades de destino. Diferentemente do modelo clássico, essa inserção comercial nos bairros centrais da cidade ocorreu por meio da

[433] No capítulo 3, abordaremos as relações de trabalho e as formas de entrada e circulação dos imigrantes bolivianos na indústria de confecção a partir de entrevistas realizadas em São Paulo e nos locais de origem dessa migração na Bolívia e serão feitas mais aproximações quanto às relações contemporâneas dos bolivianos com os coreanos em São Paulo e em Buenos Aires. Para uma primeira aproximação comparativa ver também: BEHERAN & FREITAS, 2012.

[434] O nome do artigo utilizado por Carolina Mera é "El Empresario Asiático en América Latina", mas tratava-se de uma cópia mimeografada a qual não consegui ter acesso.

compra, a preços supervalorizados, em dólares, à vista, dos pontos comerciais de árabes e judeus.

> "Nesses bairros, os comerciantes tradicionais não têm dúvida: dentro de dois anos, a colônia [coreana] terá conquistado um comércio que levou 50 anos para se estabelecer. E enquanto, no Bom Retiro, as estatísticas indicam que 20% do faturamento já estão em mãos coreanas, responsáveis hoje por quase 300 das 2500 lojas locais, no Brás a situação não é diferente(…) Os comerciantes tradicionais do Bom Retiro e Brás costumam brincar entre eles, dizendo que os coreanos em busca de um ponto para instalar suas lojas fazem sempre duas perguntas: a primeira é "Quanto custa"; a segunda, independente do preço pedido nunca muda: "Quando o senhor desocupa?". Essa brincadeira, apesar do aparente exagero, reflete quase fielmente a realidade. Hoje, uma loja não fecha para reforma sem que apareçam dezenas de coreanos com propostas de aluguel, feitas, na maioria dos casos em dólares" (OESP, 19 de setembro de 1982, "Os coreanos, uma invasão do mistério" )

Dessa forma, estaríamos diante de pequenos empreendedores com capital suficiente para conseguir estabelecer, com bastante agilidade, uma espécie de enclave comercial coreano nos bairros centrais[435]. Trata-se de uma grande transformação, nada trivial, a passagem de uma situação de precarização total, em zonas marcadas pela prostituição, tráfico e violência, com a realização de trabalho a domicílio às escondidas em circunstâncias muito parecidas com as vivenciadas pelos migrantes bolivianos e bolivianas contemporaneamente, para o estabelecimento, em pouco mais de uma década, de uma espécie de enclave comercial, o qual a comunidade judia demorou 50 anos para constituir.

Embora seja plausível e central na explicação dessas mudanças na inserção socioeconômica da comunidade coreana[436] – entre, por um lado, a situação dos coreanos no início dos anos 1960 e, por outro, a partir da segunda metade dos anos 1970 – a existência de fortes vínculos comunitários e familiares que, entre outras coisas, possibilitam o estabelecimento de um eficiente sistema de auto-financiamento, interno à comunidade, o

[435] Pois além das lojas coreanas, o bairro foi recebendo restaurantes, igrejas e outros estabelecimentos coreanos ao longo dos anos.
[436] Nesse sentido, note-se que essas transformações ocorreram de maneira muito similar em São Paulo e em Buenos Aires.

*Key*, que franqueou o acúmulo de grandes somas, conforme indica Truzzi (2001)[437]; consideramos importante destacar o papel da chegada de novos fluxos migratórios de coreanos, que trouxeram quantias consideráveis de capital, provenientes de uma Coreia do Sul que, a partir de fins da década de 1970, se encontrava em pleno desenvolvimento econômico, de maneira similar à descrita por Mera sobre a inserção do segundo fluxo migratório coreano em Buenos Aires.

Nesse sentido, destaca-se, por exemplo, o alto investimento feito no início da década de 1980, por um empresário sul coreano, o Sr. Won Kyu Lee, quando de sua mudança para a capital, na construção de um prédio na Rua Cesare Lombroso – até então, dominada por fábricas já em decadência e umas poucas lojas – para o estabelecimento de um shopping para abrigar as lojas atacadistas dos migrantes coreanos[438]. E, no final dos anos 1980, a inauguração do primeiro shopping coreano de roupas por atacado, o *Fashion Center*, na estação da Luz, com o objetivo de atingir o público da classe média com "pesquisas internacionais", "qualidade" e "preços compatíveis". Nesse período, já eram contabilizadas cerca de 2000 confecções coreanas nos bairros centrais da cidade.

> "Cansados de carregar a imagem de clandestinos, sonegadores e copiadores da moda, os coreanos estão dispostos a provar que não são mais os mesmos. Dos porões onde se instalaram sorrateiramente há 25 anos, das pequenas lojas abertas no Brás e Bom Retiro – para o infortúnio dos judeus e italianos, os antigos 'donos do local' – eles partem agora para uma nova e decisiva investida: a inauguração do Fashion Center Luz, o mais moderno centro atacadista de moda do Brasil. (…) Das cerca de 2000 pequenas industrias coreanas de confecção – que, nas contas do advogado Kil Soo Park empregam diretamente 400 mil pessoas e absorvem serviços externos de outras 600 mil – pelo menos 100 estarão oferecendo aos lojistas de todo o país uma moda feminina bonita, resultado de pesquisas internacionais, com qualidade e preços compatíveis com o apertado orçamento da classe média, público que os coreanos esperam atingir" (*O Estado de São Paulo*, domingo, 24 de abril de 1988, "O fashion center abre amanhã").

[437] "[o Key é] uma espécie de consórcio destinado a reunir capitais que serão revertidos para um determinado objetivo perseguido por seus membros. Típico expediente utilizado na terra natal e em qualquer país que abrigue coreanos. (...) Tal sistema de autofinanciamento viabilizou e acelerou o sucesso econômico de muitas futuras famílias de empreendedores da colônia no Bom Retiro. O resultado é que hoje os coreanos dominam as atividades comerciais do bairro" (TRUZZI, 2001:10).

[438] "'Naquela época só havia cerca de 10 lojas abertas ali. O resto eram fábricas e oficinas de costura', lembra [o empresário WonKyu Lee]. Mesmo assim, ele ergueu um prédio em um dos quarteirões, o que foi considerado uma ousadia por uns e tolice por outros, por causa do pouco movimento gerado no local. Hoje, esta rua é uma das mais importantes do pólo atacadista do Bom Retiro" (KIM, 2008:67)

A entrada do empresariado coreano na indústria de confecção paulistana, no início dos anos 1980, trouxe para a indústria local, ainda que de maneira tímida e pouco visível, inovações na concepção das roupas e formas diferenciadas de organização da produção (a flexibilidade *avant lalettre*), a partir da utilização de um conceito de "moda" específico, que associa roupas "da moda" à preços acessíveis e "flexibilidade produtiva". Essa moda chique e acessível, descrita pelo conceito do *cheapandchic*[439]– com adaptações, para o uso cotidiano, das principais tendências da moda europeia e norte-americana, num estilo, geralmente, segmentado por tipo de público (moda jovem, moda jovem senhora, moda teen, moda senhora, moda masculina etc) – reproduz, em pequena escala, uma forma de organização da produção que, na mesma época, entre fins da década de 1980 e início dos anos 1990, estava sendo implementada pelas grandes redes varejistas que, estabeleciam-se, de maneira quase simultânea, no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos.

A "moda" alcançada a partir de grande investimento em design, tecidos e estudo das tendências internacionais passava a associar-se, portanto, a uma organização flexibilizada da produção, com a terceirização da maior parte da costura das roupas e rígido controle de estoques[440]. Note-se que essa divisão do trabalho, em que, por um lado, encontra-se o trabalho intensivo e pouco qualificado e, por outro lado, um centro coordenador que realiza importantes investimentos em tecnologia e design reproduz, em menor escala, a tendência geral, ressaltada acima, na indústria de confecção e que nos centros do capitalismo mundial, adquire dimensões globais (GEREFFI, 1994, GEREFFI, 1998, GORINI, 2000, PALPACUER, 2002).

De acordo com Kim (2008), em um estudo sobre o empresariado coreano da moda, diferentemente dos judeus, existe um importante investimento em qualidade e no estabelecimento de uma marca própria – envolvendo todo um corpo de profissionais

[439] "Barato e chique". E que "consiste em reunir nas araras a última tendência da moda mundial a preços acessíveis e, claro, tudo bem adaptado ao cotidiano de quem vai comprar" (KIM, 2008:71).
[440] O "controle de estoques" refere-se ao controle da quantidade de peças a serem produzidas. A ideia é não deixar peças "encalhadas" no estoque e eles obtêm esse controle com uma produção em pequenos lotes que vão sendo produzidos à medida que a demanda se constitui.

extremamente especializados[441] — concomitante ao investimento em diversidade: são lançados novos modelos a cada 15 dias e os desfiles de lançamento da estação contam, em média, com 80 modelos iniciais. Esses números, bastante altos, mesmo nos termos do circuito *pret-a-porter* no qual os designers dessas lojas se inspiram, minimizam a importância do "modelo específico" lançado no desfile, como no circuito tradicional: ao invés do modelo único, os coreanos propõem a multiplicidade de variações em torno de um mesmo tema.

> Os coreanos desenvolveram não apenas a tática de ganhar a clientela pela beleza e qualidade das peças, mas também pela agilidade no abastecimento de suas prateleiras e pela quantidade dos modelos disponíveis. *'Nós fazemos um lançamento de coleção com, no mínimo, 80 modelos de roupas diferentes. Impossível fazer menos que isso'*, ilustra Sandra Kim, proprietária da confecção Modas Cor. Ela e a maioria dos outros confeccionistas abastecem suas lojas a cada 15 dias. E a perspicácia do comerciante não está apenas em manter a loja cheia, mas repleta daquilo que o cliente quer ver. *'Se algum modelo não teve uma boa saída em 15 dias, nós recolhemos as peças e renovamos a mercadoria'*, explica Sandra. A tática é adotada por todos os seus conterrâneos e, acreditamos, que não foi fácil chegar a essa logística afinada, na qual peças chegam e saem numa velocidade sem fim (KIM, 2008:72).

Nesse contexto, de alta produtividade e rotatividade exigidos pelo modelo de produção de roupas da moda de baixo custo implementado, explica-se a "reestruturação" *avant lalettre* do empresariado coreano, sem nenhuma referência anterior ao modelo fabril, centralizado, com funcionários fixos, típico da indústria de confecção paulistana até aquele momento.

Esse modelo acabou vicejando, mesmo com a crise que se abateu nessa indústria, durante o governo Collor, no início da década de 1990 e, em 2006, de acordo com a Associação de Lojistas do Brás (Alobrás) e a Câmara dos Dirigentes Lojistas do Bom Retiro (CDL), esse empresariado coreano, especializado na venda por atacado, concentrado nos bairros do Brás e Bom Retiro - por onde circulam, diariamente, em torno de 70 mil

[441] O processo de desenvolvimento deste "produto da moda" envolve uma série de etapas: "além do desenvolvimento de coleção, da prospecção de tendências da moda, do envolvimento com os calendários nacionais e internacionais, e do estudo de cartela de cores, formas, volumes e acessórios e aviamentos para a montagem da coleção" (site da CDL - http://www.cdlbomretiro.org.br/06).

clientes lojistas – já era responsável por cerca de 40% do faturamento do Estado de São Paulo no setor, gerando um montante anual em torno de U$ 3,9 bilhões, a partir de uma produção aproximada de 20 mil peças por mês por empresa, que desenvolveriam, por grife, uma média de 6 novos modelos diariamente[442].

Ademais de antecipar processos que, a partir de então, com a abertura da economia brasileira, seriam desencadeados, em menor ou maior medida, pelas outras empresas dessa indústria urbana, a emergência muito bem sucedida do empresariado coreano produziu uma revitalização urbana das regiões centrais – monopolizadas, até então, pelos negócios judeus, sírios e libaneses nessa atividade – transformando bairros como o Bom Retiro em um dos pontos comerciais mais caros da cidade de São Paulo (TRUZZI,2001)[443].

Nesse sentido, precisa-se de apenas um passeio pelas ruas Aymorés e Professor Cesare Lombroso, onde se concentram as lojas atacadistas "da moda" dos imigrantes coreanos, para perceber a magnitude das transformações em curso: ao nos deslocar ora do comércio popular (atacadista e varejista), das ruas adjacentes e da região do Brás, por entre calçadas estreitas repletas de pessoas e comércio ambulante. E ora da paisagem cinzenta e relativamente vazia dos lugares em que se localizavam as antigas fábricas da região. Essas ruas do comércio coreano nos lançam em uma espécie de *shopping* a céu aberto, em que lojas amplas, com vitrines altas e vendedoras perfeitamente trajadas com as roupas da coleção, mesclam-se a calçadas mais limpas, sem fios nos postes e com uma segurança reforçada, bastante visível, em frente às lojas, que permite uma circulação confortável de pessoas e carros, em geral, importados.

[442] Informações obtidas no site da CDL sobre o faturamento gerado pelas confecções do Brás e do Bom Retiro: http://www.cdlbomretiro.org.br/06/

[443] Conforme descrição de matéria do OESP de 4 de dezembro de 2006, "Bom Retiro ganha ar de shopping – lojistas se sofisticam, viajam para trazer novidades do exterior e modernizam vitrines e fachadas de butiques". Essas mudanças promovidas pelos coreanos levaram a uma subida de 60% dos preços dos alugueis e, em relação aos pontos comerciais,o aluguel de uma loja na rua Aymorés, em 2006, podia chegar a 27 mil reais por mês e uma entrada/calção a 300 mil dólares.

Nos últimos anos, a essa paisagem, somou-se a construção de mais um shopping, o *Lombroso Fashion Mall*, em que marcas atacadistas coreanas situam seus showrooms. E embora a revitalização inclua a proliferação de negócios coreanos variados direcionados para o público coreano, o principal diferencial dessa revitalização seria justamente o seu caráter muito mais moderno que étnico.

> "'Se não fossem os coreanos, as lojas ainda seriam como antes: balcões simples de madeira rodeado por prateleiras' diz Niula Maria dos Santos, gerente da Alga Marinha, tradicional confecção de moda praia fundada há 50 anos por uma família de judeus. 'Os coreanos mudaram o Bom Retiro' (…) As ruas de comércio estritamente atacadista, como a Professor CesareLombroso, tem calçadas padronizadas e muito limpas. Por trás de vitrines coloridas e bem produzidas, há megalojas com lustres de cristal, chão de madeira larga corrida e móveis de design. A região parece mais uma zona de boutiques de luxo" (Valéria França, "Coreanos mudaram o perfil da região", *O Estado de São Paulo*, 9 de dezembro de 2007).

Embora essa trajetória ascendente da comunidade coreana tenha, de fato, se consolidado ao longo dos anos e, atualmente, constituído um empresariado respeitado no país, ainda no início dos anos 1990, mais de dez anos depois da inauguração do primeiro shopping coreano para a venda de roupas por atacado e já com o controle de boa parte do comércio dos bairros do Bom Retiro e Brás, a imagem da comunidade coreana aparecia de maneira bastante negativa, associada ao crime e à violência, conforme podemos vislumbrar em matéria abaixo, do jornal O Globo.

> "Restritos a guetos nos bairros do Bom Retiro, Pari, Aclimação e Cambuci, muitos dos 50 mil coreanos têm ainda hoje, às vésperas do trigésimo aniversário da colônia no Brasil, grandes dificuldades de adaptação ao país. As delegacias de polícia nos bairros onde a colônia está instalada registram desde denúncias de maus tratos praticados contra funcionários a agressões e brigas provocadas por batidas de automóveis (...)" (*O Globo*, domingo, 13 de dezembro de 1992).

## 4.3) OS MOMENTOS INICIAIS DE FORMAÇÃO DO MUNDO SOCIAL DAS OFICINAS DE COSTURA BOLIVIANAS

Nos anos 1990, também passam a adquirir visibilidade as relações laborais entre os migrantes coreanos e bolivianos na cidade de São Paulo. Conforme podemos entrever na descrição abaixo, constituía-se, na cidade, aos domingos à noite, um mercado de trabalho paralelo, de subcontratação, entre donos de oficinas e/ou lojistas da comunidade coreana e os trabalhadores latino-americanos (em sua maioria, bolivianos e bolivianas), na Praça Padre Bento, no bairro do Pari – tradicionalmente acolhedora de imigrantes de diversas nacionalidades que se dirigiram para a cidade desde fins do século XIX.

> As condições de trabalho pouco variam: jornada de 16 horas diárias e um cativeiro que só para da tarde de sábado à noite de domingo. (...) A partir das 18h, os primeiros imigrantes – na maioria bolivianos em situação irregular no país – chegam à praça [Praça Padre Bento] e vão se agrupando nos bancos sob as árvores e nos bares das redondezas. Por volta das 21h, o mercado informal estabelecido na Praça Padre Bento já concentra cerca de 100 clandestinos. É nesse momento que os primeiros donos das oficinas chegam e transformam a praça numa bolsa de ofertas, misturando palavras em português, espanhol e coreano. No ritual de contratação de empregados, são comuns cenas em que casais de meia idade examinam cuidadosamente jovens na faixa dos 20 anos e, depois de alguma discussão, acabam arrematando 3 ou 4 deles (…) Muitos jovens coreanos, donos de pequenas oficinas em regiões mais afastadas da cidade, também frequentam a praça à procura de bons negócios. É comum a contratação de casais com filhos pequenos. Munidos de amostras do serviço que os eventuais contratados terão que executar, os negociantes expõem na praça o tipo de camisa a ser costurada ou o acabamento a ser executado (*O Globo*, domingo, 13 de dezembro de 1992).

De acordo com uma matéria da Revista Veja, do mesmo período, o trabalho dos costureiros bolivianos para as confecções e nas oficinas de costura coreanas movimentaria cerca de 30 milhões de dólares por mês, a maior parte embolsada pelo empresariado coreano que controlava, nesse desenho produtivo, o design das peças, os estoques e a comercialização.

> Num levantamento recente, a Câmara de Comércio e Indústria Coreana do Brasil concluiu que existem na cidade, cerca de 2500 estabelecimentos comerciais coreanos, dos quais 90% são confecções que produzem no mínimo 7 milhões de peças de roupas por mês. Calculando-se um preço médio de 5 dólares pela venda de cada peça e supondo-se que por trás de cada confecção haja pelo menos uma oficina de costura, pode-se afirmar que a mão-de-obra boliviana movimenta cerca de 30 milhões de dólares por mês, ou 360 milhões por ano. A parte que cabe aos bolivianos é pequena. No mês passado as oficinas coreanas cobravam em média 25 mil cruzeiros para costurar uma camisa. Desse total, um quarto destina-se a manutenção dos costureiros, que moram no local de trabalho. O dono da oficina embolsa metade e o costureiro boliviano se contenta com os 25% restantes (*Revista Veja*, 1993:49).

Embora as relações laborais entre os migrantes bolivianos e coreanos tenham adquirido visibilidade apenas nos anos 1990, no auge da crise dessa indústria, graças à abrupta abertura econômica empreendida no período, encontramos, ao longo do trabalho de campo, migrantes bolivianos que se inseriram nessa atividade em oficinas de costura coreanas e, mesmo, bolivianas, ao longo dos anos 1980. Nesse sentido, as trajetórias de Jair[444] e de Jefferson, nascidos durante a década de 1960, é ilustrativa desses momentos iniciais de inserção dos migrantes bolivianos na indústria de confecção e das transições em curso entre o período anterior, em que a inserção laboral ocorria no interior das estruturas socioeconômicas locais, abordado acima, e o atual de inserção da comunidade boliviana na indústria de confecção da cidade de São Paulo.

Jair migrou para São Paulo, de Cochabamba, aos 19 anos, no final de 1984, após concluir o segundo grau. Diferentemente dos outros bolivianos e bolivianas entrevistados, que migraram a partir do final dos anos 1980, Jair não cogitava inserir-se como costureiro na indústria de confecção local. Ele vinha conhecer seu filho que nascera no começo daquele ano. Jair era filho único de uma família de classe média que possuía uma oficina mecânica e, conquanto tenha aprendido o ofício do pai, ao auxiliá-lo em seus momentos de folga dos estudos, havia sido educado para seguir os estudos universitários. O

[444]Jair foi entrevistado no início da pesquisa, em 2009, na cidade de São Paulo. Dada a sua atuação política em prol das reivindicações da comunidade na cidade e o fato de não estar mais diretamente envolvido na atividade da costura, depois de mais de uma década trabalhando como oficinista (dono de oficina de costura) – atualmente possui um restaurante de comida típica boliviana na capital paulistana que tem como principais fregueses os costureiros e oficinistas bolivianos – tive facilidade para contatá-lo e para realizar a entrevista e estabelecer conversas informais ao longo de toda a pesquisa.

pai planejava enviá-lo para estudar no México ou nos Estados Unidos. Entretanto, Jair apaixonou-se por uma garota mais pobre e ela engravidou e decidiu fugir com uma prima que conseguira um trabalho de empregada doméstica em uma casa de família em São Paulo, por medo da represália de seus pais[445]. Nos períodos anteriores da migração boliviana para a capital paulistana, ademais da migração de estudantes e profissionais liberais, a entrada de mulheres para trabalhar como empregadas e babás também era comum conforme indicamos acima[446].

Ao chegar a São Paulo, junto com um amigo de sua futura esposa, que trabalhava como cozinheira na Mooca, não tinha muita ideia de como se inserir em uma atividade laboral, pois até aquele momento nunca havia trabalhado.

> Eu falei 'e agora?', eu sempre fui acostumado a pedir dinheiro pra meu pai, pra minha mãe, aqui vou pedir pra quem? 'ah, Jair você tem que sair a trabalhar' (…) Minha esposa trabalhava de cozinheira lá na Mooca, ela, a única que falou, a pista que ela falou pra mim era 'você vai, sai por aí procurar serviço, vê se você acha algum boliviano e você pergunta, veja se você se intera no ramo da confecção" [Jair].

Apesar da indicação de sua esposa para que tentasse se inteirar no ramo da confecção, Jair acaba conseguindo trabalho como ajudante em uma oficina mecânica e, depois de cinco meses, como fresador em uma tornearia do irmão do patrão de sua esposa. Uma metalúrgica, de 40 empregados, que fundia aço para fazer brocas e engrenagens. Nessa época, em 1985, todos os bolivianos que Jair conhecia trabalhavam no ramo de confecção e lhe diziam que conseguiam ganhar muito mais que ele como metalúrgico.

---

[445]"Aí veio um dia, eu estava sempre, me comunicava com ela mediante cartas e ela falava "Jair, o seu filho já vai nascer, eu estou de 7 meses... de 8 meses...o teu filho já nasceu...já está de 2, 3 meses..." as cartas iam chovendo lá e aí eu estava preso porque eu estava terminando meus estudos, em 83 que eu acabei minha formatura. Ela veio antes e talvez se ela não tivesse ficado grávida, eu estaria também na Bolívia, né, continuava as coisas" [Jair]

[446]As mulheres bolivianas das classes indígenas/camponesas eram consideradas muito mais dóceis, obedientes e responsáveis do que as brasileiras.

> "Eu gostava do serviço, mas tudo que eu ganhava juntava com o dinheiro de minha esposa e era justinho, justo, justo, não passávamos necessidades não, mas era tudo justinho (…) Aí uns colegas meus, conhecia uns bolivianos que já tinham oficina de costura, falaram "Jair no que você trabalha?" Todo mundo que você vê na rua, todo boliviano é costureiro, aí eu falei, "trabalho..." eu era o único cara que falava "eu sou metalúrgico", "nossa, metalúrgico? Não é costureiro?". Então, eu falei com esse pessoal aí, ah, "eu ganho mais, trabalhando aqui eu ganho mais". Eu via, comparava o meu salário com o salário que eles ganhavam (...) e, realmente, se ganhava mais naquela época" [Jair].

Tendo como referência a experiência de seus amigos na confecção, Jair decide pedir as contas da metalúrgica, depois de dois anos, e tentar a vida no ramo de confecções, utilizando o dinheiro extra, proveniente de seus direitos trabalhistas, para comprar suas duas primeiras máquinas de costura.

> Eu falei, vou ir para a costura, mas eu não sei costurar, pra mim, costurar era coisa de mulher, a sua mulher que costura[447]... mas eu saí da metalúrgica, eu falei, puxa vida eu vou sair do meu salário, mas como vou fazer? Vou ter que trabalhar de ajudante para poder ver, ganhar a aprender a costurar e tudo isso. Mas o alemão falou, "você vai embora?", "sim, eu estou indo embora", "ta bom, você passa pela contabilidade". E eu falei "não, mas já me passou tudo", "é, mas tem tempo de serviço e você não pegou férias, nas suas férias você trabalhou ". Esse cara foi tão bom comigo, ele me deu um bom dinheiro, que eu nem pensava receber esse dinheiro. Ele me pagou como se estivesse registrado[448], tudo, a contabilidade me deu um bom dinheiro mesmo, que deu para comprar duas máquinas de costura, naquela época. Eu falei, "puxa vida, esse dinheiro caiu do céu", falei para o alemão, Antonio, se chamava o dono, "no Brasil é assim mesmo", ele falava, "tem que pagar todos os direitos dos trabalhadores" (Jair).

Dessa forma, no caso de Jair, diferentemente do que se costuma imaginar, a entrada na indústria de confecção não ocorreu por falta de opção, dada a impossibilidade de inserção em outras atividades formais, tratou-se de uma escolha diante de uma nova e mais

[447] É interessante notar que essa percepção de que "costura é coisa de mulher" não é a percepção das populações indígenas/camponesas bolivianas entrevistadas na Bolívia. Para essas populações, a "costura é coisa de homem", conforme vimos ao longo do trabalho de campo, a mulher cozinha, borda e faz o comércio, sendo comum as situações em que a mulher aprende a costurar com o marido depois de migrarem para trabalhar na indústria de confecção das cidades de destino. O fato de Jair ser proveniente das classes médias urbanas bolivianas, mais influenciadas pela cultura ocidental, certamente explica, em grande medida, esse tipo de percepção. De todo modo, note-se que ao decidir casar com a mãe de seu filho, uma mulher proveniente das classes populares/indígenas, ele passa a conviver em São Paulo com esse estrato da população boliviana.

[448] Nessa época, Jair ainda estava ilegal no país. Ele somente conseguiu se legalizar com a anistia de 1988.

lucrativa possibilidade de inserção socioeconômica, que existia para ele na medida em que era um imigrante boliviano ou, ainda, um imigrante latino americano. Escolha realizada em um contexto que apesar de não ser mais o do "milagre econômico" tampouco era o da crise dos anos 1990 – em que pese o quadro recessivo do início dos anos 1980 associado à manutenção da inflação (GREMAUD, 2013:417). Trata-se de um momento de transição democrática, em que se buscava corrigir as defasagens salariais provocadas pela forma de implementação do "milagre" durante a ditadura. De todo modo, diante de um contexto inflacionário, ainda antes da implementação do "gatilho salarial"[449] com o plano Cruzado de 1986, o trabalho nesse ramo da indústria de confecção vinculado ao empresariado coreano apresentava um vantagem nada desprezível: os cálculos eram feitos em dólar. E, para Jair, essa escolha, de fato, possibilitou uma mobilidade social improvável caso continuasse trabalhando naquela metalúrgica: em menos de 5 anos, passou de fresador assalariado a oficinista, com 20 funcionários com casa própria.

No início de sua inserção nessa nova atividade, embora já tivesse conseguido comprar as máquinas, porquanto não soubesse costurar, teve que buscar trabalho em outras oficinas de costura com o auxílio de seus colegas costureiros[450]. Depois de trabalhar em duas oficinas de costura de coreanos, ambas na zona leste, a princípio como ajudante, Jair passou a dominar o ofício. E, depois de alguns meses em sua segunda oficina, em conversa com o dono coreano, com quem estabelecera uma relação de amizade, sobre suas máquinas e a vontade de montar uma oficina, ele lhe propôs uma parceria: emprestaria uma máquina overloque[451] para que pudesse montar a oficina e Jair ficaria responsável por parte de suas encomendas. Dadas as boas possibilidades abertas com essa parceria, sua esposa também decidiu sair do trabalho de cozinheira para trabalhar junto com o marido e mais um funcionário em sua casa[452].

[449] Que previa a correção salarial a cada vez que a inflação atingisse 20%.
[450] De acordo com Jair, saiu com os amigos em busca de trabalho pela manhã e na hora do almoço já estava empregado.
[451] Jair tinha duas máquinas retas e precisava de uma overloque para finalizar as peças.
[452] A esposa de Jair também não sabia costurar e, ironicamente, ele que achava que costura era "coisa de mulher", acabou tendo que ensiná-la.

Com o tempo, Jair conseguiu mais uma cliente, uma lojista coreana, que acabou lhe emprestando mais três máquinas para que conseguisse dar conta de suas encomendas.

> "[nessa época tinha bastante serviço o ano todo?] Tinha serviço, mas eu trabalhava assim: eu produzia o mais pouco do que as outras oficinas, entonces, eu tentava ser mais e aí, um dia desses, uma coreana falou, "ah Jair está produzindo pouco, tem gente pra trabalhar?", "eu sei, tenho um funcionário", "um?", "e se eu te der máquinas? Você arranja gente?", eu falei "eu posso trazer um colega meu, outro colega meu, sim, eu posso". Aí ela, de sopetão, ela me emprestou 3 máquinas, me emprestou também 2 retas e uma overloque. (…) Não foi alugado, porque eu trabalhava pra ela, e ela precisava de mais serviço, só que eu não tinha máquinas, entonces, ela foi e me deu 3 máquinas e o apartamento já ficou pequeno, mas eu acomodei as máquinas, consegui mais funcionários e eu produzia mais" [Jair]

Apesar de serem de nacionalidades diferentes, em relações de trabalho não contratuais e com o agravante de serem, Jair e sua esposa, imigrantes ilegais, não existia nenhum tipo de acordo, nem verbal, sobre os valores das peças costuradas e os possíveis descontos pelo fato de elas serem costuradas com as máquinas de sua cliente. Jair pegava "vales"[453] para as despesas cotidianas e ia anotando as peças e quantidades costuradas. O acerto de contas aconteceu somente 7 meses depois, em 1988, quando sua cliente coreana decidiu migrar para os Estados Unidos.

[453]" Vale, quer dizer, é um adiantamento, de sábado, então, eu falava o que está me faltando para o aluguel, falava pra senhora "me da para o aluguel", ela me dava para o aluguel, falava para me dar para os meus víveres, comida e ela me dava (…) Não tinha combinado o preço por peça, não tinha. Ela falava "você vai costurar isso", eu simplesmente anotava, "estou fazendo 400 camisas, estou fazendo 1000 vestidos, to fazendo isso..." ela só me dava vales, os adiantamentos, isso foi durante uns 7 meses, e eu falava para a minha mulher, "puxa vida, quando que nós vamos fazer as contas?", já não sabia" (Jair).

> E eu trabalhava até sem preço (…) Eu não sabia, eu não perguntava também os preços, "quanto você está me pagando por peça?", simplesmente, pegava vale, vale, vale (…). Aí depois de 7 meses que eu já tinha meus funcionários, tinha aumentado um pouco, a coreana falou "estou indo para os Estados Unidos..." foi no ano de 88 acho que ela foi embora. Ela falou "vamos acertar as contas totales Jair", "ta bom". "Quanto foi?", ela falou "eu te devo tanto, tanto, tanto, janeiro, fevereiro, março, tanto", ela fez umas contas (...). Então, vamos supor, eu estou te devendo 5 mil reais, naquela época era cruzeiros, "eu estou te devendo 5 mil reais, eu não tenho para te pagar hoje, agora", "quando vai me pagar?", "é mas você tem máquinas" "sim", "entonces, vou te dar as máquinas a preço barato" (...) poxa, para mim era bom, aí eu apareci com 2 máquinas, 3 máquinas próprias e mais dinheiro, então a coreana foi embora" [Jair]

Conquanto não tenhamos condições de avaliar se o acordo foi de fato vantajoso ou, mesmo, justo para Jair, nessas circunstâncias que, em geral, indicam a existência relações de exploração, o fato é que Jair não se sentiu explorado, pelo contrário, ficou bastante satisfeito com o acordo[454]. E partir daí, com o dinheiro recebido, pode aumentar sua oficina de costura, o que lhe franqueava a possibilidade de conseguir mais trabalhos junto aos clientes coreanos e, com isso, ir aumentando progressivamente, cada vez mais, a quantidade de máquinas, chegando a acumular, em menos de dois anos, 18 máquinas de costura e quase 20 funcionários que trabalhavam para 5 firmas de coreanos[455].

[454] De todo modo, as relações entre os migrantes bolivianos e os coreanos é bastante controversa até os dias atuais. E mesmo no caso de Jair, embora tenha tido boas e duradouras relações com alguns deles, também foi enganado por outros que passavam meses pagando apenas os vales e, na hora do acerto de contas, sumiam. Atualmente, mais de vinte anos depois, Jair que é dono de um restaurante cujos fregueses são costureiros, diz ter desenvolvido um papel de mediador dessas relações de seus compatriotas com os coreanos – "Agora, que são passados 20 anos, eu ajudo meus patrícios a ir e a cobrar porque eu passei aquelas necessidades. Aí fala "ah, seu Jair, o coreano não está me pagando". Aí eu vou pra loja, vou falar "você não está pagando, por quê?Está dando um cheque que vai e volta, vai e volta o cheque, são seis meses que está devendo", "ah, você quer quer, quer aqui que lá", "tem que pagar pra ele", "eu não vou pagar, vou chamar a polícia", "ta bom, eu mesmo vou chamar", aí eu bato na mesa dele, se reúnem os coreanos, chega a polícia, eu falo pra ele "olha o calote que deu, cheques aqui, cheques ali, nunca tem fundo, esse cara tem que pagar" [Jair].

[455] "Cheguei a trabalhar já pra 5 firmas, trabalhava... tinha 3 máquinas para uma firma, outras 3 máquinas pra outra firmas, outras 3 pra outra firma" [Jair]

> Eu já tinha conhecimento já de outros coreanos, de outras firmas. Simplesmente já fui até outra firma, peguei serviço, porque pra, quando eu tinha só dois máquinas as firmas não queriam me dar serviço, elas falavam "não, dois máquinas não produz", aí eu falei, com aquele dinheiro que ela me pagou também, eu cheguei a comprar 2 máquinas a prestações já (…) Começou assim, foi bem começar assim, eu cheguei assim trabalhando, ia comprar outra máquina, comprando outra, outra, eu cheguei a ter até 18 máquinas. [Nessa mesma casa?]Não, já tinha outra casa alugada, já com um salão maior (…). Quando segundo filho nasceu. Daí eu pulei para outra casa que era lá na rua Major Marcelino, também alugada, porque tinha um salão maior. Deve ter sido no ano 89 mais ou menos. (…) Eu lembro que lá na rua Major Marcelino, que eu morava, chegou a entrar caminhonetas na minha oficina, a caminhonete descarregava e eu tinha que entregar em duas semanas, daí nóis trabalhava, nós trabalhamos, como fala, com bastante costureiros, hoje eles têm suas oficinas de costura, uns voltaram para a Bolívia, já fizeram família, inclusive. [Jair]

De acordo com Jair, naquela época, um boliviano que começasse sem nenhum capital inicial – diferente da situação dele que comprara suas primeiras máquinas com o dinheiro do acerto de contas com a metalúrgica na qual trabalhava – conseguia montar a oficina própria em um ano e meio, em média, embora parte desses migrantes nunca tenham conseguido montar sua oficina de costura, Jair disse ter muitos amigos que, como ele, foram exitosos já nesse período, durante os anos 1980.

No momento em que Jair montava sua primeira oficina de costura, por volta de 1987, chegavam a São Paulo Jefferson e seu amigo Olavo, dois jovens bolivianos, que migraram como "mochileiros" para trabalhar em uma oficina de costura de conhecidos na zona norte da cidade. Jefferson e seus quatro irmãos nasceram nos anos 1960, no centro mineiro de Llalagua, em Potosi. Seus pais haviam migrado de Cochabamba, no começo da década, devido às oportunidades abertas pelo investimento estatal em um dos mais importantes centros mineiros da primeira metade do século XX, responsável por cerca de 70% dos rendimentos provenientes do comércio internacional boliviano[456].

[456] Considerada, na Bolívia, um equivalente do cerro de Potossi, da época colonial, produtor de estanho ao invés de prata, um dos minerais mais valorizados do período no comércio internacional. A estatização das minas promovida por Victor Paz Estenssoro, no bojo da revolução de 1952, transformou Llalagua em uma cidade de 30 mil habitantes – incluindo "poderosas centrais sindicais, burocratas do governo e mineiros e comerciantes relativamente enriquecidos" (URIOESTE, 1994, s/p, tradução própria).Cf. Urioeste, 1994 e Francovich,2005]

No centro mineiro, sua mãe abriu uma pensão para receber os trabalhadores e seu pai foi trabalhar nas minas. Entretanto, já nos anos 1970, o empreendimento estatal soçobrou, devido, principalmente, à falta de investimento em tecnologias novas para dar continuidade à extração do estanho e, posteriormente, à queda de preço no mercado mundial[457]. O prejuízo acumulado de cerca de 500 milhões de dólares, entre 1979 e 1985, contribuiu para acirrar o processo inflacionário que culminou na grande crise econômica do período. Entre as medidas neoliberais implementadas por Victor Paz Estenssoro, que voltou ao poder na segunda metade dos anos 1980, para mitigar a crise, a mina de Llalagua foi fechada, enquanto as outras minas rentáveis foram privatizadas[458].

Nesse contexto, na década de 1970, o pai de Jefferson sai do trabalho das minas e começa a trabalhar como professor de música e, em 1979, quando Jefferson tinha 12 anos, a família decide retornar à Cochabamba, certamente em função da decadência do centro mineiro.

Apesar de Jefferson ter nascido em um centro mineiro, sua família não era tradicionalmente mineira, mas urbana, e a decisão de inserirem-se nessa atividade, nos anos 1960, devia-se às boas oportunidades abertas com a estatização da mina potosina, que levara muitos bolivianos, da zona rural e dos centros urbanos, a tentar a sorte no perigoso trabalho da mineração, assim como, nos dias atuais, conforme compara Jefferson, famílias inteiras migram para a região do Chapare para dedicarem-se ao cultivo das folhas de coca[459].

> *[?y se fueron a Llallagua por el trabajo en la mina?]* Si porque era más o menos el auge de las minas y todo el mundo se va a trabajar a las minas, es como ahora que todo el mundo se va al Chapare con la coca,¿no? Es así (…) mi papa trabajaba en la mina, pero después, cerca de nuestro retorno a Cochabamba, encontró trabajo como maestro de música (…) mi mama tenía un negocio ahí en la casa, una especie de pensión para los mineros (…) *? y por qué se vinieron a Cochabamba?* bueno porque no sé, yo era muy chico y yo anduve nomás detrás de ellos" [Jefferson][460].

[457]Ver Urioeste, 1994, s/pag.
[458]A crise econômica foi abordada de maneira detalhada capítulo anterior.
[459]Conforme vimos no capítulo 3.
[460]"*E foram para Llallagua para o trabalho na mina?* Sim, porque era mais ou menos o auge das minas e todo mundo ia trbalhar nas minas, é como agora que todo mundo vai para o Chapare com a coca. É assim (...) meu pai trabalhava na mina, mas depois, próximo de nosso retorno à Cochabamba, encontrou trabalho como professor de música (...) minha mãe tinha um negócio em nossa casa, uma espécie de pensão para os mineiros

Em Cochabamba, a família de Jefferson foi morar na periferia, na zona sul, até que seu pai lograsse inserir-se no magistério. Apesar das dificuldades enfrentadas pela família nesses momentos iniciais de retorno à Cochabamba, Jefferson começou a trabalhar somente aos 17 anos, em 1984, no último ano do colégio, como ajudante de costura de uma fábrica de roupas de couro, cujo dono era amigo de seu pai. Depois de um ano e meio de experiência, em que aprendeu a utilizar as máquinas de costura profissionais, iniciou a faculdade de Direito e parou de trabalhar, entretanto, devido àimpossibilidade de sua família arcar com os custos do estudo, no auge da crise econômica na Bolívia, teve que abandonar a faculdade. Nesse momento de retorno à vida laboral, em 1987, aos 20 anos, um amigo, que também sabia costurar, o convida a viajar para o Brasil, pois tinha notícias de boas oportunidades de trabalho para os costureiros bolivianos em São Paulo.

> "Yo ingrese a estudiar derecho y pero también lo tuve que dejar porque tenía que trabajar también y no pude estudiar y tuve que dejarlo (…) y de ahí me fui a Brasil y fue por la influencia de un amigo que estuvo de mochilero y de mochileros nos fuimos, agarramos nuestras mochilas y vámonos (…). Yéltenía un hermano o un primo o un conocido ya no me acuerdo bien, que le dijo 'vámonos hay trabajo en confecciones y se gana bien'. Y bueno yo era uno joven y aventurero y a parte que uno también quiere ganar plata y yo quería ganar plata y hacer algo por mí mismo no?" [Jefferson][461].

Embora fosse uma aventura de jovens mochileiros, Olavo, o companheiro de viagem de Jefferson, levava o telefone de um conhecido de Cochabamba que possuía uma oficina de costura no bairro da Casa Verde, na zona norte, para onde se dirigiram assim que chegaram na cidade. Nessa oficina, com cerca de 7 máquinas, costuravam-se roupas de tecido e não de couro, como estava acostumado na Bolívia e além dos bolivianos, trabalhavam dois brasileiros.

---

(...) *E por que vieram a Cochabamba?* Bom, o porquê eu não sei, eu era muito pequeno e eu andava atrás deles" [Jefferson, tradução livre].

[461] "Eu entrei na faculdade para estudar direito, mas também tive que deixar porque tinha que trabalhar também e não pude estudar e tive que deixa-lo (...) e daí fui ao Brasil e foi pela influência de um amigo que esteve de mochileiro e de mochileiros nós fomos, agarramos nossas mochilas e fomos (....). E ele tinha um irmão, um primo ou um conhecido, não me recordo bem, que lhe disse 'vamos, há trabalho em confecções e se ganha bem'. E bom, eu era um jovem e aventureiro e além de querer ganhar dinheiro e eu quero ganhar dinheiro e fazer algo por mim mesmo" [Jefferson, tradução livre].

> "De aquí fuimos hasta Santa Cruz con pasajes comprados y de Santa Cruz también hemos comprado y ya de allá nos fuimos a San Pablo. *?y cuando llegaron a Sao Paulo tenían un un contacto de alguien?* Si, el amigo del amigo, y entonces, llegamos a Casa Verde Alta, en la calle Silva y era una zona peligroso había sido, en una zona alejada de la ciudad (…) era que el amigo tenía un taller de costura en tela, no en cuero sino en tela, cosas de tela hacían y cuando llegamos ahí él nos dijo 'yo les voy a dar trabajo aquí, si van a trabajar trabajen aquí' " [Jefferson][462].

Jefferson não gostou das condições de trabalho e nem do salário mensal, equivalente a um salário mínimo na época. Recebiam um salário mensal, pois trabalhavam em cadeia, cada um costurando uma parte da roupa. E apesar de ganhar um pouco mais do que ganhava na Bolívia, trabalhava muito mais e, como viviam na oficina de costura, se sentia muito controlado pelo dono. E então, depois de 4 meses, mudou-se para a oficina de um coreano, próxima da que trabalhava, graças a indicação de um brasileiro, que conheceu na Casa Verde.

> "Fue a buscar en otro lado y encontré donde un coreano y pero, el remedio fue peor que la enfermedad. El coreano era más explotador todavía. Encontré por otro amigo que conocí allá, bien negro, 'amigo allá vamos paga un poco más'. Y me ha pagado un poquitito más y poquito casi nada. Y la alimentación era pésima, casi nada, como al perro digamos. (…) las prendas venían de fábricas y le dejaban cortadas yá las prendas (chamarras, bermudas) así listas para coser con todos los accesorios, con todo, todo. Trabajábamos la mayoría bolivianos, pero si peruanos también, donde los coreanos" [Jefferson][463].

[462] "Daqui fomos até Santa Cruz com passagens compradas e de Santa Cruz também compramos e de lá fomos para São Paulo. *E quando chegaram a São Paulo tinham um contato de alguém?* Sim, o amigo do amigo e, então, chegamos à Casa Verde Alta, na Rua Silva, e era uma região considerada perigosa, em uma zona afastada da cidade (...) era que o amigo tinha uma oficina de costura em tecido, não em couro, mas em tecido, coisas de tecido faziam, e quando chegamos aí, ele nos disse 'eu vou lhes dar trabalho aqui, se vão trabalhar, trabalhem aqui' "[Jefferson, tradução livre].

[463] "Fui buscar em outro lado e encontrei na oficina de um coreano, mas o remédio foi pior que a enfermidade. O coreano era ainda mais explorador. Encontrei por outro amigo que conheci lá, bem negro, 'amigo, vamos lá, paga um pouco mais'. E me pagou um pouquinho mais, um pouquinho, quase nada. E a alimentação era péssima, quase nada, como para um cachorro, digamos. (...) as roupas vinham de fábricas e já as deixavam cortadas (jaquetas, bermudas), assim prontas para serem costuradas com todos os acessórios, com tudo, tudo. Trabalhávamos, a maioria, bolivianos, mas sim peruanos também, na oficina dos coreanos" [Jefferson, tradução livre].

Nessa oficina de costura coreana, em que foi trabalhar em 1988, Jefferson fala da presença de peruanos e de brasileiros como costureiros e, diferentemente da experiência de Jair nas oficinas de costura coreanas da região do Brás, Jefferson se sentia explorado e ganhava um salário mensal em reais, insuficiente para pensar em montar uma oficina de costura ou investir em outra atividade. Permaneceu na oficina de costura coreana apenas por alguns meses e decidiu retornar à sua primeira oficina de costura de um dono boliviano. Nessa oficina, apesar de não conseguir juntar muito dinheiro, permaneceu por mais 8 meses e planejava ficar por mais 10 meses, porém, em um final de semana, quando Jefferson e Olavo retornavam do centro da cidade, com sacolas de compras com presentes que pretendiam enviar pelo correio a seus familiares, foram roubados e agredidos, após descerem do ônibus, em uma rua próxima da oficina em que trabalhavam. A brutalidade do roubo o levou a decidir voltar para a Bolívia sozinho, no final de 1988.

Nesse período, Jair se consolidava como oficinista em São Paulo e, após a anistia de 1989, abria uma conta no banco e fazia o seu primeiro empréstimo para a compra da casa própria. Entretanto, as transformações no ambiente econômico engendradas durante o governo Collor – especialmente, a abertura econômica, a desvalorização da moeda nacional e o confisco da poupança – provocaram uma crise na indústria de confecção como um todo.

> "Eu falo que é um desgraçado, esse cara [referindo-se ao Collor], um filha da mãe. (…) Eu tinha um dinheirinho no banco, eu fiz, inclusive, umas prestações com aquela empresa Remaza ,que é né? Remaza. Para comprar uma casa, tudo, mas entrou um presidente, Collor de Melo que me confiscou tudo o dinheiro que eu tinha. Sei que nós tínhamos, se nós tínhamos dólares guardados em casa, o dólar que custava, vamos supor, hoje, 2 reais, ele chegou a valer 20 centavos, caiu de lá pra baixo. O dinheiro que nós tínhamos guardado, ele nos devolveu sim, ele nos devolveu em 24 meses, mas foi sem correção monetária, sem juros (…) quando foi aquele governo, nós sofremos bastante porque nós não tínhamos dinheiro, mesmo os coreanos também foram embora, aí a crise foi tão feia, não tinha mais serviço, eu só sabia trabalhar na época em costura" [Jair]

Nessas circunstâncias, muitos coreanos e bolivianos reemigraram para Buenos Aires, na Argentina que, inversamente, havia promovido a paridade do peso com o dólar

conformando um ambiente bastante propício para os negócios coreanos na indústria de confecção. Um pouco depois, em 1993, Jair fez o mesmo, depois de 8 meses sem trabalhar e com as dívidas se acumulando: migrou sozinho para Buenos Aires, deixando sua mulher e os dois filhos em São Paulo.

> "Eu não trabalhei quase 8 meses sem poder trabalhar, é aí que foi caindo, eu tentei até voltar para o meu país, aí eu falei "vou voltar para o meu país, que ta indo tudo, tudo isso aí errado", comecei a brigar com a minha mulher, nesse ano, me separei. (…) Foi isso, foi em 92, inclusive, eu fui embora para a Argentina, fui embora no ano de 93. (…) eu fui embora, eu deixei a minha esposa com as poucas máquinas que tinha e eu fui embora para Buenos Aires, para uma aventura, trabalhar. (…) Eu trabalhei lá uma temporada, trabalhei um ano, porque lá estava bem, lá deu uma febre de costura lá, em 93, e aqui estava ruim, então, muitos bolivianos fecharam as oficinas aqui, venderam mesmo a preço de banana as suas coisas e foram embora. (…) muitos coreanos também, na época, foram embora, viram a crise e foram embora" [Jair]

Em Buenos Aires, Jair não teve nenhuma dificuldade em conseguir trabalho em uma oficina de costura de coreanos, assim que chegou, pois "já tinha conhecimento" e os bolivianos que haviam trabalhado em São Paulo eram mais bem cotados do que os que haviam migrado diretamente para a Argentina. Durante o ano que passou trabalhando nesse país ganhava, em média, 800 dólares por mês, muito acima de suas expectativas, e com esse dinheiro sustentava a mulher e os dois filhos que haviam ficado em São Paulo.

> [Como foi o esquema de trabalho lá na Argentina?] Comecei a trabalhar lá assim como eu comecei a trabalhar aqui. Eu cheguei lá e chamavam a nós, eles chamavam de "os brasileiros", eu sou boliviano, mas quando eu cheguei lá, éramos chamados de "os brasileiros", porque os brasileiros costuravam melhor que os argentinos e melhor do que os bolivianos que vinham da Bolívia para a Argentina, entonces, nós éramos bem cotizados naquela época.(...) Lá também tem coreanos, em todo lugar tem coreano, daí eu comecei a trabalhar com um coreano, alias, um cara bom também. Eu lembro na época, né, eu cheguei assim novinho e comecei a trabalhar, também não perguntei os preços "quanto você vai me pagar dessa peça?", porque já eu tinha bastante experiência aqui em costura. Entonces, eu comecei a trabalhar, trabalhar, trabalhar, eu achei que ia ganhar, mais ou menos, no mês uns 200 dólares. (…) Eu trabalhei, quando a coreana falou "vem Jair que vou te fazer as suas contas", fez as minhas contas também, e eu tinha ganhado 800 dólares!" [Jair].

Nesse período de meados dos anos 1980 e, principalmente, durante a primeira metade dos anos 1990, muitos coreanos pequenos empresários da indústria de confecção paulistana reemigraram não apenas para a Argentina, mas também para os Estados Unidos, conforme mencionou Jair, acima, ao longo da entrevista. Nesse sentido, é interessante notar, conforme indica Park (1999:669), em artigo sobre os coreanos que reemigraram para os Estados Unidos depois de terem vivido em algum país da América Latina, os "korean latino american reemigrants", que metade das 600 confecções coreanas, de um total de cerca de 1500, que fazem parte da Associação Coreana dos Atacadistas do Vestuário, de Los Angeles, são de imigrantes que tinham negócios no ramo no Brasil antes de reemigrarem para os Estados Unidos.

Nesse período, no início dos anos 1990, além de Jair, entre nossos entrevistados, Jefferson também reemigrara para Argentina, de Cochabamba, Tulio, ex-mineiro de El Alto e Giovane, um jovem do município rural de Escoma, na Província Camacho do departamento de La Paz, também migravam para Buenos Aires. Conforme indica Jefferson, abaixo, no início dos anos 1990, com a paridade entre o peso e o dólar, Buenos Aires era o principal destino dos que queriam se aventurar na costura:

> "El comentario aquí ya estaba y esto empezó en la década esto empezó el 91. Y hubo cambio de moneda, el peso estaba igual que el dólar en la Argentina. Y duró desde el 91 hasta el 2001, duró 10 años. Y aquí todo el mundo se estaba yendo para allá y decían que 'se gana muy bien allá, te pagan 1000 dólares'. Y yaconeso me fue" [Jefferson][464].

Jefferson, que já havia migrado para São Paulo e se sentia experiente, migrou sozinho e sem contatos, em uma situação diferente da de Jair, que assim como outros bolivianos, saiu de São Paulo com contatos em Buenos Aires. De todo modo, mesmo sem contatos, no próprio terminal de ônibus, encontrou um compatriota que reconheceu pelo seu fenótipo, que caracteriza como sendo o fenótipo de bolivianos da zona rural ou do

[464] "O comentário aqui já estava e isso começou na década, isso começou em [19]91 e houve uma mudança de moeda, o peso estava igual ao dólar, na Argentina. E durou desde o [19]91 até 2001, durou 10 anos. E aqui todo mundo estava indo para lá e diziam que 'se ganha muito bem lá, te pagam mil dólares'. E como isso, me fui" [Jefferson, tradução livre].

departamento de La Paz. E em sua aproximação inicial, fala em quéchua, certamente como uma forma de estabelecer uma cumplicidade. E seu compatriota estava justamente chegando para trabalhar na oficina de costura de um boliviano onde seu primo trabalhava.

> "Yo me fui a la aventura solo sin dirección ni nada, y ya me consideraba canchero y como ya me había ido a Brasil ya decía 'uf ya soy un capo' y me fui así nomás. Y cuando llegue a Buenos Aires no tenía a donde ir, dormí en la terminal dos noches y porque no sabía para donde arrancar y ahí ya dije 'tengo que salir', porque también estaba a pan y agua y tenía hambre. Y salí a la puerta y un montón de gente y vi a un paisanito allá, un paisano boliviano y al toque los reconoces y como la mayoría de los bolivianos que están allá son gente del campo o gente del altiplano morenitos y chiquititos. Y le hable en quechua y le dije:'eres boliviano no?''Si', me dice,'de dónde eres?''De La Paz', me dice 'y recién he llegado he venido a trabajar y tengo mi primo que vive aquí y tengo la dirección'. Y yo también y le cuento mi historia y un poquito se ha conmovido y me dice 'le llamaremos a mi primo'. Y de un teléfono público le hemos llamado a su primo y nos ha dado la dirección y en taxi nos hemos ido y no había sido la casa del tipo sino donde trabajaba un taller, una oficina, y de un boliviano también" [Jefferson][465].

Após mudar algumas vezes de oficina de costura Jefferson acaba encontrando trabalho em uma fábrica especializada em artigos de couro e permanece em Buenos Aires até o fim da paridade com o dólar, quando, então, já casado com uma boliviana, retorna a Cochabamba com dinheiro suficiente para comprar uma casa, montar uma pequena confecção de artigos de couro e abrir uma loja na região central da cidade. Uma loja que é, atualmente, uma importante referência para as mulheres das classes altas de Cochabamba.

Embora Jefferson tenha migrado de maneira independente para Buenos Aires, no início dos anos 1990, encontramos percursos de inserção, como os de Tulio e de

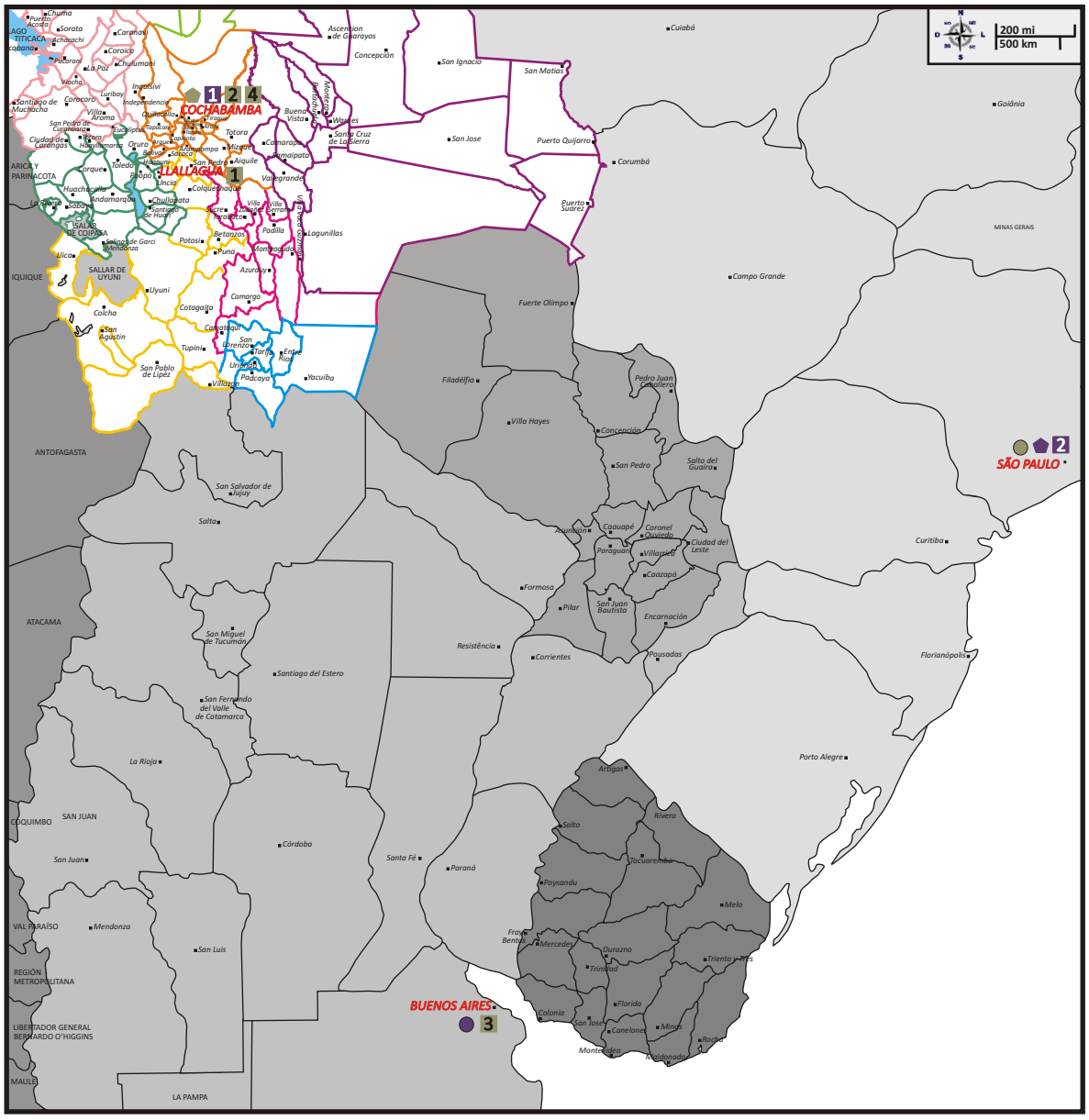
[465] "Eu fui para uma aventura, sozinho, sem endereço, nem nada, já me considerava com experiência e como já havia ido a Brasil, já dizia 'uf já sei de tudo [já sou o cara]*' e fui assim não mais. E quando cheguei a Buenos Aires não tinha onde dormir, dormi no terminal [de ônibus] duas noites e porque não sabia por onde começar e aí disse 'tenho que sair', porque também estava a pão e água e tinha fome. E saí na porta e um monte de gente e avistei um compatriota, um compatriota boliviano, e al toque os reconhece, e como a maioria dos bolivianos que estão lá são gente do campo ou gente do altiplano, moreno e pequenos. E falei com ele em quéchua, lhe disse 'você é boliviano, não?', 'Sim', me disse, 'de onde você é?', 'de la Paz', me disse, 'acabei de chegar, vim aqui para trabalhar e tenho o meu primo que vive aqui, e tenho o endereço'. E eu também contei a ele a minha estória e ele se comoveu um pouco e me disse 'telefonaremos para o meu primo'. E de um telefone público, o chamamos, e fomos de táxi, e não chegamos à casa dele, mas onde trabalhava, uma oficina, de um boliviano também" [Jefferson, tradução livre].

Geovane, vistos ao longo do capítulo 3, cuja migração inicial, nesse período, para Buenos Aires ocorreu a partir de outros bolivianos que já possuíam oficina de costura própria na cidade. Túlio, por meio de um anúncio e Geovane por meio dos tios.

Jair, que havia deixado sua família no Brasil, retorna um ano depois a São Paulo, em 1994, e junto com sua esposa, recomeçou tudo de novo. Durante a crise dos anos 1990, boa parte das máquinas que possuía foram vendidas, restando apenas 5 máquinas com as quais montou novamente uma oficina de costura. Até que, em 1998, quando já contava com 10 máquinas, teve uma série de desentendimentos com seus costureiros e acabou decidindo mudar de ramo, iniciando a venda de comida boliviana, a princípio, na Praça do Pari, depois, na Praça Kantuta, até montar o restaurante que possui atualmente na Rua Coimbra[466].

[466] Conforme vimos no capítulo 2, a Praça Kantuta e a rua Coimbra transformaram-se em pontos de encontro tradicionais dos costureiros bolivianos em São Paulo.

## Figura 43 - Espaços de vida e residências base de Jefferson e Jair, migrantes bolivianos dos anos 1980




**LEGENDA (TERRITÓRIOS)**

BRASIL — ARGENTINA — PARAGUAI — CHILE

BOLÍVIA

| | | |
|---|---|---|
| PANDO | LA PAZ | BENI |
| COCHABAMBA | ORURO | POTOSI |
| CHUQUISACA | SANTA CRUZ | TARIJA |

**PERCURSO JEFFERSON**

- 1 — 2 LLALLAGUA - COCHABAMBA
- 2 — COCHABAMBA - SÃO PAULO
- — 2 SÃO PAULO - COCHABAMBA
- 2 — 3 COCHABAMBA - BUENOS AIRES
- 3 — 4 BUENOS AIRES - COCHABAMBA

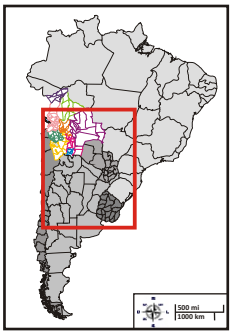
**PERCURSO JAIR**

- 1 — 2 COCHABAMBA - SÃO PAULO
- 2 — SÃO PAULO - BUENOS AIRES
- — 2 BUENOS AIRES - SÃO PAULO

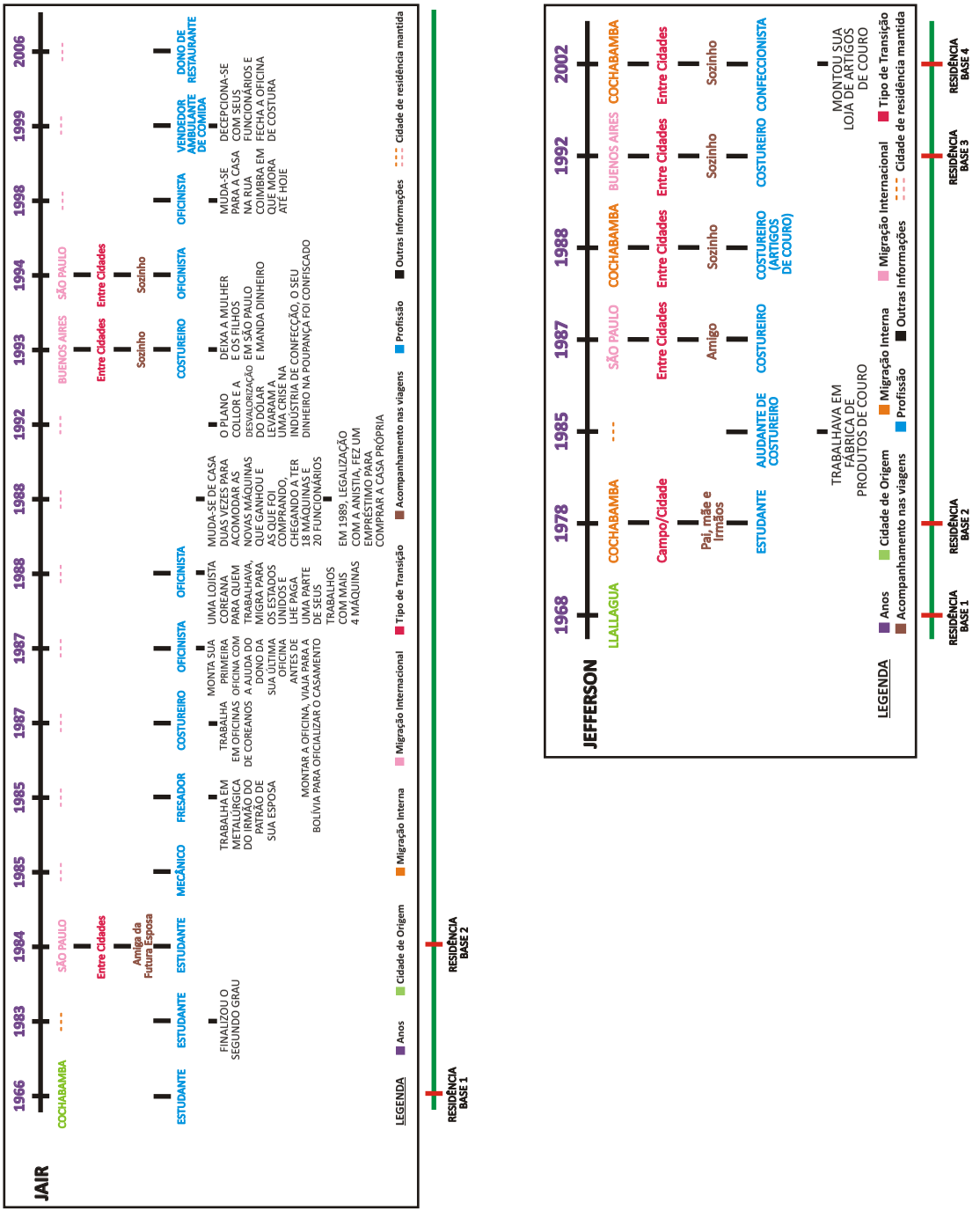
**LEGENDA (SÍMBOLOS)**

- PERCURSO JEFFERSON
- PERCURSO JAIR
- RESIDÊNCIA BASE
- ESPAÇOS DE VIDA ATUAL
- ESPAÇOS TEMPORÁRIOS A TRABALHO

1 1ª Residência Base
2 2ª Residência Base
3 3ª Residência Base
4 4ª Residência Base



## Figura 44 - Linhas da vida de Jefferson e Jair, migrantes bolivianos dos anos 1980



No final dos anos 1990, a vinculação entre os lojistas e donos de oficinas de costura coreanos e coreanas e os costureiros bolivianos e bolivianas passou a ser objeto de preocupação da Câmara de Comércio e Industria Coreana no Brasil devido às repercussões comerciais negativas das denúncias realizadas pelos jornais, revistas e programas televisivos. E na tentativa de mudar a imagem da comunidade coreana, seus representantes optaram por assumir a veracidade das denúncias, se comprometendo a intervir nas oficinas de costura coreanas que ainda mantivessem relações de trabalho em conflito com a legislação local.

> "O vice-presidente da Câmara de Comércio e Indústria Coreana no Brasil, Tomás Choi, reconhece que foram os coreanos, donos de confecções, os primeiros a empregar os imigrantes bolivianos de forma ilegal. (...) O Consulado da Coreia, em São Paulo, de acordo com as informações do administrador Willian Taik, também assume que os coreanos exerceram por um bom tempo a função de empregadores de imigrantes bolivianos" (O Estado de São Paulo, domingo, 20 de julho de 1997, "Emprego ilegal teve início com colônia coreana").

E, a partir dos anos 2000, é bastante clara a mudança das percepções da imprensa paulistana em relação aos negócios comerciais dos migrantes coreanos na indústria de confecção. Certamente em resposta às pressões da comunidade coreana e à possibilidade de se estabelecerem de maneira mais consolidada na cidade de São Paulo, com as diversas oportunidades de crédito e facilidades promovidas pela comunidade, parece ter havido, de fato, uma drástica diminuição de oficinas de costura de propriedade de coreanos com trabalhadores bolivianos. Circunstância que, associada ao sucesso dos negócios coreanos na indústria de confecção, depois da crise do setor com a abertura econômica dos anos 1990, possibilitou a esses imigrantes uma total dissociação de sua imagem do trabalho ilegal, informal, precário e com "características análogas à escravidão" dos migrantes bolivianos. Entretanto, na prática, conforme pudemos constatar ao longo do trabalho de campo, não ocorreu uma mudança na maneira de gerir a produção das roupas, mas apenas uma transferência definitiva do controle das oficinas de costura e da subcontratação de costureiros, enquanto os coreanos e as coreanas se concentram na concepção, corte e comercialização das roupas.

Conforme vimos, a partir da narrativa de Jair e Jefferson, desde o início dos anos 1980, embora os donos das oficinas de costura fossem majoritariamente coreanos, já era possível encontrar oficinistas bolivianos e bolivianas que lograram montar suas oficinas com recursos próprios ou com a ajuda de coreanos ou coreanas que "emprestavam" suas máquinas de costura para que os bolivianos pudessem gerir a produção de suas confecções. A diferença perceptível a partir dos anos 2000, é que as oficinas de costura vinculadas às confecções coreanas passavam a ser quase que exclusivamente de propriedade dos imigrantes bolivianos e bolivianas.

Embora essa transferência do controle das oficinas de costura e dos circuitos de subcontratação, dos coreanos para os bolivianos, não tenha representado uma transformação substantiva das relações de força entre essas comunidades imigrantes, nem mesmo nas relações de trabalho e nos sistemas de exploração vistos de maneira geral, consideramos que essa transferência representou mudanças importantes em relação ao papel e à agência desses migrantes no interior da cadeia produtiva protagonizada pelos coreanos e coreanas: os bolivianos e bolivianas deixam de ser apenas força de trabalho recrutada para se transformarem também em pequenos empreendedores, donos das oficinas de costura e recrutadores da força de trabalho.

Dessa forma, consideramos que, com essa transferência (do controle das oficinas de costura e dos circuitos de subcontratação), inicia, de fato, a formação do "mundo social das oficinas de costura bolivianas". Partindo do debate sobre os "mundos sociais", realizado por Strauss (1992) e por Bertaux (2013), proposto no primeiro capítulo, tendo em vista suas dimensões materiais, esse mundo social teria, como *atividade primária*, a confecção de roupas, como *local central,* as oficinas de costura bolivianas, como *tecnologias*, as habilidades na costura desenvolvidas desde os locais de origem ou nas sociedades de destino e, como *organizações* que façam parte da vida cotidiana dos que compõe esse mundo social, teríamos, principalmente, as atividades e associações estabelecidas em torno da Praça Kantuta e da Rua Coimbra.

Nessas circunstâncias, em que o controle das oficinas de costura e dos seus circuitos de subcontratação passa a se concentrar nos próprios migrantes bolivianos,

constituindo o "mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino", ocorre a ampliação da abrangência *dos circuitos de subcontratação* que, a partir desse momento, passam a se estender, de maneira sistemática, aos locais de origem dessa migração, na Bolívia, com o estabelecimento de redes de subcontratação "transnacionais" que vinculam origens e destino (AZEVEDO, 2005; BUECHLER, 2003; FREIRE, 2008; FREITAS, 2009; KADLUBA, 2007, SILVA, 1997 e 2006).

Amplia-se também, em médio ou longo prazo, o mercado de *atuação das oficinas de costura bolivianas*, que podem diversificar seus clientes, incluindo as grandes multinacionais e as confecções brasileiras – que, premidas pelas transformações em curso com a abertura dos mercados nos anos 1990, passam a terceirizar cada vez mais sua produção – chegando, inclusive, a produzir apenas para a comercialização própria em mercados alternativos, tais como a "Feira da Madrugada".

## 4.4) O SABER CIRCULAR E O SABER COSTURAR POR ENTRE OFICINAS DE COSTURA BOLIVIANAS NAS CIDADES DE DESTINO

Nesta seção, apresentaremos algumas hipóteses a respeito das dinâmicas de funcionamento do mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino tendo em vista o trabalho e as formas de inserção e circulação dos migrantes no interior das oficinas de costura, a partir das 50 entrevistas realizadas em São Paulo e na Bolívia.

Para abordar as especificidades do mercado de trabalho inscrito nesse mundo social, partiremos de uma definição de "mercado de trabalho" como "sistemas de treinamento" proposta por Bailey e Waldinger (1991) tendo em vista diferenciar os mercados de trabalho formados pelos "enclaves étnicos" daqueles estabelecidos pelos mercados de trabalho secundário e primário[467]. Os "sistemas de treinamento" seriam, de acordo com os autores, mecanismos por meio dos quais se realiza o *recrutamento dos trabalhadores* e a *circulação de informações e habilidades*.

> "*Sistemas de Treinamento* são mecanismos através dos quais a informação circula no interior do mercado de trabalho, trabalhadores são recrutados e habilidades são obtidas. (...). Nós diferenciamos os mercados de trabalho primário, secundário e o enclave nos termos dessas dimensões" (BAILEY & WALDINGER, 1991:432-3, grifos e tradução próprios).

Para os autores, preocupados em explicar a "eficiência" do "efeito enclave", as dimensões centrais na diferenciação dos sistemas de treinamento dos enclaves relativamente aos dos setores primário e secundário do mercado de trabalho seriam: i) o contexto institucional no qual estão inseridos, que pode ser formal ou informal e, ii) a relação desses "sistemas de treinamento" com as firmas que contratam os trabalhadores

[467] Conforme vimos no primeiro capítulo, o debate sobre os "enclaves" – diferentemente do debate sobre as "minorias étnicas intermediárias" e os "empreendedores étnicos" – tem em vista um debate com as teorias sobre as segmentações dos mercados de trabalho urbanos emergentes nos anos 1970 nos Estados Unidos. E enquanto, por um lado, o setor primário diria respeito ao mercado de trabalho qualificado e bem remunerado, por outro, o secundário ao mercado de trabalho relacionado às atividades de baixa qualificação, baixa remuneração e ligadas a condições precárias de trabalho, em geral, associadas às atividades realizadas por mulheres e imigrantes. E, de acordo com esse debate, o "enclave" constituiria uma terceira segmentação.

(externa ou interna). E os autores argumentam que a especificidade do "enclave étnico" seria o de ser um "sistema de treinamento" informal e externo, no qual adquirem centralidade as "redes de (sub)contratação" que organizariam externamente os processos de recrutamento e de difusão de informações e habilidades para a entrada e circulação no interior desses enclaves.

> "As redes de contratação organizam os fluxos de informação, moldando a busca por trabalho e os padrões de recrutamento. Devido ao fato de as redes de contratação também importarem, para o local de trabalho, relações existentes anteriormente, as redes de contratação são mais do que fontes de informação – elas são também fatores independentes que constrangem e moldam o trabalho e os processos de treinamento no local de trabalho. As redes de contratação reduzem a incerteza. (...). As redes de contratação também facilitam o treinamento porque o intermediário que atua como recrutador pode se responsabilizar por fazer os novos empregados entrarem no sistema, igualmente importante, esses últimos podem se sentir constrangidos por saber que o seu trabalho reflete no recrutador (...)(BAILEY & WALDINGER, 1991:436, tradução própria).

A perspectiva teórica dos "enclaves étnicos" é, de maneira geral, extremamente otimista em relação às vantagens desses arranjos em tempos de reestruturação produtiva e de flexibilização das relações de trabalho, pois além das vantagens gerais inerentes aos "recursos étnicos", para Bailey e Waldinger (1991), a informalidade e externalidade desses enclaves possibilita que os acordos tácitos nas relações de trabalho sejam mais facilmente repassados e seguidos pelos trabalhadores, as informações sejam mais capilarmente disseminadas e os custos e incertezas associados à promoção de treinamento para o desenvolvimento de atividades específicas sejam mitigados.

> "Estruturas externas e informais caracterizam o enclave étnico e produzem o efeito enclave de três formas. Primeiro, modelam as relações de trabalho por transmitir um conjunto de entendimentos comuns a empregadores e empregados, reduzindo a possibilidade de que os acertos informais ou contratos implícitos sejam quebrados. Segundo, aumentam a disponibilidade da informação que empregados e empregadores precisam para investir em habilidades específicas. Terceiro, diminuem os riscos para empregadores e empregados associados à promoção de treinamento para a formação de competências [habilidades] específicas" (BAILEY & WALDINGER, 1991:433, tradução própria).

Esse otimismo tem recebido importantes críticas por não considerar os mecanismos de dominação tradicionais engendrados no interior das comunidades étnicas ou mesmo nas relações interétnicas– conforme destaca Bonacich em sua utilização do conceito de "midleman minorities" – nem a precarização das relações trabalho inerente a esses arranjos informais/flexíveis (BONACICH, 1993; SANDERS & NEE, 1987; PORTES & SENSENBRENNER, 1993). A despeito do otimismo e das implicações ideológicas de boa parte das análises que utilizam o conceito de "enclaves étnicos", consideramos a definição dos "sistemas de treinamento" operacionalmente profícua por nos permitir focalizar especificamente os processos constitutivos das dinâmicas internas dos mercados de trabalho, quais sejam, os de *recrutamento dos trabalhadores* e os de *circulação de informações* e de *habilidades*.

A partir dessa definição operacional e tendo em vista os aportes teóricos e epistemológicos subjacentes ao desenvolvimento desta pesquisa, conforme explicitamos no capítulo 1, centrada nas narrativas dos migrantes e em suas definições das situações vividas e projetadas, esta seção abordará as seguintes questões: como os bolivianos e as bolivianas obtêm informações, se inserem e circulam no mundo social das oficinas de costura bolivianas? Como se organiza o trabalho e o aprendizado das habilidades no interior das oficinas de costura? Além das habilidades necessárias, a depender do tipo de oficina de costura, quais seriam os outros requisitos para a inserção nesse mundo social das oficinas de costura bolivianas? Estaríamos diante de um enclave étnico no sentido estrito do termo? Em que somente bolivianos podem se inserir? Ou conforme argumenta Rangel (2013:33), considerando o fato de peruanos e paraguaios também trabalharem em oficinas de costura,

em São Paulo e em Buenos Aires, em circunstâncias aparentemente muito parecidas, estaríamos diante de "uma circulação transnacional de migrantes que gravita em torno da oficina de costura", os "migrantes da costura"?

De maneira geral, conforme vimos ao longo dos últimos capítulos, a oficina de costura é o *lócus* central desse mundo social, pois além de ser local de trabalho é local de moradia desses trabalhadores, que migram como parte de um acordo de trabalho estabelecido nos locais de origem e que, no caso de 46 dos 50 entrevistados, previa o pagamento parcial ou total da viagem em sua primeira inserção nesse mundo social. E embora os trabalhadores se insiram inicialmente nesse mundo social desde os locais de origem, eles podem mudar de oficina de costura (e necessariamente de moradia, dado que a oficina de costura é local de moradia) nas cidades de destino. Dessa forma, em relação às formas de recrutamento desses trabalhadores e aos canais de circulação das informações sobre esse trabalho, detectamos dois tipos de circuitos de (sub) contratação: um estabelecido nos locais de origem, mobilizado não apenas nas inserções iniciais, mas também nas reinserções e, outro, estabelecido nos locais de destino, mobilizado na circulação desses trabalhadores, nas cidades de destino.

Embora nem sempre a rede social mobilizada para a inserção nesse mundo social se confunda com o dono da oficina de costura, no caso da inserção a partir dos locais de origem, na Bolívia, na maioria das vezes, é o dono da oficina de costura que financia a migração para a inserção do trabalhador em sua oficina de costura, participando diretamente da negociação dessa inserção inicial.

O financiamento da migração, da alimentação e de um local de moradia nas cidades de destino concomitante ao oferecimento de um trabalho transforma completamente os processos de seletividade migratória nas regiões de origem que, em geral, franqueiam a migração apenas para aqueles em melhores condições relativas. A migração para as cidades de destino das oficinas de costura bolivianas transforma-se em uma possibilidade aberta virtualmente a todos os que se disponham a aprender o ofício (não sendo necessária nessa a habilidade na costura) e a trabalhar nas oficinas de costura dos que oferecem trabalho em suas localidades de origem, na Bolívia. E além das redes de

sociabilidade familiares por meio das quais migram, principalmente, os que não sabem costurar, ainda é possível conseguir trabalho por meio de anúncios nas rádios e nos jornais locais[468] ou mesmo por meio de conhecidos que já migraram, em seus retornos anuais e que, em geral, conseguem inclusive financiamento dos donos de suas oficinas de costura para seus colegas.

Entretanto, essas facilidades têm um preço que passou a ser denominado pelos pesquisadores bolivianos e entre os próprios costureiros e costureiras de "derecho de piso". Uma espécie de relação de reciprocidade diferida, semelhante às relações paternalistas, consideradas no capítulo anterior, entre as elites "brancas/crioulas" e as "classes populares/indígenas" e que, no caso do mundo social das oficinas de costura bolivianas, reproduzir-se-ia no interior das classes "populares/indígenas" a partir de suas clivagens internas expressas nas figuras do costureiro e do oficinista[469].

> Porque yo la he pasado, yo he vivido eso. Yo pensé yéndome allá a Brasil, el primer mes ya, como todo se sufre ¿no? (…) Yo decía sí, estoy pagando *derecho de piso* porque venir a una ciudad tan grande y de la noche a la mañana tener un buen trabajo es difícil. (…) El *derecho de piso* es que, bueno, para mi modo de entender es lo que hemos sufrido, la hemos pagado, cómo te puedo decir, con el sufrimiento, hemos pagado a que nos acepten a nosotros como somos, así como obreros o como trabajadores, hemos pagado sufriendo. No hemos ido, como para decirte, ir al Brasil decir ya trabajo, yo soy, por decirte, modista, ya, listo ven. No, nos han hecho sufrir, nos han hecho pedir agua como se dice. Yo a eso lo llamo derecho de piso. Es como, quizás en otras ciudades son así ¿no? No sé pero ha sido mi primera experiencia [Eliete][470].

[468] Em todos os locais de origem visitados (Cochabamba, La Paz, El Alto e a região rural de Escoma) foram encontrados anúncios – de jornal, nas rádios e em agências de viagem clandestinas – com propostas de trabalho e que, além de proporcionarem o financiamento da viagem, garantem hospedagem e alimentação, sendo necessário, da parte dos migrantes, apenas a vontade de migrar para trabalhar na indústria de confecção.

[469] Subordinación, explotación, una mano de obra que está pagando derecho de piso migratorio, para en el primer escalón recibir lo que se llama una reciprocidad diferida. Eso es lo que hacen tus papás contigo y tú tienes la obligación de hacerlo con tus hijos. Tu mamá te ha cuidado a tu hija, tú tienes que cuidar a la hija de tu hija, como una devolución a tu mamá. Diferido en el tiempo, se trata de un circuito de devolución: este fue explotado, ahora le toca explotar (Cusicansqui, 2011, sobre o "derecho de piso" nas oficinas de costura bolivianas em Buenos Aires).

[470] "Porque o que eu passei, eu vivi isso. Eu pensei, indo para o Brasil, o primeiro mês, como tudo, se sofre. (...) Eu dizia assim, estou pagando o meu "direito de piso" porque vir a uma cidade tão grande e, da noite para o dia, ter um bom trabalho é difícil (...) O direito de piso é que, bom, para o meu modo de entender, é o que sofremos, pagamos, como posso dizer, com o sofrimento, pagamos para que nos aceitem como somos, assim como operários ou trabalhadores, pagamos sofrendo. Não fomos, como para te dizer, ao Brasil dizer, sou modista e vou trabalhar. Não, nos fizeram sofrer, nos fizeram pedir água, como se diz. Eu chamo isso de

Em teoria, o "derecho de piso" nesse mundo social funcionaria da seguinte maneira: o oficinista auxilia primeiro (com o oferecimento do trabalho, migração, alimentação e moradia), o costureiro ou aprendiz retribui depois, ao chegar à cidade de destino, com sua fidelidade e com seu trabalho na oficina de costura daquele que o auxiliou tendo em vista uma recompensa futura ou ao menos se estabelecer como oficinista com o dinheiro recebido por seu trabalho na oficina de costura de seu patrão. Conforme consideram Light & Gold, abaixo, essas relações baseadas em compensação diferida são bastante comuns no interior das "economias étnicas" possibilitando uma acomodação diferenciada das relações de classe.

> "Em comunidades [de imigrantes] nas quais o emprego de compatriotas é comum, conflitos entre os empregadores e empregados são regulados pela '*compensação diferida*', processo por meio do qual os trabalhadores recebem baixos salários por um período de tempo e depois são recompensados ao serem auxiliados a montar o seu próprio negócio" (LIGHT & GOLD, 2000: 108, tradução própria).

No mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino, esse "derecho de piso" significa o compromisso do trabalhador de permanecer na oficina de costura daquele que financiou sua viagem por um período de tempo, que varia de um a dois anos, além de pagar a viagem com o salário recebido pelo trabalho na oficina de costura.

Embora tenhamos encontrado, por um lado, situações em que esse "derecho de piso" de fato serviu de justificativa ideológica para relações de exploração, especialmente quando a contratação ocorreu no âmbito de relações familiares, para o trabalho em oficinas de costura de parentes, como por exemplo, no caso de Eliseu que se inseriu na oficina de costura da prima e apesar de se sentir explorado e entrar em contato com melhores oportunidades de trabalho, não se sentia moralmente autorizado a trair a confiança de sua familiar saindo de sua oficina para trabalhar em outra oficina. E, por outro lado, situações em que a reciprocidade diferida se efetivou, como por exemplo, no percurso de inserção de

---

"direito de piso". É como deve ser em outras cidades, não sei, mas essa foi a minha experiência" [Eliete, tradução livre]

Pablo[471], que apesar de ter realizado a migração/inserção da maneira que é comumente considerada a mais precária: por meio de um anúncio na rádio e com o acordo de aceitar o financiamento proporcionado pelo dono da oficina, para a viagem, a ser pago com o seu trabalho; ele acabou sendo favorecido por esse primeiro patrão e, graças ao seu apoio, pôde montar sua primeira oficina de costura em São Paulo, depois de três anos de trabalho em sua primeira oficina de costura.

Dessa forma, no percurso de inserção de Pablo no mundo social das oficinas de costura bolivianas, portanto, a lógica da reciprocidade diferida funcionou perfeitamente em um acordo laboral informal com um estranho de outro departamento da Bolívia. Contribuiu para esse bom funcionamento, certamente, o fato de Pablo ter domínio da costura e ter assumido, em sua primeira oficina de costura, um papel central e eficiente na organização do trabalho. Entretanto nem sempre a lógica da reciprocidade diferida funciona a partir dos acordos informais realizados nos locais de origem, mesmo quando os acordos envolvem como intermediários membros da família estendida e os trabalhadores possuem experiência na costura.

Como no caso de João que conjuntamente com seu cunhado Eduardo – ambos migrantes internos, da zona rural do departamento de La Paz, que entraram na costura como uma das atividades laborais desenvolvidas em sua inserção nos centros urbanos de destino – que migraram para São Paulo na segunda metade dos anos 2000, graças ao convite de uma cunhada de seu irmão, para o trabalho em uma oficina de costura de um boliviano do município rural de Escoma, na província Eliodoro Camacho. O dono da oficina de costura enviou todo o dinheiro necessário para a viagem em troca da promessa de que permaneceriam nessa oficina de costura por, pelo menos, um ano. Entretanto, João e Eduardo não gostaram do ritmo de trabalho (das 6 da manhã à meia noite), nem das acomodações (um apartamento no qual não entrava a luz do sol e tinham muito pouco espaço) e, três meses depois, resolveram sair daquela oficina de costura[472].As narrativas das

[471] Um costureiro oficinista do bairro de Villa Pagador, em Cochabamba, que, atualmente, lidera o sindicato dos costureiros do bairro, conforme vimos no capítulo anterior.

[472] "Era mucha explotación. Trabajaba, digamos, desde las 6 allá, pero extrañamos Bolivia y también no entraba sol como el departamento, nada, siempre, todo así encerrado nomás. Todo eso desde la mañana desde

quebras do acordo inicial muitas vezes se resumem ao "me fui a outro lado" e, em alguns casos, vem acompanhados do detalhamento da briga do migrante com a pessoa que o contratou, como no relato de João, abaixo, que foi quem negociou a viagem, a descrição desse momento aponta a tensão pela ruptura do acordo de palavra com o dono da oficina – nove meses antes do combinado – que, inclusive, não queria deixá-los sair.

> "Grave, grave era… porque a mí me debía, digamos, al principio yo le cancelé, el primer mes mismo le cancele el pasaje porque, digamos, no debía mucho, digamos, 150 dólares y, se lo he dado 100 dólares, solo debía 50 dólares nada más. De eso ya he trabajado y casi no me han ajustado nada, no me ha pagado nada pues. O sea yo debía todavía, no, pero más haya sido mi sueldo (…) Era bien difícil salir, en la discusión, adentro nos hemos entrado, solamente en el pasillo nomas, y ya no nos quería soltar. Yo le dije 'págame lo que me debes porque ajustaremos', pero él se ha enojado grave 'como me van a dejar ? Yo les he traído todo eso'. Pero el dinero se lo hemos devuelto, no es que no se lo hemos de vuelto (…) pero nos fuimos y no le hemos visto más a esa persona" [João][473].

Na maioria dos casos, conforme pudemos perceber a partir do trabalho de campo, na prática, essas dinâmicas do "derecho de piso", reivindicadas pelos donos das oficinas de costura ao financiarem o trabalhador, dificilmente funcionam tanto da perspectiva do contratante, quanto da perspectiva do trabalhador contratado. Ao invés de trabalhadores dóceis e amedrontados dispostos a aceitar quaisquer condições de trabalho para honrar com o compromisso inicialmente estabelecido com os contratadores, ou contratadores bem intencionados que trazem os contratados desde os locais de origem para proporcionar-lhes excelentes condições de trabalho, encontramos, na maioria dos casos, trabalhadores que ao perceberem que estão ganhando menos do que a média ou que as

---

las 6 de la mañana hasta las 11horas, 12 trabajábamos. Y a veces, otros trabajaban desde las 03 de la mañana. Incluso eso no dejaba dormir por el ruido, todo eso al ladito, nomás, solo separaba unos cartones trenzados no ve, eso nomás" [João].

[473] "Grave, grave era… porque a mim me devia, digamos, a princípio, eu lhe paguei, no primeiro mês mesmo, eu lhe paguei a passagem, porque, digamos, não devia muito, digamos, 150 dólares. E lhe dei 100 dólares, somente devia 50 dólares, nada mais. A partir daí, trabalhei e quase não me ajustou nada, não me pagou nada. Ou seja, eu devia ainda, mas meu salário tinha que ter sido maior (...). Era bem difícil sair, na discussão, entramos dentro da oficina, somente no corredor, e já não queria nos deixar sair. Eu lhe disse 'pague-me o que me deve porque ajustaremos [ou seja, pagarei o que te devo]', mas ele ficou muito zangado 'como vão me deixar?' Eu lhes trouxe e tudo isso'. Mas o dinheiro, nós pagamos a ele, não é que não o pagamos (...) mas fomos embora e nunca mais o vimos" [João, tradução livre].

condições de trabalho combinadas anteriormente não foram cumpridas procuram sair das oficinas de costura inicial – em alguns casos sem pagar o que deviam da viagem ou mesmo transferindo a dívida para o seu próximo contratante – e se inserem em outra oficina de costura, pois existe um amplo mercado de trabalho para se inserirem depois que já estão na cidade de destino, e contratadores que tentam a todo custo manter seus trabalhadores, buscando evitar que saiam das oficinas para não entrarem em contato com outras oportunidades de trabalho por meio de mentiras sobre a violência urbana e a polícia.

De todo modo, embora certamente existam circunstâncias de confinamento dos migrantes, em situações análogas à escravidão, certamente essa não é a regra e um dos reflexos desse fato é a intensidade da circulação dos trabalhadores entrevistados, possível não apenas por sua vontade, mas pela existência de um dinâmico mercado de trabalho nas cidades de destino, em busca desses trabalhadores inicialmente trazidos para trabalharem em outras oficinas de costura. Consideramos que em situações nas quais o confinamento é a regra esse mercado de trabalho alternativo simplesmente não existiria e dificilmente esse mundo social se reproduziria de maneira tão intensa há mais de três décadas.

Essa impossibilidade de controlar os costureiros e garantir que permaneçam na oficina de costura tempo suficiente para que tenha sido vantajoso busca-los nas regiões de origem, tem levado os contratadores a buscarem uma formalização deste "acordo inicial", destacando-se, nesse sentido, o caso do marido de Rosa, uma boliviana entrevistada nas mañaneras, em La Paz: para que o dono financiasse a viagem do marido, foi necessário que o casal fizesse um contrato formal, em que seu marido se comprometia a permanecer por dois anos naquela oficina de costura, deixando como garantia um equipamento de som. Abaixo transcrevo parte da entrevista em que ela fala do acordo.

R: Sí tenía miedo de ir porque estábamos, ya teníamos familia, tenía miedo de dejar a los niños pero la necesidad nos ha obligado.

P: ¿Y cómo fue, cómo hizo?, ¿llamaron a la persona del contacto?

R: Hemos llamado, era también, el señor que lo ha llevado también es boliviano.

P: ¿Era boliviano, acá de La Paz, paceño?

R: Sí, era paceño. Y allá años ya ha radicado el señor, entonces aquí hemos hablado con él y de ese modo se ha ido.
P: ¿El señor era bueno?, ¿buena gente?
R: Sí, era bueno.
P: ¿Cómo fue el acuerdo?
R: Iba a pagar el pasaje; luego él ya trabajando iba a devolverle.
P: Pero él tenía que trabajar así, por ejemplo, un periodo fijo para él. ¿Cuánto tiempo?
R: Dos años. Nos ha hecho hacer un documento privado. Hemos dejado garantía también. Un equipo de sonido hemos dejado. Él allá ha cumplido dos años y yo me lo he recogido. Cuando yo estaba aquí, yo me lo he recogido el equipo.
P, ¿él le dijo, cuánto va a ganar por prenda?
R: Sí, él le ha dado el precio
P: ¿Todo fue como él ha dicho?
R: Sí
P: ¿No engañó?
R: Todo ha sido bien.

Estabelecer um acordo formal para que um trabalhador permaneça em uma oficina de costura por dois anos em troca do financiamento da migração que também deve ser pago é de fato descabida e, a princípio, nos remete a circunstâncias de extrema exploração laboral. Entretanto para Rosa as condições foram consideradas justas, indicando que, de certa forma, em algumas circunstâncias, os próprios contratadores preferem evitar o engano para garantir o trabalhador. Depois de dois anos, Rosa recuperou o equipamento que haviam deixado de garantia e o marido enviou dinheiro para que ela também migrasse, deixando os dois filhos com sua mãe. E, depois de mais quatro anos trabalhando na mesma oficina de costura, com retornos sazonais na baixa temporada para visitar os filhos, o casal voltou a La Paz, pois Rosa tinha acabado de ter outro filho e não conseguia dar atenção suficiente a ele morando em uma oficina de costura. Com o dinheiro guardado durante esses seis anos, compraram uma casa própria e montaram uma oficina de costura doméstica, onde atualmente fabricam roupas esportivas para vender nas mañaneras.

Em relação à intensidade dessa circulação entre origens e destinos e as redes sociais mobilizadas, tendo em vista os 50 entrevistados[474] ao longo do trabalho de campo, contabilizamos 85 inserções desde as regiões de origem, ou seja, 35 reinserções[475]. Nessas 85 inserções e reinserções foram mobilizadas desde os locais de origem, principalmente, as redes de sociabilidade familiares, a partir das quais foram realizadas 43 inserções[476], sendo o restante distribuído entre 22 inserções por meio de anúncios e 20 por meio de conhecidos.

E contabilizamos também 97 inserções desde as cidades de destino, após a saída da oficina com a qual os migrantes entraram em contato desde as regiões de origem. Nessas 97 inserções nas cidades de destino as proporções se invertem: a maioria das inserções nas cidades de destino foi realizada por meio de indicações de outros bolivianos e bolivianas conhecidos nas cidades de destino (38 inserções); 19 inserções ocorreram por meio de anúncios, 17 por meio de familiares, 16 por meio de conhecidos dos locais de origem[477] e sete entrevistados estabeleceram oficina de costura própria em algum momento de seu percurso.

Dessa forma, portanto, os 50 entrevistados trabalharam em 182 oficinas de costura (137 em São Paulo e 45 em Buenos Aires[478]), sendo 173 de donos bolivianos – em sua maioria (110 oficinas) donos provenientes do departamento de La Paz –, 3 de donos coreanos (todas localizadas na cidade de Buenos Aires), 2 de peruanos e 4 de autóctones. A

[474] Embora as informações coletadas a partir das entrevistas não constituam uma amostra no sentido exato do termo, pelo pequeno número e pela metodologia da "bola de neve" na realização das entrevistas, elaboramos um banco de dados no SPSS para trabalhar com as informações a respeito das "oficinas de costura" pelas quais os entrevistados haviam passado (pois em todas as entrevistas aplicávamos um pequeno questionário referente às especificidades de cada uma das oficinas de costura em que os migrantes trabalharam nas cidades de destino).

[475] Nessas 85 inserções não foram contabilizadas nem as entradas devido aos retornos sazonais à mesma oficina de costura (pois aí não houve mobilização do mercado de trabalho local, mas retorno), nem as viagens realizadas de maneira independente para a inserção direta nos mercados de trabalho nas cidades de destino. O fato de termos realizado a maioria das entrevistas nos locais de origem, ou seja, com migrantes que, no momento da entrevista, não se encontravam inseridos em nenhumas das cidades de destino, certamente influenciou nesse alto número de inserções. Nesse sentido, dos 17 entrevistados em São Paulo, apenas 6 haviam migrado mais de uma vez para o trabalho na costura.

[476] A partir das redes familiares, somamos 23 inserções por meio do núcleo familiar (pai, mãe e irmãos) e 20 por meio da família estendida.

[477] Conforme vimos, é bastante comum os migrantes encontrarem com conhecidos de suas regiões de origem e seus espaços de sociabilidade nas cidades de destino.

[478] E como, a princípio, buscávamos pessoas que haviam migrado para São Paulo, o número de oficinas pelas quais os migrantes passaram é maior para essa cidade.

maioria dessas oficinas fornecia roupas costuradas para lojistas coreanos (101 oficinas), 48 oficinas para donos de lojas autóctones (brasileiros ou argentinos)[479] e 28 oficinas costuravam para comercialização própria[480].

Em relação ao trabalho, embora os regimes de trabalho sejam, conforme pudemos constatar, bastante semelhantes – com jornadas que iniciam por volta das 7 horas da manhã e terminam entre as 10 horas da noite ou meia noite, podendo se estender durante a madrugada, para atender os prazos dos oficinistas ou mesmo por vontade dos trabalhadores que querem ganhar mais, em que se dorme e se mora na oficina de costura, sem os descontos dos gastos de moradia e alimentação do salário recebido – encontramos uma grande heterogeneidade nessas oficinas de costura em relação às habilidades requeridas para inserção nesse mundo social, a depender do tipo de peça costurada e dos circuitos produtivos nos quais elas se inserem e que se refletem nos valores pagos aos trabalhadores e nas formas de organização do trabalho internamente.

Nas extremidades, encontramos, por um lado, as oficinas que costuram peças mais elaboradas e diversificadas, em geral para as confecções de roupas da moda coreanas, que necessitam de trabalhadores ou duplas (em que uma pessoa utiliza a máquina reta e, a outra, a overloque) que costurem todos os detalhes da peça e montem a peça. Nessas oficinas de costura, ganha-se por peça montada quando se trabalha em duplas, ou ainda, por peça quem trabalha na máquina reta (que costura as partes principais da peça), e por mês, quem trabalha na overloque (que faz acabamentos e cujo manejo é mais lento). Nessas oficinas de costura, uma dupla pode chegar a ganhar em torno de R$1600,00 a R$ 2400,00 reais por mês (entre R$ 800,00 a R$1200,00 reais por pessoa).

E por outro lado, oficinas que costuram peças mais padronizadas e simples, como por exemplo, calças jeans, bolsas, carteiras, roupas populares, cujo sistema de trabalho é, em geral, "em cadeia", exigindo menos habilidades dos costureiros que, nessas

[479] Incluindo pirataria.
[480] Não temos informação para 5 dessas oficinas, pois os entrevistados não sabiam informar para onde se dirigiam as peças costuradas nessas oficinas.

circunstâncias, devem saber basicamente, operar uma máquina[481]. Nessas oficinas, o salário é mensal e pode ser padronizado ou, ainda, por escala, a depender da produtividade de cada um, conforme nos relata Joseph:

> A mí me pagaban por escala ahí, o sea, mira, es un grupo de cinco, entonces el más rápido, el más veloz, por ejemplo, la cabeza ganaba como 1800 pesos así al mis. Decían que es por escala y el que sigue ganaba como 1700 o 1650 pesos, y el otro que seguía como unos 1500 así. Yo estaba en el ultimo, yo ganaba como 1100 al mis o 1000 pesos me tocaba. Es que ven quien trabaja más, están controlando quien está durmiendo-se o quien hace bien o quien está hablando, quien se levanta tarde, todo así y todo esta anotado. Y eso en el momento del ajuste eso, todo te hace recordar, si quieres hacerte la cuenta te lo haces, porque te da la lista, eso es por escala [Joseph][482].

Nessas oficinas de costura em que se trabalha em cadeia e a exigência em termos de habilidades é menor, em São Paulo, os salários podem variar entre R$200,00 a R$800,00 reais por mês, sendo que os migrantes rurais, conforme vimos no capítulo anterior, recebem, em geral, os piores salários. E, quando os migrantes não possuem experiência, podem iniciar como ajudantes – mas também é possível iniciar diretamente na máquina depois de um treino de um dia ou mais – e, no caso das mulheres, ainda existe a possibilidade de iniciarem como cozinheiras/empregadas das oficinas de costura. Em todos esses casos, ganha-se menos do que uma pessoa com experiência anterior na costura.

De maneira geral, da perspectiva dos trabalhadores, elaboramos a hipótese, a partir dessas informações, de que para entrar, circular e trabalhar na indústria da confecção das sociedades de destino, esses migrantes devem mobilizar dois tipos de competências/saberes específicos: o *saber circular*, que envolve a capacidade de mobilização de redes sociais – de familiares, de conhecidos ou completamente impessoais,

[481] Essa diferenciação entre costureiras capazes de montar uma peça e operadores de máquinas foi encontrada em estudo Abreu (1993), no qual nos inspiramos para compreender a heterogeneidade percebida.

[482] "A mim me pagavam por escala aí, ou seja, veja, é um grupo de cinco, então, o mais rápido, o mais veloz, por exemplo, a cabeça, ganhava 1800 pesos ao mês. Diziam que era por escala, e o que segue ganhava 1700 ou 1650 pesos, e o outro que seguia como uns 1500, assim. Eu estava em último, eu ganhava como 1100 pesos, 1000 pesos por mês. É que viam quem trabalhava mais, estavam controlando quem estava dormindo, o quem faz direito, ou quem está falando, ou quem se levanta tarde, tudo assim e tudo está anotado. E isso, no momento do ajuste, tudo te fazem recordar, se queres fazer a conta, podes fazer, porque te dão a lista, isso é por escala" [Joseph, tradução livre]

contatadas por meio de anúncios nas rádios ou nos jornais – e de informações para entrar nos circuitos de subcontratação e aproveitar as melhores oportunidades de trabalho em suas estruturas internas. A importância do "saber circular" no "mundo social das oficinas de costura bolivianas" é reflexo do intenso movimento da força de trabalho em um ramo industrial caracterizado pela elasticidade da demanda e flexibilidade e "leveza" das estruturas produtivas[483]. Esse movimento pode ocorrer tanto no âmbito externo, entre as inúmeras localidades de origem e as cidades de São Paulo e/ou Buenos Aires, devido às vicissitudes da indústria que determinam o momento dos retornos sazonais (na "baixa estação") e as cidades de destino mais procuradas, a depender da conjuntura econômica local[484]; quanto no âmbito interno, por entre as oficinas de costura nas cidades de destino, na busca de melhores oportunidades de trabalho. Entretanto, somente o saber circular não é suficiente para uma inserção bem sucedida no mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino, o *saber costurar*, conforme vimos, joga um papel ainda mais determinante, garantindo aos costureiros não apenas melhores salários, mas a capacidade de montar oficinas de costura bem sucedidas, pois além da atividade da costura propriamente, a logística de coordenação do trabalho e dos costureiros, que trabalham e vivem no mesmo espaço, dimensão fundamental do sucesso desses pequenos empreendimentos[485].

As pequenas oficinas de costura nas quais se inserem esses trabalhadores – das 182 oficinas nas quais trabalharam os 50 entrevistados, a maioria, 80 oficinas, tinha entre 6 e 12 máquinas, 58 oficinas tinham mais de 12 máquinas e 44 tinham até 6 máquinas – costuram roupas que são comercializadas quase que exclusivamente no Brasil, constituindo

[483] Características detalhadas no capítulo 1.

[484] Conforme vimos na última seção, enquanto nos anos 1990 – em plena crise do governo Collor, no Brasil, e estabelecimento da paridade com o dólar, na Argentina – a "febre da costura" acontecia em Buenos Aires, levando muitos migrantes bolivianos e coreanos que estavam em São Paulo a migrar para Buenos Aires e direcionando os fluxos migratórios desde a origem para essa última cidade; com o fim da paridade com o dólar, no início da década dos anos 2000, na Argentina, e com o desenvolvimento brasileiro, São Paulo, que recuperou a importância, já em meados dos anos 1990, e nos anos 2000 passa a ter proeminência, direcionando fluxos dos locais de origem e de Buenos Aires.

[485] Nesse sentido, é interessante notar que o principal motivo que levou Jair, cujo percurso foi considerado na seção anterior, a desistir de seguir como oficinista foi sua inabilidade com os costureiros que, simplesmente, decidiram não costurar, depois de ele já ter se comprometido

o que Monteiro (2011) denominou de "sweatshops nacionais", para se referir às oficinas de costura bolivianas na cidade de Buenos Aires. De acordo com Monteiro, enquanto os "sweatshops internacionais" conhecidos como "maquilas", são fábricas de médio e grande porte, localizadas nas zonas exportadoras dos países periféricos, produzindo em massa para contratadores estrangeiros, fazendo, parte, portanto, de cadeias produtivas globais, os "sweatshops nacionais", localizados nos grandes centros urbanos e em seu entorno, são oficinas de costura menores, produzindo para uma demanda nacional.

E em relação à questão de abertura desta tese, estaríamos diante de um enclave étnico em que somente bolivianos podem se inserir? Ou de um "território circulatório" multiétnico – considerando o fato de peruanos e paraguaios também trabalharem em oficinas de costura, em São Paulo e em Buenos Aires, em circunstâncias aparentemente muito parecidas – em que o *saber circular* dependeria do compartilhamento das mesmas situações de mobilidade e não de identidades étnicas atávicas? E surpreendentemente, embora tenhamos encontrado, em algumas descrições sobre os trabalhadores das oficinas de costura nas quais trabalharam os migrantes entrevistados, a existência de oficina de costura bolivianas nas quais também trabalham migrantes peruanos e paraguaios ou mesmo de oficinas de costura coreanas (somente nas oficinas de costura de Buenos Aires), nas oficinas de costura bolivianas trabalham majoritariamente "puro bolivianos", como eles costumam dizer. E, algumas vezes, "puro pacenos", ou "puro cruzenos"(provenientes de Santa Cruz) etc ou ainda de províncias específicas dos departamentos de origem, na Bolívia.

Conforme indica um grupo de jovens costureiros bolivianos da cidade de Buenos Aires, abaixo, que reivindicam a "cultura ch'ixi", uma espécie de "novo cosmopolitismo latino americano", a partir de sua experiência concreta da mistura nos bairros periféricos e nas "Vilas miséria" onde moram, essa preferência étnica dos donos das oficinas de costura, em torno da qual se estabelecem as festividades bolivianas a partir das fraternidades, consideradas no capítulo anterior, pode fazer parte de sistemas de dominação tradicionais que obscurecem a percepção da exploração em nome das "lealdades étnicas".

> Quienes explotan el sistema del taller textil quieren recrear acá una pequeña Bolivia, para evitar que te mezcles, que conozcas otras música, otra gente. Las radios que se escuchan en los talleres, las organizaciones que reivindican 'lo boliviano' y los talleristas (y los discursos argentinos que promueven este modo de plantear las cosas) y que se justifican con la tradición andina te confinan a una identidad prefabricada de lo boliviano. (…). Para muchos de nosotros es más fuerte ser habitante de una villa o de un barrio como Villa Celina, donde crecimos y nos criamos desde chicos, que ser bolivianos. A eso le llamamos ***cultura ch'ixi,*** a tener esa capacidad de poder mezclarte, sin diluir lo que somos y lo que queremos (…)" (ColectivoSimbiosis Cultural e ColectivoSituaciones, 2011:12-13 ).

Conforme vimos, ao longo desta tese, o *saber circular* desses trabalhadores migrantes coloca em xeque, de diversas maneiras, as expectativas do "derecho de piso" instituídas pelos donos das oficinas de costura que buscam seus trabalhadores desde suas regiões de origem, nos permitindo vislumbrar, às margens, a emergência de solidariedades que ultrapassam as fronteiras "étnicas" entre trabalhadores bolivianos, peruanos e paraguaios que compartilham as mesmas circunstâncias de trabalho e de mobilidade nas sociedades de destino em torno da indústria de confecção, "o mundo social das oficinas de costura bolivianas nas cidades de destino". Entretanto, o mundo social das oficinas de costura bolivianas, tal como estabelecido pelos bolivianos e bolivianas donos das oficinas de costura, longe de representar a emergência de um "novo cosmopolitismo", tal proposto por Tarrius, se assemelha mais às "minorias étnicas intermediárias", tal como proposto por Bonacich (1973), que reproduzem relações de dominação tradicionais em torno das "solidariedades étnicas".

# Considerações Finais

Nesta tese, propusemos abordar a migração boliviana direcionada ao trabalho na indústria de confecção das cidades de destino a partir de uma perspectiva analítica que trouxe para o primeiro plano as narrativas desses migrantes sobre sua experiência migratória e laboral. Essa perspectiva analítica foi influenciada pelas proposições contemporâneas da sociologia urbana francesa, em torno do que Emanuel Ma Mung denominou de *ponto de vista da autonomia* e pelos estudos da Escola de Chicago, que propunham, no início do século XX, abordar a experiência das populações marginais de Chicago (as prostitutas, os ladrões, os usuários de drogas, os imigrantes, etc) a partir de seu próprio ponto de vista, com o intuito de desvendar os seus sentidos e lógicas de ação, invisíveis para as populações autóctones.

Essa perspectiva parte do pressuposto de que a racionalização dos agentes sobre suas ações, seu "saber fazer", longe de ser uma ideologia que esconde uma verdade inacessível sobre o verdadeiro sentido da ação, é parte central da ação social, em que pesem as determinantes estruturais – tanto no sentido de constrangimentos que impelem a ação, quanto no sentido de constrangimentos que delimitam o horizonte de possíveis considerados pelos agentes – e as consequências não previstas das ações. Nesse sentido, a metáfora dos "mundos sociais" foi a maneira encontrada para abordar a experiência social dos migrantes bolivianos na indústria de confecção das cidades de destino, colocando em destaque a agência ao invés da submissão, a partir da qual, em geral, se caracteriza essa experiência social.

Iniciamos essa tese com a apresentação da perspectiva teórica mais ampla na qual se inserem os estudos sobre a experiência social dos migrantes bolivianos na indústria de confecção paulistana e que parte dos debates contemporâneos sobre a emergência da "nova informalidade" e do recrudescimento da precarização do trabalho. A partir dessa perspectiva, os migrantes dos novos fluxos migratórios internacionais, provenientes dos países que perderam o jogo do desenvolvimento em tempos de globalização, inserir-se-iam nas atividades laborais mais precárias nas sociedades de destino, aquelas rejeitadas pelas

populações autóctones, constituídas no bojo dos processos de reestruturação produtiva e de formação das cadeias produtivas globais. Esses aportes teóricos vêm conduzindo a interpretações sobre a experiência laboral boliviana na indústria de confecção da cidade de São Paulo que a inserem no bojo dos processos de reestruturação produtiva dessa indústria a partir dos anos 1990. Nesse contexto, os migrantes bolivianos seriam os representantes máximos da precarização do trabalho produzida pela restruturação produtiva que significou, basicamente, para a indústria de confecção nacional, a terceirização ou mesmo quarteirização da costura das roupas que passaram a ser produzidas à domicílio individualmente ou por meio de cooperativas de costureiras.

Embora à primeira vista, de fato, as condições de trabalho e de instalação desses migrantes sejam semelhantes às condições vivenciadas pelas costureiras brasileiras cujo mercado de trabalho foi completamente precarizado, durante a reestruturação produtiva dos anos 1990, parecendo representar um grau mais intenso de processos semelhantes, nesta tese buscamos argumentar que essa inserção nos remete a outros processos históricos e que ao invés de tratar-se de um grau mais intenso de um mesmo processo de precarização, tratar-se-ia da formação de um mercado de trabalho paralelo cujas territorialidades e sentidos ultrapassam o contexto urbano paulistano e a indústria de confecção nacional, embora, conforme vimos, a produção dessas oficinas de costura responda às demandas dos mercados locais.

No segundo capítulo, apresentamos o trabalho de campo exploratório realizado na cidade de São Paulo, a partir da aplicação de um questionário junto a esses migrantes, como forma de estabelecimento de um contato inicial com essas populações. A partir desse contato inicial, elaboramos a hipótese do "projeto costura", ou seja, de uma inserção nesse mundo social que se constitui como projeto desde os locais de origem, confundindo projeto migratório e projeto de inserção laboral. Ao invés dessa inserção laboral acontecer após a migração e o estabelecimento desses migrantes nas cidades de destino, como única opção de inserção laboral, nos trabalhos desprezados pelas costureiras brasileiras, essa inserção ocorre desde as sociedades de origem, na maioria das vezes, em oficinas de costura de migrantes bolivianos, sendo a migração uma consequência da inserção laboral e não o

contrário.

O estabelecimento dos "espaços da bolivianidade" em torno dos migrantes que se inserem na indústria de confecção paulistana – a partir dos quais se constituem não apenas relações sócio culturais e simbólicas com as sociedades de origem desses migrantes, mas também redes sociais concretas por meio das quais circulam, intensamente, pessoas e bens materiais entre origens e destinos – e a percepção, a partir do contato inicial com esses migrantes, de que o horizonte temporal desse "projeto costura" não prevê, inicialmente, o estabelecimento definitivo nas sociedades de destino, mas constitui-se *"por unti empitonomás"*, trouxeram para o primeiro plano da pesquisa as sociedades de origem desses migrantes.

No terceiro capítulo, apresentamos uma narrativa sobre a realização do trabalho de campo nas cidades de Cochabamba, La Paz e El Alto e no município rural de Escoma, na Bolívia, e as narrativas dos migrantes entrevistados, organizadas a partir dos sentidos adquiridos pelo *projeto costura*: o de investimento nos locais de origem, o da aventura e o do aperfeiçoamento e mobilidade profissional.

E embora, inicialmente, projetássemos encontrar em cada uma das localidades de origem elencadas – no interior das cidades e no município rural em que realizamos o trabalho de campo – migrantes com perfis sócio espaciais e laborais anteriores semelhantes, em torno de redes sociais específicas, que os vinculariam a localidades de destino igualmente específicas, encontramos uma diversidade de perfis e possibilidades alternativas e não excludentes, em todas as localidades visitadas, de inserção seja em São Paulo, seja em Buenos Aires ou, ainda, atualmente, em Santiago, no Chile. Dessa forma, embora os circuitos de subcontratação para a inserção no mundo social das oficinas de costura bolivianas nas sociedades de destino ocorresse desde os locais de origem dessa migração internacional, as dinâmicas desses circuitos não seriam dadas pelas especificidades dos locais de origem a partir dos quais eles se constituíram, mas por suas dinâmicas estabelecidas desde as cidades de destino.

No último capítulo, desenvolvemos algumas hipóteses sobre as origens desse mundo social, que haviam sido inicialmente aventadas durante a pesquisa de mestrado, e

sobre suas dinâmicas de funcionamento [486] . Em relação aos processos históricos determinantes da inserção boliviana na indústria de confecção paulistana, argumentamos que, ao invés das consequências da intensificação da globalização no final do século XX, deveríamos focalizar as consequências do final da segunda guerra mundial e os processos de consolidação das economias asiáticas. Nesse sentido, consideramos que a migração coreana para o continente americano, especialmente, para a América Latina, durante os anos 1960, e a emergência socioeconômica da Coreia do Sul, dez anos depois, foi determinante para a formação do "mundo social das oficinas de costura bolivianas", não apenas por ter influenciado nos desdobramentos da indústria de confecção boliviana, mas principalmente por ter estabelecido circuitos produtivos alternativos em cidades como Los Angeles, Santiago, Buenos Aires e São Paulo que, embora implementem, *avant lalettre*, formas de organização da produção extremamente flexíveis associadas ao investimento em design, tecidos, comércio e logística, constituem em torno desses circuitos produtivos mercados de trabalho próprios.

E em relação às dinâmicas de funcionamento desse mundo social, o estabelecimento dos circuitos de subcontratação desde os locais de origem da migração internacional, com o financiamento da migração para a inserção em unidades de trabalho, as oficinas de costura, que substituem os locais de moradia e de alimentação dos trabalhadores, acaba por transformar completamente os processos de seletividade migratória nas regiões de origem que, em geral, franqueiam a migração apenas para aqueles em melhores condições relativas. E esses migrantes, enredados pelos financiadores de sua migração internacional, em torno do "derecho de piso", que repõe lógicas de reciprocidade baseadas nas "solidariedades étnicas", articulam em sua inserção nesse mundo social, de maneiras diversas, o saber circular e o saber costurar.

Os resultados advindos desta tese de doutorado abrem uma agenda de pesquisa, em torno de temas e questões que emergiram no desenvolvimento da pesquisa, dentre as quais: as mobilidades ocupacionais e os percursos de inserção no trabalho na costura; a

[486] Durante o mestrado, essas hipóteses haviam sido elaboradas de maneira muito mais inconsistente e por meio de outros aportes teóricos.

diversidade de mobilidades espaciais e modalidades migratórias que constituem o mundo social desses contingentes migrantes; a necessidade de aprofundar o entendimento das relações de gênero no projeto costura; as redefinições de projetos migratórios nos espaços de vida e nas diferentes áreas de destino por onde circulam esses migrantes; a compreensão das afinidades eletivas que se compõem e recompõem no processo migratório boliviano; a composição geracional dos migrantes da costura; as redes sociais institucionalizadas de contração de trabalhadores migrantes para a costura.

# Referências Bibliográficas


ABREU, Alice Rangeu P. Abreu. *O avesso da moda* – trabalho à domicílio na indústria de confecção. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

ABREU, Alice Rangeu P. Abreu & SORJ, Bila (org). *O trabalho invisível* – estudos sobre trabalhadores a domicilio no Brasil. Rio de Janeiro: Rio Profundo Editora, 1993.

ABREU, Alice Rangeu P. Abreu. Trabalho e qualificação na indústria de confecção. *Estudos Feministas*, n.2, p. 293-305, 1993.

ALVES, Ubiratan. *Praça Kantuta*: um pedacinho da Bolívia em São Paulo. São Paulo: Todas as Musas, 2012.

ANTEQUERA, Nelson. Itinerarios urbanos. Continuidades y rupturas urbano rurales. In: _____ & CIELO, Cristina. *Ciudad sin fronteras* – multilocalidad urbano rural en Bolivia. La Paz: Ritu Bolivia, Gobierno Autónomo Municipal de La Paz, CIDES-UMSA, Fundacion PIEB, OXFAM GB, Universidad de California Berkeley, 2011, pg.23-40.

ANTEQUERA, Nelson. *Territorios urbanos* – diversidad cultural, dinámica socioeconómica y procesos de crecimiento urbano en la zona sur de Cochabamba. La Paz: Plural Editores, 2007.

ARANGO, Joaquim. *Explaining Migration*: a critical view. Unesco. Oxford: Blackwell Publishers, 2000.

ARAÚJO, Angela Maria Carneiro & AMORIN, Elaine Regina. Redes de subcontratação e trabalho à domicílio na indústria de confecção. *Cadernos Pagu*, Campinas, nº17-18, p. 267-310, 2001.

ARBONA, Juan Manoel. Ciudadania política callejera – articulación de múltiples espacios y tiempos en la Ceja de El alto. In: _____ & CIELO, Cristina. *Ciudad sin fronteras* – multilocalidad urbano rural en Bolivia. La Paz: Ritu Bolivia, Gobierno Autónomo Municipal de La Paz, CIDES-UMSA, Fundacion PIEB, OXFAM GB, Universidad de California Berkeley, 2011, pg. 261-285.

ASSIS, Gláucia de Oliveira & SASAKI, Elisa Massae. Novos migrantes do e para o Brasil: um balanço da produção bibliográfica. In: CASTRO, Mary Garcia (coord.). *Migrações*

*internacionais* – contribuições para políticas. Brasília: CNPD, 2001, p. 615 – 639.

AUTANT – DORIER, Claire. Saisir les identites en mouvement : parenté et histoires de familles turques en migration. *Revue Européenne des Migrations Internationales*, v. 25, n.3, p.133-151, 2009.

AVERITT, Robert T. *The dual economy*: the dynamics of American industry structure. Nova Iorque: Norton, 1968.

AZEVEDO, Flávio Antônio Gomes. *A presença de trabalho forçado na cidade de São Paulo* – Brasil/Bolívia. Dissertação de Mestrado da Faculdade de Economia e Administração da USP (FEA/USP). São Paulo, 2005.

BABY, Virginie. El Alto de La Paz, cité pauvre d'altitude au couer de L'Amérique Latine. *Espace géographique*, v. 27, n.2, pg. 155-168, 1998.

BABY-COLLIN, Virginie, MEDINA, Lucille, MIRET, Naik, SASSONE, Susana. *Territorios bolivianos en las metrópolis españolas:* Madrid y Barcelona. Programa IMITMA (CNRS-CONICET): Nuevas trayectorias de la migración internacional andina en América Latina y en Europa. Itinerarios de movilidad y inscripciones territoriales de los migrantes andinos en las grandes metrópolis (Argentina-España). Paper apresentado na 4 Journée d'Etude Espagne de Migrinter – Transformations urbaines et migrations dans les villes espagnoles, dezembro de 2011.

BAILEY, Adrian J. Turning transnational: the theorisation of international migration. *International Journal of Population Geography*, 7, p. 413-428, 2001.

BAILEY, Thomas & WALDINGER, Roger. Primary, Secondary and Enclave Labor Markets: a training systems approach. *American Sociological Review*, v. 56, n. 4, p. 432 – 445, agosto de 1991.

BARAGÁN, Rosana & CÁRDENAS, Cleverth. *Gran Poder*: La Morenada. Colección Fiesta Popular Paceña, vol. 3.. IEB: La Paz, 2009. [proyecto: La fiesta popular: espacio de continuidades, creación y recreación. Exploración multidisciplinaria de un fenómeno paceño esencial].

BASTIA, Tanja. Migration as protest? Negociating gender, class and ethnicity in urban Bolivia. *Environment and Planning,* v. 43, p. 1514-1529, 2011.

BECKER, Howard S. Introduction. In: SHAW, Clifford R. *The Jack-Roller* – a delinquent boy's own history. Chicago: University of Chicago Press, 1966, p. v – xviii.

BEHERAN, Mariana & FREITAS, Patricia T. Trajetórias migratórias e inserção laboral de jovens migrantes bolivianos (as) em oficinas de costura nas cidades de São Paulo e Buenos Aires. In: PEREIRA, Gloria S. & PEREIRA, José R. *Migração e Globalização* – um olhar interdisciplinar. Curitiba: Editora CRV, 2011, p. 265 – 292.

BENENCIA, Roberto. Inmigrantes bolivianos en áreas rurales de la Argentina: su participación en la conformación de territorios y comunidades transnacionales. *Estudios Migratorios Latino Americanos*, 17, n. 50, p.161-178, 2003.

BERTAUX, Daniel. *Le récit de vie*. Paris: Armand Colin, 2013.

BIALOGORSKI, Mirta, BARGMAN, Daniel. Articulacion interétnica en medio urbano: judíos y coreanos en Buenos Aires. *Estudios Migratórios Latinoamericanos*, n. 32, 1996.

BOLOGNA, Eduardo Léon. *Espacios de vínculos y espacios de movilidad:* la reversibilidad en las etapas de las corrientes migratorias (paper). I Congresso da Associacão Latino-Americana de Populacão, 2004, p. 1-18.

BOLOGNA, Eduardo Léon. *La reversibilidad en los estadios avanzados de los sistemas migratórios* – el caso de Argentina y Bolívia. Cordoba: IRD, Conicet, CEA, 2007.

BONACICH, Edna. A theory of middleman minorities. *American Sociological Review*, 38 (5), p. 583 – 594, 1973.

BONACICH, Edna; LIGHT, Ivan & WONG, Charles Choy. Koreans in business. The new immigrant wave. *Society*, 1977.

BONACICH, Edna & MODELL, J. *The Economic Basis of Ethic Solidarity in the Japanese American Community*, Berkeley, University of California Press, 1980.

BONACICH, Edna. The other side of ethnic entrepreneurship: a dialogue with Waldinger, Aldrich, Ward and associates. *International Migration Review*, v. 27, n. 3, 1993.

BONACICH, Edna. Labor response to global production. In:GEREFFI, Gary et al. (ed.), *Free trade and uneven development:* the north American apparel industry after NAFTA. Filadélfia: Temple University Press, 2002.

BONACICH, Edna & APPELBAUM, Richard. The return of the sweatshop. *Cities and*

*Society*. In: KLENIEWSKI, Nancy. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, pg. 127-143.

BOYER, Florence. *Être migrant et Tuareg de Bankilaré (Niger) à Abidjan (Côte d'Ivoire)*: des parcours fixes, une spatialité nomade. Thèse de Doctorat en Geographie. Poitiers: Université de Poitiers – UFR Sciences Humaines et Arts. Department de Geograpphie, 2005.

BOYER, Florence. Observer et décrire le sujet migrant en mouvement. *Cahiers de Geographie du Québec*, vol. 54, n. 153, 2010, p. 445-458. URI: http://id.erudit.org/iderudit/1005604ar.

CAGGIANO, Sérgio. Del altiplano al rio de La Plata: la migración aymará desde La Paz a Buenos Aires. In: TORRES, Alicia (coord). *Niñez indígena en migración* – derechos en riesgo y tramas culturales. Quito: FLACSO, AECID, UNICEF, 2010, pg. 47-138.

CASASSUS, Cecilia Montero. El uso del método biográfico en el estudio de las trayectorias sociales precarias.In: LULLE, Thierry, VARGAS, Pilar & ZAMUDIO, Lucero (coords). *Los usos de las historias de vida en las ciencias sociales*. Rubi (Barcelona), Anthropos, Santa Fé (Bogota), Centro de Investigaciones sobre Dínamica Social de la U. Externado de Colombia, 1998. v. 1. Colección Autores, Textos y Temas. Ciencias Sociales, pag. 125-142.

CEPAL/CELADE/OIM (Comisión Económica para América Latina y el Caribe/Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía/ Organización Internacional para las Migraciones). *Un Examen de la Migración Internacional en la Comunidad Andina* – Proyecto Sistema de Información sobre Migración Internacional en los Países de la Comunidad Andina (SIMICA). Santiago do Chile, 1999.

CHOI, Keum Joa. *Além do arco – íris*: a imigração coreana no Brasil. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH – USP, 1991.

CORTES, Geneviève. *Partir para quedarse* – supervivencia y cambio en las sociedades campesinas andinas (Bolivia). Equador: Plural Editores, 2004.

CORTES, Geneviève. *Migrations, espaces et développement* – une lecture des systèmes de mobilité et des constructions territoriales en Amérique Latine. Volume 3 – Synthèse des travaux et des positionnements de recherche. Habilitation à Diriger des Recherches (HDR)

de Géographie. Poitiers : Université de Poitiers, 2008.

CORTES, Geneviève & FARET, Laurent (dirs). *Les circulations transnationales* – lire les turbulences migratoires contemporaines. Paris: Aarmand Colin, 2009.

COURGEAU, Le concept de migration. *Actes du IVe Colloque de Démographie Africaine*, Ouagadougou, 20-24 jan. 1974, INSD, p. 27-33.

COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. Papirus, Campinas – SP, 1995.

CRUZ-MOREIRA, Juan Ricardo. *Industrial upgrading nas cadeias produtivas globais:* reflexões a partir das indústrias têxtil e do vestuário de Honduras e do Brasil. 2003. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

CUSICANQUI, Silvia Rivera et al. *De chuequistas y overlockas* – uma discussión en torno a los talleres textiles. Buenos Aires: Tinta Limón, 2011.

CYMBALISTA, Renato, XAVIER, Iara Rolnik. A Comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade. *Cadernos Metrópole*, n. 17, 2007.

DE LA TORRE, Leonardo & ARAMAYO, Yolanda Alfaro. La chequanchada: caminos y sendas del desarrollo em los municípios migrantes de Arbieto y Toco. La Paz: CESU & PIEB, 2007.

DE LA TORRE, Leonardo. No llores, prenda, pronto volveré – migración, movilidad social, herida familiar y desarrollo. La Paz: PIEB, IFEA, UCB, 2006.

DANDLER, Jorge & MEDEIROS, Carmen. La migración temporal de Cochabamba (Bolívia) a la Argentina: trayectorias e impacto en el lugar de origen. La Paz: CERES, 1985.

DE LA TORRE, Leonardo. *No llores prenda, pronto volveré* – migración, movilidad social, herida familiar y desarrollo. La Paz: Fundación PIEB, IFEA, UCB, 2006.

DOMENACH, H. y PICOUET, M. El carácter de Reversibilidad en el estudio de las Migraciones. Notas de Población, n. 40.

DOMENACH, Hervé & PICOUET, Michel. *Las migraciones*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 1995.

FRAZIER, Barbara & BRUSS, M.Barriers to Bolivian participation in the global apparel industry. *Journal of Fashion Marketing and Management*, vol. 8, n. 4, pg. 437-451, 2004.

FREIRE, Carlos. *Trabalho informal e redes de subcontratação*: dinâmicas urbanas da indústria de confecções em São Paulo. 2008. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia - FFLCH/USP, São Paulo, 2008.

FREITAS, Patrícia T. *Imigração e Experiência Social:* o circuito de subcontratação transnacional de força-de-trabalho boliviana para o abastecimento de oficinas de costura na cidade de São Paulo. 2009. Dissertação de Mestrado - IFCH/Unicamp, Campinas, 2009.

FREITAS, Patrícia T., BAENINGER, Rosana. Imigração e cidade: origens e territórios da imigração boliviana para a cidade de São Paulo. En: BAENINGER, Rosana (org). *População e cidades* – subsídios para o planejamento e as políticas sociais. Campinas: UNFPA, Nepo, Unicamp, 2010.

GEREFFI, Gary.; KORZENIEWICZ, Miguel (eds.). *Commodity chains and global capitalism*. Westport, Connecticut: Praeger, 1994.

GEREFFI, Gary. "Competitividade e redes na cadeia produtiva do vestuário na América do Norte". *Revista Latino - Americana de Estudos do Trabalho*, ano 4, n.6, pp. 101 – 127, 1998.

GALBRAITH, J. Kenneth. *The New Industrial State*. Nova Iorque: Mentor, 1971.

GARCIA, O. L. *Avaliação da competitividade da indústria têxtil brasileira*. Tese (Doutorado) Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, SP, 1994.

GARCIA, Renato, CRUZ – MOREIRA, Juan. O Complexo Têxtil Vestuário: um cluster resistente. En: AMITRANO, Claudio Roberto et al. *Caminhos para o centro* – estratégias de desenvolvimento para a região central de São Paulo. São Paulo: Emurb, 2004.

GREEN, Nancy. *Du sentier à la 7ª avenue* – la confection et les immigrés, Paris – New York (1880-1980). Paris: Éditions du Seuil, 1998.

GRIMSON, Alejandro. Etnicidad y clase en barrios populares de Buenos Aires. *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 60, p. 343-361, 2006.

GLICK SCHILLER, Nina; BASH, Linda & BLANC, Cristina Szanton. From immigrant to transmigrant: theorizing transnational migration. *Anthropological Quarterly*, 68, 1, p. 48-63, 1995.

GLICK-SCHILLER, Nina. The centrality of ethnography in the study of transnational migration – seeing the wetland instead of the swamp. In: SAHOO, Ajaya Kumar & MAHARAJ, Brij. *Sociology of Diaspora* – a reader. India: Rawat Publications, 2007, p. 118-155.

GORINI, Ana Paula Fontenelle. Panorama do setor têxtil no Brasil e no mundo: reestruturação e perspectivas. *BNDES Setorial*, nº 12, 2000.

GRANOVETTER, Mark. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. *American Journal of Sociology*, vol. 91, n. 3, pg. 481-510, 1985.

GUAYGUA Ch., G. C., A. M. MIRANDA, et al. *El rol del parentesco andino en las estrategias migración hacia España en las familias de La Paz y El Alto*. Informe de Avances de Investigación - Programa de Investigación Estratégica en Bolívia (PIEB), v.Projecto 29, 2008.

GUARNIZO, Luis Eduardo & SMITH, Michael Peter. The locations of transnationalism. In: SMITH, M & GUARNIZO, L. E. (eds). *Transnationalism from below* – Comparative Urban and Community Research. New Brunswick : Transaction Publishers, 1998.

HANNERZ, Ulf. *Exploring the city* – inquires toward an urban anthropology. Nova Iorque: Columbia University Press,1980.

HASHIZUME, Maurício. A emergência do katarismo. Tensões e combinações entre classe e cultura na Bolívia contemporânea. *Anais do IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina.* Grupo de Estudos de Políticas da América Latina, 14 a 17 de setembro de 2010, Londrina.

HINOJOSA, Alfonso R. Hinojosa (coord.). *Migraciones transnacionales.* Visiones de Norte y Sudamérica. Ed. CEPLAG-UMSS: La Paz, 2004.

HINOJOSA, Alfonso R. Hinojosa. España en el itinerario de Bolivia. Migración transnational, género y familia en Cochabamba. In: NOVICK, Susana (org.). *Las migraciones en América Latina*. Catálogos: Buenos Aires, 2008, p. 93-112.

HINOJOSA, Alfonso R. Hinojosa. *Buscando la vida* – familias bolivianas transnacionales en España. PIEB, CLACSO: La Paz, 2009.

JORGENSEN, Kayle. El 'archipiélago vertical' andino. El control vertical de pisos

ecológicos y dinámicas contemporáneas de migración . In: DURÁN, Nelson Antequera & CIELO, Cristina. *Ciudad sin fronteras* – multilocalidad urbano rural en Bolivia. La Paz: Ritu Bolivia, Gobierno Autónomo Municipal de La Paz, CIDES-UMSA, Fundacion PIEB, OXFAM GB, Universidad de California Berkeley, 2011, pg. 71-92.

JOSEPH, Isaac & GRAFMEYER, Yves (orgs). *L'École de Chicago* – naissance de l'écologie urbaine. Champs Essais, Flammarion :Paris,2009.

JIOBU, Robert M. Ethnic Hegemony and the Japanese of California. *American Sociological Review*, 53, p.353-367, 1988.

KADLUBA, Ruth Camacho. *A imigração na cidade de São Paulo* – integração dos imigrantes na cidade como forma de combate à pobreza – URB AL Rede 10. São Paulo: Secretaria Especial para Participação e Parceria, Instituto Uniemp – Fórum Permanente das Relações Universidade /Empresa e Comunidade Européia, 2007.

KONTIC, Branislav. *Aprendizado e metrópole:* a reestruturação produtiva da indústria do vestuário em São Paulo. 2001. Dissertação de Mestrado. FFLCH / USP, São Paulo, 2001.

KIM, Yoo Na. *A jovem Coréia* – um almanaque sobre uma das imigrações mais recentes do Brasil. São Paulo: Sua Editora, 2008.

KLOSTERMAN, R.; J. VAN DER LEUN & J. RATH. Mixed embeddedness: (in) formal Economic Activities and Immigrant business in Netherlands. *International Journal of Urban and Regional Research*, 1999, 23 (2), Junho, pp. 253 – 267.

LEDO, Carmem. Urbanización y pobreza en la ciudad de Cochabamba. In: WANDERLEY, Fernanda (coord). *Estudios Urbanos* – en la encrucijada de la interdisciplinaridad. La Paz: CIDES/UMSA, 2009,pg. 119 -147.

LIGHT, I. *Ethnic Enterprise in America:* Business and Welfare among Chinese, Japanese and Blacks. Berkeley, University of California Press, 1972.

LIGHT, Ivan. *Local Economy and Ethnic Entrepreneurs*. Conference on Comparative Ethnicity: the Conference Papers, Institute for Social Science Research, v. IV, junho de 1988.

LIGHT, I & GOLD, Steven. .*Ethnic Economies*. California: Academic Press, 2000.

LIGHT, I ; SABAGH, G. ;BORZOGHMEHR, M. & DER – MARTIROSIAN. Beyond the

ethnic enclave economy. *Social Problems*, vol.42, n. 1, pg. 65-80, 1994.

LIMA, Jacob Carlos. *As artimanhas da flexibilização* – o trabalho terceirizado em cooperativas de produção. São Paulo: Terceira Margem, 2002.

LOGAN, J.; ALBA, R. & MC NULTY, T. Ethnic Economies in metropolitan regions – Miami and beyond. *Social Forces*, 72, 1994, pp. 691 – 724.

LEVITT, Peggy & GLICK-SCHILLER, Nina. Conceptualizing simultaneity – a transnational social field perspective on society. In: SAHOO, Ajaya Kumar & MAHARAJ, Brij. *Sociology of Diaspora* – a reader. India: Rawat Publications, 2007, p. 156 – 193.

LEVITT, Peggy. The transnational villagers. Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California Press, 2001.

LUPATINI, M. P. *As transformações produtivas na indústria têxtil do vestuário e seus impactos sobre a distribuição territorial da produção e a divisão do trabalho industrial*. Dissertação de Mestrado na área de Política Científica e Tecnológica. Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2004.

MA MUNG, Emmanuel. Dispositif économique et ressources espatiales : éléments d'une économie de diaspora. *Revue Européenne des Migrations Internationales*, v.8,n.3, p. 175-193, 1992.

MA MUNG, Emmanuel. Entreprise économique et appartenance ethnique. *Revue Européenne des Migrations Internationales*, v. 12, n. 2, p. 211-233, 1996.

MA MUNG, Emmanuel. Territorialisation marchande et négociation des identités : les Chinois à Paris. *Espaces et Sociétés*. n°95, pp. 145-162, 1998.

MA MUNG, Emmanuel. *Autonomie, Migrations et Altérité*. Habilitation à Diriger des Recherches (HDR de Géographie. Poitiers : Université de Poitiers,1999.

MA MUNG, Emmanuel. Le point de vue de l' autonomie dans l'étude des migrations internationales: penser de l' intérieur lês phenomènes de mobilité. In: DUREAU, François et HILY, Marie Antoniette. *Les mondes de la mobilité*. Rennes: Presses Univertiaire de Rennes, 2009, p.25 – 38.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo : EPU, 1974, v.2.

MAZUREK, Hubert. Three pre-concepts regarding the internal migration in Bolivia.

*Revista Humanidades Ciencias Sociales*, vol. 3, 2007.

MEHDI, Alioua. À la rencontre de la sociologie d'Alain Tarrius. Du paradigme de la mobilité au territoire circulatoire. *E – Migrinter*, n. 1, p. 7 – 19, 2008.

MERA, Carolina. *Diáspora coreana en América Latina*. (artigo disponível on line: http://64.233.169.104/search?q=cache:2rIULJBQ18YJ:ceaa.colmex.mx/estudioscoreanos/images/mera.pdf+carolina+mera&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=20&gl=br&client=firefox-a). (último acesso 16 de agosto de 2011).

MESA, Carlos; GISBERT, Tersa & Carlos D. M. GISBERT. Historia de Bolivia. La Paz: Editorial Gisbert, 2008.

MONTERO, Jeronimo. *Neoliberal fashion:* the political economy of sweatshops in Europe and Latin America. Tese de Doutorado, Durhan University, 2011. Disponível em: http://etheses.dur.ac.uk/3205/ [último acesso em 10 de fevereiro de 2012].

MORATÓ, René Pereira. La ciudades bolivianas ?Cómo entenderlas? Migración y urbanización. In: WANDERLEY, Fernanda (coord). *Estudios Urbanos* – en la encrucijada de la interdisciplinaridad. La Paz: CIDES/UMSA, 2009,pg. 95-118.

MOROKAVASIC - MULLER, Mirjana. *The underside of fashion:* immigrants in the parisian garment industry. Los Angeles: Universidade da Califórnia, 1990 [paper apresentado no Institute for Social Science Ressearch].

MOROKAVASIC - MULLER, Mirjana. La mobilité transnationale comme ressource: le cas des migrants de l'Europe de l'Est. *Cultures et Conflits*, nº 33 – 34, 1999:105 – 122. (http://www.conflits.org).

MOROKAVASIC - MULLER, Mirjana, PHIZACKLEA, Annie, RUDOLPH, Hedwig. *Small firms and minority groups:* contradictory trends in the french, britsh and german clothing industries. *International Sociology*, v. 1, n. 4, 1986.

MURRA, John. El archipélago vertical revisitado. In: CONDARCO & MURRA. *La teoría de la complementariedade vertical eco-simbiótica*. La Paz: Hisbol, 1987.

NÓBREGA, Ricardo. *Migração e globalização popular:* trabalhadores bolivianos na pequena indústria têxtil de São Paulo. Paper ABEP (Associacão Brasileira de Estudos Populacionais). Apresentado no VI Encontro Nacional sobre Migrações. Belo Horizonte

(MG), 12 a 14 de agosto de 2009. Último acesso em 10 de fevereiro de 2012. http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/6EncNacSobreMigracoes/ST2/RicardoNobrega.pdf

NUÑEZ-VILLABA, Javier. La localización de las ciudades de Bolivia y el crecimiento celerado de la aglomeración urbana paceña. In: DURÁN, Nelson Antequera & CIELO, Cristina. *Ciudad sin fronteras* – multilocalidad urbano rural en Bolivia. La Paz: Ritu Bolivia, Gobierno Autónomo Municipal de La Paz, CIDES-UMSA, Fundacion PIEB, OXFAM GB, Universidad de California Berkeley, 2011, pg. 41-70.

PALPACUER, Florence. Subcontracting networks in the New York city garment industry: changing characteristics in a global era. In: GEREFFI, Gary. et al (ed.). *Free trade and uneven development: the north American apparel industry after NAFTA*. Philadelphia: Temple University Press, 2002.

PARK, Robert Ezra. La ville. Propositions de Recherche sur Le comportement humain em milieu urbain. In : JOSEPH, Isaac & GRAFMEYER, Yves (orgs). *L'École de Chicago* – naissance de l'écologie urbaine. Champs Essais, Flammarion :Paris,2009, p. 83 – 130.

PARK, Kyeyoung. "I am floating in the air": creation of a Korean transnational space among korean-latino americans remigrants". *Positions*, pg. 667-695, 1999.

PATARRA, N. & BAENINGER, R. "Migrações Internacionais recentes – o caso do Brasil". In: _____ (coord.). *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. Campinas, Programa Interinstitucional de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais no Brasil, vol. 1, 1996, pp. 78-87.

PEREIRA, V. Vacaflores. *Migración interna en Bolívia* – causas y consecuencias (1985 – 2000). La Paz: CEF – Plural Editor, 2004.

PORTES, Alejandro & JENSEN, L. "What's an ethnic enclave? The case for conceptual clarity". *American Sociological Review*, 52, 1987, pg. 768 – 70.

PORTES, Alejandro, SENSENBRENNER, Julia. Embeddedness and Immigration: notes on the social determinants of economic action. *American Journal of Sociology*, v. 98, n. 6, 1993.

PORTES, Alejandro. Economic sociology and sociology of immigration: a conceptual

overwiew. In:_____ (org). *Economic sociology of immigration:* essays on networks, ethnicity and entrepreneurship. Nova Iorque: Russel Sage Foundation, 1995.

PORTES, Alejandro. La mondialisation par le bas – l'émergence des communautés transnationales. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 129, p. 15-25, setembro de 1999.

POTOT, Swanie. *Circulation et reseaux de migrants roumains* – une contribution a l'etude des nouvelles mobilites en Europe, 2003 (tese de doutorado realizada pela Université de Nice – Sophia Antipolis).

QUÉRÉ, Louis. La situation toujours négligée? In: *Réseaux*, 1997, vol.15,n.85, pp 163-192.

RANGEL, Thiago. *Os migrantes da costura em São Paulo:* retalhos de trabalho, cidade e Estado. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP, 2013.

REGALSKY, Pablo. Bolivia na encruzilhada. O governo Morales e a política indígena. *Outubro*, n.15, 2007, pg. 48-78.

RIVERO, Fulvio. 'Cultura migratória' y 'condiciones de emigración' en comunidades campesinas de Toropalca (Potosi, Bolivia). *Miradas en Movimento*, vol.VI, abril 2012, pag. 103-133.

RIZEK, Cibele Saliba; GEORGES, Isabel & SILVA, Carlos Freire. Trabalho e imigração – uma comparação Brasil – Argentina. *Lua Nova*, pg. 111-142, 2010.

ROMÁN, Olívia. Migración y ciudadania en Bolívia en el contexto latinoamericano. Estado de la cuestión. *Cuadernos de refléxion*. Programa de Cooperación Interuniversitária, UMSS-CIUF, Cochabamba, 2010.

RONCKEN, Theo et alli. *La vecindad que no viajó* – migración internacional y desarrollo comunitario en zonas periurbanas de Cochabamba. Cochabamba: Defensor del Pueblo, Pastoral de Movilidad Humana, PIEB, 2009.

ROSS, Robert J. S. The new sweatshops in the United States: how new, how real, how many and why? In: GEREFFI, Gary. et al (ed.). *Free trade and uneven development: the north American apparel industry after NAFTA*. Philadelphia: Temple University Press, 2002.

SABEL, Charler & ZEITLIN, Jonathan. Historical alternatives to mass production: politics,

markets, and technology in the nineteenth century. *Past & Present,* n. 108, p.133-176, 1985.
SANTOS, Boaventura Sousa. *La reinvención del Estado y el Estado Plurinacional*. Santa Cruz de la Sierra: CENDA, CEJIS & CEDIB, 2007.
SALA, Gabriela A., CARVALHO, José A. C. A presença dos imigrantes dos países do cone sul no Brasil: medidas e reflexões. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 25, n.2, 2008.
SALES, Teresa e SALLES, Maria do Rosário T. (orgs). *Políticas Migratórias* – América Latina, Brasil e brasileiros no exterior. São Carlos: EdUFSCar e Editora Sumaré, 2002.
SANDERS, Jimy & NEE, Victor. Limits of ethnic solidarity in the enclave economy. *American Sociological Review*, 52, 1987, pag. 745-73.
SHAW, Clifford R. *The Jack-Roller* – a delinquent boy's own history. Chicago: University of Chicago Press, 1966.

SILVA, Silvana Cristina. A Feira da Madrugada e os conflitos pelo uso do território na cidade de São Paulo. *XII Simpurb,* São Paulo, 2001, p. 1-16.
SILVA, Sidney A. *Costurando sonhos* – trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo: Paulinas, 1997.
SILVA, Sidney. Costureiros hoje, "oficinistas" amanhã? Indagações sobre a questão da mobilidade econômica e social entre os imigrantes bolivianos em São Paulo. *Anais do Encontro Nacional sobre Migração*. Curitiba, 1998, p. 383-394.
SILVA, Sidney A. A Praça é nossa! Faces do preconceito em um bairro paulistano. *Travessia*, n. 51, pg 39-44, 2005.
SILVA, Sidney A. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. *Estudos Avançados*, v. 20, n. 57, 2006.
SILVA, Sidney A. *Virgem mãe terra*. Festas e tradições bolivianas na metrópole. São Paulo: Hucitec, 2012.
SIMMEL, Georg. *Sobre la aventura* – ensayos filosoficos. Barcelona : Ediciones Peninsula, 2002.
SIMON, Gildas, Migrations, la spatialisation du regard . Revue européenne des migrations

internationales, vol. 22 - n°2, 2006. Último acesso em dezembro de 2011. [URL : http://remi.revues.org/index2815.html]

SMITH, Michael Peter. *Transnational urbanism* – locating globalization. Malden Blackwell: Publishing, 2001.

SPEDDING, Alison. *Breve curso de parentesco*. La Paz: Editorial Mama Huaco, 2003.

SCHILLER, Nina Glick; BASH, Linda & BLANC, Cristina Szanton. From immigrant to transmigrant: theorizing transnational migration. *Anthropological Quarterly*, 68, 1, p. 48-63, 1995.

TARRIUS, Alain. Perspectives phénoménologiques dans l'étude de la mobilité. In: Barjonet, Pierre-Emmanuel (dir). *Transports et Sciences Sociales* – questions de méthode. Journée d'étude de l'Institut National de Recherche sur les Transports et Leur Sécurité. Caen: Paradigme, 1989, p. 47-81.

TARRIUS, Alain. "Territoires circulatoires et espaces urbains: diférenciation des groupes migrants". In: *Les Annales de la Recherche Urbaine*, nº 59/60, 1993: 50-59.

TARRIUS, Alain. *La mondialisation par le bas* – les nouveaux nomades de l'économie souterraine. Paris : Éditions Balland, 2002.

TARRIUS, Alain. Le lien social fort comme préalable à la reussite économique – initiatives des migrants entrepreneurs des économies souterraines internationales : parcours, étapes, transactions comerciales. In: MULLER, L. et TAPIA, S. de. *Un dynamisme venu d'ailleurs*: la création d'entreprises par les immigrés. Paris : L' Harmattan, 2005, p. 21 – 51.

TARRIUS, Alain. Intérêt et faisabilité de l'approche des territoires des circulations transnationales. In : CORTES, Geneviève & FARET, Laurent (dirs). *Les circulations transnationales* – lire les turbulences migratoires contemporaines. Paris : Aarmand Colin, 2009, p. 43-51.

TARRIUS, Alain & PERALDI, Michel. Editorial. *Revue Européenne de Migrations Internationales*, v. 11, n.1, Marseille et ces étrangers, p.5-8, 1995.

THOMAS, W. I. Définir la situation. In:  In: JOSEPH, Isaac & GRAFMEYER, Yves (orgs).

*L'École de Chicago* – naissance de l'écologie urbaine. Champs Essais, Flammarion:Paris, 2009, p. 79-82. [Originalmente publicado em inglês no livro « The unajusted girl », em 1923 – Little Bros cia].

TRIPIER, Pierre. Une sociologie pragmatique [préface]. In: THOMAS, W. I. & ZNANIECKI, F. *Le paysan polonais en Europe et en Amérique* – récit de vie d´un migrant (Chicago, 1919). Col. Essais y Recherches. Paris : Armand Colin, 1998, pag. 5-30.

TRUZZI, Oswaldo. Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro. *Estudos Históricos*, v. 28. Rio de Janeiro, p. 199-218, 2001.

WIRTH, Louis. Le phénomène urbain comme mode de vie. In: JOSEPH, Isaac & GRAFMEYER, Yves (orgs). *L'École de Chicago* – naissance de l'écologie urbaine. Champs Essais, Flammarion :Paris,2009, p. 255-281.

WIRTH, Louis. *The Ghetto*. Chicago: he University of Chicago Press, 1964.

WILSON, Kenneth, PORTES, Alejandro. Immigrant Enclaves: an analysis of the labor market experiences of Cubans in Miami. *The American Journal of Sociology*, v. 86, n. 2, 1980.

WALDINGER, Roger. *Trough the eye of the needle*: immigrant and enterprise in New York garment's trade. Nova Iorque: New Yok University Press, 1986.

XAVIER, Iara Rolnick. *Projeto Migratório e espaço*: os migrantes bolivianos na Região Metropolitana de São Paulo. Dissertação de Mestrado. Nepo-Unicamp: Campinas, 2010.

ZHOU, MIN. *Chinatown* – the socio economic potential of an urban enclave. Filadélfia: Temple University Press, 1992.



## PROJETO OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES EM SÃO PAULO

**Módulo 0 – Identificação**

1. Número do questionário llll2. Nome doentrevistador:_____3. Data de realização:l___l__l2012
4. Bairro: l_____l 5. Observação: l_____l

**6. Lista dos residentes habituais, não habituais eausentes**

| a | b | c | d | e | f | g | h | i | j | k | l | m | n |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Nºdeorden | Nºdefamilia | Nome | Relaçãocome chefeda residência | Relaçãocom chefeda família | Condiçãode Permanência | Localde moradiana datade referenda ***(PARANÃO HABITUAIS E AUSENTES)*** | Sexo | Idade | Estado conjugal | Religião | Estudos (emanos) | Cor/Raça | Formação profissional |
| 1 | | | | | | | | | | | | | |
| 2 | | | | | | | | | | | | | |
| 3 | | | | | | | | | | | | | |
| 4 | | | | | | | | | | | | | |
| 5 | | | | | | | | | | | | | |
| 6 | | | | | | | | | | | | | |
| 7 | | | | | | | | | | | | | |
| 8 | | | | | | | | | | | | | |
| 9 | | | | | | | | | | | | | |

**6b)Nºdefamília**
1)FamíliaPrincipal
2)2ªfamília
3)3ªfamília
4)4ªfamília

**6f)Permanência**
1)Habitual
2)NãoHabitual
3)Ausente

**6h)Sexo**
1)Masculino 2) Feminino

**6d6e)Relacãocomchefedaresidênciaefamília**
1) Chefe (11) Sogro (a)
2) Cônjuge (12) Irmão/Irmã
3) Filho(a) (13) Outro familiar
4) Enteado(a) (14) Agregado
5) Genro/nora (15) Pensionista
6) Neto(a) (16) Empregado
7) Sobrinho(a) (99 Não sabe)
8) Cunhado(a)
10)Pai/Mãe

**6i)EstadoConjugal**
1)Solteiro(a)
2)Casado(a)
3)Unido(a)
4)Separado(a)
5)Viúvo(a)
6)NS
7)NSA

**6m)Cor/Raça**
Escreveraautodenominação

**6k)Religião**
1)Candomblé
2)Católica
3)EspiritaKardecista
4)Evangélica
5)Judaica
6)Protestante
7)ReligiõesOrientais
8)Umbanda
9)Muçulmana
10)Outra _____
88)Nenhuma
99)NSA

## Módulo 2: Características Gerais dos Residentes (Habituais e Não habituais)

| A | b | c | d | e | f | g | h | i | j | k | l |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Nºdeorden | Nºdefamilia | Localidade de Nascimento | Urbano/rural | Departamento / Estado | País | Língua Nativa | Status | Trabalho Principal | Área | Carteira de Trabalho | Renda mensal |
| 1 | | | | | | | | | | | |
| 2 | | | | | | | | | | | |
| 3 | | | | | | | | | | | |
| 4 | | | | | | | | | | | |
| 5 | | | | | | | | | | | |
| 6 | | | | | | | | | | | |
| 7 | | | | | | | | | | | |
| 8 | | | | | | | | | | | |
| 9 | | | | | | | | | | | |

**2)N°defamília**
1)FamiliaPrincipal
2)2ªfamília
3)3ªfamília
4)4ªfamília

**3)Localidadede nascimento**
Escreveronomedacidade, provinciaou municípioonde nasceu

**4)Urbano/Rural**
1)Urbano
2)Rural
3)NS

**5)Departamentoou Estado**
Escreveronome

**7)LínguaNativa**
Verificarcódigos

**8)Estatus**
1)Empregado(a)
2)Autônomo/ContaPrópria
3)Empregador(a)
4)ProfissionalUniversitário Autônomo
5)DonodeNegócioFamiliar
6)Aprendiz/Estagiário
7)Trabalhadoremnegócio familiarsemremuneração
8)Autônomodaeconomia informal
9)Prestaserviçomilitar obrigatórioou religioso
10)Voluntário
11)Desempregado
12)Estudante

**9)TrabalhoPrincipal**
Escreveroquefaz

**10)Ramodeatividade- área**
1)indústria
2)comércio
3)prestaçãodeserviço
4)agropecuária
5)construçãocivil
6)público
7)ONG-3ºsetor
8)NSA

**11)CarteiradeTrabalho**
1)Sim
2)Não,porqueéfuncionáriopúblico
3)Não,porquenãooutropossui
4)Não,porouromotivo
8)NS
9)NSA

**12)Renda**
1)AtéR$380,00
2)De R$381,a R$1140,00
3)De R$1141a R$1900,00
4)De R$1901a R$3800
5)Maisde R$3801,00
8)NS
9)NSA

**Módulo 3: Ficha Individual – Migração dos Residentes Habituais**

Nome do entrevistado: I_____I Nº. de ordem: I__I__I

Nome do migrante: I_____I Nº de ordem: I__I__I

| | | LUGAR DA MIGRAÇÃO | | | | | | TRABALHO PRINCIPAL | | | | TRABALHO ANES DE SAIR | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Migração | Código do Lugar (não preencher) | Localidade ou município de Residência | Urbano/rural | Depart/ Estado | País | Mês e ano de chegada | Mês e ano de saída | Status | Trabalho Principal | Setor de atividade | Carteira de trabalho | Status | Trabalho Antes de sair | Setor de atividade | Carteira de trabalho |
| 1 | | | | | | / | xxxxxx | xxx | xxxxxxxxxxxxxxx | xxxxx | xxxxx | xx | xxxxxxxxxxxxxxxxx | xxxxxx | xxxxxxx |
| 2 | | | | | | / | / | | | | | | | | |
| 3 | | | | | | / | / | | | | | | | | |
| 4 | | | | | | / | / | | | | | | | | |
| 5 | | | | | | / | / | | | | | | | | |
| 6 | | | | | | / | / | | | | | | | | |
| 7 | | | | | | / | / | | | | | | | | |
| 8 | | | | | | / | / | | | | | | | | |
| 9 | | | | | | / | / | | | | | | | | |

**Módulo 4: Ficha Individual – Redes Sociais**

Nome do entrevistado: |_____| Nº. de ordem: |__|__|

Nome do migrante: |_____| Nº de ordem: |__|__|

**Na primeira vez em que saiu de seu lugar de origem...**

| | Sozinho (a) /Ninguém | Cônjuge | Filho(a) | Pai | Mãe | Irmão/ Irmã | Outro parente | Amigo (a) | Agênciade viagem | Empresa |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 4.1Comquemviajou? | | | | | | | | | | |
| 4.2Migrou para vivercomquem? | | | | | | | | | | |
| 4.3Quemforneceu recursos para a viagem? | | | | | | | | | | |
| 4.4Quemajudou comoprimeiro emprego? | | | | | | | | | | |
| 4.5Quemajudou comaprimeirahospedagem? | | | | | | | | | | |
| 4.6Aquemrecorre nos momentos dedificuldade? | | | | | | | | | | |

**4.7**Viajou para seu país de origem nos últimos três anos?**4.10**Tem amigos brasileiros? (No local da entrevista?)

|__| Sim (passe para a pergunta 4.8) |__| Sim (passe para a pergunta 4.11)

|__| Não (passe para a pergunta 4.10)|__| Não (passe para o módulo 5)

**4.8**Quantas vezes ao ano? |_____|**4.11** Onde?

**4.9** Para qual localidade? Cidade: |_____|Cidade: |_____| Cidade: |_____|

Cidade: |_____|

Estado: |_____|

País: |_____|

**Módulo 5: Ficha Individual – Remessas**

Nome do entrevistado: |_____| Nº. de ordem: |__|__|

Nome do migrante: |_____| Nº de ordem: |__|__|

**5.1** Você envia remessas ao seu país de origem?

|__| Sim (passe para a questão 5.2)

|__| Não (passe para o módulo 6)

**5.2** Com quem finalidade você envia dinheiro ao seu país de origem?

- ☐ Sustentar minha família
- ☐ Comprar um imóvel
- ☐ Comprar um carro
- ☐ Abrir um negócio
- ☐ Outros investimentos

**5.3** Como você faz o envio da remessa?

- ☐ Bancos
- ☐ Amigos
- ☐ Outros:_____

**5.4** Para que sua família utiliza sua remessa?

- ☐ Consumo familiar
- ☐ Investimento Econômico
- ☐ Estudo de dependentes
- ☐ Moradia de dependentes
- ☐ Investimento em Imóveis
- ☐ Outros

**5.5** Você mantém o mesmo valor de remessa desde que chegou?

- ☐ Sim
- ☐ Não

**5.6** Qual o valor médio mensal que você envia?

- ☐ Até R$ 500,00
- ☐ De R$ 501,00 a R$ 1.000,00
- ☐ De R$ 1001,00 a R$ 1.500,00
- ☐ Mais de R$ 1.500,00

**Módulo 6: Ficha Individual – Migração e gênero (apenas para mulheres migrantes. No caso dos migrantes homens, encerrar e entrevista).**

**6.1** Levandoem conta toda a sua trajetória migratória, o que você acha que mudou na sua vida pessoal, e dentro da sua família?

_____
_____
_____

**6.2** Com relação ao orçamento familiar, tanto à contribuição quanto à administração, você acredita que existam diferenças entre o que acontecia em seu lugar de origem e
destino?_____
_____
_____
_____

**6.3** O que você acha que melhorou para a sua família depois da sua migração? E o que piorou?

_____
_____
_____

**6.4 (Apenas para as mulheres migrantes que tiverem filhos)** Você acredita que mudaram as relações entre você e seus filhos depois da migração? Se sim, como foram essas mudanças? E com seu marido, ou companheiro?

_____
_____
_____

**6.5** Com relação ao seu trabalho, quais as diferenças fundamentais entre o que exercia em seu lugar de origem, e agora, no destino? Quais você acredita que sejam os impactos dessas diferenças na sua vida familiar, tanto a que está com você, quanto a que ficou em seu lugar de origem?

_____
_____
_____

**Módulo 7: Ficha Individual – Migração e setor de confecção. No caso de migrantes que trabalhem ou já trabalharam no setor de confecção**

Nome do entrevistado: |_____| Nº. de ordem: |__|__|

Nome do migrante: |_____| Nº de ordem: |__|__|

7. 1 Como aprendeu a costurar :

|___| Com familiares próximos (mãe, pai, irmãos), no país de origem.

|___| Com família estendida(tios, tias, padrinhos), no país de origem.

|___| Com familiares próximos (mãe, pai, irmãos), em São Paulo.

|___| Com família estendida (tios, tias, padrinhos), em São Paulo.

|___| Curso/ treinamento (passe para 7.2)

|___| Na primeira oficina em que trabalhou

|___| Outros._____

7.3 Qual a primeira máquina na qual aprendeu a costurar:

|___| Overloque

|__| Reta

|__|Galoneira

|__|Outra_____

7.4 Como conseguiu o primeiro trabalho em uma oficina em São Paulo? De onde? (do país de origem, Argentina, São Paulo)

_____

7.2 O curso foi feito aonde:

|___| No país de origem, financiado pelos futuros empregadores

|___| No país de origem, financiado com recursos próprios/familiares

|___| Em São Paulo, financiado pelos futuros empregadores

|___| Em São Paulo, financiado com recursos próprios/familiares

|___| Na Argentina, financiado pelos futuros empregadores

|___| Na Argentina, financiado com recursos próprios/familiares

7.5 Se pudesse escolher, qual trabalho gostaria de realizar?

_____

7.6 Futuramente pretende:

|___| Permanecer em São Paulo, com os parentes que já estão aqui

|___| Permanecer em São Paulo e trazer outros familiares

|___| Voltar para o país de origem

|___| Se mudar para outro lugar. Onde?:_____

**Módulo 7: Ficha Individual – Migração e setor de confecção. No caso de migrantes que trabalhem ou já trabalharam no setor de confecção**

**Trajetória Laboral nas oficinas de costura**

| | 1 ª Oficina | 2ª Oficina | 3ª Oficina | 4ª Oficina | 5ª Oficina | 6ª Oficina |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **A - Donos da Oficina** | | | | | | |
| **B–Qtd de máquinas** | | | | | | |
| **C Caracterização da oficina*** | | | | | | |
| **D – Tipo de peça** | | | | | | |
| **E–Localização da oficina** | | | | | | |
| **F – permanência** | | | | | | |
| **G - Atividade** | | | | | | |
| **H - Tipo de Máquina*** | | | | | | |
| **I - Relação de trabalho** | | | | | | |
| **J–Por que mudou de oficina*** | | | | | | |

**A – Donos da oficina**
1)núcleo familiar
2)família estendida
3)compatriotas
4) bolivianos
5)autóctnes
6) coreanos
7) argentinos
8) paraguaios
9)peruanos
10) outros

**B)Qtd de máquinas de costura**
1)de 1 a 3 máquinas
2)de 3 a 6
3)de 6 a 10
4) mais de 10

**C)Caracterização da oficina(pode anotar mais de um número)***
1)Para comercialização própria
2)Fornece para lojas coreanas
3)Fornece para lojas autóctones
4) Fornece para lojas de judeus, sírios, libaneses
4)Fornece para grandes lojas departamentos
5) outros

**D) Tipo de peça que a oficina costura** (anotar)

**E)Local**
1) São Paulo_[anotar o bairro]
5) Guarulhos
6) Buenos Aires [anotar o bairro]
7)Bolívia [anotar a cidade]
8) Peru [anotar a cidade]
9) Paraguai [anotar a cidade]
10)Outros [anotar a cidade]

**F)Permanência**
Anotar o numero em meses

**G)Atividade**
1) Costureiro(a)
2) Cozinheiro (a)
3) Outro _____

**H) Tipo de máquina na qual trabalhava(pode anotar mais de um número)***
1)overloque
2)reta
3) galoneira
4)outro (anotar)

**I) Relação de Trabalho**
1) Por peça, com moradia inclusa
2)Por peça, sem moradia
3)Por mês, com moradia inclusa
4)Por mês, sem moradia
5)Outro (anotar)

**J)Motivo da mudança de oficina (pode anotar mais de um número)**
1) O salário não foi pago
2)O salário era muito baixo
3) As condições de trabalho eram muito ruins
4) Tive que voltar para o meu país de origem
4) Me desentendi com o patrão
5)Fui montar minha própria oficina
6) Outros (anotar)

## ANEXO 2 - ENTREVISTADOS EM SÃO PAULO

| Perfil Atual | | | | | Percursosna Bolívia | | | | Mundo social das oficinas de costura bolivianas | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Nome [idade] | Local | Ativ. Atual | Idade | Estado civil/ Filhos | Origem zona/ Depto | Escolaridade | Mig. anteriores | Ativ. Principal | Ano SP | Como desde Bolivia | Buenos Aires | Viagens Bolivia | Projeto futuro |
| Teresa | Coimbra | Comércio | 52 | Solteira / 2 filhos | Rural / La Paz | Primário incomp. | La Paz | Comércio | 2000 | Irmão | ------ | Sim [periódicas para comércio de roupas] | Voltar para a Bolívia |
| Jesus | Kantuta | Costureiro | 23 | Casado / ----- | Rural/ Sorata [La paz] | Primário incomp. | Yungas El Alto | Pedreiro/ marceneiro | 2008 | Conhecido | _____ | Não | Ficar em sp |
| Andrea | Coimbra | Cozinheira | 31 | Casada/ 5 filhos | Urbana / La Paz | Segundo grau | Santa Cruz | Comércio | 2011 | Irmão | ____ | Não | Voltar depois da copa |
| Nelyza | Feira da Madrugada | Oficinista comércio | 42 | Casada / 5 filhos | Rural / La Paz | Primário | La Paz Buenos Aires | Comércio | 1990 | Conhecido | [1989 - 1990] | Sim [9x] | Ficar em sp |
| Rosemary | Coimbra | Cabeleireira | 27 | Solteira/ ---- | Rural / Oruro | Segundo grau | Cochabamba | Bordadeira | 2008 | Amiga | ____ | Não | Ficar e chamar os irmãos |
| Maria | Metrô Bresser | Costureira | 22 | Solteira/ ---- | Urbano / Quiacollo [cochabamba] | Segundo grau | Cochabamba | Comércio | 2012 | Anúncio | ____ | Não | Não sabe [estava há 2 meses] |
| Elizabeth | Feira da Madrugada | | 35 | Casada / grávida do primeiro | Urbana / La Paz | Primário incomp. | El Alto | Comércio | 1995 | Imã | ____ | Sim [3x] | Voltar depois da copa, pois está grávida e quer educar sua filha na Bolívia |

| Perfil Atual | | | | | Percursosna Bolívia | | | | Mundo social das oficinas de costura bolivianas | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Nome [idade] | Local | Ativ. Atual | Idade | Estado civil/ Filhos | Origem zona/ Depto | Escolaridade | Mig. anteriores | Ativ. Principal | Ano SP | Como desde Bolivia | Buenos Aires | Viagens Bolivia | Projeto futuro |
| **Celina** | Feira da Madrugada | Oficinista comércio | 36 | Casada / 1 filho | Urbana/ Oruro | Segundo grau | Santa Cruz | Costureira | 1999 | Conhecido | ____ | Sim [6x] | Voltar depois da copa para que sua filha estude em colégios bolivianos e fique mais perto da família |
| **Madalena** | Feira da Madrugada | Oficinista comércio | 43 | Casada / 4 filhos | Urbana / La Paz | Segundo grau | Buenos Aires La Paz | Costureira | 1989 | Conhecido | [19811988] | Sim [4x] | Voltar quando os filhos terminarem o colegio |
| **Ignácio** | Feira da Madrugada | Costureiro / Comércio | 32 | Solteiro / ----- | Urbana/ La Paz | Primário | Cochabamba La Paz | Pedreiro/ marceneiro | 2000 | Tios | ____ | Sim [periódicas para trazer roupas] | Voltar depois da copa |
| **Richard** | Kantuta | Ambulante / Costureiro | 23 | Solteiro/ ---- | Rural/ La Paz | Primário incomp. | Santa Cruz Yungas El Alto Buenos Aires El Alto | Pedreiro/ marceneiro | 2009 | primo | [2006-2009] | Não | Ficar em sp |
| **Alex** | Kantuta | Costureiro | 24 | Solteiro/ ---- | Urbana / El Alto | Superior completo | | Estudante | 2010 | Pais oficinistas | ____ | Sim [1x] | Voltar depois da copa |
| **Samuel** | Kantuta | Oficinista | 25 | Casado / 2 filhos | Urbana / La Paz | Superior incomp. | Havana Buenos Aires La Paz | Estudante | 2008 | Anúncio | [2008 2008] | Sim [1x] | Ficar em sp |
| **Hortencia** | Kantuta | Costureiro | 28 | Casada / 3 filhos | Urbana / Santa Cruz | Primário | ----- | Comércio | 2011 | Anúncio | ------- | Não | Pretende ficar mais 2 anos |

| Perfil Atual | | | | | Percursosna Bolívia | | | | Mundo social das oficinas de costura bolivianas | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Nome [idade] | Local | Ativ. Atual | Idade | Estado civil/ Filhos | Origem zona/ Depto | Escolaridade | Mig. anteriores | Ativ. Principal | Ano SP | Como desde Bolivia | Buenos Aires | Viagens Bolivia | Projeto futuro |
| Olavo | Kantuta | Costureiro | 34 | Casado / 3 filhos | Rural / Santa Cruz | Primário | Santa Cruz | Costureiro | 2011 | Anúncio | ------- | Não | Pretende ficar mais 2 anos |
| Willi | Coimbra | Costureiro | 27 | Solteiro/ ------ | Rural / La Paz | Segundo grau | Cochabamba La Paz Buenos Aires La Paz | Comércio | 2011 | Família nuclear | [2009 - 2010] | Não | Pretende ficar em sp |
| Daniela | Coimbra | Costureira | 19 | Casada/ ------ | Rural / La Paz | Segundo grau | Buenos Aires La Paz | Comércio | 2009 | Conhecido | [2006 - 2008] | Sim [2x] | Pretende ficar em sp |
| Jair | Coimbra | Dono de restaurante | 47 | Casado | Cochabamba | Segundo grau | | Estudante | 1984 | Conhecidos | [1993 1994] | Sim [2x] | Pretende ficar em sp |
| Pablo | Pastoral do Migrante | Aposentado | 70 | Separado | Urbano/ Potosi | Superior incomp | Oruro / Cochabamba | Bibliotecário | 1972 | | | | aposentado |
| Bolivar | Pinheiros | Dono de oficina mecânica | 51 | Casado | Urbano / La Paz | | Rural-La Paz Urbano Cochabamba | Estudante | 1979 | | | | Possui família e negócios |